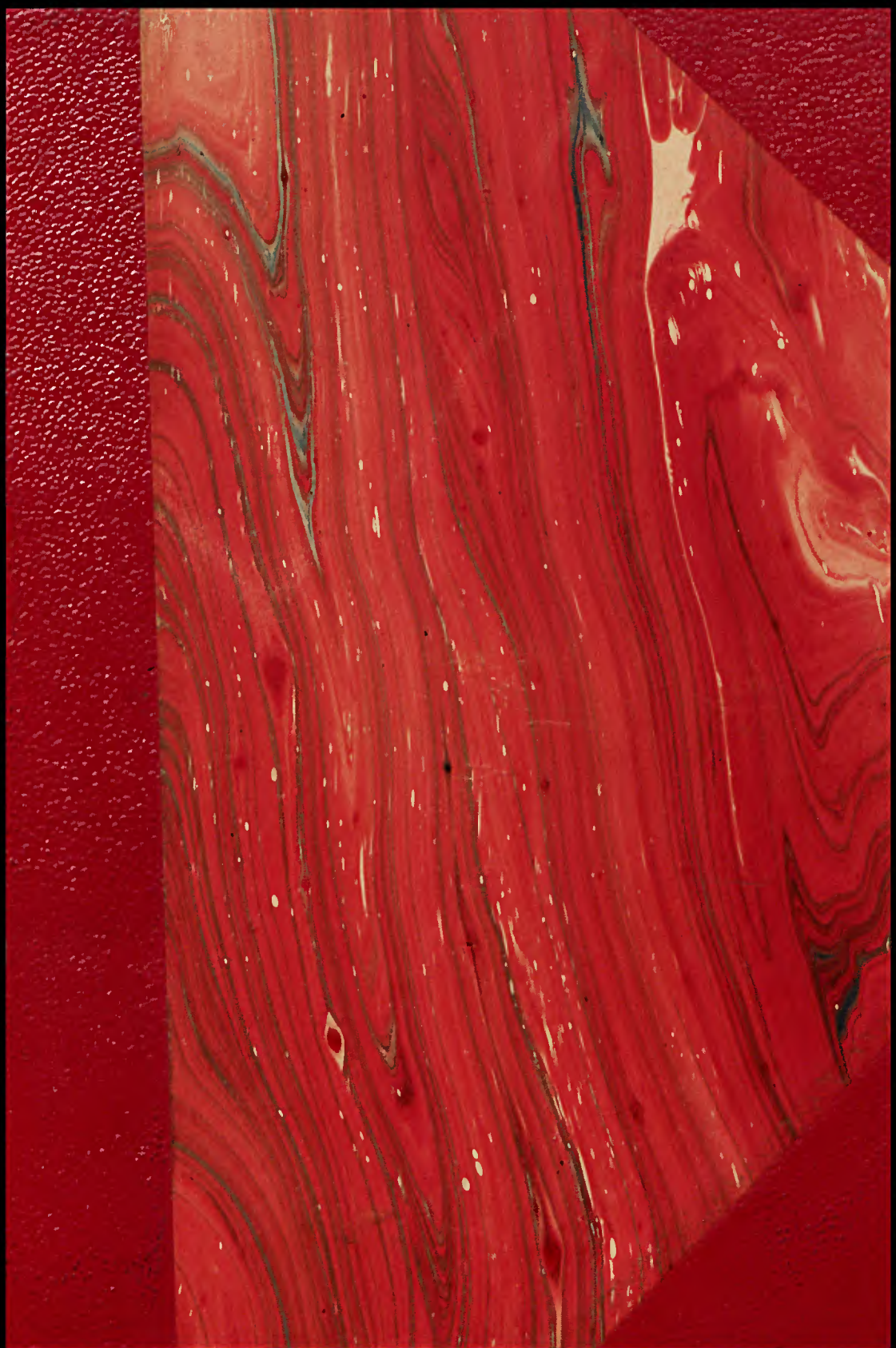


REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

BELISARIO PENNA (do Instituto "Oswaldo Cruz")	Pequenos cuidados hygienicos	3
MARIO PINTO SERVA	O algodão e o futuro do Brasil	19
VICENTE DE CARVALHO (da Academia Brasileira)	Luizinha (comedia)	34
MARTIM FRANCISCO	Viajando (II)	47
OTHONIEL MOTTA	Annotações ao livro "Aérides"	68
LAMARTINE MENDES	Poesias	85
MONTEIRO LOBATO	Pedro Pichorra	91
MARIA GRAHAM	D. Maria de Jesus	96
ROQUETTE PINTO	Notas de Sciencia	99
REDACÇÃO	Bibliographia	103
	Resenha do mez	113

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 33 - ANNO III VOL. IX SETEMBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

BAZAR AMERICANO SANTOS

Resenha do mez: Congresso Brasileiro de jornalistas — Inglez de Souza — Lepra e Isolamento (*Juliano Moreno* e *Fernando Terra*) — Constituição e constituinte (*Ricardo Daunt*) — Educação e Saneamento (*Afranio Peixoto*) — Carlos Peixoto Filho (*Mario de Alencar*) — O jornalismo brasileiro — O Sertão (*José Maria Bello*) — Aspectos do problema trabalhista (*Antonio Torres*) — Raça infeliz (*Carlos de Laet*) — Thesouros esparsos (*Alberto de Oliveira*) — Uma nação de inventores (*Medeiros e Albuquerque*) — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Dez desenhos antigos, "Allegoria", de Pedro Americo; Aspectos do inverno no Sul.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: **Monteiro Lobato.**
Secretario: **Pinheiro Junior.**

DIRECTORES NOS ESTADOS:
Minas: Dr. J. A. Nogueira, Bello Horisonte.
Pernambuco: Mario Sette, Recife.

ASSIGNATURAS:

Anno	15$000
Seis mezes	8$000
Edição de luxo, anno	22$000
Seis mezes	12$000
Numero avulso	1$500

Assignatura registrada: mais 2$400 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO
Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1603, Central.
Toda a correspondencia deve ser endereçada ao director.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS
TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES
BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES
LAMPADAS
1/2 WATT
CHAVES A OLEO
VENTILADORES
PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR
ISOLADORES
TELEPHONES
LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway)

Vendedores de fios de algodão, crús e mercerisados

Compradores de Algodão em Caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades, todas do Estado de S. Paulo:

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva. Pyramboia, Monte Mor, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de **Algodão em rama** *neste e nos demais Estados algodoeiros. com Representações e Filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul*

Proprietarios da conhecida Agua Mineral

PLATINA

Cognominada A VICHY Brasileira

A melhor agua de mesa

Acção medicinal

A PLATINA, cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

Vendida em

garrafas escuras

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central

Caixa postal n. 931

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.
„ realisado. . . .	£ 1.000.000	
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20$000, até o limite de Rs. 10:000$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabbados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

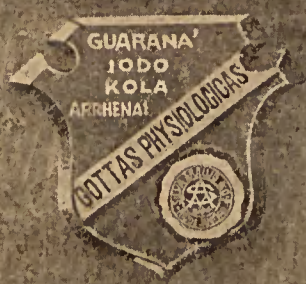
CURA:

TOSSE, ASTHMA, COQUELUCHE ETC.

SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

GOTTAS PHYSIOLOGICAS DE SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES:
NEURASTHENIA·SYPHILIS·ANEMIA
CONSUMPÇÃO·PRETUBERCULOSE,
ETC., ETC.



Formula: CADA X GOTTAS CONTÉM	Ext. fluido de Guaraná	0,25
	" " " Kola fresca exteril	0,25
	Solução de Peptona iodada	0,05
	Arrenal	0,005

DÓSES	ADULTOS: X a XX gottas, 2 vezes no dia.
	CRIANÇAS: Metade da dóse dos adultos.

NÃO·CONTÉM·ALCOOL·NEM·ASSUCAR.

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & Cia

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

Biblioteca
Classificação OR 050
Tombo Nº 1084

REVISTA DO BRASIL

VOL. IX

SETEMBRO - DEZEMBRO DE 1918

ANNO III

BIBLIOTECA DO I. I. H. P.
ASSIS

DIRECTOR, MONTEIRO LOBATO
SECRETARIO-GERENTE, PINHEIRO JUNIOR

S. PAULO - BRASIL

20295

50580

PEQUENOS CUIDADOS HYGIENICOS

A causa primordial do atraso, da deficiencia economica, e da desorientação politica do Brasil, é a decadencia organica do seu povo, desde algumas decadas occasionada por doenças endemicas evitaveis, cujos factores são favorecidos pelo nosso clima, tão sómente pela ausencia de educação hygienica de governantes e governados.

Por parte dos governantes tem sido notavel e impressionante o descaso, e mesmo o desprezo com que, em geral, têm elles encarado os assumptos de saúde publica, e a phobia que sempre revelaram pela hygiene e pelos hygienistas, despresando os seus conselhos, negando-lhes recursos para cabal desempenho dos seus encargos, creando-lhes toda sorte de embaraços, e considerando de nenhuma importancia as suas funcções.

Quadro deprimente.

Foi preciso que apparecesse Oswaldo Cruz; que Oswaldo extinguisse a febre amarella no Rio de Janeiro, graças á confiança que soube inspirar ao governo Rodrigues Alves, e ao decidido e inin-

terrupto apoio desse preclaro estadista á sua acção energica e segura orientação scientifica; que Oswaldo criasse Manguinhos, de onde a verdade foi surgindo com fulgor, a illuminar os quadros dantescos, que são immensas regiões do territorio brasileiro, onde mais de dois terços dos seus habitantes se definham, se abatem, se degradam e se arruinam, chupados e empreguiçados pelos vermes intestinaes; picados, sugados e intoxicados por mosquitos, percevejos e barbeiros; a bater queixos, a carregar baços collossaes; ou aleijados, paralyticos, cretinos, papudos e cardiacos, com o sangue e tecidos repletos de protosoarios pathogenicos; roidos e apodrecidos em vida pela lepra e pelas ulceras; cegados pelo trachoma, pela variola, pela syphilis e pelas gonococcias; aviltados pela cachaça; entocados em pocilgas de taipa e palha; e atolados na mais espessa ignorancia de rudimentares preceitos de hygiene, sufficientes para livrar a collectividade de doenças transmissiveis, para apurar e melhorar a raça, e arrancar-lhe o infamante labéo, infelizmente até certo ponto verdadeiro, de preguiçosa e incapaz, devido ás doenças, cujos focos se multiplicam incalculavelmente em milhões de individuos incurados, abandonados, portadores de vermes e de germens, para serem inoculados nos incautos, pela terra, pela agua, pelos alimentos, pelas moscas e pelos mosquitos e barbeiros; foi preciso que a tremenda conflagração européa nos impossibilitasse a importação de mais lenha humana de boa qualidade para queimar criminosamente nessa fogueira de endemias evitaveis, ou deixar bichar até esfarelar-se; foi preciso que a nação fosse arrastada até o descredito, e levada ás portas da falencia moral e material, por uma serie de aventuras, de erros e de crimes, praticados á luz do dia; foi preciso tudo isso, para começarmos a enxergar as miserias da nossa gente, e o criminoso abandono em que a haviamos deixado, taxada de incapaz, e marcada inconscientemente com o ignominioso ferrete de raça vil e despresivel, indigna de occupar um lugar na face da terra.

O despertar.

Os olhos se vão abrindo, a medo, pouco crentes da tremenda hecatombe á vista; e as consciencias começam a despertar, duvi-

dosas ainda de tanta louenra e tanto crime; mas os olhos acabarão vendo, nitidamente, o quadro infernal, e as consciencias acordarão afinal, ainda a tempo de cessar as louenras e resgatar os crimes.

Raça inferior da nossa gente e clima inhospito do Brasil eram para os seus dirigentes as causas da decadencia dos habitantes nacionaes e estrangeiros.

Nem um, nem outra allegação tem fundmento nos factos e na sciencia.

Nem inferior a raça, nem inhospito o clima.

A nossa raça, que é uma mistura de raças, ainda não está definida em um typo caracteristico.

Caracteres da raça.

Com predominancia do mestiço do caboclo no Norte e no Centro; do mestiço do caboclo, do negro e do branco, no littoral do Nordeste, e do branco no Sul, ella tem predicados de intelligencia, de vigor physico e de capacidade de trabalho como as que mais se presam de os possuir, além de accentuado espirito de ordem, e de innata cordura, a par da coragem e da altivez.

Disso tem ella dado provas exhuberantes, e a historia do Brasil está repleta de factos que a dignificam.

Houve, porém, em todos os tempos, grande descuido da educação e da instrucção do povo, e da sua concentração em regiões accessiveis.

Feita a abolição, os negros, abandonados e relegados a coisa abaixo dos animaes, espalharam-se por toda parte, contrahiram doenças de que se não trataram, constituiram-se em focos dellas, poluiram as terras e as aguas, infectaram mosquitos e barbeiros, e contaminaram toda a população, vingando-se assim inconscientemente dos brancos, que os escravisaram por quasi tres seculos, durante os quaes elles alicerçavaram a nacionalidade brasileira, construindo as suas cidades, derrubando as suas mattas, abrindo as suas estradas, cultivando as suas terras, desobstruindo os seus rios, drenando ou aterrando os seus pantanos, amamen-

tando a maioria dos filhos, estabilisando o seu credito e fazendo respeitada a sua bandeira.

Consequencia da Abolição.

Foi sobretudo a partir da data em que demos ao negro a liberdade de adoecer, sem se tratar; de se alcoolisar, sem correctivo; de conviver com os barbeiros e os mosquitos, sem sombra de assistencia; de levar vida de judeu errante, a poluir por toda parte as terras e as aguas, á vontade, que as doenças se intensificaram, se alastraram e se tornaram endemicas.

Com a abolição, sem nova organisação do trabalho agricola, a nossa politica deixou no abandono a terra e atirou-se ás industrias urbanas, a poder de formidaveis tarifas proteccionistas, sem conta nem medida, provocando tremenda carestia de todos os artigos de 1.ª necessidade, e levando a pobreza a todos os lares das classes de trabalho.

Contrahio emprestimos colossaes, acima das possibilidades economicas do paiz, para melhoramentos urbanos e construcções de portos e estradas, criou as castas dos profissionaes, da politica, dos militares, dos empreiteiros, e dos industriaes, unicos que desfrutam entre nós o gozo de viver, á custa da pobreza e da miseria do resto da população; e accentuou-se assim a decadencia das classes do trabalho, até attingir o gráo deplorabilissimo, agora observado.

Esses os factores das doenças e da deficiencia economica. Nem a raça, nem o clima influiram de qualquer modo para isso.

Um salto mortal e trinta annos apenas de imprevidencia e de desgovernos da União, dos Estados e dos Municipios bastaram para prejudicar profundamente uma raça, que se ia constituindo auspiciosamente, e anarchisar uma nação, cujo credito e prestigio eram invejaveis.

Clima calumniado.

Não é inhospito o nosso clima.

Ha vastissimas regiões do paiz, cujo clima é invejavel até para o europeu, e não ha uma só que não possa ser habitada,

com garantia da saúde e da vitalidade, seja pela nossa gente, seja por outra de qualquer parte do mundo.

E' uma questão apenas de pequenos cuidados hygienicos que precisam ser infiltrados e enraizados no espirito dos habitantes, á força de leis, rigorosamente executadas.

Essas leis, porém, devem ser precedidas e acompanhadas de todas as facilidades, para que possam as populações adquirir os elementos de defeza, therapeuticos e outros, garantidores da saúde e da vida, além do ensino permanente e continuado de todos os preceitos salutares da hygiene e da instrucção.

O que urge fazer.

E' urgente diffundir largamente noções praticas de hygiene por todas as camadas da sociedade, a começar pelas mais elevadas, que, occupando cargos politicos e administrativos; dirigindo fabricas e emprezas; empreitando serviços publicos e particulares, de monta, olham com irritante desdem para o lado hygienico dos serviços, recusam conselhos e indicações dos competentes, e assistem indifferentes, á hecatombe de actividades e de vidas, que se esvaem, pela incuria, pela ignorancia, pela philauciosa presumpção, pela sordida sovinice, ou pela desmarcada ambição.

Taes preceitos precisam ser incutidos no lar, nas fabricas, nas escolas, nas fazendas, para que toda gente tenha consciencia do seu valor e saiba se defender e exigir de governos, de industrias, de empreiteiros e de fazendeiros, as providencias que a elles competir tomar para a protecção collectiva.

Esses conhecimentos não constituem privilegio de medicos ou de especialistas, e estão ao alcance de todo mundo.

Tudo vae do modo de transmittil-os.

Necessidade de acção pratica.

Empregar nos comicios, nas conferencias populares, nas escolas primarias e mesmo nas secundarias, e nos escriptos de vulgarisação, linguagem technica e scientifica para ensinar a prophylaxia das verminoses, do impaludismo e de outras doenças evitaveis, é perder tempo e sacrificar a benemerita campanha da educação hygienica.

A linguagem deve ser simples, as expressões empregadas têm de ser as que o povo usa, e as unicas que conhece; as comparações e as imagens, vulgares e frisantes; as gravuras e photographias, impressionantes, sem fugir á realidade de factos, que elle conhece, mas não sabe observar; as ligações entre o seu modo de vida, o systema de alimentação, os defeitos da habitação, e as doenças, que o atacam, acarretando-lhe serias perturbações, e a miseria, afinal, devem ser descriptas com simplicidade, clareza e verdade.

Esse o systema que adopto nas palestras populares, de que vou colhendo resultados muito apreciaveis, não apenas entre os operarios e trabalhadores ruraes, mas mesmo entre pessoas de certa cultura, cuja leitura se limita ás columnas dos jornaes, em que se discute politicagem, ou se dão noticias de escandalos e de crimes.

E' necessario arrebanhar os candidatos a empreguinhos publicos, onde se vão estiolar, e instruil-os nas noções praticas da hygiene moderna, da pequena hydrografia sanitaria, da hygiene domiciliaria, da individual; no manejo do microscopio para o exame de fezes e de sangue; no estudo da biologia e *habitat* de insectos vehiculadores de germens pathogenicos, etc., para que se interessem pelo paiz e se espalhem pelas fazendas, a semear a hygiene, a pratical-a, a demonstrar a sua efficacia e a diffundir a educação hygienica, e com ella a saúde, que será o alicerce do povoamento *util*, da riqueza, e da moralisação do Brasil.

Milhares de actividades a se perder, a se preparar para a burocracia expoliadora e toxica como os vermes intestinaes, se transformarão em valiosos elementos de incalculavel valor economico e social.

Objectivo da "Liga Pró-Saneamento".

Será esse um dos primeiros cuidados da "Liga Pro-Saneamento do Brasil", que para fundar o seu curso da educação hygienica, aguarda apenas que 3.000 brasileiros dos 24.000.000, de que se compõe a sua população, se disponham a concorrer com a parcella de rs. 12$000 por anno, ou rs. 1$000 por mez.

Os que attenderem ao nosso appello prestarão, com a insignificancia de 33 rs. por dia, incalculavel serviço ao Brasil e a si mesmos.

Ao Brasil, porque os semeadores da hygiene irão levar a todos os seus recantos os conhecimentos dos pequenos cuidados hygienicos, cuja pratica salvará a vida de centenas de milhares de crianças, e preservará a saúde de milhões dos nossos patricios, que verão restabelecida a coragem para o trabalho, e elevada a capacidade productiva.

A si mesmos, porque não ha felicidade, nem alegria, nem tranquilidade, nem segurança, mesmo para os que sabem se defender das doenças, onde os seus focos se multiplicam em mais de 70 de cada 100 pessoas que nos cercam; na terra, que pisamos, e cujas poeiras, carregadas de ovulos e embryões invadem as nossas casas, e penetram a nossa bocca; na agua que bebemos, contaminada de dejecções atiradas no solo e acarretadas aos depositos, pelas enxurradas, ou pelo vento, depois de misturadas ás poeiras; nos alimentos (hervas, verduras e fructos) regados com agua poluida e ingeridos crús; nos insectos hematophagos (mosquitos, pulgas, percevejos e barbeiros), que pululam nas casas e vehiculam germens de doenças terriveis, taes a malaria, a febre amarella, a filariose, a peste, a lepra e a molestia de Chagas; e nas moscas, que transportam dos monturos, das feridas, para as nossas casas, para as nossas mãos, para os nossos rostos, para os nossos alimentos, nas suas patas e trombas, myriades de germens, ovulos e parasitos dos mais perigosos á saúde e á vida do homem.

Os mata-mosquitos de Oswaldo Cruz.

Os mata-mosquitos, que extinguiram a febre amarella no Rio de Janeiro, no Pará, em Manáos e na Victoria, não eram simples cumpridores de ordens superiores, automatos inconscientes, manejados pelos medicos chefes do serviço. Não.

Elles encontraram quem lhes ensinasse todos os segredos, todas as minucias, não apenas dos serviços, mas da epidemiologia, da ethiologia e da prophylaxia da molestia; da biologia e *habitat*

do *stegomya calopus* e de outros mosquitos; e dos motivos logicos e racionaes da prophylaxia que estavam realisando.

Cada um delles, desde o mais graduado ao mais humilde tinha consciencia nitida da sua funcção patriotica e humanitaria; d'ahi o successo rapido e brilhante da gloriosa campanha.

Todos os lugares de accesso eram preenchidos por concurso severo e honesto, e OSWALDO CRUZ teve varias opportunidades de se emocionar diante de provas estupendas dos humildes e ridicularisados mata-mosquitos, que realisaram o maior feito economico do Brasil republicano.

Incidente com o Dr. Murtinho.

Certa vez Joaquim Murtinho oppoz-se á entrada na sua chacara, da turma de policia de focos.

Procurado pelo capataz da turma, este, antes de recorrer ao medico da zona, procurou demovel-o desse proposito, expondo-lhe a vantagem do serviço, a necessidade da sua systematisação, expendendo naturalmente a theoria culicidiana da molestia, a biologia do mosquito, etc.

Joaquim Murtinho, admirado dos conhecimentos revelados por aquelle homem do povo, perguntou-lhe se todos os mata-mosquitos estavam, como elle, versados no assumpto e convencidos, e a resposta do capataz foi pedir-lhe que arguisse qualquer dos serventes alli presentes, o que fez o illustre brasileiro, a um preto, de ar humilde e aspecto pouco intelligente, obtendo delle respostas seguras e certas, revelando perfeita consciencia do que estava fazendo.

Joaquim Murtinho nunca mais se oppoz ao serviço, e a todos os amigos contava o facto, exaltando o serviço de combate á febre amarella.

Trabalhavam nessa epocha do Serviço de Prophylaxia da Febre Amarella, cerca de mil homens, a maioria dos quaes oriunda das classes humildes da sociedade; e não havia um só que não fosse versado no assumpto, um só que não tivesse noção exacta da razão de ser, e do valor do seu concurso na benemerita campanha.

E eram todos, com poucas excepções, brasileiros genuinos, lidimos representantes dessa raça imprestavel, na linguagem de escriptores e theoristas da Avenida Central e dos Boulevards parisienses.

O mata-doença.

Assim como tivemos os mata-mosquitos, especialisados no combate á febre amarella, devemos e podemos organisar a legião dos mata-doenças, especialisados nas noções de hygiene geral e da prophylaxia especifica das grandes endemias que arruinam as nossas populações.

Não posso conceber maior serviço actual á nação brasileira do que esse de espalhar por todo o seu territorio os semeadores da hygiene, levando a todos os seus recantos a luz da verdade, e e as noções indispensaveis para que se revigore o nosso povo, e adquira o vigor que já desfructou em outros tempos, e possa vir a ter a sensação do gozo, que é a vida, quando felicitada pela saúde, que gera a alegria, a força, a disposição para o trabalho, a ambição justa do conforto e do saber, o desejo salutar de prosperar e atingir a meta da independencia economica, e do convivio dos cultores da intelligencia.

E' pela saúde, pelo vigor de cada um dos seus elementos, desfructando bem estar economico, a praticar salutares preceitos, que impedem que se parta ou se enferruje a mola da machina humana, que a nação adquire prosperidade effectiva, riqueza solida, e respeito dos outros povos.

"O progresso, o prestigio e a força de uma nação podem ser aferidos pela educação hygienica do seu povo, "disse eu, na conferencia de Bello Horizonte, e repito, sem temor de contestação.

Mas tratemos dos cuidados hygienicos.

O impaludismo.

Para que reine o impaludismo numa localidade, necessario é a presença, concomittante nella, de anophelinas (mosquitos' fincudos ou pregos) e de doentes portadores de formas sexuadas do *plasmodium* de Laveram.

Eliminado um desses elementos cessa a molestia.

Si se curarem os impaludados existentes, impedindo ao mesmo tempo a infecção dos sãos, por conveniente defeza therapeutica ou mecanica, desapparecerá a molestia, embora continuem presentes os mosquitos.

Si se extinguirem os mosquitos, embora não se tratem os doentes, cessará a doença, que ficará limitada aos já affectados.

Si, além da extincção dos mosquitos, se realisar a cura dos doentes, ficará completamente extincto o impaludismo no lugar, e livre de epidemias, embora vá ter a elle qualquer impaludado.

Si, nas zonas onde existe o impaludismo, cada individuo souber se defender, tomando diariamente na epocha, de surto epidemico, dóse preventiva conveniente de quinina, não contrahirá a doença; e se o que a contrahir souber tratar-se e curar-se desde o primeiro accesso, tomando dois ou tres grammos de um sal de quinina de bôa qualidade, durante alguns dias, não se constituirá em foco da doença que desapparecerá, apezar da presença dos mosquitos; e si, melhor que isso, cada qual souber collocar a sua habitação em situação de não ser attingida pelas anophelinas, construindo-a nos altos descampados, sem aguas paradas e descobertas num raio de pelo menos cem metros; ou, quando isso não seja possivel, protegendo as suas aberturas com télas metalicas, de malhas que impeçam a passagem do mosquito, ficará protegido contra o impaludismo, bem assim todo o agrupamento.

Necessidade de conhecimentos hygienicos.

Quando cada qual se compenetrar do perigo que é para si, para a familia, para a sociedade e para a nação, a dejecção humana atirada sobre a terra, porque a contamina de milhões de larvas e ovulos de parasitos pathogenéos, que são carregados, parte pelas enxurradas, para as fontes, para os cursos d'agua, para as lagôas, para os poços e cacimbas, ficando outra parte sobre a terra, e, levados para as nossas casas, pelas moscas, pelos ventos com as poeiras, a cahir sobre nós mesmos, e sobre os alimentos; quando souber ainda que innumeras dessas larvas, que ficam sobre a terra, vivem mezes sobre ella e penetram por en-

tre os poros da pelle no organismo humano, indo viver á sua custa, anemiando-o e degradando-o; quando se convencer, por ensinamento continuo e tenaz, e demonstrações positivas, que o barbeiro ou chupão é um insecto perigosissimo, porque é o hospedeiro e vehiculador, de individuo a individuo, de um parasito do sangue — "trypanosoma Cruzi" — causador de uma doença terrivel e incuravel; que o barbeiro só vive e prolifera nas habitações escuras, de paredes de taipa, cheias de frestas e rachas, e cobertas de palha; quando se lhe ensinar a biologia das moscas, a proliferar nos monturos de lixo e de detrictos organicos atirados nos quintaes ou nos arredores das casas, e o perigo que ellas representam para a saúde; e o risco que corre com as picadas das pulgas, dos percevejos e de todos os insectos hematophagos; quando por uma propaganda vasta, tenaz, insistente, pela palavra, pelo folheto, pelo cinema, pelo gramophone, pelo cartaz, esses ensinamentos hygienicos se infiltrarem no cerebro do nosso povo, e se puzerem em execução as medidas legaes praticas delles decorrentes, ninguem se revoltará contra o seu cumprimento; ninguem mais poluirá a terra e as aguas; ninguem terá poços e cacimbas descobertas, nem se utilisará das aguas de lagôas; cada um construirá na sua habitação o systema de esgoto conveniente; evitará as cafúas de taipa e cobertas de palha; enterrará ou queimará os detrictos e o lixo, e preservará as habitações da presença de moscas, de pulgas, de percevejos, baratas, etc.

Como se vê, vamos indicando providencias, que não são mais do que pequenos cuidados hygienicos, mas de incalculaveis resultados economicos e sociaes, e cuja applicação rigorosa impõe-se como medida de educação, de salvação publica, de rehabilitação da raça e de segurança nacional.

As aguas.

Agua pura, ar puro, e pelle e mucosas sãs, constituem a garantia maxima da saúde.

A agua, quando impura é o vehiculo de embryões e larvas de vermes intestinaes, de microbios e de amebas.

E' sempre suspeita a agua de poços e cacimbas descobertas, de rios, de lagôas, e riachos cujas margens são povoadas; de açudes, de fontes ou minas não protegidas e levadas ao seu destino em regos descobertos.

Quando se não dispõe de agua garantidamente pura, só se deverá usal-a, para beber, filtrada ou fervida.

O bom filtro, porém, é caro, e exige cuidados difficeis de se conseguir; por isso, é preferivel usar a agua fervida.

Fervida de vespera, e guardada em potes de barro, além de offerecer garantia de pureza não é desagradavel ao paladar.

O perigo da ingestão de agua contaminada está mais nos embryões e larvas de parasitos intestinaes, que ella póde acarretar, do que nos microbios que ella contenha, porque esses, em contacto com a mucosa gastro-intestinal sã, isto é, sem irritações, inflammações e ulcerações, erosões e perfurações produzidas pelos vermes, não a atravessam e são afinal expellidos sem produzir molestias.

E' pois imprescindivel o maior cuidado na protecção dos mananciaes e depositos de abastecimento d'agua ás cidades, fazendas e fabricas.

Quando se é obrigado ao uso de agua de poço, este deve ser revestido de pedra e completamente fechado, devendo a agua ser extrahida por meio de bomba.

As cacimbas, usadas no Nordeste, cavadas nas margens dos rios ou nos seus leitos, depois de seccas, são a causa primordial, naquellas regiões, das verminoses e do impaludismo.

Igualmente é formidavelmente prejudicial á saúde e á vida daquella gente o uso da agua de lagôas, que servem a homens e animaes, para banhos, bedidas, cosinha e lavagem de roupa, e de tudo mais.

E por lá ninguem suspeita do perigo, e exactamente nas proximidades das lagôas, onde em regra existe vegetação alta, é que os habitantes satisfazem as suas necessidades corporaes e despejam as immundicies.

E em todo o interior do paiz, até nos suburbios das suas cidades e capitaes é o que se observa. As aguas e terras poluidas alastram as doenças de maneira inconcebivel.

O ar.

E as aguas e terras poluidas contaminam o ar, carregando-o de poeiras impuras, onde pululam os embryões de vermes, e microbios pathogenicos; onde esvoaçam, ás myriades, as moscas e os mosquitos, portadores ou hospedadores de germens e parasitos perigosos.

Não é a menor ou maior quantidade de oxygenio ou de azoto, o gráo de humidade, ou de temperatura, o que o fazem melhor ou peior; é, antes de tudo, a existencia nelle de poeiras impuras, e de insectos, que, directa ou indirectamente, inoculam no homem, pela pelle ou pelas mucosas, germens e parasitos de terriveis doenças.

Maus habitos e má casa.

E o uso da cachaça e as casas de taipa, escuras, colmadas de palha, inçadas de mosquitos, percevejos e barbeiros, mal situadas, á beira de lagôas, de brejos e de rios, abafadas nos mattos, completam a absoluta desprotecção em que vive a nossa gente de trabalho cujos revestimentos de defesa organica — pelle e mucosas — estão inteiramente á discrição dos ataques dos insectos hematophagos e dos vermes intestinaes, uns e outros causas mediatas ou immediatas de doenças degradantes da especie e degeneradoras da raça.

O que é a pelle e o que são as mucosas, sinão os elementos de defesa de todos os orgãos, de todos os tecidos e de todas as visceras do nosso corpo?

Imprescindivel é repisar e martelar sem descanço sobre a necessidade, para segurança da saúde, de trazer limpas, e protegidas contra ferimentos, contusões, irritações, inflammações, ulcerações e picadas a pelle e as mucosas.

A defesa do individuo.

Estou que ainda será um axioma hygienico que "pelle e mucosas sãs constituem a garantia maxima da saúde".

As mucosas são a continuação da pelle, e quando explico ao povo o modo de protegel-as, chamo á pelle, de pelle de fóra, e ás mucosas, de pelle de dentro.

A necessidade da sua defeza é que provocou no homem a invenção da roupa, do calçado, das botas, do cosimento dos alimentos; que o obrigou a abrigar-se nas furnas, a principio, e a construir depois a casa que elle vae melhorando cada dia, de accôrdo com o meio e os progressos da hygiene; que o fez descobrir o sabão e habituar-se ao banho, indispensavel diariamente para desobstruir os poros da pelle de poeiras exteriores, e de detrictos da propria secreção, afim de que se realise normalmente a respiração cutanea, tão necessaria e importante quanto a respiração pulmonar, bem como a sudorese ou transpiração, fonte de eliminação de elementos regeitados pelo organismo.

E o tecido vital, por excellencia, do nosso organismo — o sangue — que leva a todos os seus escaninhos, a todas as suas cellulas, o alimento e a vida, está directamente defendido pela pelle e pelas mucosas.

Não ha um unico ponto da pelle ou das mucosas, que picado não dê sangue.

O sangue.

E o sangue, quando puro, isto é não contaminado de parasitos, de toxinas e de venenos, que perturbem a sua composição normal, destruindo ou alterando algum ou alguns dos seus elementos, provocando o desequilibrio entre elles, é que mantem a saúde e o vigor do nosso organismo, é que eugenisa a especie e revigora a raça.

A alteração ou destruição de algum ou de alguns dos elementos do sangue, é provocada pela presença nelle, ou em outros tecidos do organismo, de parasitos e germens pathogenicos, a secretar toxinas; ou de venenos e toxicos, introduzidos por via gastrica, taes as bebidas alcoolicas, alimentos estragados, deteriorados ou inconvenientes.

A acção dos parasitos e toxicos sobre o sangue, ou é directa, provocando reacção febril intensa ou fraca, continua ou periodica, aguda ou chronica, rapida ou demorada e lenta; ou é indirecta, atacando esse ou aquelle systema (nervoso, arterial, lymphatico, etc.), com manifestações, geraes ou localisadas; ou de preferencia esse ou aquelle orgão, essa ou aquella viscera.

Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden.

O Rio, visto da casa do Conde Hoggendorps.

Desenho de Aug. Earle. Gravura de Edw. Finden.

Mercado de escravos no Rio de Janeiro.

unesp

Na molestia de Chagas ha os cretinos e os infantilisados, com a thyroide atrophiada; os paralyticos, os idiotas com lesões do cerebro e da medulla; os doentes da forma cardiaca com o coração affectado, e os demais orgãos com funcções regulares; os papudos, muitos dos quaes, não apresentam outra lesão a não ser hypertrophia da thyroide.

Na syphilis dão-se factos identicos, de lesões geraes ou locaes, com as mais variadas manifestações.

Na infecção malarica e na febre amarella, o sangue e algumas visceras são directamente atacados.

Nas verminoses intestinaes alguns vermes, como as ascarides, as tenias, e os oxyrrios, traumatisam, irritam e ferem a mucosa do intestino, abrindo nella portas de entrada para germens pathogenicos que nelle pululam; outros, como os ankylostomos e os trychocephalos agarram-se a ella, ulceram-n'a e chupam e envenenam o sangue.

O alcoolismo.

No alcoolismo, o envenenamento é lento, irritando e inflammando a mucosa gastrica, alterando e prejudicando o funccionamento de varios orgãos, sobretudo o coração, o figado e os rins; e ataca de preferencia os systemas arterial e nervoso, com especialidade o cerebro; degrada o individuo, e, peor que isso, transmitte aos descendentes as deficiencias e defeitos de ordem moral e mental.

Propositalmente exemplifichmos com doenças conhecidas, dentre as mais graves e espalhadas, e que contribuem poderosamente para a decadencia do povo, para a desmoralisação da politica e para degeneração da raça.

Quasi todas têm tratamento conhecido e efficaz, e todas, prophylaxia estabelecida, segura e garantida.

Depende a sua extincção, ou consideravel reducção a um minimo toleravel, por parte dos dirigentes, de leis de educação, de organisação do trabalho, da concentração da nossa gente em nucleos agricolas sanados, da construcção de estradas de rodagem, do facilitamento de medicamentos e de materiaes para construcção conveniente das habitações, e de assistencia medica

e hygienica; e por parte da população, da pratica, voluntaria ou forçada, dos pequenos cuidados hygienicos apontados, e de outros, que nos terão escapado, e que não nos faltará opportunidade de indicar.

Quando os ensinamentos da hygiene se infiltrarem nos cerebros de dirigentes e dirigidos, e a pratica dos pequenos cuidados hygienicos se generalisar, ninguem mais terá pretexto para malsinar a nossa raça e denegrir o nosso clima, e o Brasil caminhará então vertiginosamente para os seus gloriosos destinos.

BELISARIO PENNA

O ALGODÃO E O FUTURO DO BRASIL

I

CONSIDERAÇÕES GERAES

A situação presente da cultura algodoeira no Brasil colliga-se ao estado geral economico e social do paiz.

O factor primordial e fundamental da producção, o agente maximo de qualquer trabalho productivo, de qualquer lavoura, de qualquer industria—é o homem, e este factor a politica brasileira tem descurado systematicamente.

Toda a nossa politica economica, estradas, portos, navegação e outros melhoramentos, tem sido levada a effeito esquecendo-se que nada disso adeanta quando todas essas obras vão encontrar uma população que se não iniciou no alphabeto, que ignora os rudimentos scientificos de qualquer profissão util, incapaz de outra cousa a não ser a repetição rotineira das tradições mais retrogradas, vivendo assim como parasita inutil da terra nativa, em vez de ser a sua dominadora.

A capacidade productiva do individuo está na razão directa do seu preparo e proficiencia technica. Quando esse preparo é nullo, quando a população é na quasi totalidade analphabeta e desprovida do minimo preparo scientifico, o coefficiente de producção attinge ao minimo como se dá entre nós.

Assim com referencia á cultura do algodão é de repetir-se a observação do agronomo americano Green: "Uma politica definida de educação e demonstração, levada a effeito por pro-

cessos praticos e mediante methodos commerciaes, tornaria o Brasil em poucos annos o maior productor de algodão do mundo. A supremacia continuada dos Estados Unidos na producção do algodão resulta inteiramente da eterna somnolencia da agricultura brasileira''.

Mas a explicação fundamental destes factos é que nas escolas publicas americanas em 1913 se gastaram 482.886.793 dollars ou, ao cambio de 16, 1.448.660:379$000, ao passo que no mesmo anno nós no Brasil gastamos de 30 a 40 mil contos. Não ha paiz no mundo que gaste menos com a sua instrucção que o Brasil.

Embora a terra seja fertilissima, embora a alcance a locomotiva, embora se forneçam todos os instrumentos necessarios e as melhores demonstrações, tudo isso nada adeanta quando se tem a luctar com um productor ignorante, inculto, illetrado, analphabeto, indolente e, pois, sem estimulo nenhum, como se dá na maior parte do paiz.

II

EXPORTAÇÃO POR HABITANTE

Em 1916 a exportação por habitante, em paizes na phase economica que atravessa o Brasil, foi a seguinte, calculada ao cambio de 16 ds.:

Paizes	Exportação por habitante
Cuba	413$665
Canadá	392$386
Australia	258$769
Argentina	248$090
Uruguay	196$020
Guyana Ingleza	184$370
Nicaragua	126$117
Chilè	121$408
Costa Rica	85$761
União Sul-Africana	71$600
Rumania	64$387
Egypto	60$261
Bolivia	58$844
Perú	42$000

Brasil	**39$600**
S. Salvador	30$063
Paraguay	29$529

Quer dizer: não só o Brasil rivalisa com os paizes mais atrazados, como ainda, tirando o contingente da exportação paulista, para o resto do paiz fica uma exportação por habitante de Rs. 23$600, inferior a todos os mais.

Demais na exportação brasileira dous productos — o café e a borracha — representavam ainda ha pouco perto de 80 °|° do seu valor total e, desses dous productos, um, a borracha, se acha actualmente em tremenda crise e o outro, o café constitue uma bebida de luxo e, como tal, é um artigo que tem estabilidade de preços, não podendo o seu consumo ampliar-se illimitadamente como os generos de primeira necessidade: o trigo, a carne, a lan, o gado e outros.

A nossa organisação economica actual não póde ser mais precaria e defeituosa, fundando-se como se funda toda a riqueza publica e particular e, portanto, as finanças da União e dos Estados, na exploração e commercio de dous productos expostos a situações perigosas e que têm experimentado crises gravissimas a produzirem as mais terriveis perturbações no paiz inteiro.

III

NECESSIDADE DE NOVAS FONTES DE PRODUCÇÃO

O Brasil, além do café e da borracha, precisa produzir em grande escala outros artigos que venham incrementar a nossa exportação para o estrangeiro, desenvolvendo a actividade interna e activando a nossa vida economica tão frouxa e inerte. Precisamos deixar de ser parasitas inuteis da terra para nos tornarmos uma nação de productores.

Demais o nosso progresso economico vinha sendo apenas o reflexo do progresso europeu, representado nas sobras do capital do velho mundo que, em grandes caudaes, annualmente se applicavam neste paiz. O conflicto europeu vai estancar por muitos e muitos annos esse estimulo e, assim, por muitos e

muitos annos, nós estamos entregues a nós mesmos, tudo dependendo da nossa propria actividade, dos nossos proprios recursos, da nossa propria iniciativa.

E por isso é que o algodão se impõe como devendo ser o objectivo de uma politica nacional ampla, como devendo ser a preoccupação mais intensa dos poderes publicos. O algodão pode vir a ser o maior artigo de exportação brasileira, pode constituir a maior riqueza das nossas unidades federativas, pode restaurar as finanças da União e dos Estados, pode, como nenhum outro artigo, trazer ao Brasil a prosperidade, a riqueza e a abundancia. Para isso é preciso um grande esforço combinado e harmonico de todas as forças sociaes — da União, dos Estados, dos Municipios, das estradas de ferro, das empresas de navegação, de todos em summa. E' preciso que cada um desses elementos contribúa com o seu contingente para assim dar vida a um organismo quasi cadaver como é o Brasil na sua quasi totalidade.

A cultura do algodão apresenta todas as vantagens. Como o trigo, que dá o pão, o algodão, que dá a vestimenta, terá sempre no mundo um consumo, por assim dizer, illimitado. Além disso no mesmo anno em que é semeado elle chega á maturidade, cobre-se de capulhos e é colhido. O algodão não exige terras optimas, resiste á secca, medra e viça em pleno sertão, dispensa chuvas abundantes, contenta-se com pequena mão d'obra.

IV

A POSIÇÃO DO BRASIL NO MERCADO MUNDIAL

A posição do Brasil no mercado mundial do algodão vinha sendo a seguinte ha alguns annos, como se pode ver do quadro adeante, que dá a producção do mundo em fardos de 500 libras:

	1904	1909	1911
Estados Unidos . .	13.439.000	10.005.000	15.693.000
India	3.727.000	4.123.000	3.284.000
Egypto	1.305.000	1.045.000	1.514.000
China	1.200.000	1.200.000	1.200.000

Russia Asiatica . .	504.000	418.000	690.000
Brasil	220.000	265.000	270.000
Mexico	253.000	200.000	200.000
Persia	71.000	128.000	123.000
Turquia Asiatica . .	66.000	131.000	131.000
Perú	45.000	44.000	76.000

V

O ALGODÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos, sob o ponto de vista da industria manufactureira, o algodão é a producção agricola mais importante e o capital empregado na sua producção excede ao das fabricas. A colheita de 1912 foi avaliada em 920.000.000 de dollars ou cerca de 3.600.000:000$000, approximadamente dez vezes o valor da producção cafeeira de S. Paulo.

O valor da producção agricola do algodão nos Estados Unidos é elevado a mais do dobro em virtude dos processos industriaes que soffre a materia prima. Desta forma o valor da producção annual das manufacturas que se utilisam da cultura do algodão na America do Norte se eleva a 1.890.000.000 dollars ou cerca de 7.000.000:000$000.

A melhor qualidade do algodão americano é o da Georgia (sea-island e black-seed cotton). Esse algodão dá um producto fino, flexivel, muito branco, de fibra longa e setinosa. Vêm depois o "Luisianna", o "Mississippi", o "Natchez", o "Texas", o "Arkansas", o "Alabama", o "Mobile", o Ténnessee", o "Florida", o "Virginia" e outros. O "Upland" dá um producto regular, flexivel e tambem é chamado o algodão das terras altas.

VI

A exportação do algodão manufacturado dos Estados Unidos montou ao valor de 30.428.405 de dollars em 1914, 62.491.779 de dollars em 1915 e 84.339.325 de dollars em 1916. Mas não é

sómente exportado algodão manufacturado que os americanos ganham dinheiro: é tambem vendendo para o estrangeiro em bruto.

As exportações do algodão bruto americano foram nos seguintes valores, ao cambio de 16 ds:

	Dollars	Moeda brasileira
1904 . . .	372.049.000	1.116.147:000$000
1899 . . .	210.080.000	630.240:000$000
1909 . . .	417.390.000	1.252.170:000$000
1911 . . .	585.318.000	1.755.954:000$000
1912 . . .	565.849.000	1.697.547:000$000
1913 . . .	547.357.000	1.642.061:000$000
1914 . . .	610.475.000	1.831.425:000$000
1915 . . .	376.218.000	1.128.654:000$000
1916 . . .	374.186.000	1.122.558:000$000

Em 26 annos, de 1875 a 1900,. — 01, o algodão deu aos Estados meridionaes da União americana um lucro de ..... 8.600.000.000 dollars, isto é, cerca de 34.000.000:000$ em moeda brasileira ao cambio actual.

VII

PRODUCÇÃO POR ESTADOS NA AMERICA DO NORTE

Em 1915 a producção de algodão americano foi, nos principaes Estados, a seguinte em fardos de 500 libras:

Estados	Media por acre	Total (fardos)
Alabama	1.48	1.050.000
Georgia	1.93	1.900.000
Mississippi	1.70	940.000
N. Carolina	2.70	708.000
Oklahoma	1.55	630.000
S. Carolina	2.31	1.160.000
Texas	1.49	3.175.000

Só no Alabama a área occupada pelo algodão em 1913 era de 3.800.000 acres e a producção foi de 1.510.000 fardos no

valor de 91.704.000 dollars ou sejam Rs. 275.112:000$000 ao cambio de 16 ds.

O Texas tinha uma área occupada pelo algodão de 12.072.000 acres, que em 1913 produziram 4.886.415 fardos no valor, em moeda brasileira de cerca de 700.000:000$000.

Na Georgia a producção do algodão em 1913 foi de 2.275.000 fardos, no valor de cerca de 350.000:000$000.

No Oklahoma a colheita do algodão em 1913, em 3.019.000 acres occupados por essa cultura, montou a 820.000 fardos, avaliados em 150.000:000$000.

No Mississippi as plantações de algodão se extendem por 2.063.000 acres, que em 1913 produziram 1.195.000 fardos, avaliados em 72.048.000 dollars ou cerca de 216.000:000$000.

Na Carolina do Sul a cultura do algodão se estende por 2.701.000 acres, produzindo 1.330.000 fardos de algodão em 1913, avaliados em 80.621.000 dollars ou cerca de Rs. ..... 241.863:000$000.

Na Carolina do Norte a área occupada pelo algodão era de 1.526.000 acres, que em 1913 produziram 765.000 fardos, no valor de cerca de 140.000:000$000.

Esses valores colossaes podiam estar sendo produzidos no Brasil, dando-nos uma prosperidade invejavel, collocando-nos entre as nações mais ricas do mundo. Entretanto, não fazemos senão dormir.

A região algodoeira do Brasil comprehende quasi todo o paiz, pois que, desde o Pará até S. Paulo e mesmo os Estados meridionaes, todos se prestam á cultura dessa malvacea.

VIII

O CONSUMO MUNDIAL ANTES DA GUERRA

No anno de 1913 o consumo mundial do algodão foi o constante do quadro seguinte, expresso em fardos de 500 libras:

Paizes consumidores	Procedencia do algodão consumido				TOTAL
	America do Norte	India Oriental	Egypto	Varios	
Gran-Bretanha	3.281.569	47.685	351.406	144.493	3.825.153
Allemanha	1.258.507	175.425	102.241	43.564	1.579.737
Russia	376.886	16.014	67.084	1.481.778	1.941.762
França	787.594	93.141	77.787	28.160	986.682
India	73.528	1.622.909	893	1.098	1.698.428
Austria	626.704	154.138	32.910	23.313	837.065
Italia	537.917	164.945	17.584	23.504	743.950
Hespanha	261.611	31.160	18.713	17.625	329.109
Japão	423.131	987.527	16.011	154.113	1.580.782
Suissa	58.833	3.217	26.304	973	89.327
Belgica	171.010	82.409	810	3.149	257.378
Suecia	78.465	2.538	177	1.253	82.433
Portugal	59.125	632	1.020	12.860	73.637
Hollanda	67.713	10.927	222	5.947	84.809
Dinamarca	24.549	63	—	900	25.512
Noruega	9.416	1.491	—	592	11.499
Estados Unidos	5.553.000	?	201.000	32.000	5.786.000
Canadá	107.361		304	152	107.817
Mexico, Brasil, etc.	3.342	50	2.862	230.052	236.306
Total	13.760.261	3.394.271	917.328	2.205.526	20.277.386

IX

NUMEROS DE FUSOS

O numero de fusos trabalhando o algodão no mundo era em 1910 de 133.384.794, em 1911 de 137.278.752 e em 1913 de 143.452.659 assim distribuidos:

Gran-Bretanha	55.652.820
Allemanha	11.186.023
Russia	9.212.557
Frauça	7.400.000
India	6.084.378
Austria	4.909.458
Italia	4.600.000
Hespanha	2.000.000
Japão	2.300.000
Suissa	1.398.062
Belgica	1.492.258
Suecia	534.000
Portugal	480.000
Holianda	478.682
Dinamarca	89.556
Noruega	74.572
Estados Unidos	31.505.000
Canadá	855.293
Mexico, Brasil e outros	3.200.000
	143.452.659

X

OS PAIZES QUE IMPORTAM MAIS ALGODÃO

Mesmo os Estados Unidos, sendo os maiores productores do algodão, tambem têm importado esse artigo nos seguintes valores, ao cambio de 16 ds.:

	Dollars	Moeda brasileira
1899	5.013.000	15.039:000$000
1904	8.541.000	25.623:000$000
1909	13.622.000	40.866:000$000
1911	24.776.000	74.328:000$000
1912	20.217.000	60.651:000$000
1913	22.987.000	68.961:000$000
1914	19.457.000	58.371:000$000
1915	23.209.000	69.627:000$000
1916	40.150.000	120.450:000$000

Em 1913, a importação na Inglaterra do algodão em bruto attingiu o valor de £ 70.571.000 ou sejam cerca de ..... 1.400.000:000$000, ao cambio de 12 ds. Em 1912 a Ingla-

terra importou algodão em bruto no valor de £ 80.239.000 ou cerca de 1.600.000:000$000 ao cambio de 12 ds.

A Allemanha importou em 1912 algodão no valor de marcos 587.288.000 ou cerca de 440.000:000$000.

A França em 1913 importou algodão bruto no valor de .... 541.200.000 francos ou cerca de 324.000:000$000. A Italia importou em 1913 algodão no valor de 324.665.000 liras ou cerca de 194.799:000$000.

Para se calcular no velho mundo a importancia da industria do algodão basta recordar a terrivel crise que occorreu na Inglaterra de 1861 a 1865 nos districtos manufactureiros especialmente no Lancashire. Tendo faltado o supprimento do algodão á Inglaterra, em consequencia do bloqueio dos Estados do Sul da União Americana, cerca de 2.000.000 de operarios na Gran-Bretanha ficaram em completa miseria, que só cessou aos poucos quando a importação do algodão começou a ser restabelecida e com o incremento que teve então a importação proveniente do Egypto, do Brasil, da India e outras origens. E por isso têm sido constituidas na Inglaterra commissões com o fim de estudar o que na industria da tecelagem se chama a fome do algodão.

A producção mundial já chegou a ser insufficiente em certas occasiões e não é impossivel que isso torne a acontecer com a crescente e accentuada necessidade do artigo.

XI

O ALGODÃO NO EGYPTO

Só o Egypto tem exportado para a Inglaterra algodão em bruto nos seguintes valores:

	Libras esterlinas	Moeda brasileira cambio de 16
1908	13.698.676	205.480:140$000
1909	15.841.257	237.618:855$000
1910	17.737.239	266.058:058$000
1911	17.305.225	258.578:375$000
1912	20.760.943	311.414:145$000

Toda a organisação economica do Egypto é alimentada pelo algodão. Tire-se-lhe este artigo e, commercialmente, pode-se dizer que desapparece o Egypto do rol das nações productoras. E' essa fibra a base, a unica fonte de riqueza do Egypto. E por isso os inglezes não hesitaram em despender na barragem e irrigação do Egypto cerca de 15.000.000 de libras esterlinas.

São colossaes os capitaes inglezes empregados nas plantações algodoeiras. O Governo egypcio, tendo em vista a uniformisação da producção na base do melhor typo, faz com que todos os agricultores lhe comprem sementes seleccionadas e da melhor qualidade, quando desejam renovar as plantações existentes ou alargar a área cultivada. Os inglezes construiram uma estrada de ferro para o Mar Vermelho, tendo exclusivamente em vista o transporte do algodão produzido nas modernas plantações ao sul de Khartoun.

XII

OS SUB-PRODUCTOS DO ALGODÃO

Além de todos os valores acima considerados no intercambio dos differentes paizes, cumpre ainda attender a que os sub-productos do algodão têm cada vez mais importancia e valor crescentes. A principio só os fios eram aproveitados, hoje, porém, pode-se affirmar que nada se perde de nenhuma parte da preciosa malvacea, tudo della se utilisando. O valor dos sub-productos do algodão nos Estados Unidos chega a attingir um quarto do valor da fibra.

As hastes e folhas do algodão têm um valor consideravel como forragem e como adubo.

Depois da fibra, porém, o producto mais importante do algodão é o caroço. O algodão colhido consiste 1|3 approximadamente em fios e 2|3 em caroços, quer dizer, 9.000.000 de fardos produzem 4.500.000 de toneladas de caroços. Cerca de 7 °|° dos caroços é utilisado nas plantações, o resto é aproveitado para oleo, forragem, fertilisante e outros fins.

A industria do oleo contribuiu para augmentar em proporção notavel o valor das colheitas, pois os caroços deixaram de ter

o primitivo emprego de simples, mas excellente adubo ou, o que tambem succedia, o de combustivel. O encarecimento dos caroços foi tal que os criadores tiveram de diminuir a quantidade que delles e seus preparados usavam como optimo alimento para o gado sobretudo durante o inverno.

E' enorme o desenvolvimento que tem tido nos Estados Unidos o fabrico de oleos extrahidos das sementes.

Em 1860, segundo informa H. Lecomte, havia apenas 7 fabricas desse artigo. Em 1870 esse numero se elevava a 26, subindo em 1880 a 45, em 1890 a 119, em 1894 a 252. E dessa data em deante parallelamente ao grande desenvolvimento da lavoura algodoeira, numerosos estabelecimentos novos desse genero foram surgindo e prosperando. O valor da exportação cresceu rapidamente: de 741.000 dollars em 1860 subiu a ... 2.205.000 em 1870; a 7.690.000 em 1880; a 19.445.947 em 1890; a 30.000.000 em 1894. A producção, de 1879 a 1880, andou por perto de 9.000.000 de gallões. De 1893 a 1903, foi de nada menos que 110.000.000. Com os progressos da chimica industrial o valor desse oleo augmentou consideravelmente. E elle passou a ser usado em fins culinarios, a constituir um substituto do oleo de azeitonas, a ser empregado no fabrico de sabonetes e outros varios productos.

XIII

A PRODUCÇÃO E EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO NO BRASIL

A producção exportada brasileira, remontando ao passado, foi em differentes annos a seguinte:

	Kilos
1800	11.000.000
1860	22.000.000
1870	45.000.000
1874	78.000.000

Em consequencia da guerra civil nos Estados Unidos, os preços subiram consideravelmente e a exportação brasileira attingiu

em 1874 ao valor de Rs. 46.000:000$000. O Brasil occupou então o terceiro logar entre os paizes exportadores do algodão. Hoje occupa um dos ultimos logares.

O algodão exportado pelo Brasil nos ultimos annos expressa-se nos seguintes algarismos:

Annos	Toneladas	Valor (mil réis ouro)	Valor por kilo (papel)
1902	32.137	10.701:352$000	$523
1903	28.235	11.765:910$000	$376
1904	13.262	7.346:728$000	$436
1905	24.081	10.290:790$000	$455
1906	31.668	14.706:492$000	$483
1907	38.036	15.417:841$000	$492
1908	3.565	1.832:514$000	$477
1909	9.968	5.260:551$000	$456
1910	11.160	7.973:732$000	$489
1911	14.647	8.713:568$000	$482
1912	16.774	9.221:294$000	$502
1913	37.423	20.512:711$000	$542
1914	30.434	16.556:095$000	$459
1915	5.223	2.550:856$000	1$051
1916	1.071	1.066:560$000	2$241
1917	5.941	7.046:026$000	2$540

O Brasil occupava o segundo logar na producção mundial do algodão em principio do século XIX, tendo exportado em 1820 só para a Inglaterra 13.226.764 kilos, cabendo já então o primeiro logar aos Estados Unidos.

Um século depois nós chegamos a exportar apenas 5.941.000 de kilos ou a metade. Na quantidade fomos eliminados e na qualidade egualmente os nossos concorrentes nos levaram completamente de vencida. Si a fibra do algodão brasileiro foi outr'ora classificada entre as melhores conhecidas, acha-se ella hoje senão deselassificada pelo menos tida apenas como regular e certamente considerada inferior á de muitos paizes, facto esse devido á ausencia de criterio scientifico na cultura respectiva assim como á falta de selecção de sementes e ao cultivo de sementes de variedades diversas, ao mesmo tempo e sobre o mesmo terreno, donde a hybridação constante e prejudicial para a obtenção de fibras diversas reclamadas pela industria moderna.

Para encontrarmos colloeação para o producto brasileiro nos mercados estrangeiros é indispensavel melhorar os processos de producção, seleccionando as sementes, provendo ao perfeito beneficiamento das colheitas, facilitando os transportes e, principalmente, conseguindo uniformisar toda a nossa producção na base dos melhores typos.

XIV

O ALGODÃO COMO PROGRAMMA POLITICO NACIONAL

"Não necessitamos, dizia Carlos Peixoto, para desenvolver a lavoura do algodão, de grandes obras e grandes despesas, como no Egypto ou nos Estados Unidos: nada nos falta, pois, senão a energia e o trabalho humano, o esforço systematico e intelligente, a persistencia e a confiança. Agora, sobretudo, precisamos acudir com remedio prompto e efficiente ao abalo forte que está soffrendo a nossa vida economica devido á crise da borracha e á natural restrição do consumo do café; temos necessidade de estabelecer prompta compensação ao desfalque das nossas exportações e não são muitos os productos que para isso offerecem as excepcionaes vantagens da cultura do algodão: terreno propicio já apparelhado, excellencia verificada de fibra produzida e rapidez extraordinaria na obtenção da colheita, só nos faltando energia e um pouco de instrucção para melhorar os methodos rotineiros".

A cultura do algodão devia ser, pois, agora o objecto de uma politica nacional intensa e pertinaz, devia ser o alvo precipuo das administrações publicas.

Ella é a unica capaz de dar vida nova ao organismo anemico da nossa nacionalidade. Ella nos conferiria um logar de destaque na producção mundial. No Norte do paiz, principalmente, ella viria acordar uma raça inteira para o trabalho, para a civilisação, para a vida intensa, despertando-a do marasmo em que se paralysa. Todos os mercados do mundo absorverão e disputarão o nosso producto quando o offerecermos de accôrdo com as exigencias industriaes.

Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden.

Arvores n'um jardim da Bahia.

Entretanto, industriaes europeus já reclamaram contra a patente inferioridade da fibra enviada do Norte, chegando ao ponto de recusal-a e procurando adquiril-a em outros mercados. Dahi já resultou o retrahimento nas praças do Norte e consequente accumulo de stock sem saida.

O Brasil tem todos os elementos naturaes para se tornar no mundo o paiz de maior producção e exportação de algodão. Para isso, porém, tem faltado o estimulo de uma politica que constituisse o algodão um programma politico.

No Egypto a vontade pertinaz e prophetica intuição de um homem, o grande Mehemet-Ali, tornou a sua memoria venerada nesse paiz, por ter sido o verdadeiro iniciador da cultura methodica e scientifica do algodão e, por essa forma, o creador da grande riqueza e prosperidade do Egypto moderno.

E' preciso, no Brasil, que abandonemos os actuaes processos rotineiros, antiquados, quasi barbaros, adoptando e praticando as lições fornecidas pela experiencia dos paizes mais adeantados no assumpto, divulgando entre os agricultores idéas praticas e modernas, demonstrando-lhes os inconvenientes da falta de cuidado na escolha das sementes e da plantação de diversas variedades no mesmo local, o que acarreta a irregularidade na producção.

MARIO PINTO SERVA

LUIZINHA [1]

COMEDIA EM DOIS ACTOS

ACTO II

SCENA I

SARA. (*Entra pela porta A, dirigindo-se á porta C. Pára. Mira-se num espelhinho de estojo*). A mascara está boa. E agora, corajem.

LUIZINHA (*entrando pela porta C*). Ia procural-a. Mamãe notou a sua ausencia. Espliquei que você estava compondo a toilette com que entrara da rua. Ella achou-o natural em noiva tão faceira...

SARA. (*Com amargura*) Noiva... bem sabe você que já não o sou.

LUIZINHA. Vá minha Sara. Estacio la está em serviço de miss Gribble assanhada por noticias dos bugres. Os outros ouvem, absorvidos. Você tambem fica absorvida — o Estacio fala tão bem! — e poderá assim, sem se comprometter, adoral-o em silencio... Vocês dois... O meu sonho dourado é ser madrinha num casamento *chic*. Convido-a para minha afilhada.

SARA. Deixemo-nos de phantasias, Luizinha. Nem falemos mais nisso.

LUIZINHA. Quer apostar que você casa com Estacio?

SARA. Não, Luizinha. O Estacio é um caracter. Executa com firmesa o que resolve. Eu comprendo-o. No caso delle, parece-me que procederia do mesmo modo.

LUIZINHA. Ora essa! Então você, minha fingida...

SARA. O escrupulo de Estacio é um exagero. Mas Estacio, você sabe, é um exagerado. E foi como elle é, e por ser como é, que eu o amei.

LUIZINHA. Que orgulhosa! Que dois me sahiram vocês dois!

SARA. O que tenho a fazer é resignar-me. Estou já quasi resignada.

LUIZINHA. Pois eu prohibo-lhe que se resigne. Prohibo-lh'o com a autoridade de irmã mais velha. Faço hoje dezenove annos. Você tem quatro dias menos, é uma criança (*batendo o pé*). Quero que você case com Estacio. Morrendo por isso está elle (*Abraçando-a*). E você tambem, minha flor!

SARA. Não. Estacio não quer, porque pensa que é esse o seu dever Eu não quero, porque seria humilhante — para mim... e para elle.

---

(1) V. a *Revista do Brasil* de agosto.

LUIZINHA. Mas quero eu. Estacio adora-a...

SARA. E suppõe você que eu duvido disso? ...Luizinha, sei quanto é minha amiga. Peço-lhe que não falemos mais desse caso acabado. Repito-lhe o que já lhe pedi: faça de conta que ignora tudo. Só de você não o occultei — não o pude occultar. Respeite, como eu respeito, o escrupulo de Estacio...

LUIZINHA. Si você exige...

SARA. E poupe o que, em tudo isso, posso salvar: o meu amor proprio.

LUIZINHA. O seu amor... proprio. Eu, no seu caso, tratava de salvar a todo custo... o outro. Fosse commigo. Sabendo que aquelle de quem eu gostasse tinha por mim a paixão que o Estacio tem por você, e desistia de casar commigo por ser pobre (*altivamente*) eu...

SARA. Você...

LUIZINHA. Sara, minha irmã, que terrivel idéa!... (*mudando de tom, depois de uma pausa, e empurrando Sara carinhosamente*) Vá, minha Sara. Não escute o seu amor proprio. Lute corajosamente pelo outro, pelo que, como diria miss Gribble, é... *improper*. (*Sara sahe*).

SCENA II

LUIZINHA. (*Depois de chamar, da porta, por gestos, recommendando-lhe silencio, alguem que está dentro*). Que estará pensando de mim o Estacio? Que eu sou uma estouvada, e quero casar com elle. Levemos até ao fim esse logro.

SCENA III

D. Emilia, Luizinha

D. EMILIA. (*Entrando*) Que misterio temos, que você me chamou com tanta mimica?

LUIZINHA. (*Fazendo-a sentar*) Sente, mamãe. Bem. A minha mamãesinha promette fazer o que eu lhe pedir?

D. EMILIA. Eu, prometter? Deus me livre. Já estou imaginando que é alguma travessura.

LUIZINHA. E... si fosse? As minhas travessuras só o são na apparencia. E a minha mamãesinha é tão boa, tão boa!... (*Abraça-a*).

D. EMILIA. Sahe d'aqui, tentaçãosinha. Que estará você preparando?

LUIZINHA. Mamãe quer tanto bem ao Estacio...

D. EMILIA. E depois?

LUIZINHA. Mamãe quer tanto bem a Sara...

D. EMILIA. Outra descoberta. Não vão espalhar-se esses segredos...

LUIZINHA. A minha mamãesinha me dá tudo quanto eu quero...

D. EMILIA. Tenho tido esse defeito. Mas vou tratar de corrigir-me.

LUIZINHA. A minha mamãesinha me dá tudo quanto eu quero....

D. EMILIA. Muito mimo é que eu lhe dou...

LUIZINHA. (*sentando-se-lhe no collo*) Sobretudo mimo... mimo... mimo... Ah que mãesinha boa e querida que eu tenho!

D. EMILIA. Mau, mau, mau...

LUIZINHA. Só uma cousa minha mamãesinha nunca me deu, e eu queria tanto ter...

D. EMILIA. (*sorrindo*) Um noivo? Dou...

LUIZINHA. (*levantando-se*) Noivo arranjarei eu mesma. E ha-de ser do meu gosto... e do seu, prometto-lhe. O que a minha mamãesinha nunca me deu e eu queria tanto ter era...

D. EMILIA. Era?

LUIZINHA. Um irmão.

D. EMILIA. (*levantando-se*) Pois você estará pensando em fazer-me casar? Tenho mais em que cuidar. Não me sobra tempo para perder a ouvir as suas caçoadas...

LUIZINHA. (*Detendo D. Emilia*) Mamãe, porque não adóta como filho o Estacio?

D. EMILIA. Ah, agora entendo. Mas sempre tinha curiosidade de saber para que...

LUIZINHA. Primeiro, para me dar um grande gosto. Eu gostaria tanto de ter um irmão que fosse o Estacio!... Depois, para fazer felizes a Estacio e a Sara...

D. EMILIA. Que lembrança! Bem felizes são elles sem isso.

LUIZINHA. Não, mamãe, são muito desgraçados. Muito. Mamãe promette guardar segredo?

D. EMILIA. Prometto.

LUIZINHA. E' um segredo que eu surprendi por acaso, e só de mamãe posso confiar. Sara e Estacio já não se casam...

D. EMILIA. Estão de arrufos? Isso não dura vinte e quatro horas.

LUIZINHA, Não, mamãe. E' sério. Os dous resolveram não se casarem mais...

D. EMILIA. (*levantando-se*) Vou indagar que criançada é essa...

LUIZINHA. Mamãe prometteu guardar segredo... Sente. Estacio está pobre...

D. EMILIA. Estacio? Ora, Luizinha... Que fez elle do que tinha?

LUIZINHA. O seu procurador arruinou-o e fugiu. Elle está sem nada. Só o soube ao chegar ao Rio. E veiu a S. Paulo para declarar a Sara que não quer sacrifical-a á miseria a que se julga votado. Foi o segredo que surpreendi. Estacio volta amanhã, desesperado, para o sertão, decidido a lá viver... e acabar.

D. EMILIA. E Sara?

LUIZINHA. Sara resistiu. Acabou por comprehender a abnegação de Estacio. Submetteu-se, medrosa de o humilhar. Chorou... enxugou as lagrimas... está fingindo que é a mesma Sara... e é a mais infeliz das creaturas.

D. EMILIA. E' um caso triste. Mas não o romantizemos. O que os dois resolveram é sensato. Consolar-se-hão. Sara fará um casamento que lhe convenha. Estacio tambem.

LUIZINHA. Não, mamãe. Sara não casará sinão com Estacio. Estacio não casará senão com Sara. Os dois são de um velho tronco, o nosso, em que é tradição amar uma só vez, e fazer desse amor unico o supremo interesse da vida... E' preciso que mamãe os obrigue a casarem.

D. EMILIA. (*sorrindo*) A' força? Que lembrança!

LUIZINHA. A' força, sim. Adoptando Estacio.

D. EMILIA. E suppõe você que, por ser meu filho adoptivo, Estacio me obedeceria?

LUIZINHA. Como seu filho adoptivo, Estacio poderia casar com Sara. Mamãe é tão rica...

D. EMILIA. Sim, é uma idéa. Mas pensa você, cabecinha de vento, que eu tenho o direito, ou quereria exercel-o, se o tivesse, de prejudical-a em metade de minha fortuna?

LUIZINHA. Mamãe é tão rica!... Eu mesma já sou tão rica! E para que? Para que servem as sobras da riqueza senão para fazer o bem? Sara e Estacio são toda a nossa familia. Nós somos a unica familia delles. Gastamos tanto, e foi mamãe que me ensinou e me ensina o gosto disso, em accudir a gente que nem conhecemos... Que melhor poderiamos empregar as sobras da nossa riqueza do que em fazer a felicidade dos nossos, que tanto o merecem?

D. EMILIA. Isso não tem pés nem cabeça. Pois você acredita que eu, por minha vontade! — iria prejudical-a em dous ou trez mil contos? A sua idéa é uma idéa de criança. Você vê estas cousas com olhos de criança.

LUIZINHA. Mamãe, não pense em prejuizo meu... Eu conheço a historia de uma moça que rompeu com os preconceitos e a ambição dos seus, opulentos e orgulhosos, para casar com o moço de que gostava, e que era pobre... Deus abençôou-a. E os dous foram tão felizes, não foram? até que papae morreu... Minha mamãesinha, não deseje riquezas, deseje felicidade para sua filha. Como poderia eu ser feliz vendo Sara infeliz ao meu lado? Minha mamãesinha, o que eu lhe peço não é para Estacio, não é para Sara... é para mim.

D. EMILIA. Mas, minha filha...

LUIZINHA. Adopte Estacio, sim, mamãe?

D. EMILIA. E' mais natural dar um bom dóte a Sara...

LUIZINHA. (*Fazendo um signal de negativa com a cabeça*) Estacio não casaria com Sara tornada rica... E á adopção de Estacio póde mamãe dar uma fórma tão delicada! Elle é o unico homem da nossa familia. Foi sempre, mais ainda desde que ficou orpham, como um filho seu. Ser mãe de um homem como Estacio... Que idéa ambiciosa e tentadora! Elle não recusará de certo o que mamãe, dando-lhe taes motivos, lhe pedir que aceite. E sendo seu filho, Estacio poderá casar e casará com Sara.

D. EMILIA. Farei o que seu coração aconselha, minha filha. Seu coração aconselha sempre bem.

LUIZINHA. Eu tinha certeza disso! Minha mamãesinha é tão boa!... O que é preciso é que nem Estacio nem Sara desconfiem nunca de que eu tive qualquer parte nisso. A idéa é de mamãe. Para mim será uma surpresa.

D. EMILIA. Ora essa! Porque?

LUIZINHA. Porque eu surprendi um segredo que mamãe precisa fingir que ignora. E depois, o beneficio que se recebe de uma mãe não humilha. Eu sou uma igual delles. Mamãe é a mãe de nós trez. Arranje isso depressa, mamãe. Estacio está ancioso por voltar para o sertão, coitado. Eu raspo-me. (*Sae. D. Emilia faz soar o tympano, e fica pensativa*).

SCENA IV

JESUINA. A senhora chamou?

D. EMILIA. Vá dizer ao sr. dr. Estacio, lá dentro, que lhe peço o favor de vir falar-me.

JESUINA Vou, minha senhora. E' o que toca no piano?

D. EMILIA. Não. E' o outro.

JESUINA. Sim, minha senhora. E que hei-de dizer ao outro?

D. EMILIA. Ao outro, nada.

JESUINA. Nada?

D. EMILIA. Diga ao sr. dr. Estacio...

JESUINA. Pois é esse que eu cuidava que era o outro...

D. EMILIA. (*Levantando-se*) E' mais facil ir eu mesma. Você póde voltar para o seu serviço. (*Sae*).

JESUINA. Volto para o meu serviço, que é espanar pó onde o não ha. Volto. Eu só não vou aonde me não mandam. Agora quando me mandam e me desmandam, não vou. Diz que o tal doutor que é o outro, e que o outro que não é elle. Não entendo esta gente do Brasil. Mas, tirante isso, parece que é boa gente (*Sae*).

SCENA V

D. Emilia e Estacio

D. EMILIA. (*Entrando com Estacio*) Sentemo-nos. Estacio, sabe que sempre lhe quiz como a um filho. Terá algum motivo para não o querer ser de verdade?

ESTACIO. (*Sobresaltado*) Mas é impossivel, titia.

D. EMILIA. Seu pai era meu irmão. Sua mãe foi, desde criança, a minha melhor amiga. Você foi o meu primeiro sobrinho. Posso dizer que o ajudei a criar — e com que enthusiasmo de tia de doze annos... Meu marido adorava-o, lembra-se? Até que Luizinha nasceu, você foi como um filho unico do nosso casal. Desde que ficou orpham, foi como um segundo filho meu...

ESTACIO. Sim, titia. Tem sido para mim uma carinhosa segunda mãe...

D. EMILIA. Estou tão acostumada a isso... Porque me recusará titulo para o ser de verdade?

ESTACIO. Mas é impossivel, titia. Perdoe-me...

D. EMILIA. Impossivel? Era um desejo que eu trazia de longe... Muito, pelo afecto que lhe tenho; um pouquinho por ambição. Ter por filho um homem como você, participar na sua gloria... Ser mãe de todos os que são hoje a minha familia, e que no meu coração parece que são todos meus filhos, Luizinha, Estacio, Sara...

ESTACIO. Sara?...

D. EMILIA. Pois como mulher de meu filho Sara não será, mais ainda do que já a considero, minha filha?

ESTACIO. Sara, minha mulher?...

D. EMILIA. Sei que ainda não o é. Mas vocês não pretendem ficar indefinidamente noivos, supponho...

ESTACIO. Não estou entendendo bem, titia...

D. EMILIA. Uma cousa tão simples? Que eu deseje fazel-o meu filho adoptivo?

ESTACIO. Ah, minha boa titia, comprehendo. E quero, de todo o coração, ser seu filho. Mas só de coração o posso ser.

D. EMILIA. Porque?

ESTACIO. Porque a lei não permitte que adoptem os que têm filhos legitimos.

D. EMILIA. Tem certeza disso?

ESTACIO. Toda a certeza.

D. EMILIA. Ora essa. Então a lei me impede...

ESTACIO. A lei defende, e com razão, os direitos de Luizinha. Mas não me prohibe de a adorar como a melhor das mães.

D. EMILIA. Ora essa! Ha leis bem esquisitas! (*Pausa*) Mas eu quero realisar, ainda que truncado, esse desejo que era uma alegria do meu coração. Estacio, você não precisa de mim; mas eu preciso de você. Já lhe disse que tenho a ambição de participar na sua gloria, de colaborar de algum modo no seu esforço pela da nossa terra... Se não fosse a lei, você aceitava-me para sua mãe adoptiva, não aceitava? Diga. Diga que sim.

ESTACIO. E poderia recusal-o, minha boa mãe?

D. EMILIA. Obrigado, meu filho. Pois bem A lei não prohibe que eu disponha de uma parte dos meus bens...

ESTACIO. Oh! titia, que idéa...

D. EMILIA. Volta a tratar-me por titia. Tei-o-ei offendido, Estacio?

ESTACIO. Perdoe-me... Mas o que lembra...

D. EMILIA. Teve você escrupulo ao receber a herança de seus paes? Sentir-se-ia melindrado por um legado no meu testamento? Recusaria mesmo toda a minha fortuna si eu morresse sem outro herdeiro? Porque ha-de regeitar de mim, viva, o que não regeitaria si eu estivesse morta? Porque ha-de privar-me desse grande prazer de entregar-lhe por minhas mãos o que lhe destinava quando tinha a doce esperança de fazel-o meu filho adoptivo?

ESTACIO. Peço-lhe encarecidamente que não pense nisso. Como poderia eu consentir em despojar Luizinha do que é della?

D. EMILIA. Della? O que é meu não é de Luizinha, é meu. Luizinha é já muito rica, demasiado rica para o seu gosto. Metade da minha fortuna em nada altera a situação della. Tem por você uma amisade que é quasi um culto. Conheço-a. Receberá esta noticia com enthusiasmo — e dirá a proposito duas graças. Vou chamal-a.

ESTACIO. Titia, peço-lhe...

D. EMILIA. Ella deve estar-se preparando para o jantar. Vou chamal-a.

SCENA VI

Estacio, só

ESTACIO. A minha recusa seria uma grosseira ingratidão. E tenho a certeza de empregar dignamente essa riqueza, honrando aquella que m'a confia... Sara, minha pobre e querida Sara! Tive coragem de perder-te uma vez, não tenho a de perder-te segunda. O que eu queria é que tu fosses feliz. A tua felicidade está agora nas minhas mãos — sou eu. Tei-a-ás, minha Sara!... E Luizinha? Não nos preoccupemos, a proposito de cousas sérias, como uma travessura de criança. Numa

repente de enthusiasmo, Luizinha pensou em casar commigo. Já estará pensando em outra cousa...

SCENA VII

Estacio, D. Emilia, Luizinha, Jesuina

(Ao chegarem D. Emilia e Luizinha á porta A, Jesuina, pela porta B, dirige-se a D. Emilia, que fica a ralhar-lhe baixo, emquanto Luizinha se dirige a Estacio).

JESUINA. *(A D. Emilia.)* Minha senhora, pareceu-me ouvir dizer ao copeiro que não sabia quantas pessoas seriam a jantar. Como eu tambem não sabia, vim perguntar...

LUIZINHA. *(A Estacio)* Será que você se decidiu ao que lhe propuz? Previno-o, porém, de que tudo deve ficar em segredo até encaminharmos um casamento conveniente para Sara...

D. EMILIA. A surpreza que eu queria fazer-lhe na presença de Estacio era dizer-lhe que elle accedeu, por muita instancia minha, em ser meu filho adoptivo...

ESTACIO. Perdão...

LUIZINHA. Filho adoptivo? Para que é isso? Elle sempre foi aqui em casa o filho mais velho. Quantas vezes eu dizia que mamãe queria mais bem a Estacio do que a mim... Não vejo novidade nenhuma...

ESTACIO. Perdão, minha prima...

LUIZINHA. Está perdoado por esta vez, primo Estacio.

ESTACIO. *(Sorrindo)* Perdão, Luizinha. Ha no que titia pretende uma novidade que lhe interessa. A minha adopção causar-lhe-ia um prejuizo enorme. Como seu irmão...

LUIZINHA. Não poderá casar commigo? E' pena. Você bem sabe que eu o considerava um optimo partido.

D. EMILIA. Fale serio, Luizinha. O escrupulo de Estacio...

ESTACIO. Não é só um escrupulo, titia...

D. EMILIA. E' que, como seu irmão, elle participará com você na minha fortuna.

LUIZINHA. Estacio, vou falar serio. Mamãe manda, eu obedeço. Do contrario, saltava-lhe ao pescoço chamando-lhe maninho... Tudo quanto mamãe faz é bem feito. Foi preciso que ella instasse com você? Isso é ingratidão, Estacio.

ESTACIO. Não, Luizinha...

LUIZINHA. E' preciso que eu tambem inste? Peço-lhe que aceite. Peço-o de todo o coração. Mamãe vai ficar tão contente com isso... E eu tambem. Nós fomos sempre, desde crianças, como irmãos. E eu não lhe dizia *(a D. Emilia)* que gostaria tanto de ter um irmão que fosse o Estacio? Você não póde recusar, e não o recusa a mamãe, não?

ESTACIO. Não sou ingrato. E não quero parecer que o sou. *(beija a mão a D. Emilia).*

D. EMILIA. Obrigado, meu filho.

(Estacio pretende beijar a mão de Luizinha)

LUIZINHA. *(offerecendo-lhe a testa).* Aqui. Entre irmãos, o que você pretendia seria pedantismo.

D. EMILIA. Vou dar uma vista d'olhos lá por dentro...

LUIZINHA. E eu vou cantar. Você livrou-se de mim, que tentei caçal-o para marido. Mamãe foi mais habil do que eu: caçou-o para filho. Emfim, sempre ganhei um irmão. Serve. Estou contente. (*Dirige-se para o piano.*)

ESTACIO. Esta cabecinha de vento tem um grande coração... Agora, ao pensar nisso, lembro-me de que sempre o teve assim...

LUIZINHA. (*cantando*):

OLHOS VERDES

* Olhos encantados, olhos cor do mar,
Olhos pensativos que fazeis scismar...

Que formosas cousas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo...
Côrtes pittorescos de afastadas ilhas
Balançando no ar seus coqueiraes em flor,
Solidões tranquillas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

SCENA VIII

Luizinha, Estacio, Gervasio, Sara, Miss Gribble, e, depois, D. Emilia

GERVASIO. (*Entra, seguido de Sara e miss Gribble, e dirige-se a Luizinha*) Corri para a minha obrigação. Permitte que a acompanhe?

LUIZINHA. (*Cedendo-lhe o logar ao piano*) Permitto. Vou buscar a musica. (*Vae á estante, onde se demora escolhendo*).

MISS GRIBBLE. (*A Gervasio e Sara, depois de olhar no relogio de pulseira*). Oooh, preciso preparar-me para o jantar. Permissão (*Sae*).

ESTACIO. (*a Sara*) Concede-me uma palavra, Sara? (*Sara olha-o admirada, e acompanha-o para o outro lado da scena*).

LUIZINHA. (*Baixo, a Gervasio*) Espere um pouco. Finja que estamos falando em segredo... que estamos trocando confidencias. (*Fica a observar disfarçadamente Estacio e Sara*).

ESTACIO. Sara, nossa tia, ignorando a minha situação, transformou-a por completo...

SARA. Como?

ESTACIO. Quiz adoptar-me por filho... isto é, que eu aceitasse parte da sua fortuna...

SARA. E você?

ESTACIO. Poderia recusal-o?

SARA. Fez bem, Estacio. Ella sempre lhe quiz como a um filho.

ESTACIO. Aceitei por ella, e por... nós dois. E agora...

SARA. Estacio, mesmo o que você considerava um obstaculo entre nós, nunca o foi para mim. (*Estende-lhe a mão, que Estacio aperta demoradamente. Em seguida, começando Luizinha a cantar, os dois approximam-se do piano*).

LUIZINHA. (*cantando*):

(*) Musica do Maestro Antonio Carlos.

Olhos pensativos que falais de amor!

Vem cahindo a tarde, vae subindo a lua;
O horizonte, como para recebel-as,
De uma fimbria de ouro toda se debrua;
Afla a briza, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nellas
Bruscos arrepios de mulher beijada.

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Eil-a que mergulha pela noite vasta,
Pela vasta noite feita de luar...
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado, ao longe, nos confins do mar.

Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noite é clara! Como o céu é lindo!
Leva-me comtigo pelo mar... Adiante!
Leva-me comtigo até mais longe — a essa
Fimbria de horizonte onde te vaes sumindo
E onde acaba o mar, e de onde o ceu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa!

Olhos scismadores que fazeis sonhar,
Olhos cor do mar!

D. EMILIA. (*Que entrara emquanto Luizinha cantava. A Estacio*). A sua mala chegou. Era só uma?

ESTACIO. A minha mala?

D. EMILIA. Logo que você disse que tinha descido na Rotisserie, mandei buscar a sua bagagem. Não está com saudades do seu quarto? Vá vel-o. (*Discretamente*) E leve o sr. Gervasio, que ha-de querer preparar-se para o jantar.

ESTACIO. (*A Gervasio*) Faço empenho em mostrar-lhe como nesta casa é principe um filho prodigo. Venha commigo ver o meu quarto, que não vejo ha dois annos...

GERVASIO. (*acompanhando-o*) Com muito prazer. Dão-me licença?

D. EMILIA. (*a Estacio*) Sabe o caminho?

ESTACIO. Nunca fui esquecido, titia. (*Estacio e Gervasio saem*).

SCENA IX

SARA. (*apertando a mão a Luizinha*) Oh, Luizinha...

D. EMILIA. (*A Sara*) Destinei para dote do seu casamento uma noticia. Estacio...

SARA. *Abraçando-a*) Já sei minha boa, minha querida... sogra.

D. EMILIA. (*sorrindo*) Já sabia? Pois eu queria fazer-lhe a surpresa. Vão confiar segredos a crianças...

SARA. (*Abraçando Luizinha*) E foi você...

D. EMILIA. Foi Luizinha? Que lingua de trapos!...

SARA. (*sorrindo*) Quem me contou? Não. Isso foi Estacio... O que Luizinha fez foi...

LUIZINHA. (*Recommendando-lhe segredo*) Eu não fiz nada, senão applaudir a idéa que mamãe teve. Foi uma surpreza para mim.

SARA. Luizinha!...

LUIZINHA. Sara, eu não trahi o segredo que surprehendi, e não era meu. Você está sendo injusta para commigo... e ingrata para com mamãe.

D. EMILIA. Não entendo nadà do que vocês estão para ahi tagarelando. Antes vão tagarelar ao piano (*empurra-as docemente*).

LUIZINHA. (*A Sara*) Vamos, passarinho contente. Cante que é madrugada. (*Senta-se ao piano, e acompanha*) Isto...

SARA. (*Cantando*):

* Faz frio. Ha bruma. Agosto vae em meio
E eu iria jurar, bemdito engano,
Que a primavera veiu
Antes do tempo, este anno.

Vi-te. Sob o nevoento ceu de Agosto
Nem os jardins começam a brotar;
Mas ha rosas no teu rosto
E azul, azul de ceu, no teu olhar.

Que importa o frio? a bruma? Agosto em meio?
Juro, posso jural-o, não me engano:
A primavera veiu
Antes do tempo, este anno.

Amo-te. E assim como se não houvesse
Inverno, e a terra nua, e a bruma no ar,
O meu coração floresce
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.

(*A meio do canto, Estacio e Gervasio apparecem á porta, onde estacam discretamente*).

SCENA X

ESTACIO. (*A Sara*) O meu coração floresce,
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar...

LUIZINHA. Sara cantou...

GERVASIO. Como um rouxinol.

LUIZINHA. Não. O rouxinol não é nosso. E canta de noite. O sabiá canta de madrugada. E tem a voz aveludada, de uma suavidade sem igual... (*A Estacio*) Estacio, sabe que Sara é uma perfeição?

ESTACIO. (*sorrindo*) E'?

(*) Musica do Maestro Antonio Carlos.

LUIZINHA. Esta lindezinha, este encanto, este mimo, tem um coração de deusa.

SARA. Ora, Luizinha...

LUIZINHA. E você, rude nambiquara e meu irmão mais velho, vá se habituando á idéa de adorar de joelhos... o seu idolo. Ou terá de haver-se commigo. E, por falar nisso. Perdoa-me ter ha pouco tentado sobre você uma esperiencia?...

ESTACIO. Uma esperiencia?

D. EMILIA. Temos travessura...

LUIZINHA. Você chegou hoje, e de longe. De outro modo, já teria percebido o que aqui todos sabem. Sara, minha confidente de todos os dias, poderá contar-lhe por miudos essa historia velha... Eu gosto, e ha muito tempo, de um moço — como Sara gosta de você. Não é verdade, Sara?

SARA. Dou o meu testemunho.

LUIZINHA. E esse moço... gosta de mim... Creio que como você gosta de Sara... Não é verdade, senhor Gervasio?

GERVASIO. Eu?!!!

D. EMILIA. Oh, Luizinha!

LUIZINHA. (*Tapando-lhe a bôcca*) Não diga nada por emquanto, mamãe. A vez agora é minha. (*A Gervasio*) Sim, o senhor, gosta de mim. E não quer casar commigo. Eu leio na sua alma como num livro que já sei de cór. Não quer casar commigo, ou suppõe que não quer, porque eu tenho um defeito. O senhor considera humilhante pretender uma moça que tem o defeito de ser rica. Eu, que sou uma criaturinha vulgar, não me sinto humilhada por querer casar com um grande artista. Ponha de parte o seu amor proprio como eu estou pondo o meu. Ha outro que vale mais do que esses dois. Se a minha riqueza é um embaraço á nossa felicidade, desistámos della. Ha tanto meio de dispor com utilidade para outrem de uma riqueza inutil para a gente... Quer, no seu justo orgulho, ser sempre o artista que é, e dever-se apenas ao seu genio e ao seu trabalho? Mas não sacrifique a essa nobre ambição o que não é preciso sacrificar... Eu serei, contente, a mulher do modesto professor de canto que o senhor não quer deixar de ser...

GERVASIO. (*A D. Emilia*) Dá licença que eu diga á sua filha o que sinto?

D. EMILIA. (*sorrindo*) Diga. Mas diga-lhe tudo quanto realmente sente...

GERVASIO. (*A Luizinha*) Minha senhora, eu nunca lhe disse, ou a ninguem, que a amava...

LUIZINHA. O Senhor foi sempre tão discreto... Mas o meu dedo mindinho...

GERVASIO. Nunca lhe dei a perceber qualquer sentimento...

LUIZINHA. A mim? Nunca. Sara é que percebia, e me contava...

GERVASIO. Mais de uma vez, tentando fugir, arrancar-me a esta situação que considerava insoluvel, pedi dispensa...

D. EMILIA. Mas Luizinha não queria outro professor...

LUIZINHA. E mamãe não queria outro genro...

GERVASIO. E eu não tinha coragem... Porque... Porque... (*Agarrando o braço de Estacio*) Mas diga-me, pelo amor de Deus, eu não estarei sonhando?

ESTACIO. Está vivendo o mais bello sonho da vida.

D. EMILIA. (*Que tem estado enlaçando Luizinha, a Gervasio*) Então para mim não ha um abraço?

GERVASIO. (*Beijando-lhe a mão*) Perdoe-me... Estou tão atordoado...

LUIZINHA. (*Indo buscar Miss Gribble, que appareceêra á porta, em grande toilette*) Apresento-lhe o senhor Gervasio Gomes, um grande artista, que deu á sua Luizinha a honra de acceitar-lhe a mão. Miss Anna Edith Gribble, que me atura desde que eu era assim, e para quem eu sou, e espero ser sempre, a sua pequena Luizinha...

MISS GRIBBLE. O senhor fará venturosa minha pequena Luizinha... Sim... Ambos.

LUIZINHA. Miss Gribble ha-de conservar-se sempre a minha amiga e companheira, não?

MISS GRIBBLE. Sim, sempre! Da minha *terrible* Luizinha.

LUIZINHA. Agora, mais do que nunca, preciso das lições da minha excellente professora. Não sei ser noiva...

MISS GRIBBLE. (*rindo*) Oooolh... Melhor do que eu... Muito.

ESTACIO. Desculpa-me, Gervasio, furtar-lhe por dous minutos a attenção de sua noiva? E' para uma questão grave...

GERVASIO. (*saccando o relogio e sorrindo*) Se é só por dois minutos...

ESTACIO. (*A Luizinha*) Você dá-nos uma palavra? (*Retira-se com Luizinha e Sara, para um lado da scena*).

D. EMILIA. (*A Gervasio*) Que nova conspiração estarão os tres tramando depois da que com tanto successo urdiram contra o senhor? Porque o sr., está visto, foi victima de uma conspiração...

GERVASIO. (*sorrindo*) Victima innocente...

D. EMILIA. Pela sua innocencia não ponho a mão no fogo. Diga que tambem não acredita na minha...

ESTACIO. (*a Luizinha*) Luizinha, você sabia do motivo porque eu dezistira de casar com Sara.

LUIZINHA. Sabia. Isto é... Desconfiei de que houvera na sua vida algum transtorno grave. Só assim se explicava... e Sara não conseguiu occultar-m'o de todo.

SARA. Elia sabia. Eu disse-lh'o.

ESTACIO. (*A Luizinha*) Essa idéa de adopção foi sua. Confesse-o.

SARA. Foi sua, confesse.

LUIZINHA. Não. Essa idéa foi de mamãe. Só della.

ESTACIO. Luizinha!...

LUIZINHA. Estacio, eu limitei-me a pôr em prova a sinceridade da razão que você dera a Sara. Você me perdoa, não perdoa? Eu queria saber com certeza se devia aconselhar Sara a resistir-lhe — ou a esquecel-o. Depois, instei com ella a que resistisse, e luctasse corajosamente...

SARA. E' verdade. Mas foi só isso, Luizinha?

LUIZINHA. Foi. A idéa da adopção de Estacio foi, espontaneamente, de mamãe, que nada sabia e nada sabe. Eu não trahi o segredo que

surprehendi a vocês dois. A idéa que mamãe teve nunca me occorrêra; e entretanto era tão natural, não era? Querem que ella o confirme? (*Chama D. Emilia*).

ESTACIO. Não é preciso. Afinal o diabrete que eu conhecia...

D. EMILIA. Está peior. Eu não lhe disse?

ESTACIO. ...Disfarçava um anjo.

LUIZINHA. (*Chama Gervasio. A este*). Estacio está-me revelando que eu sou um anjo. O senhor sabia? Porque nunca me disse?

GERVASIO. Porque era inutil. O seu dedo mindinho advinhava tão bem tudo que eu pensava e sentia...

O COPEIRO. (*á porta*) O jantar está servido.

D. EMILIA. Vamos jantar. Jantar de noivos (*a miss Gribble*) Convido-a para sentar-se ao meu lado. Só assim teremos, as duas, com quem conversar. E a pobre de miss Gribble tem agora tarefa dobrada: tomar conta de dois...

MISS GRIBBLE. Oooh, não! Só um (*aponta e acaricia Luizinha*) Um. Sempre, não?

D. EMILIA. Em todo o caso, recommendo-lhe... os quatro. (*Todos riem. D. Emilia, Sara e Estacio saem. Miss Gribble fica junto á porta, esperando*).

LUIZINHA. (*A Gervasio*) E diga-me agora, não era um exaggero seu pensar que a flor do meu beijo

Pende de rama tão alta?

(*Gervasio faz um movimento para colher o beijo que ella lhe offerece*).

MISS GRIBBLE. (*avançando*) Oooh!... *Improper!*

CAE O PANNO

VICENTE DE CARVALHO.

NOTA. — "Luizinha, em que o autor, já ao entardecer da vida, tentou pela primeira vez o genero theatral, foi escripta especialmente para duas brilhantes cantoras patricias, as senhoritas Beilah de Andrada e Cecilia Lebeis; assim se explica a inclusão de tantos numeros de canto na comedia. Esta é apenas um pretexto.

— Na impressão do primeiro acto, feita longe das vistas do autor, escaparam alguns erros de revisão, um dos quaes prejudica gravemente o sentido.

Na scena XII, em vez de, como saiu:

"LUIZINHA. Pobre Sara. Vou ver si a distraio e animo. (*A Estacio*) Agora, em vez de musica nambiquara... (*Acompanha Sara com os olhos. Estacio e Miss Gribble cumprimentam-se*) Bom dia!" Deve ler-se:

"LUIZINHA. Pobre Sara. Vou ver si a distraio e animo. (*A Estacio*) Agora, em vez de musica nambiquara... (*Acompanhe Sara com os olhos. Estacio e Miss Gribble cumprimentam-se*)

SARA (*dirigindo-se a Gervasio*) Bom dia!"

V. DE C.

VIAJANDO (1)

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

Discorrendo com Alfredo Varela — Fevereiro, 26.

— Oito ás dez da noite. Le-me Alfredo Varela o longo indice de suas estudadas **Revoluções Cisplatinas.** Embrenhámo-nos em debate especialmente tocante ao nosso periodo regencial. Nelle Diogo Feijó, o trapalhão, unico!, que abandonou o poder para se revoltar contra o poder, é reduzido a justas proporções pelo talento amestrado do eminente historiador.

E, soubesse Varela das cronicas paulistas tanto quanto das riograndenses, certo não esqueceria dos heroismos negativos do padre regente: a lição epistolar de civismo que recebeu do probidozo barão de Caxias; o azilo, em Itapemirim, sob této onde seu nome recordava illegalidade e acinte; a intimação, do Governo Provizorio em 1821, no cazo Nuno de Locio, para que não porfiasse em esconder a verdade; a penitencia do quanto dissera e escrevera contra o celibato clerical, etc.

Dezordenado ventoinha! Inimigo infatigavel dos Andradas emquanto intentavam e realizavam a Independencia, firme os acompanhou quando, praticando elles a maior das illegalidades, entregaram o Brazil a uma criança de quinze annos, arriscando a sorte da nação aos acazos duma loteria politica, felizmente premiada com o longo reinado do segundo imperador.

— "E nós brigámos tanto para desgraça do paiz!", exclamava Feijó em 1841, ao sentir os primeiros simtomas da paralizia, e abraçando o vulto senografico de Antonio Carlos. Um anno depois, mais enfermo e mais tençoeiro, estourava em Sorocaba o movimento de 1842, en-

---

V: a *Revista do Brasil* de agosto.

tre outros motivos para o restabelecimento do ministerio Andrada com excluzão de Aureliano Coutinho; constrangia Rafael Tobias, nas vicissitudes que a dezavizada iniciativa do correligionario lhe acarretára, a dezaparecer na estrada da Faxina, rumo sul; e grudava na historia paulista a menos respeitavel de suas documentadas paginas: uma rebellião quazi sem combates!

Excepção aberta aos tiroteios sustentados no norte da provincia pela valentia do, injustamente esquecido, Anacleto Ferreira Pinto, o que se viu em 1842 de notavel foi uma fuga geral. Não fugiram os dous Andradas, já velhinhos; tendo tomado **passagem na barca** (linguagem do tempo), foram detidos nas suas proprias rezidencias no Rio de Janeiro. Não fugiu Feijó porque não poude. Escapuliram os demais atores da peça. Na sua fazenda ocultou-os, muitos, o generozo conservador José Manoel da Fonseca; magnanimidade essa que, incompatibilizando-o então com os chefes do seu partido, veiu, em 1854 e no animo imperial, contribuir para a sua escolha de senador. Conseguira furar a lista triplice como dissidente, isso devido ao auxilio da votação liberal, pequena porém grata, que obtivera sem pedir.

Estudando a rebellião de 1842, parece-me assistir á comedia fantastica — **O Gato Preto;** correm todos quando o bicho aparece. Foi inscientemente em ambas essas comedias que o sr. Benedito Calixto colheu inspirações para — **A Morte do Bispo,** sacratissima tela da qual um corpo se escafede moldura a fóra, esquecendo um pé dentro do quadro.

Ha annos, poucos, em réplica á artigos, muitos, contrarios á incrivel tentativa do aumento do consumo pelo aumento do preço (**valorização do café**), uma commissão espontanea de competentes inesperados encommendou a não sei quem, á custa dos erarios publicos, uma estatua e a dr. Egas, que eu tenho absoluta certeza de haver conhecido, um par de volumes: tudo concernente a Diogo Feijó. Dessa parte tipografica da homenagem, e que revelou dispor o padre regente de estro poetico, voz de trovão e sonetos alheios, cumpre salientar, a bem da reconstrução historica, a ida de Francisco de Paula Souza e Mello á Europa em 1822.

E morreu em 1851 o insigne prezidente do conselho do gabinete de 31 de Maio de 1848, ignorando haver feito similhante viagem!

Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden.

O Rio, visto do morro da Gloria.

unesp

Evidentemente... "ha alguma coiza de podre no reino da Dinamarca".

.....

Partida. Chegada. Roma. Fevereiro, 27.

— Corre o trem. Velocidade um pouco superior á entre Santos e Jundiaí. Montanhas, valles, aspétos, sucessivos, porém não de todo dezeguaes, lembram os ultimos trechos de Niterói a Vitoria.

Atravesso e margino villas e aldeias com a pretensora denominação de cidade, mal podendo reparar que na Italia não é frequente a repintura das cazas. A' esquerda, mais que á direita, como que as povoações descem dos morros, escorregando, deixando lá em cima — ruinas em ruinas, vestigios branconegros de vetustos castellos feudaes.

Pessima impressão! Aquelles torreões esburacados, meço-os como documentos da covardia que couraçava o fidalgo contra o peão servente, contra o agricultor, contra o trabalho, contra o municipalismo incipiente, contra o commercio egualitario. Enfada-me o senhor feudal. Aborrece-me a falsificação que o exalta. Não foi esse sanguinario illetrado, assaltante pertinaz, que impediu, como se acredita, o derradeiro espraiar do muzulmano entre Tours e Poitiers; o que alli houve foi a derrota do filho da zona torrida pelo inverno. Não se puderam entender o siroco e a neve, o mourisco e o flavio. Carlos Martel só tres dias depois apreendeu o tamanho do triunfo!

— Corre o trem, accelerado cada vez mais. Voa e corre, cortando planicies arborizadas, com limites a variar de fórma, ora de pedra escura,algumas vezes de arbustos cortados e alinhados como as das antigas chacaras de Botafogo. Lá ao longe, carneiros, em grupos esbranquiçados, obedientes a um ou dois pastores e o indefectivel cão. Tudo em tanta ordem, tudo com tanta regularidade!

Vêm chegando a tarde e a fome. Boa comida. Somos quatro á mezinha: eu e companhia, um inglez e companhia; muito cazados, nós; recemcazados, elles. Parece-me... Mas não é possivel! Aquillo foi aperto de botina, ou é unha encravada. Que teria a inglezinha com o meu pé? A Europa é um perigo para os sexagenarios.

Corre o trem. Fogem povoações, campos, plantações, manadas. Dizem-me que, na Italia, quanto mais ao norte, mais intensas as manifestações da atividade, mais cultura,

mais industria, mais dinheiro. Bonita a luta humana! Quantos interesses, enlaçados, complicados, a servi-la! Mas **quantula sint hominum corpuscula!** Lamentação de Juvenal que o nosso Paulo Eiró tão bem significou:

Vem a morte de foice e acaba tudo!

. . . . . .

Já em Roma.

— A pedido da chuva e do recebimento das malas, adio para melhor ocazião as exclamações e a ternura com que pretendia chegar á Cidade Eterna e ver o Tibre. Vou para o Hotel Flora. Luxo toleravel. Vastas salas de refeição. Delicadeza dos criados. Avizam-me: ao almoço relativa liberdade de trajes; com capa ou sem capa, com pintura ou sem ella, de ou sem chapeu e até com bonézinho irlandez: tudo aqui é permitido. Ao jantar (alcancei-o; ceei-o) tudo muda: **smocking**, collete branco ou sarapintado, luvas para serem descalçadas logo que aparece a sopa, silencio, e muitos criados de cazaca. Dezoito liras diarias por pessoa.

Que porção de gente feia! Este hotel é especialista em caras medonhas e inglezas decotadas. Tão bem despidas essas inglezas com caras ponteagudas! Suspeito que seu governo as exporta para diminuir a população dos outros paizes. Em Atenas, no IV seculo A. C., foi verificado corresponder, á nudez dos atletas, baixa pronunciadissima na média dos cazamentos. Essas caveiras lá estabeleceriam o deserto.

Mais que toleravel foi, entretanto, a primeira impressão que recebi de Roma. Ruas largas e limpas. Edificações limpas e largas. Cavallos possantes, como não os temos no Brazil, puxando um a trote, morro acima, carruagem com tres pessoas alem do cocheiro; moderação nas gorgetas; afabilidade geral.

Do carro, que por instantes estacionára, reparei em duas carinhas redondas, bonitas, moças, tão alegres, tão contentes! Eram naturalmente duas irmãs, duas amigas, duas companheiras. Traziam vestidos eguaes; cochichavam confiadamente, sorrindo. Que cazo sadio! E' tão rara essa intimidade entre duas moças! Tão mais rara entre duas irmãs bonitas!

— A' noite. Foge-me o sómno. Para obtel-o vou examinar a conta do hoteleiro de Napoles; pagara-a sem verificação. Ui! Para cobrar-me uma lira por perfido café,

o tratante contava-a por quatro. Da diaria excluia tudo: excluia comida, chá, talher, guardanapo, pão, manteiga, e, depois de cotar almoço e jantar por inteiro, cobrava por preços demolidores cada um dos pratos separadamente.

Agora, sim, eu sei porque o rapinocrata só á ultima hora, á saída, me aprezentou a conta com a qual, illimitada que fosse a minha prevenção, eu não poderia contar. E' pauperrima a adjetivação portugueza para qualificar esse bandido, que eu recommendo, com apopletica sinceridade, ao nojo e á auzencia dos vizitantes de ambos os hemisferios.

Acode ao nome de Carlos Rossi. E' alto, magro, algum tanto palreiro, insinuante como todo biltre apatacado. Uza olhar pensativo; tem ares de quem medita um poema. Napolitanamente falando, Carlos é a adaptação hoteleira de Mandrino com ligações originaes ao Pateo dos Milagres. Nada o demove de furtar; suas aspirações rezidem definitivamente na carteira do proximo. Carlos Rossi pertence á diretoria de associação protetora de estrangeiros contra os exploradores. Tem, pois, a perfidia facil.

. . . . . .

Latrão e Colizeu — Fevere'ro, 28.

— Delicadissimo, procura-me o dr. Bruno Chaves. Está pezarozo o digno diplomata, verdadeira providencia dos brazileiros aqui. Acabrunha-o a morte do professor Angelo Gubernatis, honesto amigo da justiça e do Brazil, discordante do laudo da Guianna, com o qual a Inglaterra se pagou da intimação para o recuo do Menelick. Angelo Gubernatis, em dicionario biografico, admitiu alguns nomes brazileiros. Raro.

— Antes de concordar em que a **Egreja de S. João de Latrão** seja a mais antiga das que Constantino oficializou, é obrigatoria (porque caminho commodo, e a **porta santa** só se abre em anno de jubileu) a passagem pela praça fronteira onde está a reclamar elogio o obelisco egipciaco de granito vermelho, alto de mais de quarenta metros. Foi roubado á terra dos Faraós ha mais ou memos dezesete seculos. Tratasse-se dum guarda-chuva de segunda mão, ou duma duzia de meias, e o larapio teria sido chamado á policia para averiguações. O cazo, porém, foi com um obelisco e com o filho de S. Helena, e ficou por isso mesmo.

Entro. Logo, á esquerda, continuando idéas despertadas pelo obelisco, aquella caveira vendo quem chega, mexendo-se no fundo negrissimo do quadro! Assusta. O alem egipcíaco invadiu todas as religiões, todas as artes, e ainda na pintura suas entradas são inapagaveis. Dalli, daquella baixada, por onde desceram dos planaltos aziaticos para a Europa peninsulada immigrantes e civilizações (isto é de Draper), até as formulas juridicas partiram em busca do ocidente. Das margens do Nilo veiu, tendo talvez lá nascido, crescido e minguado, a instituição do juri, melhor que a atual, pois os jurados, trinta em numero, eram trazidos de localidade diversa da em que o delito fôra praticado. A mentiroza epigraphe — **Allegações Finaes,** ainda hoje conservada em autos que os juizes guardam annos e annos na gaveta, recebendo o ordenado por inteiro, é tambem um legado que o velho Egito nos entregou. Mas deixemos o Nilo e voltemos ao Tibre e a Latrão.

Na velhice desta Egreja são indisfarçaveis varias, avariadas e fragmentadas restaurações. Sobre o altar-mor está uma da popularizada e admirada **Ceia** de Lionardo da Vinci, trabalho, no original, superior em concepção porém não em execução ao do luzitano Estevão Gonçalves (1610) e que é, quiçá, a pagina mais artistica do seu artistico Missal. O tento curiozo do famulo e o ciato a um canto, sinalou-os o portuguez, olvidou-os o italiano.

Fiz alto deante da tela em que **Bonifacio VIII,** com o olhar untuozo do inquizidor, está a requerer que se lhe reaplique a valente bofetada de Nogaret. Quando, em baixo do altar privilegiado onde só ao papa (ou a procurador em causa propria) é permitido rezar missa, me mostraram os craneos de **S. Pedro** e **S. Paulo,** custei a engolir uma reverendissima gargalhada. Mirei-os com caricato respeito (não entendo, mas foi isso mesmo) e chamei á memoria os onze apostolos que, excluido S. Paulo cuja convivencia com S. Pedro e grupo foi quazi nulla, formam com aquelle calvo (Era-o? Ha duvidas.) um numero cabalistico: pois, multiplicado pela somma de duas trindades, produz o dos discipulos secretos do filho de Miriam. Esse numero era venerado pelos essenios e ainda hoje merece decifrações ocultistas. Franzi a testa. Silenciei um minuto. Retirei-me solenne sem dar gratificação ao explicador dessas milagrozas reliquias. Ficou assim com cara de quem tem de ir á caza do dentista.

O templo é grandiozo. O muzeu, onde prima pela perfeição uma estatua de **Sofocles,** e onde atráe especial re-

paro o baixo relevo — **Orestes auxiliado por Pilades**, justifica pela sua superioridade na divizão e na collocação das obras de arte, e bastante pelo asseio, a abundante concorrencia de vizitantes. Perturba-o, porém, a confuzão do sagrado com o profano; o **omnia fanda nefanda malo permixta furore** da imprecação de Catullo encontraria em Latrão pannos para manga.

A deuza da abundancia (Ceres?); uma implacavel placa recordando o jubileu de 1875; uma inscrição em latim joven sobre sarcofago de sacerdote portuguez; cinco dos doze apostolos (**Mateus, Felipe, Tomé, Jacó** e **Tadeu**) ensaiados uns nos outros: identicos em melenas, altura, barba e gesto: quazi substituiram por limitada molhadela o banho de arte que a Latrão me chamára.

— Entardece. Vou ao Colizeu. Conhecia-o pela leitura, no Conde de Montecristo, do rapto de Alberto de Morcerf; fraquissima fonte de informação, portanto. Enorme! Excede de meio quilometro sua circumferencia; sua altura atinge a cincoenta metros.

— Busco lá em cima, no segundo andar, ponto de vista que me facilite receber e localizar na atenção esse exorbitante atestado da vaidade dos Flavios! Começou-o Vespaziano o somitico; completou-o Tito o maroto. A iniquidade avarenta do pai manifestou-se num decennio de tirannia odioza; o que foi e o que seria o filho si uma benemerita febre o não suprimisse, di-lo a destruição de Jerusalem, atrocidade com escalas pelo morticinio e pelo incendio; di-lo, ainda, aquelle **canudo de ferro que matava de longe** (polvora? salitre?) os escaveirados mas rezolutos infantes de João Bargioras.

Era então Jerusalem o quinto nucleo ocidental em população; era uma das metropoles do pensamento humano. Alli se discutia. Filozofava-se bastante alli. Dum dos seus festins saíra, quarenta annos havia, dos labios de Cleopatra, passageira amante do generozo Herodes, a mais profunda duvida oposta á exploradora toleima da resurreição da carne. "Mas as mulheres resuscitam núas ou vestidas?", perguntou Cleopatra.

Perfeitamente! O que a mulher tem de mais espontaneo, e por isso mais bello, é o pudor.

Mas Latrão e Colizeu... Quanto dinheiro gasto! Aproveitados esses esforços e respetivos metaes (então só corria dinheiro de pezo, embora Egger discuta si os gregos conheciam a letra de cambio) em prol da navegação e não de eus imaginados pelo antropomorfismo, da astronomia

e não dos gladiadores, poderia a America ter sido chamada á civilização doze ou quatorze seculos antes de haver o primeiro Cortereal tocado ás praias do Labrador (1464?). Eu já disse isso não sei onde. Repito porque amo a verdade, e em amor são permitidas as repetições.

Colizeu e Latrão: acertei vizitando-os num mesmo dia. Ligam-se encaixadamente no meu animo religião e governo: a batina do padre e a farda do soldado. Geram e alimentam em collaboração o mal que podem; quando, porém, brigam e se separam, o progresso, aproveitando-se do intersticio, alarga-o, abrindo caminho ao futuro que chega. Exemplos? Rivalizando quarteis e altares, a guerra dos Trinta Annos exercitou a Allemanha na pratica do livre exame, e, opulentada a mentalidade européa por culminancias chamadas Descartes, Spinoza, Pascal, Cromwell, repercutidamente o mundo melhorou depois da paz de Vestefalia.

Na França de 1789, separados clero e nobreza armada, brilhou a aurora da liberdade civil. Em Portugal o pombalismo, trucidando a inquizição e a fidalguia militarizada, interrompeu a quéda da nacionalidade e preparou a alma popular para instituições mais democraticas.

No Brazil, irmanados o teologismo e a cazerna, fenomeno sequente ao termo da guerra do Paraguai e á prizão dos bispos, foram de tal arte solapadas as instituições liberaes que, após tres quinquenios, teve a nação de sofrer o mais incontestavel retrocesso. Tiraram-lhe cerca de seiscentos mil contos para engordar frades estrangeiros. Septuplicaram as responsabilidades do paiz. Aboliram a prestação de contas. Eternizaram a moeda fiduciaria. Alugaram a liberdade de imprensa. Em compensação arranjaram um cardeal. Ora, muito obrigado!

Basta de divagações. Boa noite, Martim.

Um dia cheio — Março, 1.º

— Sufóco! Diluvio de coizas ecleziasticas. Sete horas de liturgia, teologia, arte, muita arte, crendices, ergotismos, quadros, estatuas, mozaicos, e sobretudo de aproveitamento de materiaes pagãos para arranjos do cristianismo catolico. Religião forte! Vinte seculos de adaptação de desdobramentos alheios, e ainda reziste! Discute o passado, luta no prezente, confia no futuro. Superior ás outras em arquitetura, pintura, escultura, muzica; unica que teve e tem oratoria. Não me houvesse Bacon lecionado, para ra-

cionar convicções, a observação e a experimentação, e eu seria catolico apostolico romano.

— Dia cheio. Saí cedo. Carro aberto. Estomago acautelado. Quantos inesperados! Um frade me bateu á cabeça com vara um bocadinho mais comprida que o general Lauro Muller. Mostrou-me, outro, um S. Felix petrificado, duro de roer. Apontou-me um sacristão caixote de porfiro, conservador de todos (e os craneos que eu vi hontem?) os restos de S. Pedro e S. Paulo, tão amigos depois de mortos! Passei a mão, alizadoramente, sobre o marmore no qual S. Praxedes, repetindo costume de Annibal Barca e prevendo o do nosso almirante marquez de Tamandaré, demonstrava não gostar de leito macio. Fugi á aprezentação dum dente de S. João Baptista na **Egreja de S. Maria Maior**. Vi e elogiei as roupas com que o Cardeal Merri del Val, amanhã, nella rezará festa sacra (é isso mesmo) com muitas circumstancias, e que tem a promessa, que não cumprirei, de minha amavel prezença.

Ainda em **S. Maria Maior**: numa concavidade, rezolutamente perennes, estavam os sarcofagos dos sete macabeus. Estavam no escuro; cor local, portanto: o assumto não é muito claro, e o frenetico Antioco Epifanio, que o poderia elucidar, falleceu ha tanto tempo!

Milagres a valer! Cristo quasi sempre nú. Do Deus uno, idéa bazica do semitismo, parcos, apagadissimos vestigios; muitos santos, altos quazi sempre, muitos martires. anjos em abundancia. Quanta confuzão da historia com a invencionice, da veracidade com a peta! A bandeira tomada aos turcos em Lepanto tem ao lado uma tela afirmadora da vizão papal que predizia a vitoria. Num altar, um pedacinho do berço de Jezus;um pouco adeante o tumulo de Paulina Borghese, a mais que fogoza irmã de Bonaparte.

— Vizitei, em rapida inspeção intencional, S. Pedro, S. Maria Maior, S. Afonso, S. Pedro in Vincoli, e S. Maria dos Anjos, construida esta no local das termas de Diocleciano e notavel, entre outras rarezas, pelas columnas imaginarias cuja não realidade só se manifesta quando se lhe chega ao altamor.

Beirei a formoza fonte de Trevi, e soube da agradavel superstição que a enfeita: quem lhe atirar uma moeda terá de voltar a Roma. Limpam-na mensalmente dois funcionarios sem ordenado; contentam-se com as moedas arrecadadas. Atirei uma; caiu em terra. Apanhou-a um menino, saudou-me, e retirou-se com a altivez dum senador

do tempo dos Fabios. Pareceu-me justa e corréta a estatua de Carlos Alberto: está mediocre. O cavallo não oculta intenções pacatas. Cogitava provavelmente de sua mudança definitiva para a cidade do Porto, que guarda o coração do dono.

— Segue o carro. Segue. Segue: Repentinamente me vejo num centro historico. Abarrotam-me os assumtos.

Distanciada talvez de quinhentos metros, a cupola de **S. Pedro** vai baixando, dezaparecendo á proporção que me aproximo; tapa-a uma pratibanda encommendada pelo dispensavel PauloV, o arrecadador das glorias artisticas desse cardeal Sipião cujo retrato, sofrivel em sua expressão semitriste, como que invocando o **sic vos non vobis**, adorna um dos compartimentos baixos de S. Maria Maior. A' direita o Castello de S. Angelo, superpondo-se á memoria e ao sepulcro de Adriano (tambem os monumentos lutam!). A' esquerda o hotelzinho onde morou lord Byron. Lá ao longe, espaçozo, dominante, sobrevivente ás civilizações que esmagou: o Vaticano. Quazi ás minhas costas (nem que eu fosse Atlas!), moderno, arejado, dezafiando cotejos com o passado, o Palacio da Justiça, solida e grande edificação que tanto cooperou para a solidez monetaria de tantos intermediarios politicos!

Interrompo com o meu silencio os apartes dos companheiros de excursão. Quantas idéas me estão a alvoroçar o cerebro! Adeante, adeante. S. Pedro vai crescendo; suas columnas dilatam-se, sobejam; olhadas dum ponto central da praça, só é possivel ver as da frente, simetricamente se escondendo as outras. E ficam-me ao duplo alcance da atenção e da vista o Obelisco de Heliopolis, as duas fontes, e, lá no fundo, á esquerda, parodiando o importuno que entrou com sapato sujo em sala de baile, ignobil, minusculo, contrafeito, o edificio onde funcionou e ainda finge que funciona o Tribunal do Santo Oficio.

. . . . . .

S. Pedro.

— O grandiozo no grande. Quanta meditação, quanta aptidão, quanta sinceridade, quanta fé, no preparamento desse, o maior templo que o mundo suporta, e dentro do qual setenta mil pessoas se podem mover á vontade. Entrei. Nada de açodamento; ás minhas ordens o acazo e a curiozidade. Sou capaz de recordar a decima parte do que

vi na maior das propriedades do porteiro dos céus? Não. Nem eu, nem ninguem.

Examinei, elogiei, mas de fato pouco entendi, a muito examinada, elogiada e recommendada renda especial das vestes de **Leão XII.** Se nem de rendas publicas eu percebo as bordaduras! Sorri ao nariz sensual de **Alexandre VI.** Extaziado, fitei os anjos nús e honestos de Canovas. Foi-me inevitavel um S. Elias, edição inalterada das barbas e do gesto daquelles apostolos que me haviam impacientado na vespera. Ainda Canovas: estupendos, maravilhozos, os dois leões que guardam a figura de Clemente XIII; um delles ameaça, o outro ruge, morde! Aprovei (modestia, como vai-você?) o movimento oratorio de Benedicto XIV. O manto de Pio VI demonstra que Canovas original nada perde quando comparado a Canovas restaurador.

. . . . . .

Argumentei commigo mesmo (não conheço em portuguez tradução que diga bem o ensimesmismo castelhano) a respeito da autenticidade dalgumas esculturas com falta de mostras pagans, mas atribuidas ao primeiro secuto do cristianismo. A cabelleira de Cristo, numa dellas, repartida ao meio, descia lateralmente, suprimindo metade da testa: aspéto uniforme em reprezentações esculturaes do IV ao VI seculo, e até feitio insistente na numismatica oriental. Possuo moeda bizantina, oiro, retrato de Honorius, não muito diferente do Cristo da arte oriental imaginado antes do amalgama teogonico produzido pelo primeiro concilio de Nicéa.

Desci á cripta. Já se sabe: licença especial, verbozamente gratuita, mas custando tres liras entregues pelo sistema do contrabando russo: pagamento, com a mão esquerda á mão esquerda, pelas costas. Traduzi e argumentei inscrições. Errei quanto ao local, todavia duvidozo, da morte de Bonifacio VIII; pilhei, porém, em erro bravio o caustico e illustrado reverendo que me acompanhava: pilhei-o ignorante de que João XXI tivesse sido portuguez. Gostei. Agradavel a malignidade pedante em seara alheia! Despedimo-nos cutucantemente; disse-me o frade: **"Bonifacio VIII morreu na prizão"**; cortejei-o, repetindo pela quarta vez: **João XXI era portuguez."** Si lhe não dobrei a bengala no lombo foi porque tive receio de que elle me fizesse o mesmo. Só porisso.

. . . . . .

— Pedi e aceitei explicações a respeito da astuciosa ironia de Bernini nas quatro admiraveis columnas do altar-mor; o cazo, eu o conhecia assim como quem sabe musica de ouvido. Ella a ellas, ironia e columnas, alludem a fato intimo; talhou-as o artista para se vingar de papa cujo sobrinho, demasiado ardente, obtivera impunidade em illogica amorosa perturbadora da paz familiar de Bernini.

— Estaquei deante da **Piedade.** Immobilizou-me aquella inexcedivel exatidão do sentimento. Aflitiva exatidão! Aquelles braços afinados, pallidos, inertes, descarnados, sem pulso, dedos algidos, eu os vira, eu os sofrera havia poucas semanas, eu os dobrara em feição derradeira. Eu estava a enxergar os braços de minha mãe. E, angustiado pela maior das saudades, terminei minha vizita ao maior dos templos.

. . . . . .

Moizés.

— Pareceia-me impossivel! O mesmo cinzel que interpretára a resignação, a bondade, a **piedade,** a dor em sua maxima indagação, era o creador desse Moizés que me acorrentava durante uma hora, que me impunha o assombro e o espanto?!

Parla! disse-lhe Miguel Angelo, e a estatua obedeceu. E, prodigioza, inexcedivel de perfeição, emquanto mundo e arte existirem, ha de falar esse **Moizés** a traduzir e entreter todos os sentimentos superiores da alma, a summariar as mais elevadas concepções do espirito. Esse marmore pensa? Manda? Perscruta? Decide? Que vê olhando para a esquerda? Tumultuam-no os pensamentos, sem que vacillem, por instante siquer, a paixão da soberania e a violenta convicção do predominio. Sente-se que todos os heroismos se reunem naquella obra prima da esculptura moderna. Ha, naquelle modelo, consubstanciados, reajuntados, o condutor de povos e o organizador de civilizações.

Era tão grande o que estava eu a ver! E tão pequeno o que, para avalia-lo, me forneceia a memoria! Quanto aquella revelação do genio em sua pujança inflexivel, em sua eterna louçania, revelação inteiriça, energica, se distanciava do apenas corajozo sabio que eu encontrára em Diodoro Siculo? Do magico da Apologia de Apuleio, apupado o seu nome porque proferido numa das ocaziões mais misticas, e por isso mais precocemente cadueas da mentalidade humana? Do legislador eloquente, que Stra-

bão celebrava, harmonizando pela amenidade e pela persistencia vencedores e vencidos, tribus e instituições?

Que valiam migalhas de alimentos classicos deante do prodigio cuja compreensão me dezanimava de altear a intelligencia á altura desse **Moizés** legendario, emigrante rezoluto, arrojado centralizador dos ideaes semitas?

Aquelle marmore, aquella estatua... E' Jupiter de Fidias, tambem sentado, mas tambem uma das sete maravilhas desse lago onde nasceram e renasceram civilizações. E' Adonai, feroz, irado, mas poderozo e imponente tambem. E' Tezeu, humano, porém delineando lá da penumbra mitologica os superlegaes de Aristoteles, os reprezentativos de Emerson, os heroes de Carlile e o superomem Frederico de Nietzsche.

Olhei. Olhei: Veiu-me impeto de abraçar as pessoas que me ladeavam. Senti orgulho de ser homem, de pertencer á especie que esculpiu **Moizés.** Retirei-me, no emtanto, de cabeça baixa. Acabrunhava-me a maior sensação artistica que até então experimentára. Aquelle marmore, aquella estatua...

. . . . . .

Ossos — Março, 2.

— Num vasto almoço oferecido pela distintissima familia Bruno Chaves, reato relações com o arroz de forno. Reato-as, horas mais tarde, no sumtuozo Hotel Excelsior (num **five ó clock** chibante de bilhetes de rifa, bispo do Maranhão, marquezas e duquezas bonitas, tendo uma destas me prometido aceitar o conselho, que lhe dei, de nunca mudar de edade e de fizionomia), com Magalhães de Azeredo, pacato diplomata e suavissimo poeta, que me recordou haver, em S. Paulo, 1892, rua de S. Bento, a propozito da despropozitada depozição do dr. Americo Braziliense, tomado parte ativa num motim que (foi sempre isso!) a policia me obrigou a promover.

No intervallo entre o arroz e o poeta, convidei-me a conhecer a Egreja de S. André, séria e ultima construção do gaiato Bernini, tendo ainda arranjado algum tempo de demora na dos Capuchinhos, bazilica encommendada pelo infatigavel Urbano VIII.

Na sacristia da primeira, e manifestamente mais antigo do que ella, está um formozo Cristo, luzente, com a meiguice do olhar a exigir que não se saia dalli sem que ao exame da tela suceda alguma saudade de deixa-la. A

um padre velho, com traços inequivocos de jamais haver assustado o mundo com os seus conceitos, a quem pedi que examinasse com uma lente se era com efeito a data de 1612 a que me parecia estar no reverso do quadro, ouvi a declaração de que nunca ouvira falar de lentes, desconhecendo em absoluto o que fossem ellas.

Na Egreja dos Capuchinhos duas coizas notaveis reclamam recordação. E' a primeira o copiadissimo Mercurio cristão: **S. Miguel vencendo o diabo;** este com o rosto baralhadamente dividido: parte de Miguel Angelo e um pouco menos de Clemente VIII; aquelle, o anjo, bello, num tenuissimo azul, mas energico, vingador, e com a espada prestes a ferir. A' direita, quazi a alcançar o meio do templo, o **Extase e a Morte de S. Francisco,** superior concepção e sofrivel execução, não tendo podido a unidade da segunda corresponder ao duplo pensamento da primeira.

— Tem tres metros e meio de comprimento e tres de altura cada um dos tres compartimentos aos quaes desci, e onde me aguardava um espetaculo inesperado e originalissimo. Ordeiramente sobrepostos, fingindo candelabros, leitos, almadraques, cadeirinhas, limpissimos e alvissimos ossos de — deram-se esse numero como averiguado — quatro mil frades capuchinhos. A's paredes do corredor, linhas de ossinhos, ora em réta, ora em torcicollos, em caprichados arabescos, distrairam-me lugubremente a imaginação.

Procedesse alli o profeta Ezequiel a segundo chamamento de ossadas, e não sei como caberiam em tão limitado espaço quarenta centenas de capuchinhos!

E com a idéa de morte fecho esta nota. Coincidencia: anniversario da de meu pai. Teria hoje oitenta e sete annos. Coração intelligente. Lealdade illustrada. Altivez generoza.

. . . . . .

Villa Borghese. Vaticano — Março, 3.

— Na Villa Borghese cabem perfeitamente duas cidades. Por ter mais espaço disponivel do que uma canda de orçamento, não negou ella rezidencia a duas estatuas que lh'a pediram com relativas allegações: a de Goethe porque lhe morou numa das ruas algum tempo; e a de Vitor Hugo porque, franceza, necessitava de ostentar contradita á allemã. Corrétas, bonitas, muito bem rodeadas de jardinagem ambas; a segunda, porém, é mais barriguda do que a primeira. Explica-se: foi mais politico o modelo.

Perguntado, esclareceu-me o guia tratar-se de prezentes que a delicada villa Borghese não poderia recuzar sem ofensa aos elementares preceitos da cortezia. Concordei, mas raciocinei. Ha prezentes que devem ser passados (adeante). Nesse genero, hoje na Pinacoteca do Vaticano, esbarrei num retrato de Jorge IV, gritante de pendericalhos, incommodo, possivelmente alcoolizado; aquillo ainda acaba pagando carceragem! Ainda no genero: em 1884, um goiano, delirante da leitura de artigos do conselheiro Bernardo Gavião contra o conselheiro Andrade Figueira, enviou de prezente ao chefe liberal paulista uma onça. Onça grande, insaciavel. Tenho dito.

— Cinco milhões de francos pagaram os dois orgãos com que um nortamericano mimozeou a Egreja de S. Felipe. Isso, sim, é saber dar prezentes! Concordei em que m'os mostrassem, assim como os tétos enriquecidos por interminaveis e caprichozos trabalhos de entalhe; não consenti, porém, que o mesmo mé fizessem com o corpo do santo. Excessivamente timido, e demais ignorante do ao qual dos quatro Felipes canonizados teria de prestar as minhas homenagens, adiei a aprezentação **sine die.** Perto, porém, me foram inevitaveis tranzitorias relações com a salada equestre, doirada em cima, marmorea em baixo, bronzeada dos lados, mas da qual a figura jubiloza de Vitor Emmanuel corrige pela simpatia o acumulo de incongruencias.

— Rumo ao Vaticano. Reentro nos dominios pontificios. Disponho ainda de duas horas. Aplico-as. Que levo eu daqui?

Murillo? Mas o **Cazamento de S. Catarina,** já eu o conhecia por copia cuja fidelidade respeitára o olhar esperto das crianças e a tradicional suavidade das virgens. Andréa del Sarto? Sano de Pietro? Mas o colorido daquelle não está perto do ótimo; e no **Cazamento da Virgem** as onze caras, lapidescentes e reproduzidas, de moças feias, e sobretudo aquelle menino malcreado, manhozo, aconselham a gente a ir ver outra coiza, seja lá o que fôr. Lionardo da Vinci (na plaquinha está Leonardo)? Mas o **S. Jeronimo,** tema fartamente explorado na arte cristã, alem de se não prestar á graça e ao encanto do sabio artista, está incompleto, vizivelmente incompleto. Perugini? Mas a sua **Resurreição** inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados que dormem no primeiro plano. Muito complexa embora, e embora com a provavel collaboração de Julio Romano, lhe é superior, agradavelmente superior, a **Resurreição de Rafael.** Aproximadas

as duas grandes telas (como é de uzo gratificado) para que se as compare, a primeira aborrece.

Mas que levo eu daqui? Muito. Levo Rafael significando toda a pureza idéal da Renascença. Levo as sete creações da **Madona de Foligno**, cada uma das quaes consagraria um mestre. Levo aquelle lindo azul do quadro, onde até as nuvens falam.

. . . . . .

Capitolio e adjacencias — Março, 4.

— Dia lindo. Muita luz. Muita gente. Muito movimento. Roma saiu á rua. Fosse em Tremembé e o padre Valois perguntaria: "Que procissão ha hoje?"

— Leio á porta da Egreja de S. Bernardo: **Indulgencia plena e perpetua.** Não entro. Quando a esmola é grande o pobre desconfia. Entro, porém, intencionado por competente recommendação, em S. Maria da Vitoria. Arte, tanta! Seus seis altares são diversamente bellos. O pulpito, ladeado por seis imagens de marmore, está atraentemente collocado á direita do altarmor. Não me posso demorar, porém; tenho hoje compromisso com outros pontos da Cidade Eterna; ella o é, eu não: por isso devo dozar o meu tempo. Segrego na atenção uma das estatuas. E' dum santo, hirsuto, triste como os seus cinco companheiros. Não lhe consegui saber o nome.

Os hellenos desciam do Olimpo deuzes, irados e valentes, para os envolver nos interesses cá de baixo; nós os neolatinos remetemos para o céu constantemente deuzes tristes. Em toda a teogonia catolica a semsaboria da insipidez descontenta e aflige. Não ha santo alegre. Tem o japonez a sua Okamé, ridente, satisfeita, á parede das salas de refeição. Tinha o grego Sileno, Pan, Baco. O etrusco incluia em suas preocupações o culto de Cloacina. E nós, os educados nas tradições cristãs, só admitimos a permanencia duma hipocondria que monotoniza nossas esperanças no alem.

Li a Biblia duas vezes; consulto-a seguidamente; e nunca em suas tantas paginas encontrei uma gargalhada! Nem nas suas consequencias. As historietas de S. Cristovam espancando o diabo, e S. Gervazio rezolvendo panaricios, mal provocam um começo de sorrizo.

Exquizito! No Brazil, se o bem é triste, o mal é alegre. Satan e Belzebú, rei e locotenente do inferno segundo a lição poetica de Milton, não fizeram carreira do Amazonas ao Prata. Ariel, Abdiel, Asrael e outros diabos caldeus, só têm

tido entrada nas comedias do teatro. Dos demonios indigenas falleceram completamente Anhangá, Boitatá, Curupira; está moribundo o Caciperêrê, e o Caapora, si reziste ao enterro no esquecimento publico, deve essa vantagem unicamente ao fato de, alterando a assinatura para Caipora, se haver mudado para as bancas de jogo acodindo ao nome de sapo. Nem esses, nem o Pedro Malazartes (S. Pedro, impopular na Iberia durante a edade média, por mentir tres vezes a Cristo), nem o Fradinho da Mão Furada, nem mesmo o Calhapembe, o Tinhozo e o Coizaruim, diabos que, com o setentrional Lobisomem, moraram nos nossos centros agricolas á custa das historias que os mucamas contavam ás filhas dos fazendeiros, nem elles, amedrontam deste lado do Atlantico o povo que os despreza solennemente!

Penso que isso está errado. Preferiria diabos tristes e deuzes alegres. Não me ocorre, porém, concerto a dar aos erros da natureza. Não fui consultado a respeito de sua gestação. E conformo-me com o ensinamento de Laplace: o mundo é o que é e não pode ser outra coiza.

. . . . . .

— Ao Capitolio. Tem cem passos dos meus, trezentos do dr. Sabino Barrozo, a ladeira que me leva ao Capitolio. Tem treze metros, não mais e sem rocha, a Rocha Tarpeia no local discutivel que os guias lhe dezignam. Tem pernas magras o cavallo que aguenta o pezo e a censuravel equitação de **Marco Aurelio.** No pedestal, e certamente nos calcanhares desgrudados de Sua Magestade, entremeteu-se Sua Santidade Paulo III, com a mania de inquietar a escultura antiga impondo-lhe modernizados acrescimos. Nos **Dioscuros,** então, essa teima obtem successo de hilaridade.

— Bustos de **Virgilio** e **Cicero** gozam de autenticidade bastantemente endossada, mas **Clodio** pouco atletico e **Bruto** excessivamente joven reclamam alguma contribuição da boa vontade para que alcancem fóros de incontestaveis.

E ha tanta coiza aqui para não ser admirada! **Arquimedes** com uma orelha recemnascida; **Zenon** de boca aberta, incitando á desconfiança de falta de moscas no Peloponezo; e aquella, aliás cotadissima, **Venus Capitolina,** com a mão esquerda assanhadamente restaurada para cima: não, não combinam a consciencia artistica com a petulancia das restaurações. Não é restaurador quem quer. No Vaticano, lembro agora, a verdade dessa mentira tópa, entre outras demonstrações, com a de **Hercules e a Hidra de Lerne.** Ao filho de Alcmena fallava uma perna, que apare-

cen depois de restaurada. Dezastre! Nem dimensões, nem maneira, nem realidade na direção da perna, nem firmeza na relativa pozição dos dedos: tudo dissimilhante da perna que se conservára! A do original é forte, é Hercules; a outra é da série b: é besta.

Mas, tambem, ha tanto que ver! No **Gladiador Ferido,** até os musculos gemem. O **Marte** dezafia que digam o que lhe falta. O **Apollo** está a exigir creação de palavra que suplante o superlativo bellissimo. O **Septimio Severo,** de alabastro, enriquece a sensibilidade do observador, minima que seja a sua educação artistica.

— Sol poente. Vou utiliza-lo no Jardim Zoologico. Bom passeio; magnifica diversão. Vejo pela primeira vez tigres de Bengala, ursos brancos e hienas. Abundam ursos, lobos, mansissimos elefantes e simpaticos hipopotamos; ha javalis e onças pardas. Todos esses meus irmãos era Darwin — por não terem, como eu, mãos que obedeçam rapidamente ás ordens da vontade, e porque, olhando para baixo e não para cima, dispõem de quazi nulla previzão, ignorando sua pozição na terra, e a da terra no espaço — se deixam governar por meia duzia de funcionarios franzinos, poltrões, insignificantes no meio dos da sua especie. Exceto Orfeu, nem um homem foi notavel por haver sido inspetor de animaes bravios.

Imitada, dizem-me, da de Hamburgo, a fórma da habitação das féras, enganando a vista e disfarçando fossos intransponiveis, traz a illuzão de estarmos perto, muito perto dessa porção de bichos. Pareciam-me ao lado, quazi a roçar-me, quando se lhes distribuia a ração da carne. Irritante a roedura de tanto osso.

Chamei á fala o guardador-chefe de tantos prizioneiros, cara sagaz, e roupa fedorentamente suja. Expliquei-lhe pacientemente que o filosofo Lucrecio, seu provavel antepassado, versejára ter o leão duas particularidades dignas de reparo: uma unha na ponta da cauda e medo do olhar do gallo. O homem, atento, confirmou-me a primeira, prometendo-me verificar a segunda. Si cumprir a promessa, gratifica-lo-ei ensinando-lhe a mudar roupa mesmo quando não tenha roupa para mudar. Em 1894, prezo, certo de que a lavadeira se lembrára de esquecer minha roupa limpa, virei toda a roupa suja pelo avesso; vesti-a, salvando assim o asseio da situação.

— Fui, ainda, ao Pincio, recemligada continuação do Jardim, e donde é facil descortinar, pelo menos, dois ter-

ços da cidade. Ergue-se num dos seus pontos extremos a **Academia Artistica de França.** Estava fechada; questão de indole. Cobra duas liras por mez por alumno estrangeiro; questão de preço.

Observando.

— No refeitorio. Tres livros carregados por duas inglezas, irremediavelmente manas, e um inglez condemnado a marido de qualquer dellas, enchem a meza que me fica á direita; essa meia duzia vem, vai, volta, senta-se, levanta-se, sáe, entra, tudo isso silenciozamente. Nada reclama o inglez; as inglezas não proferem palavra. Daquella meza as sillabas são desterradas. Gente enigmatica. Doutro lado, muito mais decifravel, me fica um italiano, moço, oficial de marinha, irrequieto namorado duma francezinha que lhe está á proa mastigando arrecadadoramente. Si se cazam, quanto terá de manobrar o joven marido para içar o talher em dia!

— Vou ao salão de leitura. Sei que não ha jornaes do Brazil; peço-os com insistencia, mas delicadamente. Pratico o que Robespierre definia — o aristocratico prazer de ser incommodo. Tento verificar, num numero do **Times** semanal e no discurso de posse do prezidente democrata Wilson, si cabem ambos no meu **stock** de inglez. Eloquente oração. Honesta. Pacifista como todo discurso de orador que não está embriagado. Quazi o entendi inteiro. Gostei. O illustre advogado quer a justiça, o direito, a seriedade, a liberdade. Perfeitamente.

Ainda não vi programma administrativo que consignasse o furto, o jogo, o impudor e o assassinato como meios governamentaes. Porque? Medito. Tudo neste mundo é incerto, mutavel, transitorio. Ninguem tem, quando governo, o mal como programma; e ninguem mais do que o detentor do poder tem interesse em que tudo caminhe bem. O politico que realizasse o seu programma faria uma administração angelica, original: uma administração tão sublime que os governados lhe não consentiriam que voltasse a ser simples particular. Consequencia: quem no poder realizar o seu programma será sempre poder; ora isso não se harmoniza com a natureza das coizas: porque tudo neste mundo é mutavel e transitorio.

Eis porque ninguem cumpre o que promete. Eis porque o mais que um politico pode fazer é aproximar-se do seu programma; realiza-lo, nunca! Seria suprimir o mal, o que

desvalorizaria o bem por falta de contendor. Desmanchava-se o mundo todo.

Na Camara dos Deputados — Março, 5.

— Velho, mas sem o veneravel prestigio de antiguidade é o edificio da Camara dos Deputados. Velho em tudo. Nos trastes, na construção e até na vadiagem parlamentar. Inferior ao do Brazil no tamanho da sala das sessões, embora maiores tenha as galerias para espectadores. A imprensa fica fóra do recinto, podendo os deputados que gozam de valvulas na moral entrar e sair sem que a intrujice os apoquente.

Vinte e nove deputados assistiam á sessão; quatorze eram calvos; moço, nem um. Debatia-se concessão de linhas ferreas em localidade tripolitana recemannexada. Tres foram os discursinhos lidos em largas meias folhas de papel pautado. Respondeu-lhes o ministro da Viação. Não se ouviu, do que sua excellencia disse, uma fraze inteira. Muito bem! Mas mesmo: muito bem!

Acolhido por expressivo movimento de atenção, aumentado aliás pelo concurso da gente que veiu dos corredores, levantou-se o deputado Turati. Dição rapida. Conceituozo. Conhece-se immediatamente o esgrimista da retorica. Auxiliam-no boa estampa e voz agradavel, dotes indispensaveis aos grandes oradores. Fazem-lhe magnifica atmosféra moral a justa fama em questões de dinheiro, e a dedicação desinteressada ao fraco, ao operario, ao trabalhador, ao pobre.

Aguço olhos e ouvidos. Preparo-me para o enlevo. Vou escutar e entender o **vir bonus dicendi peritus**, que Catão definiu e Quintiliano adotou para modelo dos seus discipulos. Maçada! Projeto perdido! O homem está de costas voltadas para a tribuna donde eu o quero observar; nem mais a cara lhe vejo. Perco infelizmente toda ação oratoria desse talento politico em via de estadista, e cujas qualidades parlantes eu pretendia comparar com as dalguns oradores que, por debates notaveis, me permaneciam na lembrança.

Tinha eu doze annos quando ouvi, em 1865, a celebre réplica de Jozé Bonifacio a Nabuco de Araujo e a irrespondivel tréplica de Angelo Ferraz a Jozé Bonifacio. Galerias repletas. Atenção em alerta. Dois annos mais tarde, ainda criança mas explicadamente curiozo, acompanhei sem pestanejar, encostado a uma balaustrda onde um contínuo me fiscalizava, a interpellação de Joaquim Manoel de Macedo

e a resposta de meu pai, então ministro da justiça. Interessante e renhido debate sobre incidentes da guerra do Paraguai em seu periodo agudo, entre dois professores, letradissimos, tão amigos quanto adversarios! Alcancei-os ainda na Camara em 1880; dambos fui collega, tendo já sido discipulo. Escutei Silveira Martins, Ferri, Jaurés. Aplaudi-os, admirei-os, mas de frente, sempre de frente. De costas estivessem elles, e ter-me-ia esquecido mesmo de que houvessem discursado.

O orador, para quem lhe não olha os olhos, que são as janellas da alma, para quem lhe não pode conjugar o gesto ao pensamento, a ação ás asserções, transforma-se em um ser extranho, inesperado, embaraçozo. Ficam-lhe incompreensiveis os meneios, e inconstantes, protuberantemente excessivas, as suas rotundidades adipozas. Parece uma gallinha poedeira.

Na Camara dos Deputados, no Brazil, tendo-me eu removido da bancada paulista para a de Matto Grosso que lhe está a cavalleiro, não consegui ouvir de frente qualquer discurso dos deputados por S. Paulo.

MARTIM FRANCISCO.

(*Continúa*).

BREVES ANNOTAÇÕES

AO LIVRO

"AÉRIDES"

DO SR. ALBERTO FARIA

«miserum est aliorum incumbere famae,
Ne colapsa ruant subductis tecta columnis».
JUVENAL.

Uma das coisas mais desencorajantes em nosso paiz é a maneira por que, em regra geral, são os livros recebidos.

Se o autor não tem camarilha literaria e é um desconhecido no meio social, o seu livro, regra geral, fica em silencio, muito embora revele talento promissor. Quando muito, como obra de caridade, uma noticiazinha pallida, vaporosa, um nariz de cera inocuo, applicavel a todas as noticias de livros que não se lêem.

Se o autor tem camarilha favoravel, ahi nos vem pela proa o elogio altisonante, guindado ao quinto ceu da adjectivação superlativa.

Se o que elle tem é uma camarilha hostil, estruge a descomponenda rubra e candente.

O que raro apparece é uma critica severa, minuciosa, mas sem odio, que oriente o autor e o publico.

E, assim, os espiritos que produzem vão a tactear nas trevas, mormente os estreantes; e o publico a perder ás vezes bom ouro literario que se esquece nas livrarias, ou a pagar caro muito pechisbeque que os louvores insensatos encarceraram.

Ainda ha pouco, publicando o meu commentario aos *Lusiadas,* senti fundo essa falha do nosso meio literario. Suspirei por uma critica meticulosa, que me apontasse as lacunas e, porventura, me corrigisse os senões em obra de tão alta responsabilidade. Porque senões, quem não os terá?

Até hoje fiquei entregue a mim mesmo, obrigado a ir depu-

rando aos poucos aquella obra, que os criticos poderiam depurar de uma só vez.

Já é tempo de sairmos de um tal estado de coisas deprimente para o nosso meio intellectual.

Com este criterio a guiar-me, procurarei fazer algumas apreciações ao livro "Aérides", do Sr. Alberto Faria.

O seu livro, graças ás noticias que o precederam, era aguardado com anciedade pelo publico.

Parte integrante desse grande publico, amigo das letras — mormente das letras patrias — tambem eu comprei a obra literaria annunciada, com o simples intuito de ler, de aprender, por isso que não me dedico ao ramo em que busca especializar-se o seu autor. Como obscura parte integrante do zé-povo a quem o livro se dirige, trago aqui as minhas impressões, com o mesmo direito com que um cidadão da multidão arengada bate palmas ou aparteia, mas com todo o respeito para com o orador.

Começo por bater palmas, saudando o apparecimento do livro como simples livro.

Numa terra em que dos 20 °|° que sabem ler apenas 20 °|° são os que lêem de facto, devemos, certamente, saudar, com effusão de espirito, o apparecimento de um livro.

Saudemos, primeiramente, a Casa publicadora que se atirou corajosamente a semear em terra maninha. Saudemos, depois, o autor, que viu coroados os seus esforços e a sua justa aspiração. O autor de "Aérides" é um homem esforçado, que se vae fazendo á custa propria, e que merece, só por isso, a homenagem da todos quantos sabem o que é esforço.

Além disso, é um espirito pesquisador, que pode prestar bons serviços na esphera em que labuta, o *folk-lore* nacional.

Dadas estas palmas com toda a sinceridade, peço licença para alguns apartes.

Quanto ao valor da materia que encerra, pode-se dizer que é obra leve, a reedição de ligeiros artigos que o autor publicou outrora em um jornal de Campinas sob o titulo de *Ferros Velhos*. Ha ali paginas de certo interesse ao lado de outras de interesse quasi nenhum, como, por exemplo, aquella a respeito do *sacra auri fames*.

Entre as coisas curiosas que o livro encerra, apontarei a interpretação dada a dois passos obscuros dos *Lusiadas*.

Um é o "Real! real! por Affonso, alto rei de Portugal!" A explicação desse brado, disse eu nos commentarios aos *Lusiadas*, é controversa. Mas, não muito tempo depois de sair a primeira edição, pela leitura de um trecho de Francisco de Andrade na *Chronica de D. João III*, cheguei a ver que não

podia haver duvida quanto á significação da palavra *real*, e, promettendo a Monteiro Lobato uma serie de pequenas curiosidades para a *Revista do Brasil*, destaquei, justamente, essa minha descoberta. Mal sabia eu que a descoberta já tinha sido feita egualmente pelo autor de "Aérides", se bem que pela leitura de outros livros. *Real* está por *arraial*, como muito bem conclue o sr. Alberto Faria. Lamento que na 2.ª edição do meu livro não lhe possa attribuir a primazia da descoberta, visto como chegámos juntos, ainda que por vias diversas, ao mesmo resultado, sem que um deva ao outro coisa alguma.

O passo de Francisco de Andrade vem á pag. 119 do vol. I, edição de 1796, e reza: "deu aquelle acostumado pregão, Arrayal, Arrayal, com que alevantou por Rey naquellas partes el Rey dom João o terceiro".

O segundo é a celebre estancia que levou Faria e Sousa a uma longa tirada inaceeitavel:

"E vós, se na vossa arvore fecunda
Peras pyramidaes, viver quiserdes,
Entregae-vos aos damnos que c'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos".

CANTO IX, 59

O commentario do autor é este:

"As peras pyramidaes, devido ao muito peso, vêm a terra antes da plena maturação, si lh'a não apressam, pelo dessoramento, as bicadas dos passaros; soffrido este processo, em razão do qual o povo lhes chama *peras sangradas*, ficam na arvore, tornando-se saborosas, ao que ouvimos de pomareiros ultramarinos".

Como se vê, se o facto é real — o que vou submetter á prova dos entendidos em pomicultura —a explicação é cabal. Com vivo prazer a incluiria na 2.ª edição do meu *Lusiadas*, com louvores ao autor de *"Aérides"*, se a descoberta tambem já não tivesse sido feita antes pelo illustre poeta sr. Alberto de Oliveira, que m'a revelou em junho de 1917, na casa Garnier, dizendo-me haver consultado tambem o seu pomicultor ultramarino. Em todo caso, a convergencia das descobertas reforça a probabilidade de acerto.

O estylo do autor é bastante rebuscado, deixando transparecer a cada passo o prurido do *preciosismo*, nas expressões pouco usadas por nós outros, pobres mortaes, e que por elle não são apenas usadas, mas abusadas: umas raras, outras

archaicas, outras forjadas. Taes são: *abyssso, alquando, a remotos, antanho, a la par, alfim,* etc. Entre os neologismos vem *classismo,* mal formado, em vez do nosso consagrado *classicismo;* o neologismo graphico *ghirlanda,* tirado do italiano e inteiramente arrevesado em nosso meio; *traslator,* que não é latim nem portuguez, porque o portuguez é *trasladador* e o latim é *translator,* sendo a transformação de *trans* em *tras* um phenomeno puramente phonetico e popular, e que não se pode estender ás palavras de importação erudita; *orgiastico,* tirado correctamente do grego, não ha duvida, mas para substitutir, desnecessariamente, o nosso velho e consagrado *orgiaco; emphasiar* (melhor seria talvez *emphasear*), formação que a lingua não reclamava de maneira alguma. E assim ha outros.

Nesse afan o autor vae mesmo ao ponto de criar um hybrido *ineuphonico,* abandonando desta vez o grego e o nosso humilde *mal soante.*

Passo de largo no tocante ás extravagancias e incongruencias dos signaes diacriticos.

Ora todas essas coisas, quando deixam o leitor enxergar, através da peneira, a *preoccupação* do autor, tendem, fatalmente, a apagar o interesse que a obra deve despertar.

Abre o livro um estudo em torno do bellissimo soneto de Heredia — *Récif de Corail.* Depois de analysar as diversas traducções feitas por alguns de nossos poetas, acoimando-as de viciosas, dá o autor a sua propria traducção. E', sem duvida, um esforço feliz, mas que tem contra si o facto de já haver encontrado o caminho desbastado pelos que o precederam. Além disso a traducção não é impeccavel.

Ao contrario, o 2.º quarteto deixa muito a desejar.

Eil-o:

> *"E tudo quanto o sal, ou quanto o iodo cora,*
> *Musgo, anémona, ouriço e algas filamentaes,*
> *Cobre, a purpura escura, em linhas triumphaes,*
> *O alvi-rendado chão que o polypo elabora".*

O proprio autor confessa, honra lhe seja feita, que a traducção "é susceptivel de reparos meliorativos".

Não será mau que se frisem dois pontos. O primeiro é esse adjectivo *filamentaes,* neologismo, ainda uma vez, adrede forjado, e mui discutivel, que tira ao verso um dos seus mais apreciados requisitos: a naturalidade.

O segundo é quanto ao proprio pensamento encerrado no quarteto. E' tão obscuro que só pode ser apprehendido com alguma facilidade mediante o original francez. E tudo vem

daquella expressão *"a purpura"*, de colorido francez, em vez de *com purpura* ou *de purpura*, que é a nossa phrase genuina.

Vê-se logo que o autor é, sem contradita, um devorador de livros; mas tem-se tambem a impressão perfeita de que, para se tornar proficua nas suas mãos essa erudição apressada, fallece-lhe um preparo anterior, harmonico e paciente. E' que o autor, como muitos, ao entrar para as lides literarias, já podia dizer como o Camões:

> "Vão os annos descendo, e já do estio
> Ha pouco que passar até o outono".

Esse é o mal de muita gente; esse é o mal de quem rabisca estas linhas. Quando, aos dezoito annos, comecei a amar seriamente os estudos, já contava uma serie de *preparatorios* pessimamente preparados, de fórma que vejo as paredes da alma esburacadas e sinto que o meu mal não tem remedio. Já me resignei com a sorte. Mas isto é que não succede com o autor de "Aérides". Elle não se conforma com a fatalidade: na sua ambição justa, mas irrealizavel, em vez de submetter-se ao fado e restringir o ambito de sua actividade, rebella-se, e atira-se afoito por um cipoal garranchento, que lhe lacera as vestes e as carnes.

Por exemplo: elle se arroja a traduzir Anacreonte, um dos poetas mais difficeis que a Grecia nos legou, e na empresa se sae de um modo desastrado. Desastrado, sim, porque se apresenta como que censurando a audacia de Castilho em traduzir Anacreonte, quando confessava não saber grego, e elle proprio revela de entrada, e de modo inequivoco, que lhe faltam os simples rudimentos desse idioma. Isto é patente ainda áquelles que, como o traçador destas notas, possuem apenas tinturas de grego.

Logo no texto, e depois na versão, vem a palavra ὅπως (hópos) graphada erradamente ὂπως. Uma pequenina coisa, é certo, mas que confirma de modo cabal o que ficou dito acima, pois que logo ás primeiras lições de grammatica grega o estudante aprende que o accento grave só se pode usar no fim de uma palavra, na ultima syllaba, em substituição ao accento agudo, quando a essa palavra não se segue ponto.

Egual erro apparece na graphia ὂμοιος (hómoios), p. 72.

Na mesma pag. 72 lê-se esta observação: "A causa tradicional da immortalidade dos deuses, referida por Homero, *Iliada*, V, 340-2, era circular nelles ἰχὼρ (especie de liquido branco), em vez de αἷμα (sangue, propriamente)".

De novo nos vem o accento grave mal collocado, e isto porque a palavra grega o traz no mencionado passo de Homero, onde ella está no conjuncto, iniciando um verso e sem ponto que a separe.

Quanto á interpretação dada ao vocabulo, Pierron, no seu classico e erudito commentario, vol. I, p. 177, diz:

'Ιχώρ. Dans la langue des médecins grecs, l'ichor est le sérum du sang, et même quelquefois la sanie. Il s'agit pour Homère de *tout autre chose*, d'un liquide presque volatil et d'une nature peut s'en faut immaterielle".

A palavra φιλία (*philía*), uma das mais conhecidas dos principiantes, porque é uma das mais caseiras, vem, por duas vezes, em duas linhas, com o accento deslocado para φίλια (*phília*), na p. 79. Mas o que é peior, sem duvida nenhuma, é que a significação que o autor lhe attribue é inteiramente falsa, bem como falsa é a categoria grammatical a que foi ella atirada. Tanto na versão juxtalinear, como nos commentarios, como na traducção em verso, o autor lhe dá a significação de *amiga*, quando se trata do substantivo *amizade*. O adjectivo *amiga* é φίλη (*phílê*), não φιλία.

Como corollario desse erro inicial, o autor faz a palavra φίλυπνε composta de φιλία (transformado em φίλια), mais ὕπνος (graphado erradamente ὕπνός), quando deveria ser formada de φιλ (apócope de φίλος).

Como segundo corollario desse erro inicial, traduziu a phrase de Anacreonte:: φιλία γεωργῶν por *amiga dos lavradores*, caindo assim no mesmo erro de Castilho, a quem pretende corrigir, e fazendo o poeta dizer um contrasenso, pois o que elle quiz significar não é que *a cigarra ama os lavradores* — coisa sem sentido — mas que *os lavradores amam a cigarra*, facto aliás explicado pelo proprio poeta na expressão: "porque ella a ninguem damnifica", o que não succede com outros insectos, que são o pesadelo dos agricultores.

Eis porque, em vez de "tu do lavrador amiga", como traduziu o autor, ou de "a amiga és tu do agricola", conforme a traducção de Castilho, Leconte de Lisle, que sabia grego a fundo, traduziu: "Le laboureur t'aime, car tu ne lui fais point de mal".

O poeta quer dizer que a cigarra é a *amizade dos lavradores*, isto é — o objecto dessa amizade. São justamente essas subtilezas volateis que fazem de Anacreonte um dos poetas mais difficeis, como acima ficou dito.

A expressão ὅπως βασιλεύς foi traduzida: "como um rico", amesquinhando, além do mais, o pensamento do poeta. A palavra *basileus* jamais significou *rico,* mas *rei,* razão por que Leconte de Lisle traduziu: "tu chantes comme un ROI".

O participio do perfeito πεπωκώς foi traduzido pelo nosso gerundio *tendo,* já de si improprio para representar aquella fórma verbal do grego. Parece que o autor, não podendo achar nos diccionarios semelhante fórma, escapou-se com aquella traducção amorpha: *tendo.*

Mas πεπωκώς não procede do verbo *ter* (ἔχω). Tirada a reduplicação πε, caracteristica do perfeito, e a desinencia participal κώς, resta-nos a raiz πο, humilde e prosaica, que nos surge no adjectivo *potavel.*

E' do verbo *beber* (πίνω), no qual entram duas raizes: πι e πο; presente πίνω, perfeito πέπωκα.

Foi por essa razão que Leconte de Lisle traduziu: "*ayant bu*", *havendo bebido.* Perfeita traducção!

A palavra προφήτης foi traduzida *orgam*: a cigarra é *orgam estival!* Ora tal palavra, além do corriqueiro sentido que vemos no nosso *propheta,* significa o *precursor,* o *proclamador,* e como prova disto o excellente diccionario de Liddel and Scott cita justamente o passo de Anacreonte, em que o termo vem transformado em *orgam,* roufenho e minusculo, pela traducção que critico. Ainda uma vez venha Leconte de Lisle: "tu leur annonces l'été". Aquelle *orgam,* pois, está muito desafinado.

A' pagina 209 lemos a expressão: Ἀρχαιότερος Ἰβύκον, explicada entre parenthese: "*mais antiquado que Ibyco*".

Ora comquanto nunca eu tenha visto essa phrase, posso jurar que está errada. Ἴβυκος tem como accusativo Ἴβυκον. O que devia estar ali era o genitivo Ἰβύκου, no qual houve deslocação do accento pela regra de que, sendo a ultima longa, o accento não pode ir além da penultima. A demais, a forma genitiva é pedida no caso pelo adjectivo no grau comparativo, como em latim era requerido o ablativo: *major Petro.* Tenho disto certeza absoluta. Consulte o autor a fonte de onde tirou a phrase e convencer-se-ha do erro em que incidiu.

Donde concluir-se, sem nenhum desdouro aos meritos reaes do autor, que elle, absolutamente, não pode traduzir Anacreonte.

A traducção termina assim:

"Não soffres, nem envelheces,
Aos deuses quasi pareces".

Em nota vem uma variante:

"Não soffres nem te encarquilhas:
Quasi aos deuses te assimilhas:

A variante é melhor do que o texto por duas razões.

Em primeiro lugar, porque *assemelhar* é mais forte do que *parecer,* visto que aponta para a essencia mesma das coisas, ao passo que *parecer* fica nas apparencias externas e, até, fallazes. O adjectivo grego ὅμοιος e o verbo ὁμοιόω exprimem essa idéa mais concisa de semelhança intrinseca ou moral. E' conhecida a celebre discussão theologica ácerca dos adjectivos ὅμοιος e ὁμός com referencia á natureza divina de Christo.

O verbo *parecer,* com o sentido attenuado, é representado no grego pelos verbos δοκέω e φαίνομαι, inglez to *seem,* não *to be like* ou *to assimilate.*

E' ainda a differença entre o franecz *sembler* e *paraître. "Sembler* marque le rapport que la raison trouve entre la chose et ce qui doit être, le bon, le vrai, le beau; *paraître* désigne seulement le dehors, l'aspect, l'apparence". (E. Sommer).

Em segundo lugar, a construcção "aos deuses quasi pareces", sem o reflexivo *te,* é archaica, tão archaica, mesmo, que, Aulete não mais a menciona. Isto lhe empresta um caracter de expressão forçada que a enfraquece. Em versos leves, como aquelles, um archaismo fuliginoso é como um poncho nos hombros de uma criança rosea vestidinha de anjo para a procissão.

Quanto ao grego, tenho dito o sufficiente. Vamos ver o latim. O autor entra com verdadeiro desembaraço nessa lingua que apavora os pobres estudantes, e vae ao ponto de criar algumas expressões. Mas, tambem aqui, o desastre é completo.

Ao citar Vergilio, escreve: "varium et *mutabil* semper femina", em vez do neutro *mutabile* (p. 206).

Na pagina 257 salta-nos um *calcante pedibus,* ablativo absoluto em que entra um participio no singular, com um substantivo no plural!

Na pagina 293 lê-se: *"pro judicium".* Ora qualquer grammatica latina elementar ensinará que entre as preposições que regem *sómente* ablativo está a preposição *pro.* Assim, pois, as coisas de tal maneira se aggravam, que a gente se vê na contingencia de afastar a idéa de descuido de revisão, ainda quando nos citem o *in dubiis pro* REO (com ablativo).

No verso de Juvenal: *Quum Gaetula ducem portaret bellua luscum,* o verbo *portaret* apparece-nos transformado em *porterat* (p. 4.)

Este latim é irmão xiphópago daquelle que nos surge á pag. 153, *"illud ipsum nemo"*, no qual entra o substantivo *nemo*, contracção de *nehemo* = *ne-homo*, e, portanto, naturalmente do genero masculino, acorrentado, no emtanto, de modo berrante, a dois neutros, *illud* e *ipsum!!*

E' escusado procurar escapatoria: *una salus victis*...

O autor achou pouco que respigar na lingua ingleza: dá apenas, á pag. 295, um soneto de Wordsworth. Mas esses quatorze versos estão de tal maneira mutilados, que reclamam uma ambulancia urgente. E' o que se vae ver, comparando o soneto, tal como o poeta o escreveu, com a versão de "Aérides". Vou numerar os versos.

1 — Scorn not the Sonnet; Critic, you have frowned,
2 — Mindless of its just honours; with this key
3 — Shakspeare unlocked his heart; the melody
4 — Of its small lute gave ease to Petrarch's wound;

5 — A thousand times this pipe did Tasso sound;
6 — With it Camöens soothed an exile's grief;
7 — The Sonnet glittered a gay myrtle leaf
8 — Amid the cypress with which Dante crowned

9 — His visionary brow: a glow-worm lamp,
10 — It cheered mild Spenser, called from Faery-land
11 — To struggle through dark ways; and when a damp

12 — Fell round the path of Milton, in his hand
13 — The thing became a trumpet; whence he blew
14 — Soul-animating strains — alas, too few! —

(Macmillan, *Londres e Nova York*, 1893, *p.* 655.)

Versão de "Aérides".

1 — Scorn not the Sonnet; critic you have frowned
2 — Mindles of its honours with this key
3 — Shakespeare unlocked his heart; the melody
4 — Of this small lute gave ease to Petrarch's wound;

5 — A thousand times pipe did Tasso sound;
6 — With it Camoens soothed an exile's grief
7 — The sonnet glittered a gay myrtle leaf
8 — Amid the cypress with which Dante crowned

9 — His visioany brow; a glow worm-lamp
10 — It cheered mild Spenser, called from fairyland
11 — To struggle through dark ways, and when a damp

12 — Fell round the path of Milton, in his hand
13 — The thing became a trumpet, whence he blew
14 — Soul animating strains — alas too few.

Comparemos verso por verso, mencionando o que houver de importante e o que houver secundario.

Verso 1.º Alterou a graphia *Critic*, intencional no poeta, para *critic;* supprimiu a virgula depois de *frowned*, prejudicando o sentido e tirando a emphase ao que se segue.

Verso 2.º Esqueceu aquelle *just,* cuja falta deixa o verso a mancar; supprimiu o ponto e virgula depois de *honours,* o que baralhou o sentido inteiramente.

Verso 4.º Em vez de *case* vem *casc,* o que redunda em disparate.

Verso 5.º Evaporou-se o *this* antes de *pipe,* deixando o verso de muletas e o pensamento quasi risivel.

Verso 6.º Apagou o ponto e virgula depois de *grief,* com grave injuria do sentido.

Verso 7.º Alterou a graphia *Sonnet,* intencional, em *sonnet.*

Verso 9.º Escreveu *visioany* — que não é coisa alguma — em vez de *visionary;* transformou a expressão *glow-worm lamp* nesta outra: *glow worm-lamp* (!); respançou a virgula depois de *lamp,* prejudicando a emphase e o sentido.

Verso 10.º Mudou *Faery-land* (que geralmente se grapha *Fairy-land*) em *fairyland.*

Verso 14.º Desmanchou o adjectivo composto *soul-animating* em duas palavras independentes; deliu a virgula depois da interjeição *alas* (francez *hélas*) e o ponto de exclamação depois de *few.*

Como se explica tudo isso? Mui simplesmente. E' que quando o revisor nada entende da lingua em que se escreveu a pagina que lhe toca rever, engole facilmente patranhas como aquella narrada por Bernardes, a do *madna so sotap mes sotapas...* (1).

Era de crer que em francez se nos mostrasse mais feliz o autor.

Não quero com isto dizer que elle fosse capaz de escrever um soneto nessa lingua. Não. Bem poucos são os meus conhecimentos de francez, tambem confesso. Mas o que pretendo dizer é que seriam de esperar no autor ao menos esses rudimentos que no Brasil, por assim dizer, se bebem com o leite materno. Succede, porém, que pelas citações feitas, pelos erros crassos e repetidos, fico a duvidar de que os seus conhecimentos no tocante ao francez vão além dos seus conhecimentos de latim, grego e inglez.

Deixando questões de somenos importancia, observarei tão sómente que á pagina 138 vem duas vezes, na mesma linha, a graphia *revière,* em vez de *rivière.*

Na pagina 136 lemos:

> "Quand jai baisé tes deux grands yeux,
> QUE nous a vu?"

(1) Ver *Anthologia* de Fausto Barreto, 6.ª ed., pag. 289.

De boa vontade concederia que foi lapso de revisão — ainda quando o revisor é eximio, como succede com o autor de "Aérides" —; mas não só o livro não traz a menor corrigenda no fim, como ainda sei, por mera casualidade, que o autor louvou o trabalho da casa impressora, pela ausencia de senões typographicos, louvor este confirmado pela falta de corrigenda no volume. Accresce, ainda, que os solecismos se repetem:

"J'ai dans les mains l'Annuaire dramatique de la Belgique, QUE ne te rajeunit pas..." (p. 240).
"Parle-moi de tes amours, de tes pièces, QUE ne sont plus tes amours". (idem).

Na pagina 232 se encontra o verso:

"Avant qu'il ne fû né, je crois que l'ai su"

verso de pé quebrado e sem grammatica, tudo por causa da ausencia de *je* antes de *l'ai*.

Logo abaixo:

"Et vous m'auriez pas dû croire solitaire",

com os mesmos defeitos, oriundos das mesmas causas.

Logo adiante:

"toujours assez coté"

expressão sem sentido algum.

Ora, por mais que se queira ser generoso para com o autor, não ha senão concluir que os seus ouvidos não estão afeiçoados ao phraseado da lingua tantas vezes citada e tantas vezes estropiada nas citações, e que uma vez despregados os olhos do texto, não lhe resta, recurso para perceber uma citação empastelada.

A proposito. Na pagina 153 existe um trecho que não me foi possivel decifrar:

Diz o autor:

"Entre os epigrammas descriptivos da ghirland (sic) poetica organizada por Philippe, refere-se-lhe este:
"Um papagaio, que falava como um homem, escapo a sua jaula de vergas, bateu a linda plumagem rumo do bosque; e, na espessura, excercitando-se de cotio em saudar a Cesar, não lhe olvidou o nome glorioso. Todos os passaros correm para elle, que bem depressa os instrue, e eil-os a disputar qual melhor e primeiro diria a Cesar — *Salut!*"

Salut! Mas que lingua é essa? Não é grego, não é latim, não é portuguez. Bom será que o autor tome nota disso para uma

segunda edição; não succeda que algum critico dado a espirituoso lhe venha dizer que, de facto, aquillo não é grego, nem latim, nem portuguez; mas, sim, lingua de papagaio...

Ha no livro ainda referencias ao hebraico, ao arabe e a outras linguas rebarbativas. Como não pesco patavina dessas linguas, resta-me apenas louvar-me nos conhecimentos do autor.

Já é tempo de encararmos o portuguez em que o livro está vazado, porque o autor tem sido mestre da materia e é considerado quasi oraculo por aquelles que lhe formam o circulo de camaradagem literaria. Por isso, foi quasi com os pés descalços que me aproximei do seu trabalho.

Entremos no assumpto, pasando por cima de coisas minimas. Iremos em escala ascendente. Começarei pelas cacographias.

Na pagina 138 o autor grapha *Roumania,* não mais *Romania* nem *Rumania,* como baralhadamente se escreve por ahi, em abandono ancitoso da unica fórma correcta, que é *Romênia.* (Ver a respeito Gonçalves Vianna, *Apostillas, vol. II, pag.* 379).

Descobre-se logo uma influencia franceza, como tambem na graphia *serbios*, pag 131, de um clamoroso pedantismo.

Na pagina 133, em contrario á corrente dos classicos e aos nossos diccionarios, salvo Aulete, conserva a graphia *discreção,* que Gonçalves Vianna chamou, e com toda a razão, de *disparatada.* "Abonar a fórma *discrição* com autores classicos fora inutil; o que havia de ser difficil era encontrar nelles o barbarismo *discreção,* que deverá quanto antes ser desterrado da escripta portugueza, pois a adopção de tal fórma orthographica patenteia a completa ignorancia da historia da lingua e do seu desenvolvimento". (Gonç. Vianna, *Apostillas, vol. I, pag.* 368).

Na pagina 131 escreve: "todas suas relações", em vez de *"todas as suas",* como se diz modernamente, porque esse archaismo quasi já assume ares de solecismo chapado.

Escreve: *fratrecida* (pag. 21), *pulular* (pag. 88), *destribuidos* (pag. 115), *falaciosa* (pag. 126), *veperino* (pag. 197), *cumprida* (por *comprida*) (pag. 207), *indeeivel* (pag. 283), *camponeos* (pag. 197), etc.

Não se trata, como se vê, de fórmas em que ha fluctuações no estado actual da lingua, como *aceitar* e *acceitar, fantasia,* e *phantasia, através* e *atravéz,* etc.; se assim fora, a minha critica seria malevola e contraproducente.

Grapha repetida, invariavelmente, *estrela*, sem respeito ao latim *stella*, a que se intercalou um *r* por influencia analogica de *astro*, nem ao italiano *stella*, ao hespanhol *estrella*, ao catalão *estrella*. Se o étymo apenas tivesse um *l*, a fórma hespanhola seria *estrela*, como de *gula* veio *gola*, de *pala* veio *pala*, de *mula* veio *mula*; e a portugueza seria *estrêa*, como de *candela* nos veio *candêa*, de *tela* — *têa* (mais tarde *teia*). Assim seria, porque a palavra, de origem popular, se encontra nos mais remotos substractos da nossa lingua.

Na pagina 213 fala nos "habitantes *da* Bethania", determinando com o artigo uma simples aldeola, na erronea supposição, talvez, de que se trata de uma provincia ou região.

Na pagina 283: "Nesse percurso doloroso *através a* urbe", com o grave gallicismo *através a*, em vez de *através da*, grave, porque não se trata de um vocabulo sómente, mas de uma construcção forasteira avessa á tradição da lingua.

Na pagina 13 escreve: "Para bem se aprender (sic) o espirito de um poeta, é mister, antes de tudo, comparal-o comsigo mesmo", construcção anti-classica, porque o reflexivo *comsigo* não se reporta ao sujeito da oração.

Repete-se o deslize na pagina 281: "... cujo coração, á guisa do crystal, onde os reflexos deslisam e se apagam, olvida tudo que conteve, tudo que passou deante de *si*."

Peccado venial, convenhamos, porque o cânon já era violado algumas vezes em latim e mesmo "entre portuguezes alguns traidores houve algumas vezes." Se bem que foi descendo essa ladeira que alguem escreveu: "Tenho muito dó de *si*", o que provocou de Camillo aquella archi-monumental sarabanda. — Ora quando a gente se prepara afim de assistir á missa cantada, enfia a camisa mais alvinitente, a fatiota mais nova, as botas mais luzidas... A bom entendedor...

Na pagina 9: "... os braços de Cleopatra não se rosariam por si *mesmo*", o que de bom grado eu concederia como erro de revisão, se não fora a repetição á pagina 87: "... sinos que soavam por si *mesmo*".

Algumas tentativas no portuguez archaico para dar ao *mesmo* um como caracter invariavel de adverbio, em expressões um tanto parecidas com essa, cairam completamente em abandono e não ha justificá-las em nossos dias. — Ousaria porventura o autor dizer: "A virtude é recompensa de si mesmo", em vez de *mesma*, como escreveu o Cardeal Saraiva, *Gloss.*, p. 96?

Na pagina 30: "Haja vista *áquella* cachopa", com uma crase despropositada, visto que *aquella cachopa* é o sujeito de *haja*

Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden

O Corcovado.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

Na pagina 85 vem dito que "o som do sino repercute *sobre* o obstaculo". Confesso que não posso ver claro como o som repercuta *sobre* o obstaculo. Em que bate elle, em cima do obstaculo, para repercutir? Se aquelle *re* guarda a sua força de *para trás;* se, como doutrina Moraes, *repercutir* quer dizer: "fazer tornar o corpo elastico para alguma parte", então quer parecer-me que a preposição pedida seria *em,* como no exemplo de Castilho: "Quando essa voz repercute *na* consciencia de um pae..." Ou ainda, no exemplo mais proximo de Herculano: "Cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, *onde* reperentiam os sons do órgão e os echos das vozes do celebrante". (*Apud Aulete*). —

Na mesma pagina: "A egreja de S. Vicente está situada em uma pequena *imminencia* ao fundo da enseada..."

Pequena ou grande, essa *imminencia* requereria um interdicto com relação á igreja, a bem da segurança publica, se o asseverado fosse exacto. Felizmente não é. A igreja, collocada em uma pequena *eminencia,* não corre perigo de *imminencia* alguma.

Na pagina 179: "... os martyrios de Christo, *inflingidos* pelos phariseus".

Parece que todas as vezes que o autor quer empregar o verbo *infligir,* dá-se com elle um curioso phenomeno de diplopia: atravanca-lhe a visão o verbo *infringir* e resulta um cruzamento forçado de que nos reponta um producto hybrido, *inflingir,* que não é coisa nenhuma. Este erro já lhe foi apontado por alguem a proposito da publicação, alguns mezes atrás, do inesquecivel folheto — O *urubú-malandro,* magnifico instantaneo de uma psychologia collectiva.

Ainda uma observação. Moraes, cujo diccionario deve ser manuseado com verdadeira cautela, pois Herculano chamou-lhe — "Babel da lingua portugueza", Moraes é frequentado pelo autor. Ora Moraes doutrinou que a expressão *conforme a,* com a preposição, era a de sabor classico, e não apenas a expressão *conforme.* D'ahi o empregar o autor sempre e sempre a primeira fórma.

Mas acontece que o proprio Moraes já nos adverte que em Vieira e outros se começa a notar o emprego da segunda. E o resultado foi que se estabeleceu logo uma differenciação entre os dois empregos: *conforme* tornou-se synonymo de *segundo,* e *conforme a* veio a ser synonymo de — *em conformidade com.* Estabelecido isto, o que acontece hoje é exactamente o contrario daquillo que Moraes preconizava. Pode-se dizer que, hoje em dia, *conforme* é que se tornou de emprego corrente, sem

nunca offerecer sentido ambiguo; ao passo que *conforme a,* empregado sem criterio, não sómente gera por vezes confusão, mas até faz o escriptor dizer quasi o contrario do que desejava. Assim, melhor seria empregar apenas *conforme* nas expressões: "conforme a Charles Rue", p. 65; "conforme á licção de Angelo Gubernatis", p. 156; "conforme a esta asserção", p. 240; "conforme ás poesias", p. 252; "conforme a um hymno vedico", p. 277. — Ella está apropriada em: "Era tudo conforme ás posses de cada um", p. 263.

No que toca á ortographia, não é possivel rastrear criterio algum no autor. Influenciado pelas ultimas conquistas dos philologos portuguezes, elle grapha: *sossego, dnsia, português, mês, pais,* etc., mas ao lado de *poz, quiz, cortez, goso, magestosa, freguezia, deslise, arrevezado, vasio, deslisar,* etc.

Escreve *creança,* p. 94, ao lado de *criança,* p. 102; *sai, cai,* ao lado de *trae,* pags. 144, 154; *sosinha,* p. 188, ao lado de *mãozinha,* p. 214; *nazalizar, rivalizante, individualizar, singularizar, crystallizar, organizar,* ao lado de *desnasalisar, caracterisar, synthetisar, finalisar, organisação, utilisar, pulverisar, guaranisar, nacionalisadores, naturalisação, divinisado,* — Ora esta orthographia allotropica ou dimorpha não se comprehende.

Onde, porém, cresce a gravidade, é em certas fórmas verbaes.

E' assim que lemos: *passeiando,* p. 51; *recheiados,* p. 67; *enleiada,* p. 182; *receiando,* p. 204; *sombream,* p. 242; *desaceiado,* p. 266:

Para não commetter esses deslizes bastava consultar os diccionarios no que concerne, pelo menos, aos adjectivos verbaes, que elles registam. — E' palpavel a desorientação do autor ácerca dos verbos em *ear.*

Mas na pagina 90 acode-nos um *sentenceiado,* que vence os demais todos em extravagancia. Erram bons escriptores, fazendo terminar em *ear* alguns verbos em *iar,* como *sentenciar,* graphado erradamente *sentenecar.* Nem ainda o espirito omnimodo de Ruy Barbosa escapou ao perigo desse escolho, pois escreveu na *Réplicas* "não foi a mim que elle *sentenceou*", p. 87; "já nos costumamos a *presenecar* , p. 116.

Mas ninguem se lembrou jamais desse esquipatico *sentenceiado;* quando muito teriam escripto *sentenceado,* em vez do correcto *sentenciado.*

Na pagina 222, falando da phrase biblica: "Saulo! Saulo! porque me persegues? Dura coisa é para ti recalcitrar contra o aguilhão!" — commenta da seguinte fórma: "E' o *adversum stimulum calces*", de Terencio" (aliás *advorsum*).

Mas o commento prosegue: "Tambem figura nos Actos, 9, 5. Conversão de S. Paulo. O poeta e o apostolo ter-se-iam abeberado na corrente grega".

Ora os Actos foram escriptos por S. Lucas, que não era apostolo, e a phrase é posta na bocca de Jesus Christo. O apostolo Paulo, pois, entra ali quasi como Pilatos no Credo.

Na pagina 204 lê-se:

"Tomou-lhe a mão o luso seiscentista Jeronymo Corte Real, etc.". E' grave essa affirmação na penna de uma pessoa que já fez concurso para a cadeira de Literatura do Gymnasio local. Sim, é grave chamar de *seiscentista* a um lídimo *quinhentista*, contemporaneo de Camões, e que nasceu, viveu e morreu dentro do seculo XVI. Ver Mendes dos Remedios, *Hist. da Lit.*, p. 115.

E' que *quandoque bonus*...

Não posso deixar sem reparo o tom de menoscabo com que o autor se refere ás pessoas de quem discorda.

A' pagina 126, tratando de um literato mineiro, Lopes Neves, que entrou no rol dos que tentaram traduzir o celebre pingo no verbo *aimer*, da poesia de Rostand, diz que elle "calinescamente interparenthetico, saiu, etc.".

Na pagina 17, discordando de Emilio de Menezes, chama-lhe malevolamente *errante*, procurando ferir, na dubiedade da significação contida no adjectivo, o caracter do illustre poeta.

Na pagina 54 diz que Pereira da Silva "achatou-se em tres paginas de uma nota geral, cujo remate *patusco* passamos a trasladar".

Mimoseia A. F. de Sant'Anna Nery com isto: "De improbidades similhantes está cheio o livro do tapuia afrancesado, etc." (p. 37).

Referindo-se a Martius — note-se bem: a Martius! — exprime-se deste modo: "O que ha notavel de erroneo, no primeiro logar, é ter elle dado ao guainumby — *ganambuch* em sua lingua de trapos, etc." (p. 192).

Aqui o remoque, sobre ser desattencioso, afigura-se-me de todo injusto. E' sabido que o som indigena representado pelo *y*, assim se representou no esforço de se lhe dar uma expressão apro-

ximada em nosso idioma, visto que elle se assemelhava ao *v* grego, ao *ü* allemão, ao *u* franeez, mas com uma aspiração. Foi justamente o que o sabio quiz indiear com a graphia soberanamente ridicularizada pelo autor de "Aérides".

Com respeito a Gonçalves Vianna, gloria innegavel da philologia portugueza, usa da expressão: "arroto de erudição" (p. 44). E por deseobrir umas linhas em que Anatole France muito se aproxima do referido soneto de Heredia — *Récif de Corail,* não trepida em asseverar que o poeta commetteu "um lindo plagio".

Não se maeula assim, faeilmente, uma gloria literaria como Anatole Franee.

Na pag. 14 vergasta a Silvio de Almeida: "Sabendo conjugar o verbo colorir, mesquinha gloria não reservada ao traductor precedente, Silvio de Almeida fugiu a sete pés de *colora,* por *colore*". — D'onde se conclue que a fórma *colora* é erro palmar na conjugação do verbo *colorir.* Aqui o mestre de portuguez equivocou-se redondamente: *colora* é fórma correctissima do verbo *colorar,* com o mesmo sentido de *colorir* e já registado por Aulete... que digo! por Moraes, que lhe aecreseenta ainda o irmão *colorear.*

Emfim, tirados esses senões, o livro fica sendo a reedição dos *Ferros velhos,* em que ha paginas que encerram algum interesse, e outras sem interesse algum.

Continue, porém, o autor a empregar os seus esforços no estudo do *folk-lore* brasileiro, onde poderá prestar eertamente bom serviço, desde que não se abalanee a altas eavallarias anaereonticas e quejandas, que lhe hão de trazer amargos dissabores.

OTHONIEL MOTTA.

Campinas, Julho de 1918.

NOTA. — Este trabalho, como acima se vê, está escripto desde Julho, do que poderá dar testemunho a redacção da *Revista do Brasil.* Faço esta declaração em virtude dos pontos de contacto que ha entre elle e uma critica de José Oiticica no *Correio da Manhã,* critica tambem referente ao livro "Aérides".

POESIA

A COBRA

Dizem que a cobra só merece nojo,
Que é repugnante e vil; porque a estatura
Ella não tem bella de forma e altura,
E não se alça nos pés, mas vae de rojo.

Della, porém, coitada, eu não me ennojo,
Eu que vou de amargura em amargura
A me arrastar pela charneca impura
Do mundo, amando a lama em que me espojo.

Ao vêl-a que colleia pela estrada,
Esconjura-a de horror, corre-a a pedrada
E esmaga-lhe a cabeça toda a gente.

Eu não, que soffro as maguas que a consomem,
Que dou abrigo em mim, porque sou homem,
A uma alma venenosa de serpente.

A CASUARINA

A casuarina verde e ramalhuda,
Sob os ninhos gazis de que se estrélla,
Chora e soluça em voz amena e bella,
A' briza que os espaços avelluda.

Quando, porém, matilha a uivar sanhuda,
A tempesta aos açulos da procella
Com dentes de granizo vem mordel-a,
Toda ella reage e se transmuda.

E' que, ameigando a viração dorida,
E' que, vaiando o vendaval do norte,
Da arvore triste ao sol e á chuva erguida

Alma de heróe plasmada está no porte:
Sensivel ás caricias desta vida,
Impavida ante os fremitos da morte.

AGUA MORTA

Eu sei de corações como a lagôa
Do recanto da serra abandonado:
Vêl-a é ver do horizonte o collo arqueado
Que as garças furam branquejando á tôa.

Vencendo a fronde, o sol com irizado
Sello de fogo a face lhe corôa.
E, no torpor da agua profunda e bôa,
Sempre o mesmo ondular frio e cançado.

Mas, o dia se apague, e o seu presago
Manto a noite desdobre ao vento; e o lago,
Ao arrastar das lesmas amarellas,

Esquece o limo á face e ao fundo o lodo,
E todo fulge, e se transforma todo
Nessa fermentação pulchra de estrellas.

O PAVÃO

Quando envolta nos iris da plumagem
Que é uma bandeira ondeando ao sol, eu miro
A ave taful cujo chromismo admiro,
Empolga-me a retina a sua imagem.

Mas, quando lhe ouço o canto que á folhagem
Arranca de pavor chôro e suspiro,
Ao pavão a grauna então prefiro,
De menor brilho e de melhor linguagem.

Porque se é grande o dote da belleza
Que por instante a vista nos aviva,
Ha grandeza maior que essa grandeza:

A voz; a voz que é bronze, que é velludo,
Que canta, que soluça, que captiva,
Que é som, que é côr, que é luz. O verbo é tudo.

O SERINGUEIRO

Este é o homem que o serro e os campos doma
Com os olhos duros a que nada escapa.
Tremem ao vêl-o e ouvil-o a onça na lapa,
Reptis no charco e passaros na coma.

Do souto quando na verdura assoma,
Ao frio da manhã, sem uma capa,
Fuzil na mão, lembra a figura guapa
De um musculoso gladiador de Roma.

De sol a sol desfere a machadinha.
E entregue o peito ao vento, já noitinha
Volve á choupana, alegre e sobranceiro.

Entra. Depois, cachimbo accende e fuma.
E emquanto fóra ondula o véo da bruma,
Ponteia a viola e canta. E' o seringueiro.

ANTE UM JEQUITIBA'

Salve, Jequitibá da nossa flóra,
Rei cujo throno aos ares se alevanta,
E cuja fronte de um verdor que encanta,
Primeiro douram os clarões da aurora.

Possas tu, pelos seculos a fóra,
Ebrio de seiva vigorosa e tanta,
Alçar o porte, magestosa planta,
O porte moço que te exhorna agora.

Maldito seja o que fechando o ouvido
A' prece das abelhas de escarlatas,
Contra ti desfechar o gume hostil.

Pois que, na força deste sólo erguido,
Atalaia soberba destas mattas,
Attestas a grandeza do Brazil.

O AGUACEIRO

Fugindo á tempestade ora imminente,
Voam juntos, com medo, o corvo e a pomba.
De rouca artilharia que ribomba,
Ha pela altura um trovejar crescente.

Rasga, retalha o céo o raio. Tomba
O cedro a bracejar como um demente.
O vento em furia a uivar de tudo zomba,
Continuamente, ameaçadoramente.

Do vendaval ao formidando impulso,
Tolda a procella a face do infinito.
A tarde triste arrefecendo vae.

E' quando, emfim, num turbilhão convulso,
Ao rataplan das gottas esquisito,
Do pardo firmamento a chuva cáe.

O TOURO E O CÃO

Numa nuvem de pó vôa o vaqueiro
Traz o touro que escapa da manada.
Porém, sangrando, após uma cornada,
Tomba o cavallo sobre o cavalleiro.

E' a vez do cão. Cuspindo a espumarada
Da baba, a féra, o porte sobranceiro,
Escarva o sólo, original coveiro;
E um berro surdo echôa na quebrada.

E o cão, ladrando, o contendor defronta
Com altivez e a sua sanha afronta.
Vae decidir-se a extraordinaria lucta.

O touro investe. O cão foge á investida,
Cança-o, subjuga-o, vence-o, emfim, na lida.
Porque o intellecto vence a força bruta.

OUTONO

Como um descommunal tecto de asphalto,
Que protegesse um tecto de tapera,
Sobre a floresta aranholada de hera
O céo aberto é um pallio de cobalto.

Na hemoptysia final, no azul planalto
Ouro golfa em caudaes a primavera,
Com a mesma pompa irial com que puzera
Flôres no chão e ruflos de azas no alto.

Troncos nus, galhos nus, hasteas e espinhos
Choram na voz do vento, ebrios de somno.
Adeus festões á beira dos caminhos.

Pesa em tudo um socego de abandono.
Desnudam-se os rosaes. Calam os ninhos.
Folhas ao léo. Poeira. Saudade. Outono.

SÉSTA NA ROÇA

Dorme o engenho da sésta á calmaria,
Descançando da faina da moagem.
Uiva pela capoeira um cão selvagem.
Gritam seriemas junto á fonte fria.

Bagaços mastigando, em correria
Grunhem suinos. Queda-se a ramagem
Do mangueiral frondoso. A ampla roupagem
Da relva murcha ao sol do meio dia.

Num canto claro, alto, triumphal, bizarro,
De finos guinchos, pela trilha antiga,
Aos solavancos vae cambando um carro.

E vêm de longe, enchendo os céos escampos,
A voz do guia que a boiada instiga,
E o mugido dos touros pelos campos.

PAULICÉA

E' de uma languidez que a alma contrista,
E' de uma languidez vaga de prece,
São Paulo, quando a tarde de amethysta
Com fios de ouro seu sudario tece.

Ao pé da serra, para o longe, vê-se
A cidade, que, assim, de longe vista,
Um painel suggestivo me parece,
Como nunca ensaiou palheta artista.

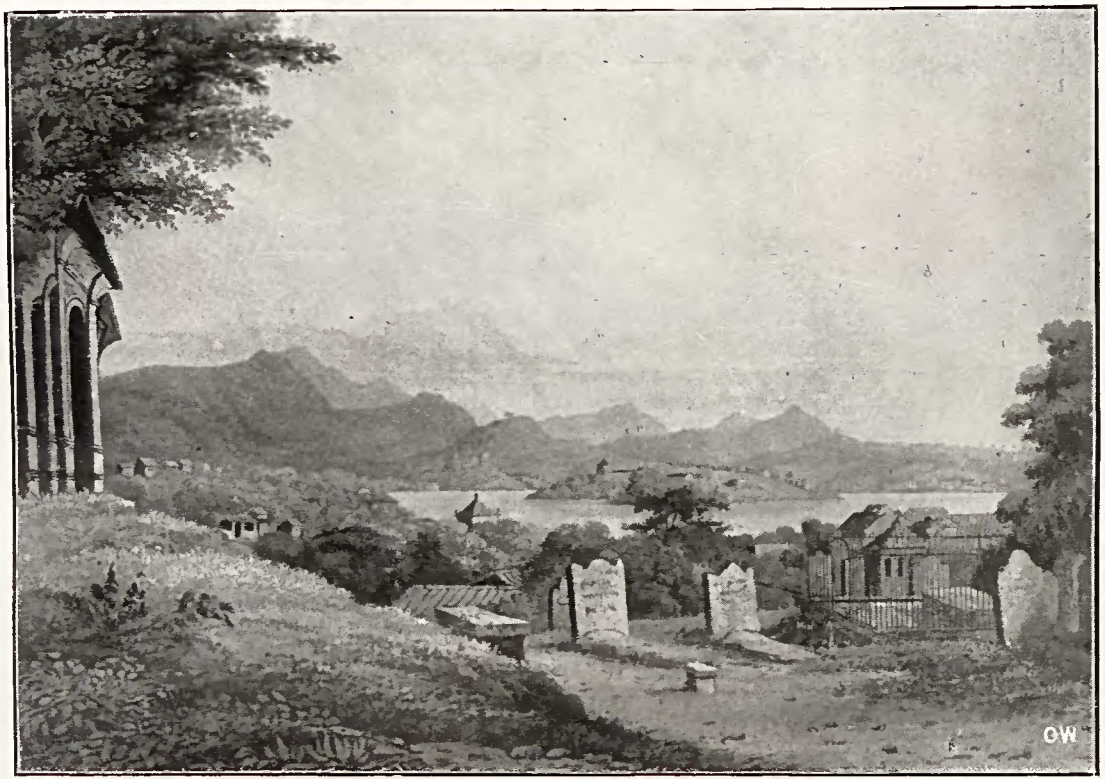
E ruas, torres, casas, bairros, tudo
Quanto contemplo embevecido e mudo,
Ao meu olhar se esváe como num sonho.

Como num sonho eu sinto que, covarde,
São Paulo esfria ante a visão da tarde,
Quedo, branco, transido, ermo, tristonho.

LAMARTINE MENDES.

Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden.

Laranjeiras.



Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden.

Cemiterio dos Inglezes, no Rio.

PEDRO PICHORRA

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista enjoada da verdura monotona, espaireee na Grota Fria ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca.

E passa levando nos olhos a impressão daquella sepia afogada em campo verde. Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio com os desenhos já escorridos da chuva e bandeira rota, trapejante ao vento... Dois mamoeiros no quintal, apinhados de fructos, canteiros de esporinhas, com periquito á roda e mangericões entreverados... Um pé de gyrasol, magro e desenxabido, a sopesar no alto uma rodella côr de canario; as laranjeiras semi-mortas sob o toucado de herva passarinha...

Nos fundos da casa vê-se o lavadoiro, descoivarado apenas, n'um poço onde o corgo rebrilha tres palmos d'agua. Sobre um taboão emborcado a meio lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorrinhas. E' ali o sitio dos Pichorras e até a Grota Funda já é conhecida por Fundão da Pichorrada.

Porque os antigos Pereiras de Souza, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze annos. Já se destabocára e já preferia em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizára o sonho de toda criança da roça, a faca de ponta. Deralh'a o pae, como diploma de virilidade. "Menino, d'ora avante

és homem. Aggredido, não gritarás por gente grande; é mão na faca, pé atraz e corisco nos olhos".

Não lhe falou assim o pae, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Porisso irradiava d'orgulho, imaginando pégas, aloites, tempoquentes e tocaias onde a sardinha allumiasse.

O pae, áquell'hora, de pé na soleira da porta, assumptava o céu. Viu que chover não chovia, e

— Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pae?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois repontou trotando em pêlo na Serena, egua velha, de muita barriga mas aguentadeira.

— Dê milho, do molle, e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal. E, emquanto a alimaria mascava o lambisco, alisou-a, ageitou-lhe no lombo pisado um sacco velho, depois a carona, o lombilho, o pellego.

— Não coche demais a barrigueira.

O menino folgou dois dedos o arroxo e esperou um boccado, enrolando o cigarrinho, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim arrumou o freio e montou.

— Agora você vae ao sitio do Nhéco e diga p'r'aquelle tranca que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem estranhava a ordem.

— Sosinho?

— Ué! E a faca, então? Não é "companheiro"?

O argumento valeu. Pedro, sem mais palavra, deu redea, e, *lepte lepte,* arrancou estrada afóra.

O pae, alisando machinalmente um palhão, seguiu-o d'olhos té perdel-o de vista na primeira curva. Depois, monologou:

— "Sósinho?" Ué! Até quando? E' preciso acostumar. Onze annos, é homem. Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sóbe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac...*

Pensava na volta. Teria tempo de transpor a figueira antes do escurecer? A figueira... Havia coisas do arco da velha, ali...

Pela meia noite — diziam — o capeta juntava a côrte inteira debaixo della e pinoteavam um samba do inferno.

Os sacys marinhavam pelos galhos em eata de figuinhos, que disputavam aos moreegos. Lobishomens eram ás duzias que vinham foeinhar o estereo das eorujas. Almas penadas, isso nem era bom falar. Quando o Quineas da Estiva contava easos passados ali com elle, não havia ehapeu que parasse na eabeça.

Mas de dia, nada. Passarinhada miuda só, a debiear fructinhas. Foi o que Pedrinho viu, nesse dia, ao eruzar com ella. Mesmo assim, passou rapido e eneolhidinho, "por via das duvidas". Chegou ao Nheeo inda eom sol, e deu o reeado.

Nheco, marotissimo, coça o eabello de milho da barbica, e embroma:

— Pois não. Mas não vê que o toicinho baixou. De Minas tem deseido um poder de eapadaria que mette medo. De sorte que voeê diga p'r'o pae que nestes easos eu não sustento o trato. Se elle quizer vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres!

Pedrinho desandou para traz, pensando eomsigo: safado! E veio todo o eaminho distrahido em xingar mentalmente o aproveitador. Ao defrontar a figueira o medo engrifou-o. Eseureeia. A luz estava morremorrendo, pallida no alto, laranja esmaiada no poente. Por felieidade passaria a figueira antes da noite. Feehou os olhos, eonjurou o eneardido Santo Antonio da familia e transpoz dum galão o passo perigoso.

— Arre!... exelamou, eom desabafo, olhando para traz e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac, pac,* estrada em fóra, rumo do sitio.

Mas eseureeeu, e já perto de easa, vae senão quando, a egua empina a orelha e passarinha.

— Egua velha passarinhou é saey — suggeriu dentro delle o medo. E o menino, retranzido, vê de subito, no barraneo, um sacy, de braços espiehados, barrigudo, *"com um olho de fogo que passeava pelo corpo"*.

— Nossa Senhora da Coneeição, valei-me!

Assustado por aquelle berro o "olho do saey voou pelo ar, piscando"...

. . . . . .

Pedrinho bateu em casa de cabellos em pé, espavorido, olhos a saltar. Agarrou-se com o pae, tremendo, sem fala. A custo desatou o nó da lingua.

— O sacy, pai!...

— ?

— Para cá da figueira... na curva... barrigudo... preto...

O pae deu-lhe agua no cuité.

— Beba. Socegue um pouco, menino.

E depois d'uma pausa:

— Você está bobeando, Pedrinho. Não ha sacy destas bandas.

— Juro, pae, por Deus do céu que vi!

E contou a viagem por miudo até á apparição.

— Altinho? Pretinho? — indagou o pae.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo assim como uma pichorra grande.

— Então não é Sacy — concluiu o velho, entendidissimo que era em demonologia.

— Fedeu enxofre?

— Não.

— 'sobiou?

— Não.

— Mexeu do lugar?

— Não. Só o olho, — o olho andava e voava.

O caboclo reflectiu um boccado, e por fim uma idéa lhe illuminou a cara.

— Onde foi isso? P'ra cá do corguinho?

— E'.

— No barraneo?

— Justamente.

— O olho andou e depois voou, piseando?

— Tal e qual.

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo.

O velho clareou a cara, desmanchando as rugas da testa, e disse, rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo! Sabe o que você viu? Você viu o sacy-pichorra!

E mudando de tom, depois de reflectir:

— Que é da faca?

— P'ra que? perguntou o menino desconfiado.

— Deixa ver, dê cá a faca.

Pegou della e pol-a á cinta. E, rispido:

— Vá dormir.

Pedrinho, comprehendendo a degradação, ergueu-se, com lagrimas nos olhos.

— E a faca? perguntou.

— Fica commigo. P'ra você, porqueirinha, é canivete marca anzol ainda. E com infinita ironia:

— Vá deitar, Pedro Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudido de soluços. O velho pegou do borralho um tição e accendeu na braza viva um cigarro. Baforou uma fumaça com o pensamento no fallecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva. "Por quem havia de puxar o Pedrinho, pelo Chico Vira..."

E, assim, o rebento masculino dos Pereiras, do Barro Branco, virou, por troça do proprio pae, o tronco duma nôva familia, essa Pichorrada que hoje põe a nota sepia da sitioca na verdura monotona da Samambaia.

Tudo porque a velha Miquelina deixára naquelle dia a pichorra d'agua a refrescar ao relento, na beira do barranco, e um vagalume-guassú pousára nella por acaso...

MONTEIRO LOBATO

LIVROS ANTIGOS

A *Revista do Brasil* incluiu no seu programma noticiar, traduzir, reviver obras antigas, exgottadas, das que primam pela valia scientifica ou pelo pitoresco da narração.

Está nesta ultima categoria o *Journal of a Voyage to Brazil and residence there during part of the years* 1821, 1822, 1823, por *Maria Graham*. O periodo que em seu diario revive é dos mais curiosos, porque nelle fermentou e se fez a Independencia. Maria Graham foi governanta dos principes imperiaes, e revela-se nesta obra um nobilissimo espirito, dos mais cultos, dos mais comprehensivos e dos, atravez dos quaes, melhormente podemos hoje haurir de primeira mão a sensação daquelle momento historico.

Transladamos hoje para vernaculo o trecho em que ella descreve a visita que lhe fez uma heroina do tempo, Maria de Jesus. E reproduzimos as gravuras que ornam a sua obra, bellissimas gravuras em aço que hoje quasi um seculo depois, só podemos dar... em photogravura — um processo graphico infinitamente inferior aos usados pelos nossos atrazadissimos avós.

D. MARIA DE JESUS

"29 *de Agosto*. — Visitou-me hoje Dona Maria de Jesus, a moça que ultimamente se distinguiu na guerra do Reconcavo. Seus trajes são os de um soldado dos batalhões do Imperador, accrescidos de uma especie d'avental curto, de lã, que ella me disse haver copiado de uma gravura representando um *highlander* porque bem se adaptava a um traje militar feminino. Que dirão a isto os Gordons e os Mac Donalds? A farda da velha Gallia (*garb of old Gaul*) escolhida como enfeite feminino! — Seu pae é um portuguez de nome Gonçalves de Almeida, dono de uma fazenda no Rio do

Desenho de Aug. Earle. Gravura de Edw. Finden.

Dona Maria de Jesus.

Peixe (*Rio do Pex*) na parochia de S. José, no sertão, cerca de 20 leguas de Cachoeira.

Sua mãe tambem era portugueza, entretanto as feições de Maria, especialmente olhos e testa, apresentam accentuados traços indianos.

Seu pae teve uma filha da mesma mulher; enviuvando e casando de novo a madrasta e a caçula muito apoquentavam a vida de Maria de Jesus. A fazenda do Rio do Peixe é uma fazenda de gado do qual o dono ignora o numero de cabeças. Além do gado o Sr. Gonçalves cultiva algodão. Mas como lá passa ás vezes um anno inteiro sem chover as colheitas são incertas. Em anno bom elle tira 400 arrobas, que valem de 4 a 5 mil réis; em anno secco apenas colhe de 60 a 70 arrobas que valem de 6 a 7 mil réis. Emprega na lavoura 26 escravos.

As mulheres do interior fiam e tecem para gasto da casa e bordam com muita gentileza. As moças aprendem a jogar as armas de fogo, como seus irmãos, para caçar e tambem para defender-se dos indios.

D. Maria narrou-me diversas particularidades relativas ao paiz e ás suas proprias aventuras.

Disse que na recente guerra do Reconcavo muitos emissarios cruzaram o paiz em todas as direcções levantando patriotas. Que um delles chegou á casa de seu pae, certo dia, á hora do jantar; que seu pae o convidára para a mesa e que após á refeição confabularam sobre o motivo da viagem.

O emissario figurou a grandeza e a riqueza do Brasil, e a felicidade que poderiam alcançar com a independencia. Insistiu sobre a longa e oppressiva tyrannia de Portugal; e a covardia em submetterem-se ao governo de paiz tão pobre e degradado.

Falou longa e eloquentemente dos serviços que D. Pedro prestou ao Brasil, das suas virtudes e das virtudes da Imperatriz; por fórma que, ao cabo, a rapariga disse "eu sinto o coração arder no meu peito". Seu pae, todavia, não era accessivel ao enthusiasmo. Velho, não poderia juntar-se ás forças imperiaes, nem tinha filho que désse; quanto a fornecer

um escravo, que interesse poderia ter um escravo em luctar pela independencia do Brasil? Esperaria, pois, com paciencia o resultado da guerra, e seria um pacato subdito do vencedor. Dona Maria incontinente foi ter á casa de sua irmã, que era casada e morava perto. Lá recapitulou as palavras do viajante e disse que sentia não ser homem para juntar-se aos patriotas.

— Ora! disse a irmã, se eu não tivesse marido e filhos por metado do que estás a dizer corria a alistar-me nas fileiras do Imperador.

Não foi preciso mais. Maria tomou algumas roupas do cunhado e equipou-se; e como o pae estava de viagem para Cachoeira, afim de vender algodão, resolveu aproveitar a opportunidade e acompanhal-o — perto o sufficiente para recorrer a elle em caso de perigo, e longe o sufficente para não ser pilhada. Assim fez. A's portas de Cachoeira parou; embrenhou-se no matto, vestiu-se de homem, e entrou na cidade. Era uma sexta-feira. Manobrou tão bem que no domingo admittiram-na no regimento de artilharia, onde montou guarda. Como, porém, era muito fraca para tal serviço passou para a infantaria, onde está. Depois foi enviada para cá (Rio) suppondo eu que com mensagens e foi apresentada ao Imperador, que lhe deu o posto de porta bandeira com a commenda da cruz, por elle proprio collocada na sua jaqueta.

Maria de Jesus é illetrada, mas viva.

Tem a intelligencia clara, e a percepção aguda. Penso que, se a educassem, viria a ser uma personalidade notavel. Nada se nota de masculino nos seus modos, antes os possue gentis e amaveis. Como tambem não contrahiu nenhum habito grosseiro ou vulgar durante a vida de acampamento, não se apontando nada que lhe desabone a honestidade. Uma coisa é certa, — que seu sexo nunca foi suspeitado até o dia em que seu pae surgiu a visital-a. Nada notei de peculiar na sua conducta á mesa a não ser que come ovos ao almoço e peixe ao jantar com farinha, e nunca com pão; e que fuma um cigarro após cada refeição. No mais, muito moderada".

NOTAS DE SCIENCIA

Alberto Löfgren — Os sambaquis em Guaratiba — A Sociedade Brasileira de Sciencias.

A sciencia acaba de perder um dos seus melhores servidores no Brasil, pelo fallecimento de Alberto Löfgren. Depois de mais de quarenta annos de dedicada assistencia ao estudo de nossa natureza, o illustre brasileiro desapparece deixando de si a memoria de um grande trabalhador servido por formosa intelligencia e profunda erudição.

Natural da Suecia, Alberto Löfgren se identificára com o nosso meio; falava quasi sem sotaque a nossa lingua que escrevia admiravelmente. Era, realmente um grande amigo de sua patria adoptiva. Quando, em 1915, passou pelo Rio de Janeiro, de volta de uma longa excursão pela Bolivia, o Barão Erland Nordenskjöld, um grande nome da sciencia sueca hodierna, S. Exa. o Sr. J. Paues, ministro da Suecia, festejou o viajante, collocando-o em contacto com alguns estudiosos do Brasil. Orville Derby ainda vivia e tomou parte nessa reunião. Löfgren não perdia opportunidade de mostrar a seu digno compatriota, com verdadeiro carinho, os signaes de nosso progresso, os encantos deste paiz.

Infelizmente não tenho á mão dados pessoaes de sua biographia. De sua vasta obra posso informar, por tel-a percorrido com maximo proveito, que é construcção, sob muitos aspectos, notavel. Naturalista integral, como já o denominei uma vez, Löfgren não deixa apenas trabalhos de botanica que era, todavia, sua predilecta sciencia.

Foi o creador dos serviços de meteorologia no Estado de S. Paulo, onde por tanto tempo habitou; interessou-se por differentes questões da nossa ethnographia.

Nesse terreno, prestou excellente serviço publicando, em 1900, uma nova edição da "Descripção verdadeira de um paiz de selvagens..." de Hans Staden, admiravelmente annotada por Th. Sampaio. Tambem se esforçou por collocar ao alcance do publico brasileiro os "Beltröge" de Martius, de que muitas paginas sairam na Rev. do Ins. Historico de S. Paulo.

Como traductor ainda lhe ficámos devendo uma edição brasileira da "Flora de Lagoa Santa" de Warming, obra fundamental para o conhecimento de certas feições caracteristicas da natureza do paiz.

Para os ethnologos, porem, a maior contribuição de Alberto Löfgren é representada pelo seu volume publicado em 1893, no Boletim da Com. Geographica e Geologica de S. Paulo, sobre os *sambaquis* da costa do Estado.

Seja qual for a opinião adoptada a respeito de taes formações, quer se as considerem de origem puramente natural (Fl. Ameghino, H. von Ihering): de origem exclusivamente humana, (Löfgren) ou de origem mixta (Rath, Wiener) é incontestavel o valor de sua monographia.

Pela minha parte julgo ainda muito cêdo para concluir definitivamente a respeito. Em 1906 percorri grande parte da costa do Rio Grande do Sul, na região de Lagoas, entre Cidreira e Tramandaí.

Examinei e escavei innumeros *sambaquis*, alguns já bem revolvidos, outros ainda integros. De minhas pesquizas pude inferir que a opinião dos que admittem a dupla origem de taes formações deve ser a melhor.

Ha sambaquis naturaes, sambaquis aproveitados e sambaquis artificiaes. As recentes acquisições da ethnographia dos Caingangs de São Paulo, vieram trazer um subsidio apreciavel para a explicação dos *sambaquis-tumulos*, visto que aquelles selvagens ainda existentes, pelas informações do dedicado Sr. Dr. Horta Barbosa, Inspector do Serviço de Protecção aos Indios no Estado de S. Paulo, costumam realisar uma festa funebre durante a qual, periodicamente, vêm erguer sobre a sepultura dos seus, comoros e collinas de terra.

Isso quer dizer que se descobriu realmente um povo constructor de *mounds*, no interior de S. Paulo; e os sambaquis, afinal, são verdadeiramente *mounds* de conchas, *Shell-mounds* dos Norte-Americanos.

Pondo de lado consideravel numero de artigos espalhados em differentes folhas diarias do Brasil, Löfgren deixou alguns volumes de vulto consagrados á botanica.

Muito de proposito não quero deixar de citar aqui um seu humilde opusculo — Phytographia — destinado aos alumnos gymnasiaes e normalistas. E' um simples folheto. Mas foi composto para servir á diffusão do ensino scientifico no Brasil; e eu não conheço nenhuma preoccupação mais digna de louvor na hora actual. Aliás, o pequeno guia de harborisação é utilissimo.

Trabalhos geralmente de subida importancia são os que Löfgren entregou á Inspectoria de Obras contra as Seccas, a cerca da flora de Nord'Este do Brasil; porém a sua ultima obra, de que só nos legou o 1.° volume — o "Manual das Familias Naturaes Phanerogamas", preparado especialmente para servir á determinção de familias e generos brasileiros, é vultuosa e util.

Seu intuito neste trabalho foi collocar nas mãos dos estudiosos uma chave pratica por meio da qual se conseguisse chegar facilmente á determinação das plantas do paiz.

Filiou seu trabalho nas mais autorisadas divisões taxonomicas existentes e, incontestavelmente prestou, dest'arte um grande serviço.

Todavia, não deu, naquella obra o lugar que merecia a nomenclatura vulgar das especies, deixou de lado multas informações relativas a applicação de cada qual, e usou, sempre, de uma technologia ainda pouco diffundida.

Em 1916, quando se fundou no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Sciencias, Alberto Löfgren foi escolhido Secretario Geral da nova companhia que reune os maiores nomes do nosso mundo sabio. Ao Jardim Botanico do Rio de Janeiro entregou o notavel naturalista os ultimos esforços de sua vida de trabalho.

O Brasil não olvidará jamais os grandes serviços de seu filho adoptivo.

*
* *

Quasi ao mesmo tempo em que fechou os olhos Alberto Löfgren, monographista dos Sambaquis de S. Paulo, um estudante da Escola Polytechnica do Rio, o Sr. José Glannerini descobria verdadeiros Sambaquis na costa do Districto Federal (Guaratiba).

Este caso tem uma significação *didactica*, que desejo pôr em destaque. Em geral os nossos professores, tanto os dos cursos secundarios quanto os dos superiores julgam que têm cumprido sua nobre missão preenchendo o horario legal das aulas, praticas ou theoricas. Feito o discurso ou as demonstrações — deu conta o mestre da sua missão.

Por deficiencia de laboratorios, de bibliothecas, de meios pecuniarios, o nosso ensino scientifico ainda é por demais theorico e especulativo.

Professores que enthusiasmem seus discipulos, que os empurrem sobre tantos problemas que por ahi andam, infelizmente, aqui, não são communs.

Existem. Bem o sei. Mas são raros. O dr. Everardo Backheuser pertence a este numero. Cathedratico de Geologia da Escola Polytechnica costuma dividir seus alumnos em turmas incumbidos de estudar e relatar determinados assumptos da geologia do Brasil, especialmente do Districto Federal ou dos Estados proximos. Pois bem. Foi explorando a costa do Rio de Janeiro para confeccionar seu relatorio que o Sr. Geannerini, seguindo instrucções do professor acaba de descobrir alguns montes de conchas, cobertos de matto, de onde se desenterram ossos humanos, machados de pedra, seixos, utensilios, etc. Um verdadeiro Sambaqui (Kjaekkenmöding).

O achado é tanto mais interessante quanto, até agora, ao que sei não se conhecem no Rio de Janeiro senão formações daquelle typo mal caracterisadas, no fundo da Bahia, nas margens de alguns rios da Baixada Fluminense.

Verdade é que já em 1876, o sabio Barão de Capanema falava de Sambaquis na Capital; eram, porem, como elle mesmo dizia "Sambaquis recentes e respeitaveis (grandes) produzidos em diversos pontos

da bahia do Rio de Janeiro pelos pescadores de mariscos para fabrico de cal; elles cobriam o *Samanguayá* ainda vivo (*Cryptogramma sp.*) e o amontoavam..."

Por emquanto o material retirado de Sambaquis de Guaratiba é pouco numeroso. Conta, porem, ossos interessantes ainda em estudo. Até agora não se encontrou nenhum fragmento de ceramica naquellas jazidas, como, aliás aconteceu em alguns sambaquis de S. Paulo.

Sendo certo que, em quasi todos os do Rio Grande do Sul, ha ceramica, e bem ornamentada por vezes, parece que futuramente os palethnologos chegarão a separar chronologicamente os sambaquis do Brasil em duas cathegorias, attribuindo aos primeiros uma idade mais avançada. Tenho, porem, horror ás hypotheses gratuitas...

*

* *

O segundo volume da Revista da Sociedade Brasileira de Sciencias que acaba de vir a lume forma um tomo vultuoso. Alem dos discursos de Juliano Moreira, George Dumas e Bruno Lobo, acham-se ali notas de importancia.

Amoroso Costa trata de um theorema de calculo integral, com applicação á theoria do som, apresentado em 1855 á Soc. des Sciences, de Paris, por Gomes de Souza; Octacilio Novaes da Silva escreve sobre a somma das potencias similhantes dos primeiros numeros inteiros, e dá uma formula sobre arranjos; Lauro Travassos occupa largo espaço com a systematica de vermes: Philophtalmidae, Gigantarhynchidae, Kathlanidae, Oxyurus, Heterakidae; Miranda-Ribeiro, com o habitual carinho versa questões de ichtyologia a respeito de Hemipsilichthys, Tachysurus, Ancistrus e dá uma breve informação sobre os caracteres sexuaes exteriores do *Urubu'-rei* (Gypagus papa); Miguel Osorio de Almeida continua suas pesquizas sobre a tensão de gaz carbonico no ar respirado; Mello Leitão propõe um generos novo na systematica das aranhas (*Gephyrella*); Arthur Moses discute alguns casos novos em que parecem existir simultaneamente em liberdade no mesmo sôro um *antigeno* e o respectivo *anticorpo*.

Finalmente Alvaro da Silveira trata da Mineração em Ouro Preto. Resumos das secções de Sciencias Mathematicas, Physico-Chimicas e Phisiologicas completam a valiosa publicação.

ROQUETTE PINTO.

BIBLIOGRAPHIA

AERIDES, literatura e folk-lore — por Alberto Faria — J. Rib. dos Santos — Rio — 1918.

Chamam os botanicos a uma orchidea, **epidrendrum flos aeris, Aerides**, graças á sua propriedade de viver exclusivamento do ar. O sr. A. Faria dá esse nomo a uma collectanea de estudos literarios o folk-loricos, publicados em jornaes de Campinas, pela analogia que achou entro tal genero de critica e o modo de vida da planta. Vivo uma do ar; outra das literaturas.

Não nos parece acertada a approximação. O genero é mais borboleteante que parasitario. E' critica irrequieta, movediça, andeja. Que salta do Brasil á Grecia, com breves estações pelo caminho, atravez das literaturas encontradiças. Que pega uma expressão popular de hoje em dia e, ao arrepio do tempo, lhe vae esmerilhando variantes té insartal-a na presumida fonte, remotissimo poeta grego ou romano.

Este genero, além de boa memoria, demanda erudição e bom gosto, qualidades sobejas no Autor. O livro lhe revela ainda o temperamento. Temperamento sui-generis, de escabichador, de naturalista paciente, do microscopista literario, de miniaturista apaixonado pelas minucias suggestivas que escapam ao vulgar dos leitores. As illações que tira, as filiações que descobre, os encontros de idéas, os plagios conscientes ou inconscientes que põe a nu', os casos, cousas e anecdotas que ombrecha nos estudos, o commentario leve, rapido e sempre fino com que os põe em resalto, fazem do seu livro uma obra devéras interessante e instructiva.

As literaturas são o jardim onde se expandem todas as flores do engenho humano. E critica desta ordem é palestra do jardineiro apaixonado que nos guia pelos seus meandros, revelando mil approximações escapas á vista ineducada, comparando, explicando, ensinando a historia de cada flor, de cada petala, o que a respeito

dellas corre nos bastidores, o que uma furtou da outra, etc. E' como a ante-sala da grande critica — **l'Oeuil-de-beuf** da literatura universal. Ali, fumando um cigarro, e á vontade, beberica-se delicioso café e commenta-se sem constrangimento as mil nonadas que no salão nobre e algo enfadonho das sessões magnas não cabem nas dissertações vestidas a rigor.

ANNITA GARIBALDI — Annibal Mattos — peça historica em 3 actos — Imprensa Official — Bello Horizonte — 1918.

Uma peça historica, em versos alexandrinos, sobre um thema destes, é empreza arrojadissima que só grandes engenhos como Schiller, Goethe, Shakespeare e Hugo levaram a cabo sem naufragar. E mesmo entre os genios, nem todos, por mais talento que vertessem na dramatisação da historia, conseguiram fazer obra duradoura. O sr. Annibal Mattos, afoutando-se a dramatisar, em versos rimados, o episodio da vida de Garibaldi transcorrido no Sul, revela, sobretudo, uma grande coragem. Mette em scena um mundo — 31 personagens, além do enchimento fatal de gauchos, officiaes, soldados, populares, voluntarios, marujos, etc. E espalha o desenvolvimento das scenas pelo Rio Grande, Santa Catharina, Montevidéo e Italia.

Venceu tantos obstaculos ? Não nos parece. Para movimentar a machina plasmou todos os personagens por um mesmo molde convencional, heroico e cóndoreiro.

De Garibaldi ao ultimo peão falam todos em grande estylo. Annita, por exemplo, ao morrer, exclama:

> **Eu sei que vou morrer... ao despontar da aurora...**
> **Só espero do sol o calmo lithargirio.**

E adeante:

> **Salve, Piratinim ! O meu sonho, uma idéa !**
> **Uma estatua ?... De quem ?... De Pallas Athenéa !**

Parece-nos muita erudição para uma só mulher, e, a mais, filha dos pampas que não cursou nunca aulas de chimica nem prelecções de hellenismo. A brasileira nunca foi erudita. Nem hoje, que proliferam as Escolas Normaes, haverá meia duzia que saibam de lithargyrio e Pallas Athenéa. Se resuscitasse, Annita não se reconheceria na pintura que della faz o sr. Annibal. Nem Annita nem os demais.

Esto drama devia apparecer 90 annos atraz, em plena effervecencia romantica. Talvez fizesse epoca... Mais veiu tarde. Encontrou-nos envenenados pelo naturalismo, cheios de exigencias veristas, e, portanto, no peior estado d'animo possivel para acceitar os actos, os gestos e as palavras que o sr. Annibal Mattos attribue a tanta gente heroica.

EXTRANGEIROS E CEARA' — Barão de Studart — Typ. Minerva — Fortaleza — 1918.

O Barão de Studart destacou da "Revista do Instituto do Ceará" este seu trabalho onde resenha o que foi escripto em relação ao Ceará pelos viajantes extrangeiros em excursão pelo Brasil. Enumera 50 e tantos nomes, e resume a biographia e a bibliographia de cada um com a ponderação e discernimento peculiares ao Autor

O MILHO NO PARANA', Raul Gomes e Rocha Junior — Papel. "Globo" — Coritiba — 1918.

O Paraná é um grande productor de milho. Os Autores orçam em 84 mil contos o valor medio dos 41 milhões de alqueires lá produzidos. E enumeram, municipio por municipio, o numero do monjolos e moinhos empregados no beneficiamento do precioso cereal. Ha perto de 50 mil monjolos, e apenas 261 moinhos.

Como a farinha de milho constitue uma das bases da alimentação popular, e ninguem a dispensa, calculam os Autores que os monjolos desdobram em farinha perto de 4 milhões do alqueires de grão, num valor de mais de 13 mil contos.

E' um livro materialmente mal feito, mas bem interessante pelas observações locaes que encerra, e por não "montar" na literatura milhesca nort'americana, como é habito entre nós, sempre que se escreve sobre o assumpto. Não resistimos á tentação de transcrever o capitulo relativo ao monjolo, essa rude e lerda machina que tão grande papel representa na economia nacional:

O MONJOLO

Este curioso apparelho, que dá o meio, quiçá, mais rudimentar de aproveitar a força hydraulica, tem um lugar de incontestavel saliencia na vida e nos habitos da nossa gente.

Quasi não ha, pelo interior afora, nas regiões de serra acima, lar de sertanejo, por mais humilde, que não tenha ao pé, numa canhada, á beira de um corrego murmurante, á sombra de frondoso arvoredo,

o monjolo, simples, inesthetico, rude, falquejado a machado e enxó, a chiar, dias inteiros, pindocando e moendo o milho, a bater monotonamente, no pilão bojudo.

Assim como o caboclo rustico e sobrio não comprehende arte culinaria sem o feijão preto, tambem não passa sem a farinha de milho, que lhe é contrapeso indispensavel na comida frugal.

E sem monjolo, o multisecular monjolo monomano, o sertanejo não sabe, por ora, fabricar a sua farinha de milho azeda.

O monjolo comprehende tres partes, que se integram no funccionamento deste rudimentar apparelho de mechanica hydraulica: a **bica**, que canalisa a agua, a **haste** e o **pilão**.

A **haste** é uma viga de madeira, falquejada a machado, de cedro, com dois, tres ou pouco mais metros de comprimento. Esta haste a um terço do comprimento, repousa na **virgem**, supporte de madeira de 80 a 90 centimetros do comprimento. Uma das extremidades é mais grossa e nella é cavado o **cocho**, concavidade destinada a receber dentro a agua que a bica derrama. Na outra extremidade está encaixada, perpendicularmente, a **mão de pilão**, a qual é um pedaço de pau duro que serve para, batendo de encontro á concavidade do **pilão**, socar o milho ou outro cereal.

Quando querem movimentar o monjolo tiram a escóra que conserva suspensa a haste; collocada esta em posição horizontal, a agua da bica, cahindo no **cocho**, enche-o, e, com enchel-o, torna-o pesado, forçando-o a baixar até derramar a agua. Derramada esta, a **haste** volta á posição horizontal, o que faz bater a **mão**, com violencia, no **pilão**.

De novo cheio o cocho, a haste ergue-se, o sufficiente para derramar a agua; derramado o liquido, cae a mão no pilão, e assim dias e dias successivos.

O typo classico de monjolo é o monomano, isto é, de uma só mão de pilão. Assim o inventaram os nossos antepassados; assim o conservaram religiosamente, os nossos patricios dos sertões.

Os colonos, porém, principalmente os italianos, bem que não se familiarisem com a **farinha de milho**, introduziram aperfeiçoamentos no monjolo, de sorte a, com o aproveitamento da mesma força hydraulica, obterem um rendimento maior. Elles constroem uma engenhoca deste feitio, mais ou menos:

Fazem uma grande roda com pequenas calhas. Essa roda movimenta um eixo grosso eriçado de grandes dentes. Parallelamente ao eixo collocam uma travesa onde enfiam uns vigotes que, tambem, tem dentes. A ponta desses vigotes é feita como a mão do pilão. Em baixo, em todo o comprimento do eixo, põem uma tóra onde cavam tantos pilões quantas as mãos que pretendem empregar no soque. Prepara-se, assim, uma entrosagem que, gyrando a roda, e com ella o eixo, os dentes deste vão engatando nos dos vigotes — mão de pilão — e, logo, desengatando de sorte que caem nos pilões socando o que ali estiver".

ALGUNS POETAS NOVOS — Andrade Muricy — Typ. "Rev. dos Tribunaes" — Rio — 1918.

Brochura de 80 pags. onde o Autor aprecia os varios novos que se destacam da legião dos poetas brasileiros, como Gilka Machado,

Amadeu Amaral, Martins Fontes, Humberto de Campos, Hermes Fontes, Heitor Lima, Goulart de Andrade, etc.

Dá como morto o parnasianismo e estuda as correntes tacteantes que se esboçam em substituição da escola marmorea.

A falta de um forte ideal, o virus de scepticismo que envenena o moderno, e mil outras razões crearam entre nós o bysantinismo de "uma poesia anemica e palavrosa, vacillante sobro suas indigentes bases idealisticas e emocionaes".

Mas desta grisaille já se vão destacando os temperamentos verdadeiramente poeticos, e já se vae definindo a obra literaria de nossa epoca, caracterisada pelo apuro parnasiano da forma accrescido de emoção personalissima — elemento que faltou e matou a escola de Heredia. Os poetas que o Autor com muito garbo estuda, são justamente os em que mais se accentuam taes tendencias.

O TRIUMPHO, romance — Ranulpho Prata — Typ. da Rev. dos Tribunaes" — Rio — 1918.

Se valesse alguma cousa dar conselhos, se a mocidade soubesse tirar partido da experiencia dos velhos... Ranulpho Prata, a avaliar pelo retrato, é muito moço ainda. A pressa de produzir, a ancia de publicar estraga-lhe as qualidades innatas, — que possue, para romancista, em accentuado gráu. Não basta, porém, possuil-as. Sem o consorcio, sem a lapidação, sem a alliança dellas com uma serie de qualidades que se adquirem pelo estudo, pouco ou nada darão nunca de si. E' o caso da terra fertil. Se fica ao léo, sem amanho, não produz coisa de valia, e não supporta a concurrencia de gleba má, pedregosa, cansada, mas que o bom lavrador arou, gradou, irrigou e transformou, com o trabalho e o adubo, em um torrão de ouro.

AMOR, VENCE! — ENTRE NEBLINAS, dramas — Claudio Selva — Typ. "Rev. dos Tribunaes" — Rio — 1918.

Os personagens do primeiro drama são uma Huguette, cançonetista, um Claudio Desterro, escriptor, um pescador, um groom, uma grega e um cãosinho. Amam-se, naufragam numa canoa, e nem por um só instante deixam de fazer phrases d'alto bordo romantico-galante. Ha Byron no meio disto, e Alvares de Azevedo. E lances de

arripiar cabellos ás platéas de 1830. Mas, no melhor da festa, o pescador intervem com falações de caipira, e gorogótó, o festim de Byron descamba em salada de Trianon e Cornelio Pires, foiegras e milho verde assado.

Não se casam escolas assim. Ou bem se faz Zola, ou bem se faz Victor Hugo. Fundil-os, é temperar grog com ingredientes de feijoada.

O CONDE DE BAGNUOLI, João Nogueira Jaguaribe — Typ. d'"O Pensamento" — S. Paulo — 1918.

O sr. Jaguaribe commenta o papel desempenhado pelos italianos na formação da nossa nacionalidade, e estuda o mais salientado dentre todos, Giovan Vincenzo San Felice, Conde, Marquez e Duque de Bugnuoli, depois Principe de Napoles, o qual veiu ao Brasil com D. Fradique de Toledo, cooperar na expulsão dos hollandezes da Bahia, e mais tarde retornou, na esquadra do almirante Oquendo, aqui permanecendo em lucta constante durante dez annos.

Nenhum soldado portuguez ou brasileiro — diz o Autor — fez, desde a descoberta do Brasil até agora, uma campanha tão difficil, tão persistente o longa, em posto de commando; nenhum outro se achou tão abandonado pelo Governo e tão falho de recursos de toda a especie; nenhum se viu tão cercado de prevenções e calumnias, mas tambem nenhum outro manteve tanta coragem, perseverança, intelligencia e pericia militar como esse italiano, que, só, por amor á gloria, incorporou-se á historia do Brasil, ao lado dos nossos maiores cabos de guerra".

E estuda-lhe a acção desenvolvida no Brasil. Remata o volume um artigo sobre o preço que nos custou a guerra do Paraguay. Pelo Ministerio de Guerra gastaram-se 302 mil contos; pelo da Marinha, 96 mil; o que somma 398 mil contos. Quanto á contribuição em soldados tomaram parte na campanha 111.651 homens, fóra os soldados de marinha e forças que seguiram directamente das provincias do Sul.

A INSTRUCÇÃO PRIMARIA EM MINAS, Olyntho Pereira da Silva — Imp. Official — Bello Horisonte — 1916.

Excellente relatorio sobre o movimento o melhoramentos introduzidos no Grupo Escolar de Passos, casa onde se dava instrucção e educação a 852 alumnos, no anno de 1915. E' notavel o carinho

dispensado ali á parte moral da educação. Organisou-se uma "Liga da Bondade" com o fim de influir beneficamente na formação do caracter infantil. Fins immediatos: despertar no espirito juvenil o gosto pelo asseio; desenvolver os sentimentos de humanidade; cultivar os sentimentos estheticos. O programma é calcado nas normas da "Liga de Intrucção Moral Ingleza". Está aqui uma instituição que desejariamos ver reproduzida em todas as escolas, tanto se resente o caracter nacional da ausencia deste preparo moral, no tempo propicio.

A brochura encerra ainda um discurso do Dr. Bernardino Vieira, paranympho da turma de alumnos, e mais tres dissertações do Autor sobre varios themas.

O IDEALISMO NA PHILOSOPHIA CONTEMPORANEA, Carlos da Veiga Lima — Typ. "Revista dos Tribunaes" — Rio — 1918.

Espirito amigo de altas cogitações philosophicas o Sr. Veiga Lima publica em folheto uma conferencia que devia realisar na Academia de Altos Estudos. Estuda o idealismo da philosophia moderna, procurando mostrar como elle subsiste ainda nas correntes mecanicistas que reduzem tudo a meros processos physico-chimicos.

LIVRO DE OURO DE RICARDO GUMBLETON DAUNT — Cardoso Filho & C.—São Paulo — 1918.

Fez este anno cem annos que veio ao mundo em Cork, na Irlanda, filho de nobre familia heraldica com a prosapia insartada n'um remotissimo conde Dauntre que figurou nas hostes de Guilherme, o Conquistador, na batalha de Hastings, o Dr. Ricardo Gumbleton, cuja vida se homenagea neste luxuoso livro.

Doutorado em medicina exerceu a profissão em Londres e na Colonia do Cabo, até que veio ao Brasil. Defendeu these na Faculdade de Medicina do Rio, clinicou em Macahé, em Itu', e finalmente mudou-se para Campinas onde viveu o resto da vida. Dedicou sua intelligencia ao cultivo das sciencias e ao estudo das linguas; e dedicou a sua actividade á clinica e á politica. Foi juiz de Paz em Campinas, Juiz Municipal e de Orphãos, vereador e deputado á Assembléa Provincial de S. Paulo, de 1854 a 55. Filiado ao Partido Conservador, nunca abdicou da sua consciencia em favor da disciplina partidaria.

"O seu vulto respeitavel — escreve um dos seus biographos — apresentava-se sempre na liça, si eram, no terreno doutrinario, atacadas

as verdades religiosas, ou offendida a liberdade, ou a consciencia catholica, por actos dos Poderes Publicos. Fiel aos seus deveres agia contra tudo que lhe parecia illegal, injusto, ou pernicioso aos individuos e á sociedade. Defendeu a causa do pobre opprimido pelo rico ou poderoso, dos perseguidos pela politicagem, e das populações flagelladas por impostos absurdos e iniquos. Sem attender a conveniencias de pessoas, ou de partidos politicos, profligou erros, abusos, escandalos, immoralidades e crimes. Combateu a centralisação politica e administrativa, que era um empecilho ao progresso dos Municipios e Provincias.

Sustentou, no regimen monarchico e no republicano, a necessidade de leis que garantissem a verdade eleitoral e a manifestação de todos os matizes da Opinião Nacional, permittindo a representação das minorias".

Foi, em summa, um caracter com tempera de aço; um homem que pensava, sentia, e agia. Dá a justa medida da sua firmesa d'animo o do seu lucido espirito a carta que em outra secção transcrevemos, escripta ao Dr. Almeida Nogueira, redactor do **Correio Paulistano.**

O **Livro de Ouro** encerra numerosos e apologias ao commemorado, em todos os tons e escalas. Nenhuma, porém, fala mais alto e melhor, nenhuma define com mais clareza o caractor e o desassombro do Dr. Ricardo Daunt do que essa carta... Vê-se ali inteiro o homem — o erudito, o clarividente, o sociologo, o conhecedor da humanidade, o patriota. Felizes os que por morte podem deixar como herança aos filhos um documento desses...

ELEMENTOS DE MINERALOGIA (applicada ao Brasil) — E. Roquette Pinto — Alves & C. — 1918.

O defeito de obras congeneres, de embutir na cabeça do menino sciencia franceza; de, ao falar de rochas, citar as jazidas europeas preparando-o assim a ter noções claras a respeito da mineralogia de todos os paizes do mundo menos da unica que realmente o interessa, a nossa, d'esse defeito está isento este pequeno manual. O distincto professor do Museu Nacional dá-nos um compendio precioso pelo muito que nos esclarece o ponto que nos interessa.

Falando do gneiss cita lógo como formado delle o Pão de Assucar. Como esta simples nota ensina o menino, e desperta-lhe a curiosidade! Este criterio, adoptado pelo Dr. Roquette Pinto, devia ser obrigatorio em toda a nossa literatura didatica. Traz um inconveniente, e grande: exige do autor um conhecimento real da materia, cousa rara nos nossos fabricantes de livros, que, no geral, disfarçam traducções, peiorando sempre a obra furtada.

ALBERTO TORRES E A SUA OBRA, A. Saboia de Lima — Off. Labor — Rio — 1918.

Inda não se fez justiça plena a este homem, talvez a consciencia mais pura e a intelligencia mais penetrante que jamais brilhou neste paiz. Mentalidade poderosa, capaz duma percepção pessoal das cousas, manteve sempre o espirito voltado para o estudo dos nossos males. A sua obra de sociologo e pensador é a que melhor dá medida da nossa situação real como povo e como nação

Viu com rara clarividencia todas as falhas da tentativa sociologica que é o Brasil e nas altas posições que occupou, ministro e presidente de Estado, Juiz do Supremo Tribunal, procurou sempre contraminar as corrente erradas que nos arrastam á ruina. Desnorteava, porisso. A vulgaridade dominante não comprehendia aquelle espirito novo, de vidente, de Cassandra, afoitado em remodelar para salvar. Teve contra si nesses postos, todas as opposições, a opposição de todos os interessados, de todos os ignorantes, de todos os *idiots savants* no galarim — de todos os comparsas do que Euclydes da Cunha chamava-a bandalheira sistematisada.

Foi vencido, negado, conspurcado. Hoje, seu vulto cresce. Augmenta a corrente dos estudiosos da sua obra, toda de pensamento, desataviada, pesada, rude, mas riquissimas de visões geniaes.

O Sr. Saboia de Lima prestou um inolvidavel serviço á sua memoria biographando-o, e estudando-lhe documentativamente a obra pela maneira superior com que o fez. Não cabe nesta simples noticia uma analyse deste precioso livro. Voltaremos a elle. E transcrevemos a preciosa carta onde A. Torres, a beira do tumulo, com a mão na consciencia, diz ao Brasil, sem paixão, sem attitude, sem circunloquios, a verdade tremenda que todos procuram esconder.

O QUE EU VI, O QUE NÓS VEREMOS, Santos-Dumont — Typ. Piratininga — S. Paulo — 1918.

Brochura de cem paginas onde Santos-Dumont narra com a simplicidade de todos os grandes inventores o caminho trilhado para, da infantil e julioverneseca obsessão aviatoria chegar aonde chegou — completa resolução do problema. A elle deve a humanidade dois passos capitaes, a dirigibilidade dos balões e o aeroplano.

Poderá alguem, mesmo em resvario de sonho megalomanico, aspirar a mais?

O maravilhoso surto da aviação sae inteiro das suas experiencias em Paris. Mas este assombro que é a aviação hoje será nada amanhã, quando a paz permittir o completo desenvolvimento de todas as consequencias que ella comporta. A humanidade mudará de rota, forçada pelas directrizes novas impostas pela aviação, como mudou de rumo á invenção da machina de vapor. Com as azas fragilimas da elegante *Demoiselle* Santos-Dumont deu uma guinada no eixo da vida moderna, e o deslocou. Em que sentido? Para melhor? Para peior? São interrogações que só o futuro poderá responder.

TERRA NATAL, Bernardino Vieira — Typ. F. A. Pinto — 1918.

Volumesinho de 16 paginas, de versos, onde o Auctor, exaltado amante da sua terra natal, lhe enumera os encantos por forma a provocar em quem lê o desejo de fazer a malas e ir morar nesse recesso parasidiaco do planeta.

Desta lendaria, encantadora Minas,
Rica, opulenta, grande, magestosa,
Cercada de montanhas azulinas,
E's a Princeza senhoril, formosa,
Linda Princeza liberal, do Sul.

No assetinado leito de velludo
Dos teus extensos, vastos, verdes campos
Dormes sonhando!.... O céo, tranquillo e mudo,
Alcandorado nos confins escampos,
E' o teu soberbo cortinado azul!...

Nas tuas casas brancas, espalhadas,
Bebendo a viva luz do céo, risonha
Erguidas em collinas e esplanadas,
Repousa, bate, sente, vibra e sonha
O teu vibratil, nobre Coração!

Feliz terra, a cidade de Passos! Amimada assim pelas fadas, que a encheram de primores, possue ainda filhos amoraveis, que os transfazem em melodias poeticas; melodias que, nos versos do Sr. Bernardino Vieira, causam no leitor uma estranha impressão de sonho...

Desenho de Maria Graham. Gravura de Edw. Finden.

São Christovão.

RESENHA DO MEZ

CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISTAS

Reuniu-se este mez no Rio um congresso de jornalistas para a discussão de numerosas o interessantes questões relativas á profissão. Das theses apresentadas sobresae a enviada de Jahu' pelo sr. Hilario Freire. Estudou nella a funcção deleteria que no publico exerce a noticia pormenorisada, romanceada, enfeitada, dos factos policiaes. Dizão os contradictores que se a imprensa as dá é que o publico as pede. Perfeitamente. Mas nem tudo que o publico pede merece deferimento. Incumbe ao senso moral dos jornalistas discernir no pedido o que irá causar um bem e o que irá causar um mal. Exemplificando diz o Sr. Hilario Freire:

"Para que, porém, seja, de facto, essa escola virtuosa, esse nume bemfazejo, a nossa imprensa precisa expurgar as miserias de seu noticiario. Sua pauta deve ser reconduzir o escrupulo ao noticiario para rehabilitar a instituição, por elle deturpada, e supprimir as narrativas do crimes e suicidios e os debates judiciarios criminaes, para isolar o crime, pela indifferença silenciosa.

Nem por isso o periodismo perecerá na sua circulação, pois o talento pluralizado dos jornalistas sem custo encontrará materia vicarianto para o adorno de suas columnas. Contam-se por dezenas outros meios do attracção, por fóra dos inqueritos novelleiros. As desenvolvidas narrativas das boas acções, das investigações e descobertas scientificas, dos emprehendimentos artisticos, agricolas, industriaes, literarios, commerciaes, do movimento da infancia escolar, com seus quadros de honra e applicação, etc., tudo isso, cultivado com mais carinho, refolhará em novas ramagens vicejantes.

Jornalistas europeus, de reconhecido valor, ensaiaram com exito a depuração dos velhos habitos, banindo de suas grandes folhas a historia dos povoadores das prisões.

Quando surgiu em S. Paulo o vespertino *A Gazeta*, seu director-proprietario encontrara um redactor, intimo conhecedor do "foot-ball", que se incumbiu da secção sportiva sob moldes inteiramente novos e que fazia um apanhado diario das occorrencias de todos os "grounds", do aproveitamento ou regressão de cada jogador, do treinamento de cada "team", das qualidade de cada egresso e apresentava essas notas debaixo de uma roupagem literaria, impressionista e insinuante. Não lhe escapava nem mesmo as corporações infantis e dizia, por exemplo: — "O menino Rubens é,

ao nosso ver, o jogador do maior futuro de S. Paulo'', prophecia que o tempo confirmou, com fazel-o o primeiro "foot-baller" brasileiro. Applicando a sua capacidade com desvelo, especializando-se com caricia em sua tarefa, o redactor sportivo conquistou rapidamente milhares de leitores para *A Gazeta*, todos attrahidos pela secção predilecta. Suas chronicas foram transcriptas em magazines extrangeiros, sendo uma dellas vertida para o inglez, quando da estada de Elihu Root no Brasil, em publicação a este dedicada. E, por isso, Adolpho Araujo costumava confessar:

— "Devo em grande parte o exito inicial da *A Gazeta* á secção de foot-ball''.

Um outro episodio, que comprova que não é sómente com o crime que se desperta o interesse, mas tambem com as bellas acções, occorreu ha pouco na fortunosa cidade de Jahu', do Estado de S. Paulo.

Fundada a Commissão Regional de Escoteiros, a folha local *Commercio de Jahu'*, netrou a noticiar os bons actos praticados pelos meninos, segundo o Codigo da corporação. Sem demora, os paes de familias e pessoas de todas as classes sociaes liam soffregamente essas informações, muita gente surprehendida com e como podiam esses escoteiros, de recente ainda simples peraltas da rua, praticar tanto bem quotidianamente, tantos actos meritorios, tantas iniciativas edificantes.

Um pequeno, que ainda não figurara nas relações honrosas, e com isso se amofinava, certo dia encontrando uma corrente de ouro, que colhera na calçada para entregar ao dono, abriu uma physionomia radiosa e, transfigurado, repetia: "Como é bom! Meu nome vai sair no jornal''.

Foi muito bem recebida a palavra do sr. Hilario Freire. Todos os presentes concordaram que é isso mesmo. Não obstante...

INGLEZ DE SOUZA

Falleceu a 6 de setembro corrente, no Rio de Janeiro, o illustre escriptor e jurista, dr. Inglez de Souza.

Filho do desembargador Marcos Antonio Rodrigues de Souza, nascido em 1853, na cidade de Obidos, no Pará, começou seus estudos no Recife e bacharelou-se em Direito em S. Paulo, onde, como estudante, já começou a militar na politica e na imprensa.

Foi então redactor da *Tribuna Liberal* e da *Revista Nacional*. Ahi foi eleito deputado provincial.

Ainda estudante, publicou tambem romances, o *Coronel Sangrado*, *Historia de um pescador*, *O Cacaolista*, onde revelou os seus dons de escriptor e as suas tendencias naturalistas.

Herculano Marcos Inglez de Souza combateu então, na imprensa, no fôro, nos comicios, pela causa liberal.

Com a ascensão de seu partido, foi presidente da provincia de Sergipe, no gabinete Saraiva, e alli fez a eleição directa, sendo agraciado com o officialato da Rosa. Foi depois presidente do Espirito Santo.

Em Sergipe deu nova feição ao ensino publico, pugnando, num relatorio, pela instituição do desenho nas escolas primarias, e no Espirito Santo tambem reformou a instrucção elementar.

Escriptor de raros dotes, de estylo, de imaginação e de descripção, fôra, nos tempos da reacção naturalista, dos que mais produziram com proveito, e o romance que publicou em 1888, em Santos, onde advogou, o *Missionario*, marcou época e é das tentativas desse genero no Brasil dos melhores, senão o melhor. O *Missionario* é um romance naturalista, que apanha em flagrante a vida rude do Norte e tem scenas de empolgante belleza, como a dos castanheiros, onde ha uma descripção que ficará

na nossa literatura como um dos seus mais formosos trechos do evocação e narração.

De sua actividade literaria na mocidade só esse livro marcou o seu esforço, mas bastou esse trabalho para o consagrar entre os melhores romancistas da escola a que pertenceu e do tempo em que escreveu.

Abolicionista, liberal adiantado, depois republicano, transferio na época da proclamação da Republica a sua banca de advogado para o Rio, onde grangeou larga clientela e justa consagração.

Em 1892 publicou um livro de *Contos Amazonicos*, onde ha trabalhos muito interessantes.

Outras preoccupações attrahiram, depois, o espirito do dr. Inglez de Souza. A advocacia empolgava-o e a politica, de quando em quando, o tentava, o assim nunca se desinteressou da vida partidaria de seu Estado, o Pará, o qual voltou a representar na Camara dos Deputados, na actual legislatura, com o dominio do partido do sr. Lauro Sodré, quo era tambem o sou.

Professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, as suas aulas de Direito Commercial, ramo em quo se especializou, eram encantadoras pela fórma e solidas pelo fundo, e conquistou sempre das diversas gerações que lhe ouviram as lições magnificas a admiração o o applauso.

No Instituto dos Advogados do Rio, do qual foi duas vezes presidente, nos Congressos Juridicos e Latino-Americanos, dobateu these importante o muito escreveu sobre os *Titulos ao Portador* uma obra notavel, que já se póde considerar classica na nossa literatura juridica.

Sobre outros institutos de Direito Commercial, firmou tambem trabalhos que são constantemente citados nas razões dos advogados e nas sentenças dos juizes.

Foi ultimamente incumbido pelo governo da elaboração de um novo Codigo Commercial o o trabalho que produzio então é de grande valor, assim como as lições que publicou de parte do curso que professou com tanto brilho na Faculdade. O seu Codigo Commercial depende apenas da ultima deliberação do Congresso.

O sr. dr. Inglez de Souza era membro da Academia de Lettras, onde occupava a cadeira de Manoel de Almeida, autor das *Memorias de um sargento de milicias*, sendo um dos fundadores e deixa sobre questões de direito, além das obras citadas, uma porção de pareceres esparsos, quo illuminarám varias questões.

Foi por duas vezes director da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, da qual era cathedratico de Direito Commercial.

Na ultima legislatura foi eleito deputado pelo Pará, de cuja bancada era o "leader".

LEPRA E ISOLAMENTO

Commissionados pelas associações medicas do Rio de Janeiro, os drs. Juliano Moreira e Fernando Terra estudaram a questão da prophylaxia da lepra em nosso paiz, elaborando o seguinte relatorio:

"Sendo a lepra doença contagiosa, determinada por agente especifico, cujo papel ethiologico não padece duvida, parece que como medida prophylatica, unica que se possa aconselhar, é o afastamento do convivio social de quem por ella foi victimado.

Os adeptos da concepção hereditaria da doença, outr'ora numerosos, cederam o terreno aos contagionistas, rendidos á evidencia, sobretudo pelo conhecimento da causa determinante do mal.

O problema, porém, não póde ficar reduzido a esse limite, complexa como é a fórmula de transmissão das doenças produzidas por agentes figurados. A pergunta, que naturalmente acode, é relativa ao momento em que o germen adquire a preciza virulencia para agir no maximo potencial, ou, por outra, o instante propicio de sua transmissibilidade. No caso concreto querem leprologos de vulto que o doente seja perigoso num surto febril do mal, pela bacillemia, que então se produz.

A circulação, portanto, do bacillo do sangue peripherico é condição primordial para seu exodo. Como corollario desse principio procura-se saber se quando a localização do germen é mais profunda, como succede na fórma nervosa, o individuo affectado offerece perigo de contagio.

Outra questão a ser ventilada é a das fontes de contagio, a que tanto vale o conhecimento preciso dos fócos de emissão dos bacillos. Não pára ahi a difficuldade do problema, porquanto resalva a duvida sobre se a transmissão opera-se directamente ou se é mistér a interposição de um parasita que vehicule o germen. No caso affirmativo, importa ainda indagar qual seja elle, pois é sabida a diversidade de parasitas, aos quaes se attribue o papel de albergar o bacillo de Hansen. O esclarecimento dessas questões seria de grande alcance para o lançamento das bases da prophylaxia, ficando, porém, de pé o principio de que ao leproso cabe a responsabilidade de disseminar o mal.

Não tendo, portanto, o medico acção sobre a doença propriamente, o unico recurso, que cabe, na prophylaxia é subtrahir o individuo infestado á collectividade: isolal-o. Quando a doença contagiosa conta com recursos proficuos para sua cura, a prophylaxia therapeutica empresta á hygiene defensiva uma arma poderosa. Com a lepra infelizmente, não se conta com esse meio de combate. Entretanto, é já de apreciavel importancia o tratamento das lesões abertas, visto como se obtem com elle a diminuição da taxa dos bacillos emittidos.

Para se pôr em pratica o isolamento deve-se ter em vista que a questão não é tão simples como se afigura a um exame superficial. Uma vez que se tenha de obrigar o doente a, senão renunciar, pelo menos restringir grandemente a sua liberdade, entram logo em jogo interesses individuaes, que devem ser respeitados.

Em um paiz de extensão vasta, como o nosso, naturalmente variam os habitos, os costumes, os preconceitos e as tradições, entre os seus habitantes, não se podendo por isso estabelecer regras uniformes, que attendam áquella restricção. Os doentes na maioria das vezes acceitam com docilidade a assistencia, que lhes é offerecida; ha, porém, outros, que obstinam em disfructar a liberdade de que gosam, muito embora seja ella precaria. Cumpre, pois, para vencer essa resistencia, revestir de grande suavidade a situação que vai ser imposta ao doente. Deve-se, portanto, para seduzil-o, acenar-lhe com a perspectiva de uma vida melhor, e provar que a transição para o novo meio não lhe abrirá um suico fundo nos seus habitos.

Para o effeito do isolamento deve-se dividir em duas classes os doentes de lepra: aquelles que dispõem de meios pecuniarios e aquelles que vivem do óbolo da caridade publica. Para os abastados, e para aquelles que têm meios de se tratar, deve-se destinar o isolamento no proprio domicilio. E' este o systema seguido em todos os paizes, onde está regulamentada a prophylaxia da lepra. A situação desses individuos em pouco differirá do meio de vida, que disfructam, apenas sobre elle se exercerá a vigilancia medica, a que ficam submettidos após a notificação compulsoria.

Essa especie de isolamento tem dado já sobejas provas de sua utilidade, demonstrada com o decrescimento notavel da doença na Noruega. As cautelas de que se cercam espontaneamente os doentes, empenhados em poupar os membros de sua familia, a docilidade, com que se sugeitam aos conselhos e prescripções do medico, são uma garantia segura para a efficacia do methodo.

A relativa liberdade em que ficam tanto do agrado do doente, é um penhor seguro da sua submissão.

Sem prejuizo de seu bem estar, cercado do carinho e affecto dos entes caros disporá o doente de aposentos á parte, sendo egualmente separados todos os utensilios de seu uso.

Nunca se deve perder de vista a obrigação de subtrahir o individuo ao ataque de insectos, sobretudo á picada de mosquitos. As fundadas suspeitas de que sejam estes os responsaveis da vehiculação do germen, dictam a necessidade de uma vigilancia attenta para evitar o seu contacto com o doente.

Não ha necessidade de entrar-se aqui em detalhe sobre questões pertinentes á disposição dada aos aposentos, protecção de portas e janellas por telas de arame, destruição de curativos poluidos, etc., visto constituir essa materia o objecto da regulamentação da prophylaxia, que opportunamente se fará.

Durante os accessos febris, de que tão sujeitos são os legrosos, as cautelas serão maiores porque nessa occasião é que o risco de contagio toma maiores proporções.

Muito delicado é o papel da autoridade sanitaria, investida das funcções de vigilancia, por quanto para obter os resultados que tem em mira precisará captar a confiança e sympathia do doente, o que alcançará, procurando disfarçar a sua fiscalisação nas roupagens de uma collaboração amistosa.

Muito contribuirá tambem para o exito da medida o auxilio prestado pela familia, que poderá investir da funcção fiscalisadora o medico da casa, o qual ficará em constantes relações com a autoridade sanitaria.

Os outros doentes, aquelles que não podem se manter a custa propria, necessitam uma assistencia dada pelo estado ou pela iniciativa particular, e o seu isolamento deve ser feito em asylos ou em colonia agricola.

Interessam-nos mais especialmente os individuos desta segunda classe, por serem os que, em maior numero existem em nosso paiz, e para os quaes mais particularmente deve estar voltada a attenção dos encarregados de zelar pela saude publica.

Em uma concepção extremada, consideravam os autores que só eram victimas da lepra os individuos que viviam na penuria, residindo em lugares sórdidos, arredados do mais rudimentar cumprimento das regras de hygiene.

Entretanto a observação demonstra que a doença tem invadido o lar de abastados, assolando familias, que gosam de bens de fortuna. Não obstante isso, são os individuos das classes necessitadas que maior tributo pagam ao tremendo morbus.

Para que a medida não tenha effeitos illusorios, cumpre que o isolamento seja uma realidade, isto é, se faça extremo de complacencias tão ao sabor de nossos habitos. O doente deve ser retirado de vez do meio collectivo, impedindo-se terminantemente a sua digressão pelos centros populosos, onde, expondo as suas lesões para tocar a piedade, estendem a mão á caridade.

Esse triste espectaculo, tão frequente nas cidades do interior, mesmo nos logares onde ha lazaretos, deve ser banido definitivamente de nossos costumes.

Os doentes da segunda categoria comprehendem os individuos, que ainda estão aptos para qualquer trabalho, ou os que pelas suas deformações, disturbios funccionaes, ou máu estado geral, não poderão applicar-se a nenhum serviço.

Aos primeiros deve-se facultar qualquer trabalho, consoante a sua capacidade physica, para vencer o tédio que produz a inactividade. Esses poderão viver em familia, permittindo-se-lhes mesmo o casamento, e terão assim a imagem de haver soffrido apenas a deslocação de domicilio, e não ao de um afastamento completo da sociedade.

Trata-se em summa de se reservarem localidades, convenientemente distantes dos centros de habitações, onde elles se concentrem em verdadeiras villas de leprosos, gozando de todos os beneficios que a assistencia lhes garantirá. A' escolha desses lugares presidirá o maior escrupulo relativo ás condições de salubridade.

Nessas colonias haverá um hospital apparelhado convenientemente, servido por pessoal idoneo, encarregado do tratamento dos doentes, quer nas manifestações proprias da lepra, quer nas doenças intercorrentes.

Os asylos ou lazaretos destinam-se aos leprosos em estado geral, ou que apresentem lesões, que os inhabilitem para qualquer trabalho. Essas casas de invalidos ficarão situadas dentro do perimetro da villa de leprosos, e a assistencia a ellas destinada será de maior amplitude. Existem em varios logares do paiz, leprocomios, ou hospitaes de logares, onde são actualmente recolhidos os leprosos sem abrigo, e procurados tambem por alguns que dispõem de recursos.

Esses estabelecimentos devem ser conservados até que se consiga transformar em realidade o proposito da fundação de villas de leprosos. Não se deve olvidar a necessidade de nelles se introduzirem melhoramentos de modo a tornal-os adequados a seus fins, sem perigo para a visinhança. Taes estabelecimentos realizam o objectivo de isolamento em domicilio permittido aos abastados, e em melhores condições, pela maior facilidade em se exercer a vigilancia medica.

E' justo que se faça uma referencia ao Hospital dos Lazaros desta cidade, mantido a espensas da Irmandade da Candelaria, o qual pela remodelação, que vem soffrendo nestes ultimos tempos, está se tornando um estabelecimento, que servirá de padrão para isolamentos congeneres.

Em conclusão, aconselhamos como medida efficaz para se evitar a propagação da lepra, o isolamento do doente, que será feito:

a) em domicilio para os individuos abastados;

b) em colonias agricolas, ou villas de leprosos, para os necessitados, capazes de trabalho;

c) em asylos ou hospitaes para os invalidos. — *Juliano Moreira.* — *Fernando Terra.*

CONSTITUIÇÃO E CONSTITUINTE

Carta do dr. Ricardo Daunt a uma consulta do dr. José Luiz de Almeida Nogueira, redactor-chefe do *Correio Paulistano*, em 20-4-1890.

Illmo. e Exmo. Sr. Dr. José Luiz de Almeida Nogueira.

Reconhecido a V. Exc., pela prova de consideração que me presta, em desejar ouvir-me ácerca da grave questão que ora se agita, em relação ao modo pratico de organizar e fazer approvar uma Constituição em substituição áquella que, depois de ouvidas as Camaras Municipaes (não *Intendencias*, pois que ao *Despotismo* Bragantino não

Na imprensa, nas academias, nos parlamentos é a mesma grita: saneamento!

Não seremos nós, que fomos dos primeiros a clamar, que somos dos mais possessos em reclamar, que, ainda aqui, longe da medicina ou dos medicos, lho façamos a menor restricção. Mas devemos cumprir com a nossa consciencia, proclamando tambem: Não basta! Saneamento, sim! Educação, tambem! Principalmente educação, porque então será mais facil, e só então duravel, o saneamento.

Ainda que lograssemos, que logremos extinguir a malaria, a leishmanniose, a doença de Chagas, o beribere, a opilação, as verminoses, todas as gafeiras nacionaes, não teriamos feito tudo... e viria a não termos feito nada, se não conseguissemos e não conseguirmos ir educando o nosso povo, para tornar suasorios, e só então estaveis, os beneficios da redempção sanitaria.

A educação hygienica é integrante e primordial a toda educação, educação nacional, que é esse o caso de vida ou de morte de nossa nacionalidade. Sobrevivencia ou eliminação, por adaptação ou incapacidade á vida civilizada. Esse é que é o dilemma terrivel, pelo qual teremos de enfrentar a lucta de amanhan... para que, adiada, não seja a lucta de sempre... se nos permittirem sempre na criminosa incapacidade de até agora...

Reflictam nisso os homens de responsabilidade, guias da opinião, professores, medicos, parlamentares, jornalistas. Felizmente que já os ha, para os quaes o saneamento não é só o remedio infallivel para a "doença do Brasil"; além deste e com este, para a ignorancia dos meios, a imprevidencia dos recursos, a incuria da saude, a incapacidade de trabalho e de economia, a pobreza triste e envergonhada, no meio da festa da nossa natureza, só existe um recurso, remedio unico e especifico: — educação, pela instrucção primaria profissional, technica, superior; educação — para a prosperidade, para a saude, para a felicidade, para a redempção do Brasil...

Saneamento, sim, mas com a educação e pela educação! — (Afranio Peixoto — *A Escola Primaria*, Rio de Janeiro).

CARLOS PEIXOTO FILHO

Nom todos estarão lembrados do que foi essa morte, faz agora um anno. A magua individual não differençou então amigos e camaradas; tocou a quantos tinham algum interesse na Republica; e as manifestações de pesar immediato e espontaneo deram ao enterramento do que só fôra deputado a solennidade grandiosa do feretro de um chefe da Nação. A imprensa, o Parlamento, pelos votos dos representantes nas duas casas, a assistencia de particulares, e a compostura do publico, á passagem do esquife, traduziam a significação de uma perda, que muitos já comprehendiam, mas que a maior parte, sómente na solidariedade do sentimento visivel, percebeu que era realmente muito grande. Ficava a impressão de que ia enterrar-se uma pessoa de caracter, um politico, ao qual as posições não tinham seduzido para contentamento da vaidade e exercicio das paixões pessoaes, um homem que havia deixado o posto de chefe por coherencia de principios, quando tudo lhe proporcionava a posse tranquilla do dominio com o devotamento solicito de quasi todos. Desapparecia um homem de bem, liso e probo, para o qual o Estado era uma entidade viva e respeitavel, os dinheiros publicos um thesouro confiado á guarda e ao zelo dos administradores e politicos, não um cofre de graças sem dono, que as mãos de detentores aleatorios distribuiam prodigamente, mas disfarçadamente, enluvadas em concessões e liberalidades, a troco de vantagens partidarias, ou de meras retribuições de

Galeria De Bellido.

Allegoria — quadro a oleo de Pedro Americo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

polidez social, ás vezes por agrado mundano. Morrera um estadista que para subir só se valera do seu talento, do seu estudo, do seu trabalho, da sua vontade e do seu caracter; e ainda não quizera aproveitar-se dos recursos de seducção que lhe dava o talento. Era raro, era estranho.

Ora, aquelle morto illustre não ficara todo no cemiterio e continuava a viver, apontado e citado, não por accidentes estranhos que empenhassem a curiosidade aventureira e as paixões de controversia, mas só pela sua figura moral, serenamente luminosa. De certo não voltava a occupar logar terreno, não era já obstaculo á ambição de ninguem; mas era um morto que vivia na memoria de todos, pela sua perfeição, e era um espelho de contrastes. Enterre-se o que morreu, para não cansar os vivos com a admiração, importuna, se é isento de odio reflexo!

E a inveja, que é o mal-estar resultante da concurrencia moral, despertava e accendia, como ao scintillar numa cinza de fogueira, se lhe deu um sopro de brisa. Não tardou para aquella outra fogueira um pé de vento, e foi a noticia que correu e girou e rodemoinhou, de que Carlos Peixoto deixara algumas centenas de contos de réis.

Que mais para os despeitados de uma admiração, para os politicos forçados a olhar a imagem sem jaça, para os cultores do dinheiro irritados da indifferença pelo dinheiro? Se Carlos Peixoto tivesse sido deshonesto, cairia despercebida a noticia. Mas elle tinha sido rigorosamente honesto; havia consumido nos annos da presidencia da Camara as economias feitas como advogado na cidade natal, e todos tinham podido ver o seu teor da vida, naquelle tempo, em habitação commum com alguns amigos, num regimen domestico de estudante, simples, despreoccupado de representação. As suas horas, fóra do casa, eram consumidas entre os deveres do cargo politico e as palestras e os raros passeios ou diversões, em logares publico. Transitava nos bondes ou, ás vezes, em automovel de praça, quando tinha urgencia. Emquanto a politica lhe absorveu o tempo, abandonou a profissão de advogado, sómente recomeçada depois de 1910, quando elle se dispunha a não mais pleitear eleições, ou descria do jámais ser eleito. Nos bons e máos dias era dos politicos menos assiduos em ministerios e no palacio do presidente; e aos ministros e presidente da Republica não falava senão em assumptos publicos. Nunca patrocinava uma pretensão de amigo, á qual se relacionasse concessão rendosa, premio, indemnização ou simples pagamento de conta. Procedia assim por orgulho talvez, por norma talvez que fixara ao seu desempenho politico, talvez por desdem desse officio de intermediario, ainda que innocente.

Nas posições que occupara e onde podia fazer favores de dinheiros publicos, sem se afastar do costume ali praticado ou podia despendel-as para a sua commodidade official, ninguem já procedeu com maior ou igual observancia da lei. Sabiam-no os amigos, e não contavam com elle nem se animavam nunca a formular-lhe um pedido em tal materia, embora em caso limpo. Algum inesperto que recorresse á sua intervenção, teria saido vexado da recusa peremptoria. Membro da commissão de finanças, qual o voto, qual o parecer de Carlos Peixoto que pudesse, de longe que fosse servir indirectamente alguem? Ali, muito ao contrario, a sua acção constante fôra unilateral em beneficio das rendas publicas, e até excessiva, como no momento me pareceu. No empenho de concertar orçamentos amorteciase nelle a sensibilidade, e a sua mesma psychologia, aliás tão aguda, embotava.

Tambem não lisonjeava os jornaes; avaliava-lhes o que pesam na opinião, mas não modificava o seu pensamento, não ageitava o seu fei-

tio moral ao agrado dos jornalistas; e timbrava em desdenhar os que lhe parecessem mãos jornalistas. Tinha plena confiança em si mesmo, tinha muito o merecido orgulho, para não precizar de gabos vãos e precarios, distribuidos ao acaso das conveniencias. Como advogado, não affirmo que praticasse — o fôra então exemplo unico — a profissão como um sacerdocio social, qual devera ser a advocacia, funcção mais do Estado que do individuo; mas na realização de seus encargos profissionaes, o seu procedimento pudera ser e era bem que fosse frequentemente apontado como um modelo de ethica. Sei de um caso typico, a sua recusa de uma advocacia de partido, vantajosissima, desde que verificou a escassez dos pleitos e entendeu que a funcção era mais nominal que effectiva, e redundava em uma situação de beneficio. Declinou-a polidamente, teimando em não receber os honorarios devidos, correspondentes a muitos mezes. Sabia eu desse caso, sabiam-no os seus amigos, saberiam ou podiam conjecturar que assim fosse os que tratavam com Carlos Peixoto.

Nos ultimos seis annos, o seu exercicio de advogado applicava-se com afinco ao serviço de uma importante empreza, embaraçada em negocios complexos, mas todos de ordem particular. A unica ligação dessa empreza com os poderes publicos resultou de uma subvenção, votada pelo Congresso, impugnada pelo Tribunal de Contas, reconhecida pelo governo em mensagem ao poder legislativo e por este mantida em voto unanime da commissão de finanças. Fôra isso em 1913, quando Carlos Peixoto ainda não era membro dessa commissão; e elle não teve parte nenhuma (nem era preciso) em qualquer deliberação concernente ao assumpto. A sua acção de advogado da companhia nunca se operou, em communicação com pessoas do governo, por ser esta escusada e contraria ao seu temperamento moral. Consistiu em pôr ordem nos negocios particulares da empreza, em liquidar debitos nos bancos, na maioria inglezes, para cujo exito influiu o prestigio pessoal do homem de bem, e a sagacidade sovera do jurista; consistiu ainda, por morte do dono e director da empreza, em fazer o inventario e reconstituir a companhia, que pôde então, já tambem favorecida pelos naturaes effeitos da guerra, ver accrescido o seu activo á somma de trinta mil contos. Labor de cinco annos encarecido pelo bom exito, valeria o que o advogado pedisse á empreza reorganizada e prospera. Outros não vacillariam em fixar honorarios grandes e na medida dos serviços. Carlos Peixoto, porém, receava ser pago em demasia, e, escrupuloso em avaliar o seu prestimo, consultou collegas mais experientes nas normas do nosso fôro. Todos lhe aconselharam pedir mais do que elle conjecturava como remuneração razoavel; e ouviram-lhe com o espanto de homens provectos ante um ingenuo que elle só pediria cinco por cento do capital reconstituido, em pagamento de uma advocacia a que a empreza devera a sua vitalidade nova. E foi o que elle cobrou, contentando-se com receber sessenta contos em dinheiro e o resto em titulos. — (Mario de Alencar, *O Paiz*, Rio de Janeiro).

O JORNALISMO BRASILEIRO

Está reunido no Rio o Congresso de Jornalistas, o primeiro que se realisa em nosso paiz. Deve-se esta iniciativa á Associação Brasileira de Imprensa, á qual aproveitamos a opportunidade para enviar os nossos parabens.

Que sairá dos discursos, dos pareceres e das discussões do Congresso? Naturalmente, uma série de conclusões interessantes, sem nenhuma sancção, mais um punhado de theses instructivas sobre a evolução historica e sobre algumas das necessidades da nossa imprensa. E' bem de crêr que as grandes questões atti-

nontes á vida, prosperidado e honra do jornalismo brasileiro serão cuidadosamente evitadas. E são essas as questões que merecíam urgente e acurado estudo, energica e severa definição de attitudes.

O jornalismo brasileiro soffre presentemente duas crises, longas o graves, que ameaçam prejudical-o enormemente, mais ainda do que já o tem prejudicado, na sua economia e no seu prestigio. Uma dessas crises é a que chamaremos — de expansão. A tiragem dos jornaes brasileiros é pequena, não está na devida relação com os nossos vinte e cinco milhões de habitantes. Porque? A primeira cousa, a mais importante, está em que a população do nosso paiz é muito espalhada, e é nos grandes centros de agglomeração que mais se lêm jornaes. Este inconveniente podia ser, em parte, remediado pelas facilidades nos meios de communicação entre as cidades, os Estados, as regiões. Essas facilidades é que nos faltam. Aqui, tudo conspira para tornar tremendamente trabalhosa a manutenção de uma empresa jornalistica. Falta-nos transporte abundante, r - pido e barato. O serviço postal é horrivel. E' tão desorganisado e mal feito que, por si só, constitue um serio entrave ao desenvolvimento da publicidade em geral, no paiz. Sobre isto poderiamos contar coisas assombrosas (se é que no Brasil ainda póde haver coisa que assombre, em materia de administração), mas para não nos alongarmos demasiado diremos apenas que, entre outros damnos, o serviço postal já nos tem feito o de não poucas pessoas deixarem de assignar a nossa folha por não poderem supportar as irregularidades e os abusos do correio... Outra causa dessa crise de expansão está nos altos preços do material, da mão de obra e do mais. Só o papel custa uma fortuna, e como o papel a tinta, as machinas, os typos, tudo. Os nossos ineffaveis governos só fazem por aggravar esta situação. A taxa telegraphica tambem sae por uma fortuna, aos jornaes que recebem grande copia de telegrammas, e ainda para maior afflicção o serviço dos telographos é demorado, incerto e torto. Outra causa é o analphabetismo. E ha outras ainda... Seria difficil enumeral-as todas, mas devemos notar que algumas dellas são de ordem moral, e prendem-se á outra das duas crises simultaneas, a que alludimos no começo.

Essa segunda crise é "psychica". Como é facil enxergar, esta exerce uma influencia entre as causas que entravam a expansão dos jornaes, — dos jornaes em geral, porque nisto, como em outras coisas, os justos tambem pagam pelos peccadores. Mas a sua principal importancia não está nisso. Está na visivel depreciação profissional no conceito publico. Quaes as causas do tão desagradavel realidade? As causas são numerosas e complexas, mas as duas principaes podem ser indigitadas. A primeira é que certo numero de jornaes, com effeito, não fazem senão por merecer a desmoralisação em que cahiram. As suas attitudes, as suas opiniões, as suas zangas, os seus enthusiasmos, tudo é materia de compra e venda, e isto quasi ás escancaras. Os politicos, com o baixo teor de moralidade que geralmente existe nos seus actos, aproveitam-se dessa circumstancia para fabricar a sua celebridade e para destruir o bom nome dos seus inimigos, e espalham a rodo o dinheiro dos erarios. A segunda causa é que os proprios jornaes se fazem uns aos outros peores do que são, cobrindo-se de lama, convencidamente, na ingenua persuasão de estarem desempenhando um papel de heróes... E' enojante o espectaculo que boa parte da nossa imprensa offerece, neste particular.

De onde vem essa falta de mutuo respeito? E' claro que, antes de tudo, os actos de brutalidade e de baixeza vêm da falta de educação. Effectivamente, a imprensa nacional abriga no seu seio uma quantidade

do individuos que não diremos talhados para carroceiros, porque isso seria insultar a classe honesta e laboriosa dos carroceiros. Mas essa falta de elevação e de compostura se deve, em boa parte, ainda, á venalidade descarada de certa parte da imprensa. O jornalista venal precisa descompor e berrar para parecer honesto, e os que são limpos precisam berrar e descompor para não ficar em posição inferior aos deshonestos. A acção diabolica, a miseravel acção desorganisadora e corruptora, a acção pestilencial dos politicos de posse do poder e do thesouro mantém perennemente, a jorros de dinheiro e de infamia, esse estado de desconcerto e da porcaria no seio da imprensa. São elles os principaes responsaveis dessa miseria, que tão dolorosamente reflecte no moral da população e no proprio nome do nosso paiz.

Eis ahi duas questões importantissimas, para um congresso jornalistico, nesta época, no Brasil: a do desenvolvimento da circulação e a do saneamento da imprensa. São questões vitaes. Dellas depende, até certo ponto, a sorte da imprensa nacional nestas décadas mais proximas — a sua prosperidade ou o seu estacionamento, a sua influencia boa ou má no seio da sociedade brasileira. Estas questões são tão importantes, que todas as outras, suggeridas pelos varios aspectos da vida jornalistica, dahi dependem directamente, e não podem ter solução satisfactoria sem o estudo attento daquellas.

O Congresso, porém, provavelmente, não tratará, por agora, destas coisas arriscadas. Esperemos que deixe ao menos o bom resultado de aplainar o caminho para o ataque decisivo, numa das reuniões futuras. Será esse o seu merito principal. — (*O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

O SERTÃO

A campanha do saneamento do *hinterland*, em boa hora iniciada por um grupo de medicos e publicistas, e, ainda hoje, em fóco nas discussões da Camara, deveria despertar a attenção dos nossos dirigentes para os problemas essenciaes da vida brasileira. De mim, o testemunho dos meus sentidos informou-me sempre que não ha exaggero no diagnostico dos hygienistas: o Brasil é um vasto e triste hospital. Fecho os olhos, um momento, e passam nitidamente na téla da minha memoria, as praias do Norte, de coqueiraes sussurrantes, com a sua população de impaludosos e cacheticos, tremendo de *maleitas*, o dia inteiro, ou certos trechos dos sertões do Sul, terras malditas do *barbeiros* e opilados. E aqui, alli, por toda a parte, sob o sol ardente do Norte, ou sob o frio dos sertões paranaenses, a mesma sub-raça de indolentes e vencidos, vivendo ao Deus dará, esquecidos dos senhores do paiz, cem annos distanciados da civilização contemporanea. Como acreditar, pois, nas forças intimas, no futuro de semelhante nação? Poderá a vontade de quem quer que seja, povoar esses desertos, vencer essa natureza, tantas vezes hostil, na sua exuberancia ou na sua desolação, agitar esses homens, dar-lhes instrucção, energias, confiança em si mesmos, desejos, ambições, ideaes? Não será esta politica melancolica que, tão commodamente, vimos seguindo, de *laissez aller, laissez faire*, a mais intelligente de todas? Taes perguntas, creio, faremos todos nós, no silencio da nossa afflicção.

E' tão grande e tão complexo o problema da construcção ou da reconstrucção nacional, que faz desanimar o mais optimista dos homens. A questão do saneamento rural, sem embargo da importancia extrema de que se reveste, constitue, apenas, um dos seus mais tristes aspectos. Elle tem dez outros: politico, social, cultural, religioso e economico. Dá o Brasil, por vezes, a impressão de uma dessas obras feitas ás pressas, errada desde os alicerces até a ultima decoração interna; em cor-

rigindo, aqui, em retocando, além, terminamos por nos convencer que o remedio decisivo estaria na sua destruição total, para a recomeçar, cuidadosa e pacientemente, sob outras bases. E como não é possivel destruir uma nação, como se destróe uma casa, temos que limitar a nossa actividade a esta obra de reformas e retoques diarios, a esta especie de equilibrio instavel, que tão bem caracteriza a nossa vida publica. Não volta o rio á sua nascente; sigamos-lhe, pois, o curso, barrando-lho ou lho desviando as aguas, segundo as conveniencias de momento. Um dia, elle chegará ao sorvedouro final do oceano.

Realisamos o estranho paradoxo de um paiz novo e semi-deserto, eivado das táras especiaes das civilizações esgotadas, uma Grecia ou uma Hespanha, em decadencia e em ruinas, obrigadas a viver das tradições. Não nos illudamos. A nossa vida civilizada se reduz, quasi, ás capitaes, ao littoral e algumas regiões sertanejas do sul, á margem das estradas de ferro. Pelo resto do paiz, é a tristeza, o abandono, a desolação, a miseria, a decadencia moral, a dissolução dos costumes. Passados a Avenida e São Paulo, começa o deserto; raros signaes de vida, nenhuma apparencia de organisação economica. Viajae pelo Norte, pelo Estado do Rio, pelos sertões do sul: em meio da opulencia tropical das terras, cidades em ruinas, aldeias mortas, fazendas abandonadas, latifundios inuteis. De legua em legua, uma pequena choupana, de sapé ou de palha de coqueiro, no Norte, de pinho, no extremo Sul, a abrigar, numa confusão animal, numerosa familia de negros boçaes ou de mulatos e caboclos indolentes, que vivem do que a Natureza offerece sem esforço, do peixe o do carangueijo nas praias, da carnauba e do pinheiro nos sertões. Dentre a preguiça morbida dos homens e das coisas, só a mulher se salva; é ella quem trata da roça de milho ou de mandioca, pesca nos corregos e, nas horas de descanço, vae á lenha, cose, remenda, tece as rendas de almofada. O homem tem todos os vicios; é quasi um degenerado: embriaga-se nas feiras, joga as cartas, cultiva como uma flôr preciosa a velhacaria dos intrujões na *berganha* dos animaes. E' máu, violento, perfido, facil de levar-se até a deshonestidade e o crime; os seus instinctos sexuaes, apurados na indolencia e na promiscuidade domestica, não respeitam, muitas vezes, os proprios laços de sangue e de filiação. E ao cabo de tudo, de todos os vicios e defeitos, é um desgraçado, um pobre servo de gleba, um escravo de facto, explorado pelos fazendeiros e pelos mandões de aldeia; não foi a complicada entrosagem da justiça feita para o seu goso.

...A grande missão das gerações, capazes de comprehender os verdadeiros problemas brasileiros, seria a da guerra ao urbanismo, que nos estiola o nos anniquila, e da pratica de uma politica sertaneja, que fizesse do nosso *hinterland* um paiz habitavel, combatendo os erros da Natureza, soerguendo um povo, digno de melhor sorte. A campanha do saneamento do campo deveria ser o inicio de uma campanha formidavel de reivindicações, em favor das terras abandonadas do Norte e do Oeste. Por que não na tentamos nós outros, nortistas ou sertanejos, que tão depressa, no atordoamento das cidades, esquecemos as nossas origens? Sei bem que é quasi impossivel convencer aos estadistas republicanos da necessidade de abandonar um pouco, as cidades pelos sertões. Alli, nos portos, nas avenidas, nos palacios luxuosos, mais facilmente se perpetuarão os seus nomes. Todavia, ficar-nos-ia a tranquillidade das consciencias que souberam cumprir os seus deveres, e amanhan, na derrocada final, a certeza do que fizemos para evital-a, seria um lenitivo ás nossas tristezas e afflicções. — (José Maria Bello — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

ASPECTOS DO PROBLEMA TRABALHISTA

De vinte o quatro em vinte e quatro horas intensificam-se as aspirações dos trabalhadores nacionaos; e, á medida que essas aspirações se fortificam, se concretizam o se tornam mais irresistiveis, as chamadas classes conservadoras vão recuando para dentro de uma região de sombrio egoismo em que se concontram, mas de onde serão fatalmente desalojadas pela logica das coisas.

Ainda ha poucos dias, nesta mesma columna, explicava lucidamente o professor José Oiticica em que consistem as aspirações geraes do proletariado. O que querem os trabalhadores é deixar de ser bestas de carga para serem homens como os demais. Não se trata de rhetorica vasia; não se trata de desenhar a côres negras o quadro sinistro em cujo primeiro plano se vê o burguez rico, assentado com seus amigos e amigas a uma mesa sumptuosa, emquanto, no segundo plano, uma familia de esfarrapados morre, num casebre enfumaçado e immundo. Não se trata do nada disso. Trata-se apenas do reparar formidavel injustiça. Trata-se de reconhecer ao operario *um direito*, note-se bem, *um direito*, não favor: o direito de viver. Quando o trabalhador reclama diminuição de horas de trabalho e augmento do salario, o capitalista, o conservador e o burocrata enxergam nelle dois peccados capitaes: preguiça e avareza. Quer trabalhar menos? Então é preguiçoso. Quer ganhar mais? Então é avarento e bandido, que quer se enriquecer... á custa do patrão, como si este absurdo fosse possivel! Ora, o trabalhador quer apenas respirar um pouco de ar puro; comer alguma coisa que o alimente e não o envenene; alegrar um pouco o seu espirito em diversões honestas, como o theatro moral, o cinema seleccionado, ou a leitura bem escolhida. E' isso que elle quer e tem direito de querer. Porque, meus caros senhores capitalistas, o operario, embora o não acrediteis, é tambem homem como vós outros. Vós passais o dia no vosso escriptorio; elles passam o dia nas fabricas, nos teares, nas casas de machinas, no fundo das minas, nos porões dos navios, nas officinas, trabalhando para ganhar cinco mil réis por dia (emquanto vós ganhais um conto de réis) e vigiados pelos feitores e fiscaes, que são os vossos cães policiaes. As vossas noites... Mas é melhor não dizer onde passais as vossas noites. Dizel-o aqui seria trazer-vos graves complicações conjugaes. O que nos consola é que, em muitos casos, as vossas esposas fazem o mesmo... Bem feito!

Quanto aos operarios, o seu caso é conhecido: os melhores passam as suas noites na monotonia da sua pobre casa; mas ha muitos que, não sentindo a attracção da casa, porque esta é tosca, sem aceio, sem ar, sem luz, o nella está uma esposa que a miseria transformou em megera, preferem passar as suas noites bebendo nas tavernas. D'ahi para o crime e para o presidio a distancia é minima. Tambem, quando elles comparecem perante o jury, quem os julga? Funccionarios publicos, medicos, advogados, em summa, individuos que tenham mais de duzentos mil réis mensaes fixos, segundo a lei. Quer isto dizer que quem possue duzentos mil réis por mez é, por lei, considerado incorruptivel; emquanto ha por ahi tantos cidadãos, e possuidores de milhares de contos, e que, apezar disso, são os mais famosos tratantes do Continente.

Repitamos: os operarios não pedem favor: exigem justiça. A moral moderna repelle a moral antiga no que diz respeito á legitimidade da riqueza accumulada nas mãos de um só. Quando se trata do problema chamado operario, o que logo e naturalmente acode a todos é o salario; ora, actualmente, ha um postulado, a cujas consequencias não póde fugir o capitalista nas suas rela-

ções com o operario. Esse postulado, que, nos paizes mais adiantados, é um logar commum de economia social, vem a ser o seguinte: o *salario que o patrão paga aos seus operarios tem de ser proporcional ao valor do trabalho, ao preço da vida e aos lucros do capitalista.* Portanto, si esse capitalista, pagos os salarios a seus operarios, apura num anno quatorze mil contos liquidos, como Matarazzo, Gamba, Crespi, *tutti quanti*, não póde reter para si e para seus herdeiros essa somma; tem de distribuil-a em salarios pelos seus trabalhadores, guardando proporção entre a quota distribuida e o trabalho de cada um. — (Antonio Torres. — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

RAÇA INFELIZ!

Uma raça infeliz, a raça negra. Infeliz e boa. Boa pela sua dedicação aos brancos e pela estupenda abnegação com que de si se esquece para acudir aos que a deprimem e tentam aviltal-a.

Nossos maiores foram ás plagas africanas levar devastação systematica, mal disfarçada sob a capa da civilização. Por dilatarem *a Fé e o Imperio*, no dizer do immortal Camões, *andaram devastando as terras viciosas* d'Africa e d'Asia. O resultado foi que, em vez de incutirem a virtude o saber aos ignorantes indigenas desapprenderam o christianismo e grandemente se corromperam. O seu ephemero imperio da India em breve se transformou numa deploravel escola de concupiscencia e máos costumes.

Trazidos foram para a America os miseros negros, allegando-se o pretexto de se lhes doutrinar a lei do Christo, isto é, a suprema ordenação do amor e fraternidade. Sabe-se, porém, como a seu sabor a transtornaram ferrenhos tyrannetes. O catechumeno foi transformado em escravo, ou antes em besta de carga, sem direitos de especie alguma. Apodreceu nas senzalas a mais baixa sensualidade. Castigos corporaes, levados ás ultimas raias da fereza, desmoralizaram os captivos, e nelles supprimiram rudimentaes noções da dignidade humana.

Sou bastante velho para ter vivido nos tempos da escravidão. Não desconheço que entre os antigos senhores de escravos muitos havia caritativos e benevolos; mas, pelo que horrorizado vi, bem longe sempre estive dos que á nefanda instituição forneciam excusas, allegando que no Brasil o captiveiro não merecia vituperios.

Taes felizmente sempre foram minhas idéas, e tanto se me radicavam no espirito que em 1879 eu e minha irmã, a quem, por herança de nossos paes, tinham cabido quatro escravos, logo os declarámos livres, antecipando assim de cerca de um decennio o acto generoso da abolição, e numa época em que ainda nem se falava de promovel-a.

No meio de oppressão e de ignominia que assim lhe crearam seus senhores, o negro infallivelmente tinha de baixar em moralidade. Nas trevas, comtudo, da sua ignorancia e servidão, elle manteve, e de modo admiravel, as nativas qualidades da sua boa indole.

Entre as melancolicas recordações dessas quadras do captiveiro, jamais esquecerei ter assistido uma vez, e felizmente foi a unica, ao espectaculo do castigo collectivo em certa fazenda. Ignorava-se qual houvera sido o culpado de um furto, e o fazendeiro, irascivel e cruel ordenara que punida fosse com vergalhadas toda a sua escravatura. Um dos rijamente flagellados foi um velho negro, já de cabeça encanecida, e, depois de estoicamente haver tolerado o supplicio, endereçou-se ao senhor e humilde lhe beijou a mão...

Minha primeira impressão, eu o confesso, foi de repugnancia e desdém para com aquelle homem, que dess'arte osculava a dextra do tyranno. — E' um covarde! disse commigo mesmo... Mas logo tive

de corrigir o temerario juizo. O velho escravo era um caçador de onças. Comquanto desvigorado pela incipiente velhice, ainda quotidianamente se embrenhava pelas serras e ia dar ás feras perigosissimo combate. O feito de submissão a que enojado eu assistira, tinha, pois, toda a sublimidade de uma resignação, filha, não do mêdo, mas da triste convicção de uma inferioridade imposta pela força ineluctavel do destino, que é sagrada para os que nella reconhecem a Providencia.

Outro quadro commovente ainda que a muitos passasse despercebido, era o carinho das amas negras para com a prole dos seus algozes, não raro com postergação do affecto devido aos proprios filhos. Humilhada (e quantas vezes maltratada!) estendia a negra o farto seio ao filho de adopção, e com o leite, que era o seu sangue, amorosamente o nutria, embellezada com a lindeza da criança branca. Que natureza affectuosa! E que inaudito pendor ao esquecimento da offensa e á magnanimidade no pagar o mal com o bem!

Pela mais imperdoavel das ingratidões o negro apparece de continuo em nosso meio social como objecto de menosprezo e vilipendio. Não faltam moralistas e ethnólogos de arribação que ás origens ethiopes attribuam certas debilidades do caracter nacional. Os proprios mestiços, descendentes de negros, em vez de franca e nobremente affixarem, como titulo de justo orgulho, a sua proveniencia dessa raça heroica e infeliz, manhosamente a occultam, como si vergonhosa fôra. Direi mais: o negro, equiparado pela religião e por nossas leis aos seus concidadãos de pelle alva, é mais desdenhado pelo mestiço, seu descendente, do que pelo homem branco. Raça inditosa até nisto!

Em nosso paiz digamol-o entretanto a bem da verdade, mais do que em outros, e desde muitos annos, apparecem consorciados os tres grandes factores ethnicos que nelle se agruparam em torno de um ideal patriotico. Na guerra hollandeza, de par com João Fernandes Vieira, representante dos portuguezes reinoes, vemos o branco já nascido no Brasil, André Vidal de Negreiros; e, apoiando a resistencia da nascente nacionalidade contra o invasor bátavo, alli se achavam o caboclo christianizado, Antonio Philippe Camarão, e o negro, o intrepido cabo dos Minas, Henrique Dias. Não vêdes ahi o fraternal convivio das tres raças que todas se faziam irmans, porque eram todas brasileiras?

Mais tarde, seculos depois, quando foi preciso vindicar a causa do Brasil, invadido e ultrajado por um régulo do Paraguay, tambem não se fazia questão da côr; e nas ossadas que alvejantes deixámos nos inhospitos campos da terra inimiga, ninguem mais poderia distinguir o matiz da pelle que em vida as recobrira... — (Carlos de Laet — *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro).

THESOUROS ESPARSOS

Não sei que má ventura é a de alguns dos nossos homens illustres, que dando do seu saber a melhor cópia em trabalhos que ás vezes lhes entram por toda a existencia, raro logram vêr-se devidamente julgados no que fizeram, porque as suas obras ficam jazendo ineditas, traçadas da polilha, senão inteiramente perdidas. Feliz um ou outro, se ainda esta ou aquella bibliotheca lhes recolhe os escriptos e aguarda occasião de os fazer sahir á luz da publicidade. Parece que a solidão a que em vida se affizeram alguns desses altos espiritos, continúa ainda depois da morte a lhes ser agradavel, afastando-os, no que escreveram, dos olhos do publico. Aos eremitas ou anachoretas, que morrendo ao seculo, elegiam por morada o deserto, lá os iam a quando e quando buscar os necessitados de seus balsamos ou de seus conse-

Photographia d' "A Cigarra".

O INVERNO EM 1918
Aspecto da neve em Caxias, Rio Grande do Sul.

Photographia d' "A Cigarra".

O INVERNO EM 1918
Aspecto da neve em Caxias, Rio Grande do Sul.

lho. Aqui, porém, o caminho que leva a esses thesouros, o roteiro delles, nem sempre será facil de achar.

Varias de tantas preciosidades malbaratam-nas mãos criminosas ou deteriorisa-as o tempo, outras têm paradeiro ignorado ou dormem ao fundo das bibliothecas ou sob o pó dos archivos.

Se ainda em vida de seus autores ha desses escriptos que se extraviam ou mãos alheias os dão como proprios, imagine-se, em vindo a morte, o destino que podem ter papeis e cadernos ás vezes em grande numero e tornados lembranças incommodas aos que os hajam de zelar.

Ainda em vida era expoliado Monto Alverne de alguns dos seus melhores sermões, e accedendo a instancias de amigos, publicava os que ahi correm, receioso tivessem elles a mesma sorte da vasta collecção do padre mestre S. Paio e conego Januario Barbosa. Dos discursos desapparecidos dizia o grande prégador: "Todos elles pertencem hoje ao dominio da estupidez o da ignorancia. Meus louros ornam a estatua da impostura, mas a sua recitação produzirá no auditorio, que os ouvir, a sensação dolorosa que despertam em minh'alma os numerosos sermões do eloquente padre mestre S. Paio, cuja belleza é horrivelmente desfigurada por aquelles que os repetem."

De autores de obras nas condições a que nos vimos referindo, occorrem alguns nomes:

Alexandre Rodrigues Ferreira, que, com o velho José Bonifacio, Conceição Velloso e Azeredo Coitinho, bispo e governador de Pernambuco, é dos homens de mais largo saber que nos vêm do seculo XVIII, deixou um numero extraordinario de relações de sua viagem scientifica ao norte do Brasil, além de tratados, de botanica, zoologia e ethnographia.

"Escreveu tanto como Buffon", diz Sylvio Romero. Apenas pequenissima parte foi publicada de obra tão vasta. Dos varios codices possue a Bibliotheca Nacional o maior numero, outros o instituto Historico e ainda os ha de collecções particulares.

Por que deixar tudo isso inedito?

Manoel Odorico Mendes, assim como trasladou ao portuguez os poemas do Virgilio, trasladou os de Homero. Ahi andam desde 1854-58 as traducções do Mantuano e desde 1874 a da "Illiada", para cuja impressão votára a assembléa provincial do Maranhão 4:000$000. Ficou até hoje, porém, sem ser publicada a "Odysséa". Com quem se acharão os originaes do trabalho?

José Maria do Amaral. Cheguei a conhecel-o. Morava elle em Nictheroy, em seu palacio da Soledade, sobre um outeiro, pouco além da Ponte de Pedra. Ahi morreu em setembro de 1885. De pessoa de sua familia ouvi que escrevera muito, versos principalmente, dos quaes ficaram algumas collecções. Destes conhecem-se apenas seis ou oito sonetos e um fragmento do poema "Zeroni". Dois grossos "diarios" da missão de Amaral no Prata e em S. Petersburgo possui naquelle anno de 1885, dadiva gentilissima da mesma pessoa de sua familia. Examinando-os e vendo quanto interessavam taes documentos á nossa historia politica e diplomatica, achei dever transferir a offerta á Bibliotheca Nacional.

Um dos "diarios", encontrando-me de caminho com José do Patrocinio, cedi-lh'o de emprestimo. Este salvou-se, pois, não ha muito m'o restituiu a exma. viuva do grande jornalista. O que levei á Bibliotheca Nacional pude verificar que lá não se encontra...

De Joaquim Gomes de Souza, o "genio mathematico", como lhe chamavam, sabe-se que além de muitas memorias scientificas (sobre a theoria do som, sobre a propagação do movimento nos meios elasticos, theoria da luz, resoluções algebricas ou transcendentes, etc), deixou em grande parte escripta

sua obra principal "Leis da Natureza", seu trabalho de predilecção ou aquelle, segundo declarou, que considerava "como o fim de sua vida e pelo qual esperava merecer alguma coisa dos contemporaneos".

Onde param estes e os demais manuscriptos do sabio maranhense?

E Luiz Delphino? Poetou durante mais de cincoenta annos; contam-se-lhe por milhares os sonetos, por dezenas os varios poemas, alguns de largo fôlego. Salvo, talvez, uma centuria dos primeiros e alguns dos ultimos, esparsos por jornaes e revistas, tudo o mais está por publicar. Toda essa vultuosa producção ficou, depois da morte do glorioso escriptor, em poder de seu filho e meu amigo dr. Thomaz Delphino. Ficou e ficará até quando? A interrogação não é minha sómente, é de todos quantos estremecem a memoria do grande poeta, lhe admiram os versos e receiam que, passados já dez annos de sua morte, outros e outros passem ainda e com elles e á mercê delles se dê o extravio de tantos manuscriptos preciosos... — (Alberto de Oliveira. — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

UMA NAÇÃO DE INVENTORES

Os Estados-Unidos são o paiz em que se concedem mais patentes de invenção. O nosso serviço a esse respeito, no Rio de Janeiro, occupa talvez uma meia-duzia de pessôas, que cabem á larga em uma sala. Nos Estados-Unidos a repartição de privilegios é um enorme palacio, onde milhares de empregados trabalham activamente.

Dois escriptores norte-americanos Hutchinson e Criswell dizem, em um estudo sobre esta questão: "Nós acreditamos ser um facto demonstravel que o systema de privilegio de invenção dos Estados-Unidos fez mais para promover a sua supremacia commercial, a sua maravilhosa prosperidade e bem-estar generalizado do que qualquer outra causa".

Pode ser que haja um pouquinho de exaggero nesta affirmação. Em todo o caso, si houver, é só um pouquinho. A nação inteira vibra ao appello constante de novas ideias, susceptiveis de obter patentes de invenção.

Abra-se ao acaso qualquer revista de vulgarisação scientifica e acham-se ahi ás dezenas annuncios de solicitadores de patentes. Esses annuncios gritam: "Precisam-se ideias", "Faça render as suas ideias", "Ideias valem dinheiro", "Para homens que têm cerebros"... "A America precisa de suas ideias", "Invente alguma cousa"...

E ha, assim, paginas e paginas.

A esses appellos interesseiros dos que vivem de tirar patentes juntam-se os appellos directos do governo. Ha, por exemplo, agora, publicada em varios logares uma declaração official de que o systema dos trens em marcha apanharem os saccos do correio é defeituoso: obriga os trens a diminuir a velocidade e estraga os saccos. O governo lembra ás pessoas que têm genio inventivo a utilidade de pensar nesse caso. A patente que fôr concedida a um bom systema fará rico o respectivo autor.

Em muitas fabricas é costumo instituir um premio annual para o operario que tiver descoberto o mais util melhoramento dos mecanismos ou trabalho. Isso põe, portanto, todos os operarios, não na attitude passiva de peças inconcientes do mecanismo geral, mas de collaboradores, de criticos. A cada instante, elles estarão perguntando: "Como se poderá melhorar isto?"

Mais ou menos a nação inteira vive sob a pressão desses pedidos, dessas solicitações, dessas instigações constantes. "Invente alguma cousa!" — é uma phrase que todo americano já, por força, leu na sua vida centenas ou milhares de vezes.

E os exemplos dos que têm enriquecido com pequenas invenções são numerosissimos. (Medeiros e Albuquerque — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

AS CARICATURAS DO MEZ

SUA EXCELLENCIA... tambem sabe dar a sua piadinha...

(Raul — *Malho*, Rio).

O AÇAMBARCADOR

— De que serve agora a tabella? De que serve tambem a discurseira do José Bezerra? Podem agir contra ou a favor, já tenho a barriga cheia.

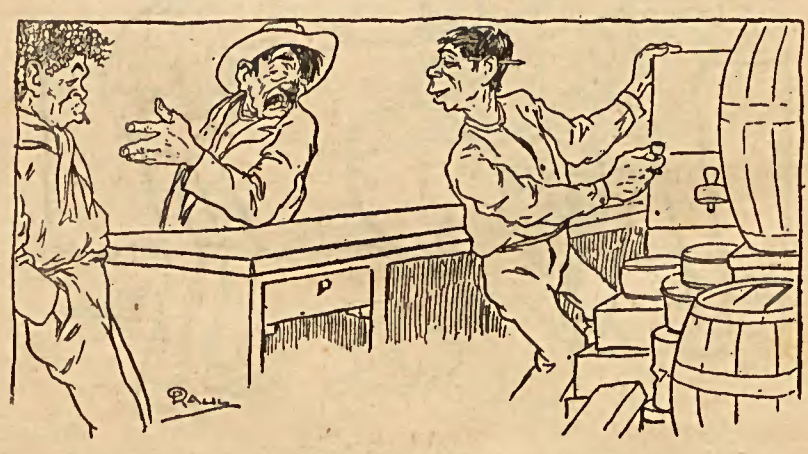
(Raul — *Jornal do Brasil*, Rio).

BULHÕES — Como é que você explica esse caso de pães de kilo, pesando só oitocentas grammas?

PADEIRO — E' que, *seu* doutor, nós amassamos o pão com o suor do rosto, e com esse frio, não se transpira nada.

(J. Carlos — *Careta*, Rio).

CONHECIMENTO DE CAUSA



— Qual tabella, qual commissariado! Estou convencido de que o paraty cada vez sobe mais.

(Raul — *D. Quixote*, Rio).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Cirurgia — Operações — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", S. Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—**Emilio Rocco** — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND — Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura. — Revistas. — Mappas. — Material Escolar. ED. DRUMMOND & Cia. Rua do Ouvidor, 76 — Teleph. Norte 5667 — End. Tel. "Livromond" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro.

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

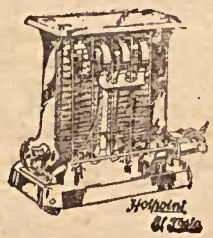
Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello. proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 — End. Tel. "Anglicus"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Neweastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE". Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

Loteria de São Paulo

EM 11 DE OUTUBRO

100:000$000

Por 4$500

Em dois premios de 50:000$000

Os bilhetes estão á venda em toda a parte

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil *acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.*

Urupês 2.a edição — *Contos por* ***Monteiro Lobato.***—Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wasth Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, «O meu conto de Maupassant», «Polliee verso», Bucoliea, O mata-pau, Boceatorta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

Sacy-Perêre — *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4$000 réis; pelo correio, 4$500

Edição popular dos URUPÊS, em papel de jornal: 2$000; pelo correio, 2$300

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL
Rua da Bôa Vista, 52 — S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK do Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

Brenno Muniz de Souza . . .	Immigração e indesejaveis.	133
Martim Francisco	Viajando (III)	149
Heitor de Moraes	Ricardo Gonçalves . . .	167
Ricardo Gonçalves	Poesias	179
Monteiro Lobato	O Plagio	194
Pompeu Pequeno	A Sombra	201
Julio de Mesquita Filho . . .	Carlyle e a Guerra . . .	204
Redacção	Bibliographia	217
	Resenha do mez	226

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 34 - ANNO III VOL. IX OUTUBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ: — A "Casa portugueza" em S. Paulo (*Ricardo Severo*) — Dos males o menor (*Adalgiso Pereira*) — O Araguaya (*Eurico de Goes*) — A Fruticultura na California (*Ed. Navarro de Andrade*) — A Capital do Brasil (*J. Maria Bello*) — O imperialismo Norte-Americano (*A. Chateaubriand*) — Um Grande Invento.

ILLUSTRAÇÕES: Seis gravuras antigas extrahidas da obra "Brazil and Brazilians" de Kidder e Fletcher.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.
Secretario: PINHEIRO JUNIOR.

Directores nos Estados:
Rio de Janeiro: DR. JOSE' MARIA BELLO.
Minas: DR. J. ANTONIO NOGUEIRA, Bello Horizonte.
Pernambuco: MARIO SETTE, Recife.
Bahia: DR. J. DE AGUIAR COSTA PINTO, S. Salvador.

ASSIGNATURAS:

Anno	15$000
Seis mezes	8$000
Edição de luxo, anno	22$000
Seis mezes	12$000
Numero avulso	1$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

Caixa postal: 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS
TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES
BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES
LAMPADAS
1/2 WATT
CHAVES A OLEO
VENTILADORES
PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR
ISOLADORES
TELEPHONES
LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway)

Vendedores de fios de algodão, crús e mercerisados

Compradores de Algodão em Caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades, todas do Estado de S. Paulo:

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva. Pyramboia, Monte Mor, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de **Algodão em rama** *neste e nos demais Estados algodoeiros. com Representações e Filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul*

Proprietarios da conhecida Agua Mineral

PLATINA

Cognominada A VICHY Brasileira

A melhor agua de mesa

Acção medicinal

A PLATINA, cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

Vendida em

garrafas escuras

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central

Caixa postal n. 931

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ realisado. . . . £ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . . £ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Bancó, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20$000, até o limite de Rs. 10:000$000 abonando juro de 3 % ao anno.

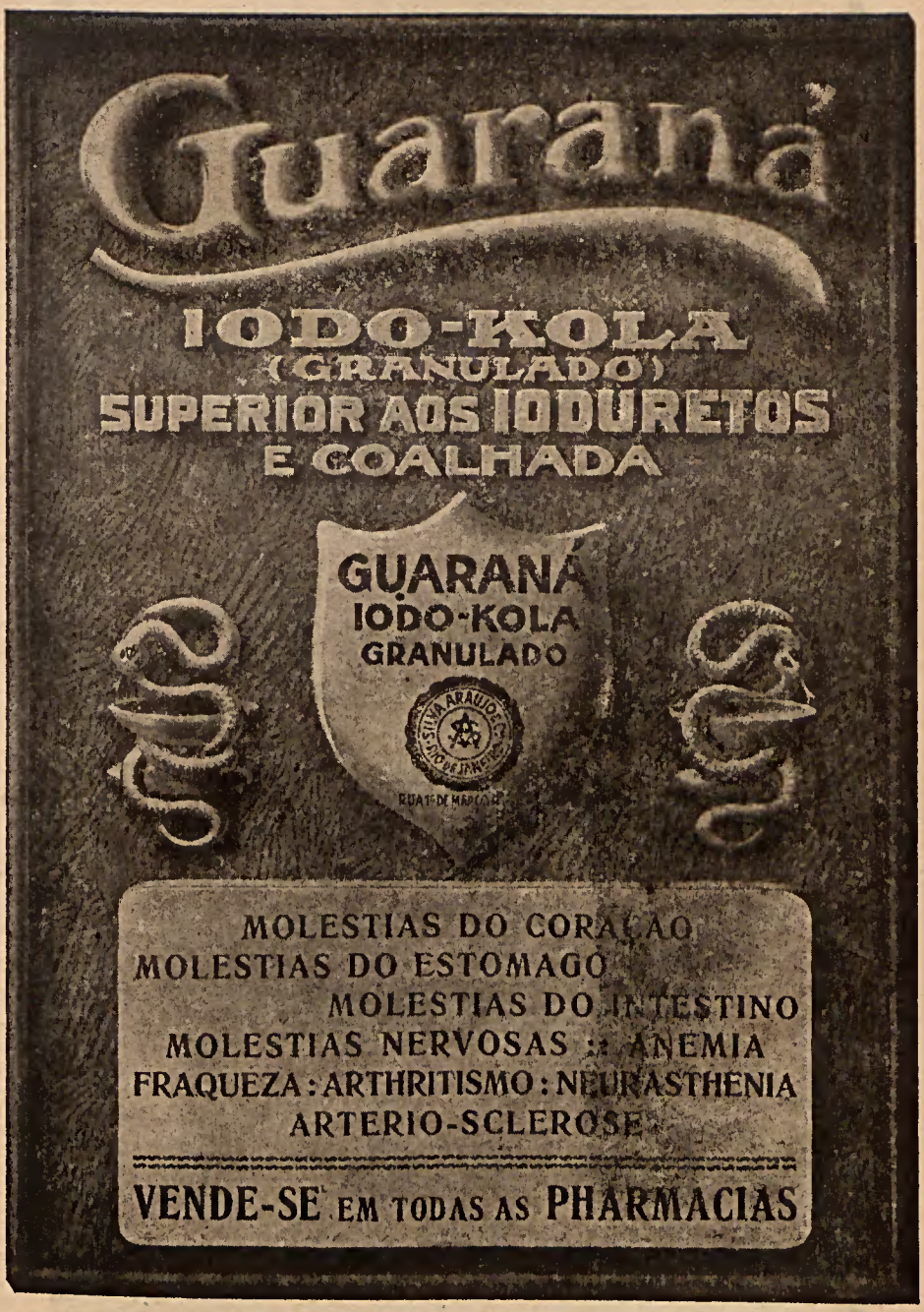
As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabbados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

TOSSE, ASTHMA, COQUELUCHE ETC.

SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO


Guaraná
IODO-KOLA
(GRANULADO)
SUPERIOR AOS IODURETOS
E COALHADA
GUARANÁ
IODO-KOLA
GRANULADO
MOLESTIAS DO CORAÇÃO
MOLESTIAS DO ESTOMAGO
MOLESTIAS DO INTESTINO
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA
ARTERIO-SCLEROSE
VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & Cia

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

AOS LEITORES

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhoria crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuimos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independencia, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse logar. Indica-o a entrada crescente de assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque épocha.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portanto, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, e que hoje voltamos ao assumpto.

--- ATTENÇÃO ---

Cada assignante que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3$000 levados a credito; angariando duas terá 6$000; tres, 9$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na acquisição das obras editadas pela revista

--- BOLETIM A ENCHER ---

Illmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL

Junto seguem.....$..... importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome) .....
(Residencia)	(Residencia) .....
(Nome)	(Nome) .....
(Residencia)	(Residencia) .....

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de .....$.....

..... de ..... de 19.....

.....

Edições da "Revista do Brasil"

O SACY PERÊRÊ

Bello volume de 300 paginas em optimo papel, contendo tudo quanto corre a respeito desta interessantissima creação do nosso folk-lore, e ornado de numerosas gravuras de pagina.

Preço. . . . . 4$000
Pelo correio . . . . . 4$500

URUPÊS

Terceira edição, a sair. Livro de contos, por Monteiro Lobato, com 260 pags., illustrado.

Preço. . . . . 3$000
Pelo correio . . . . . 3$300

NO PRELO:

RINDO, por MARTIM FRANCISCO

Collecção dos melhores excerptos do grande pensador e ironista, acompanhada de notas elucidativas de seu proprio punho.

PEDIDOS A'

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA, 2-B

(Desconto de 20 % aos revendedores).

IMMIGRAÇÃO E INDESEJAVEIS

A população brasileira, deploravelmente combalida em sua maioria pelo hausto voraz das graves endemias que a deprimem, tende para progressivo declinio em seu valor ethnico, se a esse sorvedouro de energia não se oppuzerem densas barreiras capazes de impedir que se installe, definitiva e total, a degeneração da raça. O aspecto nosocomial do interior do paiz, synthetisado na lugubre e nitida formula de Miguel Pereira, attrahe tristemente todos os olhares; para solver o problema do saneamnto vão convergir os designios dos nossos scientistas, e conjugar-se todos os esforços da nação. Muito calida e justamente se tem louvado a coragem, tardia, embora, porém ainda opportuna, dos que arrancaram de sobre o quadro desolador da decadencia dos nossos patricios a criminosa cortina de indifferença que o velava. Delineado em sua crueza destruidora o mal enorme, resta focalisar sobre elle, um cerco inexoravel e sem treguas todo o poder adverso da prophylaxia aggressiva e defensiva. Combater a malaria, debellar as verminoses, vencer a trypanosomose, limitar a lepra, extinguir o trachoma — eis o lemma glorioso da cruzada salvadora que emprehende libertar a nação do atroz parasitismo que lhe vem sorvendo toda a vitalidade.

O aureo ideal dessa campanha, embora triumphante, não bastaria porém, para realizar por completo a restauração de um typo humano robusto e perfeito, digno da grandiosa natureza que nos cerca. A nossa raça, profunda, visceralmente attingida em muitas gerações pelos ten-

taculos implacaveis das endemias reinantes, por longo tempo se conservará debil e vacillante e trará ferozmente cravado em seu seio o estigma de degeneração do seu passado morbido. Ao lado, pois, do assalto directo ás devastadoras molestias radicadas em nosso meio, para o bom caldeamento da futura população as regras elementares de eugenia devem orientar esse trabalho ingente da renovação de um povo: o desenvolvimento da cultura physica, a defesa contra a lues e contra o ethylismo, o progresso da hygiene alimentar e muitos outros factores servirão de amparo e impulso á nobilitação da raça.

A immigração

Na hora angustiosa em que a humanidade se debate convulsa em horrido morticinio, em que a labareda européa destróe em sua infernal combustão milhões de vidas e de energias em pleno vigor, a immigração, contingente de alto valor na formação da nossa nacionalidade, merece particular analyse.

Antes do cruento conflicto ás nossas plagas aportavam, em busca de trabalho e de riqueza, attrahidos para o amanho dos nossos campos úberes, mas desertos, levas de gente sã e laboriosa, indispensaveis ao nosso desenvolvimento. Esse affluxo normal e constante do nobre sangue europeu, transbordante do velho continente superlotado, agia intensamente sobre a evolução da nossa raça, quer como elemento de recomposição ethnica, quer como factor economico da prosperidade do paiz. A guerra tremenda paralysa a salutar corrente immigratoria justamente no momento em que ella mais util se poderia tornar, promovendo o augmento da producção agricola, favorecendo o surto e a expansão das industrias nacionalisadas, contribuindo para a regeneração do povo entibiado pelo parasitismo.

O Brasil, terra feracissima, porém de população escassa e debil, é e será por muito tempo forçado a procurar alhures o braço facil e de pouco custo necessario ao seu progresso. Já é tempo, por isso, de irmos fixando idéas sobre as condições em que se ha de reorganizar esse supprimento

durante e após a guerra, cuidando desde já de nos precaver e garantir contra a invasão possivel de individuos inuteis, improductivos ou prejudiciaes, contra as raças inassimilaveis e inferiores que se venham estabelecer entre nós, contra qualquer elemento pernicioso cuja introducção faça decrescer o valor somatico, moral ou economico da nossa gente.

Depois da guerra

Terminada a conflagração, que destino tomarão as populações remanescentes da terrifica voragem? Não se pode prever com segurança se o europeu, vencido ou vencedor, preferirá curvar-se aos onerosos impostos de guerra e dedicar-se á fertilisação da sua gleba revôlta pelo bombardeio, á restauração das industrias paralysadas, á reconstrucção das cidades destruidas, ou se procurará, pelo contrario, regiões mais prosperas, que o cataclysmo não devastou, para nellas esquecer, em dias de ventura e de bonança, o terror da tormenta passada. E' esse um problema complexo cuja solução só se ha de aclarar com o desenrolar dos acontecimentos; é certo, porém, que desde já as nações conflagradas receiam o despovoamento e contra elle se previnem, onerando pesadamente os bens dos que se retirarem.

O progresso na arte de matar attingiu á suprema perfeição na lucta hodierna; basta lembrar que só no primeiro anno de guerra a França perdeu 400.000 homens, cifra egual á das baixas soffridas em vinte annos de campanhas napoleonicas, e que se calcula em dois milhões o numero de mortos da Allemanha, até agora; e o que se extermina na guerra é a parcella mais activa, mais nobre, mais productiva dos povos, é a mocidade vigorosa dos campos, é a juventude promissora das escolas. As nações dilaceradas hoje pela carnificina conservarão por certo, acorrentado por largo tempo á necessidade da propria reconstituição, o elemento humano, base primordial de toda a riqueza e dellas não podemos esperar tão cedo a exportação do braço obreiro, de que não é possivel abstermo-nos.

Um outro phenomeno social parallelo se processa simultaneamente: é a fixação do habitante das nações neutras, nas quaes o capital e o trabalho se desenvolvem rapida e prodigiosamente, proporcionando aos seus povos uma farta prosperidade, com que o destino cego e injusto galardôa a criminosa indifferença dos que assistem impassiveis e insensiveis, á lucta gloriosa do Direito e da Justiça contra a brutal prepotencia da Força. Desses paizes não receberemos tambem o imprescindivel concurso de operosidade que a fome propellia para aquem-mar, em multidões avidas de ouro, portadoras, em sua ambição, do germen da nossa expansão economica.

Collapso da corrente immigratoria

Cessando assim as condições de densificação extrema de população e de desequilibrio economico, para os quaes a immigração se impunha como correctivo unico, não mais podemos contar com as nossas antigas fontes de supprimento de braços. Que resta, pois? Paiz essencialmente agricola, onde o braço escasso tem sido o maior entrave opposto ao augmento da producção e á independencia economica que della deriva, não podemos abdicar desse caracter, sob pena de inevitavel esboroamento da nossa autonomia. Perante tão graves difficuldades, a introducção em massa do immigrante asiatico tem sido a solução adoptada com enthusiasmo por certos espiritos optimistas, que nessa medida não descobrem outros inconvenientes, além do transporte difficil e insufficiente.

Não somos dos que se insurgem em franca e absoluta hostilidade contra a importação do trabalhador asiatico: a isso nos constrangem as nossas especiaes condições de paiz agricola, de população tenue e doentia, privado subitamente do laborioso concurso das raças aryanas. Resignados, porém, a tragar estoicamente o penoso remedio não devemos nos abster das garantias contra os males que dessa adducção do elemento amarello possam advir para a nossa nacionalidade.

A immigração asiatica

As populações asiaticas, sobrias, resistentes e prolificas, foram sempre um repositorio de energia humana de que se valeram as raças superiores em épocas criticas, em que por qualquer evento social, faltou o factor habitual de trabalho. Esse facto se verificou nas colonias conquistadas pelos europeus nas zonas tropicaes, após a libertação do escravo africano. A ilha Mauricia, as colonias francezas de Guadelupe, Reunião e Martinica se utilizaram de chinezes e hindus como succedaneos dos negros em suas lavouras. A Nova Zelandia e a Australia pediram ao asiatico o impulso inicial para as suas culturas, até que pudessem attrahir da Europa o colono branco mais exigente. Mesmo na America do Sul, o Peru' e o Equador chegaram a abusar a tal ponto do aproveitamento do asiatico que a opinião liberal na Inglaterra se alarmou e fez cessar essa migração por temer uma recrudescencia do captiveiro humano. Modernamente, as colonias inglezas da Africa do Sul recorreram de novo ao braço oriental para prover ao trabalho das industrias mineiras, que de outro modo ahi se teriam perdido, segundo affirma Neame no seu estudo sobre o trabalho asiatico nessas colonias. Mesmo a Europa, nos dias tristes que correm, com os seus filhos sacrificados e absorvidos pela guerra, foi haurir no inesgotavel formigueiro humano do Oriente a seiva que lhe vae minguando; annamitas, tonkinezes e chinezes foram trazidos em auxilio do trabalho dos portos, das industrias e das lavouras da França e da Inglaterra; só em 1916, 114.000 asiaticos deram entrada nesses paizes para occorrer a esses serviços periclitantes.

O oeste americano, California e Estados visinhos, attrahio para as lides das suas culturas e das suas minerações magnificas enorme corrente de migração asiatica e a ella se deve grande parte da assombrosa fortuna ahi originada; de 1848 a 1876 foram introduzidos nessa região 250.000 chins que facilitaram a construcção de vias ferreas e o desbravamento da terra rude e inhospita, para a qual mais tarde

affluiram milhões de colonos europeus. O relatorio da commissão de inquerito do Congresso Americano de 1876 avalia em 400 milhões de dollars o accrescimo de riqueza devido então ao trabalho chim.

Como demonstram todos esses exemplos, o oriental é um trabalhador barato e abundante, capaz de acudir á brusca deficiencia do material humano. E' isso bastante para que se aconselhe em nosso paiz o incremento illimitado da importação do braço asiatico? E' a essa interrogativa premente que os nossos economistas e ethnologos devem responder com urgencia e com a consciencia de uma grave responsabilidade, concedendo ao problema o alto valor social que nelle realmente reside.

Para compensar a penuria e a incapacidade da nossa população deficiente e dessorada pelas parasitoses, para conservar e garantir o nosso equilibrio economico, cujo fundamento mais solido repousa sobre a producção agricola, para evitar emfim o naufragio da autonomia nacional, apontam os paladinos da colonisação asiatica como unico e heroico remedio a intensificação das culturas, só possivel mediante o despejo de multidões amarellas sobre as nossas landes despovoadas.

Desvantagens do asiatico

Não deviam, porém, os adeptos da inundação mongolica olvidar as desvantagens que della podem decorrer para o aperfeiçoamento do nosso typo ethnico. E' neste particular que o caso brasileiro differe e se distancia dos exemplos citados acima, nos quaes o appello ao asiatico foi coroado de relativo successo; nessas opportunidades o oriental vinha quasi sempre substituir o negro, de menor capacidade productictiva e de gráo intellectual ainda inferior; ou então, em regiões onde era chamado sómente pela utilidade e pouco preço do seu trabalho, como se deu na America do Norte, encontrava já formado e vigoroso um soberbo e definitivo typo de raça, como o "yankee", impenetravel a todas as influencias, resistente a todos os attrictos.

O estudo da anthropogenia brasileira nos leva a verificar que o nosso povo, oriundo da confluencia hybrida ainda não

terminada entre o branco colonisador, o vermelho aborigene e o negro servil, não adquirio por emquanto caracteres de estabilidade e de homogeneidade, em virtude da varia dosagem das raças basicas componentes e da diversidade de condições mesologicas em que se vae operando a fusão e o preparo ethnico.

Para justificar o escrupulo que deve inspirar a escolha do immigrante não se pode, pois, invocar uma pureza de raça, cuja eterna flamma reclame carinhos de vestal; é, inversa e desgraçadamente , a necessidade de melhorar a nossa gente que exige a introducção de elemento extranho, de mais intensa vitalidade, capaz de augmentar o nosso exiguo potencial de energia e de recalcar e extinguir as más qualidades ancestraes recessivas e regressivas, que por força das leis mendelianas surgem em nossa evolução. Devemos almejar que a influencia atavica conserve essa modelação ao brasileiro futuro, a energia e a bravura do indigena, o suave perfume da sensibilidade africana; porém a aspiração suprema deverá convergir para o predominio do factor aryano, da raça branca civilisadora e tenaz, principal detentora da nobreza e do progresso humanos.

Interrupção da corrente immigratoria européa

A fatal convulsão que hoje conturba o mundo e desvia o destino dos povos, como um terremoto muda o curso dos rios, obriga-nos a conter o nosso anceio pela immigração branca, agora irrealisavel. Paralysada a fluencia normal dessa corrente depuradora, emquanto se forem attenuando pelo saneamento as causas morbidas que tanto ensombram o porvir da nacionalidade, atiremo-nos á valorisação do solo patrio para impedir um grave hiato em nosso progresso, mesmo que para isso seja necessario tolerar temporariamente o colono asiatico, inassimilavel porém operoso; opponham-se, entretanto, quer pela selecção do immigrante, quer pela limitação do seu numero e pela localisação exclusiva em zonas de cultura, barreiras aos inconvenientes que acompanham a colonisação amarella.

Para os paizes em estado de penuria demographica, como o nosso, a immigração é uma fonte preciosa de enriquecimento; cada adulto que se recebe pode ser calculado pelo valor do custo da sua vida até os 15 annos ($550 dollars, Ernst Engel), ou pelo valor da sua producção média durante a vida, excluidas as despesas da manutenção (lib. 175, W. Farr). O Brasil, que possue um territorio capaz de abrigar e nutrir uma população dez vezes maior do que a existente, não pode, pois, recusar esse lenitivo para a sua pobreza.

O japonez e o chinez

Dos asiaticos o unico toleravel é o japonez. O hindu', indolente, vingativo, desleal e sordido, esmagado pelo deprimente regimem millenario das cástas, fakirisado pelas insidias de uma natureza grandiosa e cruel, conserva-se, onde quer que o destino o arraste, o mesmo pária inerte e desprezivel.

O chinez era descripto em 1879 pelo nosso consul nos Estados Unidos, Salvador de Mendonça, no seu memoravel Relatorio sobre trabalhadores asiaticos, como sendo industrioso, economico, intelligente e com aptidões varias, a elle estando, por certo, reservada mais tarde a colonisação dos nossos valles do S. Francisco e do Amazonas, transformaveis em novos eldorados pela mão de obra mandchu'; entretanto confessava que os reputava suspeitos, desleaes, mentirosos e dados ao latrocinio! Em toda a parte em que se estabeleceram foram utilisados pela extrema barateza do seu trabalho, derivada da vida miseravel a que estavam habituados, competindo vencedoramente com o *standard of life* mais custoso aos outros colonos. Após alguns annos de aproveitamento em larga escala desse trabalho remunerado com "salarios de fome", taes grupos ethnicos se enkystam nos paizes a que foram chamados, principalmente se se localisam nas cidades, e começam a supportar a lucta proteccionista que acaba por esmagal-os. Foi o que se observou na America do Norte onde foi com esforço contida a avalanche amarella attrahida pelas *montanhas de ouro* da California; para isso foram decretadas severas leis de exclusão, apoiadas em motivos de ordem

economica, proteccionista, em razão de ordem moral, que a *pruderie* do anglo-saxão alentava, e em ponderações de ordem religiosa, despertadas pelo horror ao paganismo chinez.

A tendencia para a estagnação nos centros populosos, onde se aggravam profundamente a sua miseria organica e a sua torpeza moral, avilta ainda mais o filho do Imperio Celeste, que se torna infernal em suas atrozes machinações criminosas; em Chinatown de S. Francisco, como em todos os agrupamentos chinezes no extrangeiro, reinam soberanamente o jogo, o opio, a prostituição, a immundicie, a degradação social em todas as suas formas mais repugnantes e vergonhosas (C. H. Rowell, Annals of Americ. Acad. of politic and soc. sciences, t. 34).

Nada ha, pois, a esperar de um povo que se conserva obstinadamente refractario a toda a assimilação de progresso, fiel eternamente ás absurdas tradições nacionaes, estigmatisado medullarmente pelos vicios de uma raça cuja evolução, se se deu, será tão lenta que melhor será não contar com ella. A proposito da mutabilidade psychica das raças cabe aqui lembrar o divorcio de opiniões que separa os sabios objectivistas e positivistas dos sociologos da escola de Le Bon Laponge, Sergi e Ferrero: estes conferem a cada especie humana caracteres immutaveis, tendencias particulares instinctivas e irreparaveis; para aquelles a proclamação da fixidez da formula psychica de um povo é tão risivel como a prophecia dos grandes encyclopedistas Diderot e D'Alembert recusando aos russos a faculdade de se civilisarem á européa. Finot, por exemplo, affirma, no seu solido trabalho sobre o "Preconceito das raças", que é impossivel escrever algo de duravel sobre o fundo essencialmente instavel dos povos. Mau grado esses conceitos, a impenetrabilidade do chim, garantida por uma transmissão hereditaria immemorial, tem-se mostrado rigida, irreductivel nos paizes para onde emigrou; por isso, nessas terras progride hoje a campanha para a extirpação desse cancro social, já em parte enkistado pelo rigor da exclusão, porém sempre aviltante e execravel.

A capacidade do japonez

Após o justo anathema que paralysou em quasi toda a parte a importação do chinez, surde na arena dos mercados de trabalho o japonez, avido pela expansão de uma actividade exhuberante, dotado de fortes aptidões para supplantar o seu primo mongolico. O sopro de civilisação, que ha meio seculo ventila as ilhas do Mikado, exerceu sobre o seu povo uma completa transformação, definida pela absorpção total do progresso occidental, muitas vezes já demonstrado em provas brilhantes de energia, de cohesão e de combatividade guerreira. A instrucção, largamente disseminada, reduzio o analphabetismo á esplendida proporção de 5 °|°; o japonez moderno operoso, intelligente, disciplinado, methodico, especialisado e obediente, é bem o allemão do Oriente no qual a capacidade invasora se organisa e se desenvolve numa lenta e paciente extractificação de qualidades, adquiridas com o objectivo final de expansão economica. Apezar da forte densidade da população do seu paiz de origem e da exiguidade dos salarios distribuidos, o japonez que emigra não pode ser recusado por pauperismo; a média do dinheiro entrado nos Estados Unidos com cada um desses extrangeiros attinge a 31 dollars, tres vezes superior á dos italianos e superior á dos scandinavios, irlandezes, polacos, etc. E' notavel a diffusão dos preceitos de hygiene, mesmo nas baixas camadas; as grandes levas de immigrantes, como as que inspeccionamos na Hospedaria de Immigrantes de S. Paulo, apezar da longa travessia maritima a que são obrigados, apresentam-se sempre com o mais esmerado asseio individual.

Uma outra attenuante para a tolerancia do japonez é não preferir elle a permanencia nas cidades, sendo facillima de obter a colonisação agricola voluntaria. Esse pormenor é de capital relevo uma vez que se trata de evitar a attricção modificadora sobre o nosso povo de raças biologicamente incapazes de uma fusão proveitosa; tal receio, aliás, perde vulto se pensarmos que são rarissimas as uniões de japonezes com individuos de outra raça; uma moral especialissima e um profundo sentimento religioso bem diverso conserva impollutos e insulados os grupos nipponicos emigrados. Já em

1907, em Nova York, o embaixador Aoki discursando em um club japonez, pretendia combater essa tendencia para o isolamento da raça, e procurava intensificar a força de insinuação ao seu povo, aconselhando aos seus jovens patricios que desposassem americanas.

Um povo com taes caracteres, penetrante, mas impenetravel, resistente a quelquer assimilação, unido por uma solidariedade granitica, tenaz e paciente em seus designios, estoico e resignado em seus infortunios, despertou sempre nas regiões em que se implantou, uma notavel lucta reaccionaria, originada principalmente no temor da concurrencia da mão de obra nipponica copiosa e barata. Na California como na Australia, no Canadá como em Havai e nas Philippinas multiplicaram-se os motins anti-japonicos e as ligas de protesto; o brado de "Fire the Japs" muitas vezes arrastou as turbas excitadas do proletariado branco a serios movimentos em pról da exclusão do japonez; a reconstrucção de S. Francisco, destruida pelo terremoto e pelo incendio, foi retardada e encarecida enormemente pela recusa nessa empresa, do operario amarello.

A experiencia dos outros

A experiencia está pois concluida e só nos resta aproveitar os ensinamentos dos outros povos; a importação do asiatico para o cultivo do nosso immenso territorio só deve ser feita moderadamente, evitando a plethora desse elemento nos centros povoados e o grande mal do urbanismo e restringindo exclusivamente ao japonez a nossa tolerancia. A lei de 1907, promovida a bem do povoamento do solo pelo ministro Miguel Calmon, concedendo aos immigrantes terras para a sua fixação com largos prazos de pagamento, offerece, no caso da admissão do japonez, vantagens incontestaveis, podendo-se, pela sua bem orientada applicação, utilizar a energia valorisadora dos asiaticos, localisaveis em grupos disseminados por terras ingratas, que só a tenacidade dessa raça pode desbravar; subtrahe-se assim a nossa gente a qualquer nociva influencia do colono extranho e dissolve-se em parte a ferrea *blood-union* que solidarisa esse povo e faz temer a sua invasão.

Amplia-se hoje por toda a parte o receio do espraiamento da onda amarella e justifica-se agora o conselho prophetico de P. Leroy Beaulieu, que, em 1880, pedia ao mundo civilisado precauções contra uma raça cujo idéal se resume num prato de arroz.

Devemos temel-a, porém aproveitando-a em seu valor economico, porque, como pensa G. Prato ("Proteccionismo Operario"), privar-se um paiz afflicto pela penuria chronica de braços de cooperação pouco custosa de homens cuja habilidade technica revela-se maravilhosamente perfectivel equivale a recusar uma parte da propria contribuição á grande empresa de valorisação do globo.

Insurgem-se os socialistas contra o direito de pequenos grupos organisados monopolisarem, sob o escudo do patriotismo ou da propriedade, bens terrenos cuja exploração racional pudesse dilatar o bem estar geral e a fortuna da humanidade. Essa doutrina não autorisaria a introducção em nossa terra de uma massa consideravel de japonezes absorventes e inassimilaveis, capazes de alterar o lento progresso de uma raça ainda debil e mal definida como a nossa. O auxilio do braço japonez só deve penetrar em nosso organismo social atravéz das malhas filtrantes de uma defesa bem apparelhada, que lhe neutralise toda a toxidez e lhe sorva toda a utilidade. Uma das precauções a tomar, no periodo temporario de tolerancia do japonez, é a de evitar que sob esse nome nos sejam enviados habitantes da Coréa e de outras colonias do Mikado, povoadas por chins e raças proximas, absolutamente indesejaveis na nossa colonisação; trazidos de mistura com os japonezes e sob a sua ascendencia, viriam pela sua submissão e inferioridade, prestar-se á implantação de um regimen de trabalho odioso e quasi servil, incompativel com a nossa democracia e favoravel ás tendencias avassaladoras dos japonezes.

A nova solução

Proseguindo na serie de observações que determinaram estes commentarios, não podemos nos abster de fazer referencia á tentativa possivel de provocar em nosso paiz desloca-

mento de grandes massas de população, transportando-se, por essa forma, de zonas safaras, remotas e insaneaveis para regiões menos agrestes, parte desse aproveitavel capital humano, que jaz em marasmo desolador no seio do nosso aspero sertão, languescente, ischemiado, torpido e tropego, em vias de uma fatal dissolução. A bôa orientação dessas correntes de migração interna iria sorver no proprio solo nacional a seiva de trabalho, por cuja falta desfallece a nossa vitalidade. Seria necessario um penoso esforço para conseguir arrancar o nosso sertanejo morbido, ingnaro e ignavo da inercia em que vegeta, vacillante e impotente contra a degenração que o ameaça, porém afferrado á misera palhoça, algemado ao arido torrão em que nasceu e que lhe rouba incompensadamente o seu minguado alento titubeante.

O nosso cearense já se revelou, na exploração da região amazonica, o mais destemido e heroico dos colonisadores; nunca o apavorou o espectro tenebroso do inferno verde onde a morte germina na *agua negra e lethal das febres pestilentas*, descripta em versos immortaes pelo poeta do "Verão". Caracter sobrio e resignado, temperado sob a ardente irradiação do sol equatorial e na aridez cruel das planicies adustas, conforma-se o sertanejo com as asperezas da natureza, e como outro horizonte não divisa, limita-se á estagnação em que dorme o seu valor, capaz de se multiplicar admiravelmente, se, peadas ao mesmo tempo as causas morbidas de degeneração, lhe acenarmos com o estimulo de um conforto e de uma fartura, facilmente tangiveis.

Em 1912, acossados pela secca e pela fome, mais de 5.000 cearenses abrigaram-se na Hospedaria de Immigrantes de S. Paulo; desses, mais da metade não quiz regressar á terra inclemente, apezar das chuvas sobrevindas, trocando de uma vez pela riqueza do Estado que os acolhera a incerteza e a miseria do sertão.

Feita em larga escala a migração interior corresponderia a uma perfeita reciprocidade de interesses, provendo-se por seu intermedio á farta subsistencia de gente que hoje definha, á mingua de recursos e que amanhã, transferida para zonas ferteis, proximas ás linhas ferreas, permeaveis ao

saneamento e á instrucção, poderá se enriquecer e enriquecer o paiz. Contra esse patriotico e proveitoso processo de corrigir a carencia de braços de certas zonas do Brasil, levantar-se-ia, como o mais serio obstaculo, o protesto dos politicos regionaes, que apontariam a tal expediente o defeito de ser um grave factor de despovoamento; seria essa entretanto uma razão sentimental, pois, sob a mesma bandeira, o interesse maximo deve sempre visar o progresso geral da nação.

Ainda para remediar a deficiencia da obra agricola do paiz deverá o Governo instituir providencias tendentes a combater o urbanismo que nos asphyxia; promover a mobilisação agraria, analoga á decretada ultimamente na Italia, obrigando o aproveitamento dos terrenos incultos; disseminar o ensino agricola, despertando o gosto pela lavoura; favorecer quanto possivel a descongestão das cidades lembrando que na labuta dos campos se enrija o corpo e se aperfeiçôa a especie e que o transbordamento salutar da plethora urbana sobre a terra avida do suor humano é o exodo salvador, que prepara o futuro da raça e esteia o equilibrio das nossas forças vitaes.

Precauções hygienicas

Na urgencia de mover e de canalisar a energia humana em favor da uberdade da terra é indispensavel fixar as condições de hygidez, de valor moral e somatico dos que accorrem ao appello do nosso hospitaleiro paiz, filtrando com rigor as levas de immigrantes, instituindo nos portos de desembarque e nas fronteiras medidas de defesa contra a penetração no solo nacional dos elementos indesejaveis. Esse apparelho existe ha longo tempo na America do Norte e é universalmente conhecida a severidade com que são recusados em Ellis Island todos os individuos reconhecidamente inutilisaveis ou perniciosos ao paiz. A lei uruguaya de 1915, de Battle y Ordones, como a americana, nega accesso ao territorio do paiz áquelles que positivamente se verifique incapazes de contribuir para o progresso da republica; são assim repudiados os leprosos, os tuberculosos, os trachomatosos; os de-

mentes em qualquer gráo; os mendigos; os que, por defeito de conformação ou defeito physico, sejam inaptos para o trabalho; os bohemios; os asiaticos e africanos aos quaes as autoridades de "contrôle" da immigração julgue opportuno interdictar o accesso do territorio nacional; os maiores de 60 annos e os cegos, que não forem acompanhados de arrimo.

No Brasil até agora nenhum estorvo se levantara á franca permeabilidade das nossas vias de accesso e ao livre ingresso do extrangeiro; apenas as leis communs de defesa sanitaria nos garantiam. Em bôa hora o deputado Azevedo Sodré, em agosto deste anno, fundamentou um projecto de lei que concede á nossa patria o direito de recusar os maus e os inuteis. Todos os nossos votos são para que se approve e realize essa lei antes que o fim da guerra nos traga a eventualidade de sermos procurados pelo residuo humano sobrevivente ao tremendo cataclysma; seria doloroso accrescentarmos ao multiplo parasitismo que nos devora mais uma legião de estropiados, mutilados, cegos, loucos e invalidos que por ventura procurem expatriar-se em busca de vida mais facil e mais farta.

O que fez S. Paulo

S. Paulo, como tantas outras vezes, antecipou-se á União, decretando meios de defesa contra a penetração em seu territorio dos elementos nocivos; o art. 567 do seu modelar Codigo Sanitario, em vigor desde o começo deste anno, já assegura o direito de impedir, de accôrdo com o serviço sanitario federal dos portos, o desembarque dos inadmissiveis; esse dispositivo da legislação sanitaria estadoal ficará, porém, improductivo, se o governo federal não adoptar medidas analogas, por continuarem abertas as fronteiras terrestres.

Mesmo entre os Estados deveria existir o direito de defesa reciproca contra os indesejaveis; das unidades federadas, umas esmeram em proteger o seu territorio e a sua população contra a corrupção externa e buscam os meios de valorisar, pelo aperfeiçoamento, o seu capital humano; outras, por doutrina, por desleixo ou por pobreza, deixam em con-

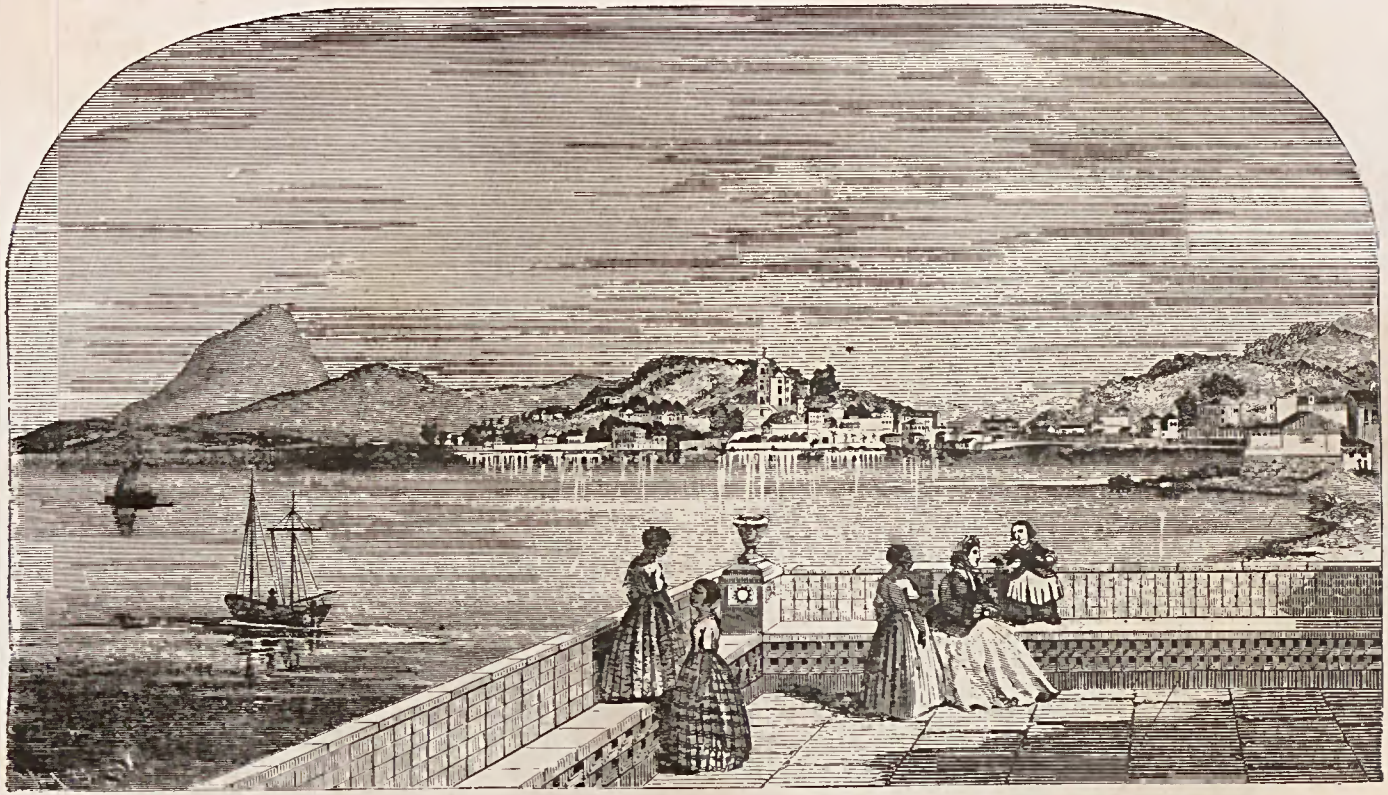
demnavel abandono a perfectibilidade do povo; não é justo que da symbiose fraternal em que vivem os Estados resulte para os mais adiantados o dever de acolher a gente residuaria, fraca, doentia e a viciada, que pretenda auferir o gozo e as vantagens de um progresso que lhe não pertence. S. Paulo, por exemplo, possuirá dentro em breve uma leprosaria modelo e não poupará esforços para obrigar o isolamento dos lazaros, suavisando porém com um conforto que ha de, por certo, despertar a cubiça dos pobres morpheticos errantes nos Estados visinhos ou mesmo remotos em que essa assistencia não existe; não se podendo evitar essa intromissão, aggrava-se singularmente o computo dos leprosos e a macula se entranha mais indelevel do que devera ser. Identica critica se poderá fazer ao numero elevado de enfermos mentaes que, refugados pelos Estados nataes, se alojam nos asylos paulistas, que lhes não sabem fechar as portas.

Outro exemplo: a lei da obrigatoriedade da vaccina jenneriana, executada com rigor no Estado de S. Paulo, protege-nos contra a invasão da variola; Estado do sul existe, entretanto, em que essa medida, por uma falsa comprehensão de certas doutrinas philosophicas, é mais ou menos facultativa, sendo ahi possiveis as explosões de epidemia e, mediante o livre intercambio existente, a exportação de doentes para o territorio paulista, que terá assim a sua estatistica injustamente sombreada por males adventicios.

Parecerá, talvez, irrisorio que se clame por leis de exclusão contra indesejaveis no Brasil, cuja população, em parte, rola debil e exangue pelo declive da decadencia e da degeneração. Entretanto é exactamente por essa mesma razão que se não deve permittir que a ruina se accelere e que avulte a legião de incapazes que tanto nos opprime.

Pela ferida da degradação do povo, jorra desperdiçada, aos borbotões, a vida do paiz. Gloria á geração actual se souber estancal-a!

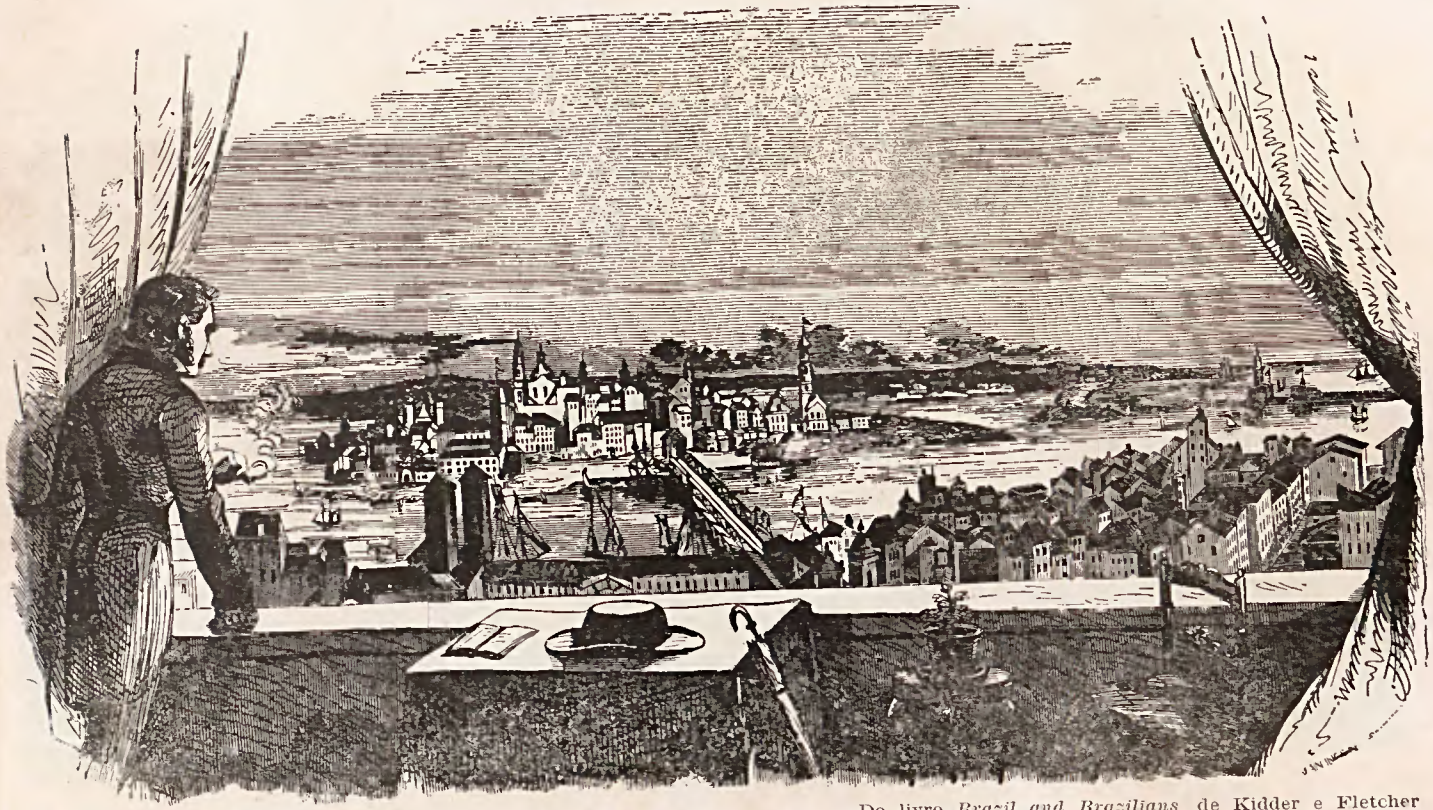
BRENNO MUNIZ DE SOUZA.



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Morro da Gloria, visto do Passeio Publico



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Vista de Pernambuco

VIAJANDO... (1)

(COISAS DO MEU DIARIO)

1913

No Forum. Março, 5

— Não estou em minha caza, mas estou em caza conhecida. Livrinho de H. Tedenat e um rapido exame da **Roma Restituta** (nitido rezumo da cidade no IV. seculo P. C.; entrada uma lira; á esquerda um busto perfeitissimo de Julio Cezar), alinhando-me idéas, me impediram de confuzão numa area tão grande e, ao mesmo tempo, diminuida pela excessiva aglomeração de monumentos.

Partindo de Vicolo Orfeo n.º 3, telephone 5132, e pedinte de que eu o recommende aos brazileiros em geral (o que estou fazendo para dez annos depois de minha morte), encontra-me o guia Rufini Emilio. Engana-se, ou pensa enganar-me, atribuindo a Trajano inscrição da epoca de Augusto. Tento peita-lo. Ofereço-lhe cincoenta liras por sestercio incrustado no chão, á direita da **Curia,** onde o Senado celebrava sessões e onde, hoje, S. Adrião tem noticias duma egreja que lhe recorda o martirio. Recuza pezarozo, deixando-me na duvida si trato com um sincero, si com um silingornio..

Mas o cazo me está a intrigar. Moralmente, tão desbriado é o corrompido como o corrutor. Nem a venalidade existe sem o concurso dambos. Hum! Na pratica a sentença não pode ser tão radical. Menos ainda na politica.

Euzebio de Queiroz, conservador, poder em 1851-2, sempre pobre e probo, ha de descer da altura, que incontestavelmente ocupa na veneração brazileira, só porque a verba secreta encommendava ao redator do **Grito Nacional,**

(1) V. a "Revista do Brasil" de agosto e setembro.

portugnez, em linguagem cuja virulencia desconceitnasse a opozição, ofensas ao imperador e sua familia? O segundo Paranaguá, tres vezes prezidente de provincia, uma do conselho, ministro cinco vezes, juiz integerrimo, politico pobre de dinheiro e rico de serviços ao paiz, perderá o titulo de homem de bem porque, quando no poder, consentia que os jornaes adversarios, vitimas de oportuno desmancho nos cilindros, recorressem ás oficinas do **Diario Oficial** justamente quando abrandavam no emprego de adjetivos deprimentes? A gravidade das nossas tradições democraticas desaparece porque as viagens, regulares de preço e de prazo, de Borges da Fonseca e Jozé Maria do Amaral (republicanos depois de mortos), coincidiam com a cessação dos motins no Recife e da irrequietação jornalistica na rua do Ouvidor? Jugurta será tão criminozo como Lucio Opimio? Hei rezolver isso em Sallustio, no Brazil. Agora tenho coiza mais exigente a atender. Um sentimento de gratidão me chama á **Cloaca Maxima.**

— Nella. Della.

O local não é de minha especialidade. Mesmo do que li, ha muitos annos, em Sexto Frontino, sobre limpezas de Roma, nada ou pouco recordo ou aproveitei. O sentimento do dever, porém, manda-me á **Cloaca Maxima**; aqui a gratidão, esse imperativo categorico das consciencias equilibradas, reina, governa e administra no meu proceder. Peço, obtenho e pago meia duzia de cartões postaes; e, nuns em proza, noutros em prozaicos setissillabos, envio saudações a varios jornalistas fluminenses. Alliviado dessa obrigação, dirijo-me a outras ruinas.

Mais Forum

— "Quem te viu e quem te vê!", foi o que exclamei deante do **Templo de Saturno,** reconhecivel apenas pelas oito columnas que lhe restam. Coitado! Começou ha vinte e quatro seculos como erario publico a sua respeitavel carreira historica, e acaba despecuniado como qualquer fim de mez! Muito mais moderno, e ainda mais desvalorizado pois só lhe restam tres columnas, é o de **Vespaziano.** Nos seus destroços, examinei-os, não vi nem uma mosca; indiscutivelmente quem o construiu foi o calvo Domiciano. Do estilobato, quazi só o que subsiste do afamado **Templo de Castor e Pollux,** guardo a lembrança de

autenticos, branquissimos e bellissimos marmores de Paros.

— Vou mandar ao Vieira Fazenda uma flor, colhida bem no meio do local onde deveria ter existido o **Templo de Vesta,** mas com a condição de o mestre esclarecer-me a respeito da aparição de S. Antonio, em defeza dos pernambucanos, na batalha das Tabocas, 16 de Julho de 1645, e quando, pela primeira vez, tropas européas, arregimentadas, foram vencidas na America. Isso por natural associação de idéas.

Si Castor e Pollux, a cavallo como estão nos denarios, desceram dos céus para decidir da batalha do Monte Regillo; si Cristo entrou em combate, na vanguarda, no decizivo prelio de Ourique; si a Santa Cruz influiu brilhantemente na ponte Milvia contra Maxencio: porque estaria o illustrado S. Antonio, numa epoca intensa de milagres, impedido de inaugura-los, como uma novidade aceitavel, cá pelas terras do Novo Mundo? Responde-me, Fazenda!

— Não sinto, nunca senti, absoluta necessidade de adquirir opinião deciziva a respeito do papa Zacarias; seio-o na historia por haver bazeado o cazo carlovingio, que sem elle teria mesmo de vir. Tomou-me hoje, entretanto, S. Santidade dez minutos de atenção quando, no **Impluvium,** e sequentemente apreciando as decorações muraes da **Egreja de S. Maria,** a duvida a seu respeito e do seu episcopado me torturou a intelligencia sempre avida de acerto e de justiça. Esse grego foi um bom ou um mau? Annullar, destruir a livraria de Augusto, substituindo-a por uma egreja, é tolice; iniciar, porém, a grande, a espantoza Biblioteca do Vaticano é alcançar direito á gloria. Como sentenciar Zacarias? Como?

Não sei. Vacillo. Em identico embaraço estava, ha mais de quarenta annos, o tribunal do juri de Taubaté, ao julgar um assassino que, na vespera do crime, praticára outro de defloramento que o fizera pai.—"Matei um, mas fiz outro", defendia-se o réu. Foi absolvido pelo voto de Minerva.

— Plena antiguidade. Já os antigos romanos lhe não entendiam a inscrição! Vejo a **Pedra Negra,** e á esquerda de quem olha para o **Arco de Constantino** tomo a escada de madeira e desço á **Cova.** Prelatino o que mal consigo soletrar sem relacionar as sillabas. Etrusco? Indecifravel? Não estará alli o nome secreto de Roma (Valentia)? Não revelará algum dia, a qualquer Letronne ou Champol-

lion, esta misterioza inscripção a identidade de Pitagoras e Numa Pompilio?

Para se não retirar o vizitante com as orelhas abanando, dizem-lhe que a **Cova** guarda ou é o tumulo de Romulo. Pois sim! Essa legenda de Romulo e Remo, tem-na a critica historica como repetição mal alterada da de Caim e Abel; já a buscára parodiar a mitologia hellenica sacrificando Eteocles e Polinice ás terriveis imprecações de Edipo. Estupida! a influencia do fratricidio na historia, na legenda, na inveja e na delegacia de policia!

Subo. Perto me está o **Arco de Triunfo de Septimio Severo,** dos menos incompletos monumentos do **Forum**. Ora! Mais fratricidio: dos filhos desse Severo, um, Caracalla, foi severissimo contra o mano Geta: matou-o e excluiu seu nome do monumento. Fez trabalho completo.

— Uma lição inesquecivel: é maior a somma de monumentos legados pelo cezarismo que os deixados pelo patriciado republicano. Explicação? Talvez porque sob as consequencias rezultantes da vitoria de camponez do Arpinio, sobre a aristocracia desalentada pela falta de sucessor digno de Silla, o povo, logo que os debates senatoriaes se tornaram publicos, adquiriu mais consciencia dos seus direitos: ficou mais exigente de gozos, de documentação de glorias, de soberania, de monumentos, de espetaculos.

Depois da passagem do Rubicon, cresceu a depravação nos costumes? Provavelmente. Maior a nau...

. . . . . .

Com o Papa. Março, 6.

— Leão XIII era Summo Pontifice; Pio X é apenas Santo Padre. Gordo, bondozissimo, olhar meigamente amortecido, conversando num francez vagarozo e quazi não italianizado, correspondeu o atual chefe do catolicismo á idéa que delle me haviam, informantes, feito fazer. Nos dominios pontificios (população: oitocentos e trinta sete homens; mulheres, não sei), graças á influencia de nossa amavel e geitoza legação, minha entrada foi rapida, e minha saída gratuita. Atravessei uma serie policolor de grupinhos, mais ou menos militares; examinei na antesala, mobiliada com indizivel luxo, duas exorbitantes jarras chinezas; admirei o dezenho do avermelhado tapete; fui chamado; entrei; vi o papa. Era dia de grande recepção.

Doente, o que lhe aumentava a natural mansidão fizionomica, só poude Pio X, da centena de vizitantes que, duma feita e em vasto compartimento lateral abençoou sorridente, receber, de pé e numa das suas muitas saletas de conferencia, o meu cazal e um irlandez, professor, que implorava bençãos para a espoza enferma.

Com a mesma imperturbabilidade com que, ha vinte e seis annos, assistira ás cerimonias do **Yom-Kippour** judaico, respeitozo ás crenças alheias e sincero na minha inofensiva descrença, ajoelhei como os outros, beijei o anel escurecido (pareceu-me) do ocidental Dlailama, e esperei a minha vez de falar, que aliás pouco tardou.

Em explicito francez, discursinho decorado, pedi ao Santo Padre indulgencias para o dr. João Galeão Carvalhal que, um anno antes, deliberadamente, sabendo que eu era incapaz de aceitar logar que me não pertencesse, mandou na Camara dos Deputados do Brazil tres **bócós** (ao olhar interrogativo de S. Santidade expliquei corresponder o vocabulo "bócó" ao francez "grotesque") aprezentarem emenda contra a minha eleição e em favor de demonstradas falsidades. Intervindo com ademanes repreensores, interrompeu-me minha mulher implorando bençãos para sua familia e seu paiz. Insisti, porém, e obtive de S. Santidade o que dezejava. Não foi, pois, inutil o trabalho, que tive, de subir os cento e vinte oito largos e altos degráus que amparam os restos do poder temporal do sucessor de S. Pedro. Retirei-me gratissimo.

Mais Vaticano.

— Tres horas empreguei em percorrer salas do Vaticano. Uma, a que contêm as doze sibillas ao lado de doze profetas, trabalho de Bentivoglio (caza nova no vispora dos meus conhecimentos) reobrigou-me á reminiscencia de Pompeio Gener e da trapalhona permanencia, no **dies iræ**, duma daquellas pagãs ao lado de David, o ungido do Senhor. Na **Clementina** a abundancia de luz e a vivacidade das pinturas bem corrige da duvidoza impressão que o morno de outras salas, onde Pinturicchio alternou viciadamente a flacidez e a audacia, não deixa de determinar no animo de quem lá se retarda.

Uma compensação, porém. Mais do que aquelle trono moderno, em pechisbeque na sala do Consistorio, avançando contra quem chega; mais do que a originalidade do

servente do cardeal Vivesiluto encommendando-me um sello brazileiro de 5$000 para inicio de relações amistozas; mais do que a restauração das, hoje, abertas e apreciadissimas salas dos Borgias, empreza devida a Pio IX e Leão XIII; mais do que a cara redonda e o pescoço corretissimo de Julia Farnéze; mais do que tanta coiza a me justificar a indignação e esgravatar-me a seriedade: lá encontrei, numa das salas, em sete trabalhos rodeando o inolvidavel této, a classificação das siencias do decimo quarto seculo. Lá estavam, cada uma no seu interessante quadro, a grammatica, a didatica, a muzica, a arimetica, a geometria, a retorica, a astronomia.

Raimundo de Lulle! Esqueceram-te, mas aproveitaram para o seculo seguinte ao do teu genio a tua classificação de siencias. Como Crisipo antes de ti, e Cardan depois, soubeste tudo o que em teu tempo se sabia, tudo o que ignoram os que, ainda hoje, nem sabem que exististe!

No Arquivo.

— Convidam-me a percorrer os jardins, os afamadissimos jardins do Vaticano. Recuzo acceder á amabilidade. Não entendo de plantações, especialmente de horta e jardim. Em 1876, solteiro, na Limeira, advogado, estreante dono de caza, fiz uma plantação de rabanetes. Nasceu couveflor. Dezisti da lavoura.

— Das cincoenta salas, nem todas grandes, que guardam o **Arquivo** do Vaticano, uma dellas porém com trinta e seis metros de comprimento, só vizitei quatro. Perfeitos pergaminhos. Tudo tão á mão! Serviço tão bem gerido, regido e dirigido pelo competente e faceto Emilio Rezzini!

— Li, traduzindo-a aos pulinhos, uma bulla de Xixto V., longa como a esperteza desse pescador de preeminencias. Abri ao acazo um dos quinhentos volumes de cartas de mandões, principes e imperadores, e fiquei conhecendo, sem vantagem palpavel, a firma de Constantino Franchecci, doge em 1709. Boa tinta. Letra peior que a do Oliveira Lima, coiza unica, aliás, que não presta no maior dos pernambucanos vivos.

Na sala numero oito, e foi a que mais me interessou, na primeira prateleira á esquerda, estão encadernadas, catalogadas em ordem impecavel, de 1815 a 1850, as relações diplomaticas da Santa Sé com os poderes profanos, constituidos. Em 1892, no Senado paulista, projéto que aprezentei pedia dez contos para, por copia de documen-

tos do arquivo espanhol de Simancas, serem preenchidos alguns dos muitos claros da historia dos paulistas. Annos mais tarde, antes de ser commerciado o jornal **Commercio de S. Paulo,** delle enderecei amavel artigo ao coronel Antonio Franco de Lacerda, influente estadista estadual, convidando, retomado aquelle projéto, s. s. a solidificar as suas relações com as letras. Perdi tempo e projéto. Valha-me a intenção.

Acabrunhado por esse dezilludido recordo, retiro-me do Vaticano e vou dormir uma hora.

.....

Ostia. Ida e Volta.

— Apenas cochilei. Mas descancei. Em meia hora: prezença dos convidados, todos; dois automoveis: partida para Ostia, cujas escavações têm sido noticiadissimas. Distancia: vinte quilometros. Cinco horas de ida e volta. Diretor commandante da expedição: Adalberto **Rechsteiner,** intelligente, com illustração acima da média e na média da dos nossos oficiaes de marinha.

— Tumbas velhissimas. Bonitos mozaicos. Restos dum teatro cuja ensenação era, em parte, movida por agua, o que tem dado agua pela barba aos arqueologos. Uma inscrição de saída, inexplicavel, num muro no centro da primitiva povoação.

A despeito dos compendios, está a topografia a ensinar que Ostia é mais antiga do que Roma. Anco Marcio aí continuou o que já achou muito principiado. Ostia proporcionou mais tarde férias e banhos ás classes menos favorecidas da fortuna, e isso talvez até o começo do V. seculo P. C. As invazões, especialmente as sarracenas, diminuiram para quinze ou vinte centenas população que já atingíra a oitenta mil habitantes nos dias de paz e de ventura. Soterrou-a destruidoramente o terremoto humano. Mataram-na. O que se está aqui a revelar é mais do que uma cidade morta: é uma cidade assassinada. Sente-se-lhe a rigidez cadaverica. No vortice dos interesses mediterraneos, Ostia foi, ainda na sua maior vivacidade, obediente satellite de Roma. Ha povoações-individuos; passam sem historia. Felizes por isso? As escavações de Ostia que o digam. Efetua-as um doutor austriaco-germano. Descobertas, estudadas, dezenhadas, as cazas são, ato contínuo, restauradas. Reviverá Ostia? Restaurada, talvez.

— Lobrigou o olhar esperto duma companheira de excursão, num tablado angular de teatro semiescavado, em pintura conservadissima num fragmento de barro, como que nos dezafiando a atenção, e exibicionista a seu modo: um vazo, pequeno, alto de oito centimetros, seis na largura. Ve-lo e furta-lo foi obra dum momento: o momento em que o operario, magro descendente de qualquer centurião, tinha o rosto voltado para o pollegar concludente e ordenador do germano. Das ruinas aos automoveis o percurso foi subjetivamente grave. De instante a instante o caquinho mudava de portador ou de bolso, emquanto bipedemente um soldado, injusto alvo de nossa desconfiança medroza, nos ia acompanhando, passo lento, distanciando-se. Emfim sós! Pulo ao automovel. Vamos, vamos embora. Tenho, pertence-me, o dezenho completo, perfeito, do antigo ciato. Não, não te tróco, pedaço de barro, por uma pasta de ministro. Nem por um ministro!

— Formoza, a volta. Na fimbria do horizonte o sol, desse vermelho sem as iras do poente tropical, afunda, apaga-se como uma bola de fogo. Doutro extremo, precipitando a noite, já refulgentes as estrellas, a natureza repete

jam noxe humida celo
Praecipitat, suadentque cadentia sidera somnos.

Voam os automoveis. Caminho magnifico. Lá, nesse pertolonge de quem corre, Roma, com illuminação inferior á do Rio e superior á de S. Paulo, conversa, mexe-se, murmura, borborinha. Olho o céu. Vejo pela primeira vez, no seu eterno ponto de interrogação, os sete brilhantes da Grande Ursa. A' esquerda, em réta, a Estrella Polar, minuscula, dezenxabida, não sendo pozisitivamente a estrella que eu sonhava. Numa volta do caminho, porém, muda-se-me de repente a vista para o sul. E como namorado reencontrando companheiras queridas, divizo, sempre esplendida nas variantes do seu brilho, Betelgeuze, e Rigel, e Bellatrix, a constellação inteira de Orion a ostentar, na maravilhoza originalidade da sua nebuloza, o mais profundo dezafio á desvanecida insaciabilidade da siencia.

Chego fatigado. Escrevo esta nota que deve, pelo tamanho, ser insipida como as de Pereira e Souza.

Na Capella Sixtina. Março, 7.

Constipado, e com indigestão de idéas (este dislate li em Voltaire), volto ao Vaticano. Quero ver, na **Capella Sixtina,** coizas dantemão recommendadas, escolhidas e consultadas.

Da provizão de elogios que trouxe, porém, já em começo e numa salinha de espera sou obrigado a aplicar alguns a uma soberba estatua de **Alcibiades**, de autor ignorado. Tapeçarias de Rafael, embora me não possa o guia elucidar si se trata de originaes fornecedores de cópia ao Muzeu de Londres, si de cópias arranjadas nessa fria metropole, exigem, e eu obedeço, abundantes manifestações de admiração. Basta? Qual! Cá está um celeberrimo fresco, **Incendio de Borgo Nuovo,** onde a elegancia das fórmas femininas atenúa o incongruente aparecimento, numa obra de arte imaginada para o IX seculo, da Fornarina, Enéas, Anquizes, Ascanio, Leão IV., Astolfo e Godofredo de Bulhão! Alli cada discipulo chegou com a sua contribuição; o do mestre, porém, conjuntando as parcellas, justificou o aplauzo da posteridade e o respeito de todos os artistas áquella portentoza revelação do genio, das derradeiras, infelizmente, duma mocidade tão proxima á tarde da existencia!

Que rumo tomar? Consulto-me. Decido. Acerto. Aquelle **Tezeu** é soberbo. Veiu, inteiro de idéa e de fórma, da lenda para a estatuaria. Portentoza obra de arte! Não lhe deveria ser, em verdade, inferior em merito artistico o baixo relevo que a completava, mas que, infelizmente, já não está completo: nelle Ariadne se acha sem cabeça. Pena! E', todavia, toleravel que, na esculptura, tenha perdido a cabeça quem na tradição perdera coiza mais irreponivel. Já se sabe: não se sabe o nome do autor.

Não desgostei dos sessenta por cento reaes do **Apollo de Belvedere,** nem dos cincoenta por cento possiveis do **Grupo de Lacoonte;** naquelle a mão direita não está direita.

— O **Torzo,** o formozissimo Torzo, peza na gente! E' de Hercules. Necessariamente. Explica-o, demonstra-o, a fadiga dos doze trabalhos. Seu autor? Discutivel inscrição dezigna-lhe "Apollonio filho de Nestor de Atenas". Noutros tempos se declaravam filhos do pai os artistas notaveis; ainda hoje, na China, si o descendente se avantaja, o ascendente lhe toma o nome para sobrenome. Em S. Paulo essa duvida genealogica dezapareceu: os antigos escravos adotaram linhagem, raça, estirpe, casta, fa-

milia, tudo dos antigos senhores; nomes e cognomes fidalgos de 1532, alli dezembarcados com a prozapia de limpos de sangue moiro, surgem com adoravel naturalidade nas partes policiaes... E' melhor assim. Prefiro Finot a Lapouge.

. . . . . .

— Faltam-me em infinita quantidade "rr" e "aa" para escrever as palavras "burro e canalha". Refiro-me ao papa Pio VI. Consagro-lhe, já se vê, simpatia muito moderada. Na arte sua personalidade dóe; sofria de vulgaridade incuravel.

Esse impio Pio, sexto de sua serie nominal, incapaz talvez de concertar a roda dum carro, tentou concertar uma divina cópia da **Venus de Praxiteles** (pertencêra a Julio II, e só isso deveria bastar para que a não alterassem), tapando-lhe as partes sexuaes com um manto de bronze! Escapou á profanação de semelhante cortina a carnadura posterior. Parei. Indecizo. Indignado. Decidi-me. Paguei ao funcionario zelador, que dum estradinho fiscalizava artes e vizitantes, uma fotografia da estatua, puxei a minha faquinha de caipira, cortei o cartão pelo meio, bem pelo meio, entreguei energicamente ao homem o retrato do manto, guardei o da denza, e retirei-me como quem acabasse de pagar o ultimo credor.

Olhava-me o bruto, apavorado; pensava-me louco. E eu ia, entretanto, deliciar-me na vizita ao

Juizo Final.

— Mas é de tirar o juizo a quem o sente, a quem raciocina, a quem... vive! Tempestade de epizodios. Cada um delles crearia uma celebridade.

Cada figura, observada, é despoticamente melhor que as outras; cada grupo nega, na atenção, lembrança immediata ao que o antecedeu.

Lá num canto, em baixo, nas agruras infernaes, o secretario do pontifice Paulo III; noutro, noutra extremidade, porém no mesmo plano, o proprio Miguel Angelo, espiando o efeito do seu genio, medindo, pezando o predominio do seu pincel inexcedivel, universal na sensibilidade, sobre as manifestações que rodeiam, — assinadas entretanto por Perugino, Boticelli, Ghirlandaio — a mais complexa e complicada exteriorização da supremacia na

arte! E predominio que obteu vitoria sobre o proprio Miguel Angelo! Do této, por elle mesmo pintado trinta annos antes, e que, totalizado, dá a suspeita dum começo de estudo para o poema final do **Juizo,** elle mesmo, o sarcastico, o envaidado semi-principiante, desce para genuflexar perante o seu genio integrado, rematado, completado.

Entontece. Desvaira. A lenda hebraica do Valle de Jozafat, de minuscula, está a merecer pateada. Quinze minutos de Miguel Angelo dão á gente quinze vezes, pelo menos, mais vida, mais pensamentos, mais prazer intellectual, mais elevação moral, do que quinze horas de permanencia em qualquer secretaria de instrução publica de minha terra. Quem conseguir enfeixar aquelles epizodios, sommar na memoria os diversissimos incidentes do **Juizo Final,** será doutor em arte, tenha ou não frequentado a nossa Academia das Bellas Ditas.

Conselho aos meus poucos leitores que forem á **Capella Sixtina**: peçam ao porteiro (uma lira: preço de estribilho) um espelho; assentem-se num banco, á direita, em direção á porta da entrada; olhem durante cinco minutos a immensa tela; acompanhem depois com o espelho cada um dos quadros lateraes (meia hora, talvez, de attenção deliberada); levantem-se; saiam de cabeça baixa para a sala proxima, e cuja porta fica mesmo em frente ao **Juizo Final**; voltem, binoculo bom em punho firme, e consagrem mais uma hora ao exame, dessa, a mais larga, a mais meditada, a mais confuza, e ao mesmo tempo mais intelligente consequencia artistica que as cogitações humanas excitaram e produziram.

Cautela, porém; muita cautela. Nada de demora na sala vizinha. Quem lá chegar, volte, volte depressa. Alli está, tambem recheiado de epizodios, mas irrezoluto, morno, o citadissimo quadro de Zucari: a **Batalha de Lepanto.** Um arroto ao lado duma tempestade.

. . . . . .

— A tarde, para quem não a pode cantar como Odorico Mendes, deve ser aproveitada especialmente, aqui em Roma, para um passeio ao Janiculo. Arranjassem-lhe um ascensor, ruim mesmo como o nosso de S. Tereza pelo preço, e da Fonte Paulina, graciosa de relevos, melhorados por Paulo V. (1612) nas suas tres tentativas de cachoeira e nos seus dois esticados esguichos lateraes, poder-se-ia sem fadiga examinar metade da antiga capi-

tal do mundo. Para lá chegar passei pela egreja de S. Cecilia, ilha de arte moderna no meio das velharias romanas, e onde tudo parece ter sido renovado ha menos de vinte annos. Aureli, talento que goza das vantagens de vida e saude, caprichou em abonitar, mas muito, a não muito grande imagem da santa.

— Estatua de Garibaldi. Recommendaram-m'a, está visto, como a melhor de todas as do guerrilheiro. Está mesmo muito boa. O rigor das linhas e a sobranceria do gesto denotam o heróe já triunfante. Olha para longe Calmo. Impavido. O cavallo está perfeitissimo. Invejavel (para os outros).

— Dois minutos deante da caza de Torquato Tasso me foram de sobejo para lamentar não tivesse ella caído sobre a cabeça do poeta antes de haver elle tentado melhorar, e de fato peiorado, o seu respeitavel poema.

Apre! (arre! é exclamação de arrieiro). Como estou cançado! O somno é uma opinião; adoto-a até amanhã, permitindo que se me diga: "dormes e eu velo, sedutora imagem, etc."

Na Villa Adriana — Março, 8.

— Partida ás nove e meia. Manhã linda. Automovel, em carreira vertiginoza, a lembrar de Boisgobey, no "La Peau d'un autre", aquella sêde de espaço tão exatamente descrita. A' direita uma egreja (?) com o corpo (?) de Pio IX; á esquerda um cemiterio muito povoado (Cemiterio povoado! Onde o **Paiz**, jornal, aprendeu isso?): á minha direita, irrequietas, duas crianças encantadoras, Dora e Gizella, rindo a cada pulo mais forte do automovel. E é assim a vida: juventude, mocidade, morte, viagem, carreira, vertigem: tudo passa. Ruinas, torres feudaes, tumulo espalhafatozo de Plauto Silvano, duradoiro porque aproveitado para fortaleza, riacho de enxofre, carneiros; tudo passa. Repentinamente me vejo na **Villa Adriana**, mudado com pensamentos e comitiva para os dias e para o Palacio do maior dos Antoninos.

Hora e meia de informações, annotações e admirações. Rezumo: que saque! que molle! que devastação! Depois de haver rapinado o litoral do Mediterraneo, o laciano passou a rapinar-se. O Palacio de Adriano é uma assolação demonstrada.

Dum altar tiraram a **Venus de Medicis**, que eu hei de ver em Florença. Acolá, perto do afastado pavimento

onde escravos especialistas esgravatavam com pennas de gallinha a garganta aos convidados para que, esvaziado o estomago, repetissem o banquete: o estrago não poupou os encanamentos, inutilizando-os de maneira a se não poder hoje saber si os romanos uzavam ou não de caloriferos. Do edificio inteiro tirou o Vaticano tudo quanto lhe ficou ao alcance da ganancia. Daqui a Italia só não furtou o que não poude, e, no grande refeitorio, deixou uma cornija esfacelada, talvez por lhe não haver o agente entendido a valioza significação.

Tivessem-no conservado, restaurado ao menos em parte, e o Palacio de Adriano seria o mais regular compendio para o estudo da civilização greco-ocidental. Vasto, solido, construiu-o, sob sua incessante direcção, o melhor interprete administrativo dos ensinamentos hellenos; construiu-o como discipulo fanatico, como alumno repetidor. Parnazo e Olimpo denominavam-se as elevações proximas; Peneu, o rio nascido no Pindo, era o riacho que lhe bordava a depressão á direita. Eram consagrados a Baco, Diana, Venus e Ceres os altares que o adornavam.

A linha de columnas, de mais de duzentos metros e na rigoroza direção norte-sul, dividia os espaços, ladrilhados de mozaicos hellenicos, onde os estudiozos da epoca, peripateticos, estoicos, epicuristas, discutiam a metafizica de todas as escolas. Lá em cima, no teatro particular do imperador, na sua salinha de meditação, aí onde provavelmente dezenhou elle a cunhagem (urge cunhar este vocabulo) de suas moedas imitadoras dos antigos filipos, metade do chão, bellissimo de azulejos, de longe semelhando um pouco os nossos modernos encerados, destróe o prazer da vista pelo desgosto do estrago na outra metade.

Ora! Onde a superioridade dos invazores normandos e sarracenos, dos conventos medievaes, do açougue das cruzadas, sobre a arquitetura que elevou o Palacio de Adriano? A transformação do escravo em servo da gleba, a separação dos poderes temporal e espiritual, e a permanencia de Constantinopla pelo rumo dos cruzados para o sul: não compensam, no progresso efetivo, como serviços da média-edade, os males destruidores que lhe atopetam os annaes.

A lei dos tres estados... Ora! Quatro têm sido elles no Brazil: ha tambem, a datar de 1889, o estado de sitio. E este tanto sitiou e restringiu o coração nacional, que, durante dois annos de revoltas, prizões, fuzilamentos, os po-

zitivistas brazileiros não pediram pela liberdade e pela vida de quem quer que fosse. Não gosta de martires a Religião da Humanidade; prefere empregos publicos.

. . . . . .

Tibur — Tiroli.

— "Narciza, nós damos o que temos e depois pedimos á vizinhança", costumava dizer á espoza o velho Jozé Bonifacio. Veiu-me a fraze á lembrança quando, na Terezopolis do patriciado, rodeando de automovel o cimo circular onde se descortina o bellissimo espetaculo de quatro cachoeiras verdes, grande uma, e tres successivamente menores, soube que, por ellas Tibur fornecia luz á Roma, sujeitando-se á escuridão e condemnando á auzencia da eletricidade as ruas estreitissimas que asseguram sua persistente decadencia.

Cazas decrepitas. Possivel villegiatura de Cicero, uma dellas. Alto e recreativo ponto de vista. Mostrados ao longe, parecem salpicos escorregando dos Apeninos os nucleos de povoações, lutantes de trabalho contra a natureza madrasta, invernoza, cançada.

— Almoço retardado, encommendado e saboreado. Extra-cardapio, um velho rabequista, com acompanhamento de violão e bandolim, canta e dansa, pulador e chistozo. Intimo-o a escolher o pagamento: almoço ou uma lira? Responde-me preferir a lira e o almoço.

— De passagem tento conhecer o Castello d'Este; contentam-me as regularissimas pinturas muraes do primeiro pavimento. Pertence a um principe austriaco; cobra entrada de meia lira. Está abandonado. Abandonei-o. Amanhã farei o mesmo a Roma, onde pensei e vivi, poucocos porém otimos dias, anonimo, innotado, sem que as autoridades se preocupassem em inquirir si eu era animal, mineral ou vegetal. Fosse assim no Brazil!

. . . . . .

Ao voltar de Tivoli, num posto fiscal, um individuo de galão finissimo nos punhos me perguntou cortezmente si eu trazia caça. Respondi-lhe, em portuguez, que trazia chita. Cumprimentou-me e fez signal de passagem livre. Esses eleitores governistas são sempre os mesmos, em todas as aduanas!

O Barão do Rio-Branco.

No hotel encontro Germano Barreiros, alumno que encaminhei para a pintura, na Italia, com carta do Barão do Rio Branco; unico obzequio, aliás, que pedi ao aclamado prezidente da alma nacional. Quanta saudade esta vizita me avivou!

—Tive pelo segundo Rio-Branco extraordinaria e correspondida estima. Dissipadas, numa imprevista conversação de quarto de hora, pequenas nuvens com que os seus artigos de "Kent" haviam envolvido a nota do ministro de extrangeiros do gabinete de 3 de Agosto a propozito da linha-Apaporis, matriculei-me naturalmente no numero dos seus admiradores. Mas aquelle homem era um coração, e aquelle coração era um despota! De sua convivencia nunca dezertou a boa vontade. Nada do que fosse generozo lhe era extranho. Nelle até as inadvertencias encantavam.

Tinha fundo o sentimento da justiça, e não lhe fugia á auto-aplicação. Pessimo orador, acabando de falar pouco e mal em banquete diplomatico, escreve e manda entregar immediatamente a um dos convivas bilhete assim expressivo: "Cezar Bierrenbach: toma a palavra e salva a situação."

Suas palestras me são inesqueciveis. Conhecia admiravelmente a historia brazileira; era mestre em cartografia; sua memoria prodigioza fechava de momento qualquer vacillação concernente a pormenores de nossa politica interna. A respeito de politica sul-americana ouvi-lo era aprender, mas aprender sempre e aprender muito. Como lhe repugnavam os perfidos, os mentirozos, os ingratos! Afastava-os sem ofensa, permitindo-se, quando muito, delicadas malicias. Desconhecia a inveja. Elogiava auzenzentes.

Politico, foi o Barão o unico artifice de sua gloria. Preparou no estudo as suas batalhas, e nellas a sua grandeza de estadista. Mais, muito mais deveu ao merito do que á fortuna. Dominou nossa politica externa pelo ascendente da competencia e pela firmeza do carater. Podem negar-lhe traço genial, não, porém, golpe de vista promto e persistencia eficaz até a vitoria. Guardou, é certo, de sua primeira educação, e dos ensinamentos paternos, desconfiança do argentino, e magua da ingratidão paraguaia; modificou, todavia, na pratica dos derradeiros annos, esses

explicaveis sentimentos, e, ao partir para o nada, seu epitafio estava assim redigido na consciencia nacional: "Agiu. Concluiu. Acertou.."

Notinhas.

Esfregou-se-me hontem á paciencia um filho de fazendeiro rico. Veiu á Europa a titulo de propagandista de café; pretende esperar em Paris a proxima safra, tendo já estado em Monaco alguns dias. Cortez. Bacharel.

O filho do fazendeiro paulista, na Europa, é um tipo a estudar. Tem quatro ou cinco irmãos, pai com quatro centos ou seiscentos contos, mas gasta por aqui como si fosse filho unico, sendo inuteis quaesquer geadas para resfriamento do seu entuziasmo pelo desperdicio.

Nos homens e na luta da vida, a bazofia é um dos caminhos mais curtos da mediocracia para a cadeia. Nas mulheres o fracasso moral é mais lastimavel ainda.

Em S. Paulo, desde a extinta landocracia do assucar e engrossadamente na do café, formava-se e hoje mais se fórma, nos institutos femininos de ensino, pelo luxo e pelas preferencias, uma especie de aristocracia collegial. Viciada e illudida a indole das meninas, deixam ellas os bancos escolares levando a preguiça como norma e a commodidade como sistema. Não era extranhavel, no tempo da escravidão, ouvir de manhã o grito da filha do fazendeiro: "O' Maria, venha lavar minha cára!"; e hoje, espelho, vestidura e respetivos preparos, certo tomam ás minhas jovens patricias uma sexta parte de vida. Penoza verdade, mas verdade: o meio paulista mais tem as desvantagens que as vantagens da civilização.

Para um nucleo humano de quazi quatro milhões, confesse-se, não aprezentamos abundancia de intelligencias e demonstração de talentos. Nossos artistas nada perdem com o silencio. Municipalizam-se nossos poetas. Sofre nossa imprensa de falta de leitores. As galerias de nossas assembléas politicas só conseguem espectadores quando se prevê repetição de escandalo da vespera. Não ha, entre os chefes dirigentes dos negocios publicos, dezenove que possam, durante meia hora, conversar sobre questão literaria ou sientifica. Pensa-se pouco. Ha mais baralhos do que livros.

Morrerá solteiro, ou viuvo de suas cazeiras aspirações quem, para constituir familia, procurar agora espoza que

saiba pregar um botão, preparar uma cataplasma, temperar uma canja ou trazer á sobremeza um prato de queijadinhas.

Peior, talvez, era a situação da Argentina, em 1868, quando Sarmiento recebia, no banquete de Chivilcoy, a atrapalhada herança administrativa de Mitre; salvou-a, concertou-a, ergueu-a o dezenvolvimento da instrução; nobilitou-a o livro. Descendente dos bandeirantes, e por isso pouco dado ás letras, imitará o paulista o exemplo argentino?

. . . . . .

— Em Roma diminue, em proveito do centro, a população dos arrabaldes; isso mesmo já eu observára em Napoles e no Rio de Janeiro. A facilidade de transportes chama para as commodidades urbanas o agricultor das circumvizinhanças.

Em S. Paulo, a datar do serviço regular dos bondes, 1873, começaram a apparecer e transitar caras que, antes e só durante a Semana Santa, se auzentavam de S. Anna, Guarulhos e O'. Não dessas inculpaveis localidades, mas do fenomeno que as conduz a esta nota, trata com a habitual competencia o sociologo russo J. Novicow, amigo do Brazil e grato apreciador do café paulista.

— Por falar de café: receitam-no, aqui e como remedio barato, alguns medicos; a borra, disputa-a a pobreza na cozinha dos hoteis. Um mimo annual de tres sacas de café (precioza rubiacea: diz a imprensa quando recebe o subsidio paulistano sem atrazo) aos hoteis de Roma seria propaganda mais eficaz para dezenvolver o consumo do que, mesmo, a problematica prestação de contas dos filhos de deputados e cunhados de senadores, mulherengos agentes que só contribuem para o descredito de nossa patria nas praças européas.

. . . . . .

Despedimento.

— Roma, seus monumentos, sua historia, suas vicissitudes, sua atitude, suas lições: modificaram-me maneira de ver homens e coizas, idéas e fatos, heróes e heroismos, crimes e criminozos? Não. Uma vida inteira pouco tempo seria para o estudo da grande cidade; o que, porém, nella vi, conciliando duvidas, conjuntando ensinamentos, reunin-

do impressões, revivendo leituras, esclarecendo debates: permite que me eu retire da maior e mais insistente aula de idealismo com as mesmas tendencias, a meu modo spenceritas, com que nella entrei. Cresceu, sem mudar de essencia, a minha bagagem intellectual.

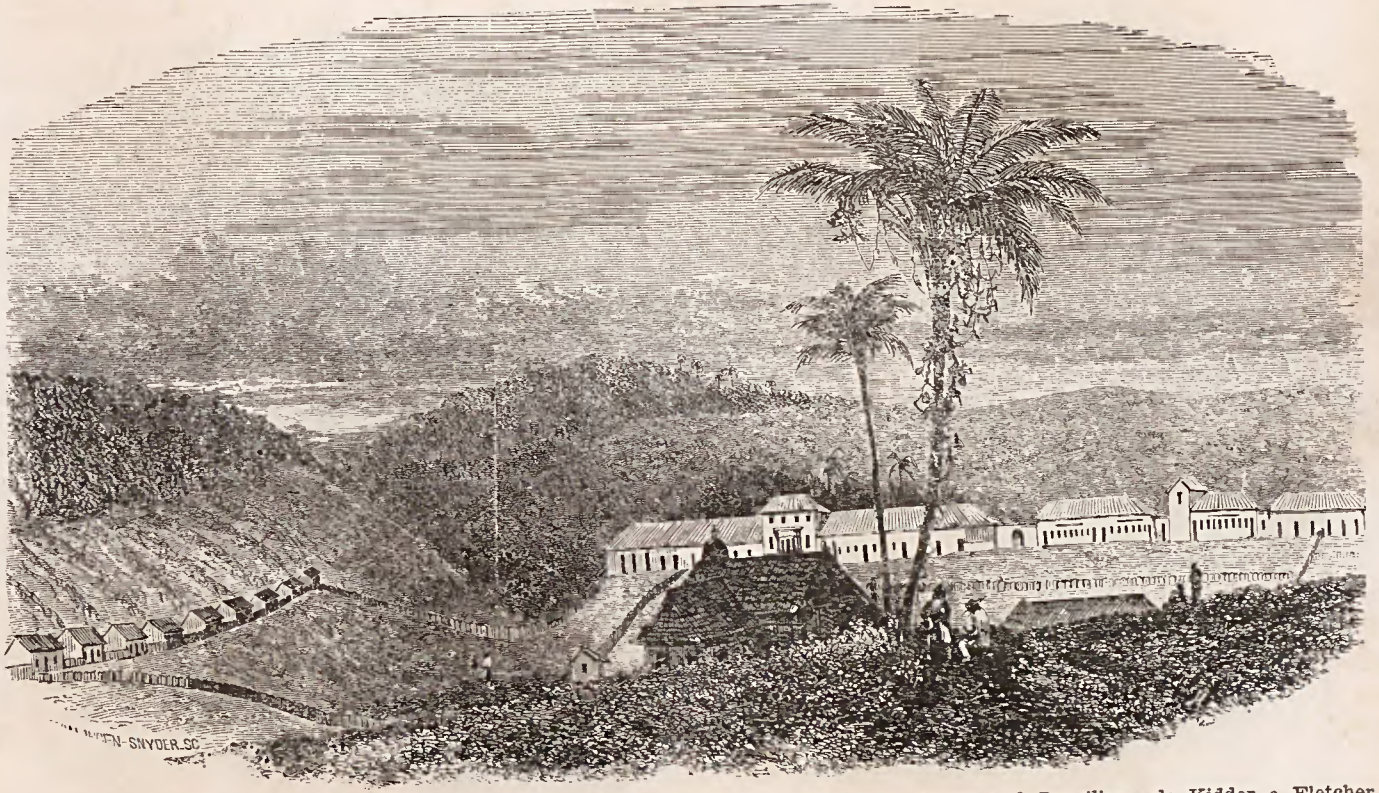
Volto como cheguei. A tolerante descrença que, na mocidade, mantendo á minha razão o direito de só acreditar em coizas demonstradas, me fortificou a independencia e o trabalho: Roma não a alterou: levo-a daqui solidificada, inabalavel.

... O homem é um cazo de encadeamento de forças mecanicas submetidas ás leis que regem a materia. Donde veiu? Do passado que não tem principio. Onde está? No prezente que não tem duração. Para onde vai? Para o futuro que não tem fim.

Encontro-me na vida? Vivo. Circula o meu sangue? Funciono, mexo-me, penso. Cessa-me o calor? Esfrio: morro. Tal é o regulamento, conhecido, da atmosfera para baixo. Para que perturba-lo com ameaças de penas eternas porque Eva comeu uma maçã?

.....

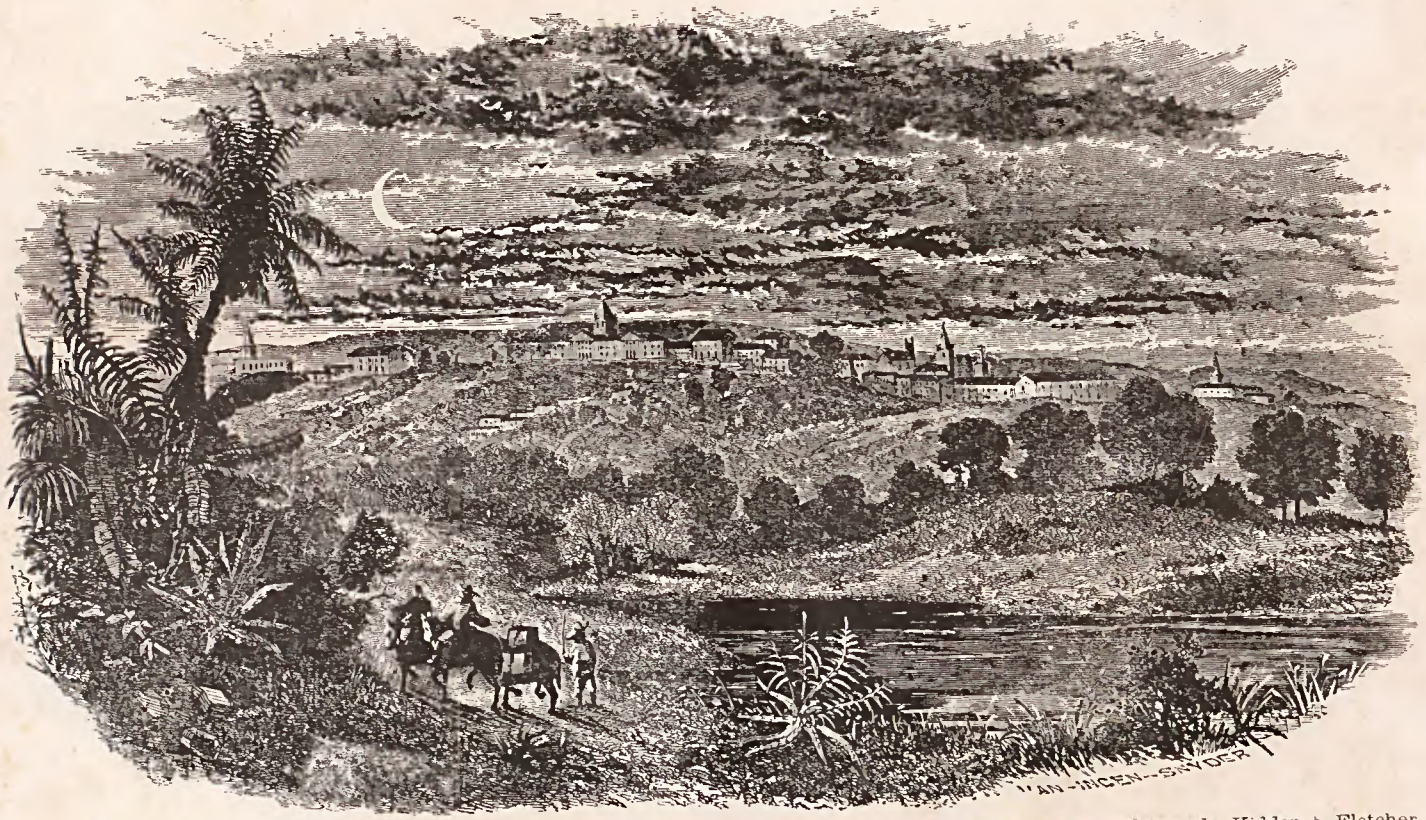
MARTIM FRANCISCO



GRÁVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Fazenda do senador Vergueiro



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Vista da cidade de S. Paulo

RICARDO GONÇALVES

(PAGINAS DE SAUDADE)

A morte é um simples incidente na vida: incidente fatal, que eternamente se repete, na eterna viagem do Nada para o Nada, nella a vida termina e nella sempre recomeça.

A verdadeira morte é o esquecimento. Morre sómente quem, na vida, não soube, ou não poude, conquistar o direito de não ser jamais esquecido. E pois que esse direito — tão sublime que exalta os homens á condição de semi-deuses, dando-lhes a relativa immortalidade da consagração dos posteros — só se declara e só se consolida na morte, não a maldigamos. Fôra mesmo mais justo bemdizermol-a, si ella nos não impuzesse a irremediavel dor da separação dos entes que nos são caros.

A Morte, só por si, não é tão horrivel como nós a imaginamos. Os homens, os proprios homens, é que inventámos todos os horrores de que ella se rodeia e se acompanha. Os homens, sim, mas os que se dizem filhos da mais adeantada das civilisações: a civilisação christan... Porque, ha mais de dois millenios, no berço da humanidade culta, no sagrado paiz do sonho e da poesia, na Hellade primitiva, a morte, longe de inspirar horror, era uma fonte creadora de belleza, porque o era do heroismo. Não despertava, então, nas imaginações doentias, os apavorantes phantasmas do Outro Mundo; não aterrorisava os espiritos fracos com as tremendas torturas do Purgatorio e do Inferno; não profanava os cadaveres abandonando-os á nefanda hediondez da lenta decomposição nos cemiterios.

Os gregos não humilhavam, não maculavam a esplendida formosura dos seus corpos apollineos e dos de suas mulheres incomparaveis com o espectaculo brutal, que hoje se desenrola, permanentemente, nos horrendos sorvedouros das necropoles. Os despojos dos mortos se purificavam, em breve tempo, nas chammas rogaes das pyras funerarias; e, logo, recolhia-se e guardava-se em uma urna de marmore — um punhado de cinzas... E o espirito do defuncto voava para a esphera

pura da memoria dos que o amaram, e nella subsistia, "como a idéa nobre ou graciosa que elle havia personificado na terra", na expressão magnifica de Paul de Saint-Victor.

"O genio grego — refere este admiravel escriptor — comprazia-se sobretudo com o embellezar a morte da mocidade; elle a cobria com o véu transparente das metamorphoses. Era Hyacintho colhido por Appollo, era Hylás arrastado pelas nymphas na agua do rio onde elle mergulhava sua amphora, ou Adonis amortalhado por Venus, no leito dos amores celestes. — Com que graça tombam os jovens combatentes da *Iliada!* Destacam-se da phalange heroica, sob o gume do gladio, semelhantes aos fragmentos de um baixo-relevo mutilado. E a queixa unica que elles proferem é — o ingenuo pezar de não verem, nunca mais, a luz do sol!..."

Como é bella essa declaração de amor á vida, á vida, que, afinal, toda se resume — na luz do sol! Belleza a que sómente egnala a da serenidade com que aquelles mesmos ephebos gregos rolavam nos campos de batalha...

Como esses jovens, formosos guerreiros da Grecia heroica, já lá vão dois annos, rolou na morte a figura luminosa do peregrino sonhador, cujo nome guardamos, todos os seus amigos, na memoria e no coração, como o nome de um santo. Santo — mais do que heróe — porque o seu heroismo foi o heroismo da suprema Bondade, o heroismo do sacrificio proprio, de quem perdoa para não matar e mata-se para esquecer offensas, para resgatar as culpas dos seus proprios offensores...

Não quero e não devo recriminar a ninguem: fôra um crime perturbar "a grande paz", por que tanto anciava aquelle nobre espirito soffredor, e na qual, ingenuamente, elle acreditou poder entrar, afinal, escalando, no alor de um desassombrado desespero, tragico e sereno, a alta muralha negra e mysteriosa da Morte, para o salto fatal sobre o insondavel baratiro do Além. Quero apenas accentuar, pelo contraste, a grandeza moral, a fortaleza de animo de Ricardo, comparando-a á hypersensibilidade do seu incomparavel coração de poeta.

A sua alma era, ao mesmo tempo, branda e forte, generosa e arrebatada, suggestionavel e dominadora... Explica-se, de tal arte, muito naturalmente, a resolução sinistra, entre calma e desesperada, que, tão brutal, tão desgraçadamente, nos arrancou dos braços — para sempre! — esse inesquecivel, grande Amigo, que hoje pranteamos, na commovente solidariedade de uma só dor commum, funda e sincera, todos os seus amigos, todos quantos lhe comprehenderam e admiram o coração e o espirito, e ainda tantos e tantos que mal, de longe, lh'os puderam comprehender e admirar.

Nas cartas, tão dolorosas, tão lacerantes, e comtudo tão admiraveis de clareza e belleza moral, em perfeito equilibrio, que elle escreveu, á beira da morte, aos que lhe eram caros, ficou-nos, a sangrar, inteira-

mente aberto, todo o coração do meigo, sacrificado poeta da Bondade; e nellas ficou, tambem, a nitida impressão, em alto relevo, do seu nobre, raro e singular caracter.

Essas cartas, sempre que as releio, com os olhos razos de lagrimas e o peito dilacerado, levam-me a evocar, juntamente com o saudoso perfil de Ricardo, a extranha figura de Hamleto: — ambos dominados por sentimentos apparentemente contradictorios, ambos dissimulando na maior serenidade a maior dôr, ambos incomprehendidos dos espiritos vulgares, que os rodeiam e espreitam, como a esphynges... e ambos, entretanto, perfeitamente comprehensiveis para quem lhes vivesse na intimidade e os observasse com attenção amiga.

Na verdade, de Ricardo bem se póde repetir o que já foi dito de Hamleto: — "uma alma total, integral, absoluta, uma alma que odeia a mentira, que abomina a traição, que ama acima de tudo a verdade, e que, quando se possue de uma idéa fixa, nada mais vê em torno de si, e cégamente se dirige para o fim visado, esmagando tudo quanto encontra em frente. Hamleto é tão verdadeiro, que, quando quer fingir qualquer cousa, mostra logo o designio que deseja occultar. Nunca houve mais desastrado simulador; e a sua simulação é ás vezes tão inhabil, que essa incapacidade para a mentira só poderia ser explicada pela tolice, se não fosse naturalmente explicavel pelo dominio absoluto da idéa fixa: a descoberta da verdade..."

Parecem palavras taes escriptas especialmente para definirem o estado de alma em que se achava Ricardo, na vespera da manhan fatal em que estalou a espantosa tragedia. Basta imaginar os horriveis tormentos que elle soffreu, na luta formidavel travada em sua consciencia, entre o dever de apurar a verdade, cuja suspeita o torturava, fosse ella qual fosse, e a necessidade de, para o conseguir, forjar a farça tragica do telegramma falso, infallivel estratagema de que se valeu para attrahir sua companheira junto a si e a arrastar comsigo, num mesmo turbilhão de morte. Repugnava-lhe, ao seu caracter lealdoso e franco, usar da astucia planejada. Era, porém, indispensavel que a verdade apparecesse, fosse como fosse: hesitar entre ella e o seu escrupulo fôra, por certo, perder-se, fôra, talvez, aviltar-se... Apavorava-o a perspectiva atroz da morte moral... Não! Não podia mais vacillar: avançou, resoluto, embóra mergulhado no mais sombrio desespero, e voluntariamente se deixou envolver na "bufera infernal che mai non resta"...

Desertando "a caravana immensa dos afflictos", longe de confessar fraqueza de animo, Ricardo nos deu a mais bella prova da sua admiravel superioridade moral.

Fôra-lhe facil castigar a perfidia humana e, esmagando com o seu desprezo as serpentes que se lhe atravessavam no caminho, continuar, embóra mais desilludido e triste, a sua esplendida marcha triumphal

para a definitiva conquista da Gloria. Porque a Gloria já lhe sorria, muito proxima, áquelle poeta encantador, que era o orgulho dos seus amigos e a fascinação das mulheres.

Poeta de raça, orador brilhantissimo, cidadão notavel pelas suas raras virtudes civicas, nome já senhor do maior prestigio e popularidade no seio das multidões, poderia, si o quizesse, galgar, sem difficuldade e em pouco tempo, as mais altas posições de mando e de fortuna. Entretanto modesto até o retrahimento, aborrecia todo ruido em torno de si, de louvor aos seus meritos, e nestes apenas acreditava quando era a bocca desinteressada e franca de algum amigo intimo, que lh'os apontava.

Caracter mais puro e mais leal do que o de Ricardo jámais houve no mundo. Para uma alma como a sua, "só a idéa da traição mata" — elle o disse, numa das suas derradeiras confidencias; e nesta phrase, tão breve e tão verdadeira, sem o pensar, elle proprio se definiu. Detestava o preconceito, execrava a mentira, odiava a hypocrisia, abominava a lisonja. E, á maneira de Cyrano de Bergerac, preferia ficar á sombra, deixando que outros escalassem o balcão da gloria facil, pois, como o heróe de Rostand, considerava mais digno, mais bello,

"Subir pouco, mas só, completamente só..."

Alma cavalheiresca, fascinavam-n'o todas as idéas nobres, e impulsivamente se tornava o paladino ardente de todas as causas justas.

Coração generosissimo, a bondade o dominava com a força irresistivel de um instincto. Sentia-se cada vez mais fraco deante dos alheios soffrimentos, e em presença de uma desventura qualquer, logo se affligia, procurando o meio de a minorar de prompto. Elle proprio confessou essa fraqueza, em uma carta a seu pae, nestas palavras da mais eloquente simplicidade: — "Isto, que os outros chamam bondade, é para mim uma satisfacção intima tão grande, que lhe tira quasi todo o merito."

Temperamento affectivo e singelo, amava, entranhadamente, a sua terra, a sua familia, os seus amigos, e, com estes, toda a gente humilde e simples, que d'elle se acercava. D'este seu amor á bondade, á humildade, á simplicidade, nasceu-lhe, na adolescencia, o enthusiasmo com que, ardorosa e convencidamente, abraçou o socialismo. E na idéa socialista resumia Ricardo a formosa triiogia da dignidade do Homem: — liberdade, egualdade, fraternidade. Mas, é mister que o digamos desde logo — o seu socialismo não se manifestava sómente nos seus quentes, arrebatadores, discursos, nos clubs academicos ou nas praças publicas; demonstrava-o o admiravel moço pela pratica de actos de absoluta dedicação e coragem extraordinaria.

Vimos, nos seus traços mais caracteristicos, a nobre physionomia moral de Ricardo. Bem pudéramos examinal-a, mais detidamente, á

luz crua e forte, que, sobre essa feição da sua personalidade, projectam os documentos que possúo, alguns dos quaes, devéras impressionantes, representam verdadeiras photographias d'aquelle singular espirito de visionario. Ainda é, porém, demasiado cedo para se fazer esse estudo mais delicado.

Por ora, só devemos, os amigos de Ricardo, procurar colligir todos os elementos necessarios á perpetuação da memoria do admiravel artista, que elle foi na terra. Quanto ao resto, contentemo-nos em repetir o que, a seu respeito, escreveu Amadeu Amaral, si não me engano: — "A sua psychologia de nervoso e de melancholico, talvez um tanto complicada e obscura, era, na realidade, de uma simplicidade e de uma transparencia inexcediveis. Elle era um moço profundamente, immaculadamente honesto e bom, incapaz de proceder mal e incapaz de fazer mal, — uma consciencia e um coração igualmente grandes e limpos... Dir-se-ia que a sua alma de moço, através do sentimento, chegára intuitivamente á pacificadora comprehensão da vida, onde vão emfim repousar os espiritos superiores, pelo caminho longo e aspero da philosophia."

Accrescentemos, ainda o conceito que, de Cesar Bierrembach, fizéra o proprio Ricardo, e que tão bem se lhe ajustava á sua mesma pessoa: — "Havia, nelle, conformidade absoluta entre as suas idéas e as suas acções."

Ricardo foi, sem duvida alguma, um homem de acção, um espirito combativo de ardente batalhador; mas foi, principalmente, fundamentalmente, uma alma rara de artista, um originalissimo poeta, um impenitente sonhador.

O sonho era, para elle, toda a poesia da vida, bem como a poesia foi todo o sonho da sua existencia. O Sonho, na sua propria expressão, era uma — "deliciosa enfermidade, que amolecia e quebrantava as almas." O Sonho, em summa, foi o que matou; elle morreu, afinal, de poesia: — "Poeta egli é morto di poesia", disse-o inspiradamente, num commovido artigo, o seu grande amigo, o brilhante jornalista italiano Paolo Mazzoldi.

Entretanto, assim como foi uma causa indirecta da sua tragica morte prematura, por outro lado, e muitas vezes, o sonho, a poesia, lhe serviu de balsamo consolador das suas maguas, nas crises de melancolia, que, de tempos a tempos, o assaltavam. Revela-se este facto, positivamente, nas notas de viagem e nas cartas escriptas pelo poeta na Italia, durante o tempo em que se demorou nesse paiz, em 1907 e 1908.

Em Veneza, por exemplo, em Maio de 1908, atormentado pelas profundas saudades da sua terra e da sua gente, Ricardo se deixára ficar, por alguns dias, recluso no seu quarto, a ponto de preoccupar sériamente a familia em cuja casa morava. A dona da casa e as suas duas filhas, — "duas solteironas, que certamente já viram umas trinta vezes as andorinhas de volta do Egypto... sazonadas, mas

attrahentes, sobretudo a mais velha, que é alta e grande, e tem na voz inflexões doces e sonoras, de um encanto extraordinario" — essas senhoras, refere o poeta, tratavam-n'o com bondade e carinho, como a um convalescente. A cada instante, entravam-lhe pelo quarto, levavam-lhe flores, procuravam fazel-o rir, contando-lhe as peripecias dos seus noivados, e como e porque não tiveram elles um remate "par devant maire..." Por fim, fizeram-n'o prometter que sahiria; e elle se foi, á noite, em companhia da velha e da filha mais moça, ouvir, em gondola, as cançonetas venezianas:

"A noite era de plenilunio, mas as nuvens carregadas prenunciavam chuva. Dezenas de gondolas alinham-se em torno de um café-concerto fluctuante — uma embarcação maior, com uma illuminação pittoresca de lanternas multicores... A' pequena distancia, um collar de luzes — e o vulto immenso do Palacio Ducal. Do outro lado, esbatidos na treva, os contornos da pequena ilha de San Giorgio, que exhala ao vento o aroma suavissimo dos seus jardins!... E as guitarras choram no silencio da noite..."

Outras vezes, porém, o bulicio das ruas, as alegrias da multidão, os encantos das mulheres formosas, os esplendores da Natureza em festa, numa palavra — toda a poesia ambiente dos seres e das coisas, que o rodeavam, longe de lhe dissipar a tristeza, ainda mais lh'a aggravava, creando-lhe um estado de alma extranhamente contradictorio com a vida exterior de em torno. Servem de exemplo estas impressões de um domingo, em Ferrara:

"Rumoreja pelas ruas e praças uma multidão alegre. Bimbalham sinos festivos na manhã cheia de luz e de gloria. Fronteiro ao restaurante em que almoço, o castello dos duques d'Este, — povoado de reminiscencias do Tasso e do Ariosto — recorta no azul purissimo os seus torreões ameiados. A Primavera espalha um doce aroma de flores novas, de novos amores e de novas esperanças. Todos — todos esses que vejo passar — têm no olhar o fulgor dos que amam a vida, o sorriso luminoso dos que esperam encontrar a felicidade numa volta do caminho.

Este ama. Entre a folhagem mysteriosa de um jardim, espera-o decerto o palpitar ancioso de um coração, o beijo quente de uma bocca virginal. Este outro torna ás ternuras da esposa e dos filhos. Aquelle sorri aos phantasmas do Passado; aquelle outro caminha de cabeça erguida para a visão deslumbradora que lhe estende os braços. Eu só vou tacteando, como um cégo, na densa noite da minha Desesperança. Toda esta luz vernal, toda esta palpitação de vida, só serve para fazer mais escuro e tragico o abysmo de minh'alma, onde soluça a tristeza do Irreparavel.

E eu amo a vida, amo-a ralvosamente, amo-a como se ama o Inattingivel. Adivinho, com o desespero dilacerante da impotencia, todas as voluptias que ella póde dar, todas as delicias que ella reserva para os Eleitos. Amo-a como se ama a mulher que nos esmaga com o seu desprezo. Amo-a com um amor infinito mesclado de ciumes exulcerantes, de colcras hediondas, de odios terriveis. Amo-a com a loucura de um amor de velho! — E hoje ella passou por mim, mais que nunca aromal e radiosa, no seu plaustro de luz. Passou distribuindo sorrisos e beijos. E' por isso que estou acabrunhado...

Feroz ironia a da natureza, que nos faz adorar a Vida, quando, jugulados pelo Destino, só nos resta a esperança da Morte! Se eu já tivesse vivido um pouco..."

Essa pagina intima, tão admiravel pela sinceridade dos sentimentos que a ditaram, faz lembrar o soneto em que o grande lyrico italiano Lorenzo Stecchetti amaldiçôa a Primavéra:

Primavera che tu sia maledetta!

Semelhante estado de alma deve ter inspirado a Stéphane Mallarmé os versos dolorosos de um dos seus mais impressionantes poemas: — *L'Azur*:

De l'éternel Azur la sereine ironie
Accable, belle indolemment comme les fleurs,
Le poete impuissant qui maudit son génie
A travers un désert stérile de Douleurs.

. . . . . .

En vain! l'Azur triomphe, et je l'entend qui chante
Dans les cloches. Mon ame, il se fait voix pour plus
Nous faire peur avec sa victoire méchante,
Et du métal vivant sort en bleus angélus!

Il roule par la brume, ancien et traverse
Ta native agonie ainsi qu'un glaive sur;
Ou fuir dans la révolte inutile et perverse?
Je suis hanté. L'Azur! l'Azur! l'Azur! l'Azur!

Do seu fino espirito de observador curioso e intelligente, Ricardo nos deixou provas nas cartas que escreveu da Italia, uma das quaes, d'entre as mais interessantes, foi publicada em o numero de Janeiro do anno passado da "Revista do Brasil". Nessa descreveu elle as suas impressões de Napoles: a miseria dos seus mendigos verdadeiros e falsos; a immundicie abjecta das suas viellas e dos seus beccos lamacentos; scenas e typos de ruas, estrumeiras onde, de quando em quando, se descobre uma flor: — "uma carinha angelica chama-nos a attenção, uns olhos negros e pensativos, um porte airoso e flexivel, ou encanta-nos o ouvido uma vozinha fresca e maguada, que rouxinoleia da janella de um quarto andar o estribilho melancolico de uma canção..."

Em outras cartas, contava-nos a sua admiração deante das obras primas da pintura e da architectura italianas, nas suas visitas demoradas aos velhos templos, ao Museu de S. Martino, ao Museu Nacional, á galeria dos "Uffizi", ás ruinas de Pompeia...

Espirito enamorado da Belleza, entretanto, por vezes, aborrecia-se, com incomprehensivel facilidade, mesmo das cousas mais seductoras e attrahentes. Refugia então para os campos, onde a sua alma contem-

plativa saciava a torturante sêde de solidão, que o devorava. Da carta em que falava de uma d'essas suas visitas, a uma velha abbadia, nos arredores de Florença, consegui salvar, piedosamente, os fragmentos que em seguida transcrevo:

..."era toda uma palpitação de estrellas.

Entre as arvores passava um languido sussurro, um bisbilho dolente, como se se beijassem as frondes. Enchia toda a gruta um aroma de carne moça e virgem, um perfume de tranças:

Pouco a pouco a sua energia se entibiava. Baralhavam-se-lhe no cerebro as palavras da oração, latejavam-lhe as velas, uma onda quente subia-lhe á garganta, e o eremita desvairado, vencido, estendia os braços tremulos para estreitar um corpo, avançava os labios sequiosos para colher um beijo.

A caveira ria a seus pés. E elle rolava pesadamente sobre ella, vasquejante, babujando a terra, lacerando as mãos nas asperezas da rocha. Depois, com os annos, o sangue frio foi-se-lhe arrefecendo a pouco a pouco.

Inundou-lhe a alma uma grande melancolia cheia de paz e de doçura.

Um dia, debruçado a beber numa fonte, descobre que já cabellos brancos lhe nimbavam a physionomia espiritualisada pela dor.

Deixa então o aspero retiro das brenhas — seguro da sua victoria sobre o rebelde — e vem fundar uma ordem religiosa.

Os primeiros monges erigiram uma parte do mosteiro; seus successores ampliaram a construcção.

Durante seculos nesse ermo selvagem só o velho casarão existiu, apoiado ao sopé da montanha, perdido entre as escuras florestas de abeto e pinheiros.

Em torno a solidão era absoluta.

Bastas vezes, sem que os monges talvez o soubessem, Florença linda mais vermelho fizera o lyrio do seu emblema com o sangue das luctas civis.

Um dia um exercito de Guelfos desfilára pela raiz da serra a combater os Ghibellinos"....

..."Vallombrosa transformou-se numa estação de villegiatura.

Ainda assim conserva em parte seu encanto maravilhoso, principalmente agora no inverno que os hoteis estão quasi todos fechados e os *touristes* a não visitam.

O sitio é bello, de uma belleza selvagem e merencorea, comquanto seus bosques não tenham a pompa magnifica das nossas mattas brasileiras. Falta-lhes a variedade infinita da flóra, a trama das lianas e dos cipós que se enroscam amorosamente aos troncos, as grandes frondes múrmuras que filtram mysteriosamente a luz, as moitas cheirosas resoantes de ruflos d'azas e de gorgeios, as verdes clareiras banhadas de sol.

Todavia para os melancolicos a rude solidão tem um encanto profundo.

A' noite o vento, que galopa ás soltas pelo valle, desarraigando os pinheiros, vem gemer nos telhados.

A velha abbadia, coberta de neve, dorme silenciosa e soturna. A lua derrama a sua claridade tristonha sobre as montanhas. Uiva um cão lugubremente no silencio nocturno. E eu, deante da janella, com os olhos abysmados no ceu, enredo-me na trama do devaneio sem fim. Pouco a pouco, de dentro do meu sonho, começo a ouvir um dobre lamentoso de sinos, um maguado queixume que repercute pelos cerros.

Baixo então os olhos, e lá me parece vel-os, aos monges d'antanho, que sóbem para o mosteiro adormecido, vagarosos e solennes, amortalhados nos seus buréis escuros..."

Muito propositadamente, trasladei para estas paginas de saudades os fragmentos de cartas e notas de viagem, que deixámos atrás. Da sua simples leitura, quem não houvesse, acaso, conhecido Ricardo, concluiria, logo, que este meu desventurado amigo, necessariamente, devia ter sido uma doce, uma bella, uma rara e grande alma de poeta. E não se enganaria.

A poesia de Ricardo... Poetas — é costume dizer-se — só por poetas entendidos; porém, da poesia de Ricardo, ninguem soube ainda comprehender melhor a belleza, nem discorreu a seu respeito com mais felicidade e mais verdade, do que Monteiro Lobato, um prosador, de prôsa vária e scintillante, é certo, mas que nunca teve grande geito para o verso, e creio que só uma vez o tentou... desastradamente: num soneto, em que obrigou o maestro Henrique Oswaldo a rimar com o teclado de um piano, e, o que é peior — piano de roça.

A qualquer trabalho de exegêse, por mais brilhante que seja, sobre a poesia de Ricardo, preferireis sempre as notas ligeiras, mas sinceras, mas justas, publicadas por Lobato na "Revista do Brasil," em o numero de Novembro de 1916. A bem da verdade, devo fazer uma restricção apenas: não concordo em que Hugo e Rostand deixem de ser, um dia, para o coração dos somens d'amanhã, os mesmos extraordinarios poetas, que são hoje, em nossos dias. Estou, porém, de pleno accordo em que a poesia não é rhetorica, nem eloquencia: — "E' dôr. E' dôr estylisada, dôr, de amor, dôr de saudades, dôr de esperanças, dôr de illusões murchas, dôr os anceios vagos, dôr da impotencia e do inexprimivel."

E de Ricardo bem se pudéra dizer que foi — o poeta da Dôr. Porque elle foi, em verdade, esse "eterno soar de cordas", para me servir ainda das expressões de Lobato: nasceu poeta, foi poeta "em menino, em moço, como homem, como amigo, como enamorado e como amante, foi poeta de todas as horas e de todas as estações. E como poeta morreu, pois morreu como o stradivarius a que a subitanea mutação de tempo estala as cordas tensas, e silencia para sempre."

Mas, si algum titulo se lhe deve dar, ao mallogrado poeta paulista, será preferivel se lhe dê o de poeta da Bondade. Bondade tambem diz Dôr, porque, as mais das vezes, nada mais é do que o sentimento, dentro de nós mesmos, da desventura alheia, como si fosse a nossa propria. E nesse sentimento consistiu toda a vida de Ricardo.

Bondade, simplicidade, modestia, melancolia — estas foram as cordas que mais soaram na sua lyra delicada e branda. A ultima d'essas cordas, accrescentou-lh'a elle, ao seu instrumento, quando, já moço, deixára a paz bucolica dos campos e das mattas, a vida rude e simples das fazendas, a boa e ingenua companhia da gente humilde da roça, para entrar no Jardim das Oliveiras, que é a grande vida de luctas das capitaes, em cujas insidiosas alamedas, ao cahir das sombras, entre lobo e cão, se atravessam tredas serpentes e sinistros monstros...

A sua modestia era como que o instincto de defesa contra taes perigos, que elle presentira e temia desde a entrada na adolescencia. E isto se revela, de modo impressionante, em duas estrophes inacabadas, cujo original possúo, as quaes, pelas incorreeções da metrica e da expressão das idéas, denotam, inilludivelmente, ser dos primeiros versos escriptos pelo poeta:

As vãs agitações, o insano movimento,
Luctas, gloria, o esplendor, que fascina e seduz,
Eu não troco por este claro firmamento
Cheio de tanta luz.

Corra-me a vida assim, ignorada e modesta:
Irei cumprindo, sem revoltas, meu destino,
Como um arroio crystallino
Na paz de uma floresta.

O seu gosto da simplicidade, o seu amor á natureza, á vida e á gente da roça, está fartamente documentado nas poesias da sua primeira mocidade — lindos chromos, á maneira de B. Lopes, taes como: *Chromo, Nha Caróla, Meio-dia, O rancho, A dansa dos tangarás...*

Das ultimas producções d'esse primeiro periodo, parece, fazem parte: *Zé da Ponte* — adoravel soneto humoristico, em que Ricardo adoravelmente pinta uma interessante scena e um typo original da roça, — e *Fazenda velha* — os quaes, a meu ver, são melhores, os mais felizes, os mais originaes de todos os trabalhos d'esse poeta genuinamente brasileiro.

E, pois que falamos no seu *brasileirismo*, peço permissão a Monteiro Lobato, para, ainda uma vez, trasladar para este meu pobre escripto, mais um trecho do seu artigo a que já me referi, o qual traduz com a maior exactidão e belleza, o sentimento nativista do nosso pranteado irmão:

"Erra em seus versos o aroma dos nossos campos, o halito da terra, o bafio das velhas fazendas; sentem-se nelles o sabor das fructas do matto, o esvoaçar d'avesinhas só nossas, o rumorejo de capoeiras nossas conhecidas. Se apparece uma arvore conheceis-la de prompto, é a gissara esguia perdida numa tiguera, é a perobeira secca, escalavrada pelo fogo das queimas, é a piuva que Setembro afrouxela de flores côr de canario. Entra em scena uma avesinha? Não é o rouxinol nem o pardal importado. Escutai-lhe o trilo: é a patativa humilde; vede como dança: é o tangará. Evola dum verso um aroma? Recordai: é o cheiro do gravatá em fructo. Quebra o silencio um rumor distante: é o rechinar do carro de boi, é a tropa que trota pela estrada. Longe, um personagem: é o Zé da Ponte. E' a terra emfim, é o homem, é o céu, é o rio, é a matta, como nós os temos, incontaminados do pechisbeque francez como desinfluidos da bella falsificação alencarina."

O seu grande amor á Natureza inspirou a Ricardo a idéa nobremente patriotica de escrever um livro de "versos para creanças, versos

sertanejos, roceiros, que lhes despertem o gosto pela vida rural", conforme elle proprio annunciava em carta a um amigo. A esse livro em preparação, pertenciam duas das mais admiraveis poesias de sua lavra: — *A arvore* e *O rio*. Basta o mallogro d'essa grande idéa, para se avaliar a enormidade do desastre irreparavel, que foi a morte do seu desventurado autor.

Manhãs de outróra, *De manhã* — são outros bellos cantos de amor á vida calma e feliz, que o poeta viveu, pelas fazendas e pelas cidadeslinhas tranquillas do interior.

Uma véla que passa... é uma suavissima reminiscencia do seu viver de alegre namorado, á beira-mar, em Conceição de Itanhaen, talvez, talvez em Guarujá, talvez em Ubatuba, em Caraguatatuba... por onde andou a peregrinar sonhando, amando — e soffrendo. E' provavel que tenha sido escripta por esse mesmo tempo, talvez num d'esses mesmos logares, aquella outra poesia, em que Ricardo descreve, em commovedores versos, a vida de aventuras e de luctas e de dores, dos *Navegantes* cujas tres ultimas estrophes encerram tão tristes presentimentos, do tragico desmoronar de todos os seus sonhos de gloria e de amor.

O seu amor e a sua gloria... O amor, só o comprehendia Ricardo como a realisação definitiva da suprema perfeição moral. No seu conceito, — "sem uma céga confiança e um inteiro abandono, o amor é uma curta nevrose, tecida de sobresaltos e de angustias." Da delicadeza dos seus sentimentos poeticos a respeito do amor de namorado e amante, são formosos testemunhos um lindissimo soneto, que fez época, em S. Paulo, — *Mimo de caçador*, e a primorosa traducção dos versos de Jean Richepin — *Fremitos de amor*..

O seu amor de pae, que em ninguem no mundo foi mais exaltado e mais extremado do que nelle, attestam-no o delicadissimo soneto *A Gêgê* e as redondilhas que, carinhosamente, dedicou a um filhinho de seu amigo Roberto Moreira.

Ninguem, em summa, soube comprehender o amor melhor do que Ricardo, ninguem o praticou com maior pureza, ninguem lhe foi mais fiel, nem mais leal, e, entretanto — como punge e como revolta registal-o! — a ninguem o Amor fez soffrer mais do que a esse pobre amigo! E um dos motivos que mais enterneceram, até as lagrimas, os seu amigos, no dia do seu enterro, foi a descoberta, entre as cartas que deixára, de um pedacinho de papel, em que se liam estes dolorosos versos, da "Ultima confidencia", de *Rosa, rosa de amor*... de Vicente de Carvalho:

Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que elle me fez.

Pobre amigo! Morreu de amor, morreu de poesia, quando já a Gloria o havia beijado, consagrando-o um dos mais perfeitos, um dos mais extraordinarios traductores do verso francez, que elle vertia para o nosso

idioma com o talento e a pericia de um grande poeta consummado, de um verdadeiro mestre da rima, pois o seu trabalho não ficava em nada inferior ao dos autores originaes.

Não sou eu, não somos nós, os seus amigos, que o affirmamos: são as suas proprias producções, que hão de ficar imperecíveis, na historia da poesia nacional, como sejam — a versão dos trechos de *Cyrano de Bergerac*, de Rostand; "Regarde-moi, mon cher, et dis quelle espérance...", da scena quinta do primeiro acto, e este outro — "Et que faudrait-il faire? — Chercher un protecteur puissant, prendre un patron...", da scena setima do segundo acto; a versão d'*Os elephantes*, de Leconte de Lisle, a qual Oscar Lopes considera equivalente ao original; e, ainda de Leconte de Lisle, aquella outra admiravel traducção — *Sonhos mortos*, cujo final, a exemplo de outras poesias de Ricardo, como já vimos, era o sinistro presagio do seu proximo fim fatal:

Meu coração é como esse mar, que tranquillo,
Beija as praias agora em doce murmurillo.

Tambem chorou, rugiu como elle...: Sem descanço,
Contra as rochas lançou-se em tremendos embates,
Todo um dia cruel de insania e de combates.

Vês? Agora reflue apaziguado e manso,
Sem desejo ou temor de nova tempestade:

A' caricia do sol, a voz mal se lhe escuta...
Mas o genio, a esperança, a força, a mocidade,
Eil-os mortos, na espuma e no sangue da luta!

Santos, 11 — Outubro — 1918.

HEITOR DE MORAES.

ALGUMAS POESIAS

DE RICARDO GONÇALVES

CHROMO

A casa onde móra aquella
Menina côr de assucena
E' uma casinha pequena —
Casa de porta e janella.

Tão pequenina e singella!
Ao vel-a, a idéa me acena
De quebrar o bico á penna
E fazer uma aguarella.

Pintar a casa, a collina...
Mas, sobretudo, a menina,
O ar descuidado e feliz,

Dando relevo á pintura,
Numa ridente moldura
De cravos e bogaris.

NHÁ CARÓLA

Arrepanhando o vestido
De chita azul, Nha Caróla
Põe fubá na caçarola,
Para o almoço do marido.

Rósna o "Despique" estendido
A' porta da casinhola.
Gritam gallinhas de Angola
No terreiro bem varrido.

Emquanto chia a panella.
A moça vae á janella,
A ver se o marido vem...

Mas entra logo, zangada,
Porque, na volta da estrada,
Não apparece ninguem.

MEIO DIA

Preso á cintura o vestido,
Mostrando a perna trigueira,
Junto de um ipê florido,
Bate roupa a lavadeira.

Sol de brasa. Ouve-se o ruido
Cantante da corredeira;
Vozes ao longe... um latido...
O baque de uma porteira.

Subito, em côro, as gallinhas
Cacarejam, nas vizinhas
Moitas de macega em baixo.

E ouve-se o guincho estridente
Que no ar socegado e quente
Sólta um gavião de pennacho.

O RANCHO

No trecho em que a estrada vira,
Junto ao matto que farfalha,
Existe um rancho de palha,
Tosca habitação caipira.

Dentro as panellas, a rêde
De dous ganchos pendurada,
Uma espingarda tauxiada
E santos pela parede.

Ao fundo a macega esconde
Um ribeirão de aguas claras,
Onde bebem veados e onde
Ha lontras e capivaras.

E' noite. O fogo flammeja
No rancho, espancando a treva,
E o caboclo a voz eleva
Numa trova sertaneja.

E de uma edade já morta
Aspira todo o perfume,
Sentado perto da porta,
Olhando as chispas do fume.

1905.

A DANSA DOS TANGARÁS

Na matta aromal que é um templo,
Cheio de sombra e de paz,
Horas perdidas contemplo,
Sobre um relvoso tapete,
Esse engraçado minuette
Que dansam os tangarás.

Canta um sabiá na espessura
A merencoria canção.
Limpo de nuvens, fulgura,
Entre o renditihado crivo
Das arvores, o festivo
Azul de um céo de verão.

E, sob um leito odorante,
Se aduna o bando jovial:
Tem um topéte o marcante;
O corrego somnolento
Murmura o acompanhamento,
Com trinchidos de crystal.

Na matta umbrosa, que é um templo,
Cheio de aroma e de paz,
Horas perdidas contempto,
Sobre o tapete da relva,
A maravilha da selva:
A dansa dos tangarás.

ZÉ DA PONTE

Em suave transparencia côr de opala
Esmaia a tardesinha; o sol descamba,
E o Zé da Ponte enfia-se num pala,
Monta a cavallo e toca para o samba

Toca depressa, mas um lóro estala,
Foge-lhe o pé direito da caçamba,
E o selim tendo a silha um pouco bamba
Pelas ancas precipite resvala.

E o Zé da Ponte, cabra destorcido,
Pião cotuba, segundo a voz do povo
Para longe da sella foi cuspido.

"Dianho de sorte má!" caiu sem fala,
Perdeu a pagodeira e o chapéo novo,
Naquella tardesinha côr de opala.

FAZENDA VELHA

Neste retiro os longos dias passo,
Sem alegrias e sem dissabores,
Vendo as aves cruzarem-se no espaço.
E as paineiras vestirem-se de flores.

Habito, solitario, uma vivenda,
De amplos salões, fantastica e sombria;
Em *redor, as senzalas da fazenda;*
Ao fundo, o vulto azul da serrania.

A' orla do mato virgem mysterioso,
No silencio das tardes pensativas,
Gemem as jurutis de volta ao pouso
E trillam, docemente, as palalivas.

E eu vejo, desbruçando-me ás janellas,
Sobre a monotonia das capoeiras,
Altos ipês de frondes amarellas
E adustas, retorcidas perobeiras.

Depois, no céu de opala se encastôa
A lua merencorea... E pelos campos.

Por sobre as aguas mortas da lagôa,
Tremeluzem, bailando, os pyrilampos.

Ha sussurros estranhos pela brenha.
Fóra, a noite estival fulge, tão clara
Que, como em prata fôsca, se desenha
No pincaro de um monte uma gissára.

E eu entro. Atiço o lume de gravetos.
E ouvindo, ao longe, pávidos rumores,
Evóco o samba tragico dos pretos,
Num rufo de atabaques e tambores.

Á ARVORE

(Para as creanças das escolas).

Salto do leito e vem cá fóra,
Vem ver esta arvore, sonora
De murmurinhos e canções,
O sol nascente a afaga e beija,
E as suas frondes purpureja
Com seus vivissimos clarões.

Anda-lhe em torno, alacre, um vivo
Zumbir de insectos; pelo crivo
Das folhas verdes fulge o sol;
E entre cortinas viridentes,
Zinem cigarras estridentes,
Tecem aranhas o aranhol.

Depois a pino, o sol escalda,
E a sua copa de esmeralda
E' como um pallio protector,
A cuja sombra, ampla e divina,
Cantam as aves, em surdina
Cantos dulcissimos de amor.

Ama-a! — toda a arvore é sagrada—
Ama esta esplendida morada
De abelhas de oiro e aves gentis!
Busca entender tanta poesia,
E faze côro á symphonia
Da natureza, que a bemdiz!

Ama-a, na gloria matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que toda a envolvem, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancolica, estampada
No oiro e na purpura dos céus...

E reza então: "Bemdita sejas
Por tuas frondes bemfazejas,
Pelos teus canticos triumphaes!
Por tuas flores e perfumes,
Pelos teus passaros implumes,
Por tuas sombras maternaes!

1913

O RIO

Rio sonóro que as planicies banha
E enche de rumorejos a floresta —
Foi seu berço uma rocha na montanha,
Teve uma origem simples e modesta.

Era, em começo, um timido regato
De meiga voz e de agua crystalina:
Desalterava os passaros no matto,
Beijava o caule ás flores na campina.

As andorinhas leves e graciosas
Molhavam na corrente as azas pretas
E roçavam por elle, buliçosas,
Numa doce caricia, as borboletas.

Vez em vez, uma inquieta saracura,
Sahindo, cautelosa, do brejal,
Da sua face luminosa e pura
Mirava-se no limpido crystal.

Assim cresceu, e agora, sem descanço,
Rega os campos, fecunda as plantações.
E ora coleia, preguiçoso e manso,
Ora estronda em profundos boqueirões,

E rubro, quando o sol tinge o horizonte,
Alvo do plenilunio á luz tranquilla,
Marulha sobre os arcos de uma ponte,
Reflecte as casas brancas de uma villa.

Leva a abundancia ao lar dos pescadores,
Move engenhos, carrega embarcações
E deslisa, entre bençãos e louvores,
Através de cidades e sertões.

1913.

MANHÃS DE OUTR'ORA

Antes que o sol, rompendo o céu, mais quente,
Da nevoa escassa desfizesse a trama,
Eu me quedava preguiçosamente,
Sob os lençóes, na tepidez da cama.

Invadiam-me o quarto pelas frestas
A doce luz pulverisada e loura,
O matinal sussurro das florestas,
O bulicio das terras de lavoura.

Grilos de appello em prolongado entono,
Carros de bois rinchando nos caminhos,
A cantiga singella de um colono,
A vozeria estridula dos ninhos...

Ladrar de cães e vozes abafadas,
Coinchos, berros, balidos, cacarejos,
E, acompanhando o rithmo das enxadas,
Uma triste canção de sertanejos...

Depois, o sol limpava os céus nevoentos,
E então, fugindo á ardencia de seus raios,
Passavam para a serra, barulhentos,
Tarralhando febris, os papagaios.

E eu pensava nas fórmas tão perfeitas
Daquella esquiva moça veneziana,
Que vira na labuta das colheitas,
E namorava ha mais de uma semana.

Colona, parecia uma princeza!
A sua voz se debulhava em rimas.
Maravilha de Graça e de Belleza,
Extraordinaria flor de longes climas!

Nunca achei mais formosa namorada!
Quem poderia ter o encanto della,
Quando esbelta fugia, arrebatada
Na vertigem vetoz da tarantella?

E punha-me a sonhar: Ventura a minha,
Se por acaso um dia lhe beijasse
O til vermelho vivo da boquinha,
A setinosa purpura da face!

Mas batiam á porta: — "O sol vae alto!
Accorda, preguiçoso!" E á voz amiga,
Eu, resoluto, erguia-me d'um salto
Gorgeiando alegremente uma cantiga.

DE MANHÃ

A Godofredo Rangel.

Atiro para os hombros um capote,
Monto a cavallo e sigo estrada afóra;
Ri-se, corando meigamente, a aurora,
Entre nuvens de fogo e chamalote.

Anda por tudo um phrenesi de festa;
Sciudindo a bruma teve dos espaços,
Vão-se trefegos bandos de sanhaços
Para o "Te Deum laudamus" da floresta.

Descem as caipirinhas para a fonte,
Vão-se para a capina os camaradas,
E ha cantigas de amor, doces toadas,
Num cafezal que sóbe pelo monte.

Penetro numa rustica vereda,
Junto ás limpidas aguas d'um regato —
Trémula fita rútila de seda,
Que vae torcicollando pelo matto.

O céú azul parece de velludo.
A relva é como rútila amethysta,
E o rio, a ponte, as perobeiras, tudo...
— Que pábulo divino para a vista!

Encontro um caçador, junto ao caminho,
Negaceando os "nambús": má catadura,
A tiracollo a bolsa e o polvarinho,
Chapéu de palha e faca na cintura.

Agora é uma paineira resoante
Da garrulice matinal dos ninhos,
Em cuja fronde enorme e viçejante,
Ha flores, borboletas, passarinhos.

Aqui, por uma aberta da espessura,
Vejo dos tangarás a alegre dança;
Uma orchidea d'um tronco se pendura,
Um picapão num galho se balança.

Depois de uma porteira é um descampado;
Sobe aos ares o fumo de uma choça;
Passa um homem por mim: vae para a roça,
Pés descalços, camisa de riscado.

Caminho mais. O sol abre a pupitta
No alto dos céus, e já bem perto avulta,
Entre paineiras altas semi-occutta,
A torre branca dà matriz da villa.

Vêm para a missa grupos campezinos;
Rincha um carro moroso pela estrada,
Emquanto vibra na manhã doirada
O festival repinicar dos sinos.

UMA VELA QUE PASSA...

Longe, um barco de pesca á viração desfralda
A vela, e singra ao sol, que rompe a escassa bruma,
Rumo desses ilhéus, que o marão engrinalda
Com seus flocos de espuma.

Garbosamente, a vela enfunada, palpita
No horizonte titás, como um passaro exul;
Depois, se afasta e é uma aza branca na infinita
Curva do mar azul.

Primeiro amor, sonho formoso de criança,
Cheio de luz, cheio de unção, cheio de graça,
Tu és, na curva azul de um mar todo bonança,
Uma vela que passa...

NAVEGANTES

Ha homens, doce amada que me escutas,
Que se vão para longe dos seus lares,
Através de tormentas e de luctas,
Através de florestas e de mares!

Partem-se elles em busca de riquezas,
Embarcados em frageis caravellas,
Sem temerem do mar as incertezas,
Sem temerem a furia das procellas.

Uns levam dentro da alma angustiada,
Em que soluça o adeus da despedida,
A lembrança da noiva idolatrada,
A saudade da esposa extremecida.

Um, que riquezas e thesouros sonha,
Mesmo através do sonho que o domina,
A paizagem natal, bella e risonha,
Leva constantemente na retina.

Outros, sem que uma lagrima saudosa
Lhes humideça a face endurecida,
Deixam por uma vida aventurosa
Uma tranquilla e venturosa vida.

E todos têm de rutilas chimeras
A alma povoada, e aguas em fóra
Vão-se as veleiras naus, vão-se as galeras,
Para um desconhecido que apavora.

Mares innavegados e bravios,
A inclemencia dos ventos e das vagas,
A principio... depois climas doentios
E perniciosos de longinquas plagas.

Fome e sêde, calores suffocantes,
Emanações de brejos, deleterias,
E, á seguir-lhes os passos vacillantes,
Um cortejo de dores e miserias.

E vão-se... E um vento fresco de bonança
Tral-os de volta, um dia, á verde enseada,
A' verde enseada conhecida e mansa,
De onde partiu a frota empavezada.

E os loucos Argonautas atrevidos,
Que se foram em busca de um thesouro,
Voltam desanimados e vencidos,
A alma vazia, as mãos vazias de ouro.

Eu tambem fiz-me ao largo, assim como elles,
Na minha escuna, pelo mar da vida...
Volto. Mas, onde os sonhos, onde aquelles
Extraordinarios sonhos da partida?

Onde as montanhas de ouro refulgente?
Os bosques de coral e de saphira?
Essas regiões ideadas pela mente
Do poeta sonhador, que tudo aspira,

Volto, exanime e triste, á verde enseada,
A' abra feliz de onde parti ercança,
E trago á minha nau desarvorada,
Sem a flammula verde da esperança.

MIMO DE CAÇADOR

A' hora em que a treva aos poucos se adelgaça,
Naquelle dia, de manhã, bem cedo,
Buscando as fortes emoções da caça,
Rumo da cêva, entrei pelo arvoredo.

E, antes que o sol rompesse a bruma escassa,
Fui pôr-me de tocaia, ancioso e quedo,
Alli onde o corrego ondulando passa,
Entre o massambará, quasi em segredo...

Em breve um ruflo... um galho que estalida...
Um tiro... e após, de uma arvore visinha,
Cáe nas folhas um passaro sem vida.

E é assim que agora posso dar-te, ufano,
Mimo de caçador, senhora minha!
Este vermelho papo de tucano.

1—9—04.

FREMITO DE AMOR

(Jean Richepin)

Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
Traz-me a brisa, entontecedor,
Um bafejo aromal de jasmins e de rosas.
Plangem de manso, no ar, musicas mysteriosas,
Cheias de um cálido langor.
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
E ai! é tão longe a terra, as praias tão distantes!...
Adeus, adeus, lindas amantes,
Trança em que me prendi, laço cheiroso e brando,
Bocca de onde arranquei meu coração sangrando!
Tão longe! Adeus, carnes em flor!
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
A estas recordações, meu sangue moço estúa.
Aromas, compaixão! Desapparece, ó lua!
Ventre alvo, seios nús, sustae vossa vingança!
Adeus, ó bocca! adeus, ó trança!
Adeus, adeus, carnes em flor!
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor!

A GÉGÊ

Ouve essa voz de mystica doçura,
A dôce voz do sonho em que te agitas;
Beija a legião de loiras cabecitas
Que te circumda a face branca e pura.

Sorri, longe da humana desventura!
O berço azul-celeste em que dormitas
— Esse ninho de rendas e de fitas —
E' o paraiso, oh! fragil creatura!

Dorme! Não chega ao berço em que adormeces
O echo da nossa vida, entrecortada
De grandes maguas e paixões reféces!

Assim, dorme feliz, longe dos gritos,
Longe dos ais que solta na jornada
A caravana immensa dos afflictos!

(1904)

AO R. M.

(Para o teu filhinho)

Eu sei de certos senhores
Que desdenham, serios, graves,
O doce aroma das flores
E o terno canto das aves.

Rudes, a alma empedernida,
Não sei de emoção que os vença.
Desconhecem — dôr immensa! —
O que ha de melhor na vida.

Não sabem que ás vezes cura
Desalentos, desenganos,
A buliçosa ternura
De um cherubim de dois annos;

Nem quanta meiguice espelha
O doce riso innocente
De uma boquinha vermelha,
Que espera o primeiro dente.

OS ELEPHANTES

(Leconte de Lisle)

O arcial infinito é como rubro oceano,
Mar que flammeja mudo em seu leito agachado.
Ondula immoto o céu cor de cobre, do lado
Do horizonte em que habita o formigueiro humano.

Nem vida, nem rumor. O leão farto descança
No antro afastado, em meio aos mattagaes infindos.
Vai beber a girafa esguia á fonte mansa
Que a panthera conhece, ao pé dos tamarindos.

Dorme tudo. Siquer um passaro no ar quente,
No ar em que gyra um sol de fogo, um sol em chamma.
A's vezes, com volupia, adormida serpente
Faz ondular morosa a rutilante escama.

O ar inflammado queima. O calor é mais denso.
E bamboleando a massa, intrepidos viajantes,
Rumo do ermo natal, pelo deserto immenso,
Vão-se num bando escuro os tardos elephantes.

Vêm elles do horizonte ensanguentado e quieto.
Vêm levantando o pó que em nuvem grossa ondeia,
E, para não sahir do caminho mais recto,
Desmoronam com a pata os comoros de areia.

Velho chefe, talvez, é o que á frente caminha.
Rugosa como um tronco a pelle do seu dorso,
E' um rochedo a cabeça, o arco immenso da espinha
Dobra-se com violencia ao mais pequeno esforço.

Os passos não estuga e tambem não lerdeia,
Que os passos pelos d'elle o bando inteiro marca.
E, deixando após si fundo sulco na areia,
Seguem todos atraz do velho patriarcha.

Seguem, levando a tromba apertada entre os dentes,
As orelhas em leque. O ventre bate e fuma.
E o suor d'elles produz uma ligeira bruma
No ar cheio de arthuriões e de insectos ardentes.

Mas que importam a sêde e o calor causticante,
Que lhes importa o enxame importuno que esvoaça:
Vai o bando a pensar numa selva distante,
— Primeira habitação da primitiva raça.

Vai rever a floresta umbrosa o escuro bando
E a caudal em que nada o hyppopotamo enorme,
E onde, brancos de luar, iam beber, quebrando
Os juncos marginaes com a grande pata informe.

Lá vão... E a linha escura e phantastica ondeia.
Lá vão elles, molgando as juntas, lentamente.
Mas passam... e depois fica immovel a areia.
Passam... e depois fica o deserto sómente.

SONHOS MORTOS

(Leconte de Lisle)

Olha, amigo: este mar, que ora assim tão manso,
Bateu, como um ariete, um dia, sem descanso,
Os promontorios; foi aos saltos em cachões,
Escalando, subindo as rochas e sobre ellas
Estendeu, a bramir, no fragor das procellas,
O espumoso lençol dos negros vagalhões.

Agora o encrespa a fresca brisa matutina,
A belleza do sol as aguas illumina,
E, longe, em direcção d'esse horizonte infindo,
Onde passam, nadando, embarcações remotas,
Vai-se da costa azul, o páramo scindindo
Em tremula revoada, um bando de gaivotas.

Ali boiam, porem, contornando os ilhéos,
Destroços de naufragios; e esses que os escarcéos
Assassinaram vão, sob as ondas pesadas,
Lividos, a sangrar, de costas ou de bruços,
A bocca aberta transbordante de soluços,
Olhos vitreos olhando as aguas socegadas.

Meu coração é como esse mar que, tranquillo,
Beija as praias agora em doce murmurillo.

Tambem choron, rugiu como elle... Sem descanso,
Contra as rochas lançou-se em tremendos embates,
Todo um dia cruel de insania e de combates.
Vês? Agora reflúe apaziguado e manso;
Sem desejo ou temor de nova tempestade.
A' caricia do sol a voz mal se lhe escuta,
Mas o genio, a esperança, a força, a mocidade
Eil-os mortos na espuma e no sangue da luta.

O PLAGIO

— Você sahe, Nenesto, com um tempo destes?

— Não ha outro.

— Dia de S. Barthoiomeu, inda mais ...

— Importa-me lá o santo!

— Está bom. Depois não se arrependa.

Isto dizia D. Eucharis ao seu marido Ernesto d'Olivaes, ao vei-o tomar o chapeu do cabide. Ernesto sahiu.

Fóra remoinhava o vento, annunciando tempestade imminente.

Por castigo, nem bem caminhára o teimoso duzentos passos, desaba repentino aguaceiro. Tão repentino que mal ihe deu tempo de barafustar por um "sebo" a dentro, no instante preciso em que o belchior cerrava a uitima foiha de porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

— Atchim!...

— Viva!

— Atchim!...

— Viva!

—Atchim... Brrr! P'ra burro! Espirro p'ra burro! C'est le diable.

(Seculo trinta! Se por acaso um exemplar deste conto chegar ao conhecimento dos teus fariscadores de antiguaihas, não se assombre eiie com a expressão curraiina do meu Ernesto. Nem quebre a cabeça em interpretal-a com ajuda de philologia comparada e mais sciencias connexas.

Deixo cá a chave do cnigma: semeihante expressão viveu correntia peias immediações da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nascida n'alguma cocheira, aiargou-se ás ruas, e passou destas aos salões. Penetrou até na rhetorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das suas Juiietas, substituiam o archaico — iindo como os amores — por este soberbo jacto de impressionismo cavaliar: E' iinda p'ra burro!

Não obstante, as Julietas caeavam com os masmarros, e eram feiizes. Lá se entendiam...)

O belchior era francez, e Ernesto taramelava na lingua adoptiva do sr. Jacques d'Avray o necessario para embrulhar lingua com um belchior francez. Sabia differençar **femme sage** de **sage femme**, distinguia **chair** de **viande**, e alambicava a primor os **u u** gaulezes. Além disso tinha sciencia de varios idiotismos, usando amiude do **qu'est-ce que c'est que çá**; sabia de cór a historia do **Didon dit-on** além duma duzia de prosopopéas d'alto calibre forrageadas nos "Miseraveis" — o que já é bagagem glossica ponderavel n'um carrapato orçamentario com seis annos de sucção.

Taes conhecimentos mensalmente postos em jogo bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro, a quem Ernesto em todo dois de cada mez alugava um bacamarte de Escrich matador das horas vazias da repartição.

Naquella tarde, porém, Ernesto não queria livros e sim um tecto, razão por que falhou o sempiterno ritual do encetamento da sécca. (Esse ritual começava assim: **Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur?**)

Fóra, o vento pulverisava a chuva, em regougos sibilantes.

Tinha de esperar.

Esperou, remexendo estantes, folheando revistas, lendo a meia voz os titulos dourados. De longe em longe, tomava um volume e perguntava ao francez acurvado na escripturação de um livro de capa preta:

— **Combien, monsieur?**

E á resposta do homem repicava invariavelmente:

— **C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé** — estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a attenção.

Empolgou-lh'a uma brochura esborcinada, a **Maravilha**, de Ernesto Souza.

— Olé! um xará! **Combien, monsieur?**

O livreiro sem lhe dar maior attenção rosnou qualquer cousa, emquanto Ernesto, absorto no manuseio do livro, ia murmurando machinalmente o **très salé**.

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo, adquirido no collegio, onde colleccionava n'um caderno a primeira e a ultima phrase de quanto livro lhe transitava pela carteira.

A Maravilha era um deses romances esquecidos que trazem o nome do autor seguido de uma comitiva de identificações á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo do Imperio.

Alfredo Maria Jacuacanga
(natural do Recife)
3.º annista da Escola de Medicina da Bahia
ou:
Doutor Cornelino Rodrigues Fontoura
Ex-lente disto, ex-director d'aquillo, ex-membro do Pedagogium, ex-deputado provincial, ex-cavalleiro da Cruz Preta
etc., etc., etc.

Romances descabellados onde ha lagrimas como punhos, e punhaes vingativos, e virtudes premiadissimas de par com vicios archicastigados pela intervenção final e apotheotica do Dedo de Deus — livros que a traça leu e rendilhou nos poucos exemplares escapos á funcção sobre todas abençoada de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: "E um rubro fio de sangue brotou do niveo seio da donzella apunhalada, com uma vibora de coral num marmore pagão".

Ernesto, nó de Oliveira, mas d'Olivaes por contingencias estheticas, enrubesceu de appolineo prazer. E assoou-se, prova muito sua de enthusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor! Estava ali uma phrase soberba! "como vibora de coral... Magnifico! E este "marmore pagão?

Foi ter com o **Monsieur** e leu-lh'a "com alma"; mas o typo, absorvido numa addição, miou o **oui, oui,** sem erguer sequer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mez) mas o escondeu num desvão para que ninguem lhe puzesse a vista em cima até o dia acquisitivo.

Emquanto isso, a chuva amainára.

Ernesto entreabriu a porta, espiou a rua murmurejante nas sargetas, e resolveu abalar.

— **Monsieur, au revoir.**

— **Oui, oui,** miou pela ultima vez o bruto.

Na rua endireitou para a casa ruminando que, sim senhor! era ter fogo sagrado! uma phrase d'aquellas fazia um nome, o xará tinha talento, e bem dizia Victor Hugo nos **Miseraveis** que o genio... é o genio!

Por todo o caminho foi redizendo-a, em mente, com caricioea uncção, remirando-a por todos os lados, sob todas as luzes. Degustou-a como um sybarita; pelo som, repetindo-a em surdina vinte vezes, pela fórma, revendo o geito com que a fixaram no papel os caracteres typographicos, pelas correlações associadas, evocando vagos hellenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Phrynéa, o cão de Alcebiades, as Thermopylas, o tonel de Diogenes, e outros.

Por fim, á noite, já a celebre phrase se lhe incrustara nos miolos no logar onde costumam habitar as ideias fixas.

Chegou a repetil-a a D. Eucharis. Mas D. Eucharis, uma creatura sovada, toda virtudes conjugaes e preoccupações caseiras, interrompeu-o a meio:

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampião que te encommendei?

Ernesto d'Olivaes arrepanhou a cara n'um assomo de dó ante a

chinfrinice mental da companheira. Dó, despeito e meia colera, cousa rara em sua alma de amanuense, gommosa e mansa.

— Que pavio? Que me importa o pavio? Quem fala aqui de pavio? Ora não me aborreça com historias de pavio!

E voltando-se para o canto (que a scena se passava na cama) embezerrou.

O somno dessa noite não foi bom conselheiro porque Ernesto no dia seguinte andou pela repartição mais meditativo que de costume, com os olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem ver:

E' que uma ideia...

Não era bem uma ideia, ainda, mas cellulas vagas, destroços longamente vogantes de ideias mortas, lampejos de ideias futuras, coisas tão affins que ao cabo de tres dias se fundiam numa ideia-mãe de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples "variedade", em linguagem bem capricbada, com floreados bem bonitos, arabescos de estylo..."

Dois ou tres personagens. Não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa pallida, a cidade de tres estrellinhas, o anno de 18... Como enredo uma paixão violenta da condessa pelo pintor Gontran. Gostava muito desse nome. A scena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achára geito em personagens nacionaes, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar aquelle final... Oh! sim!... aquelle final, porque em summa o conto viveria para justificar a exhibição daquella joia de "cellineo lavor". E logo abaixo o seu nome por extenso, Ernesto da Cunha Olivaes.

Esse remate furtado ao xará da **Maravilha** aos poucos se foi insinuando na consciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.

A **Maravilha**, ora!... Um miseravel caco de livro de que ninguem conhecia a existencia...

Plagio? Como plagio?! Porque plagio?! E' tão commum duas creaturas terem a mesma ideia... Coincidencia simplesmente. E além disso, quem daria pela coisa?

Ernesto era literato.

Quem não é literato em nossa boa terra?

"Fazer literatura" é a fórma natural da calaçaria indigena.

Em outros paizes o desoccupado ou pesca, ou caça, ou joga o murro. Aqui belletrea. Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses artiguetes inda não classificados nos manuaes de literatura onde se adjectiva sonoramente uma ideiasita de meio escropulo, sempre feminina, sem pé e raramente com cabeça, que goza a propriedade, aliás preciosa, de deixar o leitor na mesma. A grammatica soffre umas poucas marradas, os typographos ganham a

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu, desabridamente.

— Ora não me seja besta!

Damasceno bocquiabriu-se.

O pobre autor via nas palavras mais innocentes allusões ironicas, directas, claras, brutaes. N'um simples "bom dia" enxergava risinhos de mofa. O proprio Capitão Prelidiano, cavalgadura honestissima, incapaz d'uma ironia, affigurava-se-lhe o chefe da malta.

Conspiravam contra elle, não havia duvida.

Poz-se em guarda. Fugiu dos amigos. Deu cabo do mate domingueiro. Não podia siquer ouvir falar em literatura, o assumpto dilecto de tantos annos.

D. Eucharis, pensabunda, matutava:

— Serão lombrigas?

E deu-lhe Chenopodio, ás occultas.

*

* *

— E afinal?!

— Afinal?... E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é! Os casos mais interessantes descambam a meio para o mais reles prosaismo. Este do Ernesto d'Olivaes, por exemplo. Merecia um fim tragico, duello ou quebramento de cara. Quando nada uma remoção-sinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra como elle um remate de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

Ernesto adoeceu, mas sarou. O Chenopodio revelara-se um porrete para o seu mal. (Como D. Eucharis conhecia a vida e o marido!) Depois com o decorrer do tempo esqueceu o plagio. Os amigos esqueceram o "Never more". O Lyrio morreu como morrem Lyrios, Dhalias e Chromos: calote na typographia. Ernesto engordou. Já é major. Tem 6 filhos.

Continua a "fazer literatura". E se encontrar a talho um novo final como aquelle plagiará de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca, ou nenhuma.

Feliz ou infelizmente?...

1904

MONTEIRO LOBATO

GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Vista do Ingá e S. Domingos

Nesse momento, soprando com mais força, a brisa levantou mais alto as ondas e eu ouvi como alguem se encaminhar e estacar justamente aos meus pés. Cheio de anciedade, voltei-me bruscamente. E, sem surpresa, quasi sem pavor, vi ao meu lado uma sombra, uma bizarra sombra, que, á maneira de uma irmã gemea, reproduzia todos os meus traços physionomicos, aureolados, porém, de muita doçura. E ella, cabellos esparsos sobre a fronte, entreabria os seus labios, finos e ondulosos, num sorriso, num sorriso — mixto de magua e de goso.

"Ah! — disse-lhe — Esperava-te, cara irmã, para derramar o meu segredo na urna de teu coração. Não a conheces?... Não te encontraste, por ventura, com Ella?... Este espaço ainda guarda o aroma embriagante de sua passagem. Aspira-o e dize-me que flor seria capaz de desprendel-o?... Só Ella, só... Sentil-o é ver-lhe a bôcca — tumida e rubra, os olhos — azues como saphyra. Sentil-o é ver-lhe os cabellos aureos e finos, a fronte... é ver-lhe o corpo grácil, de ondina... "E a Sombra me ouvia attenta e silenciosa, deixando apenas se escoar de seus labios, finos e ondulosos, aquelle gesto enigmatico, um sorriso — mixto de magua e de goso.

"Difficilmente podes imaginar o amor que lhe voto. Parece Deus a fez expressamente para mim. Desde a primeira vez que a vi, dedico-lhe um sentimento profundo e sincero. Amo-a tanto que me consideraria muito feliz se lhe pudesse sacrificar minha vida. Juigo minha alma buscará a sua depois da morte. Mas, vê bem, eu lhe voto um affecto castissimo, sem desejos profanos, um affecto mui diverso do que se encontra no coração dos outros ephemeros... "E a Sombra me ouvia attenta e silenciosa, deixando apenas se evolar de seus labios, finos e ondulosos, aquelle gesto enigmatico, um sorriso — mixto de magua e de goso.

"...E Ella me ama, eu o creio. Ha poucos minutos, num doce confacto, sua bôcca depoz em minha bôcca o penhor preciosissimo de seu amor. Pallida e convulsiva, balbuciou em meu ouvido: "Amo-te porque fazes do sentimento tua exclusiva razão... "Não o crês, Sombra?... Que queres me revelar com esse sorriso?... Amas-me tambem?... Teus, por acaso, ciume de mim?... Ah! Em vez de ironia, duma falsa piedade, leio em teu gesto uma inequivoca sympathia. Mas eu te não posso amar, já o sabes, pois lhe entreguei todo o meu coração. Apenas te posso dar uma amizade fraternal, uma simples amizade. Juro, porém, jamais me esquecerei da expressão de teus labios, desse sorriso — mixto de magua e de goso.

E a brisa, novamente soprando com violencia, levautou mais alto as ondas. Os cabellos tumultuaram sobre minha fronte. E a Sombra, compassiva e calma, os cabellos revoltos, disse-me: "Não... não tenho ciume de ti... porque me amas... porque nunca amaste a outrem... porque nunca poderás amar senão a mim mesma... "E no [illegible] noute que chegava, amplo e hospitaleiro, a Sombra se occultou a pouco e pouco, mas deixou pairando no espaço, no espaço mysterioso de minha alma, para todo e sempre, aquelle gesto prophetico, um sorriso — mixto de magua e de goso.

POMPEU PEQUENO

CARLYLE E A GUERRA (*)

Não é nossa intenção, ao emprehendermos este trabalho, penetrar e subjugar, pela analyse e pela critica, a extraordinaria e possante personalidade de Thomaz Carlyle. A sua obra, vasta e complexa como a propria natureza, exuberante e majestosa, como as nossas mattas tropicaes, encontra na sua propria grandeza a melhor barreira contra quem pretendesse desvendar-lhe os mysterios.

Não ha tentar o assalto por qualquer das faces.

Si nos aventurarmos atravez do intrincado dessa flora acabrunhadoramente possante, tombaremos, exhaustos: a impotencia dos nossos sentidos nos não permitte suportar a violencia das impressões que nos salteiam. São por demais fortes os contrastes das perspectivas luminosas e sombrias. Os raios offuscantes, que se desprendem ao choque das antitheses, rasgam amplas e instantaneas clareiras, convidativas na apparencia, mas na realidade só adequadas a realçar o poder das trevas que as acompanham. Sentimo-nos amesquinhados ante esse fulgurante rebento da propria natureza; se persistimos na peleja. terminamos por abandonar o campo da luta, levando na retina, e no cerebro estonteado, a vaga impressão de uma noite de tempestuoso pesadelo, em que o constante e ininterrupto succeder dos relampagos, nos fez entrever, esboçado apenas no horizonte longinquo e inaccessivel, os contornos salientes de um mundo estranho e formidavel.

Carlyle é assim.

(*) Este trabalho foi concebido e quasi todo escripto, muito antes da acceitação, pelas nações alliadas, dos principios relativos á recomposição dos estados de accôrdo com a nacionalidade dos povos.

CARLYLE E O SEU GENIO

Filho dilecto da propria natureza, na sua obra, como nas da Creação, parece imperar a mais infrene das anarchias. As forças do seu cerebro de genio arrombam a cada passo os diques do estylo e os moldes communs em que as simples intelligencias costumam vasar os resultados de elucubrações laboriosas e mofinas. Elle vae além, como que desejando reduzir-nos á sua concepção dos heroes da humanidade. Procede por intuição. Parcella do todo, foi por este investido da missão de nos revelar um pouco deste grande segredo aberto, como elle proprio diz na sua poetica linguagem. E não será assim? Quem nol-o poderá affirmar? Quanto a nós, olhamos com sympathia o seu methodo. E' da propria essencia do genio antecipar, ás vezes de seculos, a sciencia, desvendando-nos bocados da verdade eterna, que aquella, após centenas de annos de vagaroso caminhar, vem confirmar pelas experiencias dos laboratorios. Ferri é quem o affirma, reconhecendo em Shakespeare extraordinaria clarividencia e absoluta segurança no diagnosticar os grandes criminosos da sua obra genial. Othelo e Macbeth tiveram as honras de figurar, tal qual os concebeu o maior poeta da humanidade, na galeria scientifica da escola criminalista positiva, após severa verificação experimental.

E porque não? Haverá quem sustente em nossos dias a victoria da sciencia? Ha ainda, acaso, quem nella deposite as esperanças dos que assistiram ao seu desabrochar no seculo passado? Prescindir do seu auxilio, deixar de reconhecer as suas reaes conquistas, seria absurdo tão grande como conceder-lhe imperio absoluto no terreno do saber. A atmosphera dos laboratorios, extravasando, produziu a Allemanha de 1914 e matou o seu genio creador. Beethoven e Goethe, se volvessem ao mundo, não reconheceriam no imperio do kaiser os traços da sua patria.

MATERIALISMO E IDEALISMO

O dominio do materialismo scientifico, transformaria a vida numa simples e esteril luta pela subsistencia. Amorteceria em nós a ideia da verdadeira razão de ser da existencia. Anniquila

ria o ideal, esse balsamo maravilhoso que nos mantém e que nos fortalece nos momentos de negro pessimismo. E estaucaria uma das mais copiosas fontes de conhecimento, abertas á nossa curiosidade. Quem desconhece as conquistas dos antigos pelo unico concurso de sua imaginação engenhosa? A série incalculavel das hypotheses, por elles aventadas e mais tarde sancionadas pela sciencia moderna? E a arte? A unica creação verdadeiramente immortal do homem, — que seria dessa esplendida força, producto da necessidade incoercivel de perfeição, que nos ordena, imperativa, a caminhada para a frente?

Desbastados os exaggeros das duas correntes: metaphysica pura e materialismo scientifico, medra agora nas regiões serenas do pensamento, a flôr da conciliação. Nem uma nem outra em particular: porém ambas, irmanadas na mesma empreitada triumphal.

A verdadeira philosophia, reconhecendo os direitos desses dois frondosos ramos do saber humano, surge como a cupola luminosa do templo esplendoroso. Sim, a paz far-se-á em breve, paz fertil e sem egual, na terra e nos dominios serenos do intellectualismo, para maior gloria da humanidade. Então veremos trabalhar juntos, commungando na mesma obra sagrada, a intuição, o raciocinio e a experiencia.

OS HEROES E A HISTORIA

Porque não é de toda falha de verdade a concepção de Thomaz Carlyle sobre o papel dos Heroes na Historia. A prova do que affirmamos temol-a na sua propria personalidade de propheta. Como os que resplandecem na sua rutilante galeria, elle tem qualquer coisa desses illuminados que, na sua bellissima e poetica concepção, vieram a nós, enviados da natureza, indicar-nos um pouco da verdade eterna e immortal. Não será isso acaso uma contra-prova de que somos senhores de alguma coisa positivamente verdadeira, quando a intuição se casa com os resultados de longas e exhaustivas experiencias?

Dissemos, ao iniciar este trabalho, que não era intenção nossa estudar em conjuncto a obra desse cyclope do pensamento. A sua producção, enorme e variada, está a pedir uma intelli-

gencia que se assemelhe á sua. Queremos apenas destacar, de um de seus escriptos, algumas paginas onde nos pareceu surprehender a visão segura de uma verdade comprovada pela observação objectiva dos factos. Destacando-a e analysando-a, cremos prestar serviço ao "Heróe", submettendo as suas conclusões ao confronto do methodo philosophico onde buscamos grande parte dos alicerces para a formação do nosso criterio intellectual. Procedemos com a maior isenção de animo, quanto ás correntes que disputam o sceptro da realeza do saber. Admittimos sem paixão o que nos parece conforme á verdade, de cada uma dellas. Não escondemos, porém, a fascinação irresistivel, que exerce sobre o nosso espirito, a magistral hypothese de Spencer sobre a evolução. Se confrontarmos a concepção carlyliana com a theoria spencerianа, veremos como se entrozam as duas, sem attricto apreciavel.

Thomaz Carlyle, em sua celebre obra "Os Heroes", nas paginas magistraes em que nos mostra o heróe como homem de egreja, assevera ser o comparecimento de Luthero ante a Dieta de Worms, o facto capital da historia moderna. Na sua maneira de vêr, nesse dia de 17 de Abril de 1521, punha-se em movimento a força propulsora, que deveria lançar a humanidade na carreira vertiginosa dos seus destinos, os quaes, de então para cá, se vêm desenrolando com o poder incoercivel de uma fatalidade inluctavel. Será assim? Não ha negal-o. Entretanto prevemos as objecções. O golpe desfechado por Luthero nas muralhas do Dogma religioso não foi o primeiro. Copernico, com a descoberta da theoria heliocentrica, já o havia precedido na luta da verdade contra o obscurantismo da Egreja, abrindo nos seus alicerces a brecha por onde se precipitaria o jorro cada vez mais forte do saber, até que saltassem os vigamentos da religião anachronica e periclitante. Então far-se-ia a aurora redemptora do pensamento soberano, devolvido ao logar de capitanea dos nossos destinos. Entretanto, submettamo-nos á verdade historica. Carlyle está com ella.

Estranha fatalidade quiz que essa figura diabolica de fanatico medieval assumisse proporções incommensuraveis no pungente drama em que nos debatemos ha seculos. E' Carlyle quem fala.

Subira o panno na rampa do porvir; iniciara-se o primeiro acto da scena empolgante entre todas. E' que a humanidade entrára na sua phase de integração definitiva; cessára o momento de gestação.

O trabalho millenario, desde a concepção nos tempos prehistoricos das origens indo-européas, até o advento da cohesão material e espiritual — primeiro estado da evolução spencerianа (homogeneidade indefinida e incoherente) — completára-se nas épocas anteriores.

Não julgamos necessario fazer a genese exhaustiva do que affirmamos, porque a sabemos sobejamente conhecida. Ninguem, de facto, ignora as linhas directrizes, a que obedeceu a civilisação européa, quer na formação ethnica das sociedades, quer na formação intellectual e moral dos povos.

A RENASCENÇA

Apenas libertada da apparente lethargia medieval, a humanidade, como que extremunhada, tinha pressa em recomeçar a sua actividade de antanho. Ao calor primaveril, estonteante de vida e vigor, brotava a floração magnifica da Renascença. Era a victoria da luz sobre o inverno secular. A abobada celeste reflectia sobre a terra bemdita da peninsula a suave coloração dos seus tons azul e ouro. A' ameaça terrificante das iras divinas, anathematisando as volupias de uma vida heroica e creadora, succedia o culto quasi pagão de uma religião de pompas e festins. Com as ultimas fogueiras da Inquisição, apagára-se pouco a pouco a lembrança apocalyptica do inferno e dos seus horrores. Vencera a vida. O homem entrava de novo na posse de seus dominios. O papa despira as tenebrosas vestes de suprema autoridade inquisitorial, para tornar-se o amigo benevolente e protector da arte e do genio. A Italia libertava-se, afinal, da nevrose que a consumira. A plethora de vida accumulada no longo periodo de incubação, explodia em esplendidos florões do seu genio artistico e creador. O Dogma tornava-se apenas uma arma politica de que se servia o despotismo temporal de uma theocracia deliciosamente epicurista, para satisfação de aspirações estheticas. A arte redimia a culpabilidade criminosa,

evitava a seus filhos predilectos as torturas dos presidios e das masmorras. Ante a perfeita belleza de uma obra prima, paralysava-se, impotente, o braço justiceiro da suprema autoridade pontifical. Esse povo de genios perdoava o despotismo politico da Egreja, em troca da protecção que ella dispensava aos seus idolos creadores de pura belleza. A par da rigidez das instituições politicas entregava-se elle, voluptuosamente, com a cumplicidade do Vaticano, ás delicias de um doce e commodo scepticismo religioso.

Leão X mercantilisava a crença, procurando no trafico das indulgencias o ouro necessario á conclusão dos seus palacios sumptuosos. Roma readquiria a grandeza e os fastos de outr'óra. Toda ella se transformára num templo magnifico onde os fieis se prostravam, contrictos, ante o deus pagão da belleza. Com elle insinuára-se no reducto do catholicismo o seu proprio inimigo, aquelle que o deveria ferir a fundo e em breve. E' que a causa das commoções periodicas, que nos sacodem, ameaçando tudo subverter, encontra-se na desegualdade do evolver das gentes do planeta.

Si se verificasse por egual, entre os povos, o progredir dos mesmos, a humanidade ver-se-ia a coberto desses profundos ferimentos que afeiam os seus flancos torturados. A evolução dar-se-ia, serena e tranquilla, evitando as paginas negras da Historia.

LUTHERO

Ao calor nutriz do sol mediterraneo apressára-se o progresso das populações da peninsula. Entretanto, os raios bemfazejos do fóco irradiador eram intercceptados pela massa intransponivel dos Alpes maritimos. Para além reinavam ainda as trevas medievaes. As nevoas quasi perennes, as sombrias florestas de além Rheno, montavam guarda severa, defendendo a barbarie contra os assaltos da civilisação. Encastellada em si mesma, obcecada pelas visões infernaes de uma paysagem geradora de fantasmas horrendos, a alma humana sentia-se desamparada, na terra, a implorar soccorro e alivio a uma divindade surda aos seus appellos. Nessas paragens imperava soberano o estado de

espirito dos tempos medievos. Roma, benevolente para com os seus filhos, fazia valer os seus direitos sobre o resto da Europa. E aos habitantes desta parte de seus dominios em estado de meia barbarie chegava somente o peso dos Dogmas suffocantes. Mas não se revoltavam; antes, os queriam mais rigidos, mais intransigentes. Assim ordenava a sua fé cega e doentia. Entre elles crystallisando-lhes as sombrias tendencias, devia, afastada do mundo e dos homens, a figura tenebrosa de Luthero. As quatro paredes da sua cella de monge eram todo o horizonte que se permittia o frade torturado. As fantasticas visões desse cerebro em permanente delirio azedavam-lhe os dias e ennegreciam-lhe as ideias. A mais e mais se lhe enraigava no pensamento a necessidade de martyrisar a carne para a salvação da alma. Nos momentos de delirio em que lhe naufragava a razão, entrevendo como um aviso do céu a figura horrida de Satan, amaldiçoava o homem e os prazeres. E' então que lhe chegam, um dia, aos ouvidos estranhas noticias acerca de emissarios do papa, que mercadejavam, por ordem deste, com indulgencias e bençams. A sua consciencia recta e sincera não se quer render á evidencia. Imagina a fraude, a culpabilidade dos sacerdotes. Resolve partir para Roma afim de certificar-se do caso escandaloso. A sua ingenuidade de fiel intransigente, não admitte a cumplicidade do papa na burla do principio basico da sua crença. Deus todo poderoso é o unico com direito a redimir os peccados terrenos. Parte. Por todo lado esbarra com os symptomas da impiedade e da desaggregação da fé. A' medida que se approxima da cidade santa, avoluma-se-lhe no coração martyrisado o travor da surda revolta da sua simples e ingenua consciencia. Chega e crê sonhar, ao deparar-se-lhe, como numa visão satanica, a magnificencia impia da Egreja Romana. Era verdade o que ouvira lá ao longe, entre a negra floresta germanica, povoada de espectros e de diabolicas tentações. O seu rancor explode, então, violento, contra a farça grotesca das indulgencias conseguidas a troco de ouro.

A REFORMA

A luta estava travada entre a potencia papal e o humilde sacerdote germanico. A' invasão dos traficantes da clemencia di-

vina, oppõe Luthero a sinceridade da sua palavra de crente, de consciencia recta e inquebrantavel. Era o advento da Reforma, diz-nos Carlyle. Ella nascera d'esse embate, libertando a parte virgem da Europa septentrional do arrocho suffocante exercido pela Roma dissoluta de Leão X. O mundo tomava, inesperadamente, pela acção do obscuro monge barbaro, rumo opposto á rota até então seguida.

As consequencias seriam formidaveis. No dia do julgamento de Luthero ante o tribunal de Worms, jogavam-se os destinos da humanidade. Dalli partiria, ou deixaria de partir, o impulso que a lançaria na direcção dos seus destinos. Quizeram os fados que a verdade vencesse. A Egreja, anachronisada, já por essa época, havia de ser vencida pela propria força das coisas. E assim foi.

Iniciara-se a 27 de Abril de 1523, o grande drama a cujo epilogo assistimos. Liberto o pensamento humano, nunca mais elle cessaria de pugnar pelos seus direitos. A luta travara-se titanica, horrenda, prolongada. Não se venceriam com facilidade as instituições tão fortemente radicadas no solo da Europa. No entanto, tinha-se a demonstração cabal e impressionante de quanto é forte quem peleja por um direito. A humanidade comprehendera, se bem que obscuramente, a revelação que lhe acabara de fazer Luthero, ou melhor, este fôra um instrumento inconsciente da lei incoercivel da evolução. Mas Carlyle entreviu, com magistral clarividencia, a realidade. Nem por isso o grande reformador perde o seu direito de principal elemento, de ponto de referencia, de synthese das determinantes, fataes e ineluctaveis, que precipitaram os acontecimentos.

Não nos esqueçamos que continua o confronto da hypothese experimental e da concepção intuitiva do excelso pensador.

O DRAMA

Começa então, no dizer de Carlyle, o grande, o pungente drama em quatro actos e um epilogo. O primeiro desenvolve-se violento, succendendo as scenas mais ou menos interessantes. Qualquer previsão a esta altura seria ainda prematura; mas não tardaram a delinear-se as linhas geraes da trama empol-

gante. O primeiro acto raramente apresenta interesse real. Todas as circumstancias que o cercam veem-se envoltas, na confusão do presente, sem horizontes nem consequencias futuras deduziveis.

Analysemos o segundo, — a revolução liberal na Inglaterra, Cromwell e a sua acção. Já agora se tornam evidentes e palpaveis as linhas geraes do que se vae seguir. O individuo até aqui considerado como factor desprezive, ante os poderes reconhecidos, acabava de vencer a mais formidavel das tyrannias. Roma, a poderosa, recebera o mais rude golpe de quantos a haviam attingido. Esvaiam-se como nuvens inconsistentes as bases de todo o edificio do passado. Os seus alicerces sentiam o abalo que não mais lhes permittiria o equilibrio de outros tempos. Desfeita a crença da inviolabilidade do papa, ipso-facto diminuia o poder de resistencia de todo o vigamento social. Uma coisa era consequencia da outra. Não tardou a verificação dos seus effeitos. Cromwell, filho das mais baixas camadas sociaes,

O terceiro acto, adivinha-se, impõe-se, inconfundivel em seus restos mutilados á ignominia do patibulo.

Uma nova e indomavel força, que dormitava, toma consciencia de si mesma, e caminha de victoria em victoria.

O terceiro acto, adivinha-se, impõe-se, inconfundivel em seus contornos cada vez mais accentuados. Eil-o que rebenta, convulsionando o mundo, fazendo-o tremer, de alto a baixo, definitivo nas suas consequencias incommensuraveis: a Revolução Franceza.

A REVOLUÇÃO

A humanidade que, desde Luthero, já havia tomado consistencia capaz de a tornar boa conductora das correntes novas, assume a sua feição real, nesses dias memoraveis para os seus destinos; não ha lutar; o organismo chegou ao seu pleno desenvolvimento. Presenciamos á sua entrada na edade da razão. Abaixo toda e qualquer tentativa de protecção. Ella, por si só, já se sente com forças para caminhar, sem a ajuda de quem quer que seja. O proprio Carlyle, creador da famosa theoria dos Heróes, sente faltar-lhe a base para uma defesa cabal das

suas idéas. Ao enfrentar o estudo desse estupendo cataclysma, os seus esforços, e a sua poderosa imaginação não conseguem argumentos para sustentar o que affirmára na vespera. No seu estudo sobre a Revolução Franceza desapparece da primeira plana a sua idéa preferida, o Heróe. Haverá contradicção? Não o cremos. O Heróe existiu, tornou-se indispensavel, mas chegára o seu dia. Carlyle o sente, e a sua honestidade, a sua sinceridade, — palavra que elle ama entre todas, — obriga-o a confessal-o tacitamente. Mas qualquer coisa nasceu que se assemelha ao Heróe e que assume o papel de principal actor. E esse, é a massa anonyma e todo-poderosa. No seu bellissimo poema da Revolução Franceza, Carlyle empresta-lhe todas as honras na tarefa grandiosa. O "sans-cullotismo" é o seu idolo. Em verdade, a este devemos tudo que nos adveio da formidavel subversão. Porque a grande commoção de 1789 procedeu com a humanidade, como a dynamite em terreno granitico; esfarelou, rdeuziu a pó o sub-solo resequido e empedernido, para que, uma vez serenada a explosão, se tornasse possivel a fertilisação do solo. E esse trabalho devemol-o ao "sans-cullotismo".

Carlyle não se contradiz. Completa-se.

A messe foi esplendida, si bem que não se tornasse possivel a realisação de tudo quanto os seus actores della pretenderam. A humanidade não dá saltos: procede por partes. Entretanto, a implantação do dogma dos direitos do homem explica e redime o grande acontecimento dos seus crimes sem conta. De todas as consequencias da Reforma, esta é sem duvida a maior e a mais bella. Da nova semente germinaria a arvore magnifica do porvir. Qual seria ella? Carlyle nada nos diz. Contenta-se em propor um grande ponto de interrogação. Para que a daria elle? O drama não terminara, affirma: faltava-lhe o epilogo que o completasse. A nós, seus leitores do futuro, cabia responder, e não nos seria difficil.

A GUERRA

Lemol-o quando ainda apenas se iniciava a maior tragedia de todos os tempos: era o epilogo que se desenhava. Então, ninguem ousava prognosticar o que delle resultaria. As nações

atiravam-se umas ás outras na ancia de destruição que as obsecava. Succediam-se os governos nos paizes belligerantes, sem que se percebessem as suas intenções sobre a paz futura. Pessoalmente, não nos merecia duvida o desfecho fatal dos acontecimentos. A independencia das nações, quaesquer que fossem as suas condições, fortes ou fracas, comtanto que apresentassem, aos olhos do mundo, unidade ethnica e unidade de sentir, impunha-se como corollario fatal do dogma dos direitos do homem apoz o individuo homem, o individuo nação. Agrande Revolução se completava. Era a conclusão logica a que nos conduzia a estupenda concepção carlyliana e a theoria de Spencer. Já haviamos previsto o que mais tarde, levados pelas circunstancias, se tornou o programma de paz dos povos que combatiam a barbarie.

Lembram-se os que seguem os acontecimentos que assoberbam a humanidade das revelações do governo "bolshevikista" na Russia: até aquella data prevaleciam os principios da antiga concepção politica. Os tratados entre os belligerantes do grupo da "Entente" não estavam de todo libertos de pretenções annexionistas Depois, as determinantes imponderaveis, a fatalidade de um caminho pre-estabelecido á humanidade, impuzeram-lhes o principio, hoje dogmatico, da independencia de todos os povos da Europa, da egualdade dos mesmos perante a Justiça e o Direito. Era que a humanidade attingira a ultima phase da evolução (heterogeneidade definida e coherente).

Terminada a libertação do individuo homem restava a conquista do direito das nações. A evolução natural da sociedade levar-nos-ia sem o cataclysma actual ao porto que anhelavamos. Porém, mais uma vez se verifica a nossa convicção de que a principal causa desta guerra tremenda é a desegualdade de progresso entre os povos. Parece um paradoxo. Entretanto, se penetrarmos no amago do problema verificaremos a verdade da nossa these.

CIVILISAÇÃO E CULTURA

Não confundamos civilisação e cultura. Esta, qualquer povo poderá conseguil-a em meia duzia de annos de esforço e tenaci-

dade; aquella só a longa e penosa experiencia a poderia imprimir aos povos da terra. Civilisação é a victoria do racional sobre o irracional. Cultura é a maior ou menor somma de conhecimentos accumulada no cerebro do homem ou de qualquer animal. Não se riam os que nos lerem. Não ha negar cultura aos cavallos de Nurenberg, capazes de resolver complicados problemas de arithmetica. Porém, quem ousará conceder-lhes a minima parcella de civilisação? Esta nada mais é do que o aperfeiçoamento do nosso subconsciente; é o capital hereditario que nos legaram a experiencia e o soffrimento dos nossos maiores; é a supremacia do sentimento sobre o instincto, adquirida pelo constante attrito da besta humana com a vida; é, emfim, aquillo que poderiamos chamar a alma do individuo e das nações. A nação civilisada, sem instinctos mas com sentimentos, foge ás tentações da violencia, ao crime de attentado contra a vida dos seus semelhantes, como ao individuo repugna o assassinato ou o roubo.

A Allemanha é um paiz culto, porém recusamos-lhe o epitheto de civilisado. Accresce que, em confronto com as nações da "Entente", ella lhes fica atrás, de um seculo, na escala da evolução.

Desde Napoleão que aquellas reconheceram a utopia da hegemonia universal, emquanto ella ainda persiste nessa idéa. Como pois conciliar a sua pseudo superioridade de cultura, que por ahi andam a proclamar, e a sua miseravel aventura de 1914? O que estranhamos, o que nos custa a conceber, é a infantil myopia dos seus decantados philosophos, que não entreviram a inviabilidade do sonho germanico. No entanto, ahi estão os exemplos de Frederico o Grande e Napoleão, entre outros.

Não, positivamente não. A Allemanha, confrontada com os seus inimigos de hoje, é-lhes inferior na cultura e na civilisação. O mundo, para nossa felicidade, já não mais está á mercê de megalomanias individuaes ou de castas. Ha uma intelligencia superior que nos guia e que nos defende contra os assaltos da loucura e da barbarie. Foi sempre assim.

Findou a phase da supremacia do individuo sobre as multidões. Estas são as que nos governam e nos dirigem. Dois mil annos de penoso evolver para alguma coisa nos serviram. Hoje, melhor do que nunca entrevemos a profunda verdade da phrase genial de Augusto Comte:

"O Homem se agita e a humanidade o conduz".

Está a terminar o epilogo do grande drama que Carlyle divisara. A victoria coube ao Direito e á Justiça para maior gloria da civilisação.

JULIO DE MESQUITA FILHO

BIBLIOGRAPHIA

RUY BARBOSA e escriptos diversos — José Maria Bello — A. J. Castilho — Rio — 1918.

Reune o auctor neste volume cinco estudos sobre Ruy Barbosa, estudando-o por partes, ao philologo, ao civilista, ao artista, ao orador. E dá uma impressão de conjuncto das mais equilibradas e completas. Ruy é hoje um thema de dissertações que tenta singularmente a penna dos nossos escriptores, como outr'ora tentavam-n'os as excellencias sem conta da terra brasilica. Reescreve-se o dialogo das grandezas substituindo o paiz por um homem. E decorre dahi um amontoamento atordoador de adjectivos superlativados, com prejuizo da figura em apotheose.

José Maria Bello, entretanto, foge a esse molde e pinta de Ruy Barbosa um retrato sob todos os aspectos digno de louvor. Critica comprehensiva, visão por assim dizer ecologica de um homem verdadeiramente fora do commum. "Ruy Barbosa seria um homem de Estado num velho paiz europeu, de civilisação secular, de entrosagem politica e administrativa perfeita, na Inglaterra, por exemplo, que deve ser a patria do seu espirito. Num paiz sul-americano, no tumulto da sua formação, na grosseria e aspereza de sua politica, na indisciplina de sua sociedade, na desordem intima das suas forças, teria que ser o que tem sido — um valor secundario, um inactual, insulado e estranho. Não comprehende ninguem, ninguem o comprehende. Sendo no consenso unanime da nação o maior homem da epocha, a gloria mais alta da nossa intelligencia, não conseguiu e não conseguirá, talvez, realisar as justas ambições á presidencia da Republica, que entre nós, no entanto, já desceu

das mediocridades fataes de todas as democracias, para colher, na agitação perigosa os quarteis, um pobre e inesperto soldado. D'ahi, tambem, a sua eterna falta de tacto, a sua incorrigivel inhabilidade, que o tornam quasi um ingenuo, entre as velhas e manhosas raposas da politicalha indigena. Não lhe será possivel jamais adaptar-se ao meio. E porque ninguem pode julgar-se imparcialmente, a visão de Ruy Barbosa perturba-se. Suppõe-se ludibriado e esquecido, attribuindo á injustiça dos homens o que é um effeito de causas mais complexas. A sua amargura extravasa-se, as suas illusões e desesperos gritam, nessas paginas cortantes de Tacito, que constituem a parte mais formosa da sua obra. Embalado nos seus sonhos liberaes, ignora a terra que habita e desconhece os homens que o cércam".

Documenta este asserto de J. M. Bello a acção que Ruy Barbosa exerceu na politica nacional. A sua ideologia, o desconhecimento da terra e dos homens como elles o são na dura realidade, fel-o combater a monarchia, verdade pragmatica, e propugnar pelo erro absurdo duma republica copiada aos Estados Unidos.

Fel-o, ainda, ao organisar a nova constituição, construir a mais bella das leis substantivas e ao mesmo tempo o pelor regimento interno deste paiz. Bella porque seria uma peça maravilhosa se applicado ao Paiz Perfeito preluzido na imaginação dos Thomaz Moros e dos Platões. Pessima porque, dadas as nossas condições ethnicas e sociaes, nenhuma outra lei substantiva poderia revelar-se menos adequada á sua missão.

A carta por elle formulada é o magnifico theodolito do Felicissimo, do "Chanaan". Os nossos governantes armam o theodolito, mas medem com a corrente. E' o meio de errar menos.

Alem desta série de estudos sobre Ruy Barbosa o Auctor inclue no volume varios pequenos ensaios de critica literaria e sociologica, todos reveladores da agudeza de sua visão.

Destacaremos dentre elles, fazendo injustiça aos demais, os capitulos referentes á Politica Nacionalista, á Responsabilidade dos Dirigentes, á Vida Nacional, ao Perigo da Federação, e á Avenida. Aspectos dolorosos da vida brasileira, revelados sem apaixonamento, sem torsão da verdade núa, mas sem tendencia para extremar-se no roseo ou no negro — polos do mesmo erro visto como a côr local, exacta, dos nossos problemas, nem é rosea nem negra, porque sempre côr de avesso de decalcomania.

O excellente deste livro está em reaffirmar a existencia dum critico verdadeiro, já firme e seguro, com as qualidades do seu mestre inicial, Taine, apuradas pelo alargamento de visão que lhe deu W. James e enriquecidas com esse precioso quê de emanação pessoal — magico tempero d'onde advem sabor e perfume ás obras literarias.

ROSA E ESPINHOS —Mario Sette—Imp. Industrial — Recife — 1918.

Mario Sette, já conhecido dos nossos leitores pelas suas novellas, publica em Pernambuco um novo livro, Rosas e Espinhos, onde reune varios contos e phantasia.

Abre o volume a Clarinha das Rendas, já dada a publico nestas paginas, novella triste e sentida de amores mal sorteados. Clarinha vê seu amado partir para o mar. O mar é tudo que não é o sertão onde decorrem aquellas vidas humilimas.

E' a capital, é o Acre, esse sorvedouro das energias cearenses. Parte o noivo, perde-se no mundo e fica-se Clarinha a definhar de saudades.

Empolga-a a tisica. E está já no fim, a deitar sangue, por dias, quando o pae volta da praça com uma carta do ausente. "Raphael mandava dizer que estava a juntar uns contos para fazer a sua Maria Clara, a Clarinha das rendas, bem feliz, bem bonita..." E' o melhor conto do livro, já pelo sentimento da historia em si, já pelo desenho dos personagens, pobres sertanejos como o são todos, desajudados de tudo, vencidos, esmagados pelo meio hostil. As demais composições que completam o livro, Rosas, A Esmola, Cabellos brancos, O Segredo, O Dever, A Vingança, Castellos, Renuncia, Espinhos, são pequenos quadros da vida rural ou urbana, traçados com simplicidade e carinho, onde perpassam "typos de todo dia". E' a vida trivial, nem heroica nem tragica, das nossas pacatas cidades do interior. E' grato ao A. subministrar nesses contos uma lição moral, um ensinamento ou conselho, sobretudo ás mulheres. Suas leitoras certamente que hão de fechar o livro, melhoradas nas qualidades de mães e esposas. Este caracter doutrinario, condemnado pelas escolas da impassibilidade, é, entretanto o tom mais conveniente num paiz em formação onde mais que nenhum outro o povo necessita de que o eduquem. A arte pela arte é criterio possivel nos paizes de alta cultura; entre nós representa um papel bem mais louvavel o artista que faz arte pela moral.

Mario Sette é dos escriptores do Norte um dos mais bem dotados, e dos mais capazes duma obra pessoal e séria já como reflexo sincero do meio ambiente, já como vehiculo de sãs doutrinas.

Inicia com este a serie dos seus livros nacionaes, visto como a estréa, **Ao Clarão dos Obuzes**, foi uma collectanea de reminiscencias européas. Já é Mario Sette uma brilhante realisação, o será, com o aperfeiçoamento natural do estylo e de maneira de compor, um vulto primacial na literatura do Norte tão mal conhecida aqui no Sul.

DO TRATAMENTO DO PALUDISMO, These inaugural — Dr. Heraldo Maciel — Off. G. Robatto — Bahia — 1918.

Approvada com distincção, a these inaugural do novo medico merece fóra da Faculdade os mesmos applausos. Raras se apresentam assim, tão bem feitas, escriptas em melhor linguagem e com um tal rigor scientifico. Lel-a é prenunciar ao seu Auctor um lugar de singular destaque na medicina brasileira.

Estuda os varios tratamentos da malaria, pelo quinino, pelo azul de metyleno, pelo arsenico e pela emetina, acompanhando cada um delles duma serie de rigorosas observações clinicas que permittem estabelecer com nitidez a acção especifica desses medicamentos e o seu gráu de efficencia. E estabelece, finalmente, as conclusões da experimentação, assim formuladas: 1.º) A quinina é ainda hoje o agente mais energico do arsenal therapeutico do paludismo agudo. 2.º) Nos casos de accessos perniciosos a quinina deve ser administrada em injecções endovenosas. 3.º) A colobase de quinina nenhum valor tem contra o paludismo. 4.º) Nos casos de paludismo tropical e quando os hematozoarios resistem á quinina, o azul de metyleno é sempre empregado com resultado satisfactorio, principalmente em injecções endovenosas. 5.º) A emetina pouca confiança merece no tratamento do paludismo, porque raras vezes ella age satisfatoriamente contra os hematozoarios de Laverean. 6.º) No estado chronico do paludismo a medicação arsenical é indispensavel, podendo só ella, em muitos casos, curar a malaria.

A these do Dr. Maciel se muito depõe em favor do seu auctor, enaltece ainda o valor scientifico da Faculdade Bahiana, onde lecionam mestres de notabilissimos meritos, como o Dr. Garcez Fróes, sob cuja direcção se formou o espirito do novo scientista.

O MESTRE DE CAMPO — Affonso Arinos — F. Alves — Rio — 1918.

Entre os ineditos encontrados no espolio de Affonso Arinos destacava-se este romance, parado em meio, e que agora vem á luz editado pela casa Alves. Incompleto como está, vale como "estudo" para uma tela que, por ignorado motivo, não foi levada a termo. Nelle se denuncia todo o Arinos de mais tarde, com as suas qualidades mestras já bem accentuadas.

ETERNO SONHO — Jayme Balão Junior — Liv. Mundial Coritiba — 1918.

Offerecida ao "glorioso prosador Paulo Barreto", que é o nosso João do Rio, a novella do Sr. Balão constitue uma obra assás curio-

sa. Desnorteia o leitor. Inutil procurar classifical-a num genero conhecido. E' algo entre biblico e futurista, com toques de naturalismo.

"E' inutil — a dor vence. A desgraça vence e a magua vence. A dor corrompe e petrifica o coração e depois, purificada e exaltada, abranda-o. As tristezas destroem a alma e fazem a vida o horror dos horrores e o odio dos odios. Mas a dor vence sempre, que luta, que luta!"

E' assim o livro inteiro, em versiculos desnorteadores desde o primeiro até ao ultimo: "E foi com os olhos em pranto que ellas viveram... e foi, despedaçadas pela dor, que ellas morreram... E foi, afinal, purificadas pelo soffrimento, que ellas um dia tornaram a viver, pacificamente, — no eterno sonho."

VERSOS — Emilio Gonçalves — Off. "Estado de S. Paulo" — S. Paulo — 1918.

O Sr. E. G. confessa em prefacio que os versos publicados são versos dos 18 annos, e que os não perfilha hoje porque "não mais os entende bem".

O poeta tornou-se mais prosaico e a vida ensinou-lhe a achar "de sobremaneira vantagem ter um tostão na algibeira em vez de um bom par de sonetos." Se os publicou foi isso devido "á insistencia de amigos, que o fizeram desempoeiral-os do fundo da gaveta onde jazem outras ridiculas e aleijadas producções".

E diz ainda... "fostes vós que contrariastes o desejo de deixar morrer na gaveta essas producções dos tenros annos"... "é vossa a culpa de ter publicado o meu primeiro livro."

Como não duvidamos da palavra sincera do Auctor juntamos ás suas as nossas censuras a taes amigos, aconselhando-o a reformal-os.

VISÕES E RESONANCIAS (alguns aspectos sociaes do catholicismo no Brasil) — Hildebrando — Typ. Livro Azul — Campinas — 1917.

Hildebrando, pseudonymo dum preclaro sacerdote já conhecido dos leitores da Revista, onde publicou um interessante estudo sobre D. Luiz de Britto, reune em volume estudos e impressões, já publicados e ineditos onde apanha muitos aspectos da catholicidade brasileira. Seu livro são "vistas, lances, tentamens, modalidades, matizes, aspectos enfim do catholicismo brasileiro, não como corpo de doutrina á crença e á moral, ás almas e aos corações dos individuos, que isso é patrimonio commum de todos os povos que

acceitam os ensinamentos Evangelicos; mas sim emquanto é levêdo são e fecundo, tendendo penetrar a massa das nações infiltrando esse que de peculiar e quasi divino nas suas organisações humanas de collectividade.

São as manifestações dessa tendencia que abrolha aqui e acolá, com mais ou menos viço em terras do Brasil, que o autor procurou apanhar de relance e atar em feixe para que assim podessem ser melhor apreciadas em seu conjuncto."

De como o conseguiu só bem avalia quem lhe percorrer as paginas escriptas com o desembaraço de quem é senhor do seu pensamento e elegante manejador da lingua. A variedade dos assumptos e a maneira sempre pittoresca com que os trata o Auctor, fazem desta collectanea uma obra agradavel, digna de leitura e attrahente ainda para os que não commungam com as suas idéas. O artigo em que trata de Euclydes da Cunha e Alberto Rangel revela em Hildebrando um critico atilado, de idéas amplas, finas, malleaveis.

Ahi não é o sacerdote que fala — é o artista, o literato de escol, o intellectual eminentemente comprehensivo e capaz de esplendida visões estheticas. Hildebrando é indubitavelmente um dos lucidos espiritos que fulgem no clero brasileiro, e, posta de parte a sua qualidade de sacerdote, é ainda um artista da lingua, um critico de juizo seguro, um impressionista notavel que desejariamos ver expandir-se nas obras de mais vulto e folego de que se revela capaz.

A VELHA E A NOVA BASTILHA, Ricardo Severo — Pocai & C. — S. Paulo — 1918.

Nesta conferencia realisada na sessão de 14 de Julho, no Centro Republicano Portuguez, de Santos, o Sr. Ricardo Severo, faz uma approximação entre a Bastilha franceza e a germanica. "O povo de Paris demoliu o carcere da Democracia; o povo allemão levantou-o de novo, em proporções taes, que ameaça o resto da humanidade." Tira todas as consequencias dessa approximação, mostra o papel heroico desempenhado pelos soldados portuguezes na França, e concita os compatricios transatlanticos a cooperarem com elles. "A nossa funcção, é dar. Só assim nos podemos remir pela nossa abstenção, pela nossa ausencia."

O novo trabalho de Ricardo Severo, embora ligeiro, reaffirma inda uma vez a sua poderosa individualidade de homem de pensamento e de acção, e, sobretudo, do portuguez de lei.

NOÇÕES DE HISTORIA DO BRASIL — Osorio Duque Estrada — Liv. Alves — Rio — 1918.

Felizmente já se vae abolindo o velho systema de fabricar compendios de Historia do Brasil pelo molde dos catecismos cujo typo classico é o celebre livrinho de Lacerda.

— **Quem descobriu o Brasil?**

— O Brasil foi descoberto no anno de 1500 pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral.

A creança decorava, e seria capaz de repetir o compendio inteiro sem ter na cabeça uma noção ecologica da vida e desenvolvimento do paiz.

Diz muito bem, em prefacio, o Auctor:

> "A simples noção de um facto historico e social, considerado isoladamente e sem o nexo logico que o deve relacionar aos antecedentes (como um dos elos da mesma cadeia que constitue a trama de toda a civilisação, representando a humanidade em marcha sempre constante e evolutiva) cousa é que não offerece a menor utilidade, porque não chega a ter a minima significação. Começar, como fazem os autores de taes compendios, ensinando á creança que o continente americano foi descoberto por Colombo, e o Brasil por Cabral, sem nenhuma referencia aos descobrimentos maritimos e ás causas que os determinaram, é semear palavras ao vento e sobrecarregar inutilmente a intelligencia dos alumnos, patenteando ao mesmo tempo a propria incapacidade para a explicação dos factos historicos."

Com a visão ampliada por esta comprehensiva idéa da historia, o Sr. O. D. E. elaborou um compendio interessantissimo. Já o eminente Dr. João Ribeiro realisara um compendio assim, lá vão 18 annos; volume pequeno mas donde se sae com uma noção nitida e larga da historia do nosso paiz, cousa que nem sempre acontece aos corajosos que abordam truculentos bacamartes derramados em grossos e numerosos tomos.

Ao lado do de João Ribeiro vem agora este de Duque Estrada figurar como um dos melhores compendios onde possa o escolar iniciar-se na historia patria — sem maçar-se nem perder o tempo.

OS DESPOJOS DO PADRE FEIJÓ — Affonso A. de Freitas — Typ. S. Lazaro — S. Paulo — 1918.

Na qualidade de relator da Commissão nomeada pelo I. H. de S. Paulo para o fim especial de investigar onde jaziam os restos do Padre Feijó, o Sr. A. de Freitas apresentou em sessão de 16 de Julho deste anno o relatorio que constitue o objecto desta nota.

Ignorava-se o paradeiro desses veneraveis restos. Os documentos impressos eram omissos ou contraditorios. Foi mister consultar a tradição popular, inda a mais absurda, recorrer á memoria de velhos contemporaneos e ligar estes informes ao que existia escripto — passos estes dados com tanto dicernimento que logo o mysterio se aclarou. Feijó falleceu a 10 de Novembro de 43. Foi embalsamado e enterrado no Convento do Carmo, e mais tarde transportado para um jazigo perpetuo na egreja de S. Francisco. Ali foi encontrado, depois de sérias pesquizas, ficando dest'arte resolvido para sempre o problema da localisação dos restos mortaes do grande Regente.

O COLONO PRETO COMO FACTOR DA CIVILISAÇÃO BRASILEIRA — Manoel Querino — Imp. Off. — Bahia — 1918.

Já conhecido pela sua operosidade, demonstrada em obras anteriores entre as quaes se destaca o precioso elenco dos **Artistas Bahianos**, Manoel Querino faz neste opusculo um apanhado geral da acção do africano no Brasil. Tem razão em tudo que affirma. Se houvesse justiça no mundo faria jus á nossa gratidão a humilde e desprezada progenie de Cham.

O Brasil material sahiu inteiro do trabalho negro; não ha cidade, ou fazenda, de norte a sul, que não testemunhe o ingente esforço do musculo escravo. Mas Querino frisa ainda uma outra face da contribuição africana: ella produziu, pelos mysterios do cruzamento, algumas das mais altas manifestações de intelligencia e esthesia de que se orgulha o paiz.

Gonçalves Dias e Machado de Assis, para citar apenas os primaciaes, encabeçam a lista enorme dos vultos notaveis em cujas veias corria o sangue d'Africa. Devemos, portanto ao negro os alicerces da nossa riqueza material, como lhe devemos ainda mentalidades que hombream com os productos supremos da especie humana, viçados no seio las raças superiores.

IMPRENSA DOUTRINARIA E INFORMATIVA — Santos Netto — Imprensa Nacional — Rio — 1918.

Jornalista profissional, Santos Netto conhece e aponta todos os vicios que inquinam a imprensa no Brasil. Enumera-os, verbera-os, e aponta os meios de sanéal-a. E como o faz com desembaraço e sem peias na lingua, consegue com este folheto traçar um diagramma nada lisonjeiro para os nossos profissionaes da imprensa. Conclue aconselhando uma como que regeneração, ou moralisação. Medidas coercitivas não as quer nem pede, mas pede aos jornalistas que de motu-proprio se ponham de boas avenças com os princios duma moral mais sã.

RESENHA DO MEZ

A "CASA PORTUGUEZA" EM S. PAULO

Desde alguns annos que nos cobre um céu caliginoso do cataclismo.

Não é mais o firmamento do infinito azul, limpido e brilhante, com irradiações de irisante polychromia, que é o meio luminoso em que se expande a alegria vivaz da natureza. E', pelo contrario, uma abobada opaca de nuvens negras e ameaçadoras, cobrindo a face da terra, como a cupula dum vasto tumulo, engrinaldada por festões do mortalhas e crépes; é o escuro céu de infinda tristeza, envolvendo a alma da humanidade numa fria atmosphera de morticinio.

A guerra, a fome, a peste, assólam os povos como pragas do expiação, sentenciadas pela Providencia em castigo da maldade humana. Erguem-se para o alto todos os braços, num lance impulsivo de anciedade o imprecação, e raras são as clareiras, por onde surtam alegres claridades de esperanças.

Todavia, é por essas raras clareiras, que se escoam as auroras, em deslumbrante paveia do luz, que vivifica todos os ideaes e todas as esperanças. Através dellas deparamos a imagem da vida; deixemos-nos illuminar por essa claridade bemfazeja que nos insufla a coragem de viver, do lutar, de romper esse firmamento de funerea escuridão, e de voar triumphantemente pelos páramos luminosos, onde pairam as nossas esperanças do paz e de felicidade.

Aproveitemos por agóra um desses momentos em que o arco-iris se desenha no nosso horizonte, como uma aureola promissora de bonança. E, sob essa illusão de auspiciosa alegria, falemos de paz.

O culto do lar

Pois que vos vejo defronte de mim, senhoras e senhores, engalanados para uma festa, não vos affligirei com os quadros tormentosos da humanidade sob esse ermo céu, caliginoso e funereo, de cataclismo; procurarei conservar-vos o sentimento alegre de serena consagração que aqui vos trouxe. Deixemos pois os tristes casos da guerra e falemos de coisas quietas e pacificas.

Ora, nada ha que melhor synthetise a paz do que o "Lar", em torno do qual, na mais calma beatitude e desde os tempos biblicos, se organisa a familia humana. O lar e o berço, na tranquillidade majestosa das suas funcções, constituem os symbolos da vida familiar nas suas origens, na sua filiação tradicional; o primeiro concretisa a casa patriarchal da mesma grey; o segundo representa a casa maternal, o seio criador dessa grey. Assumpto dilecto para um instante de paz, tomal-o-ei, no desejo do vos fazer esquecer outros instantes de afflictiva tormenta; e discorrerei, portanto, sobre os vossos lares, sobre as vossas casas.

Não é que tenha eu para dizer-vos sensacionaes novidades sobre as

casas de portuguezes, e quo sejam ellas superiores ou muito diversas das dos outros povos. Mas é quo despertarei na vossa memoria um quadro intimo, ahi guardado com amoroso recato, e que recordareis com o mavioso colorido, com o poetico lyrismo da vossa saudade. Vou trazer-vos á lembrança a casa de vossos paes, essa lareira em torno da qual se esboçaram os vossos primeiros passos na vida, o em cujo seio acalentador se embalaram as vossas primeiras esperanças.

Não vos perturbeis com a humildade desses pequenos lares, em confronto com o casario monumental das grandes villas e cidades.

Qualquer que seja o aspecto primitivo desse lar, desde a diminuta choupana do serrano, á casa do mais humilde lavrador ribeirinho; desde o casal remediado do proprietario de gleba, ao abastado solar de vasto latifundo, o valor moral dessa recordação é o mesmo; e não ha nuns maior nobreza do que noutros. Honra por igual o caracter dos que conservam essa memoria, e a ella se ligam por um sentimento inabalavel de devoção, por um culto inflexivel de religiosa piedade.

Em torno do lar está

A tradição

alimentada pelo fogo quo é o seu elemento de vida, tão sagrado como o dos templos de outróra, guardado por vestaes. Lar apagado, fogo morto; quer dizer: casa abandonada, familia desfeita.

Não deixeis extinguir esse culto, pois seria o mesmo quo cortar o fio que vos liga á terra natal, á familia, á patria. O culto do lar é de todos o mais nobre, pela sublimidade do seu sentimento humano, pela sua piedado filial, pela sua cordial fraternidade, pela sua christianissima bondade.

Não só os paes e os irmãos figuram em torno dessa laroira, mas todos os do mesmo sangue, da mesma grey. E o simples fogo, em que se cozinha o pão quotidiano do um grupo familiar, transforma-se no symbolo sagrado da patria; mas, a patria da communidade, vastissimo lar em torno do qual, todos, por igual, têm um logar onde recebam a acção generosa desse fogo vivificador e a sua ração de pão — do pão alimento e do pão espiritual.

Se o fogo é santo, a casa é a redôma, o pequeno templo quo abriga esse altar divino que é a lareira. Por isso a casa em que nascemos, a casa dos nossos paes, existe em nosso coração como o amor primeiro, aquelle que nos prende á nossa mãe, essa angelica criatura, para todos nós mais que bemdita, e que domina toda a nossa vida como a bôa estrella, diamantina e pura, quo illumina o nosso destino.

A velha casita dos humildes, modesta o pobre, ou o palacete dos afortunados, imponente e luxuoso, reduzem-se á mesma lembrança de crystallina singeleza; e confunde-se essa carinhosa memoria com o amor de mãe, o mesmo na sua essencia, seja ella muito pobre ou muito rica. Quantos dos que emigram, não tentam regressar só para satisfazer esse martyrio de saudade; é commovente ouvil-os narrar as bellezas da sua terra, os recantos minimos da sua casa, os bosques, os pomares, os jardins, como se fôra esse sitio um pedaço de celestial poesia, dondo os arrancára a tentação enganosa da emigração; e, em verdade, alguns delles partiram de velhos tugurios de pastores, cujos parques eram as chans floridas nas primaveras viçosas, ou as encostas de urze, giestaes e rosmaninhos; onde os pomares eram de raros pilriteiros ou de amoreiras silvestres, os bosques de debeis salgueiraes junto ás represas do riacho, que salta pelas quebradas da serra. Como é bello este amor, cuja poesia assim engrandece as imagens queridas e as exalça até esse mundo ideal em que não ha a pequenez da humildade, mas a suprema eloquencia da santidade! Como eu admiro e venero

estes ignorados trovadores da sua terra natal, e como me commovem os seus cantares, tanto mais sublimes e encantadores quanto mais humildes!

Não sei se, por melhor as sentir, se me afiguram essas lôas de portuguezes as mais sinceras e as que mais perduram no sentimento do povo. Não conheço raça que melhor conserve e respeite a tradição nacional; e o Brasil foi no seu periodo colonial um exemplo evidente desse espirito tradicionalista do porguez.

A casa em Portugal

Procurae reconstituir em vossa memoria a architectura de uma casa de lavoura do nosso Minho, ou mesmo de uma herdado do Alemtejo, e vêde se não têm iguaes nas antigas casas de fazenda do Brasil colonial.

Lá, as casas têm o ingresso central com escadaria exterior, com alpendre ou varanda coberta; e entra-se por um amplo vestibulo, disposto como o atrio ou a "sala de estar" dos planos inglezes; a seguir a sala de comer, tão longa quanto é possivel para que nella caibam todos os da familia e todos que lhe pedem franca hospedagem; aos lados distribuem-se os dormitorios, e pelas alas que fecham o quinteiro, em geral com avarandado coberto; alli ficam tambem a grande cozinha com a sua enorme lareira, a casa do forno, o tear e outras dependencias. O quinteiro ou eido prolonga-se para além da casa, com o solo atapetado por uma espessa camada de tojo secco, coberto totalmente por uma ramada, supportada por esteios de pedra; por ella se estendem longas videiras de troncos ramosos e torcidos, que pelo estio se enchem de pampanos e cachos. No centro, ou a um canto do eido, fica o pôço com a pia e o sarilho do balde. Seguem-se os curraes do gado, os apriscos, os chiqueiros e as adegas, muitas vezes installadas sob o pavimento alto nas casas sobradadas. Ao fundo ou ao lado, fica a casa da eira com os espigueiros, rodeados de mêdas tendo as catarochas enfeitadas por cataventos; ao outro lado a cortinha, abrangendo o jardim, a horta e o pomar, fechada por muros em alegrete, por onde se alinham séries de geranios, velhas panelas de mangerico, bergamota, hortelan e alecrim, vasos de cravos ou filas de aboboras multicôres, de mogangas e de chilas.

No jardim, além de algumas plantas de medicina caseira e muitas flôres de facil cultivo, as roseiras de musgo, de chá, da Alexandria, e algumas trepadeiras que se enroscam nos esteios, nos troncos das parreiras ou vão até aos pilares dos alpendres, entre as quaes se destacam as glycinias e as madre-silvas.

Este modelo de casa de lavoura, ampla, commoda, hospitaleira, perfeitamente disposta consoante o caminho do sol e as condições locaes da vida familiar, transportou-o o portuguez por todo o seu vasto dominio colonial e soube adaptal-o ás circumstancias, ao clima, e aos materiaes do paiz. E de tal sorte lhe conservou o caracter, que não poude desprender-se mais de toda a architectura colonial esse aspecto typico, que lhe marca a origem portugueza.

Não ha muito que um publicista celebre, Paul Adam, a proposito do esforço portuguez em pról da liberdade do mundo, nos louvava como habeis architectos, com a rara qualidade de imprimir ás nossas obras esse inconfundivel caracter nacional, adaptando-as maravilhosamente ao quadro local. E dizia:

"Que critico comporá o livro condigno sobre estas egrejas, sobre estes conventos do Brasil, sobre a sua architectura, sobre os sitios incomparaveis que dominam, e que foram escolhidos, golfos, rios ou florestas, pelo genio dos fundadores?

Só os egypcios e os gregos souberam tambem, edificando os seus templos ou as suas acropoles, transformál-os em centro duma paisagem limitada, composta pela vista do ho-

mem que se detem entre as suas columnas, pela do monje que se desbruça na janela do seu refeitorio".

O abandono da tradição

Veiu, porém, a natural politica da independencia, e com ella o vêso de desprezar tudo quanto provinha da metropole. O proprio emigrante, que de Portugal trouxe para aqui pedaços do seu paiz natal, regressou esquecendo-os; e, voltando á sua aldeia, começou por escarnecer de toda essa humilde e pittoresca architectura rural, que tão bem se amolda á paisagem local. Esta sua acção perniciosa sente-se por todas as aldeias de Portugal; quem viajar pelas nossas estradas de rodagem destaca por toda a parte esses predios de "brasileiros"; são facois de conhecer tal a sua disparatada antinomia com o quadro ambiente.

Construiu o palacete á beira da estrada, com dois pavimentos. O rez-do-chão com portas em arco, como as casas de commercio das cidades do litoral do Brasil; algumas vêzes ahi montou negocio de pannos e mercearia, ou simplesmente conservou as portas cerradas, aproveitando o armazem para adega. O andar, com janellas de sacada e gradis de ferro, é coroado por cornijão e platibanda com apilarados, e sobre estes algumas estatuetas de faiança vidrada, representando o commercio, a industria, as quatro estações, ou ainda a America na figura duma india, enfeitada de pennas, com arco e flecha. Em geral têm um mirante ao lado com lambrequins rendados, com bolas de vidro espelhado e colorido; um portão lateral com grossas pilastradas e cães de louça no cimo; e a seguir altos muros, vedando a chacara das vistas dos transeuntes e da invasão da canalha miuda.

Ainda bem que, de quando a quando, algum pequeno casebro de largo beiral, alpendres, telhados á portugueza, pequenas janellas em adufa, enfeitado de trepadeiras e vasos de flores, desponta entre o arvoredo de algum pomar, apenas vedado por cerca viva de rosas e madre-silvas, dando a nota dessa modesta architectura tradicional, que se espalhou pelo mundo onde foi a tradição portugueza, e com ella a obra colossal da civilização.

Da mesma fórma que o brasileiro de Portugal, assim o brasileiro do Brasil foi tirando á architectura da sua casa o caracter que lhe competia em funcção das circumstancias especiaes do meio. As villas agrarias, os predios urbanos, não se adaptam mais ás condições locaes, nem têm como habitação o conforto relativo ás manifestações capitaes do clima.

Importou-se de toda a parte, dos paizes do norte da Europa ou da America, dos paizes do litoral ou do centro europeu, quanto modelo mais ou menos exotico impressionou o dilettantismo de viajante brasileiro, avido de apprehender o que ha de "novo" por esse mundo, e de realisar na sua terra algo de mais "novo" ainda.

Consoante esta corrente de modernismo, que cada vez mais se adapta ao cosmopolitismo da immigração actual — constitutiva, dum grandioso e novo Brasil — vão desapparecendo, na forçada transformação dos velhos nucleos urbanos dos tempos coloniaes, as construcções em que perdurava o tradicional caracter portuguez.

Só temos que felicitarmos, nós outros, oriundos da velha metropole, por ver o ingente progresso desta nação que é a mais notavel das nossas obras. "Quando um povo, como o de Portugal — diz ainda Paul Adam — criou em tres seculos, uma patria como o Brasil, o historiador pode dizer que a nação portugueza é uma "admiravel nação".

Com razão, porém, nos desgostaremos por ver entre os nossos compatriotas o desfallecimento e a perda do caracter nacional.

A missão dos portuguezes

A nossa missão no Brasil não é terminada, e não perdeu a sua func-

ção activa; está ainda intimamente ligada á constituição ethnica da nacionalidade brasileira, e o nosso papel neste paiz é ainda primordial, como elementos integraes, conservadores dos principios basilares da nacionalidade, que é fundamentalmente portugueza.

Para este effeito, cumpre á colonia uma superior unificação, não com fins de politica, social ou economica; mas com o fito de realisar a unidade moral, conservadora dos caracteres da raça, procurando elevar-se ao nivel superior de illustração que corresponda ao alto progresso do Brasil; e engrandecendo, pela sua prosperidade, pela sua elevação moral e intellectual, a mãe patria portugueza.

Falei-vos das casas de Portugal, que guardam o lar, symbolo da patria; e não o fiz, apenas, no proposito de que transporteis para aqui as vossas casas tradicionaes, como outróra os anteriores immigrantes nos tempos da colonisação; mas para que continueis a manter na sua crystallina pureza a tradição nacional, no que ella tem de original e caracteristico. Basta que a colonia estabeleça e mantenha uma só "Casa Portugueza", a casa de toda a colonia, e dentro da qual toda ella caiba, em torno duma só lareira, em que um só fogo a illumine e acalente; um só lar que symbolise a patria, a mãe de todos nós, e onde cada um encontre, para a sua saudade e para o seu amor, carinhosa e mutua correspondencia, trocada entre irmãos na mais affectuosa e pacifica communidade; um unico centro de attracção para o qual devam convergir todos os portuguezes, completando o quadro domestico duma antiquissima familia, unida pelos laços duma velha e nobre jerarchia; o quadro inalteravel da familia lusitana.

E' esta uma antiga ambição minha, e dum grupo de portuguezes da colonia de S. Paulo, projecto lançado em casa de Bettencourt Rodrigues, um dos nossos mais queridos amigos e correligionarios, antes do advento da Republica que hoje solennisamos. Esse projecto fez-se publico, encontrou na colonia acolhedor enthusiasmo e para sua realisação não faltaram promessas de valiosos auxilios; todavia a victoria do movimento republicano em Portugal, trouxe perturbações na colonia, dissensões pessoaes e de opiniões politicas, que impediram a propaganda desse plano de fraternal e democratica união. Houve que adial-o; e talvez que seja este o momento de reatar essa propaganda, agora que no Rio de Janeiro se levanta a mesma idéa com um acolhimento animador; a colonia de S. Paulo, que tem a primasia da idéa, não deverá esquecel-a nem abandanal-a. Aos que me perguntam o que vem a ser essa

Casa portugueza

não tenho mais que repetir as palavras já ditas nesse tempo. E' uma vasta casa, de aspecto tradicional, caracteristicamente portugueza no seu plano geral, nas suas partes, e na sua architectura. Terá um grande pateo ou pateos á maneira dos eidos em que vos falei, para recreações ao ar livre, e um grande salão para todas as reuniões e festas da colonia. Nas alas externas do edificio serão accommodados: em primeiro lagor salas de aula, para os cursos de primeiras letras, arithmetica e contabilidade, geographia, historia e literatura portuguezas e brasileiras, francez, inglez, allemão, technica commercial; em segundo logar, salas para exposição do productos portuguezes, temporarias, ou permanentes, archivo e bibliotheca; em terceiro logar installações para o Consulado portuguez e caixa de repatriação; em quarto logar salas para a Camara Portugueza e associações portuguezas beneficentes; em quinto logar salas para jogos e bilhares, bar e restaurante. Constitue pois um grande edificio em que a colonia se reunirá para se illustrar e para se divertir; é escola e ao ao mesmo tempo um centro, gremio ou club. A sua fachada será em estylo portuguez e terá, como motivo dominante, uma porta tão gran-

de, tão ampla, que por ella caibam quantos portuguezes haja na colonia, quaesquer que sejam as suas crenças religiosas ou convicções politicas, pois que um unico pavilhão tremulará no seu mastro de mesena, tendo o symbolo augusto da patria portugueza, que é unica e sempre a mesma, independente da formula politica dos seus governos.

Transportar para esta casa tudo quanto é tradicionalmente caracteristico dos vossos lares, das vossas casas paternas, eis o proposito do monumental projecto. Se fôr realisado, tereis ahi, como em um pedaço da patria, todos os symbolos da nossa tradição, a iconographia desse elevado culto, que é a razão moral da nacionalidade; a casa portugueza será ainda mais: um "templo" dos portuguezes. Como affirmação unitaria da colonia, o portanto da nação portugueza, da solidez do seu organismo social, impôr-se-á neste meio; e terá para a defesa dos interesses economicos e politicos, não só da colonia como da metropole, uma importancia superior á das diversas associações em que se subdividem os portuguezes, e que so inutilisam nos seus campos differenciados de actividade.

E ahi tendes, senhoras e senhores, porque vos falei das casas de Portugal, e porque tal assumpto abordei no dia de hoje.

Festejamos o triumpho da democracia republicana em Portugal. A obra da "Casa Portugueza" é um exemplo bellissimo da democracia, applicada segundo os principios superiores da liberdade, igualdade e fraternidade. Reunindo sob um unico tecto, na mais affectuosa communidade, os portuguezes que vivem em S. Paulo, qualquer que seja a sua fé religiosa ou politica; mantendo o respeito mutuo das respectivas consciencias e pensamentos; praticando as relações de fraternidade entre todos; tratando de igual para igual os interesses geraes e especiaes dos individuos que compõem a colonia; educando e illustrando os que necessitam; eis uma grande obra altamente democratica, patriotica e benemerita, cujo programma é digno da solennidade deste dia.

A obra da Republica

A revolução de 5 de Outubro, installou em Portugal o regimen republicano. A obra revolucionaria, porém, não attingiu ainda a sua méta.

Após a demolição do antigo estatuto governamental, iniciou-se o ingente trabalho de reforma; mas, não obstante a surprehendente actividade dos reformadores, impossivel é modificar o meio social, os usos, habitos ou costumes, e adaptal-os rapidamente á nova lei.

A Republica requer um povo de republicanos; e a individualidade social do cidadão republicano não pode ser criação espontanea, surtindo de um meio de agitação e revolta; tem que ser criada em meios de tranquillidade e perfeita paz, tal como o protoplasma nas camadas de estatica calmaria, que jazem nas profundezas inattingiveis dos mares. Só ahi, nessa paz absoluta, se encontram os plasmas embryonarios da vida, assim como no vacuo infinito do universo, se descobrem as nebulosas, que são as massas embryonarias dos mundos.

Todas as transformações sociaes necessitam de um longo prazo para o estabelecimento final do seu equilibrio; o esse equilibrio é eternamente instavel, porque a instabilidade é propria da natureza humana, sempre vária, insatisfeita, lutando por ideaes sempre vagos e fugidios.

Não é nosso mal, portanto, que não tenha havido desde logo em Portugal uma republica modelar, realisando immediatamente a paz entre os homens, estabelecendo a ordem e o progresso. A paz será ainda um ideal attingivel, mas longinquo.

O Portugal metropole, porém, não é o unico nucleo do portuguezes que existe no globo terrestre.

A nacionalidade portugueza

é bem mais vasta; é mesmo de immensa vastidão.

Outros nucleos se encontram em outras partes do mundo, numa situação especial. Em colonias isoladas, dependentes da metropole, ou em colonias livres dentro de outras nações, esses grupos de portuguezes vivem em um quadro social completamente diverso do seu quadro natal. Qualquer que seja o estado politico da nação adoptiva, realisam ao abrigo das suas leis uma situação social independente, e são forçados a abster-se de todas as lutas politicas, para isolar-se dentro de um regimen excepcional de ordem e do paz.

Esses pedaços de Portugal, que não são attingidos directamente pelas tempestades politicas da metropole, estão portanto em condições soeiaes de paz e de equilibrio que lhes permittem completar serenamente a obra revolucionaria. Cumpre-lhes essa missão, já que os soffrimentos da sua patria apenas os molestam moralmente; e que as lutas fratrieidas dos partidos politicos em nada os perturbam ou prejudicam.

Nestas condições, que são theoricamente perfeitas, poderão iniciar a obra constructiva da democracia republieana. Emquanto na metropole persiste a acção destruidora da revolução, a colonia reformará, eonstruirá.

A "Casa Portugueza", tal como vos apresentei em seu prospecto, realisa pois essa grande obra de demoeracia, abrigando dentro dos seus hospitaleiros muros uma verdadeira republica de portuguezes, que se regerá pela lei constitucional da tradição, que se unirá intimamente pelo amoroso sentimento e pela elevada idéa da Patria. Dentro deste instituto portuguez, em uma atmosphera de bondade, simplicidade e fraternidade, se proparará o "eidadão", essa entidade social que é o elemento indispensavel de todas as republicas. A eolonia avançará a metropole em grande parte do caminho a percorrer para attingir o ideal de gloria e progresso que todos ambicionamos para o nosso Portugal.

Presta á velha metropole portugueza este grandioso serviço, eumprindo piedosamente um dever filial e os mandamentos do verdadeiro patriotismo.

A "Casa Portugueza" é, pois, a eupula desse grande edificio iniciado em 5 de Outubro, mas cujos fundamentos estão nas conquistas da democracia, cujas raizes mergulham na alma simples e bondosa, no caracter rigido e democratico da grey portugueza.

Um appello

Discorrendo sobre os vossos lares e as vossas casas, conduzi-vos, patricios meus, até esta conclusão. Se é solenne esta assembléa, solennemente deponho em vossas mãos este projecto, que, para a commemoração do grande dia da Republica Portugueza, será glorioso monumento, e gloria excelsa para a nossa colonia.

Por vossas mãos demarcae no sólo brasileiro os alicerces desta obra; sobre este sólo que foi fecundado por sangue portuguez, e do qual surgiu a grandiosa nação brasileira, obra monumental dos uossos antepassados, criação da nossa raça.

(Ricardo Severo — Conferencia realisada no Centro Republicano Portuguez de S. Paulo, a 5 do corrente).

DOS MALES, O MENOR...

A irrupção da influenza hespanhola entre nós desnorteou por tal forma os espiritos, que poucos saberão a quantas andam — quer no que toca aos meios de prevenil-a, quer no que concerne á propria identidade da molestia.

Em relação a este ultimo ponto, bastará ponderar que já houve quem aventasse a possibilidade de se tratar de insolação, de typho exanthematico, de peste bubonica e até de eholera-morbus, para se ajuizar do grão de perturbação a que chegámos.

Felizmente, a Directoria Geral de Saude Publica do Rio já acudiu a desfazer taes atoardas, declarando-se convencida, á vista dos multiplos exames a que procedeu, de que é — "apenas de grippe a epidemia reinante".

Apenas!

Ficam assim removidas as suspeitas que attribuiam a outros agentes pathogenicos as tropelias exclusivamente imputaveis ao bacillo de Pfeiffer.

Já não ha, pois, lugar para duvidas: é com este que nos temos que avir.

E como semelhante avença é justamente o que pretendemos evitar, ahi surgem nôvas e tremendas apprehensões.

De feito — como impedir a intromissão daquelle "cavalheiro" na nossa economia interna?

A pergunta tem suscitado alvedrios de toda casta — uns sensatos, outros disparatados, nenhum plenamente tranquillisador.

Em todo caso, a maioria dos suffragios coube, até ha pouco, aos saes de quinina.

Em consequencia, entrou toda gente, acoroçoada pelo governo, que, por sua vez, se estribava na opinião dos facultativos, a usar e abusar dos referidos saes — sem que, entretanto, semelhante expediente restringisse, já não digo o numero de obitos, mas sequer a parcella dos casos benignos.

Dar-se-á que a inefficacia do medicamento provenha da falsificação delle?

E' possivel.

Todavia, neste particular, estou com o dr. Cassio de Rezende.

Publicou, ha dias, este profissional, num vespertino desta capital, um artigo, que, em substancia, diz o seguinte:

Não está provada scientificamente a minima acção electiva dos saes de quinina em relação ao germen da influenza. Nestas condições, é inutil á sua ingestão. Mais: é nociva. Porque? Porque a quinina é um veneno do protoplasma. Destróe os globulos brancos (leucocytos) do sangue. Destruindo-os, impede a phagocytose. Impedindo a phagocytose, desarma o organismo: escancara-lhe as portas para todas as infecções. Além disso, mesmo em dóses ordinarias, a quinina perturba profundamente a acção dos fermentos oxydantes do sangue e dos fermentos digestivos, alterando por essa forma uma serie de reacções chimicas normaes, tendentes a manter a vida e a preservar a saúde.

Está, pois, condemnada a quinina.

Condemnada, entenda-se, como preservativo da influenza. E condemnada, não só theorica, mas ainda praticamente. A proposito, cita o articulista um trabalho recentemente publicado numa revista medica ingleza, sob a epigraphe: "Um relatorio sobre a epidemia de influenza em 1918", no qual dois medicos do exercito britannico, depois de assignalarem a inexistencia de recursos prophylacticos contra a molestia, sentenceiam a inutilidade da administração, sob qualquer forma, da quinina, como preservativo da influenza, comprovando o asserto com o caso de tres doentes que, recolhidos á enfermaria, por impaludados, tomavam diariamente gramma e meia de quinina — dóse que, nem por ser massiça, os livrou da molestia nem da cóva por ella aberta.

A' vista do que, conclue o dr. Cassio de Rezende pela abolição da quinina, cuja acção prophylactica e curativa só se exerce realmente no impaludismo, sendo de todo em todo nulla, e mesmo prejudicial, por enfraquecer a resistencia organica, nos casos de influenza. Nestes, opta o articulista pelo emprego das preparações salicylicas — aspirina e productos analogos — ao seu parecer mais efficientes no tratamento do mal.

Até aqui, a Allopathia.

Que dirá, a respeito, a Homoeopathia?

Emquanto os allopathas se enredam em mil conjecturas e suggerem

outros tantos expedientes, todos problematicos, todos falliveis, — para desfecharem, afinal, na mesquinha conclusão de que difficilmente se evitará a molestia e de que taes e taes drogas se lhes figuram as mais efficazes — ou as menos inefficazes — no debellal-a; emquanto assim se dividem as opiniões nos arraiaes allopathicos, entre os homoeopathas o accôrdo dos pareceres é completo:

— Para prevenir a influenza?

— GELSEMIUM!

— Para combatel-a?

— GELSEMIUM!

Se occorrerem complicações, alterne-se o medicamento com os que os symptomas supervenientes indicarem.

E prompto!

Nenhuma hesitação, nenhuma controversia: ó — pão, pão; queijo, queijo!

Porque?

Porque — diz a Homoeopathia — os seus processos se esteiam num principio, obedecem a um lemma, escudam-se numa lei: a "lei dos semelhantes".

"Similia, similibus..."

— E' bôa! — retrucará a Allopathia — os nossos processos tambem repousam num principio, attendem a um lemma, regem-se por uma lei, a "lei dos contrarios", que, por signal, igualmente se formula em tão bom latim como a dos semelhantes: "Contraria, contrariis..."

Seja, Tratem-se os contrarios pelos contrarios... De accordo. Mas, qual será o contrario da influenza, por exemplo? Que medicamento apresentará a Allopathia capaz de produzir symptomas contrarios aos dessa ou de qualquer outra molestia, e, portanto, applicavel aos casos occorrentes?

Moita!

Quanto á Homoeopathia, que responderá ella no tocante á questão em debate? — Sejam os semelhantes tratados pelos semelhantes... E haverá na pharmacopéa homoeopathica medicina que produza no individuo são symptomas identicos aos da iufluenza?

Ha.

Esse medicamento é o GELSEMIUM.

Dahi a unanimidade dos homoeopathas em preconisal-o.

Com razão? Sem razão?

Não sei.

Decidam-no os que o souberem.

Por mim, declaro que não recorri nem pretendo recorrer a outro. E como o que tenho podido observar me autorisa a aconselhal-o, aqui fica a indicação. Se a querem mais concreta, registrem-na: GRIPPINA, tres gottas ou globulos, de tres em tres horas.

Nada lhes levo pela receita.

E' gratis, e, além do mais, attende a um salutar alvitre: dos males, o menor... — (Adalgiso Pereira — *Diario de Santos* — Santos).

O ARAGUAYA

— E quanto aos aspectos da natureza, o Araguaya tão falado... E', de facto, bello?

— Quanto a essos aspectos, confesso que apprendi e observei mais, nesses dois mezes de sertão, do que em toda a minha vida. Porque uma cousa é ver os animaes empalhados nos museus, ou mesmo em gaiolas e jaulas dos jardins zoologicos, e outra é vel-os livres, dispersos, na sua vida natural. Nas margens ermas e despovoadas do Araguaya, principalmente depois do "furo" do Bananal, e ainda mais do Rio das Mortes, encontra-se toda a qualidade de caça commum ás nossas brenhas. Essa região é qual novo eden biblico, em que os sêres se apresentam como nas primeiras paginas do Genesis... A quantidade e a variedade das aves aquaticas, então, são phenomenaes: ha gaivotas, ás centenas, e patos, marrecos, colhereiras, garças, biguás, cárocas, socós, manguarys, juburu's, em cada praia ou a cada avanço prolongado da canoa... O rio, embora possua pedras, morros e cachoeiras em outros pontos do seu grande curso, é um tanto monotono nas cem leguas que percorri — Mar-

gens sempre planas, praia de um lado e barranco de outro, ou vice-versa. Mas, aos poentes, que são lindissimos, a agua torna-se irizada furtacôr, e o quadro, majestoso e empolgante, digno da viva palheta de um Henrique Serra ou de um Graner.

— Então, deveremos considerar peninsula a ilha do Bananal, em vez de ilha?

— Não, respondeu-nos o sr. dr. Eurico do Góes, naturalmente não positivei bem o meu pensamento, ou foi elle incompletamente apprehendido por distincto redactor de conceituado vespertino, numa rapida palestra que tivemos. A ilha do Bananal converte-se em peninsula durante a estação da vasante ou da secca: um isthmo de areia veda a entrada do canal ou do braço direito, que, aliás, continua alimentado por lagos o rios que nelle desaguam. Quando sobrevem a enchente, as aguas arrastam as areias do isthmo, que desapparece, para reapparecer mais tarde, com a vasante.

— Póde dizer-me alguma cousa relativamente aos costumes dos indios que habitam a região que percorreu?

— Ao longo do Araguaya, nas praias, durante a secca, e nas barreiras, durante as enchentes, vivem os carajás, dos quaes visitei dez aldeamentos. Nos rincões da margem esquerda do grande rio, mais ou menos entre o Crystallino e o Rio das Mortes, habitam os valorosos e temiveis chavantes, rivaes dos carajás e dos quaes os "mariscadores" ou pescadores do Araguaya, que encontrámos em caminho, fugiram por haverem descoberto vestigios no lago Comprido, adeante de cuja bocca passámos uma noite. A ilha do Bananal, ao norte, abriga os famosos e indomaveis canoeiros e, ao centro, os javáes, que são os mesmos carajás localizados num nucleo fixo e não errante. Sem contar alguns cherentes avulsos e já civilizados (os mesmos chavantes do Tocantins e rio do Somno), uns cayapós e uma india tapirapé, que foi captivada e vive entre os carajás, sómente vi estes ultimos em agrupamentos primitivos ou selvagens. Andam todos á moda de Adão e Eva no Paraizo, e apenas as mulheres usam uma pequena tanga de embira ou do entrecasca da gamelleira. Os homens perfuram o labio inferior e no orificio introduzem um pequeno botoque de madeira. Usam as orelhas furadas e uma incisão circular na maçã do rosto, pintada a genipapo, distinctivo da tribu.

Moram em choças abobadadas, recobertas de palha. Dormem em esteiras. Alimentam-se do caça, pesca e alguns possuem roças de milho, mandioca, batata, etc. Os que vivem afastados dos logares povoados ainda extrahem fogo com o attrito do dois pedaços de pau, raiz de saran ou outra madeira apropriada. Por armas, têm o arco, a flecha, a lança e o tacape. Ornatos de penna usam diversos, e tambem missangas, ao pescoço. Tanto os rapazes solteiros como as raparigas donzellas trazem, na perna, uma liga de algodão pintado de urucu', symbolo da castidade e da virgindade.

Fumam, em cachimbos roliços, o apreciado "coti" (nome que dão ao fumo). Creem num Ser Supremo, espirito que vivifica e anima tudo na natureza, a que não dão fórma. Acreditam na sobrevivencia após a morte, tanto que enterram os seus mortos com armas e alimentos e celebram festas annuaes, de canto e dança, com grandes enfeites apparatosos de pennas, para rememorar os que se foram. São habeis canoeiros, mas não valem, no esfôrço e na resistencia, os mestiços remadores ou zingradores do Araguaya ou do nosso rio Ribeira de Iguape. A industria é muito rudimentar: potes de barro, cestos e objectos de que têm necessidade mais directa, como pentes, etc. Um systema de constituição de familia curioso é o modo por que se faz o casamento: os paes da "moça" é que vão pedir o "moço" aos respectivos paes, e, uma vez resolvido isso, fica tudo consummado. Desde que se unem, vivem exclusivamente um para o outro. Os carajás são monogamos.

— E que acha do processo de catechese que tem sido posto em pratica ultimamente?

— Parece-me que a catecheso leiga ou official, da maneira por que tem sido feita, ao menos em Goyaz, tem viciado os indios, em vez de os melhorar. Não quer isso dizer que eu seja partidario da catechese religiosa, sem a fiscalização, continua e moralizadora, dos governos. Mas o facto é que os indios, por esse methodo burocratico e ignorante da psychologia delles o do meio em que vivem, além de não serem utilizados em pról da communhão brasileira, se tornam cada vez mais apurados nas manhas de tudo pedirem e quererem sem trabalho, e continuam a viver a sua vida parasitaria e improductiva. Do cambulhada com objectos uteis e inuteis, que aos indios prodigamente se têm dado e que ainda vivem empilhados ou se vão estragando ou furtando, aos poucos, em ranchos mal seguros no sertão, parece incrivel que aos indigenas se tenham fornecido utensilios que elles não comprehendem ou empregam para fim disparatado (como certos vasos que os civilizados guardam nas bancas de cabeceira, e os indios transformam em terrinas e panellas), e até se lhes tenham fornecido carabinas, a granel — o que, não raro, serve contra nós mesmos, conforme tem acontecido!

— Que me diz dos recursos e do futuro de Goyaz?

— Si, economica ou administrativamente falando, Goyaz não é um estado rico (embora tenha pago a sua divida o possua um saldo, em caixa, de cêrca de mil contos), o seu solo é fecundo em riquezas naturaes. Boas pastagens, soberbos campos, agua em abundancia. Lá existe, como tive occasião de ver, na Serra Dourada, a interessantissima arvore do papel, a "Lasiandra papyrifera".

Mineralogicamente consideradas, então, as riquezas avultam: sem fafar no ouro e nos diamantes, conhecidos desde os tempos coloniaes, Goyaz possue depositos de sal gemma, areias monaziticas no Paranahyba e, até, perolas de certos lagos vizinhos do rio Vermelho e do Araguaya! Numa palavra: póde-se dizer que Goyaz tem tudo. O que mais lhe falta — é o caminho de ferro, a via rapida de communicação, os trilhos de aço que encurtam as distancias e arrastam o influxo civilizador.

— E, quanto ao estado sanitario das zonas que percorreu e dos males do sertão, poder-me-á accrescentar alguma cousa?

— E' com sincera dôr na alma e lástima profunda que, como brasileiro, abordo esse ponto. Mas o proprio patriotismo exige que a verdade seja dita, afim de que coopere para que venha a ser o mal attenuado. Não foram as penosas e longas viagens a cavallo, a soalheira, a sêde, a falta de conforto, nem os mosquitos, os carrapatos e o receio de feras e de indios o que mais me impressionou no sertão: — foi a falta absoluta das mais elementares noções de hygiene, por parte dos sertanejos ou moradores das estradas. O sertanejo, em geral, é um typo simples, bom, leal, hospitaleiro, resignado, com os pés descalços e expostos aos espinhos e ás mordeduras das serpentes. Mas ignora, completamente, que não ha mal nenhum em deixar as crianças em promiscuidade com porcos e gallinhas, nos charcos, a comerem terra e contrahirem ankilostomiase. E'-lhe indifferente que o tuberculoso, o syphilitico ou morphetico se sirva da sua caneca, sempre collocada num prato, que recobre um pote de agua, destinada a todos. Desconhece que os terriveis *barbeiros*, que pullulam nas fendas de barro dos sous ranchos cobertos de palha ou de telha, são os causadores dos papos na familia, entre cujas pessoas já existem algumas surdas, cretinizadas ou imbecis! Ajunte-se a tudo isso a falta de asseio pessoal e domestico, o pernicioso habito de cuspir no chão, o abuso do fumo e da aguardente — e ter-se-á um quadro triste de ignorancia e degradação humanas!

Imagine-se, agora, que o interior de quasi todos os Estados do Brasil é mais ou menos assim, mesmo os mais adeantados, e não será difficil deduzir uma forte parcella de degenerescencia no acervo dos brasileiros de amanhã! Bem haja, pois, qualquer tentativa ou esforço, que se effectivar, em beneficio do sa-

neamento dos sertões — o que, com a instrucção publica e as estradas de ferro, constituirão seguros elementos da nossa grandeza futura. — (Eurico de Góes — Entrevista com o *Correio Paulistano* — S. Paulo).

A FRUTICULTURA NA CALIFORNIA

A laranjeira da Bahia foi introduzida nos Estados Unidos em 1870 e pouco depois dessa data no Estado da California, em Riverside, onde ha poucos annos ainda se encontravam as duas arvores que deram origem a uma das mais importantes culturas do oéste. Actualmente, a laranjeira, occupa o primeiro logar na pomologia californiana, não só pelo numero de arvores, mas tambem pela área plantada. Segundo a estatistica de 1912, havia então neste Estado mais de treze milhões de laranjeiras, occupando uma área de cerca de sessenta mil hectares, ou sejam, aproximadamente, 24.500 alqueires paulistas.

Nesse mesmo anno, na California, a producção de laranjas e limões foi de 15.826.000 caixas, no valor de mais de 28 milhões de dollars, ou mais de 110 mil contos da nossa moeda, tendo sido de 8 milhões de caixas a producção do Estado da Florida. O valor médio annual da producção das laranjeiras na California é de 20 milhões de dollars, ou cerca de 80 mil contos em moeda brasileira. Diante disto, bem fraca figura fazem os 295 hectares com as suas 73.000 laranjeiras do Estado da Bahia, segundo a estatistica de 1913 do nosso patricio dr. Argollo Ferrão, apesar da asserção dos mais distinctos especialistas americanos de que "wit its rich, soil, mild climate, and abundant ramfall Bahia is preeminently suited to fruit culture". Não resta duvida de que dá Deus nozes a quem não tem dentes.

Aconteceu com a laranja da Bahia o que se deu com a borracha do Pará e o que ha-de succeder a muitos outros productos nossos, em vista das acertadas providencias tomadas pelos nossos grandes estadistas.

O saboroso abacate está destinado a ser, dentro de poucos annos, uma fruta vulgarissima nos Estados Unidos, sendo já hoje abundante em todos os hoteis da California e por baixo preço.

Durante os ultimos vinte annos, têm sido experimentadas na California as melhores variedades de abacateiros da Guatemala, mas o interesse pela cultura foi despertado, em 1905, pelo sr. G. N. Collins, do Departamento de Agricultura, que chamou a attenção dos fruticultores americanos para as qualidades commerciaes desta fruta. Em 1915, numa reunião da "California Avocado Association", foi apresentada uma moção pedindo-se ao secretario da Agricultura que enviasse á Guatemala um especialista para o estudo da cultura do abacateiro e procura de variedades adaptaveis aos Estados Unidos, tendo sido para isso designado o sr. Wilson Popenoe, que alli esteve de Setembro de 1916 a Dezembro de 1917. Este distincto especialista, que acaba de publicar um interessante trabalho acerca da sua missão, introduziu no seu paiz 23 novas variedades de abacate, asseverando que, pela cultura, os frutos produzidos aqui poderão ser facilmente superiores aos da Republica da America Central.

Em Los Angeles, na chacara do sr. E. H. Huntington, tive ensejo de vêr varios abacateiros já desenvolvidos, um delles com frutos, ao ar livre, e em differentes pontos do Estado já se encontram plantações regulares, havendo algumas arvores de doze annos de edade.

E' bem possivel que o nosso governo, dentro de uma dezena de annos, volte a sua attenção para esta cultura e que comece a prometter favores com o fito de estimular a exportação do abacate pa-

ra a America do Norte. Entretanto, vão os nossos clarividentes homens de governo tratando de estabelecer culturas do peras e maçans nos Campos do Jordão e procurando desenvolver por todos os meios a cultura destas frutas, que podem ser adquiridas nos Estados Unidos por um preço muitissimo inferior áquelle por que conseguiremos produzil-as ahi.

Aos Estados Unidos devia o governo brasileiro enviar agronomos para o estudo da fructicultura, não sendo disparatado que aqui viessem tambem estudar a cultura das frutas tropicaes, que se encontram nas cinco estações experimentaes mantidas pela Secção de Introducção de Sementes e Plantas Exoticas nos Estados da Florida, Maryland, California e Washington. Na de Miami, na Florida, sob a proficiente direcção do sr. Edward Simmons, destinada principalmente ao estudo e cultura das plantas das regiões tropical e sub-tropical, encontram-se quasi todos os nossos frutos. Alli ha em cultura cem variedades de mangueiras, quinze de abacateiros, abios, sapotis, cajus, cambucás (que já frutificaram), jaboticabeiras, anonas grumixamas, guabirobas, cabelludas, etc. A estação de Brooksville, no mesmo Estado, é destinada principalmente á cultura de plantas das regiões não tropicaes da China e do Japão, havendo alli uma enorme variedades de kakis. No Estado da California ha a celebre estação experimental de Chico, para a cultura e estudo de plantas do genero "Citrus".

Muito teriam aqui que aprender os nossos agronomos, com muito mais proveito pessoal e para o paiz do que encerrados em gabinetes a escrever monographias de plantas que nunca viram, ou que, pelo menos, nunca cultivaram, sem uma unica observação pessoal, de valor para a sua terra. — (Ed. Navarro de Andrado — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

A CAPITAL DO BRASIL

Bastam uma vaga inspecção visual sobre o mappa do Brasil e um ligeiro conhecimento da sua vida publica, para nos convencer do grande alcance patriotico que teria o cumprimento do dispositivo da Constituição que determina a transferencia da capital da Republica para o planalto de Goyaz. Foi esta uma das mais felizes idéas dos constituintes republicanos; politica, social, moral, economicante, tornar-se-ia extraordinaria a sua significação. Com problemas nacionaes que se eternizam, a attestar a nossa incapacidade para as realizações praticas e a encher-nos de tristeza e desanimo, encontrariam a sua solução, quasi que automaticamente, pelo simples facto da mudança da capital. Talvez por isto mesmo, ninguem crê que ella venha a effectivar-se em nossos dias. Para tamanha obra, seria necessario que subisse á presidencia da Republica um homem extraordinario, que não recuasse ante os primeiros impecilios encontrados, capaz de arrostar a grita dos interesses feridos, e que desejasse deixar de si, da sua passagem pelo governo, um sulco indelevel. São raros esses homens. Em regra, os dirigentes politicos, aqui como em toda a parte, a esses trabalhos, que, mais do que ao momento presente, interessam ao futuro do paiz, preferem a acção, de resultados immediatos, que tóca á galeria, á facil opinião publica. A mudança da Capital para uma zona deserta do interior do Brasil levantaria os protestos vehementes dos politicos do Districto, dos representantes dos outros Estados, de todos aquelles que, directa ou indirectamente, vivem do Thesouro Nacional.

Para compensar esses pequenos interesses contrariados, imaginemos, alguns momentos, como num sonho, os frutos immediatos ou longinquos, que ella produziria. Antes de tudo, o seu alcance militar na defesa do paiz. Não ha mais grave perigo

numa guerra estrangeira, hypothese que devo entrar sempre nas cogitações dos homens de governo, do que uma capital maritima, sujeita ao bloqueio e ao assalto do inimigo. Quasi todas as nações têm capitaes centraes; quando os Estados Unidos precisaram de uma cidade para séde do governo federal, esqueceram Nova York, que era então, como ainda hoje, o seu maior centro urbano, e crearam Washington expressamente, longe do litoral e ao abrigo, portanto, das invasões estrangeiras. Mas, deixando de parte este aspecto militar, de effeito problematico e remoto, examinemos as vantagens de ordem politica e economica, que adviriam da transferencia da capital.

E' sempre mais nefasta do que benefica a influencia das grandes cidades na politica e na administação dos diversos paizes. Em as nações secularmente organizadas, onde ha uma vida politica, mais ou menos disciplinada, uma opinião publica esclarecida e consciente, ella naturalmente se restringe e se attenúa. E' esto o caso dos paizes europeus.

Muito diverso é o caso do Brasil. O Rio, fatalmente, o absorve e o resumo. Nenhum dos freios automaticos, que actúam alhures, teria funcção entre nós. Afora S. Paulo, que outra grande cidade proxima póde fazer-lhe sombra? O paiz immenso, mal povoado, communicando-se difficilmente através do seu vasto territorio, tem de se resumir na capital. A vida politica e administrativa se resentirá, de certo, dessas influencias de todos os momentos de uma cidade como o Rio. De bom ou máo grado, ella guardará o travo dos sentimentos, das paixões, tantas vezes cégas, das ruas e das multidões inflammaveis. Claro que ninguem tentaria negar os beneficios das grandes cidades na direcção dos negocios publicos; nellas haverá, no minimo, uma sombra do opinião publica, uma imprensa, mais ou menos livre, que a articule ou a simule. Mas, tambem, quantos males não causam? A quantos erros e crimes os seus desvarios de momento, as suas correntes impetuosas de ruas, não obrigam os homens de governo, que sacrificam docemente a propria consciencia á estultice das gloriolas offuscantes? Longe do Rio, num recanto tranquillo do sertão, a nossa vida politica só teria que lucrar em serenidade, em honestidade, em dignidade.

Seriam de ordem economica as maiores vantagens da mudança da capital. E' o urbanismo um dos erros fundamentaes da politica brasileira, erro que todos nós deveriamos combater por todos os modos. Só queremos ver o Brasil do littoral, dos portos, das cidades, das avenidas, contrafacção ridicula de Londres e Paris, esquecidos dos sertões, aonde devem existir as fontes verdadeiras da vida nacional. Toda a politica constructora dos ultimos annos do Imperio e da Republica vem sendo orientada no sentido do urbanismo; á riqueza e ao luxo das cidades não corresponde, do longe sequer, a pobreza do *hinterland*. Ha quatro seculos que nos enkistámos nas praias, sem coragem de levar a nossa *bandeira* civilizadora pelas largas e desconhecidas terras do Nordéste e do Oéste.

A mudança da capital para o planalto goyano alteraria radicalmente a direcção da nossa politica. Em vez de visar exclusivamente o litoral e as cidades, como faz hoje, começaria de se interessar pelo sertão. As estradas de ferro, as estradas de rodagem, fariam da futura cidade o seu grande centro de irradiação. Abro um mappa do Brasil, o sonho. Traço estradas; aqui, a grande linha, que da capital imaginária desceria a Belém, pelos valles do Araguaya e do Tocantins, ligando ao resto do Brasil a incomparavel bacia amazonica; ali, a outra linha do triangulo, de que o Amazonas seria a base, a entroncar-se na Madeira-Mamoré, depois de cortar e abrir ao mundo toda a desconhecida região do norte de

Matto Grosso; além, a linha do Norte, que pelo S. Francisco desceria até Joazeiro, ligando a Bahia, Pernambuco e os Estados pequenos, do Piauhy a Sergipe, á viação do sul do paiz; ainda, a linha do littoral, que duplamente communicaria o planalto a Rio e a Santos, pela Central e pela Mogyana. Seguindo o sulco civilizador das estradas, imagino cidades, invento industrias, descubro e exploro minas, povôo os campos, e, ao cabo, sorrio de mim para mim, na antevisão desta Chanaan tropical...

Será absurdo todo este sonho? Pelas nossas condições geographicas, seremos, um dia, um dos grandes paizes do mundo. Esses longos sertões, hoje desertos e esquecidos, abrigarão, forçosamente, dentro deste seculo, um povo feliz, culto e forte. Não poderiam os pobres homens de hoje enriquecel-os e povoal-os, pelo simples effeito da sua vontade e do seu patriotismo. A grandeza do Brasil será, sobre tudo, uma funcção do tempo. E' outra a nossa missão: preparar o paiz futuro, alargar e empedrar o leito do rio, para que a enchente vindoura delle não extravie e não afogue a paizagem circumvizinha. Construamos o arcabouço, plasmemos a fôrma, para que amanhan a grandeza das coisas que virão não nos atordôe e não nos esmague. A mudança da Capital estou que seria um passo decisivo em a nossa historia, o grande signal dos tempos futuros, o inicio de nova e fecunda politica de construcção nacional. E por isto, não acreditando embora na sua realidade proxima, é-me grato divagar, deixar-me levar ao sabor dos meus sonhos e das minhas esperanças... — (José Maria Bello — *Correio da Manhan*, Rio).

O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

A abertura do canal do Panamá e a intervenção na guerra européa terão o dom de modificar inteiramente a physionomia da civilização industrial e da democracia rural americanas. Ambos abrem-lhe novos destinos e horizontes. A tarefa infiltradora é muito mais facil do que ao primeiro contacto se nos poderá afigurar. No norte, o Canadá equivale a uma estrella a gravitar para o systema solar americano, com uma velocidade, sensivel á vista desarmada, quanto mais ao telescopio dos astronomos politicos. O grande sociologo Goldwin Smith prégava a união do Domiuio aos Estados Unidos vehementemente. As industrias americanas, cada dia que passa, arrebatam-lhe os mercados aos exportadores de Liverpool, emquanto o Far West canadense, inculto e despovoado, soffre a penetração das bandeiras de *cow boys* do oéste americano. A politica generosa dos radicaes inglezes, que impediu, graças ao seu extravagante e anti-patriotico liberalismo, a realização do Zollverein sonhado por Chamberlain, abre as portas do Canadá ás potestades do Wall Street, tornando-o, num breve tempo, um feudo economico das colonias financeiras de New York.

No sul, a indole turbulenta das republicas ibericas alliada á sua incapacidade para constituirem a rêde de uma vasta federação, impede qualquer velleidade de equilibrio, entre latinos e anglo-saxões na balança continental. Se fosse possivel cohesão e solidariedade entre os americanos do sul e do centro, a ameaça para o futuro da latinidade talvez se cumprisse mais tarde. Mas, ao passo que Washington e os constituintes de Philadelphia conseguem manter a unidade nacional, entre as provincias da metropole ingleza, Bolivar, fundador de cinco independencias, não logra fundir numa synthese politica na America iberica as aspirações federalistas do seu genio politico ambicioso. O mundo latino-americano é assim um campo aberto aos golpes do imperialismo yankee, baldo como se acha de um nucleo homogeneo, que baluarte a resistencia em torno delle.

As naturezas timidas estarão de certo suppondo que iremos perder a autonomia esphacelada pelos canhões dos *dreadnoughts*, vindo apossar-se disto aqui em nome da força por quem iremos viver brutalmente

tutellados. Hoje os factores imperialisticos não carecem assustar com balaços e trovoadas os aborigens em vesperas de serem barbeados, penteados e incorporados ao rythmo accelerado da civilização. Um banco germanico no Rio da Prata collabora muito mais profundamente para o exito das ambições teutonicas na America do Sul, do que milhares de allemães espalhados pelos paiz afóra, mesmo mantendo inequivocos preconceitos de raça. O capital é um conquistador muito mais efficiente do que o canhão. A America, querendo senhorear o Atlantico, não precisa despachar esquadras, contingentes militares, para occupações e actos impertinentes de arbitrio. Seria até anti-politico.

O imperialismo tambem se civiliza e adquire os habitos polidos e elegantes, que traduzem o apuro e a intelligencia privilegiada das raças, que o personificam sobre a terra. As esquadras, que são o seu espectro nos mafes, em vez dos tranca espinhas e dos mata sete da questão Christie e dos ferrabrazes bombardeadores de Duguay-Tarouin, trazem os pés de ouro do fox-trotte e do *one-step*, que tanto são leões nos salões como lobos no mar. Enleiando um coração fragil de mulher, um marinheiro americano conquista mais seguramente os mercados do Brasil, da Argentina e do Chile, do que deflagrando vinte libras de polvora na culatra de um canhão. O germano estava vencendo mais de pressa com uma pasta de amostras debaixo do braço do que com a carabina no hombro e o sabre na mão.

O Atlantico vae ser um mar americano. A barreira erguida aos Estados Unidos era a Allemanha, que nunca se rendeu á evidencia da doutrina de Mouroe, e por isso mesmo se recusou sempre systematicamente a reconhecel-a. William Stead affirmava convencido que o centro de resistencia ao imperialismo americano, era Berlim. De tal modo o pangermanismo, nunca se illudiu com as inclinações da grande democracia no caso de uma guerra européa, ó que procurou habilmente organizar na America uma mentalidade teutonica, capaz de preparar entre as oligarchias militares a reacção contra a supremacia politica yankee, quando os Estados Unidos pretendessem leval-a contra o blóco dos imperios centraes. E só a resistencia das castas militares argentina e chilena, trenadas por missões allemans, explicam a neutralidade destas republicas no conflicto germano-americano. A sensibilidade nellas é até mais exageradamente alliadophila do que aqui.

Esgotada a Allemanha, depois de uma guerra exhaustiva, que a sangra abundantemente, nenhum outro povo, a não ser o japonez, lhe poderia deter a marcha para a *weltpolitik*. A abertura, porém, do canal do Panamá, deslocando o eixo central da civilização politica e industrial da Europa para a America, marca o inicio da marcha facil dos Estados Unidos para o oriente e as republicas do Pacifico. Fortificado o canal, o Pacifico continúa um *mare clausum*, dividido entre elles e o Japão, emquanto este, educado na escola dos barbaros, não se prepara afim de decidir se a supremacia da Asia pertence aos amarellos ou aos anglo-saxões. O problema do Atlantico póde dizer-se já resolvido para os Estados Unidos. Só o do Pacifico permanece como uma incognita, porque ninguem poderá calcular a astucia o a tencidade que irá despender a oligarchia carthagineza de Tokio, por intermedio dos seus pro-consules na Corea e na China, afim de liquidar militarmente a questão da soberania asiatica.

A flamma da latinidade, que levou espiritualmente os Estados Unidos á guerra, se acha pois numa hora de penumbra, ennoitecendo numa espessa treva. Para suffocal-a é indifferente o osculo bruto do germanico ou o abraço estouvado do seu descendente americano. Os padrões subtis do gosto, da graça e da doçura helleuicas vão ser substituidos pelas fórmas praticas, do industrialismo americano. Batido o ideal latino pelo seu proprio salvador, a beira do mar azul, onde elle despontava do seio illustre das aguas, a obra heroica da revolução e a tarefa gentil da renascença, no

cosmos americano, que se inaugura, irão viver como fórmas mumificadas, de um universo interessante para os estudiosos dos fosseis historicos, como a Babylonia, a Palestina e Roma, apaixonam os egyptologos, os orientalistas e os romanistas. — (A . Chateaubriand — *Correio da Manhan*, Rio).

UM GRANDE INVENTO

Encerrou-se a Exposição Industrial. Mais feliz que as anteriores teve o merito de revelar um invento que se nos afigura capaz de funda repercussão na vida economica do paiz. E' um apparelho modesto, exposto num pequeno telheiro, ao lado dos carros de boi de eixo duplo. Não chama a attenção. Não dá na vista. Não vem precedido de reclame dourada. Mas quem pára diante da machina "Universal", e medita um bocado sobre as possibilidades infinitas encerradas naquelle modesto jogo de peças mechanicas sae convencido de que so resolveu um grande problema. Esse apparelho permitte a transformação immediata do caldo de canna em assucar. A' medida que a garapa escorre da moenda, o assucar bruto ensacca-se do outro lado, e tudo se faz automaticamente, sem exigencia de nenhum machinista especialisado na industria. Resaltam incontinenti as vantagens do novo processo: suppressão do oneroso transporte da canna e da lenha para o engenho. Moenda e evaporador, agora combinados, podem funccionar dentro dos proprios cannaviaes, e deslocar-se de um ponto para outro conforme as necessidades da industria. O combustivel, lenha ou bagaço, fica á mão. A mesma força, boi ou cavallo, que move a moenda, faz funccionar o evaporador. O mesmo operario que lida com a canna basta para attender á fornalha, e bastará para ensaccar o producto. Dadas as condições da nossa pequena lavoura assucareira, e a qualidade do operario de que ella dispõe, esta machina representa um ideal attingido. Attende a todas as deficiencias de uma e de outro. O inventor, engenheiro Marcos Ayrosa, chegou a esse resultado depois de longos estudos, observando as falhas, os pontos fracos das grandes usinas de assucar, em permanente crise financeira por força do elevado preço da producção. Elle conseguiu separar o problema agricola do industrial, resolvendo dest'arte a questão. Ao lavrador não caberá, como até aqui, o simples papel de productor da canna; irá além, e entregará á usina o caldo de canna já evaporado e ensaccado; a usina, recebendo o producto nestas condições, ultimará a transformação, ou refinando a garapa em pó, ou desdobrando-a em alcool. Problemas do vasilhame resolvidos, problemas tremendos de transporte duma materia prima da qual só se aproveitam 10 %, resolvidos, problemas da pequena cultura em condições prosperas, resolvidos, supprimidos tambem os eternos cravos das grandes usinas — o novo invento do sr. Ayrosa traz no bojo uma verdadeira revolução economica. Habilita-nos a sair do marasmo actual e fazer deste paiz um formidavel centro assucareiro capaz de resistir a toda concorrencia.

Para concretisar o facto basta dizer que na opinião duma das nossas melhores autoridades agricolas, a producção duma sacca de assucar bruto, desde o primeiro passo no plantio do cannavial até ao ensaque, não vae além de 5.000 réis, ou sejam 83 réis o kilo!

ARTHUR RUBINSTEIN

Celebre pianista polaco, que segundo a critica universal, é o primeiro da éra presente e passada

Quiz que só lhe tocasse no piano, perante o fino publico do Municipal, o technico-afinador ESTEVAM LUCCHESI, e diz:

Je constate avec plaisir que Mr. Estevam Lucchesi est un excellent accordeur et qu'il a trouvé mon piano de concert à ma plus grande satisfaction.

Arthur Rubinstein

Rio, 16 Juillet 1918

Estevam Lucchesi

tem officina á Rua D. Itapetininga. 16

Telephone, Central 4888

AS CARICATURAS DO MEZ

NOTA DA REDACÇÃO

Devido á desorganisação determinada pela epidemia reinante deixam de salr neste numero as carlcaturas do mez.

Livros á venda (em perfeito estado de conservação)

Cesar Cantú — Historia Universal, traduzida em portuguez por A. Ennes, 20 vols. enc.	80$000
Boletim da Agricultura, 10 vols. encadernados, novos (annos de 1900 a 1909) e mais dois vols. enc. do Instituto Agronomico de Campinas, tambem novos	40$000
Binet — Les idées modernes sur les enfants	3$000
Flamarion — Uranie	3$000
Debay — Les parfuns et les fleurs	3$000
V. Tissot — Russes & Allemands	3$000
Guizot — L'eglise et les Societés Chretiennes	4$000
E. Havet — Les Christianisme et ses origines (3 vols.)	20$000
Padre Secchi — Le Soleil, 3 vols. grandes	30$000
T. de Freitas — Vocabularlo Juridico	20$000
" " " — Testamentos	20$000
Buisson — L'Enseignement primaire aux Etats Unis	8$000
Wundt — Physiologie Humaine	8$000
Maricá — Maximas	3$000
Dezobry & Bachelet — Dictionaire de Biographie et Histoire, 2 grandes vols.	40$000
Leonard de Vinci — Traité de la Paysage	10$000
Savard — Cours complet D'Harmonie	10$000

Pedidos a P. T. S. por especial favor na

REVISTA DO BRASIL, caixa 2-B

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Cirurgia — Operações — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone 393.

GABRIEL MALJIANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", S. Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—**Emilio Rocco** — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura. — Revistas. — Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel. — "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

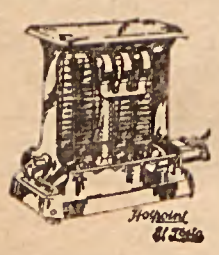
Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esptendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello. proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 ..... End. Tel. "Anglicus"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE". Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

Loteria de São Paulo

EM 19 DE NOVEMBRO

100:000$000

POR 16$000

Os bilhetes estão á venda em toda a parte

CURA DA GRIPPE HESPANHOLA

DOCUMENTOS E ATTESTADOS

CARTA DO DR. AUGUSTO MILITÃO PACHECO, ATTESTADO DO SR. EDOUARD BENAIN, ATTESTADO DO SR. ARISTIDES DE ALMEIDA LEITE, ARTIGO ENTHUSIASTICO DO "DIARIO HESPANHOL", ESTE ULTIMO, PELA SUA EXTENSÃO, NÃO SERA' REPRODUZIDO

Seabra.

Fiz uso, bem como todos de minha casa, já em numero de QUATORZE, atacados da "hespanhola", como remedio, da "Grippina". Os seus resultados são MARAVILHOSOS, quer nos casos benignos, quer nos de manifestação mais grave. A tua "Grippina" é um bom remedio. Deves procurar tornal-o conhecido de todos os que soffrem.

AUGUSTO PACHECO. Firma reconhecida.

Sr. dr. Alberto Seabra.

Para maior tranquillidade da população, venho communicar-lhe o seguinte: Em minha casa têm cahido successivamente atacadas da grippe até esta data seis pessoas. Destas, tres estão em convalescença e as outras em excellentes condições. Tomaram exclusivamente "Grippina". E', portanto, um remedio bom, partico e ao alcance das classes pobres. Póde v. s. fazer desta o uso que leh convier, etc.

ARISTIDES DE ALMEIDA LEITE. Firma reconhecida.

En reconnaissance des resultats immediats que j'ai obtenu moi et les personnes de ma famille nvec le prodigieux medicament la "Grippina" contre le grippe espagnole, je tiens au benefice du peuple á vous le communiquer et a vous exprimer toute ma reconnaissance.

Veuillez agrée, etc.

EDOUARD BENAIN. Firma reconhecida.

"GRIPPINA", preservativo e curativo — Formula do DR. ALBERTO SEABRA.

Para a convalescença da grippe: "VIGORINA"

Remedio da fraqueza geral e da convalescença (N. 24) — Preço do vidro, 3$000

COMPANHIA PAULISTA DE HOMEOPATHIA

30, Marechal Deodro — Telephone Central 2798 — Depositairos em Santos: Drogarai A. Leal & Cia. — Pharmacia Colombo

LIVROS INTERESSANTES

ESPIRITO ALHEIO — Anecdotas e episodios de gente de theatro, colligidos por Mucio da Paixão. "Espirito alheio", é um volume de apreciadas chronicas do fino litterato campista, de côr muito local, apreciando factos e occorrencias nossas, atravez da vida theatrl, 1 volume, 4$000.

NOTAS DO DIA — Interessante livro de Affonso Arinos. 1 volume, 3$000.

PARA SER ACTOR — Guia pratico da Arte de Representar, por Eduardo Victorino, ensaiador dos theatros de Portugal e Brasil, 1 volume, 2$000.

GUIA DE MEDICINA HOMEOPATHICA — Por Nilo Cairo, 3.ª edição muito melhorada e consideravelmente augmentada, 1 volume cart., 8$000.

CODIGO PENAL BRASILEIRO — Devidamente annotado com grande cópia de Jurisprudencia do Supremo Tribunal Federal e opiniões dos doutos e todas as leis e decretos penaes posteriores ao codigo, por José Tavares Bastos, 1 vol. enc. 12$000.

DIVISÃO E DEMARCAÇÃO DAS TERRAS PARTICULUARES — Pelo Dr. Affonso Fraga, 2.ª edição revista e melhorada, 1 vol. enc. 10$000.

FORMULARIO DE CASAMENTOS — Conforme as disposições do Codigo Civil Brasileiro, nos art. 180 e seguintes, por Um Profissional, 1 volume, 2$000.

O ELEITOR BRASILEIRO — Formulario e commentario. Lei n. 3139, de 2 de Agosto de 1916, prescreve o modo por que deve ser feito o alistamento Eleitoral e decreto n. 12193, de 6 de Setembro de 1916, dá regulamento á li n. 3139. Leis do Estado de São Paulo n. 1 509, de 17 de Novembro e n. 1564, de 30 de Dezembro de 1916, minuciosamente organisados por UM PROFISSIONAL, 1 volume, 3$000.

CODIGO CIVIL BRASILEIRO — Lei n. 3071, de 1 de Janeiro de 1916, conforme a edição official. Edição annotada e com um repertorio alphabetico, por UM PROFISSIONAL, 1 volume, br., 2$000; encardenado, 4$000.

LYRA POPULAR BRASILEIRA — A mais completa e mais bonita collecção de poesias, modinhas, recitativos e lundu's, dos melhores autores brasileiros e portuguezes, colleccionada por Jsoé Vieira Pontes, 5.ª edição melhorada, 1 volume, 3$000.

ORADOR POPULAR MODERNO — Contendo uma infinidade de modelos de discursos para todos os actos solennes. Colleccionados por S. de L., 1 volume, 2$000.

THEATRO DAS CREANÇAS — Interessante collecção de peças infantis, para creanças de 8 a 12 annos, dos melhores autores, colleccionadas por J. Vieira Pontes, 2.ª edição, 1 volume, 3$000.

SECRETARIO MODERNO — Novo Manual de correspondencia familiar e commercial, por J. T. da Silva, 1 volume, cart., 4$000.

FORMULARIO DOS JUIZES DE PAZ E CASAMENTOS — Contendo: julzes de Paz e suas attribuições, legislação dos Estados, desenvolvimento completo da ACÇÃO SUMMARISSIMA E EXECUÇÃO. Processo do casamento civil, registo de nascimentos, casamentos e obitos, nomeação dos Escrivães de Paz, registo de animaes. Por UM PROFISSIONAL, 1 volume, br., 6$000, cartonado, 7$000.

REGIMENTO DAS CUSTAS JUDICIARIAS — Contendo: Taxa judiciaria, Imposto do Sello, Papel sellado, Imposto de transmissão "inter-vivos e causa-mortis" e taxa addicional, por, UM PROFISSIONAL, 1 volume, 4$000.

O VERDADEIRO LIVRO DOS SONHOS — Ou o Echo da Fortuna — Composto pelo systema Rutiliano, contendo 60.000 vocabulos postos em ordem alphabetica e relativos a pessoas, animaes, plantas, fructas, flores, artes e exercito de terra e mar, augmentando com as verdadeiras tabellas rutilianas, a CHAVE DE OURO, os numeros sympathicos a cabala da sibila e outros muito uteis aos jogadores. 1 grosso volume, 5$000.

LYRA DAS CREANÇAS — Interessante collecção de comedias, poesias, monologos, cançonetas, scenas-comicas, dialogos, etc., para creanças de 8 a 12 annos, dos mais festejados autores, cuidadosamente coordendá por José Vieira Pontes, 1 volume, 3$000.

DIREITO E ESCRIPTURAÇÃO MERCANTI — por partidas dobrada, contendo uma longa exposição do Codigo Commercial Brasileiro, por José Augusto do Amaral Sobrinho, 1 volume br., 8$000; cart. 10$000.

LIVRARIA TEIXEIRA

16 — RUA DE S. JOÃO — 16

--- SÃO PAULO ---

Loteria de São Paulo

EM 19 DE NOVEMBRO

100:000$000

POR 16$000

Os bilhetes estão á venda em toda a parte

CURA DA GRIPPE HESPANHOLA

DOCUMENTOS E ATTESTADOS

CARTA DO DR. AUGUSTO MILITÃO PACHECO, ATTESTADO DO SR. EDOUARD BENAIN, ATTESTADO DO SR. ARISTIDES DE ALMEIDA LEITE, ARTIGO ENTHUSIASTICO DO "DIARIO HESPANHOL", ESTE ULTIMO, PELA SUA EXTENSÃO, NÃO SERA' REPRODUZIDO

Seabra.

Fiz uso, bem como todos de minha casa, já em numero de QUATORZE, atacados da "hespanhola", como remedio, da "Grippina". Os seus resultados são MARAVILHOSOS, quer nos casos benignos, quer nos de manifestação mais grave. A tua "Grippina" é um bom remedio. Deves procurar tornal-o conhecido de todos os que soffrem.

AUGUSTO PACHECO. Firma reconhecida.

Sr. dr. Alberto Seabra.

Para maior tranquillidade da população, venho communicar-lhe o seguinte: Em minha casa têm cahido successivamente atacadas da grippe até esta data seis pessoas. Destas, tres estão em convalescença e as outras em excellentes condições. Tomaram exclusivamente "Grippina". E', portanto, um remedio bom, partico e ao alcance das classes pobres. Póde v. s. fazer desta o uso que leh convier, etc.

ARISTIDES DE ALMEIDA LEITE. Firma reconhecida.

En reconnaissance des resultats immediats que j'ai obtenu moi et les personnes de ma famille avec le prodigieux medicament la "Grippina" contre le grippe espagnole, je tiens au benefice du peuple á vous le communiquer et a vous exprimer toute ma reconnaissance.

Veuillez agrée, etc.

EDOUARD BENAIN. Firma reconhecida.

"GRIPPINA", preservativo e curativo — Formula do DR. ALBERTO SEABRA.

Para a convalescença da grippe: "VIGORINA"

Remedio da fraqueza geral e da convalescença (N. 24) — Preço do vidro, 3$000

COMPANHIA PAULISTA DE HOMEOPATHIA

30, Marechal Deodoro — Telephone Central 2798 — Depositairos em Santos: Drogarai A. Leal & Cia. — Pharmacia Colombo

LIVROS INTERESSANTES

ESPIRITO ALHEIO — Anecdotas e episodios de gente de theatro, colligidos por Mucio da Paixão. "Espirito alheio", é um volume de apreciadas chronicas do fino litterato campista, de côr muito local, apreciando factos e occorrencias nossas, atravez da vida theatrl, 1 volume, 4$000.

NOTAS DO DIA — Interessante livro de Affonso Arinos. 1 volume, 3$000.

PARA SER ACTOR — Guia pratico da Arte de Representar, por Eduardo Victorino, ensaiador dos theatros de Portugal e Brasil, 1 volume, 2$000.

GUIA DE MEDICINA HOMEOPATHICA — Por Nilo Cairo, 3.ª edição muito melhorada e consideravelmente augmentada, 1 volume cart., 8$000.

CODIGO PENAL BRASILEIRO — Devidamente annotado com grande cópia de Jurisprudencia do Supremo Tribunal Federal e opiniões dos doutos e todas as leis e decretos penaes posteriores ao codigo, por José Tavares Bastos, 1 vol. enc. 12$000.

DIVISÃO E DEMARCAÇÃO DAS TERRAS PARTICULUARES — Pelo Dr. Affonso Fraga, 2.ª edição revista e melhorada, 1 vol. enc. 10$000.

FORMULARIO DE CASAMENTOS — Conforme as disposições do Codigo Civil Brasileiro, nos art. 180 e seguintes, por Um Profissional, 1 volume, 2$000.

O ELEITOR BRASILEIRO — Formulario e commentario. Lei n. 3139, de 2 de Agosto de 1916, prescreve o modo por que deve ser feito o alistamento Eleitoral e decreto n. 12193, de 6 de Setembro de 1916, dá regulamento á li n. 3139. Leis do Estado de São Paulo n. 1 509, de 17 de Novembro e n. 1564, de 30 de Dezembro de 1916, minuciosamente organisados por UM PROFISSIONAL, 1 volume, 3$000.

CODIGO CIVIL BRASILEIRO — Lei n. 3071, de 1 de Janeiro de 1916, conforme a edição official. Edição annotada e com um repertorio alphabetico, por UM PROFISSIONAL, 1 volume, br., 2$000; encardenado, 4$000.

LYRA POPULAR BRASILEIRA — A mais completa e mais bonita collecção de poesias, modinhas, recitativos e lundu's, dos melhores autores brasileiros e portuguezes, colleccionada por Jsoé Vieira Pontes, 5.ª edição melhorada, 1 volume, 3$000.

ORADOR POPULAR MODERNO — Contendo uma infinidade de modelos de discursos para todos os actos solennes. Colleccionados por S. de L., 1 volume, 2$000.

THEATRO DAS CREANÇAS — Interessante collecção de peças infantis, para creanças de 8 a 12 annos, dos melhores autores, colleccionadas por J. Vieira Pontes, 2.ª edição, 1 volume, 3$000.

SECRETARIO MODERNO — Novo Manual de correspondencia familiar e commercial, por J. T. da Silva, 1 volume, cart., 4$000.

FORMULARIO DOS JUIZES DE PAZ E CASAMENTOS — Contendo: juizes de Paz e suas attribuições, legislação dos Estados, desenvolvimento completo da ACÇÃO SUMMARISSIMA E EXECUÇÃO. Processo do casamento civil, registo de nascimentos, casamentos e obitos, nomeação dos Escrivães de Paz, registo de animaes. Por UM PROFISSIONAL, 1 volume, br., 6$000, cartonado, 7$000.

REGIMENTO DAS CUSTAS JUDICIARIAS — Contendo: Taxa judiciaria. Imposto do Sello, Papel sellado, Imposto de transmissão "inter-vivos e causa-mortis" e taxa addicional, por, UM PROFISSIONAL, 1 volume, 4$000.

O VERDADEIRO LIVRO DOS SONHOS — Ou o Echo da Fortuna — Composto pelo systema Rutiliano, contendo 60.000 vocabulos postos em ordem alphabetica e relativos a pessoas, animaes, plantas, fructas, flores, artes e exercito de terra e mar, augmentando com as verdadeiras tabellas rutilianas, a CHAVE DE OURO, os numeros sympathicos a cabala da sibila e outros muito uteis aos jogadores. 1 grosso volume, 5$000.

LYRA DAS CREANÇAS — Interessante collecção de comedias, poesias, monologos, cançonetas, scenas-comicas, dialogos, etc., para creanças de 8 a 12 annos, dos mais festejados autores, cuidadosamente coordenda por José Vieira Pontes, 1 volume, 3$000.

DIREITO E ESCRIPTURAÇÃO MERCANTI — por partidas dobrada, contendo uma longa exposição do Codigo Commercial Brasileiro, por José Augusto do Amaral Sobrinho, 1 volume br., 8$000; cart. 10$000.

LIVRARIA TEIXEIRA

16 — RUA DE S. JOÃO — 16

--- SÃO PAULO ---

unesp

unesp

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

Redacção	A Paz 245
Afranio Peixoto (da Academia Brasileira)	Outros males 249
Martim Francisco	Viajando (IV) 272
Goffredo Telles Ronald de Carvalho	Poesias 295
Renato Kehl	O que é a Eugenia 300
Rodrigo Octavio Filho	O "Salão" de 1918 . . . 305
Alberto Faria (da Academia Brasileira)	O feitiço contra o feiticeiro 311
Mario Sette	A trança (conto) 345
Do Archivo de José de Alencar	(Cartas inéditas) . . . 348
Galeno de Revoredo, Rubião Meira e Eduardo Monteiro	A grippe e o seu tratamento 351
Antonio Mauro	Lingua vernacula . . . 360
Redacção	Bibliographia . . . . . 362 Resenha do mez 370

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 35 - ANNO III VOL. ~~IV~~ IX NOVEMBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ: — *Adalgiso Pereira* e *Simões Pinto* (Redacção) — *José Maria Lisbôa* (Redacção) — A lenda do "acaso" no descobrimento do Brasil (*Victor Vianna*) — O problema do ferro (*Gil Vidal*) — A Inglaterra e a liberdade dos mares (*A. Chateaubriand*) — A protecção da infancia nos Estados Unidos (*Henri Goy*) — O autor mais lido no mundo (*Ferdinando D'Amora*) — As origens flamengas de Beethoven (*J. G. Prudhomme*) — Os medicos entre os romanos (*Edmondo Trombetta*) — A morta immortal (*Carlos de Laet*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — Quadros do "Salão".

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: PINHEIRO JUNIOR.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **Dr. José Maria Bello.**
Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira,** Bello Horizonte.
Pernambuco: **Mario Sette,** Recife.
Bahia: **Dr. J. de Aguiar Costa Pinto,** S. Salvador.
Ceará: **Antonio Salles,** Fortaleza.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

RESENHA DO MEZ: — *Adalgiso Pereira* e *Simões Pinto* (Redacção) — *José Maria Lisbôa* (Redacção) — A lenda do "acaso" no descobrimento do Brasil (*Victor Vianna*) — O problema do ferro (*Gil Vidal*) — A Inglaterra e a liberdade dos mares (*A. Chateaubriand*) — A protecção da infancia nos Estados Unidos (*Henri Goy*) — O autor mais lido no mundo (*Ferdinando D'Amora*) — As origens flamengas de Beethoven (*J. G. Prudhomme*) — Os medicos entre os romanos (*Edmondo Trombetta*) — A morta immortal (*Carlos de Laet*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — Quadros do "Salão".

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: PINHEIRO JUNIOR.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **Dr. José Maria Bello.**
Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira,** Bello Horizonte.
Pernambuco: **Mario Sette,** Recife.
Bahia: **Dr. J. de Aguiar Costa Pinto,** S. Salvador.
Ceará: **Antonio Salles,** Fortaleza.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Aviso aos Assignantes

Approximando-se o fim do anno, época em que termina a maioria das assignaturas, lembramos aos nossos assignantes que é opportuno fazel-as reformar quanto antes, afim de evitar interrupção na remessa. Para facilitar a reforma, vem abaixo um boletim para ser devidamente enchido. Aproveitamos o ensejo para chamar a attenção dos nossos assignantes para o annuncio da pagina 5 — AOS LEITORES.

BOLETIM A ENCHER

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil" — Caixa 2-B — S. PAULO.

Segue em vale postal a quantia de....., para a reforma da minha assignatura.

Nome.....

Residencia .....

unesp

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS
TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES
BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES
LAMPADAS
1/2 WATT
CHAVES A OLEO
VENTILADORES
PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR
ISOLADORES
TELEPHONES
LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estacão de S. Bernardo (S. Paulo Railway)

Vendedores de fios de algodão, crús e mercerisados

Compradores de Algodão em Caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades, todas do Estado de S. Paulo:

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tietê, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva. Pyramboia, Monte Mor, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de **Algodão em rama** *neste e nos demais Estados algodoeiros. com Representações e Filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul*

Proprietarios da conhecida Agua Mineral

PLATINA

Cognominada A VICHY Brasileira

A melhor agua de mesa

Acção medicinal

A PLATINA, cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

Vendida em garrafas escuras

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central

Caixa postal n. 931

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.
„ realisado. . . .	£ 1.000.000	
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes eidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, eomo tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Afriea do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de eartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, eujas condições podem ser determinadas na oeeasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer eselareeimentos.

Este Baneo, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de **Rs. 50$000,** e com as entradas subsequentes nunca inferiores a **Rs. 20$000,** até o limite de **Rs. 10:000$000** abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabbados, dia em que o Baneo fechará á 1 hora da tarde.

Edições da "Revista do Brasil"

O SACY PERÊRÊ

Bello volume de 300 paginas em optimo papel, contendo tudo quanto corre a respeito desta interessantissima creação do nosso folk-lore, e ornado de numerosas gravuras de pagina.

Preço. . . . . 4$000
Pelo correio . . . . . 4$500

URUPÊS

Terceira edição. Livro de contos, por Monteiro Lobato, com 260 pags., illustrado.

Preço . . . . . 2$000
Pelo correio . . . . . 2$300

NO PRELO:

RINDO, por MARTIM FRANCISCO

Collecção dos melhores excerptos do grande pensador e ironista, acompanhada de notas elucidativas de seu proprio punho.

Vida e Morte de Gonzaga de Sá, romance de Lima Barreto

PEDIDOS A'

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA, 2-B

(Desconto de 20 % aos revendedores)

AOS LEITORES

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobro o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhoria crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuimos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independencia, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse logar. Indica-o a entrada crescente de assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entro nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque épocha.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portanto, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, e que hoje voltamos ao assumpto.

--- ATTENÇÃO ---

Cada assignante que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3$000 levados a credito; angariando duas terá 6$000; tres, 9$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na acquisição das obras editadas pela revista

--- BOLETIM A ENCHER ---

Illmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL

Junto seguem.....$..... importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome) .....
(Residencia)	(Residencia) .....
(Nome)	(Nome) .....
(Residencia)	(Residencia) .....

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de

.....$.....

..... de ..... de 19.....

.....

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & Cia

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

A PAZ

O dia 11 de Novembro de 1918 assignalou uma data memorabilissima na vida da humanidade. Fechou-se um cyclo historico e abriram-se as portas de uma era nova. O que se vae desenrolar d'aqui para diante é absolutamente imprevisivel. A paz amontoa problemas tremendos, muito mais sérios, muito mais complexos que os problemas da guerra. Destruir é facil. Para destruir nestes quatro horrorosos annos de destruição systematica, havia um accordo geral, e havia regras. A experiencia da vida guerreira da humanidade ali estava as mãos de generaes e estadistas para lhes dirigir a acção. Para reconstruir, entretanto, na escala em que é mister, não ha experiencia accumulada que baste, e a volta á normalidade vae ser um tactear doloroso tanto para vencidos como para vencedores. Aos contemporaneos escasseia distancia para a visão perspectiva dos grandes acontecimentos sociaes; e o juizo que elles emittem raro é confirmado pela voz da posteridade. Mas no *quantum* nos é possivel prejulgar do que transcorre sob nossas vistas, o armisticio celebrado entre as nações alliadas e a Allemanha pondo termo á guerra, parece

significar a destruição pela raiz do medievalismo subsistente no mundo moderno.

Completa-se a obra da Revolução Franceza. Ruem fragorosamente as ultimas dynastias por direito divino. Passa de vez o tempo dos imperadores guerreiros, moldados pelo typo classico do conquistador. A democracia vence. A arrogancia do militarismo junker, batida em todos os reductos pela revolta universal, soffre o baque supremo. Renega-o a consciencia do proprio paiz onde cresceu e que tyrannisou.

Allemanha e Austria sacudiram de si a excrescencia monstruosa que as tornou funestas a si proprias e ao mundo. E assim libertados esses povos reentrarão a cooperar na vida do mundo com o vigor e a efficencia que os notabilisaram antes do delirio mavortico. De quanto se tem escripto a respeito pouco se disse mais elevadamente e com mais sobriedade do que Martim Francisco na "Carta a Capistrano de Abreu". Conforta-nos a alma poder trasladar para aqui, em 918, as suas palavras de 917, verificando assim a segurança do seu elevado juizo de historiador desapaixonado.

— "Acompanho, não hipnotizado como pensas, mais interessado como estudante cronico, a marcha da grande guerra. A falta de livraria, corrije-a a memoria (faculdade dos tolos, dizia-a Chateaubriand) insistindo em fornecer-me comparações do *hontem* cimbro, teutonico, herulo e huno, com o *hoje* germanico que malvadamente o totaliza. Quem vencerá? O mais pertinaz. Arrecadará maiores e melhores despojos o governo que, por ocazião da paz, mais preparado estiver para ameaçar recomeço de guerra.

Gastando, numa quinzena, somma equivalente á dum orçamento annual nosso; mantendo o maior bloqueio possivel; ultimando a mais avolumada operação de credito que a historia signala, acumula a Inglaterra accentuadas probabilidades de vitoria. Vitoria na guerra, entenda-se: que propriamente as vantagens sociaes rezultantes da campanha caberão ao germanismo. Dezenvencilhado do correame dos quarteis, e libertado dos desvarios do kaiser, o commercio allemão retomará, no fenomeno da troca, a supremacia que o merecido

fracasso do Marne lhe retirou. Não cessaram immediatamente as depredações de Atila quando, rugindo, se elle retirou dos Campos Catalunicos; morta a féra, os hunos permaneceram no ocidente. Extrahido o cancro—hohenzollern, o germano convalescerá. Cinco annos de sensatez, e a Allemanha reentrará na civilização.

Mas que vespera immensa a que estamos a atravessar! Não li nos annaes humanos outro presente tão cheio de futuro. Acatadupam-se os problemas. O baque do papado turco-islamico, e a consequente retirada do otomano para seu berço aziatico, completarão essa demarcação européa que Salamina revelou, Lepanto defendeu e Navarinos quasi conseguiu. Representar-se-á, outrosim, o segundo ato da emancipação moral da Eurazia; precedeu-o o aprisionamento do Dlailama; seguil-o-á o finamento do papado romano? Bouda, Mahomet e Cristo, serão dispensados de serviço?

E os problemas da aviação? Confiantes nellas e nos respectivos acordos com a eletricidade, já nos podemos preparar para comer pecegos de Montreil em Uberaba e chupar cambucás na torre Eiffel. As viajens aereas, a extinção das alfandegas, a enorme valorisação das terras, o imposto unico e individual, a uniformidade da moeda, a aproximação ás idéas de Aristoteles e S. Bazilio quanto á illegalidade do juro, o suffragio obrigatorio: que serie de corollarios a nascer da aviação? E quanta mudança na movimentação colletiva da vontade! No tablado politico-administrativo a reconstituição da Polonia, a autonomia da Filaudia, o anarquismo conservador da Nova-Zelandia, o estertor do socialismo francez nas febres do campanario, a capacidade progressiva do slavo refutando erro de Augusto Comte: problemas, problemas em marcha batida para soluções inevitaveis! Tudo, porém, será sobrepujado pela maior das revoluções. Não tarda, já de facto começou,a igualdade de direitos.

A mulher: a leiteira que, na preistoria, dentro da caverna, se conservava ao lado da cria emquanto o macho, em defensiva á entrada, vibrava a lasca de arvore e despedia a pedra, espada e artilharia primitivas; emquanto os vizinhos (os

neutros) aguardavam dentre os rezultados do combate a partilha da carne do vencido: a mulher na Europa inteira, está a revelar idoneidade para todos os labores que eram, por decizão do homem, privilegio do mais forte, como tal se elle avaliando.

A aptidão da mulher para todos os trabalhos, que outr'ora lhe estiveram defezos, é hoje verdade incontestada. Sua superioridade analitica justifica as previdentes asserções de Stuart Mill; sua lida é mais delicada, mais honesta que a do homem.

Professora, medica, enfermeira, farmaceutica, hoteleira, guarda-livros, telefonista, mecanica, advogada, tudo isso e mais é a mulher em França; tudo menos eleitora e homem. Uma, jovem diplomada em letras e em direito, está trabalhando no subsecretariado de finanças: é a porta da governação que se abre ao feminismo.

Encerrado o grande conflito, acreditas que a mulher, dezistindo de valor adquirido como capital humano, restitua ao marido mutilado ou ao irmão ensurdecido o emprego em que bem os substituiu? Rezultante dum imprevisto metabolismo social, teremos a luta dos sexos sucedendo á das classes? Não exageremos os receios. Cazo rivalidades apareçam, brandas interferencias politicas renormalizarão a polisecular e inevitavel convivencia; e o mundo continuará a ser o mundo sob o influxo da mais justa e oportuna conquista da civilização: a igualdade de direitos".

OUTROS MALES [1]

São muitos. Se todos devessem ou podessem apparecer, seria este estudo infindavel, e a lista das desgraças do Brasil um caminho sem fim... A ignorancia e a incuria deixaram-nas entrar e aqui as mantem, contra os nossos mais prementes interesses, de vida, contra os nossos mais urgentes deveres, de civilização. Só se contam os maiores, alguns já alludidos, outros que não se devem esquecer. Se estes forem enfrentados e aggredidos, e, nesse dia, certamente vencidos, tudo o mais virá facilmente, só com esse exemplo e essa confiança. A antiguidade classica nos legou a representação allegorica dessa esperança. Depois que Hercules venceu a hydra de Lerna — symbolo pre-hellenico da malaria — foi-lhe uma diversão ao esforço limpar as cavallariças de Augiás...

SYPHILIS: AVARIA

Historico. Appareceu a syphilis no mundo civilizado, ao menos com os caracteres pelos quaes ainda hoje é reconhecida, no seculo XV, sob a forma epidemica, assolando, tão rapida e tão devastadora, que todos os povos da Europa attribuiram o flagello ao seus inimigos. Assim os allemães chamaram-lhe "morbo gallico", os francezes "mal napolitano" e estes, os italianos, ainda hoje se vingam do insulto

(1) Este trabalho devia servir de complemento a outros que a "Revista do Brasil" pretendia enfeixar, em numero especial, sobre o saneamento e hygiene do paiz, numero especial que, infelizmente, não nos foi possivel publicar. Explica-se assim a sua epigraphe. — N. da R.

denominando-a "doença celtica", como se os lombardos não fossem celtas... Quando acabaram de se descompor, lembraram-se os europeus de attribuil-a a America, que acabava de ser descoberta.(*)

Na edade-media, porem, já existia e os arabes a consideravam " grande doença", a qual ninguem se podia subtrahir. Assim foi de facto, até quasi o seculo XVIII, quando Montesquieu dizia que era inutil dissimular um mal, que era de toda a gente. Comtudo foi a avaria perdendo o seu caracter de contagiosidade alarmante, embora guarde, para o individuo atacado e a sua descendencia, se por acaso a consegue, a ameaça terrivel da degeneração e da morte, depois de soffrimentos sem conta. A syphilis ainda é, hoje em dia, a mais perigosa das doenças chronicas.

Causa. Só recentemente, em 1905, foi descoberta, por Schaudinn. E' um pequeno espirilo ou espiroqueta, isto é, microbio alongado, como um pequeno fio sinuoso ou em forma de saca-rolhas. Existe nos productos syphiliticos, cancros, feridas, placas brancas da bocca e das mucosas, por onde se transmitte dos doentes aos sãos que entram com elles em contacto. O treponema pallido — é o seu nome, porque muito custa a se impregnar dos corantes necessarios aos estudos microscopicos — ganha depois o sangue, provoca uma verdadeira septicemia. Finalmente, penetra nos orgãos, onde nas cellulas nobres dos tecidos provoca taes desordens que arruina completamente a saude, sob os aspectos clinicos mais diversos. Doenças do coração, dos vasos sanguineos, do figado, do baço, do rins, do cerebro... são, innumeras vezes, apenas consequencias organicas de infecção syphilitica.

Infecção. A syphilis se ganha pelo contacto da pessôa sã com a pessôa doente, contacto pelo beijo, pelas relações, e até innocentemente, tratando ou convivendo com doentes, se não ha os resguardos necessarios. Os clinicos reconhecem tres periodos na marcha da infecção.

No primeiro periodo, ha a inoculação; cerca de tres se-

(*) Voltaire pôde dizer: "Como quer que seja a syphilis se assemelha ás bellas-artes; não se sabe mais quem as inventou, dão a volta a Europa, Asia, Africa e America..."

manas depois do contacto suspeito produz-se um endurecimento local, sem dor, que cresce, endurece ainda mais e se torna em botão e ulceração superficial, de bordos endurecidos: é o *cancro duro*. Os ganglios lymphaticos proximos se enfartam e ás vezes produzem-se *bubões*.

A ulceração está cheia de treponemas, de grande virulencia e contagiosidade. A's vezes é pequena e passa despercebida, especialmnte nas mulheres.

Depois sobrevem o *periodo secundario*, uma quinzena após a manifestação do cancro: ligeira febre, garganta dolorida, erupção na pelle, chamada roseola.

O germen penetrou no organismo, começam a septicemia, os processos inflammatorios da pelle e das mucosas. Dura cerca de um anno. A's vezes alarmam: é uma felicidade porque o doente procura remedio; outras é benigna a apparencia, o que não impede o horror da marcha consecutiva da avaria.

O *terceiro periodo* sobrevem no terceiro anno, ou mais tarde. Ora, apparecem lesões caracteristicas, tumores ou gommas, que, conforme a reglão, produzem dores e males diversos; ora, desseminados pelo corpo os parasitas, roem e destroem o organismo.

Nenhum orgam poupam e a maioria das doenças chronicas das visceras não passam de lesões syphiliticas. Basta citar um caso: noventa e cinco por cento dos grandes aneurismas são produzidos pela avaria. A paralysia geral dos alienados é apenas um outro nome da syphilis do encephalo. Considerando esta circumstancia não é exagerado dizer que se nós conseguissemos acabar com a syphilis, dois terços dos hospitaes seriam fechados, immediatamente.

A syphilis, tão grave para o individuo, é, ainda mais, para a geração. A fecundação é precaria; quando se dá, o aborto, os abortos successivos, são frequentissimos. Se vingam, as crianças morrem nos primeiros tempos do nascimento. Quando persistem, tarados pela syphilis hereditaria, vão morrendo aos poucos pela vida adiante, com mil degenerações e soffrimentos, se não intervem a cura.

Pode-se dizer, sem exagero, que a syphilis supprime mais

esperanças que todas as restricções immoraes; que a mortinatalidade infantil é, de um decimo, pelo menos, do total dos casos, attribuivel á avaria.

A esses males do corpo, do individuo e da sua descendencia, ajuntem-se os males moraes... Nenhuma desgraça maior, existe no mundo, do que esta doença...

Prevenção. Entretanto, a prevenção contra ella é sabida e facil, e até com o proveito dos que soffrem della: é o tratamento. *O tratamento é a desinfecção da syphilis.* Modernamente esta desinfecção é rapida, commoda, segura.

Antes porem de abordal-a, duas palavras para corrigir, uma vez mais, um velho erro. Quando se fala de saneamento da avaria occorre logo aos levianos uma idea: a *regulamentação da prostituição.*

E' uma medida deploravel e improficua, sob o ponto de vista sanitario. Por toda a parte, onde foi ou vae sendo usada pela rotina (e pelo interesse do funccionalismo que vive a custa della) deixou a fama de injusta, inutil e nociva. *Injusta,* porque dos dois parceiros do acto sexual, mercenario e talvez corrompido, attinge apenas um, a mulher, mais fraco, mas não certamente o mais perigoso: repugna conceder a impunidade ao homem para provocar, contaminar, pelo mesmo facto pelo qual se pune a sua companheira com os vexames da regulamentação. *Inutil,* porque é sempre parte minima da prostituição que se consegue regulamentar: em Paris existem 60.000 prostitutas e apenas 6.000 estão sob as vistas da policia sanitaria. *Nociva,* porque a regulamentação dá falsas garantias que aos incautos impedem as prevenções adequadas, de onde maior perigo real: a segurança é nenhuma. Demais é sabido onde se regulamenta a prostituição publica, augmenta assombrosamente a prostituição clandestina, tanto ou mais perigosa, pela reserva, e indevida bôa fé.

Portanto, não cuidar nesse velho erro.

A prophylaxia publica da syphilis se faz pelo tratamento. O tratamento curativo da avaria não é facil e nem sempre é seguro; o tratamento prophylatico é, porem, decisivo, e facilimo.

Outrora com o mercurio, hoje com os arseno-benzoes (*) (a differença entre os dois modos de tratar resume-se numa imagem: chega-se á meta, com qualquer delles: a carro de boi com o mercurio, a automovel com o salvarsam e seus derivados. Por segurança, talvez se devesse usar de um, tendo o outro á mão) se fazia o tratamento da avaria: lentamente, resistentemente, com um, rapidamente, em duas, tres injecções, com o outro.

Pódem os clinicos discutir se a syphilis terciaria é ou não radicalmente curada pelo arseno-benzol, não ha duvida que nas formas cutaneas, mucosas e septicemicas da infecção, em todos os seus periodos, o resultado é simplesmente maravilhoso. Persistem os treponemas na intimidade dos tecidos? Pelo tratamento continuado, pelos exames repetidos averiguemos, e demo-lhes combate sem treguas.

Um resultado, porém, estará desde logo obtido: o doente tratado pelos arseno-benzoes não é mais susceptivel de transmittir a doença. Porque o primeiro effeito desses medicamentos heroicos consiste em curar completa e rapidamente, todas as lesões cutaneas e mucosas da avaria. E' como se lavassemos da sua syphilis ao syphilitico. Se elle internamente não ficar completamente curado, continue a tratar-se, mas já não será capaz de transmittir pelo contacto a sua infecção.

Para a syphilis as medidas de saneamento são portanto facilimas de execução. Não ha doente que não se queira tratar. As prostitutas são as mais interessadas, porque seu corpo é seu meio de vida. O tratamento deve porem ser posto ao alcance de todos. No ambulatorio dos hospitaes, em dispensarios publicos, abra-se e favoreça-se a consulta, discreta, gratuita, seguida de tratamento, tambem sem custo, e não haverá uma ou um doente que não venha buscar saude.

(*) A Allemanha e seus sectarios usam ainda o **salvarsan** e o **neo-salvarsan**; as Potencias alliadas possuem o **arseno-benzol**, e **novo-arseno-benzol** Billon, identicos e superiores aquelles, o **galyl** (Moneyrat), a **hectina** (Gaucher), o **luargol** (Danysz), preparados em França, e o **kharsivan** e **neo-kharsivan** (Burrhougs e Wellcome), identicos ao salvarsan, preparados na Inglaterra, que dão plena satisfação aos clinicos.

Esses dispensarios contra a avaria são extremamente simples, e de installação muito facil: uma sala, numa rua discreta, sem o espantalho das placas e disticos annunciadores que propalam a vergonha e afugentam os necessitados, um microscopio, alguns corantes, seringas, provisão de arseno-benzoes e um medico, servido por internos e assistentes capazes. No dia em que uma municipalidade qualquer o instituir, todas as outras a imitarão e este simples recurso será o começo da lucta sanitaria contra a mais terrivel das doenças infecciosas chronicas.

Para concluir, resumindo: a syphilis se previne pela contenção sexual, pelo casamento precoce, pela limpeza de costumes e prevenções, nem sempre seguras, quanto ao individuo; publicamente, a prophylaxia da syphilis deve ser feita pelo tratamento facil e accessivel, dos doentes, que é a verdadeira e publica desinfecção do mal.

Os arsenos-benzoes quando não curem radicalmente os casos inveterados — e curam, na dose conveniente e bastante, as formas incipientes, primarias e secundarias — limpam todas as portas de communicação, pelle e mucosas, por onde a syphilis se transmitte. Ainda que os inveterados continuem com o treponema no recesso do organismo, não o transmittirão e, portanto, sob o ponto de vista prophylatico, o exito é completo. A avaria acabará com o ultimo avariado, mas, desde já, não haverá mais novos avariados. Estas noções dominam a moderna prophylaxia da syphilis.

LEPRA

Historico. A humanidade conhece a lepra desde os seus primeiros tempos: sobre ella já a Biblia prescrevia regras de hygiene. Os soldados de Pompeu trouxeram-na da Syria e do Egypto á Europa; nas Cruzadas a importação foi alarmantissima. Foi tamanha a propagação do mal que, por occasião da morte de Luiz VIII, havia na Europa 19.000 lazaretos, para tratamentos dos leprosos.

Ou fosse confusão de diagnosticos, assimilados á morphéa, a syphilis, as sarnas, todas as doenças de pelle, ou esgotamento de virulencia, entrou a infecção a declinar do seculo XV em diante, a ponto de ser hoje na Europa doença

exotica. Pela America se propagou então, e aqui se estabeleceu em muitos focos, temerosos, porque augmenta dia a a dia a sua propagação.

Causa. E' conhecida, ha muito tempo, se de facto é, como parece até agora, o bacillo descoberto por Hansen, em 1868.

Não está apurado como se transmitte, do doente ao são, o germen; tem-se lembrado varios transmissores possiveis; o mais cotado, no momento, é o mosquito. Facto provado é que as ulcerações leprosas, o muco nasal e outros excreta são ricos de germens.

A idéa da transmissão hereditaria perde terreno dia a dia. Nas leproserias de Madagascar filhos de dois lazaros, recolhidos e afastados ao nascerem, não adquirem a doença. Hansen certificou-se do mesmo facto, visitando nos Estados Unidos descendentes de leprosos da Noruega. Naturalmente, a vida domestica facilita a parentes o contagio da infecção.

Infecção. A lepra transmittida por contacto, ou inoculação de agente intermediario, tem, não raro, incubação demorada. As primeiras manifestações são, ás vezes, accessos febris, dores articulares, prurido cutaneo, antes da revelação clara em algumas das formas typicas de — *lepra tuberculosa,* manchas avermelhadas ou escuras na pelle, salientes, arredondadas, duras, lepromas que se ulceram por fim e dão á face o aspecto typico reconhecido, ou — *lepra nervosa* ou *anesthesica,* em que dominam as perturbações nervosas, manchas sem pigmento, erupção de bolhas, deformações crises dolorosas, com anesthesia tegumentar etc., ou ainda, — *formas mixtas*. A doença tem longa duração, de muitos annos, até 10 e 20 e ainda é muito duvidoso o tratamento, apenas palliativo.

Prevenção. Se a lepra não tem hoje o caracter de violenta propagação como teve na Europa durante a idade media, não ha duvida que assistimos nos nossos dias a uma recrudecencia, que póde ser muito grave. Sobretudo na America, cujos focos na Colombia, no Paraguay e no Brasil vão em constante progresso.

No Maranhão principalmente, mas um pouco por todos os Estados, nomeadamente S. Paulo, Minas, Bahia, verifica-se augmento accentuado de leprosos. O calculo official de 5.000 leprosos brasileiros, que Octavio Freitas achou exagerado, é, para Adolpho Lutz, apenas de metade do real. Como quer que seja, a propagação é indiscutivel: em S. Paulo havia no meado do seculo passado cerca de 800 lazaros, tem agora, sessenta annos depois, mais de 2.000 desses enfermos (Belmiro Valverde). Assim por toda a parte no Brasil.

O perigo é serio e instante. Oswaldo Cruz chamou a attenção para elle. A hospitalização dos lazaros é deficiente e sem rigor. Em algumas capitaes ha irmandades que possuem leproserias limitadas a poucos leitos , sobrando nas ruas, convivendo livremente nos logradouros publicos os leprosos restantes, que ninguem isola, por não ter onde os recolher. No Rio a hospitalização é tão sem criterio que a irmandade dá festas sumptuosas, no hospital, a mesarios e ao publico.

Deve ser de regra a *notificação compulsoria, o isolamento*, e a *desinfecção*.

A notificação permittirá conhecer o caso, para as providencias decorrentes.

O isolamento será feito em lazaretos ou leproserias, para os indigentes, a isso compelidos, ou em domicilio, sob vigilancia, para aquelles afortunados que o possam, ou queiram tolerar.

Os Americanos estabeleceram um serviço prophylatico modelo, colonizando os leprosos de Hawaï. Oswaldo Cruz propôz ao Governo da União adquirir uma ilha na bahia de Guanabara, ou alhures, para o isolamento compulsorio de todos os nossos lazaros indigentes, naturalmente dando a esses infelizes trato, diversão, trabalho, compativeis com o seu estado de saude. A benemerita administração sanitaria de S. Paulo preoccupa-se com o caso, traçando solução digna de ser imitada.

O isolamento domiciliar é possivel, se ao leproso reserva a familia apartamento, objectos, roupa, pratos, talheres e convivio separado, com as regras estrictas de desinfecção

de excreta e de objectos contaminados, exercida para execução dessas regras.

Este processo foi empregado na Noruega por Hansen, que, graças a elle, e á hospitalização dos indigentes, segregou os leprosos, dando-lhes meios humanitarios de vida, mas cerceando-lhes as possibilidades de contagio: assim, de 2.883 leprosos que neste paiz havia em 1856, restavam em 1907 apenas 438. Se os enfermos perduravam, casos novos não appareciam. A esta hora serão poucos, e com alguns annos mais estará extincta a horrivel praga.

Não é uma lição e um exemplo?

Permittir que perambulem nas ruas, nos cafés, nos vehiculos publicos, nas salas de espectaculo, não é só um attentado á caridade, que assim os abandona á humilhação de repellente doença, mas um crime, de lesa-saude, senão, um perigo nacional.

TRACHOMA

Historico. O trachoma ou conjunctivite granulosa é uma velha doença, desde muito conhecida no Egypto, na Grecia, na Italia, e propagada a toda a bacia do Mediterraneo, e alem della, pelos Balkans, na Hungria, na Prussia, na Polonia. Os casos não tratados acabam na cegueira, 3 em 4 vezes: no Egypto existem cégos de um olho, 5 por cento, e dos dois, 3 por cento, do total da população.

E' o typo das doenças que a nossa incuria e desmazêlo deixaram penetrar no Paiz, e já numa epocha em que a hygiene bem podia, com o conhecimento de causa, certamente evital-o. Veiu com os immigrantes, italianos, polacos, syrios, que nos procuraram, e que recebemos sem escolha, como recebemos estropiados, aleijões e até loucos, que nos chegam do extrangeiro e que acceitamos, como se não fossem bastantes as mazellas da terra. A consequencia é que o trachoma ganhou o interior do Brasil e já Neiva foi encontral-o nos sertões de Minas, Bahia, Pernambuco.

Nem depois de roubados fechamos a porta: continuamos a receber os trachomatosos que nos procuram; no crivo da immigração nacional não ha tamiz para os indesejaveis...

Causa. A causa da conjunctivite granulosa não está ainda bem apurada, é talvez um animalculo, extremamente diminuto, um clamidozoario, que se propaga do doente ao são, por contagio de objectos ou mãos sujas. E' o trachoma doença da immundicie, do desleixo, da miseria, que se transmitte pela convivencia e uso de lenços sujos, toalhas communs a sãos e doentes, toques de mãos contaminadas, talvez pequenos mosquito que pousam nas palpebras ramellentas dos infectados. Se a miseria e o desasseio pagam o maior tributo, o desleixo pode concorrer para o mesmo effeito nas classes superiores: será sempre, porem, a promiscuidade, a convivencia, a communidade de objectos impuros, a causa de transmissão da doença, dos doentes aos sãos.

Infecção. Pode ser lenta, insidiosa, sem reacção accentuada, apenas um pouco de ardencia nos olhos, lacrimejamento, leve photophobia ou vexame á luz, e, pela manhã, as palpebras colladas nos bordos por um pouco de ramella. Nessa marcha podem occorrer crises de maior intensidade e a opthalmia, ou conjunctivite aguda, se declarar.

E' uma inflammação da mucosa que forra as palpebras por dentro e por fora reveste quasi todas a face externa do globo ocular, com a producção das granulações typicas, arredondadas, translucidas, acinzentadas, no canto dos olhos, principalmente nas palpebras superiores, tambem nas inferiores, acompanhadas de purulencia, vexame á luz, reacções na córnéa e até ulcerações, que chegam a ser muito graves. A retracções cicatriciaes da conjunctiva ou das palpebras, a mesma cegueira, podem ser consequencias do trachoma, doença longa, capaz de remissão, ainda quando bem tratada, tratamento paciente, custoso, prolongado, ás vezes doloroso, raramente de segura efficacia... O trachoma é a infecção reincidente por excellencia: 40 a 90 °|° dos trachomatosos, considerados são, recaem doentes...

Prevenção. A primeira medida de prophylaxia seria, como se faz nos Estados Unidos, é impedir a importação de trachomatosos... Já que a nossa deploravel incuria, ou inepcia sanitaria, deixou que nos contaminassemos, não nos contaminemos indefinidamente...

Depois, teremos de promover, por medidas sabias, a campanha contra essa desesperante enfermidade, que inutiliza tantos homens validos e tanto trabalho dá, para ser mal vencida, quando seria tão facil ser prevenida.

A notificação compulsoria dos casos de trachoma é a primeira exigencia sanitaria: para ella é necessario diagnostico seguro e a tempo. Como a instrucção medica, em materia de doenças occulares, deixa muito a desejar, nos paizes trachomatosos — e é o nosso caso — postos devem ser criados para soccorro, não só de diagnostico, como de tratamento. Haveria mesmo, alem dos ambulatorios, necessidade de hospitaes especiaes, de isolamento, pois nos casos agudos, a media da duração é de 30 a 40 dias, de doença, sendo necessario ás vezes até pequenas intervenções cirurgicas, etc. Nos ambulatorios e hospitaes far-se-ia a educação hygienica dos doentes, para aos sãos não transmittirem a doença: lenços, toalhas, bacias, objectos de "toilette", privativos e exclusivos. A inspecção medica das escolas está a este proposito indicada, para o melhor serviço, reconhecendo os casos desde o inicio e promovendo, com o afastamento do alumno doente, o tratamento delle; aos professores e medicos cabe tambem iniciar e completar a educação hygienica anti-trachomatosa, da população escolar em geral, nos logares contaminados.

S. Paulo foi no Brasil o ponto em que se deu o primeiro alarme contra o trachoma: o numero dos infectados, immigrantes e contagiados por elles, foi tão crescido, que os poderes publicos lançaram-se a uma verdadeira campanha de saneamento á calamidade: em 1908 havia ahi 90.000 trachomatosos sendo 8.000 crianças, para uma população de 2.800.000 homens; nada menos de 40 postos e 300 despensarios emprehenderam a lucta anti-trachomatosa.

Como os resultados não corresponderam á espectativa e aos gastos, foi extincto o serviço.

Cumpre recomeçál-o, mais modesta e mais efficazmente, com a experiencia adquirida.

O Prof. Abreu Fialho propôz, e foi acceito pela Academia Nacional de Medicina, uma conferencia do trachoma, em que os medicos de todos os Estados se possam reunir, com-

prehenderem a extensão do mal, trocarem ideas sobre os meios de o combater e, numa decisão uniforme, emprehenderem não só o tratamento, como a prevenção. Assim seja, e os attenda os poderes publicos e a beneficencia privada, para suprimirmos mais essa desgraça, que faz tantos enfermos e cégos a brasileiros, os quaes, mesmo com os dois olhos sãos, já veem tão pouco, ou tão mal, nesta sua terra...

LEISHMANIOSE: "FERIDAS BRAVAS", "ULCERA DO BAURU"

Historico. O "botão do Oriente" é conhecido, desde data remotissima, no Velho-Mundo; na America, deduziu Rabello, de antigos textos e peças de ceramica dos museus, a sua vetustez no Perú e na Colombia; no Brasil ha authenticação recente, mas o diagnostico retrospectivo pode já recuar a denuncia da doença a um seculo. A *ulcera do Baurú* (Lindenberg, Splendore, Rabello, Carini, Paranhos, Terra...), o *botão da Bahia* (Juliano Moreira, Pirajá da Silva, Cerqueira...), as "*feridas bravas*" da Amazonia (Carlos Chagas, Oswaldo Cruz) e de todo o Brasil, são identificadas hoje á *leishmaniose tropica.*

Assim, muito caso supposto de syphilis, dermatoses anonymas, boubas ou "buba brasiliana", ulceras impenitentes, foram reduzidas a uma só culpa infectuosa.

Causa. E' um parasita diminuto, um piroplasma, chamado *Leishmannia tropica,* descoberto por Wright, em 1903, o mesmo autor certificado do "botão do Oriente".

Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, attendendo á circumstancias que este mal tem evolução cyclica, cura expontanea e é capaz de ser prevendo por inoculação na infancia, como o observou, em Bagdad, Wenyon, o que não acontece á leishmaniose brasileira, reclamam differença de gravidade para a nossa. D'Utra dos casos observados "nos hospitaes do Rio" conclue que 81 % delles são de grave localização mucosa e apenas 18 % cutaneos. Parece que se dá para ahi uma selecção dos casos graves: é opinião de Rabello.

De facto, num foco antigo e importante, Brumpt e Pedroso encontraram 90 % de casos benignos, semelhantes ao botão do Oriente, e apenas 10 % de formas malignas, de localização cutanea e mucosa.

Não se sabe ainda como se transmittem, dos sãos aos doentes, os corpusculos de Wright, productores da leishmaniose: crê-se, com todos os visos de verdade, que seja um insecto hematophago (que suga o sangue), um mosquito provavelmente.

Infecção. A invasão do mal pode ir de alguns dias a meses, sem signaes de alarme; a ausencia de reacção geral, febril ou outra, faz que, só declarada a localização delle no tegumento, pelle ou mucosa, possa haver suspeita. As manifestações cutaneas são botões endurecidos, que amolecem e se ulceram, e corroem, espalhando-se e se aprofundando, ou reparando e cicatrizando. Formas malignas, mutilantes e destruidoras, papilomatosas, e que sangram ao menor toque, escamosas e crustaceas, são communs. As mais graves porem são as formas mucosas, nasal, labial, buco-pharyngiana, laryngéa, palpebral, que alem de irremediaveis, pela gravidade das lesões, ainda o são mais pela improficuidade do tratamento, ao menos até agora.

A leishmaniose é doença chronica, ordinariamente, e nas formas que não se curam á primeira investida, doença grave; nas formas mucosas, gravissima. Enfermos numerosos ha por ahi alem, impossibilitados de trabalho, exhaurindo-se, repellentes, na sanie de suas ulceras, nos leitos dos hospitaes, ou nas esquinas, á caridade publica... Com o tratamento adequado, enorme quantidade delles seria immediatamente restituida á saude.

Prevenção. Emquanto não se sabe qual o insecto hematophago que propaga a leishmania, o recurso prophylatico exclusivo é o tratamento do leishmaniotico, repositorio do virus, assim desinfectado e incapaz de o transmittir. Este tratamento applicado, quasi sempre feliz nos casos mais numerosos, de leishmaniose cutanea, tem, alem disto, a vantagem de suprimir invalidos que, em crescidissimo numero, são encargo serio da economia nacional.

O tratamento é simples e foi descoberto por patricio nosso — o Dr. Gaspar Vianna, infelizmente fallecido precocemente: consiste em injecções endovenosas de uma solução esteril e recente, de tartaro emetico a 1 % em soro physiologico, na dose de 4 a 6 e até 8 c.c., em dias alternados. Alem disto, applicações topicas da solução de emetico. O proveito faz-se sentir, ás vezes, ás primeiras injecções; a antiguidade das lesões exige tratamento mais pertinaz. Nas formas cutaneas é quasi constante o bom resultado; as formas mucosas são mais rebeldes e, ás vezes, insubmissas.

Até pouco tempo tudo isto se ignorava; sabel-o, hoje, é esperança de successo proximo. As feridas bravas, a ulcera de Baurú, são enfermidades curaveis, e agora até com facilidade. Cural-as é evitar a propagação de outras muitas leishmanioses. Ainda ha muito que esperar do tratamento curativo e prophylatico, pela chimiotherapia, iniciada com o tartaro. Se chegarmos ao conhecimento do transmissor, a prophylaxia terá dado outra passo consideravel. Desde já o que ha por fazer, é quasi, como ao Lazaro da escriptura, levantar para a vida e para o trabalho milhares de ulcerosos que ha por aqui, inuteis e a explorar a caridade publica... E apenas com algumas injecções de excellente, facil e barato medicamento.

OPHIDISMO: COBRAS VENENOSAS

Historico. Uma das mais antigas preoccupações da therapeuthica foi acertar o antidoto contra a peçonha das viboras, causadoras da morte, accidental ou criminosa, muito frequentes na alta antiguidade. Os remedios foram sempre de exito duvidoso. Na era scientifica, que é a nossa, foi que se acertou com o especifico contra a peçonha das cobras venenosas.

São estes ophidios numerosisimos no Brasil e produzem, por todo elle, numero avultado de accidentes e de mortes. Calcula o Dr. Vital Brasil, o sabio director do Instituto de Butantan, em 5.000 estas e 20.000 aquelles, annualmente.

Causa. Nem todas as cobras são peçonhentas e nem sempre as especies venenosas inoculam peçonha na mordedura. E' esta a razão pela qual tanta gente mordida de cobra, no interior do paiz, se cura com os remedios mais extravagantes, e até passes e rezas.

Ha porem especies de cobras certamente perigosas e mortiferas. Taes, a cascavel, *Crotalus terrificus;* a jararaca, *Lachesis lanceolatus,* o surucucú *L. mutus,* o jaracussu', *L. atrox,* o urutu' dourado, *L. jaracussu',* o urutu', *L. alternatus,* a jararaca de rabo branco, *L. neuwiedii,* o surucú patioba, *L. biliniatus*... e outros: *L. itapetiningae, L. castelnaudi, L. Lansbergii, L. cotiára,* etc.; a cobra coral, *Elaps coralinus,* a *E. frontalis*...

O maior numero dos accidentes, em todo o Brasil, é produzido pelas jararacas, não só pela sua abundancia como por habitarem mattos e capoeiras, onde, habitualmente, os lavradores fazem roçado para plantação.

As cascaveis, tambem muito abundantes, produzem menor numero de accidentes, pelo facto de existirem de preferencia nas regiões do campo, logares pouco trabalhados pelo homem.

As outras especies determinam accidentes em numero limitado, porque não são abundantes, têm distribuição restricta e algumas são pouco accessiveis ao homem.

Intoxicação. Os signaes de envenenamento dependem da especie de cobra e da quantidade de peçonha inoculada na mordedura.

Ha tres especies de intoxicação: *typo crotalico,* produzido pela cascavel, *typo bothropico,* produzido pela jararaca e parentes, surucucús, urutús, cotiara etc., (*Bothrops* era o antigo nome do genero, hoje *Lachesis*), *typo elapineo,* produzido pelas coraes venenosas.

O veneno crotalico, de formidavel intensidade, se manifesta por paralysias dos membros, que se estendem á funcção respiratoria, com escurecimento da vista, phenomenos nervosos, bulbares, sensoriaes, da mais alta gravidade, quasi

sempre mortaes. As hemorrhagias, quando ha, são secundarias e circumscriptas.

O veneno bothropico é antes congestivo e hemorrhagico; no local, rubor intenso, dor, esphacelo dos tecidos; internamente congestão dos orgãos vitaes, principalmente figado e rins. Nos casos gravissimos hemorrhagias pela pelle e mucosas.

O veneno elapineo é o que produz dôr mais intensa e tem acção mais prompta; o tremor e o exagero das secreções é o seu caracter mais accentuado.

Prevenção. Os primeiros ensaios de tratamento especifico de mordedura das cobras são de Phisalix e Bertrand; Calmette preparou sôros contra as cobras indianas; Vital Brasil estudou os nossos ophidios, isolou-lhes as peçonhas, calculou as doses mortaes, immunizou cavallos e obteve sôros especificos contra as tres especies de veneno.

Na pratica ha, pois, remedios ou *soros anti-crotalico, anti-bothropico, anti-elapineo* e *anti-ophidico*, isto é, resultante dos tres venenos inoculados, na proporção de frequencia de cada cobra, para o caso, não raro, em que não se sabe qual a responsabilidade pelo accidente, pois um veneno não é contrariado senão pelo seu antidoto, especifico. Evidentemente, o soro anti-ophidico, complexo, é menos activo do que qualquer dos outros para o veneno respectivo, mas tem a vantagem de servir contra todos, o que não acontece aos mais.

A applicação do sôro deve ser a mais rapida possivel; após algumas horas, se ha tempo, são ainda proveitosas as injecções. Faz-se a injecção com seringa fervida ou esterilizada, debaixo da pelle, applicando 10 a 30 centimetros cubicos de sôro, segundo a gravidade.

Nova injecção póde ser dada horas depois, se as melhoras não são accentuadas.

O exito é porem de quasi cento por cento, se feita prontamente, na dose conveniente, e o sôro recente e apropriado.

E' o melhor proventivo contra o perigo das cobras peçonhentas. O fazendeiro ou trabalhador rural não deve deixar

de ter seringa e sôros apropriados, renovados por sôros de preparação recente, segundo as indicações do Instituto de Butantan. Aliás a acquisição delles é facil, por que é trocado por cobras, remettidas para estudo e colheita do veneno, e destinadas ao preparo dos sôros.

O melhor seria extinguir as cobras, o que é impossivel; dar-lhes combate em todo caso. A tradição popular indica certas aves (*emas, seriemas, mutuns, acauãs*) como destruidoras de serpentes; o Dr. Vital Brasil testifica a observação popular que um ophidio não venenoso, a cobra mussurana, *Oxyrhopus cloelia*, faz das outras sua alimentação ordinaria. Seria o caso de poupá-la e até criar, para este immenso beneficio.

ALCOOLISMO

Historico. A embriaguez alcoolica é velha como o mundo conhecido. Já na tradição biblica, e por todos os livros antigos ha descripções typicas dos excessos alcoolicos. No Brasil, antes dos colonizadores, já era habito inveterado dos aborigenes: viviam em guerra, caçadas, dansas e libações de *cauim* ou *cajuim*, bebida feita de sumo de cajús fermentados, nome generico, depois, de mais de trinta variedades, fabricadas com todas as fructas silvestres; a mais usada era feita com mandioca mastigada, tambem conhecida por *tiquira*. Póde-se dizer que as doenças importadas pelos descobridores (variola, syphilis etc.) e as bebidas destilladas (*cauim tátá*, chamavam os indigenas, isto é, cauim de fogo, no qual se devoraram...) foram os principaes factores da extincção dos selvagens brasileiros.

Os aborigenes quasi desappareceram, mas o alcoolismo continúa intenso nos povoadores do Brasil, que a elles succederam.

Causa. A causa é o *alcool*, sob mil formas insinuantes, desde o declarado e popular, a *cachaça* ou *paraty*, com os seus disfarces, *gomma, capilé, fernete, pimenta, anis, laranjinha*, até o elegante, aristocratico, peregrino, dos *aperiti-*

vos, vermutes, absintho, licores, vinho de pasto e *sobremesa, cerveja, cognacs, rhum, whisky*... que tudo é alcool, com mais ou menos agua, assucar, essencias, rotulos e custos, mas redunda em intoxicação aguda ou chronica, embriaguez ou alcoolismo inveterado. Se as essencias e outros venenos, alcooes inferiores, collaboram no effeito, o grande criminoso é o alcool ethylico, que entra em dose formidavel em muitos e não falta em nenhum. E' o seguinte o titulo alcoolico das bebidas usuaes:

Cerveja nacional 4 a 6 °|°; vinhos, do Rheno 8,5, clarete 9,5 do Rio Grande do Sul 10,1, Colares 10,8, Sauterne 11,0, Bordeaux 11,3 Champagne 12,5, Bourgogne 13,5, Figueira 14,0, Chianti italiano 14,0, Tinto hespanhol 14,0, Madeira 18,0, Porto 21,0, Xerez 23,0; aguardentes nacionaes 38 a 48; whisky 48, cognac 55, rhum 77 %...

Intoxicação. O alcoolismo manifesta-se pelos phenomenos notorios da embriaguez; pelos da intoxicação sub aguda, que chega ao delirium tremens e á loucura alcoolica; finalmente, que attingem a intoxicação chronica, de muito a mais commum, que deteriora progressivamente todas as funcções e depois todo o organismo, systema nervoso, apparelhos digestivos e circulatorio, produzindo degenerações e esclerose, facilitando o accesso ás infecções, principalmente á tuberculose. No moral o alcoolismo corrompe a sensibilidade, a intelligencia, a vontade, tornando o bebedor insuportavel no seu meio domestico e social.

As estatisticas provam que o alcoolismo intervem em 33 % dos casos de morte nos hospitaes, sendo em 10 % a causa principal e em 23 % a accessoria. Não se contam os casos de *para-alcoolismo,* em que a tuberculose, a pneumonia a febre typhica, a colera, os traumatismos se aggravaram ou foram fataes, porque os doentes eram bebedores. A mortalidade destes é tres vezes maior do que a da população em geral.

A loucura alcoolica é um terço do total dos casos de alienação mental; 30 % dos suicidas são alcoólatas; dos criminosos encarcerados 40 % praticaram o crime sob a influen-

cia immediata da bebida; em 100 bebedores, todos possiveis criminosos, 66 chegam certamnete ao crime.

Soffre e se degrada a geração; o alcool é nocivo ao embrião, ao feto, á criança, mais ainda que aos adultos. Os filhos que vingam aos bebedores são sujeitos a convulsões, meningite, epilepsia, e, como idiotas, imbecis, epilepticos vão, inevitavelmente, para o hospital ou para o hospicio, não raro pelo caminho da prisão.

No Brasil bebe-se espantosamente.

Faltam-nos estatisticas, directas, de producção e importação, mas ha as indirectas de consumo: no Rio de Janeiro a quota de loucura alcoolica é de 24 % (Duque Estrada), de 28 % (Afranio Peixoto) ou mesmo 32 % (Henrique Roxo) do total dos alienados, como Paris ou Vienna, Londres ou Petrograd. No norte do paiz os abusos são ainda maiores, pois não ha o derivativo do café. Oswaldo Cruz testemunhou que na Amazonia se abusa de alcool "de maneira incrivel". "O consumo delle é ahi fabuloso".

Isto é tanto mais perigoso quanto, nos climas quentes, o alcool tem acção muito mais deleteria, do que nos temperados e frios: nestes elle se emprega em produzir calor; aqui, desnecessario este seu effeito, se torna em estrago do organismo. Combustivel que faz o calor nos paizes frios, aqui e nos paizes quentes applica-se em destruir e queimar o motor humano. E' por isso que os habitantes do norte da Europa, que se embriagam methodicamente na sua terra, durante a vida, morrem em poucos annos nos paizes quentes, se conservam os mesmos habitos.

Desgraçadamente, os bebedores nacionaes habitam o Brasil, clima quente, onde o alcool os mata muito mais depressa. De todas as nossas imitações civilizadas é a mais funesta.

Prevenção. Os recursos são varios e nem sempre de efficacia bastante: devem pois ser tentados todos. Enumeram-se:

1.° Taxa elevada de imposto para o alcool de bebidas, sob todas as suas formas, difficultando-lhe o uso, permittindo

premiar o alcool desnaturado, para fins industriaes. Sob o governo de Witte a Russia diminuiu a sua bebedice, obtendo folgas orçamentarias consideraveis com o imposto. No Brasil, já para auxilio da industria do alcool desnaturado, já para applicar na instrucção publica, egual medida foi insistentemente proposta pelo illustre sr. Miguel Calmon.

2.º Reducção do numero de casas de retalho do alcool, tornando menos facil a obtenção delle, o que promove menor consumo. Na Suecia e Noruega a medida surtiu resultados beneficos, em pouco tempo.

3.º Rectificação dos alcooes, reduzindo a toxidez das bebidas, pelo monopolio ou fiscalização do Estado.

4.º Protecção das bebidas succedaneas, não alcoolicas, leite, suco de fructas, xaropes, refrigerantes.

5.º Propaganda hygienica nas escolas, nos livros, pelo cinematographo, pelos cursos, pelas conferencias.

6.º A educação sanitaria, complementar e essencial a toda educação, e que, como esta aliás, está por se fazer no Brasil.

A Grande Guerra teve ao menos isto de bom: tornou os Europeus mais sóbrios e temperantes; a nós, nem este beneficio ella nos fará...

CONCLUSÃO

No fim dessa penosa, mas salutar excursão, pelas "doenças do Brasil", que são as de toda a parte, quasi de todo o mundo, mas que aqui a nossa incuria e o nosso desleixo deixaram que vingassem, como se fosse dellas a terra e a ellas destinada a gente, cumpre, antes da campanha nacional, da cruzada de saneamento que vamos, que devemos ir emprehendendo, firmar umas tantas idéas geraes.

Não existem doenças climaticas, "doenças tropicaes", doenças fataes de latitude, como a prevenção européa admittiu e a nossa ignorancia, se não pretextos de nossa preguiça, o acceitaram commodamente. Todas ellas são doenças causadas

por germens especificos, sem os quaes não existem, germens conhecidos, combatidos, evitados. As condições physicas, quando muito, facilitam a propagação, em certos logares. A febre amarella dissemina-se mais facilmente nas zonas peri-equatoriaes, porque ahi habita de preferencia o estegomya ou aedes, o mosquito transmissor; ella póde entretanto assolar a Hespanha ou a Argentina, eventualmente, em certas epochas propricias: ahi, porem, como na zona intertropical, não ha a temer taes mosquitos, se elles não tiverem doentes onde recolher o virus para o propagar. A extincção da febre amarella independe da extincção dos seus propagadores, para a vida dos quaes concorre a tepidez do clima tropical.

Que tem a ver o clima com a febre amarella, se a soubermos, como soubemos, extinguir pelo isolamento dos infectados e expurgo dos mosquitos nelles contaminados?

A ancylostomose existe nos paizes temperados, porque o ancylostoma, como o necator, exigem, para viver, taes e quaes condições de calor e de humidade. Não será uma doença climatica? Lembrem-se que nas regiões quasi frias, minas de carvão da Belgica, do norte da França, da Westphalia... ella campêa desassombrada. Embora o clima, nos buracos das minas e dos tuneis occorrem taes condições de calor e humidade. O clima, portanto, não só não é causa, como nem mesmo as condições fortuitas de quente e humido; a causa é o ancylostomo, é o necator, que devem ser expellidos dos verminosos, que não devem ser depostos no solo, para não infestarem os sãos, que se tornariam verminosos. Emquanto pensarmos em clima, calor, humidade, irremoviveis, descuramos do timol e do oleo de chenopodio, das latrinas e fossas para receber os dejectos, do calçado para proteger os pés, sobre tudo da educação hygienica do povo, que essa fará o milagre total da preservação da saude.

O clima, se concorre para a saude, é como causa accessoria, nunca determinante. E tanto o clima quente, como o clima frio. Neste, o rheumatismo articular agudo é doença grave pelas consequencias, naquelle o alcoolismo é intoxi-

cação grave pela concorrencia: os autores porem desses males são um germem microbiano e um veneno ingerido, sem os quaes não ha uma nem outra desgraça. Não invectivemos o clima, innocente, porque, emquanto isto, nos escapará á sanha o culpado, perfeitamente evitavel e evitado, se o quizermos.

Não existem tambem doenças fataes de raças, raças fortes e raças fracas, como credulamente suppomos. Não nos extasiemos admirados ante homens grandes, brancos e corados, nós que somos pequenos, morenos e pallidos... Isto não significa coisa alguma. São caracteres ethnicos ou adaptativos do homem ás condições do habitat, e não, como parece ao lyrismo ignorante, signal de decadencia e degeneração. Os povos peri-equatorianos e tropicaes e ainda dos paizes temperados, são menores, de compleição mais franzina ou delicados, que os habitantes das zonas extremas: ninguem dirá que um patagonio vale um cubano, nem que um amarello japonez é inferior a um vermelho moscovita. O valor historico das raças é feito pela civilização intellectual, como o do homem pela educação technica, em qualquer latitude, seja qual for a longa adaptação mesologica que se chama raça. Que importa a nossa procedencia? Educados, civilizados, os brasileiros serão um povo digno, dos mais cultos e mais esforçados do mundo. Em vez de discursarmos sobre as tolices sovadas da decadencia latina e das raças inferiores que não são aryanas, eduquemos e civilizemos os Brasileiros, que elles serão eguaes ou superiores a quaesquer povos nobres do velho mundo.

Pasmados na contemplação da cultura européa, não imaginemos que esse é um privilegio do seu clima ou do seu povo que jamais poderemos attingir: a Historia nos ensina que todas as civilizações tiveram por berço as regiões quentes e dellas se irradiavam para os extremos do planeta. Da India, para o Egypto, para Grecia, para Roma... Do Perú e do Mexico... Ella refluirá, se o quizermos e o soubermos querer e a primeira condição della será a restituição dessa salubridade que perdemos, por incuria, desleixo, pre-

guiça e principalmente o prejuizo dessas idéas accommodaticias, de clima, raça, decadencia, com que nos consolamos da mágua e nos despensamos do trabalho.

A saude, primeira condição da felicidade de viver, é uma conquista do genio e do trabalho humano. A natureza não se oppõe a que a alcancemos. Só ha entretanto um meio de conseguirmos, e facil, se for pertinaz: trabalhando!

AFRANIO PEIXOTO,

Professor de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

VIAJANDO (1)

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

De Roma a Florença. Março, 9.

— Diluculo. Na estação. Despedidas. Abraços de novos amigos que, de tão bons, já me parecem velhos. Despacho de malas aos tombos. Gritos e gratificações. Tezos, olhando cada um para a propria importancia, quatro soldados lembram anonimos indicados para qualquer cargo eleetivo. No vagão quatro logares vazios, e uma americana com joias falsas e marido verdadeiro. Fi! fi! fi! fi! Run! run! run! run! Parte o trem. Adeus, Roma. Até a volta, Tibre.

. . . . . .

— Sucedem-se estações que, de pequenas, passam a inviziveis, obrigando á suspeita de dezastre sempre que o comboio pára. Repetem-se villas mortas e cidades amortecidas. Dormem as povoações ao clarão dum sol duvidozo. Não se vê uma criança. E' domingo, sei disso; devo imaginar, porém, que entre Roma e Florença a semana se compõe de sete domingos.

Alegro-me, ao almoço, porque o café não está pessimo e o vinho é qualificavel. Assentam-se-me em frente um polaco e um italiano. Não me cumprimentam; não se cumprimentam; possivelmente não se conhecem. Observo-os,

---

V. a **Revista do Brasil** de agosto, setembro e outubro.

porém: parecem-se tanto! Desconfio de que sejam irmãos por parte de pai. Quem sabe?

— A' direita, longo, algo verde, o lago Trazimeno. Fecho os olhos e abro a memoria para bem ver, no pensamento, esse decimo terceiro embate entre a argucia do punico e a defeza do romano. Terrivelmente assombroza a calma aproveitadora de Annibal! Tudo lhe foi oportuno: uniram-se, arregimentaram-se, para lhe entregar a vitoria, a vaidade temeraria de Flaminio, o nevoeiro prolongado, a estreitura do caminho lateral, a manobra da cavallaria descendo das montanhas de Cortona e completando o estratagema pela utilização inteira da emboscada. Afogados os fugitivos. Acorrentados os prizioneiros romanos. E mais seis mil legionarios, e ainda quatro mil auxiliares, cercados e escravizados. E o inverno annullando as consequencias dessa artifieioza manobra que Bonaparte, sempre mentirozo, insinuava haver imitado na batalha terrestre de Aboukir.

Abro os olhos. Já tão longe o lago! Tudo em paz. A' portinholla dum dos compartimentos, sobraçando tres jornaes uniformes no tamanho, e olhando-me sem se queres capacitar de que eu fosse eu mesmo e estivesse fóra de Santos, o Antonio Leal, antiga afeição e aceitavel cliente. Bom e inesperado encontro.

— Chegada. Barulho. Trambolhões de malas. Tudo como na partida? Peior! Minha mulher e a italiana conferenciam brandamente, pensando uma falar em italiano e outra responder em inglez. E' a primeira vez que isso lhes sucede. Por diferença de dois terços de minuto não vamos os quatro parar em Bolonha. Reclamante, um guarda da estação gesticula como um moinho.

Em Florença. Março, 10.

— Vantajozamente aproveitei metade de hontem e metade de hoje. Installei-me em hotel confortavel, logicamente asseiado. Deixadas as malas na estação, nelle penetran-

do com meros intuitos culinarios, dirigi-me ao lavatorio para dezempoeirar as mãos e o rosto. A toalha estava suja. Rezolvi ficar nesse hotel. Toalha suja denuncia gente limpa, gente que lava as mãos; toalha limpa denuncia gente suja, gente que não lava as mãos. Ou isto é a verdade, ou a dialetica não existe. Ninguem se deve aboletar em hotel cujos lavatorios tenham toalhas limpas.

.....

— Florença é muito menor que S. Paulo e muito maior que Santos. Terra de pouca indolencia; sete horas da manhã e já irracionaes e racionaes correm ao trabalho! Mesmo á noite os sinos se fazem despertadores. Boa carne. Estreitas no centro, largas e embellezadas á proporção que dalli se afastam (melhoramento cuja maioridade foi retocada á custa dos protocollos que S. Paulo provocou e o Brazil pagou), ostentam as ruas velhos e grandes palacios. Falassem suas paredes, e quanto segredo medieval desvendado! Quanto brilho da Renascença reacendido!

Florença... cavallos magros. Automoveis baratos. Dezoito mil réis por terno de roupa que, lá no Rio, custa sessenta. Furtos moderados. Jardim rodeando a quarta parte da cidade e terminando como numa foz, na Praça Miguel Angelo, donde se domina, em fulgentissimo espetaculo, o Arno, volteadamente simpatico, como que puxando as cazas que lhe estão encostadas, mas dividindo a cidade meio a meio.

Florença: terra pequena com arte grande. Não é cidade para movimentos civicos; capaz de rezoluções artisticas, é incapaz de revoluções populares. Aqui a preocupação do bello sobrepuja á do feio e á do bonito. Aqui quem não produz copía; ser copista é uma profissão rendoza quando competentemente exercida. Não ajustei por preço baixo uma reprodução, soberba! da celebre **Casta Suzanna** de Guido Reni a externar, num mesmo lance fizionomico, o medo, a surpreza e o pudor; nem me ficou de graça uma miniatura da **Flora** de Ticiano.

Tem, tem uma feição excessivamente original esta cidade recheiada de copistas.

Aconselhando-me. Março 11.

— Nunca é demais, aqui, o uzo do sobretudo, e é sempre de menos o da desconfiança: muito illudem em Florença artistas e constipações. Não passam de miscellaneas de quarta classe, com bustos vulgarissimos de Augusto e Tiberio, umas expozições particulares onde aristocratas de unha larga e bolso vazio premeditam passar para os estrangeiros vizitantes, por alto preço, ruindades muito baixas. Numa dellas o guia, praticante do engodo, me instruiu haver Demostenes nascido em Siracuza!

Indispensavel a impozição de silencio logo que o guia enterreira, para a venda, o elogio de qualquer estatua; sua agencia é tão ameaçadora como a de coraes em Napoles e a de mozaicos em Roma.

Cumpre não falar, nem bem nem mal, de Dante. Respeitado o meio esquecimento em que permanece, nas cogitações da classe média, a memoria do poeta, não ha risco de agitação antigebelina ou antiguelfa. Na duvida abstemte: ensinou Simonides, e repetiu S. Agostinho.

. . . . . .

Galleria degli Uffizzi.

— Nunca subi tanto por tão pouco. Por meia lira de ascensor estive tres horas num mundo interminavel de colleções artisticas, de raridades, de maravilhas. Alli, crescente o interesse de momento a momento, se encadeiam as surprezas, cativada a atenção, atenuado o cançaço pelo deleite.

Sim. Muito exato isso; mas como redigir esta nota? Fosse a confuzão um programma, e facil seria o trabalho! Saia lá, porém, o que sair: tudo me serve. Fui á **Galeria** buscar impressões, e não catar expressões. Relido, este

"diario" me recordará, na adeantada velhice, um por uma, as revelações artisticas e as instruções historicas que, ao acazo, fui vendo, admirando, armazenando para meu uzo intellectual, nesta Florença inolvidavel.

— Não discuti, assevero-o, a pouca comida e as roupas anacromicas da reproduzidissima Ceia de Veronezo. Aceitei, por insubstituivel, o pardo terreo de Ticiano, preferindo-lhe, nos retratos, a fidelidade vivaz do Tintoreto. Lembrei-me da meninice da fluminense "Diva", quando enxerguei a embaraçada **Venus** de Lorenzzo de Credi. Não rezisti á vontade de unificar a **Esperança** dos Paolliolos a dezesperado bilhete da loteria de S. Paulo. Compreendi que a **Annunciação** de Lionardo da Vinci já era, para Nossa Senhora, fato sabido e resabido. Achei innegavel a similhança do auto retrato de **Vandick** com a fizionomia animada e simpatica do deputado Flores da Cunha quando não diz que está calmo.

Extaziou-me aquella taça de jaspe donde **Hercules**, valentissimo, dezafia a hidra de Lerne, que é a propria taça! Parei, olhos acezos, deante daquelle camafeu, pequeno de tamanho, inexcedivel de gesto, donde o nariz, os beiços e o queixo de **Savanarola** se estão a arrojar contra tudo e contra todos.

Voltei ás salas habitadas pela pintura e pelo marmore. Não me arrependi. Nas costas do moço helleno tentando arrancar o **Espinho** que lhe maltrata o pé esquerdo, constatei a perfeição da arte grega no conhecimento osteologico do corpo humano; restaurada, a cabeça o foi tão acertadamente que, mesmo prevenido, o observador discute a originalidade inteiriça do trabalho.

— Avizado por importuno, cuja conversação ladra me enganara a espontaneidade com que pretendia, desde a Villa Adriana, admirar a **Venus de Medicis**, não me poude alliviar da sentença que condamnou Cleomenes á increpação dos entendidos por a finura das feições haver, na sua espoza de Vulcano, preterido algum tanto a apetitoza lar-

gueza da estetica. Meiga, proporcionada, gracioza, a deuza mais parece uma noiva; apaixona, encanta, mas deziste de adoração. A elegancia veste a arte; não a totaliza, porém. Agradavel, muito agradavel a **Venus de Medicis.**

Dezagradavel, dezagradavelmente espantozo, não tendo em todo o corpo um pedacinho que não ruja irritação, damnado, frenetico como um colletor convidado a prestar contas, mas sincero e veridico até os limites possiveis da veracidade e da sinceridade, é aquelle **Javali,** conhecidissimo pelas cópias, desconhecido quanto ao autor. O assanho, a ira, a raiva, todas as irrupções da colera se convocaram para uma reunião violenta naquella singular revelação de competencia artistica! Ninguem a vê sem erriçar os cabellos. Ninguem a deixa sem lhe guardar a imagem.

Antiteze, inesquecivel tambem: do javardo passei ao genio. Estacionei deante daquelle olhar brando e profundo, verdazulado e docil, desse **Lionardo da Vinci,** filozofo, poeta, estatuario, pintor, mecanico, fiziologista, sociologo, previzor do balão, profeta do vapor, e que valeu, elle só, por uma vanguarda na legião dos intellectuaes da Renascença. Uma superioridade dessas dimensões, especialista em enciclopedia, enriquece uma nação, fertiliza uma epoca, valoriza a humanidade inteira!

— Um derradeiro prazer mental; devo-o ao poliartista Boticelli quazi ao dizer á **Galeria** as minhas despedidas. Na "Delação" de Luciano de Samosate, deus literario que incessantemente cultúo, ha uma descrição da calumnia tão pormenorizada e bem feita que, suponho, pela primeira vez, então, a calumnia não foi calumniada: pela primeira vez a justiça da critica reconheceu nesse sentimento as elogiaveis provocações á energia e á vitoria da verdade. Do alegre sirio extrain o melancolico gravador florentino uma tela exigua e complicada, interessante a despeito da frieza do colorido, captadas as ideas damhos nas tradições desse Apelles de Efezo (não é o do Cós), immortal quazi morto em consequencia duma calumnia. Boticelli

pinta o que Luciano escreve. Nem por a quantidade de figuras embaraçar o observador, o merito do quadro dezaparece.

Assim penso.

A "Calumnia" é uma das vitimas da malicia, da malvadez e da malignidade do bicho-homem. Filha respeitoza, mãe amantissima, eternamente fiel ao seu programma e leal aos seus compromissos, nunca, por mais que lhe variassem as circumstancias, esqueceu ella a gratidão devida á "Persistencia" e á "Meditação", suas inevitaveis protetoras desde o berço. Note-se: a "Verozimilhança", sua infallivel collaboradora em todas as emprezas, della não tem, jamais teve, o minimo resquicio de queixa.

Genealogia da "Calumnia"? Mas é tão conhecida! Neta do "Despeito" e da "Inveja", nasceu, filha do "Embuste" e da "Fraude", na caza paradiziaca de Adão, Cain & Cia.; padrinho lhe foi o "Odio", madrinha a "Pouca Vergonha", gente que alimenta a afilhada mesmo durante o somno.

Solteira, nem por isso deixou de arranjar familia, e com ella sáe á rua todos os dias, todas as horas. Que luzida procissão! Dis-se-á uma teoria completa ao templo de Delfos! Que porção de pessoas notaveis! Ao lado da genitora, mas querendo olhar ao mesmo tempo para todos os lados, zoupeira, medroza mas caprichoza, a "Maledicencia" piza sem que seus passos sejam ouvidos mesmo pelos tizicos em decimo gráu; atrás, mas ao alcance da mão materna, a "Discordia", meia edade, ventas abertas e olhar avermelhado, segue carregando inventarios, procurações e promessas eleitoraes; afastadas, guardas-costas, promtas para o que der e vier, a "Colera" e a "Covardia", ameaçadora esta, reconcentrada aquella, não perdem de vista a marcha sobranceira da "Calumnia". Só isso? Não. Ha ainda, na peça, dois comparsas. Com toga de juiz, mas tendo por baixo um poncho de caipira, a "Ignorancia", uma

duzia de metros antes do prestito, consultando de vez em quando as ordenações do Livro 5.º, sentencia que a sociedade abra alas para a "Calumnia" passar.

E segue. Acompanha-a, cadenciando-lhe a marcha, zumbindo, com todas as qualidades necessarias ao dezempenho do seu papel de mosca varejeira, a "Mentira", irrequieta, importuna como um caloteiro profissional. Aonde vai? Algumas vezes á moradia da "Lizonja", sua prima irmã pela linha diabolica; outras em vizita á "Intriga" e ao "Mexerico", parentes cujo desconceito os afasta de convivio muito ostensivo. Quando doente, e por isso obrigada a ser mais sedentaria e menos foliona, consente a "Calumnia" em receber a vizita do "Arrependimento". Raras vezes, porém, isso sucede.

.....

— Repito: não desgosto da "Calumnia" como elemento de dinamica social. Eliminem-na, e que será da verba secreta? Das subvenções? Desse sonho de egualdade que equipara o bom ao máu, o limpo ao sujo, o desfalque á prestação de contas?

Talvez me eu engane. Talvez. Confesso que não a conheço bem, e, si bem recordo, só uma vez nos encontrámos. Foi no fôro, e ceremoniozamente nos cumprimentámos. Disse-me ella ter eu, por perverso e mais ou menos infame, sido enviado para o Paraguai logo que houve a declaração da guerra. Contente, mandei reproduzir a noticia em varios jornaes. Inutilidade! Ninguem acreditou que, ainda impubere, eu houvesse batido a esquadra de Solano Lopez.

Não é licito, pois, atribuir a interesse a consideração que tenho pela "Calumnia". Nunca me prestou o minimo serviço.

A proposito da Flora.

— Reparo na miniatura comprada a Nimes Mashione, feiinha artista, mas competente em copias de coizas bonitas. Perfeita.

Ha, communico isto ás minhas duvidas, tres perfeições na belleza, correspondentes a tres provincias deliciozamente habitaveis na região do amor: a belleza que chama, a belleza que prende, e a belleza que mata: a pudicicia da **Flora,** o sorrizo da **Gioconda** e os seios altos, rijos, unidos de **Venus.**

Quando me observam que confundo escolas, misturo feitios, comparo heterogeneos, respondo que, em arte, o que me contenta é a sinceridade da emoção. Alli, na **Galeria dos Officios,** a alma se fortalece na certeza de que o bello e sublime independem de classificações que, como em geologia, só existem para facilitar mnemonica. Por sobre todas as escolas pairam o bello que é a expressão do verdadeiro, e o sublime que é o bello grandiozo. Inspiram-nos a mulher, a religião e a patria; servem-nos, acolitando-os, a intelligencia que é a compreensão, o talento que é a competencia, e o genio que é a supremacia. Na Iliada, a maior expansão da sicologia humana, ha a concomitancia destas tres determinantes: a belleza de Hellena, a ingerencia da divindade e o sentimento incipiente da patria grega. Daí sua preeminencia: daí o conceito de haver Homero inventado e delimitado a epopéa.

— Estas considerações estão um pouco quentes. Para que fiquem de acordo com os oito acima de zero que está o centigrado a marcar, e porque noutra pagina falei do Paraguai, fecho a nota de hoje assinalando que, em Iguape, em 1865, um homem se suicidou para não ir para a guerra. Já é ter previdencia! Matar-se para não morrer. Como fica a perder de vista a maginação de Homero! Si elle era cego, e Iguape vê tão longe!

De manhã — Galeria Pitti — Março, 12.

— Salas entre vastas e enormes. Cheguei cedo, e fui entrando em assunto. Excellente, empolgante, o busto de **Napoleão** por Canovas. Dá vontade de a gente pactear pazes com o grande bandido, escriturando-lhe ainda algum

saldo de gratidão por se haver prestado a similhante obra de arte. Vale mais que uma batalha aquelle busto; é uma vitoria da intelligencia sobre a fórma. Um pouco depois...

Se eu me pudesse esbofetear! Alli na segunda sala, como obra completa mas em realidade simples estudo, estava um **S. Pedro-ermitão.** Mas eu o conheço! Mas desse mesmo quadro um estudo menos adeantado eu, tolo, recuzei por trezentos mil réis em Santos. Recordo, recordo. Vi-o numa agencia de loteria, gerida por mocinha parladora; discutimos; consultado o Larousse, voltei decretando que se tratava dum S. Jeronimo, cópia doutro de Dominiquino. Encasqueton-se-me isso na teimozia. Ha grande distancia a separar um ignorante dum tolo? Em mim não houve: fui ambas as coizas.

— Fartei-me de Rafael. Mobiliara o espirito com consultas e motivos, de maneira a quazi ocupar a atenção, na Galeria Pitti, com esse, o mais joven, dos tres pintores extrageniaes da Renascença. Fartei-me? Modo errado de dizer. Tudo tão bonito, tão leal, tão encantador, porém tão uniforme! Repetem-se as virgens; o manto azul chega a importunar a vista; os anginhos parecem procissão de gemeos. Até no riscado do vestido a **Gravida** repete **Madalena Doni; Angelo Doni,** reproduzindo os cabellos e a cara de Rafael, demonstra que os retratos, feitos por um grande artista, sofrem sempre a influencia do seu ideal.

Cança tanta insistencia nas figuras e nos pretextos, nos temas e nos accessorios. As "Annunciações" parodiam-se; parodiam-se as "Ascenções" e as "Sacras Familias". Mania correta, bellissima, porém mania. O rosto joven e as feições finissimas de Sanzio resurtem no retrato do **Cardeal Donzi** (sala de Saturno); a **Fornarina** é, quando menos, sobrinha da **Virgem** (sala de Jupiter).

Genial, Rafael, porém limitado, circumscrito. Afaste-se dos seus proprios modelos e, já não sendo o mesmo Rafael, dar-nos-á o retrato de **Leão X** com a tradicional papada, estando um dos vultos accessorios a olhar inconscientemente para a moldura, e, mais, aquella motineira **Vizão**

de **Ezequiel**, com relativa justiça desterrada para a sala da Justiça. Mantenha-se, porém, no seu proprio modelo, e seu genio ignorará o erro; exemplo: aquelle retrato de **Julio II**, o pontifice intelligente, de feições quazi tão encantadoras como as do artista.

Assim penso. E' este o meu juizo. Mas que é o juizo afinal de contas? Coincidencia da tolice propria com a loucura geral.

No correr do dia. Correndo. Fiezoli.

— Em Florença, quem quizer fazer a barba não conte com barbeiros; quando existem, estão dormindo. Si for cazado, compre uma navalha mecanica e peça á mulher que o barbeie; si for solteiro, caze-se.

. . . . . .

— Ninguem vá a Fiezoli sem grande sortimento de adjetivos laudaticios. Duas horas de prazer, ida e volta, substituindo-se os descortinos com uma variedade festival. A natureza ri. Ha contentamento em todas as coizas. Bosques de ciprestes trocam seguidamente de fórma, fingindo a pressa do automovel mudar-lhes a direção. E o caminho vai rodeando, de longe, muito de longe, Florença lá em baixo, no valle que se alonga até que a vista o perca. Bellissimo! As chacaras trouxeram-me alguma lembrança das da Laranjeiras, menos a violencia verde de nossas arvores.

Fiezoli está lá em cima, quieta, com sua fabrica de chapéus, cujos preços, fazendo a gente perder a cabeça, dispensam a despeza de qualquer compra. Fiezoli tem, em util prejuizo de Florença que para lá os empurra, mendigos em abundancia; pedem esmola rindo, não sei porque nem disso lhes exigi explicação. A mendicidade é um problema que cada um de nós estuda em si mesmo; o verbo pedir é, quiçá, o unico que a gente aprende sem mestre. Cada qual o conjuga como entende.

. . . . . .

— A Catedral (1028), respeitavel pela edade e por mais nada, mostra orgulhoza uma tela, largamente quadrada, atribuida a Antonio Paolliolo — o **Martirio de S. Romulo,** padroeiro protetor da estacionaria localidade. Nessa boa obra de arte está, com vizivel porém não rizivel constrangimento, o martir, com ademanes interrogativos, a perguntar aos moradores de Fiezoli: "Si eu não me poude proteger, como hei de proteger a vocês?"

Penalizou-me o sofrimento do santo. E não era a primeira vez que isso me sucedia: que essa historia dos martires cristãos confunde sempre o meu espirito e tritura por inteiro as minhas noções de logica. Que fossem espancados, queimados, eliminados da lista dos vivos, réus de lezo-messianismo como Arnaldo de Brescia, João Huss, Jeronimo de Praga, Giordano de Bruno e outros perfidos imbecis que negavam a arimetica da Santissima Trindade, a astronomia de Jozué, a harmonia divina da presciencia com a previdencia e outras verdades mais claras do que a agua da Cantareira quando está toldada: compreende-se: fizeram opozição ao governo do mundo e sofreram o castigo da praxe. Mas que S. Romulo, e antecessores e sucessores seus em crenças, apanhassem pancada porque gostavam de Jezú-Cristo: é incrivel, horrorozamente incrivel! A mais elementar lealdade estava a aconselhar que, poderozo como consta que era e é o filho do Todo-Poderozo, interviesse, quando menos chamando a policia, e livrasse o santo do papel triste que reprezentou, abandonado que esteve pelo divino amigo ao qual se dedicára!

Falo convencidamente. Não uzo vinganças, nem criei o mundo: mas filho meu, que concordasse em ser esbordoado, não mais me entraria em caza. Não gosto de quem provoca, menos porém de quem recúa. Abandonando seu filho na ocazião do perigo, firmou Deus um pessimo precedente, que Cristo imitou em relação ao pobre S. Romulo, cujo martirio me aborreceu conforme eu escrevi, lacrimejante, no paragrafo anterior.

Mais Fiezoli.

— Com seus sete mil habitantes, suas prozapias de primitiva cidade etrusca, do que allega, pensando que exibe, alguns vestigios que a delicadeza manda aceitar como incontestaveis, é hoje Fiezoli um nucleo humano singularissimo. Tudo alli conjuga o verbo parar. O relogio da Matriz, para dar meio dia, gastou contadamente um minuto e quatorze segundos.

Num hotel onde pedi dois calices de licor, esperei vinte minutos para ser atendido por um velho francez, criado já pervertido pela localidade; veiu afinal; demorou quazi outros vinte minutos para se cobrar do pagamento, que lhe fiz em moeda ingleza. Custei a reconhece-lo quando me trouxe o troco. Tinha envelhecido tanto!

Atendendo ao pessoal e aos assuntos das mezas proximas, notei que as conversações eram vagarozas. Ninguem em Fiezoli tem pressa. Não creio que haja lá precedente de criança nascida aos sete mezes. Si mudassem para Fiezoli a nossa Pagadoria do Exercito, poderiamos ficar devendo á pequena, simpatica e pachorrenta cidade a inauguração de saldos orçamentarios. Todos os pagamentos começariam no exercicio futuro.

Dialogando.

— Que mais dezeja? perguntou-me, segregando sillabas, o velho criado francez.

— Radagazio, respondi, rapido, sem vacillar.

— Não temos cá no hotel, nem o senhor encontrará por aqui por mais que procure.

— Admira! Sobram-me razões para jurar que o degollaram num dos morros mais proximos, ha mil quinhentos e doze annos.

Fitou-me o bruto negligentemente. Coçou a testa, e com lentidão compassada se foi aproximando ao gerente, um vesgo magrinho que parecía virgular as expressões com

o movimento dos queixos. Confabulámos os tres. Que o crime a que me eu referia era de todo desconhecido na localidade, não convindo á gerencia do hotel intervir nas suas consequencias: foi o rezultado a que chegámos. Aceitei-o.

— Mas si o senhor sabe quem foi o assassino, porque não nos diz? observou-me o gerente em tom de censura.

— Stilicon, respondi fechando carranca, e retirando-me emquanto o homem annotava não sei o quê numa carteira dificilmente tirada do bolso.

.....

Na Italia é de cincoenta por cento a média dos analfabetos; de setenta por cento é a de S. Paulo. Um italiano, rezidente em Fiezoli, ignorava fato fundamental da historia da cidade! Ha tempos, um vice-prezidente do Estado de S. Paulo mandou perguntar ao ministerio da marinha si, em Santos, a quarentena era para os navios que entravam ou para os navios que saíam.

— Quinze minutos no "Mozaico Florentino", rua Fratelli Bensini 2. Serviço modelar; cincoenta operarios aptos, contentes, cortezes; o guincho das limas cortando o marmore e o timpano; a calma na escolha dos materiaes; a aplicação dos fragmentos, em frente ao modelo consultado pelo olhar; e tudo tão perfeito, tão demonstrativo da divizão do trabalho!

E adeus, Fiezoli. Até quando?

A' tarde.

Volto. Atravesso ruas limpas, denotantes de edilidade honesta, contribuinte fiscalizador, contas publicadas, povo briozo, linha divizoria, em summa, entre cofre publico e unha particular. Nem um funcionario tem, em placa, o nome nas esquinas. Gente implacavel!

— Disfarçadas em jornalistas, e dizendo-se do **Petit Journal** de Paris, agrupando-se para as despezas excursionistas, chegaram ao hotel quarenta e quatro pessoas. Das vin-

te e duas pertencentes ao sexo feminino, todas são antigas; nem uma, porém, uza meio fio de cabello branco. Uma se retirou do jantar carregando garrafa de vinho; outra embrulhava um raquitico ananaz. Gente dispensavel. Gente antipatica, a entrar continuamente no quarto do quazi banheiro. Vinte e duas mulheres sem uma criança; que têm feito ellas, ou que fizeram das crianças? Uma franceza que me avulta á direita é, possivelmente, homem; aquillo foi esperteza para fugir ao serviço militar. Ha caras que deveriam pagar indemnização a quem as encontrasse.

A' noite.

— No commodo "Teatro Maximo" que dá entrada, no minimo a uma pessoa, no maximo a tres mil, ouvi maviozos versos, de quando em vez com poezia, do hoje popularissimo Sen-Benelli.

Era espetaculo promovido por estudantes em favor de orfãos feitos pelas balas otomanas. Muito barulho. Pouco entuziasmo patriotico. Apartes pilhericos dum grupo academico dissidente da festa. Caza cheia.

O que houve de melhor no espetaculo foi a collaboração da platéa. Num explendido intervallo, quando ator barbado e categorico lia, com entono de baixo profundo, telegramma de San-Benelli explicativo de não comparecimento por doença, das ultimas filas da segunda classe, e imitando a voz do ator, uma espectadora pediu "bis". O telegramma teve releitura. Mios duma atriz mocinha e já com os dentes cariados (chamava-se Tempesti, e tinha na boca bastantes destroços) eram commentados por espirros. Rapaziada alegre, forte, fumando na platéa, conversando fraternalmente com a policia, e com ella solidificando a arte dramatica italiana! Cinco liras de entrada...

Tumulos. Bellarminos. — Março, 13.

— Nunca fui influenciado por intenções funerarias; eis porque me limitei, na egreja de **Santa Croce**, dos duzentos

BIBLIOTECA DO I. L. H. P. ★ ASSIS ★

e alguns tumulos que a ocupam, a vizitar os tres que mais estudiozamente me interessavam. Bom, alto, aproximado a imponente, mas sem a propalada suntuozidade, é o mauzoleu de **Miguel Angelo;** sente-se, todavia, que a memoria do artista invade o edificio inteiro. Justo, commovedor, expressivo em sua longa inscrição, o de **Galileu...**

... Com orelhas de burro tem comparecido perante o tribunal da posteridade o cardeal Roberto Bellarmino, juiz-commandante da perseguição ao descobridor dos satellites de Jupiter e do anel de Saturno, ao inventor da balança hidrostatica, do termometro, etc. Foi jezuita, e já algumas vezes escapou á canonização, perigo ao qual eu me acho arriscado. Traz a data de 26 de Maio de 1616 sua advertencia ao sabio Galileu de que lhe não seria consentido doutrinar que a terra se movia ao redor do sol.

Ora o Bellarmino! Ora os Bellarminos!

Nas suas meditadissimas "Questões Naturaes", Seneca, contemporaneo de Cristo, cogitára do movimento da terra sem receber mandado de prizão. O paganismo, só por motivos ocazionaes, uma ou outra vez processou delitos de opinião, e rarissimas vezes perturbou o exercicio do livre exame. Aos anatemas, ao terror do inferno e á exploração mais recente do purgatorio foi o ocidente euraziano devedor dessa vertigem de uniformidade que paralizou durante dez seculos ,pelo menos, o desdobramento normal do progresso. As disciplinas a chicote, as indulgencias, as onze mil virgens bretãs, a ascenção da quinquagenaria mãe de Jezús com roupas que a aviação já está modificando em prol da decencia, um dedo do Espirito-Santo mostrado aos fieis em Jeruzalem: mas que porção de sandices! Por não as acolher no raciocinio foi Galileu recolhido á cadeia. Assim o quiz Bellarmino, o cardeal.

— Bellarmino é um tipo universalizado. E' uma instituição generalizada na literatura, na siencia, nas artes, nas secretarias, em todas as profissões, na politica sobretudo. A aquiescencia permanente e o faro adezivo ao vencedor, a previzão de lucros, esse como sentido da orienta-

ção orçamentaria: constituem para Bellarmino uma fôrma que lhe modela a existencia inteira, significando uma evidente denuncia da pessoalidade. Mas ve-lo é conhece-lo; observa-lo é reconhece-lo.

Solemne, sua falta parecendo um intervallo ao seu silencio, deixando sempre o assunto por discutir, saindo-lhe as frazes como obsequios concedidos aos ouvintes, é adoravel a mescla de altivez e de bonhomia com que Bellarmino profere: "A chúva humidece o solo", "Muitas recommendações á exma. senhora sua mãe", "Hoje mais do que nunca", "Os interesses conservadores da sociedade exigem que fortaleçamos o poder constituido", e outras desse teor que, em auto-tarifa, o convencem cada vez mais de excesso do proprio merito! Peçam-lhe colloraboração numa poliantéa, e, desdenhozo de gesto, certo, todavia, da gratidão do porvir, Bellarmino produzirá em letras corredias: "Presto minhas homenagens ao illustre homenageado", e datará essa revelação de suas divicias mentaes consciente, algidamente consciente, de haver salvado a patria e as batatas.

Bellarmino não sabe literatura, mas ouviu dizer que ella existe; não leu Tacito; pratica-o, porém, ficando ao lado da maioria sempre que prevê e teme perigos sociaes. O partido dos unanimes, esse que o oligarquismo fundou no Brazil em 1895 e cada dia mais se espapaça, traduz no mundo politico o permanente ideal de Bellarmino.

Ponderado, ponderozo, figura obrigada nas associações de mão-morta, grave, retraido desde os bancos collegiaes, como aquelle nullo filho de nullo, que Dumas esteriotipa no "Processo Clemenceau": Bellarmino, feliz ou infeliz na campanha da vida, com ou sem achaques na seriedade, sem ou com suspeitas na reputação, acaba irremissivelmente sua carreira neste valle de lagrimas... tendo uma herma no jardim de Palacio e o nome numas das praças de Conceição de Itanhaen.

Os Bellarminos...

— O busto sagaz de **Machiavel**, encimando-lhe o monumento funerario, prendem-me a atenção num pouco do passado paulista. Cinco contos de réis pagou o erario estadual, ha dezoito annos, por folheto da lavra de Alexandre d'Atri contendo o sensacional asserto de que varios chefes do partido republicano liam no original o "Principe", havendo-lhe decorado innumeras paginas.

Os Bellarminos! Os Bellarminos...

Varios e Varias.

— Por ser das mais antigas, aprezenta-se a egreja de "S. Lourenço" como a mais antiga de Florença; sua reconstrução, porém, traz no batisterio a data de 1425. Outra mania das construções italianas é a de que cada uma é a maior de todas. No **Castel Vechio**, hoje Camara Municipal, mais uma vez me informaram estar eu na maior sala da Europa.

Maior, porém, do que a sala das sessões foi a alegria com que me vi fóra della! Si, durante as informações que democraticamente me forneceu um ajudante ou auxiliar do secretario, e que autenticavam a lizura e a clareza do manejo de todos os serviços municipaes, o homem tem a má lembrança de pedir que lhe eu noticie como vai de saude a edilidade para a qual contribuo com os meus impostos em dia: que atrapalhação! Tinha eu de confessar-lhe que o municipio de Santos, metade em população ao de Florença, arrecadando dez milhões de liras annualmente, sem obras publicas em andamento, gasta metade da renda em serviço de dividas flutuante, externa e outras. Mas o italiano foi convenientemente discreto. "Milagrei escapozamente!", como exclamava o sarcastico conselheiro Brotero.

— Em "S. Lourenço": a tribuna de cristal, brancomarmorea, trabalho de Donatelli; o largo pulpito, em bronze, ladeado de relevos, com as principaes scenas da vida de Cristo; a figura de **S. Damasceno**, quazi a falar, reclaman-

do, suspeitei, contra as da **Aurora** e da **Noite** que lhe ficam fronteiras, e que inauguraram o nú nos templos do ocidente; o **Genio da Vitoria**, intrepido, vigorozo, mas cuja cabeça, duvidoza de sobranceria, pela primeira vez desloca Miguel Angelo da altura de Miguel Angelo: foi o que vi e trouxe para este diario".

Mais prolongada foi a minha estadia na "Academia das Bellas-Artes". Giotto e sua insistencia na vida de **S. João Baptista**; Cimabue e sua dezagradavel maneira bizantina: pouco tempo me tomaram. De duas obras, relativamente moderna uma, objecto de acirrados debates outra, fizera eu o programma da vizita. Mantive-o.

A grande tela de Bezzuoli — **Entrada de Carlos VIII em Florença** (1494?) está a crescer diariamente de observadores e de aplauzos. Abundancia de fizionomias; variedade de personagens e de sentimentos;o respeito, a apoteoze, a alegria, o desprezo, a vaidade: tudo, tudo diferenciado numa policromia vivacissima! Alli, até no olhar dos cavallos, os pensamentos se distanciam, divergem as preocupações!

— Na sala espaçoza, a segunda, onde o marmore em enormes blocos vai deixando aparecer e gemer imaginados prizioneiros, lá no fundo, debaixo da cupola, completo, grande, proporcional, se ergue o **David** de Miguel Angelo. Têm, é exato, a inexactidão do cabello curto e crespo das divindades pagãs, mas aquelle olhar é semita, semita é aquelle nariz quazi imperfeito. Mais firme na perna direita, membruda, retezada, o moço vai, com a mão esquerda, puxar a funda, puxa-la instintivamente. A direita agarra a pedra, nervozamente a aperta. O conjunto do rosto, porém, delibera, sabe o que quer, quer o que sabe; os olhos, esses, marcam, alvejam. Um homem, uma vontade, uma rezolução, uma ação: tudo completo: eis o **David**.

Não domina como o **Moizés**; interessa, perdura, persiste. E' a obra do talento em sua transição para o genio.

Numa praça.

Uma centena de pessoas ouve discurso dum gordo zarolho. Verbozissimo, um jornal estendido no chão para que do auditorio lhe atirem moedinhas de cinco ou dez soldos, promtifica-se o homem a discursar de improvizo sobre qualquer assunto.

Interrompi-o com uma lira e a palavra — "Brazil". Rapido, derramou o parlante um diluvio de frazes toleradamente connexas. Viagem de Pedralvares, belleza da baía do Rio de Janeiro, via-férrea de Paranaguá a Curitiba, futuro de Matto-Grosso, riqueza de S. Paulo, elogio e reinado de Pedro 2.º, hospitalidade brazileira: esses temas todos, atravessou-os o improvizador sem descarrilar numa reticencia, sem tropeçar num engasgo. O auditorio, crescente, oprimia-se aos empurrões; a lira correra em boato, agitando o espanto geral. Uma lira por um discurso! Na Italia! E o orador proseguia sem pauza, sem rouquidão, sem copo dagua. Aceitavel. Quazi bom. Eis, porém, que melhora, perorando com a seguinte fraze: "Quantos patricios meus, tendo daqui partido com a consciencia perturbada por erros na vida, talvez por crimes, encontraram no Brazil, alem da regeneração pelo trabalho, a saude e o dinheiro!?"

. . . . . .

— Onde esse zanagá quarentão se instruira de tanta coiza a respeito do Brazil? Onde? Fôra talvez, quando joven de onze a dezenove annos, quando nitidamente lhe trabalhava a fotografia da memoria, immigrante subvencionado; talvez um daquelles em cuja tabelleta o primeiro algarismo, escrito em uma linha réta, se prestava a ser alterado para o numero dois, de modo a engrossar, para contratantes e politicos intermediarios, pagamentos por ocazião do ajuste semestral de contas. Manhas administradoras de minha terra, iniciadas no ocazo da Monarquia a pretexto de substituição do braço, mas vorazmente dezenvolvidas pela impunidade irascivel do matriotismo republicano!

O que é certo é que esse orador popular conhecia teorica e praticamente o nosso problema de colonização. Tinha incotestavel preparo.

Ardil.

— Incidentes. A' porta da egreja de **Santa Croce**, quando reclamei faltar mendiga pedindo esmola, appareceram immediatamente tres; uma dellas, cega, ao receber uma pratinha, agradecen-me em francez dizendo: "Merci, madame."

— Ninguem, em Florença, me elucidou algumas duvidas que encontrei aqui e aqui deixo. Por exemplo: porque tem o nome "Gambrinus" o melhor restaurante que é possivel imaginar: estalagem grande onde tudo é grande: a quantidade de comida, a banda de muzica, o luxo, a boa vontade dos criados, e só são pequenos os preços? Que tem ou que teve o inventor da cerveja, marido ou quazi da Izis egipciaca segundo legenda, com o macarrão e a vitella do hotel Gambrinus? Outra incerteza: porque razão o "Paraizo" de Dante influiu mais, muitissimo mais, na pintura italiana, em todas as escolas de pintura italiana, do que o "Inferno" aliás mais lido, mais discutido, mais poetico, indiscutivelmente mais genial? Ainda: que determinantes incentivos tem a policia florentina, afavel, atencioza nos outros pontos da hospitaleira cidade, para nas estações das vias-ferreas proteger escandalozamente rapinagens e espertezas no transporte de bagagens? Póde o passageiro ajustar quanto quizer, com designado carregador, preço, prazo, entrega, transporte, despacho, etc.; á ultima hora, guinchando, gesticulando, são inevitaveis a reclamar pagamento tres ou mais carregadores! Dúvidas! Dúvidas Quem não as padece? Dum perplexo, fallecido cheio dellas, varejou Parni em tradução de Curvo Semedo:

Partiu hontem daqui quazi á noitinha,
Para ver se podia noutro mundo
Ver-se livre das dividas que tinha.

. . . . . .

— Teria eu de todo perdido a sagacidade? Lidei com tanta gente sem lhe notar diferenças fizionomicas? Mal communiquei ao gerente do hotel a rezolução de partir amanhã para Veneza, comecei a saber que todos os criados da caza, simplesmente todos! tinham estado ao meu serviço! E sem eu os ver, sem os chamar, sem siquer suspeitar que houvessem nascido! Todos.

Um fôra comprar os bilhetes á estação mesmo antes de eu annunciar a viagem; outro me levara os jornaes da manhã do primeiro para o segundo andar; uma criada tomára a roupa, que outra levára e outra engommára; um hercules loiro, que pela primeira vez me apparecia, ajudára um meio hercules a pôr as minhas malas á cabeça. Decizivo, um menino me entregou a conta do hotel; modestamente contrafeito, allegou um outro haver aberto a portinholla do carro quando eu chegára de Roma. Parente do porteiro requeria gratificação porque auxiliara o cunhado, que da calçada me endereçava olhares ambiciozos, no encaixotamento duma estatueta de Rabeca, paga mais do que realmente valia. O irmão do gerente, porque me recommendara um guia, aliás toleravel, murmurantemente cicion que me não esquecesse eu delle. Era um nunca acabar de gratificações!

Silenciei minutos. Refleti. Organizei meu plano de defeza. Com voz cavernoza e rosto entristecido implorei do gerente conferencia urgente para negocio rezervado.

Com incidentes que, tambem, a imaginação me forneceu, contei-lhe haver perdido no jogo seis mil seiscentas e sessenta e seis liras, e pedi-lhe cento e oitenta e quatro, por emprestimo, para ocorrer a despezas de viagem a Veneza, prometendo, sob palavra de honra dobrada de juramento, reembolso efetivo dentro em vinte e quatro horas. Pedi perfeitamente bem; pedi como se não tivesse feito

outra coiza desde que começára a uzar mamadeira. Pedi como um jornalista da opozição. Apavorado, pallido, retirando-se de frente, receiozo de que lhe eu agredisse os bolsos pela retaguarda, "que não! que não!" ora gritava, ora balbuciava o infeliz.

Cinco minutos de colloquios na saleta da gerencia. Retirada do inimigo. Autonomia de minha carteira. Na Italia, um bom meio de afungentar larapios é pedir-lhes dinheiro.

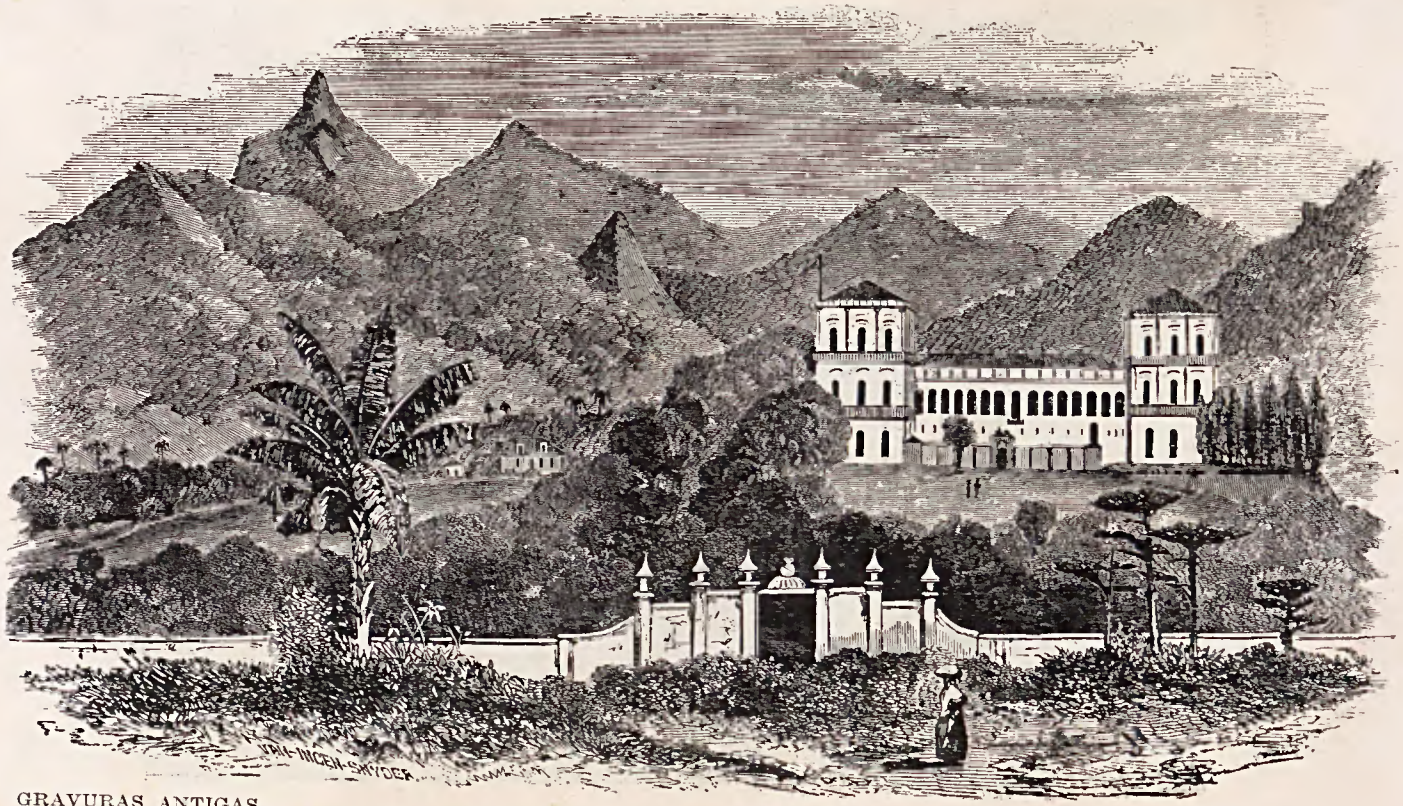
Na Italia só?

MARTIM FRANCISCO

(*Continúa*)

GRAVURAS ANTIGAS Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

D. PEDRO II



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Palacio da Boa Vista (S. Christovam)

POESIAS

ORGULHO

Fui ver o morro azul, o teu, que te conhece;
Cheguei alem da ponte, á beira do declive...
Mas ouve; e ao menos finge um pouco de interesse,
Pois nem sempre se tem a sensação que eu tive.

Foi orgulho? Talvez, mas foi orgulho e gozo.
Era de tarde. Olhei o sol em agonia.
E ao longe, o mundo inteiro, o mundo prodigioso
Parecia brilhar na tarde que cahia.

Não rias, meu amor, da insensatez dos crentes.
Eu via o mundo ao longe, os rebanhos, as vinhas...
E eu senti avistando as planicies ardentes,
Que as riquezas da vida eram minhas, só minhas.

Eu olhava de longe as murtas e os acanthos,
Eu via as capitaes no horizonte profundo.

A tarde ia morrer com seus silencios santos...

E eu extendi a mão sobre as cousas do mundo.

ELLA

E' mais leve que uma idéa,
E' uma mulher borboleta,
Com audacias de Phryméa,
E abandonos de Julieta.

A PRISÃO

A grande lua ri-se entre nuvens de incenso.

Deixo a fronte pender sobre o livro esquecido,
Prendo a fronte nas mãos, fecho os olhos...
E penso
Que ella tem seios nús atraz de seu vestido.

Sinto a noite em redor. E' tarde. Não ha bulha.
Ninguem, nem uma voz. E ha rumores tranquillos.
Sons d'agua mansa, ao longe; e emquanto a agua marulha,
Trila dentro da noite a musica dos grillos.

Eu queria fugir de meu sonho. E por isso
Fiz os sonhos da noite entrar pela janella.
Não quero viver preso, humilhado e submisso,
E uma mulher não vale o que se faz por ella.

A lua grande ri-se e parece que escuta.

Faço então contra o sonho um esforço perdido,
Mas só descubro emfim, depois de tanta lucta,
Que ella tem seios nús atraz de seu vestido.

SINCERIDADE

Depois do beijo, ella me disse duas phrases.

Ella me disse que eu já tinha alcançado e que eu ia esquecer. Que eu partiria alegre e sem remorso, pensando d'ella o que se pensa das cousas faceis d'este mundo.

Contestei sem temor a phrase triste...

Mas eu me ri por ver que era verdade.

Ella me disse: "Pode ser, entretanto, que a mim pareçam tristes as saudades do beijo que eu te dei. O amor nasceu, o amor melhor e differente ... E eu penso em mim no dia de amanhã".

Calei-me então. Olhei-a longamente...

Mas eu soffri por ver que ella mentia.

A SURPREZA

E' o caso que succede em caminhos montezes.

Vae-se andar. Vae-se andar sem rumo, quando ás vezes,
Um vento que soprou sem se esperar por isto,
Faz passar no caminho um perfume imprevisto.
Leve como um segredo. E' uma aragem distante
Que visitou jardins e desfolhou rosaes...
E' um perfume que dura ás vezes um instante,
Que vem para fugir e que não volta mais.
Mas nasceu de um canteiro e traz numa caricia,
O sonho da verbena e a tristeza da clicia.

Dura um momento só.

Que importa. Num momento,
Recebe-se em visita o perfume do vento;
E sem saber porque, tem-se o alma commovido,
Por uma inquietação de amor e de chimera...

. . . . . .

Ella veio. Ella entrou em minha vida
Como um perfume azul de primavera.

GOFFREDO
T. da Silva Telles.

QUE É A EUGENÍA?

Não são poucos os que ignoram a significação e os fins da nova sciencia, baptisada por Galton com a bella denominação de EUGENÍA. E, não ha de que se envergonharem, porque, si esta divindade surgio já de ha muito na constellação de Minerva, só ha bem pouco ella veio a ser conhecida e reverenciada entre nós. A sua apparição nos dominios dos nossos estudiosos originou, como em outros paizes aconteceu, a formação da religião que tem por escopo prégar preceitos eugenicos dentro do seu dogma: — a saude integral do corpo e do espirito.

A definição da Eugenía é curta, os seus fins é que são immensos: — é a sciencia do aperfeiçoamento moral e physico da especie humana. O homem perfeito é um homem feliz; a sociedade de homens felizes seria o ideal. Para que este ideal se realize cumpre ir plantando desde já as sementes que nos fornece a Eugenia.

Eugenizar quer dizer seleccionar a especie humana, fazendo com que o planeta se povôe de gente sã, isto é, sã moral e somaticamente. Quando ella se expurgar dos individuos doentes, incapazes, criminosos e amoraes; quando a terra for habitada por — bem gerados, eugenisados, — o que não é utopia — então os descendentes de Adão viverão no Eden terrestre depois de haver, tão cruelmente e por millenios, pago o peccado original.

Utopia, porque ? Si hoje é de pratica corrente a selecção de animaes e vegetaes ? Quem não conhece os resultados surprehendentes colhidos pelo zootechnistas no apuramento das raças cavallares e bovinas? Backwell, illustre criador inglez, não conseguio obter um typo de gado com o maximo de carnes e o minimo de ossos ? Outros, pelo apuramento de qualidades optimas, não teem obtido selectivamente bellos especimens de cavallos, que primam pela força ou ligeiresa ?

As plantas prestam-se admiravelmente para experiencias de selecção e os plantadores variam ao seu capricho até o sabor das fructas, não se contentando com a polychromia deslumbrante das flôres creadas pelas suas phantasias.

Porque nós homens, atomos da humanidade, não havemos de melhorar a nossa propria raça, tendo em nossas mãos — a bagueta magica — da selecção, que são as leis da hereditariedade, no dizer expressivo de Darwin e outros muitos ensinamentos biologicos, comprovadamente, indubitavelmente valiosos como se verificam entre plantas e animaes ?

Eugenía é a sciencia da bôa geração. Ella não visa, como parecerá a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de — *gentes feias.*

Seus objectivos não se restringem a callipedia, isto é, ter *filhos bonitos.*

A belleza é um ideal eugenico. Mas a sciencia de Galton não tem horizontes limitados; ao contrario, os seus intuitos além de complexos são de maior elevação; ella não é sómente como um buril esculpidor de bellezas plasticas, para gandio das nossas satisfações artisticas, para a inspiração divinisante dos poetas ou a exaltação phantasista dos pintores de imaginações ardentes e de tintas magicas.

São demonstrações eugenicas os versos fulgidos dos poetas que cantam a belleza de olhos alegres e talvez mesmo tristes. como os de Luiz Edmundo:

Olhos tristes, vós sois como dois sóes no poente,
Cançados de luzir, cançados de girar,
Olhos de quem andou na vida alegremente
Para depois soffrer, para depois chorar.

O fetichismo poetico de José Bonifacio, o moço, fel-o cantar na lyra o pé:

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,
De tez folha de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso;
Um pé de matar gente e pisar flores,
Namorado da lua e pae de amores !
Um pé, como eu já vi, subindo a escada
Da casa de um doutor;
Da moçoila gentil a erguida saia
Deixou-me vêr a delicada perna.
Padres, não me negueis, se estaes em calma,
Um coração no pé, na perna um'alma.

São exteriorisações de sentimentos eugenicos os traços do pintor que representa na tela deusas da formosura. São eugenicos os contornos que o cinzel do esculptor entalha no marmore reproduzindo o ideal plastico da fórma. Entretanto a Engenía não se restringe á elevação das perfeições que se exteriorisam, quando se sabe que muitas vezes... "por fóra filó, filó, por dentro pão bolorento !" Ella tem a visão do exterior, porem a sua mira de atilada agudesa deseja a representação completa da perfeição esteriotypada na belleza moral e somatica. A Eugenía quer a uniformidade dos homens segundo um padrão, com indice optimo de robustez.

A implantação da Eugenía corresponde ao estudo das gerações passadas, ao computo das energias das presentes para a salvaguarda do futuro da humanidade. Si os principios pregados por Galton, germinando como temos a absoluta certeza que estão sendo, frutificarem, então o triumpho do eugenismo reservará aos nossos descendentes o mais bello porvir.

Não somos utopistas. Na phrase de illustre scientista, pode-se taxar de utopia todo projecto ideal de futuro social que elaborado pela imaginação de um homem, falho de base sã e real, vá de encontro á natureza humana e dos resultados da experiencia, e não tenha por consequencia nenhuma *chance* de successo. Da mesma fórma que para o futuro social, appliquemos para o nosso caso a definição de utopia e vejamos: a Engenía é uma idéa realisavel, pois a sua base é sã e real. Ella não vae de encontro á natureza humana e aos resultados da experiencia; pelo contrario, e sobretudo temos a mais absoluat confiança no seu successo.

Mas, dirão os leitores, quaes as lanças que empunharão os eugenistas para combater os factores degeneradores da especie humana ? Estudando, inspeccionando as causas dysgenisantes e eliminando-as prophylaticamente.

Neste afan deve não só o governo se iniciar como tambem o publico. A coadjutoria do individuo é essencial. E para que ella surta effeito carece de uma base de conhecimentos que ás sociedades eugenicas está reservada diffundir. A instrucção eugenica, diz collega illustre, deve ser ministrada em profusão, constituindo disciplina obrigatoria tanto nas escolas primarias como nas superiores.

Em que consistirão esses ensinamentos ? No ensino da hygiene individual, urbana e rural. Nas explicações simples de como se adquirem as molestias. Neste sentido, o batalhador incançavel e illustre Dr. Belisario Penna escreve no seu livro, rico repositorio de preciosos ensinamentos: "A educação hygienica, com as noções prophylaticas exactas das doenças in-

fectuosas existentes no paiz, deve ser obrigatoria, de lição diaria em todas as escolas publicas e particulares".

A prophylaxia do ankylostomiase é relativamente facil. Da mesma fórma o são o impaludismo, a molestia de Chagas e outras doenças mais que reinam endemicamente no nosso paiz. Mas, si ellas continuam ceifando impiedosamente ou degenerando cruelmente a nossa gente, é porque temos descurado de sanear as regiões infestadas (quasi todo o paiz !) e deixado essas pobres victimas das maldades da terra, á mercê da sorte, da ignorancia.

Como se adquire o trachoma todos nós sabemos e o evitamos. Já não acontece o mesmo com os incultos (percentagem formidavel) que ignoram os mais comesinhos preceitos de hygiene e para os quaes lavar as mãos representa um luxo superfluo, não sabendo que leval-as assim aos olhos constitue perigo ainda maior, quando ha pessoas trachomatosas em convivencia.

Instruir o povo é desvendar-lhe o palco roseo da vida, é mostrar-lhe o valor da saude, o caminho da honra e do trabalho. As idéas prégadas pelos evangelistas da harmonia social, só encontrarão terreno semeavel onde reine a saude, em terras de individuos eugenicos. Cumpre, pois, sanear physicamente para em seguida fazer o saneamento politico. Seria desolador ver o effeito de prégações doutrinarias entre "os parias que vegetam na mais sordida miseria, em ranchos de palha ou de taipa, inçados de barbeiros, de percevejos e de piolhos, dormindo promiscuamente paes e filhos em giraos de paos roliços, sobre enxergas de palhas de burity, sem noção de asseio rudimentar, sem utensilios dos mais comesinhos, até entre a gente dos povoados, alimentando-se deficientemente, innumeros delles apenas com raizes, peixe, farinha e caça", parias esses que alem de analphabetos são atrazados mentaes verdadeiros cretinos como observaram Belisario Penna e Arthur Neiva, que durante sete mezes percorreram 4.000 kilometros atravez os nossos sertões. Diz o primeiro: "Nucleos de populações desde 60 a 300 individuos, na sua maioria idiotas, cretinisados, ou aleijados ou paralyticos, percorremos nós, onde diffiecilmente se deparava um *semi-idiota* capaz de dar algumas ligeiras informações". E continua este illustre patricio: "uma viagem atravez dos nossos sertões, e mesmo fóra delles, confrange a alma e abate a confiança no futuro da patria, sobretudo pela indifferença ou inconsciencia dos poderes publicos, federaes, estaduaes ou municipaes, quanto á solução do problema sanitario, certamente o mais grave para a salvação economica da nação".

Felizmente, ainda que tarde, enveredamos no caminho da solução deste serio problema nacional. O benemerito Sr. Presidente da Republica prometteu em sua mensagem ultima tratar do assumpto, tendo sido assignado um decreto de saneamento rural, cuja feliz opportunidade despertou o applauso geral da nação. A campanha eugenica começa assim a ser patrocinada pelos poderes publicos do Brasil.

Os escopos da Eugenía são incommensuraveis. Instruir é eugenisar, sanear é eugenisar; esta nova sciencia preoccupa sabios e legisladores.

Diz muito bem João Ribeiro: "eugenisar quanto possivel a familia, é um dever de boa politica e uma tarefa para os futuros estadistas. E é tambem um dever domestico, confiado á vigilancia de todos os homens intelligentes e cultos".

A Eugenía é pela elevação das nações. Ella lucta pela defesa da raça, pela elevação moral e physica do homem de hoje e dos nossos descendentes. Nós não somos donos da nossa personalidade; della nos constituimos "depositarios ephemeros de legados eternos".

Compete-nos zelar carinhosamente da confiança em nós depositada pelos acasos da natureza. Assim como censuramos a prodigalidade do esbanjador de moedas devemos não só increpar, mas impedir que levianos dissipem conscientemente na orgia ou inconscientemente no trabalho excessivo a maior fortuna com que Deus nos doou: — a saude.

A Eugenía evita os males nas suas origens. Ella prohibe o casamento a todo individuo atacado de mal hereditario. Quem não applaude esta disposição prohibitiva em defesa das nossas futuras proles, que o talento admiravel e benemerito de Souza Lima defende ha 20 annos ?

A Eugenía procura fazer a educação sexual dos moços ensinando-lhes na "nudez rude da verdade" — os perigos que os esperam as paixões, os vicios.

A Eugenía é, em summa, a sciencia que deseja a elevação moral e physica do homem, que uma vez dotado dessas qualidades optimas será o elemento de paz na familia, na sociedade, na Humanidade.

DR. RENATO KEHL.

O "SALÃO" DE 1918

Estou a crêr que o successo alcançado pelo "Salão" desto anno, não attingirá as raias da celebridade que paira sobre os "Salons" parisienses de 1836 e 1837, onde foram expostas algumas telas encommendadas por Luiz Philippe, Rei de França, para a Galeria das Batalhas do Museu de Versalhes. E isto é natural. Não estamos nos principios do seculo XIX, não temos o Museu de Versalhes, nem batalhas a commemorar; quanto a este ultimo ponto devemos curvar a nossa admiração em homenagem ao destino...

Inaugurada a 12 de agosto do corrente anno a XXV Exposição Geral de Bellas Artes, permaneceu a mesma aberta durante mez e meio, despertando interesse relativamente pequeno.

E' isto uma injustiça oriunda da nenhuma educação artistica do nosso povo...

Adepto da lei do menor esforço o publico empanturrava o recinto da exposição dos marmores florentinos, installada a dois passos do *Salão*, enthusiasmado pelos perfis das heroinas e santas amoldadas em fabricas engenhosas.

Ir ao *Salão* era um trabalhão: primeiro porque era preciso despender uma pratinha do mil reis; segundo porque estando o *Salão* installado no primeiro andar da Escola Nacional de Bellas Artes, havia uma longa escada a subir... Uma massada...

A não ser nos dias do *vernissage* e da inauguração quando comparecem na sisudez obrigatoria de sempre o mundo official e a garrulice sem senso da gente da moda o *Salão* era visitado apenas por alguns curiosos.

Aliás uma estatua ou um quadro, pedem mais attenção e cultura a quem os observa, do que outras manifestações artisticas, como o theatro dramatico ou a musica, que forçam o espectador, mesmo de mediana intelligencia e que nada perceba do que se executa ou representa, a ouvil-o silenciosamente ou considerál-o como um simples divertimento...

A *Licção de Anatomia* de Rembrandt pode passar desapercebida a um cidadão qualquer que passeia o seu olhar de *touriste* pela Casa de Mauricio de Nassau em Haya; mas si este mesmo cidadão se encontrar entalado numa poltrona do theatro, ante uma orchestra que execute uma das symphonias de Beethoven, forçosamente (mesmo que os seus nervos não se emocionem) se manterá numa attitude de silencio respeitoso ... Em caso contrario, pode ter a certeza de que seu espirito attingiu o grau maximo da cretinice humana...

* * *

Foram 118 os artistas que levaram ao *Salão* deste anno o concurso de seus trabalhos de pintura, esculptura, gravura, architectura e artes applicadas. Destes 118 expositores alguns já são mestres consagrados, outros ainda promettem melhoras futuras e muitos accentuam uma lamentavel decadencia.

Os *Salões* poderiam ser mais equilibrados si a commissão competente para collocar o *placet* nas obras aspirantes aos mesmos não fosse tão benevolente. Consta, aliás, que esta commissão recusou este anno, cerca de 40 °|° dos trabalhos apresentados. O corte podia ser maior, evitando as notas dissonantes e desafinadas numa exposição onde primam esculpturas de Corrêa Lima e paysagens de Baptista da Costa.

E' lamentavel o numero de trabalhos expostos onde não ha uma unica manifestação de intelligencia, a mais vaga idéa do que seja uma obra de arte e onde domina a mais completa ignorancia do bom gosto.

Dizem que certos trabalhos são acceitos e tolerados unicamente como recompensa ao esforço, incitamento e ajuda á arte nacional! Mas isso é um erro. O contrario é que é racional, logico e util. Um artista nem se fabrica nem se inventa e a exposição de maus trabalhos é o melhor depoimento contra a nossa vaga cultura e um crime commettido contra os infelizes autores, que assim perdem um precioso tempo, ao em vez de procurarem um melhor officio.

A verdade porém é que temos artistas reaes, sem pretenção nem *pose*, artistas que vivem dentro de um bello sonho, isolados do mundo aspero quo os cerca. São raros abnegados que, como disse o Sr. Monteiro Lobato "perpetram um heroismo tangencial á loucura, heroismo maior que o dos guerreiros emminhocados na terra de periscopio no olho, loucura egual a de Poetas que esperem da Bolsa, cotação para rimas''.

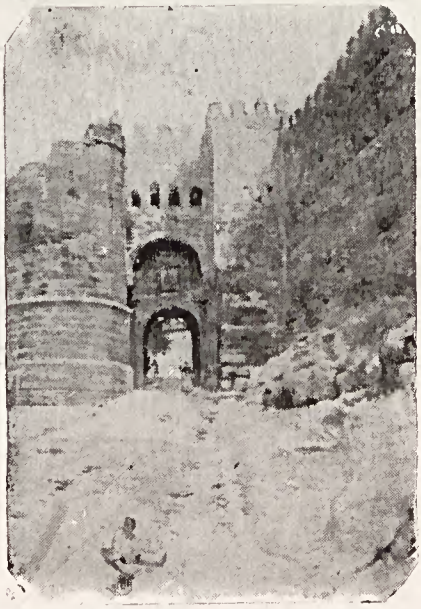
Não sei si vae nisso algum exagero do illustre escriptor. O que é certo é que serão sempre poucos os hosannas levantados em louvor de taes artistas.

Mas já é tempo de entrarmos pelo *Salão*.

Ha uma certa harmonia na distribuição dos trabalhos expostos. Logo no topo da escada, na primeira sala, começa a exposição das obras de esculptura; comecemos pois por ellas.

BAPTISTA DA COSTA: Primavera

CARLOS OSWALDO: retrato de Henrique Oswald



LEOPOLDO GOTUZZO: Plazuela del Soccorro — Hespanha

O trabalho que me pareceu mais completo, nesta secção, foi um estudo em gesso do Barão Homem de Mello executado pelo Sr. Pinto do Couto. E' um meio corpo admiravel retratado do natural. A physionomia do illustro Barão, está immortalisada na obra do Sr. Pinto do Couto em traços definitivos. Tudo neste magnifico trabalho é emocionante: o sulco das rugas, o olhar amortecido e triste, a lassidão do corpo, onde se sente um grande cansaço de viver... O Barão Homem de Mello pousou para este trabalho nos ultimos tempos de sua vida, e quem o viu por essa occasião poderá verificar a fidelidade com que o esculptor o executou.

E' do notar ainda a paralysia da mão direita, esplendidamente esculpida na sua immobilidade.

Os trabalhos expostos pelo Sr. Corrêa Lima vieram augmentar — si isso fosse possivel — o seu renome de grande esculptor. Os bustos de Baptista da Costa, Raul Pederneiras e Gama Rosa, são fidelissimos, imprimindo cada um *o momento physionomico* mais peculiar aos retratos: Baptista com o olhar triste e sonhador, Raul reflectindo a viveza de seu talento e Gama Rosa o cansaço de sua longa vida.

O busto em gesso de uma senhora tambem exposto por Corrêa Lima, e que obteve a medalha de honra, bem a mereceu: é uma linda cabeça, amparada por uma linha de pescoço elegantissima, que se prolonga nuns hombros e collo magnificos, tudo envolto num bello panejamento.

O Sr. Modestino Kanto foi contemplado com o premio de viagem. E foi justa a distincção.

O jovem esculptor empregou na feitura de seu monumento *"On ne passe pas"* o melhor do seu esforço o do seu talento. E' a promessa do que poderá fazer para o futuro si continuar a trabalhar.

O motivo de sua obra premiada é universal e actual: symbolisa o esforço gaulez em Verdun, impedindo o avanço dos barbaros. A figura é arrojada, tem *élan* e a anatomia é bôa.

Imperdoavel, porém, são os outros trabalhos expostos por Modestino: os bustos de José do Patrocinio, Collatino Barrozo, Calixto, Luiz Peixoto e Olegario Marianno não satisfazem.

O de Olegario por exemplo é um estudo que não devia ser exposto: apresenta o poeta com duas faces diversas; os outros, si têm alguma parecença, falta-lhes vida.

Almir Pinto é um optimo discipulo de Corrêa Lima. Apresenta um trabalho que merece especial destaque, *As Primeiras Desillusões* — que demonstram uma alma de artista onde ha idéa e originalidade, E' suavissimo o perfil de immensa tristeza das figuras representativas das Desillusões.

O Sr. Umberto Cavina, não parece ter nacido em Florença e desmente as medalhas recebidas anteriormente, expondo um grupo em gesso — Arditti — onde a dureza dos soldados abnegados, causa pessima impressão.

Celso Antonio expõe uma cabeça de creança — *Primeira magua* — do uma naturalidade flagrante contrapondo a este trabalho um busto do desenhista Corrêa Dias onde sobresae um riso pouco feliz.

Gustave Debine e Marcel Debut, dois francezes, expoem ambos optimos trabalhos. O primeiro um *Rêveur* de longas barbas commodamente installado numa poltrona o em attitude muito natural; o segundo expõe *O Viuvo*, pequena esculptura que commove na sua expressão de magua e de tristeza...

Precisamos não nos esquecer de Hildegardo Leão Vellozo, que si tiver juizo ha de ser um dos primeiros na sua arte. Os trabalhos que expõe — *Collix* — admiravel cão em cimento branco onde ha muito movimento e optima anatomia e o pequeno busto do Prof. Rodolpho Bernardelli, são esplendidos testemunhos do que poderá produzir seu brilhante talento.

Não conheço; dizem que não tem vinte annos o que é para elle uma felicidade aproveitavel.

Devo mencionar ainda os Srs. Francisco de Andrade, autor de um grupo — *A Vida* — muito suggestivo, Casemiro Corrêa, Magalhães Corrêa e Paulo Mazzuchelli, que expõe *O Vencedor*, interessante baixo-relevo em gesso patinado.

Passemos agora rapidamente pela Architectura onde vemos bellos projectos de Victor Dubugras o Filinto Santoro e pela gravura, onde L. Campos leva a palma com o seu delicadissimo *Lyrio*, meigo rosto de mulher desabrochado de dentro de umas petalas delicadas.

Gomes Marinho apresenta os magnificos retratos de Altair e Alda e Adalberto Mattos um artistico retrato do Dr. Miguel Pereira.

* * *

Nesta nova geração de pintores Carlos Oswaldo é incontestavelmente o artista mais de accordo com o tempo em que vive, dotado de muita imaginação o talento, e conhecedor o senhor profundo de sua arte.

Este anno apresentou-se galhardamente com 8 telas, das quaes tres verdadeiramente notaveis: um retrato de *Henrique Oswaldo*, *A ultima ceia* e o *Fausto*. Os outros cinco trabalhos são estudos de luz artificial bastante interessantes.

O retrato do pae do pintor é o melhor trabalho: parecença, technica, luz, sombra, fundo, nada deixa a desejar. E' preciso porém notar que Carlos Oswaldo teve em auxilio de seus talentos de pintor a *chance* unica de ter tido um esplendido modelo. De facto, quem encara nos olhos o retrato de Henrique Oswaldo sente faiscar nelles o brilho vivo de sua alma de artista.

A Ultima Ceia é um quadro de composição muito harmonica: o Christo está sentado á cabeceira da mesa rodeado por seus discipulos, agrupados com arte.

GEORGINA ALBUQUERQUE: Carnet de baile

H. SEELINGER: Caravella

MODESTINO KANTO: On ne passe pas!

E' o momento em que elle declara que sabe que está sendo trahido. Ha um grande espanto na physionomia dos apostolos. Judas levanta-se bruscamente, arrastando no seu gesto o panno da mesa e derramando o vinho de um copo: é o symbolo da tragedia divina que vae começar.

O movimento brusco de Judas, está delineado com toda a precisão e a luz que cae de uma candeia presa ao tecto produz effeitos de luz e sombra admiraveis, num ambiente mysterioso.

Antonio Parreiras expõe uma paysagem de grande vulto — *La valée de Chévreuse* — onde a pincelada firme do artista não desmente o seu passado de grande paysagista: é outomno e as folhas amarellas caem pelo frio que vem chegando... Ha uma agua parada sobre a qual paira uma bruma suavissima.

Edgard Parreiras tambem expõe uma paysagem, onde se reflecte a influencia do mestre, o que é lisongeiro para elle.

Rodolpho Chambelland um dos nossos pintores de maior talento, apresenta o magnifico retrato do *Barão S. de V.* muito elegante e sobrio, onde o talento do artista se manifesta em toda sua pujança.

Baptista da Costa é o mesmo de sempre. A frescura encantadora de sua pincelada alegra o olhar de quem a contempla. Ao olhar-se um quadro de Baptista tem-se a impressão agradavel de que se abre a janella para uma paysagem muito lavada e muito bôa.

Ninguem melhor do que elle, consegue dar vida ao verde da nossa paysagem e fazer mais leve o ar puro dos campos.

Bem representados ainda estão André Vento, Antonio G. Bento, Gutman Bicho, dos melhores retratistas da nova geração, sendo de lastimar que este anno tenha exposto o *Retrato de Mme. Zú*, pardavasca faceira e luzidia que si está optimamente pintada, é um modelo de mau gosto; Augusto Bracet apresenta uma *Lindôya* dolente e Raymundo Solla, premio de viagem do anno passado, um retrato de Gustavo Barrozo, onde o pintor viu umas sobrancelhas e uma boquinha que o illustre homem não tem.

Coelho Magalhães, Pedro Bruno, e Gotuzzo apresentaram trabalhos bons e estudados; os irmãos Timotheo da Costa trabalharam com amor; Helios Seelinger expõe denodadamente um painel decorativo *Caravellas*. Os seus trabalhos têm sempre uma nota bizarra, por vezes extravagante, mas sempre intelligente.

Colon e Rocco affirmam cada vez mais o justo renome que já possuem.

Podiamos citar ainda outros si os fossemos extrahir e procurar na confusão das naturezas mortas e mais especiarias de bazares e quitandas.

Ha certos senhores e senhoras que ao em vez de pintarem deviam praticar aquella outra arte proclamada por um personagem de um romance de Oscar Wilde: a arte muito aristocratica de não fazer cousa alguma...

Deixei o ultimo espaço destas notas, para as senhoras expositoras. Mas antes de tirar-lhes o meu barrete numa saudação galanteadora, não devo

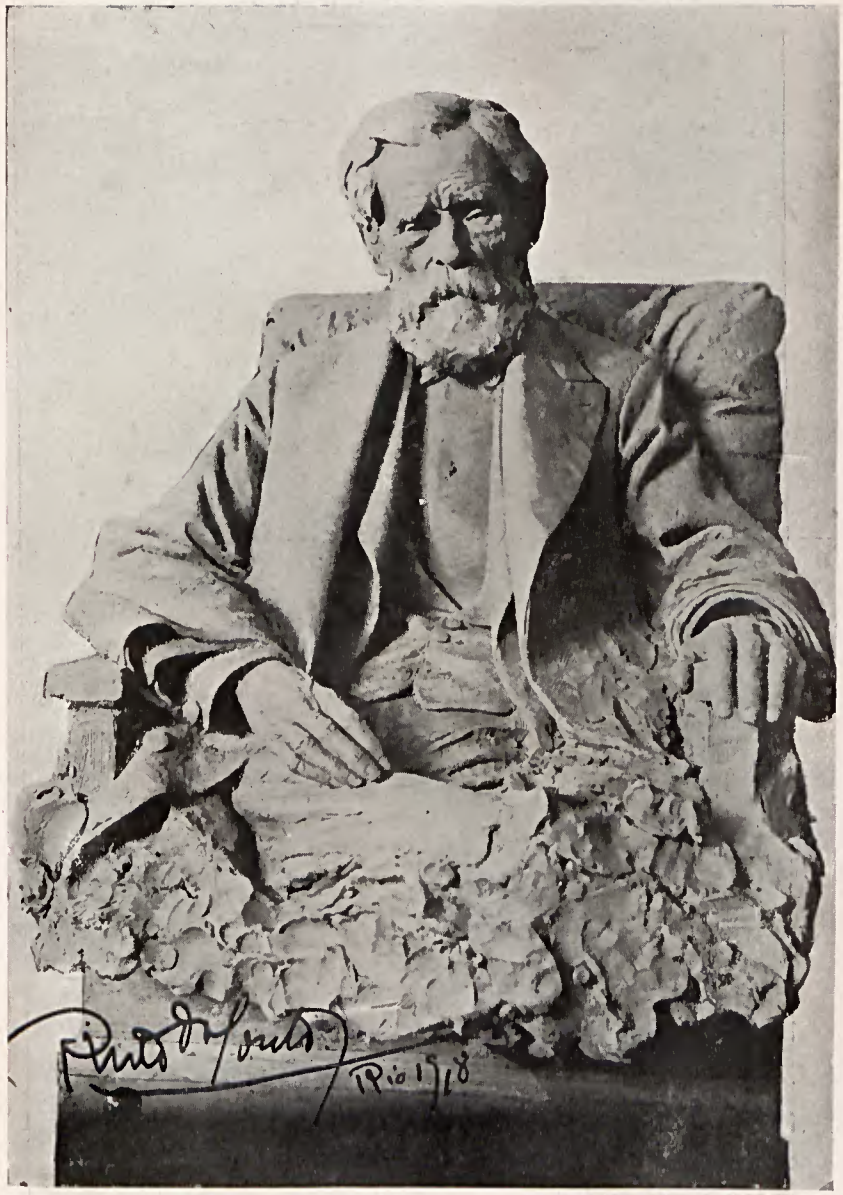
me esquecer de Raul Pederneiras que representou brilhantemente a caricatura no actual *Salão* expondo entre outras, o *Sacy-Pererê* e *Tangomania*.

Na esculptura devemos chamar attenção para Margarida Lopes de Almeida que começa a sua carreira com uma bôa promessa: o busto da Sra. A. L. A.

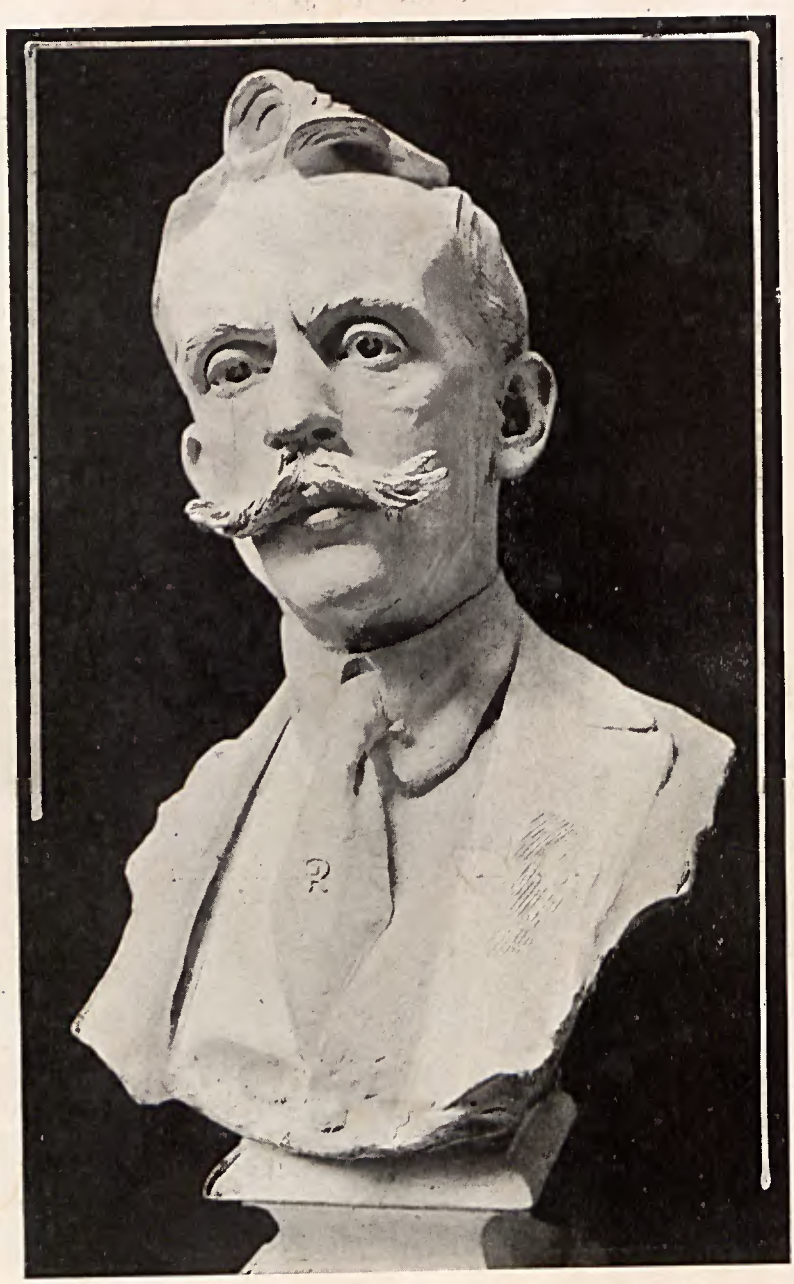
Na pintura Georgina Albuquerque que apresenta entre varios trabalhos duas excellentes télas: *O Jardim florido* onde ha muito calor e bôa luz e *O Carnet de baile* pequeno quadro de muito gosto, optimamente colorido; Maria Pardos satisfaz muito com a *Zuleika* que expoz; Sylvia Meyer tem um bom pastel e finalmente Regina Veiga apresenta o unico nu' do *Salão* — *Danáe* — tendo conseguido um bellissimo modelo de feições encantadoras Os pequenos defeitos de desenho que se observam no quadro, não são bastantes para diminuirem a bôa impressão que delle se tem.

As expositoras são, creio eu, vinte e cinco. Só me referi a cinco. Confesso que tenho serios receios em passar por galanteador...

RODRIGO OCTAVIO FILHO.



PINTO DO COUTO: busto do barão Homem de Mello



CORRÊA LIMA: busto de Raul Pederneiras

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

> A ira não guarda os direitos á razão, a inveja despréga as velas ao desejo, o odio traz-nos tão desterrado o juizo, que não vemos o mal que fazemos a nós, com o querer fazer aos outros.
>
> **Fr. Heitor Pinto.**

Desprezando motivos inferiores, todos de ordem pessoal, que contra nós lançaram um cathedratico do Gymnasio de Campinas, o sr. Othoniel Motta, pela *Revista do Brasil*, numero de Setembro, vamos glosar-lhe algumas das *Breves annotações ao livro* AÉRIDES (1), nas quaes pretendeu elevar-se acima de si mesmo — linguistica e literariamente.

---

(1) Dos 41 estudos, que formam a collectanea, apenas 4 foram esboçados, parcialmente, na secção *Ferros velhos*, da *Cidade de Campinas*. Os demais appareceram depois, em varias épocas: no *Correio* e *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, daqui; nO *Estado de S. Paulo*, no *Commercio de S. Paulo*, no *Diario Popular*, nA *Noticia* e na *Iris*, da capital; na *Gazeta de Noticias*, nO *Paiz*, no *Jornal do Commercio* e na *Revista Americana*, do Rio, *etc.*

Assim, falta á verdade o sr. Othoniel Motta, quando affirma em tom desdenhoso:

"Quanto ao valor da materia que encerra, póde-se dizer que é obra leve, a reedição de ligeiros artigos que o autor publicou outr'ora em um jornal de Campinas sob o titulo *Ferros velhos*." (Nunca houve em Campinas jornal subordinado a este titulo).

O negar-lhe, em absoluto, qualquer merecimento extranho ao *folk-lore*, que acredita ninheria, só argúe incapacidade de ver.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, cerrando uma carta que nos endereçou em 28 de Outubro, assim se exprimiu:

§

Por abuso do proprio desconhecimento do grego, não só quanto á lingua, mas ainda quanto á literatura, esse professor negou, a pés juntos e de beiço sobre dedos cruzados, a existencia do adjectivo φιλία, amiga (2), com registo dos lexicographos Schneider-Donnegan, Liddell e Scott, Alexander, Chassang, e Bailly, afim de achincalhar-nos a interpretação do verso 8.º da ode XLIII de Anacreonte, aliás decorrente de emenda ao texto impresso de Estienne pelos philologos Lefévre, Hermann, Brunck e Boissonade.

Não deixaremos de summariar o caso, devéras interessante, delle abstraïda a tardonha figura do egolatra mettediço.

O apographo que serviu a Estienne, para a edição *princeps* da anacreontea, na qual se conservou φιλία, tinha a cóta marginal φίλιος. E, no intuito de obviar duvidas possiveis, dada a parallela existencia do substantivo φιλία, amizade, Hermann, Brunck e Boissonade optaram pela segunda fórma, já havendo preferido Lefévre uma terceira, equivalente, φίλος.

D'ahi, do voto de grandes autoridades, as versões concordes:

"Tu es la bonne amie des laboureurs".
M.me Dacier.

"Nas AÉRIDES, de que teve a bondade de oferecer-me um exemplar, vejo quanto V. Ex. ... ... e como lê e medita, e que se ocupa com egual interesse dos generos populares e artisticos. Por isso, espero que olhará tambem para as NOTAS VICENTINAS, que lhe envio." (decima parte de um régio presente de producções diversas da penna de S. Ex.).

E Ruy Barbosa, cujo voto é decisivo em assumptos que constituem metade do livro, a mais depreciada pelo energumeno, escreveu-nos em 1.º do corrente, dias após a entrega do exemplar destinado a S. Ex.:

"Embora a minha convalescença, ainda atrasada, me não haja permittido até agora exgottar a leitura do volume, basta o que delle com prazer já tenho percorrido, para não ter receio de ser precipitado, apressando-me em felicitar o seu autor, e agradecendo-lhe o conhecimento que me deu, tão amavelmente, dessa sua collecção de trabalhos de paciente critica literaria, exuberantes de curiosa e instructiva erudição."

(2) Fem. de φίλιος, que, em emprego poetico, assume ás vezes esse genero, particularidade commum a φίλος.

"Tu es l'amic des laboureurs".
Alexandre Machard.

"Del buon colono
Fida amica ognor tu sei".
Paolo Costa.

"Tu del colono amica".
D. José del Castillo y Ayensa.

"Tu del colono amica"
D. Federico Baráibar.

"Del ser laborioso amigo". (3)
D. Angel Lasso de La Vega.

Ha mais, porém.

Gente investigadora da antiguidade, estudiosa das crenças e tradições respectivas, gente de cothurno exegético, empenhada em similhantes deslindes, acreditou não simples amiga, mas *muitissimo amiga dos lavradores a cigarra,* no conceito dos gregos remotos.

Σὺ δὲ φίλτατος γεωργῶν

seria o verso questionado, — achando-se provavelmente no ms. orig. φιλτα por φιλτ.ᵃ, consoante Valentino Rose, de reporte a Bast, — verso traduzido em prosa por Emmanuele Rocco:

"Tu poi *amicissima* degli agricoltori".

Entretanto, o sabio sem livros, suppondo-nos isolado, protestou:

"... o que elle (Anacreonte) quiz significar não é que *a cigarra ama aos lavradores* — coisa sem sentido — mas que *os lavradores amam a cigarra*...".

(3) Equivale a "Eres amigo de los labradores", traducção literal de φίλιος γεωργῶν por D. José del Castillo y Ayensa. Em espanhol, ha *cigarron*, masc., explicando-se por este augmentativo de *cigarra*, fem., tal fórma de adjectivação, impossivel em nossa lingua, como na francesa e na italiana.

(Esse protestante leviano tem o séstro de chamar *cousa sem sentido* a tudo quanto não entende, ou não sabe explicar, como se verifica, ameúde, em suas pessimas obras didácticas.)

"Eis porque, em vez de "tu do lavrador amiga", como traduziu o autor (nós) ou de "a amiga és tu do agricola", conforme a tradução de Castilho, Leconte de Lisle, que sabia grego a fundo, traduziu "Le laboureur t'aime..."

A dous de fundo, viriam bem melhor, considerando φιλία substantivo, exemplos de outros francezes, Longepierre e Desmarais:

"Tu fait des laboureurs les plus chères delices".

"... sei l'amore
Del rozzo agricoltore.",

especialmente o ultimo, em metro toscano.

Louvando-se em traducção menos feliz, a do chefe do parnasianismo, — cujas opiniões, no assumpto, nem sempre eram immutaveis, segundo consta do final de nosso artigo *Uma ode anacreontica,* — o erudito a titulo negativo apavonou-se com uma só penna de emprestimo, fincada no pescoço:

"São justamente essas subtilezas volateis que fazem de Anacreonte um dos poetas mais difficeis, como acima ficou dito."

E no trécho a que acena:

"... elle (nós) se arroja a traduzir Anacreonte, um dos poetas mais difficeis que a Grecia nos legou (4), e na empresa se sae de um modo desastrado."

Até o leitor commum, apenas intelligente e sensato, percebe logo, da exposição supra, quem foi na realidade o desastrado...

(4) O. Müller, contestando o legado, ao pleitear a inauthenticidade do *Anacreonte conhecido,* mostrava-se menos dogmatico...

Refere fr. Amador Arrais:

"Dos grous se lê que, quando vôam de Cilicia e passam pelo monte Tauro, povoado de aguias, tomam pedras nos picos, para que pela voz não sejam sentidos, e assi o passam a seu salvo."

O sr. Othoniel Motta devia imital-os, para forrar-se a vexame, resultante da surriada dos hellenistas e poetas que invocámos.

Nós demos:

Orgam estival

e

Do (almo) *estio nuncia* (antiga),

como traducções, em prosa uma e em verso outra, de *προφήτης θέρεος*, donde não ha deduzir qualquer ignorancia.

Mas traçou o annotador canhestro:

"A palavra *προφήτης* foi traduzida por *orgam*: a cigarra é *orgam estival!* Ora, tal palavra, além do corriqueiro sentido que vemos no nosso *propheta*, significa o *precursor*, o *proclamador*, e como prova disto o excellente diccionario de Liddell and Scott (desprezado pelo mesmissimo annotador, quanto a *φιλία*, lembre-se entre parenthesis) cita justamente o passo de Anacreonte, em que o termo vem transformado em *orgam*, roufenho e minusculo, pela traducção do critico. Ainda uma vez venha Leconte de Lisle: "tu leur annonces l'eté". Aquelle orgam está, pois, muito desafinado."

Desafinada está, sim, a velleidade jocosa do sr. Othoniel Motta, que lobriga divergencia onde só ha concordancia, pois si chamámos *orgam estival* á cigarra, de quem Leconte de Lisle disse: "tu leur *annonces l'eté*", foi exactamente porque tambem a reputámos *nuncia do estio*...

Somma de tudo: elle é que não é orgam de qualquer opinião, boa, ou má; que não chega a ser meio pelo qual se manifeste conceito algum, proprio, ou alheio (apenas joga, inconsciente e descabidamente, com fariseos de leitura).

Um descuido de revisão, *rico* em vez de *rei*, deu ensejo a novo arrastamento, ocioso, de Leconte de Lisle, em cita demasiada:

rito forte: em face do πίνω das *Breves annotações*, elle deve ter empinado... de raiva.

Nos limites da méra *grammatiquice*, não se aveiu com mais prudencia.

Eis a *ultima* do sr. Othoniel Motta, no dominio do grego:.

"A' pagina 209 lemos a expressão 'Αρχαιότερος 'Ιβύκου, explicada entre parenthese: "mais antiquado que Ibycо".

Ora, comquanto nunca eu tenha visto essa phrase, posso jurar que está errada. ''Ιβυκος tem como accusativo ''Ιβυκον (perseguem-no os *espiritos*, ás parelhas). O que devia estar alli era o genitivo 'Ιβύκου, no qual houve deslocação do accento pela regra de que, sendo a ultima longa, o accento não póde ir além da penultima. A demais, a fórma genitiva é pedida no caso pelo adjectivo no gráu comparativo, como em latim era querido o ablativo: *major Petro*. Tenho disto certeza absoluta. (8).

Donde concluir-se, sem nenhum desdouro para os meritos reaes do autor, que elle absolutamente não póde traduzir Anacreonte."

Poderemos, ao menos, chamar rei dos trapalhões a quem, pretendendo dar o tiro de misericordia na exegése d'*Uma ode anacreontica*, alvejou uma *gralha* da *Natureza denunciante?*

Pobre grammaticão, sem gosto nem graça!

§§

Agora, ao francês.

Da parodia de Jean Goudezki ao celebre soneto de Félix Arvers, transcripta á pag. 223 de Aérides, destacou o censor *quand même*:

"Toujours assez coté",

metade de um alexandrino que, sendo de percepção facilima, até a qualquer aprendiz da lingua, não no foi, comtudo, a quem

(8) Fique sciente o typographo que cambiou o υ final de 'Ιβύκου por ν: o homem tem certeza absoluta da deslocação do accento, do *major Petro* e das sobras da ensinança fastidiosa. Em grego, como em latim, o sr. Othoniel Motta declina.

julga examinandos della, fazendo parte de bancas em nosso Gymnasio official.

Sem hesitar um minuto, poz-lhe tacha de "expressão sem sentido algum", como era de esperar do sestroso, cuja phrase parasita já assignalámos.

E accedeu em eccante português da costa:

"Ora, por mais que se queira ser generoso para com o autor (nós), não ha senão concluir que os seus ouvidos não estão afeiçoados ao phraseado da lingua tantas vezes estropiada nas citações, e que, uma vez despregados os olhos do texto, não lhe resta recurso para perceber uma citação empastelada."

Similhante *aplomb* resolve-se, afinal, num tremendo *fiasco*.

O sr. Othoniel Motta imaginou que *assez* representaria ali empastelamento de *à ses*...

E, neste caso, em logar de

"Toujours assez coté" (Sempre bastante cotado), devia ler-se:

Toujours à ses coté (Sempre a seus cotado),

o que, sim, importaria em verdadeiro *non-sens*.

A tal despenhadeiro conduziu-o a leitura anterior do hemistichio parodiado:

"Toujours à ses côtés" (Sempre a seus lados).

Ignorando haver *assez* e não distinguindo *coté* de *côté* — phantastico! —, como poderia ser-lhe perceptivel o trocadilho do parodista?

No verso de Arvers, este diz seguir constantemente a uma dama, que, entretanto, permanece extranha a sua paixão amorosa:

"Toujours à ses côtés et pourtant solitaire".

E Goudezki, no de arremedo jovial, faz uma paisagem dizer que, embora reputada em todas as exposições, ninguem a leva:

"Toujours assez coté et pourtant solitaire".

O sr. Othoniel Motta, martelado por algum amigo caridoso, talvez acabe convencendo-se de que isso tem sentido e até graça. Mas não lhe será licito retractar-se, pelo menos sem humilhação, dada a soberbia da investida.

Então, ha de arrepender-se de suas *altas cavallarias* na cidade, em que se atirou ás letras; ha de tambem recordar-se saudoso da sitióca do avô, onde viveu modestamente:

"Só havia ali um refrigerio para mim (elle): era uma afastada figueira branca, cujos ramos, num perimetro de muitos metros, quasi que varriam o solo, offerecendo refugio aos animaes de sella que refugiam á canicula implacavel". ALGUM RISO, MUITO SISO, pag. 14.

O autor do livro, o mais sisudo dos homens, assegura no *Prefacio*, pag. 3, que "se revestiu da coragem necessaria afim de dizer aos pequeninos as verdades primordiaes no dominio da moral, buscando fazel-o através de um vocabulario mais ou menos rico, mas de uma fórma quanto possivel transparente, suave, attrahente e impressiva."

Reconheçamos-lhe, sem favor, o éxito: aquella *verdade primordial*, de sua condição pastoril, foi dita *em fórma* bem *transparente* e muito *impressiva*...

§§§

Do italiano? Do inglês?

Emmudecendo ante as transcripções de dous sonetos de Stecchetti, nas quaes pullulam versos mancos e vocabulos corrompidos, o sr. Othoniel Motta desentravou a lingua ao enfrentar com o traslado de um soneto de Wordsworth, assignalando-lhe meticulosamente fallencia de monosyllabos e desarranjo de virgulas...

E' que, como propala, uma senhora de Boston, ou de Chicago, em cuja casa foi pensionista, achava-o egual a Shakspeare e Byron...

Si um dia, indo á Peninsula da bota, encontrar albergueira que o equipare a Dante e Petrarca, volverá a preencher aquella lacuna.

As viagens dão-lhe a consciencia da sublimidade em idiomas peregrinos!

§§§§

Passemos ao português, de que se apropriou, com a maior *sans-façon*, o sr. Othoniel Motta, publicando — O MEU IDIOMA (9).

E' curiosa a defesa de sua *propriedade*, por nós invadida barbarescamente...

"Na pagina 30: Haja vista áquella cachopa", com uma crase despropositada, visto que *aquella cachopa* é sujeito".

Anatomicamente, cachopa seria talvez *sujeita;* mas sujeito não é, siquer syntacticamente.

Eis como se analysa a oração malsinada:

Sujeito — indeterminado (no caso, o leitor).

Verbo — haja.

Objecto — vista.

Complemento indirecto — áquella cachopa.

Tem a mesma analyse, portanto, que estas, collacionadas pelo prof. Carneiro Ribeiro, SERÕES GRAMMATICAES, 2.ª ed.:

"*Haja vista a* Plutarco e *a* Xenophonte entre os gregos, e *a* Valerio Maximo entre os latinos." Filinto Elysio.

"*Haja vista ao* minuête de *Bellorma misera,* que vem nas Operas do Judeu". *Idem.*

---

(9) Outrem, estheticamente equilibrado, não linguista megalomaniaco, elegeria *O meigo idioma*, sympathica expressão de Filinto Elysio, para titulo de livro que ambicionasse de algum modo, em nossa literatura, corresponder ao de Edmondo de Amicis, IDIOMA GENTILE, na italiana.

"*Haja vista ás* tão graciosas e admiraveis fabulas de La Fontaine". Antonio de Castilho.

"*Haja vista ao* seguinte passo" (*Idem*).

"*Haja vista ao* Soares de Passos, que enterrou a musa sob os autos forenses e morreu; haja vista *ao* Alexandre Braga, que está mudo, *ao* João de Lemos, *ao* Pereira da Cunha, *ao* Palmeirim... (lá tornava eu...) emfim *a* tantos e tantos, que estão mudos." *Idem.*

"*Haja vista dos* élos que elles representam na cadea da creação." C. Castello Branco.

E mais estas de Julio Ribeiro, colligidas pelo prof. Carlos de Góes, SYNTAXE DE CONCORDANCIA, 2.ª ed.:

"Haja vista ás accepções diversissimas".
"Haja vista ao seguinte fragmento".
Assim como as seguintes:
"...haja vista do livro..."
Manual de Mello, DE GLOTTICA EM PORTUGAL, pag. 83, n.
"Haja vista ao seguinte passo de Vieira em suas CARTAS."
Carneiro Ribeiro, *Op. cit.*, pag. 303.

Na hypothese de mais de uma cachopa, teriamos que escrever:

Hajam vista aquellas cachopas,

segundo a regra a Candido de Figueiredo tomada pelo sr. Othoniel Motta, para quem tudo são cachopos, i. é, perigos (10).

Todavia, Ruy Barbosa, por elle pateado alhures, continuará a graphar:

---

(10) O emmaranhador de *diagrammas* (*diaphragmas*, na giria dos estudantes trocistas) é calpora em questões de sujeito.

Nas LIÇÕES DE PORTUGUEZ (terceira fornada, 1918), pags. 2, *in fin.*, e 3, *in pr.*, apresenta a sentença: O canario, lindo passaro do Brasil, canta admiravelmente em nossas mattas. E diz:

"Haja vista as minhas CARTAS DE INGLATERRA".

"Haja vista os exemplos disso em Castilho".

E Julio Ribeiro, si resuscitasse, mandal-o-ia definitivamente á tabúa (11).

Resumindo: *aquella cachopa* não lograria honras de sujeito para autoridades como Filinto Elysio, Antonio de Castilho, C. Castello Branco, Manuel de Mello, Julio Ribeiro e Ruy Barbosa, em que pése ao *dono da lingua*...

Este, comquanto já tenha entrado em dous concursos de português, desconhece a bibliographia da materia, até na parte escassa da contribuição nacional! Peior que isto, exercendo ha annos o magisterio publico, ainda não está apto para falar aos alumnos a respeito de typos syntacticos equivalentes!!!

Nem se diga que somos impiedoso, por exprimir-nos com tal franqueza; pois o sr. Othoniel Motta, embora manhosamente, quiz guiar-nos para a amiga sombra da afastada figueira branca...

Senão vejamos.

Apontou como "anti-classicas" estas construcções nossas:

"... se observarmos bem, veremos que entre as sete palavras do sujeito ha uma indispensavel: é *canario*. Por similhante modo, o predicado tem uma palavra indispensavel: é *canta*. Ainda quando supprimissemos *todas* as outras, ellas por si formariam *sentido*, e constituiriam sentença: *canario canta*. Pelo contrario, si supprimirmos qualquer dellas, ainda que conservemos todas as mais, já não existirá sentença, porque não haverá *sentido*".

Vai o discipulo, tira da gaiola da analyse o canario, depois lê: O lindo passaro do Brasil canta em nossas mattas, e conclue que... o mestre *cantou de gallo*.

(11) Na revistinha *Sésamo*, numero de Setembro ultimo, numa pagina de reminiscencias escolares, conta-nos o sr. Othoniel Motta, retrospectivamente invejoso dos condiscipulos de Capivary:

"O nosso mentor espiritual, philologo e estylista consagrado, mostrava-se esperançado com este, satisfeito com aquelle, enthusiasmado com aquelloutro. Para commigo, muito carinho, amizade, tudo, *menos uma pequenina amostra de esperança no que respeitava á imprensa, á literatura.*"

"Para bem se apreender o espirito de um poeta, é mistér, antes de tudo, comparal-o *comsigo* mesmo."

"...cujo coração, á guisa do crystal, onde os reflexos deslisam e se apagam, olvida tudo que conteve, tudo que passou deante de *si*",

convindo, entretanto, em representarem ellas simples "peccado venial, porque o canón já era violado algumas vezes em latim";

mas ajuntou:

"Se bem que foi descendo essa ladeira que alguem escreveu: "Tenho muito dó de *si* , o que provocou a Camillo aquella archi-monumental sarabada."

Ora, Camillo chamou "adulta e descompassada besta" a Marianno Pina, porque usara familiarmente do pronome da 3.ª pessoa pelo da 2.ª, — uso vernaculo e até classico, conforme demonstrou Leite de Vasconcellos, nos opusculos "As "LIÇÕES DE LINGUAGEM" DO SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO, 2.ª ed., pag. 13, e O GRALHO DEPENNADO, 3.ª ed., pag. 16, mediante os exemplos de Alexandre Herculano e D. Francisco Manuel de Mello:

"A carta que me dirige tem um sabor acre... queime-a... Não é por mim: é por *si*."

"Não desanimei. Fui arremessado para o sertão bravio," *etc.*

"Lá, nesse afastamento, ouvindo o piar saudoso dos macucos em redor dos pousos, no silencio augusto das selvas inspiradoras, gastei horas e horas no convivio dos classicos. Li-os, reli-os, abeberei-me delles com sofreguidão, como que a lhes supplicar que me instillassem n'alma alguma coisa com que a Providencia os dotára, corrigindo assim as deficiencias da minha organização mental.

Não me arrependo desse esforço."

Illusão, pura illusão a de similhante vangloria! A cabeça não lhe estalou, como ao padre Antonio Vieira. E, por isso, anda a confundir licções de classicos com pios de macucos. Julio Ribeiro tinha razão na desesperança.

"...quando V. M. (vossa mercê) nos der aquella occasião de alegria que desfaça em *si* e em *nós* os pesares presentes, como *seus* servidores e amigos de V. M. desejamos..."

Camillo, que, em represalia tambem, chamara *burro* a Alexandre da Conceição, o qual havia empregado similhantemente *si* e *comsigo,* ainda lhe chamou *besta,* por ter escripto, em vez de *velho Victor Hugo,* a phrase mais elegante "velho do Victor Hugo", abonavel com centenas de exemplos de um purista... o proprio Camillo.

Tudo isso se resolve em *boutades* de polemica, as quaes não podem ser dignamente invocadas, a proposito e muito menos sem proposito, por quem se presuma de sensato legislador grammatical.

Outra corrigenda do sr. Othoniel Motta, que lhe confirma a formidavel ignorancia e a absoluta falta de intelligencia, merece frisada:

"Escreve:... *cumprida,* por *comprida* (pag. 207)..."

No citado logar de Aérides, derivámos dous versos de Petrarca e Tasso, respectivamente:

"Femina è cosa mobile per natura"

e

"Femina, cosa mobile per natura",

dos de Vergilio:

"... varium et mutabile semper
Femina.....",

ajuntando: "em prosa directa e cumprida: *mulier (res est) semper varia et mutabilis*".

Ora, é evidente que *cumprida* está ahi por *cheia, plena, completa,* em razão do interparenthetico restabelecimento da ellipse

res est, a que respondem nos metros italianos "è cosa" e "cosa".

Nada mais simples, nada mais claro.

E, sem embargo de tanta simpleza e claridade tanta, o sr. Othoniel Motta suppoz que quizeramos dizer: prosa... *cumprida*, i. é., *extensa, distendida, longa!*

Depois disto, o jornalista e literato da *Sésamo* devia pedir á terra que se abrisse, consentindo-lhe afundar immensuravelmente...

Um de seus *fracos* é ser forte em poesia.

Apreciemol-o a este novo aspecto, que não exclue ainda o linguistico.

Fala de nossa traducção do *Récif de corail*:

"... o segundo quarteto deixa a desejar.

Eil-o:

"E tudo quanto o sal, ou quanto o iodo córa,
Musgo, anémona, ouriço, algas filamentaes,
Cobre, a púrpura escura, em linhas triumphaes,
O alvi-rendado chão que o polypo elabora."

E' tão obscuro (o pensamento do trécho) que só póde ser apprehendido com facilidade mediante o original francez. E tudo vem daquella expressão "a purpura", de colorido francez, em vez de *com purpura* ou *de purpura*, que é a nossa phrase genuina."

O leitor imagina encontrar no original *à pourpre*, mas o que lá encontra é:

"Couvre *de pourpre* sombre", *etc.*

E' visivelmente illogico, quanto ao "colorido francez", o commentario.

Fica-se sabendo apenas que trevas apertam no cerebro do commentador, quando este vê, por exemplo, um artefacto de seda *bordado a retroz*, ou *recamado a ouro*, e que ali só se faz luz inteira, quando elle vê, tambem por exemplo, o mesmo artefacto de seda *bordado com retroz*, ou *recamado de ouro*...

São exigencias, não menos ridiculas que a seguinte:

"Na pag. 213 fala nos "habitantes *da* Bethania", determinando com o artigo uma simples aldeola, na supposição, talvez, de que se trata de uma provincia, ou região."

Saibam quantos moram na capital, ou nesta cidade que, para não incidir na condemnação do geographo improvisado ([12]) devem dizer *habitantes de Penha,* ou *habitantes de Arraial dos Sousas;* pois, si disserem *habitantes da Penha,* ou *habitantes do Arraial dos Sousas,* é porque talvez supponham esses logarejos Estados, ou regiões...

Risum teneatis?

Mas, ia-nos esquecendo a poesia sem obscuridade, a poesia *pão-pão, queijo-queijo,* a poesia ao sabor do sr. Othoniel Motta, cuja musa sacra desovou outr'ora num livrêco digno de eternas luminarias.

Desta feita, limitar-nos-emos a respigar passagens de sua musa profana, chôco recente, no ALGUM RISO, MUITO SISO (original) e no VALOR (traducção).

Olhos e ouvidos abertos para o embasbacamento.

Inicio de um soneto descriptivo:

"Encontrei-o sentado na sargeta,
Todo em frangalhos, misero mendigo,
De olhos castanhos e barba preta".

Que estaria a fazer o descripto, ali, *parado?*

Apenas inquerido pelo versejador, deu á torneira sentimental:

"Senhor — gemeu — sympathisae commigo!
Orphão de pae e mãe, como um cometa
Vago assim pela terra, sem amigo."

([12]) A proposito e de raspão: Nas LIÇÕES DE PORTUGUEZ, pag. 296, "Cresso era rei da *Lybia* (*sic*), e nos LUSIADAS, ed. commentada pelo prof. Othoniel Motta, pag 299, o rio Selef é o "ant. Cydnus, na Cicilia" (*sic*).

Talvez pareça aos *cometas* terrestres duvidosa a imagem comparativa, e aos outros que os versos não têm positivamente harmonia comparavel á das espheras...

Pareceres suspeitos, ao cabo.

Avante:

"Com o meu coração premido
Por amarga tristeza, cedo vi-me.
Mas disse um dia: o tempo tem corrido
E este fardo me opprime."

"No banquete mais franco e amigavel,
Eu irriquieta, pensativa e lassa,
Sentia que me faltava certa graça
Que me era inolvidavel."

"E quando percebi o alto valor
Do thesouro..."

Não prosigamos, nem commentemos; bastam essas bellezas flagrantes, para dar uma idéa crystallina do insigne traductor de Adelaide Proeter.

Leitores: *Onorate l'altissimo poeta,* que lá ficou á porta do "thesouro" com o seu "alto valor"!

§§§§§

O sr. Othoniel Motta, em cujas obras ha saltos de palavras, falhas, ou trocas de letras, que já lhe causaram dissabores (haja vista a uma *escuma* por *ascuma*...) não hesita em attribuir-nos, como erros grosseiros, consimiles negligencias de impressão nas AÉRIDES.

Uma das *Annotações,* no genero, reza assim:

"No verso de Juvenal: *Quum Gaetula ducem portaret bellua tuscum!* o verbo *portaret* apparece-nos transformado em *porterat* (p. 4.)".

E as *Annotações* trazem, como epigraphe, os versos do mesmo poeta:

"... Miserum est aliorum incumbere famae,
Ne collapsa ruant subductis tecta columnis."

mas duplamente estropiados:

"*m*iserum est aliorum incumbere famae,
Ne collapsa ruant subductis tecta columnis.",

Bem certa é a velha maxima de que *o castigo anda a cavallo*...

Em casos no molde do *que* por *qui*, no molde do *traslator* por *translator*, *através a* por *através da* e outros menos accentuados, torna-se-lhe flagrante a má fé.

Vendo á pag. 135:

"*Qui* nous a vu? — est-ce la nuit?"
"*Qui* nous a vu? — est-ce l'aurore?"
"Et *qui* nous enviait là-haut"
"*Qui* la chantait devant sa femme"
"*Que* nous a vu, dis-moi? personne",

foi buscar á pag. 240, para fazer companhia a este *que*, por *qui*, mais dous.

Quando ha acerto, credita-o ao typographo; mas, quando ha desacerto, debita-o a nós!

A's vezes, porém, serve-lhe isso de pretexto para fingir de etymologista, a custa alheia.

Assim é que, excluindo a hypothese de simplificação formal em *estrela*, papagueia ter vindo *estrella* do lat. *stella*, intercalado ao étymo um *r* por influencia analogica de *astro*. Era-nos licito, porém, sustentar, com apoio de Michel Bréal, outra derivação: *sterula*, *sterla*, *estrela* (estrela).

E porque elle grapha *literatura*, por *litteratura*, procedendo o vocabulo de *littera*, a despeito de affirmação insciente de Candido de Figueiredo, já liquidada por Leite de Vasconcellos?

E ainda o tradicional *estylo*, por *estilo*?

Mas não vale a pena esmiuçar parlapatiees quejandas ([13]).

Neste capitulo, da lingua de Camões e do sr. Othoniel Motta, resta uma sancadilha: a de que empregamos archaismos (*a la par, alfim, antanho, etc.*) e neologismos (*filamentaes, ghirlanda, orgiastico, etc.*), sem venia do segundo, por "prurido do *preciosismo*".

Que nos perdôe a irreverencia e o ousio quem, com indubitavel opportunidade e gaiatada inexeedivel, assim se confessou, numas cogitabundas e prolixas *Questões philologicas* (*Ensaio de syntaxe historica. — A evolução do gerundio*):

"E' aqui que bate o ponto. Para Julio Moreira e Leite de Vasconcellos essas funcções não podem ser exercidas em portuguez pelo gerundio.

Mas porque? Andam ahi, como dizia D. Duarte, "razões non catylieadamente dietas".

(O leitor não sabe o que é *catilicadamente?* Não se incommode, porque eu tambem não sei. E ninguem sabe. Usei o termo porque em nosso meio não ha nada que faça um auctor crescer tanto no conceito publico, como empregar elle palavras de que não entende nemigalha e de que o povo nada pesca."

Nemigalha? Pois, não!

Nós somos *preciosos;* o que seja fr. Gerundio, caroavel de facecias entremeiadas a assumptos sérios, a outros deixamos dizer.

§§§§§§

A' pag. 204 de Aérides lê-se:

"Tomou-lhe a mão o luso seiscentista Jeronymo Côrte Real," *etc.*

([13]) Deblatera em presença dos mais evidentes e insignificantes erros typographicos: fratrecida, indecivel, inflingidos (destes estão inçadas as obras de Garrett e Camillo), Roumania (quer, como Gonçalvez Viana, *Romênia*, em vez do corrente *Romania*), destribuidos, veperino, *etc., etc.*

E acode o annotador:

"E' grave essa affirmação na penna de uma pessoa que já fez concurso para a cadeira de literatura do Gymnasio local. Sim, é grave chamar de *seiscentista* um lidimo *quinhentista*, contemporaneo de Camões, e que nasceu, viveu e morreu dentro do seculo XVI. Ver Mendes dos Remedios, HIST. DA LIT., p. 115. (14)

E' que *quandoque bonus...*"

Não se trata de lapso de penna, como insinúa, pela cortada expressão horaciana, o autor da nota, no fim desta, quiçá meio arrependido da severidade com que a começara (o vacillar denuncia logo a quem o terreno foge sob os pés).

Dispensamos qualquer benevolencia, por parte do sr. Othoniel Motta, cujo *espirito livresco* ali se trai, mediante a citação de um compendio escolar. Para não se submetter a méro criterio chronologico, que é no passo o unico do mestre illustre, carece de *autonomia intellectual.*

Como bem escreveu Camillo Castello Branco, "Os diversos historiadores demaream a seu arbitrio os periodos em que *as letras se manifestaram com diversa feição, quer progressiva, quer decadente*". E a quinta época da literatura portugueza, a da decadencia da respectiva poesia, vai de 1580 a 1700, segundo classificação do mesmo.

Ora, nesse periodo compoz-se e estampou-se o NAUFRAGIO DE SEPULVEDA (1.ª ed. 1594), a mais significativa obra de Jeronymo Côrte Real, poema que o colloca á vanguarda dos *seiscentistas*, literariamente falando. Assim, não importam, para a critica de alguma agudeza, as datas extremas da vida do homem (1523-90).

---

(14) Essa questiuncula não impediu ao dr. Mendes dos Remedios, reitor da Universidade de Coimbra, de escrever-nos em 17 de Outubro: "Cumprimento a V. Ex. e, muito reconhecido, agradeço a offerta de AÉRIDES, cuja leitura tem sido para mim um verdadeiro deleite espiritual."

Nelle, o *poeta* é um iniciador do *seiscentismo,* porque sua obra capital abriu a série das *epopéas minores,* caracterizadas pelo intuito de supplantar os LUSIADAS. "Contemporaneo de Camões", ao aspecto physico, deixou de sel-o, ao espiritual, tornando-se batedor dos autores do CONDESTABRE (1610), do AFFONSO AFRICANO (1611), da MALÁCA CONQUISTADA (1634), da ULYSSÉA (1636), da ULYSSIPO (1640) e do VIRIATO TRAGICO (1699, 41 annos após a morte do poeta). A esta luz, Francisco Rodrigues Lobo, Vasco Mousinho de Quevedo, Francisco de Sá de Menezes, Gabriel Pereira de Castro, Antonio de Sousa Macedo e Braz Garcia de Mascarenhas, quasi todos vindos ao mundo em meiados e fins do seculo XVI, não passam de epigonos de Jeronymo Côrte Real ([15]).

As *epopéas minores,* votadas ao desenvolvimento de episódios, ou referencias da *maior,* nasceram da incompreensão da valia historica desta, que consagra o valor dos heróes portuguezes em

---

([15]) Nelle tambem se inspirariam, sem embargo das datas de publicação da ELEGIADA (1588) e do PRIMEIRO CERCO DE DIU (1589), Luiz Pereira Brandão e Francisco de Andrade, ambos de seu bando e ligados entre si, como attestam documentos literarios do tempo.

Do estilo do segundo, a quem já algures chamámos *seiscentista,* dão idéa extractos da proposição e da dedicatoria do poema:

"Qu'engenhos sobrehumanos bem merece
O sobrehumano seu merecimento
Porém, se o meu intento não fallece
O que nunca faltou a um bom intento.

Heroicos varões, eu direi tanto
De vós, que ao mundo seja inveja e espanto." C. I, est. III.

"Filippe invicto, a quem a Providencia
E o Divino Poder hoje sujeitos
Os Lusitanos fez .....", Id. est. IV.

"Verás que em render peitos não rendidos
Tu muito, e tambem muito elles ganhárão:
Elles, pois coube em ti senhoreal-os,
Tu, por seres senhor de taes vassallos." Id. est. VI.

conjuncto, numa extraordinaria synthese politico-social. E quem deu o *alamiré* aos poetas da *decadencia* foi, repetimol-o, Jeronymo Côrte Real, fazendo de um idylio tragico-maritimo, objecto de tres estancias apenas dos LUSIADAS, assumpto dos dezesete longos cantos do NAUFRAGIO DE SEPULVEDA.

O sr. Othoniel Motta, o ultimo dos commentadores dos LUSIADAS, incapaz de tocar-lhes mais que exterioridades rediscutidas, não tendo siquer penetrado o sentido do NAUFRAGIO DE SEPULVEDA, éla Camões e Côrte Real na mesma cadêa do *quinhentismo* literario.

Si tivesse *individualidade*, agiria talvez de modo opposto, separando-os convenientemente, sem a preoccupação de que o segundo "nasceu, viveu e morreu no seculo XVI", como o primeiro.

Apontando ao que de melhor, ou de menos ruim, poz Jeronymo Côrte Real em o NAUFRAGIO DE SEPULVEDA, escreveu Camillo Castello Branco:

"A descripção das cavalhadas é o episodio que mais realça no poema. Não temos outro seiscentista que inquadrasse mais lustrosamente essa especie de festejo."

Outro SEISCENTISTA... Viram bem?

Agora, passe o sr. Othoniel Motta attestado de inepto ao grande vulto da literatura portuguesa.

Elle, coévo de Ruy Barbosa, acredita, só por isto, que as BREVES ANNOTAÇÕES equivalem á REPLICA, devendo a critica do futuro reunil-os, numa classificação... impossivel.

Tem destas o aferidos do Jeronymo Côrte Real "lidimo quinhentista". (16)

---

(16) Havia de excitar-lhe a admiração, quando menos pelos écos, a versejadura de Jeronymo Côrte Real:

"..... *Isabel Madeira,*

Do mestre João mulher fermosa e moça,
Que sempre trabalhou, andando prenhe,
Acarretando pedras e pesos grandes."

SEGUNDO CERCO DE DIU (1574), c. IX, V.os 600-3.

A' pag. 222 de AÉRIDES, em rapida nota, dissemos que o vetusto proverbio *respingar contra o aguilhão* é o *advorsum stimulum calces* de Terencio, PHORMIO, v. 78 (17).

E accrescentámos:

"Tambem figura nos *Actos*, 9:5, Conversão de S. Paulo. O poeta e o apostolo ter-se-iam abeberado na corrente grega." (18)

Visivel estava nosso fito principal: acenar a primitivas fontes literarias.

Mas o sr. Othoniel Motta suspeitou que pretenderamos apossar-nos da seara biblica, privando-o das melhores espigas...

E saltou protestando:

"Os *Actos* foram escriptos por S. Lucas, que não era apostolo, e a phrase é posta na bocca de Jesus Christo. O apostolo Paulo, pois, entra ali como Pilatos no Credo."

Rectifiquemos-lhe a corrigenda capciosa.

Sob a fórma "dura cousa é para ti recalcitrar contra o aguilhão", a phrase discutida occorre primeiro nos labios do apostolo Paulo, embora attribuindo-a a Jesus Christo, *Actos*, 26: 12-15, onde, na defesa perante Agrippa, conta aquelle a historia de sua conversão, com pormenores que faltam em outras narrativas.

E não altera essencialmente quanto lançámos, a despeito do

"Morreu mestre João, varão prudente,
De ousado coração, de vivo sprito,
E muito experimentado em çururgia" *Id.*, c. XI, V.os 428-30.

São "fulgurações épicas do rival de Camões", na phrase ironica de Camillo ou do "lidimo quinhentista", consoante ao sr. Othoniel Motta, sem ironia alguma...

(17) Uma variante, *stimulus pugnis caedis*, offerece-nos outro comico latino, Plauto, TRUCULENTO, v.° 717.

(18) Alludiamos a Pindaro, *Pythia*, II, v.° 173: ποτὶ κέντρον··· λακτιζέμεν, e Euripides, BACCHANTES, v.° 791: πρὸς κέντρα λακτίζοιμι·

equivoco de cita, o haver S. Lucas escripto os *Actos*, porque, no caso, teve ao apostolo Paulo como fonte immediata.

Mas, o sr. Othoniel Motta saberá muito da BIBLIA, para arrogar-se fóros de corrector?

Não parece, a attentarmos nestes pedacinhos, referentes ao teixugo, em ALGUM RISO, MUITO SISO, pgs. 21 e 22:

"Não é animal de nossa floresta; habita a America do Norte."

"Sua pelle impermeavel presta-se admiravelmente ao fabrico de malas. A BIBLIA nos conta mesmo que na construcção do templo muito uso se fez dessa pelle."

Não sabemos que relação possam ter as malas com a BIBLIA... nem si o autor do amphiguri voltou da America do Norte com mala de teixugo...

Mas sabemos que commetteu um anachronismo quem, inculcando o *meles taxus* como privativo da America do Norte o apresentou, ao mesmo tempo, como fornecedor de pelles para revestimento do tabernaculo.

Aliás, existindo o teixugo tambem na Syria e na Palestina, comquanto em numero moderado, si se prestasse sua pelle para cobertura de tendas, que se não presta, poderiamos admittir a hypothese... sapecando a BIBLIA.

Transcrevamos o que se lê em *Exodo*, 19:36, segundo a SEPTUAGESIMA e a VULGATA:

δέρματα ἰακίνθινα

e

"... velamentum de pellibus ianthinis".

Equipolendo a pelles jacinthinas, encontra-se em Pereira de Figueiredo:

"... coberta de pelles roxas".

Só em Ferreira de Almeida é que se vê:

"... coberta de pelles de teixugos".

O sr. Othoniel Motta, que se atrasa em ambicionadas descobertas linguisticas, que não acompanha de perto o movimento intellectual do país, ignorava termos já incluido aquella passagem numa conferencia, *Poesia popular no Brasil,* inserta na *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes,* edição de 31 de Dezembro de 1909 — cerca de 8 annos antes de seus commentarios aos LUSIADAS...

Mas, como a probidade é uma de nossas poucas virtudes e a que mais zelamos, cumpre-nos trasladar para aqui algumas linhas edificantes.

Na *Revista do Centro,* que podia passar-lhe despercebida, accrescentámos ao ponto:

"Toda esta elucidação do *Papagaio real para Portugal* é a synthese de uma pagina inédita de João Ribeiro, o philologo eminente."

E em AÉRIDES, que S. s. leu, releu e até tresleu, ao *texto* citado appensámos a *nota*:

"O periodo todo é um descorado resumo de quanto escreveu João Ribeiro nas FRAZES FEITAS, 2.ª série, pags. 93-5, patenteando as successivas transformações de *arrayal por* em *arreal por, real por* e *real para,* licção etymologica que se oppõe triumphante á de Adolpho Coelho, DICC., art. *real.*"

A obra de João Ribeiro, impressa no correr de 1909, veiu a lume em principio de 1910, precedendo de 7 annos a do sr. Othoniel Motta.

Expoliador de Epiphanio Dias, Luciano Pereira e outros, — do que já foi justamente argüido, — o sr. Othoniel Motta fingiu não ter visto a *nota,* para, mais tarde, aproveitar-se do trabalho do mestre collendo, sem declaração, ao contrario do que fizeramos.

Entretanto, o mesmissimo sr. Othoniel Motta, cuja experteza assim reduzimos a nada, desceu a uma pérfida insinuação contra nós.

Dissemos em AÉRIDES, numa nota a phrase traduzida de Columella, *peras decumanas*:

"Provavelmente as mencionadas nos LUSIADAS, c. IX, est. 59, 2.ª parte:

"E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.",

ainda não interpretada a rigor, que nos conste, pelos commentadores de Camões, desde Faria e Sousa, que caranguejou a respeito.

As peras pyramidaes, devido ao muito peso, vem a terra antes da plena maturação, si lh'a não apressam, pelo dessoramento, as bicadas dos passaros; soffrido este processo, em razão do qual o povo lhes chama *peras sangradas*, ficam na arvore, tornando-se saborosas, ao que ouvimos de pomareiros ultramarinos.

A sabios de etiqueta não agradará talvez a explicação, por demasiado simples, como sóe ser a verdade."

Para não ficar entre os sabios de etiqueta, nosso detractor saiu-se com esta, á segunda cousa que lhe pareceu merecedora de encomios:

"Como se vê, se o facto é real — o que vou submetter á prova de entendidos em pomicultura — a explicação é cabal. Com vivo prazer a incluiria na 2.ª edição do meu LUSIADAS (*sic*) com louvores ao autor de AÉRIDES, se a descoberta tambem já não tivesse sido feita antes pelo illustre poeta sr. Alberto de Oliveira, que m'a revelou em Junho de 1917, na casa Garnier, dizendo-me haver consultado tambem o seu pomicultor ultramarino."

O novo Camões ou segundo autor de LUSIADAS, a despeito das referencias pelos dous Albertos a *pomareiros ultramarinos*, ain-

da vai ouvir "entendidos em pomicultura", naturalmente por não confiar na palavra de ambos (agradeça-lhe a cortezia o do Rio).

Todavia, emquanto não tenta a consulta, procura desavir velhos e bons amigos, mediante a historia da prioridade na descoberta....

Para confundil-o, tornamos publico, rastreando-lhe a linguagem meio tabelliôa, que:

Aos 24 de Fevereiro de 1917, na Avenida Piabanha n. 148, em Petropolis, perante Afranio Peixoto, em cuja companhia não fermentam invejas, Alberto de Oliveira dava-se parabens por coincidir sua interpretação, do logar das peras pyramidaes e dos passaros inicos, com a de Alberto Faria em AÉRIDES (autographos em mãos do editor desde Agosto de 1916).

Alguma vez, amargo pomo de discordia, indiscretamente bicado, adquire singular doçura...

§§§§§§§§

Nosso inimigo, o sr. Othoniel Motta, que não é critico de officio, devia abster-se de tratar de AÉRIDES; mas, quanto possivel *comouflé,* logrou embair a redacção da *Revista,* com secreto intento demolidor.

Para a cauda de seu artigo, cascavel de incpcias em bulha de intrigas, relegou elle a exploração de sentimentos odiosos, pensando crear-nos ambientes insoffriveis, neste e no outro mundo...

Vejamos como busca arregimentar, contra nós, vivos e mortos, a titulo de que — *não póde deixar sem reparo o tom de menoscabo com que o autor se refere ás pessoas de quem discorda* (*sic*).

"Na pagina 126, tratando de um literato mineiro, Lopes Netto, que entrou no ról dos que tentaram traduzir o celebre pingo no verbo *aimer,* da poesia de Rostand, diz que elle "calinescamente interparenthetico, saiu", *etc.*

Querendo traduzir o alexandrino do *Beijo de Roxana*:

"Un point rose qu'on met sur l'*i* du verbe aimer",

Lopes Neves saiu-se com a formula interpretativa:

"Roseo ponto sobre o *i* de *aimer* (amar) um méro Segredo, *etc.*

Que haviamos de dizer *disto* senão *aquillo*, nós que não traduzimos Heredia com a diaphaneidade com que o sr. Othoniel Motta traduz Adelaide Proeter?

"E por descobrir umas linhas em que Anatole France muito se approxima do referido soneto de Heredia, *Récif de corail*, não trepida em assegurar que o poeta commetteu um lindo plagio".

O sr. Othoniel Motta é que não trepida em inverter quanto os outros escrevem. Não attribuimos o "lindo plagio" ao autor de LES TROPHÉES, mas sim ao de BALTHAZAR (o trecho é em prosa, cousa que o mesmo confunde com poesia...).

Si chamassemos *feio* ao plagio que Gustavo Michaud não archivou, tendo dedicado centenas de paginas ás apropriações literarias de Anatole France, é que talvez se zangasse comnosco quem fez com tanto espirito a *Apologie pour le plagiat*...

"Mimosea A. F. de Sant'Anna Nery com isto: "De improbidades similhantes está cheio o livro do tapuia afrancesado."

O amazonense traduzira para francês, palavra a palavra, fragmentos de obras de Baena e de Alexandre Ferreira, sem declaração da autoria original, o que constitue, isto sim, feios plagios.

Decididamente, o sr. Othoniel Motta de questões de literatura "não entende nemigalha", para servirmo-nos de phrase sua.

"Referindo-se a Martius — note-se bem: a Martius! — exprime-se deste modo: "O que ha notavel de erroneo, no primeiro logar é ter dado elle ao guanumby — *ganambuch,* em sua lingua de trapos, — *etc.* (p. 192)".

Devia ter concluido a transcripção: "o nome de coracina ornata, confundindo um beija-flor com uma gralha..." Pois era o que importava, como critica ao ensinamento rejeitavel.

Quanto ao português, não admira que o illustre naturalista bavaro tivesse *lingua de trapos,* provindo isto em parte de ter *ouvido de espingarda,* segundo Alberto Löfgren.

Agora, é desenterrar este botanico suéco, afim de punil-o pelo *insulto* á memoria do outro...

"Com respeito a Gonçalves Vianna, gloria innegavel da philologia portugueza, usa da expressão "arroto de erudição".

Ha ahi uma falsificaçãosinha, tola e innocente.

Eis o trecho allusivo:

"... *quitute,* com o sentido lato de manjar appetitoso e, conseguintemente, occasionador de indigestões a gulosos (aqui, de certo modo, cabia tambem o *fressen,* em arroto erudito...)."

Assim, com riso fugitivo, visaramos apenas uma descabida mostra de erudição, do notavel lusitano:

"... *papão,* o qual, sem a minima dúvida provem de papar, "comer com sofreguidão" (allemão *fressen*)".

O sr. Othoniel Motta, porém, acha que *arroto erudito* é suprema offensa...

Não vão agora os srs. typographos comprometter-nos, cambiando, nalgum logar, *Breves annotações* por... *Breves arrotações!*

"Na pagina 17, discordando de Emilio de Menezes, chama-lhe malevolamente *errante,* procurando ferir, na dubiedade da significação contida no adjectivo, o caracter do illustre poeta."

Entretanto, Emilio de Menezes nem suspeitou a *intenção*... que nos empresta o adversario lealissimo...

Já depois de publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio, o artigo *Traduttore, traditore*, Emilio de Menezes communicou-nos, por intermedio de Venicio da Veiga, conforme documento datado de 25 de Abril de 1915, em nosso poder, acceitar emendas que soubera propunhamos aos sonetos *Girasól* e *Romã*, os melhores talvez das POESIAS. E, mais tarde ainda, em 25 de Fevereiro de 1917, approximou-se de nós pessoalmente, rendendo nos preito carinhoso, do que é testemunha Filinto de Almeida.

O sr. Othoniel Motta chega até a adulterar textos, com o intuito de tornar-nos repugnante aos olhos da gente asseiada.

Patenteemol-o, para sua vergonha, senão arrependimento.

Em nota á pag. 54 das AÉRIDES lê-se:

"Desattendendo ao caso particular destes versos, numa estrophe em que a palavra *ouro* não faz consonancia com outra qualquer, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, amigo de faceis expedientes para resolver questões intrincadas, achatou-se em tres paginas de uma nota geral, cujo remate patusco passamos a transcrever:

"Murióse el cigarron, tendió suas ancas,
Y cargaron con él hormigas blancas:
Fuerza del consonante, à lo que obligas,
Que haces que sean blancas las hormigas."

Essa vulgaridade humoristica, emprestada pela millionesima vez á Musa castelhana, só depõe contra a subtileza de espirito do critico."

Nada mais justo e delicado, nada mais limpido e decente.

Pois, bem; vejam o que elle nos imputa:

"Na pagina 54 diz que Pereira da Silva "achatou-se em tres paginas de uma nota geral, cujo remate *patusco* passamos a trasladar", *etc.*"

De modo que, para mostrar *o tom de menoscabo com que o autor* (de AÉRIDES) *se refere ás pessoas de quem discorda* o sr. Othoniel Motta, trocando nomes proprios, aliás excusadamente, grypha palavra honesta, afim de attribuir-lhe sentido obsceno, e trunca o que se segue, para maior éxito da fraude.

Patusco, em acceção normal, é synonymo de alegre, divertido. E foi nessa que delle usamos, qualificando o commentario, fundado este em chiste revelho.

A emphase othonielesca, para o vocabulo exprimir cousa differente, revela cultura do *folk-lore* escatologico, do qual não curamos, deixando-lhe o campo livre. Mas isso desabona o autor de ALGUM RISO, MUITO SISO, que se apregôa espelho de verdades moraes.

Quanto a invencionices, cumpre-lhe restringil-as aos contos familiares, como aquelle de seu parente caçador, que matou um onção, mettendo-lhe á garganta o caninho da *pica-pau, op. cit.*, pags. 31-2, ou aquelle outro de seu heroico irmão de cinco annos, que dominou um garraio a golpes de taquara, *id.*, pags. 84-6 (o mau gosto literario do sr. Othoniel Motta denuncia-se até no facto de incluir o tio dr. José Bento, seu collaborador latino, numa allegoria emplumada, *id.*, pags. 13-4).

Do contrario, o abuso da imaginação enfermiça, com o gravame da phantasia indecorosa, tudo redundante em improbidade lesiva do credito alheio, provocará legitimo desforço, que as paginas desta *Revista* não comportam, mas cabe nas de um pamphleto, de analyse integral de sua mercancía didactica.

Campinas, Novembro de 1918.

ALBERTO FARIA.

P. S.

Sob as *Breves annotações*, o signatario chama as vistas dos clientes para um trabalho do sr. José Oiticica versando AÉRIDES, por entre o seu e o delle haver pontos de contacto, diz. Com effeito, o critico do *Correio da Manhã* dá-se egualmente á inoffensiva caça de erros typographicos da maior evidencia (álgures, camoneano, Sabio e tambem douto significam poeta, em vez de algúres, camonianos, Sabio e douto significam tambem poeta, *etc.*, etc.). Mas está longe de approvar certos processos do collega, de Campinas. Tanto assim, que lhe unhou a pagina d'O MEU IDIOMA em que se profliga a doutrina acceita dos gráus de adjectivos, especialmente "porque ahi se insinua, a alumnos, uma perfidia pouco respeitosa contra um professor apresentado como rotineiro e autoritario, tudo em chocarrice de gosto duvidoso." Jornal nomeado, n.º de 20-8-917.

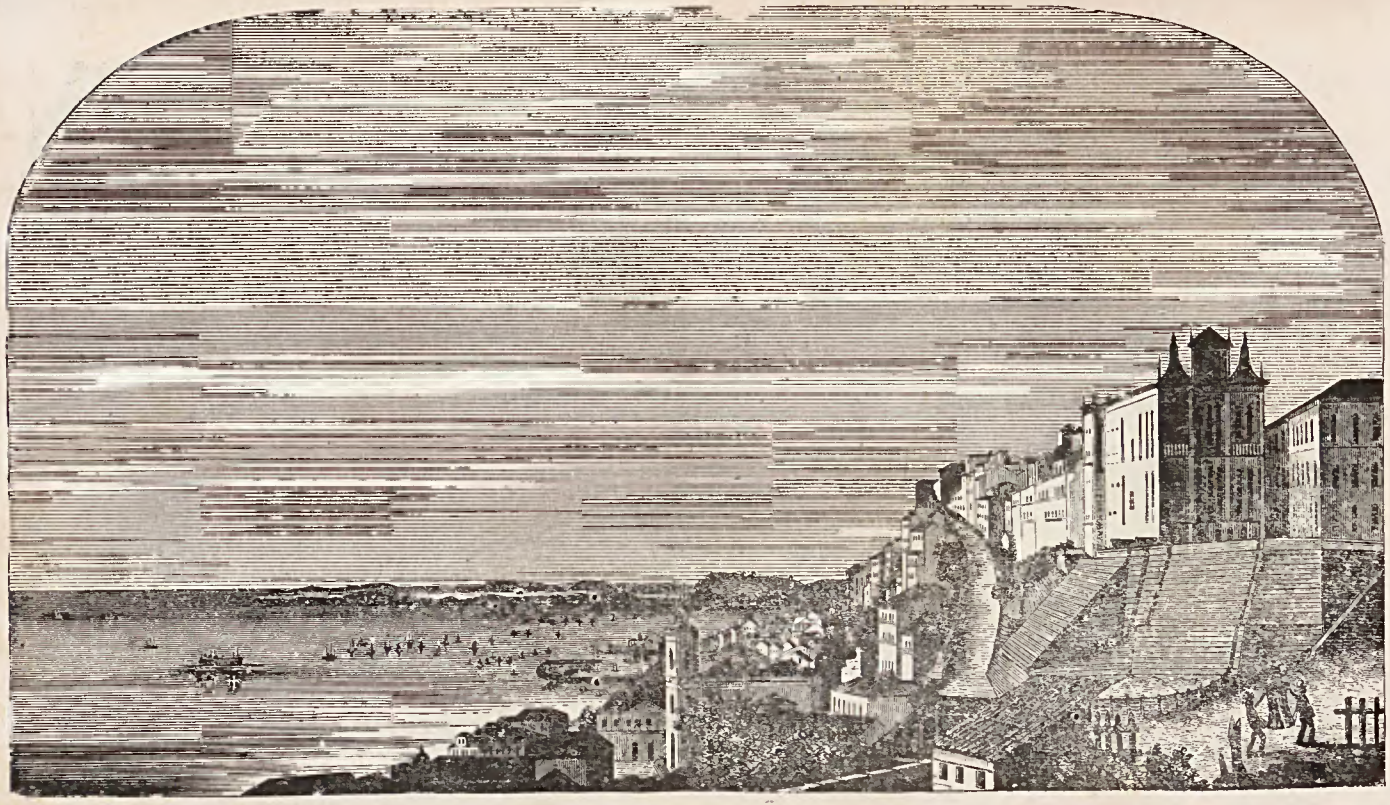
Quem com Oiticica quer ferir, com Oiticica é ferido...

A. F.

GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

O Senado



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Vista da Bahia

A TRANÇA

Quando um escravo veio avisal-a que a Sinhásinha estava acamada, parecendo ser as bexigas, a preta Rosa estremeceu de pena e sobresalto.

Todo o resto do dia, na tristeza do seu casebre de palha, que ficava bem ao fundo do sitio dos seus senhores, a velha mulher não teve socêgo, pondo-se a recordar, emquanto cachimbava, as vigilias vencidas ao pé do berço daquella menina que criára acarinhadamente, emballando-a aos seus braços humildes, amamentando-a nos seus peitos apojados e rijos. Crescida a creança, já se fazendo mocinha, deram-lhe a alforria, em paga; porém ella, como o cão devotado, deixou-se ficar a envelhecer, a esperar a morte, nas quatro paredes do mocambo de palha com que a generosidade dos amos recompensara o seu devotamento de longos annos, o seu leite de mãe roubado ao proprio filho que lá se fôra para o céo, quasi a mingua... E quem se lembrava da negra Rosa? Lá uma vez por outra a Sinhásinha, menos desamorosa que trafega, vinha vel-a, trazia-lhe uns molambos, um pouco de café. Era só.

Até certo dia ouvira dizer que o "senhor" cuidava de mandal-a embora por carecer da morada para uns escravos novos. Que fosse tudo pela vontade de Deus! O peior é que a Sinhásinha estava com a peste: — o coração se lhe apertava só em pensar aquelle rosto tão macio, tão côr de rosa, coberto de pustulas, deformado... Em quem era bonito certas molestias não deviam dar. Pobre Sinhásinha! Tinha vontade de ir vel-a, tinha, mas, si não a deixassem entrar no quarto?!...

Escurecera e ella se pusera á porta, afflicta, receiosa, attenta aos pios das aves nocturnas, temendo ouvir a gargalhada hysterica das corujas, num annuncio de máo agouro. Já tarde o escravo voltou: desta vez trazia um chamado dos patrões para que a Rosa fosse servir de enfermeira da "menina". O medico, vindo ha pouco da povoação, confirmára as bexigas, mandára separar as outras

creanças, dissera ser preciso uma pessoa para tomar conta da doente, por serem das ruins as variolas.

— Aquillo péga "que nem" visgo de jaca... — exclamou o captivo, benzendo-se.

A velha Rosa, silenciosa, punha nos hombros o chale azul, apressava o passo por entre as bananeiras do sitio, rezando baixinho...

II

Nem as promessas, nem os remedios serviram: a luta foi de vinte dias, vinte noites doiorosas, insomnes, de abnegação e de sacrificio da dôce muiher, tudo debalde, porque, numa madrugada arrepiadora, chovendo fórte, Sinhásinha, sem uma palavra de despedida, cerrou os olhos de vez.

Na vespera, o doutor mandara que se lhe cortassem os cabellos alourados, a linda trança da mocinha, tantas vezes desentretecida, pelas mãos carinhosas da preta.

Com a morte, sahindo o enterro, Rosa retornou no mocambo, já se sentindo mal, sem saber mesmo si era das saudades, si era do corpo. Mas, no outro dia, tinha febre, tinha dôres, tinha desmaios. Na terceira noute todo mundo sabia que a velha estava tambem com as bexigas, e ninguem queria cuidar della.

— E' o pago de quem faz o bem — rosnou uma escrava cheia de terror.

A noticia rolou pelo sitio, foi de écho em écho aos ouvidos dos senhores, ainda desolados pela filha.

Estavam ao jantar, no alpendre. Entreolharam-se. A epidemia rondava as visinhanças: o instincto de conservação, o interesse em poupar os escravos, que eram dinheiro, foram mais exigentes que a piedade e o reconhecimento.

— E' preciso mandal-a para o hospital, na cidade — lembrou o marido.

— Naturalmente — secundou a esposa. Não podemos tratal-a... E teve um gesto simulado de commiseração.

Naquella mesma tarde, enfardada numa rêde, carregada por dois captivos, a Rosa se foi, estrada afóra, queimando de febre, para o leito da caridade.

O pavor dos amos era grande: o moçambo da doente foi incendiado, sem que se retirasse delle um só trapo, enovellando-se de fogo, crepitando, avermelhando de chammas o crépe sombrio da noute, os perfis esgalhados das arvores...

E ninguem mais pensou na inditosa negra, morta decerto no asylo, enterrada na cóva dos humildes, sem cruz e sem orações...

Uma tarde Rosa surdiu no sitio, tropega, emmagrecida, com as faces pintalgadas de marcas das bexigas.

Foi uma surpresa, um alarma. Houve quem pensasse ser uma apparição.

Os senhores, vexados, nunca esquecidos da filha, receberam-n'a no alpendre.

— Disseram-nos que você havia morrido. Mandei queimar o seu mocambo, Rosa; podia pegar... Bem sabe. Que fazer? — lamentou o patrão.

A velha enxugou uma lagrima.

— A culpa foi minha de não haver avisado vosmecês...

— Avisado o que? — interrogou a senhóra.

Houve um instante de silencio, entremesclando-se a anciedade dos amos com o receio da serva. Por fim, esta tartamudeou:

— E' que... no bahú da velha estava a trança de Sinhásinha, que "seu doutô" cortou...

MARIO SETTE.

DO ARCHIVO [1] DE JOSÉ DE ALENCAR

LUIZ PEDREIRA

(BOM RETIRO)

A' S. S. o Sr. Dr. José Martiniano de Alencar

Em 8 de Maio de 1856.

Illmo. Sr. Dr.

Pode publicar que foi escolhido Senador pela Provincia da Parahyba o Sr. Commendador Frederico de Almeida Albuquerque.

Hoje á noite minha familia recebe em nossa casa do Engenho Velho algumas pessoas de amisade em reunião com caracter inteiramente particular. Muito estimaremos que V. S. e seu estimavel irmão façam parte della.

Sempre com particular consideração,

De V. S.
Amg., Obr.o e coll.

Luiz Pedreira.

VISCONDE DE SAPUCAHY

Illmo. Sr. Dr. José de Alencar

Tenho a satisfação de participar a V. S. que Sua Magestade a Imperatriz ha por bem permittir que lhe seja dedicada a interessante comedia intitulada — **O Demonio familiar** — cujo autographo devolvo a V. S. para a representação.

Dando cumprimento á ordem imperial, aproveito a occasião para congratular-me com V. S. pela feliz concepção e execução da obra.

Sou com muita consideração

De V. S.
Admdor. e Obr.

Visconde de Sapucahy.

Paço, 3 de Outubro de 1857.

---

(1) V. a Revista do Brasil de janeiro, fevereiro, maio e junho de 1918.

PEREIRA DA SILVA

Meu caro Alencar.

Aonde se metteu hoje? Incumbi a um moço que o procurasse para lhe pedir aquella carta que lhe pedi, do nosso excellente Senador, e tive resposta de que não foras achado.

Tenho urgencia de tal carta, e por isso lh'a lembro, e rogo-lhe que a entregue ao portador, e que seja boa — porque alem de ser para fim justo, é por homem muito de bem, e que eu em tudo desejo servir.

Sempre amigo e collega

Pereira da Silva.

S. C. 26 de Novembro de 1855.

EUZEBIO DE QUEIROZ

Illmo. Amg. e Sr. Dr.

Campos, 18 $\frac{10}{1}$ — 58.

No dia 7 ás 9 horas da noite recebi em Quissamã uma carta sua datada de 2. Nessa madrugada partia eu com destino a esta cidade onde cheguei hontem ao meio dia.

Agora mesmo sei que agora parte o correio, apenas tive tempo para escrever a inclusa. Peço-lhe pois desculpe a pressa de que se resente. Recommende-me ás Exmas. Senhoras D. Anna e Filhas, e a seus Irmãos e Cunhados. Disponha de quem é com estima

Amg. e Coll. Obrg.

Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.

MARQUES LISBOA

Paris, 7 de Setembro de 1857.

Illmo. Sr. Dr. José Martiniano de Alencar.

Recebi a Carta com que me honrou V. S. e o Album que nella se annunciava, destinado a Mr. de Lamartine, a quem com a maior satisfação entregal-o-hei logo que a esta Côrte regressar este illustre Poeta.

A chave e a fechadura da caixa em que veio o Album chegaram algum tanto damnificados, mas foram logo convenientemente concertados e dourados.

Aqui fico ás suas ordens, e tenho a honra de ser

De V. S.
Muito Att. Vdor. e Obr.

José Marques Lisboa.

C. BAPTISTA DE OLIVEIRA

13 de Julho (1858 ?)

Illmo. Sr. Dr. Alencar.

Li com particular interesse os dous excellentes artigos que V. S. publicou no seu Diario, em refutação da doutrina expendida no recente folheto escripto pelo Dr. Torres Homem, sobre os impostos, dos quaes teve V. S. a bondade de dar-me conhecimento.

No meu entender não se pode refutar essa doutrina com mais lucidez e força de argumentação, do que a fizera V. S. nas referidas publicações; porquanto não ha ahi hum só raciocinio, que não asente sobre factos averiguados; e por outra parte são estes factos da ordem daquelles, que a sciencia economica tem reconhecido como a expressão practica da verdade dos seus principios.

Essa doutrina, que V. S. agora combate com decidida superioridade, he uma verdadeira antigualha, que apenas mereceria as honras de huma discussão seria ha hum bom seculo atraz ou ainda mesmo nos bellos tempos de Colbert: e, senão fôra a consideração em que tenho os talentos do seu autor, ou antes **restaurador**, eu não hesitaria em dar-lhe a merecida qualificação de **sciencia antediluviana**, bem digna de figurar com honra entre as profundas lucubrações archeologicas de **Mr. Vadins**, relativamente ao estado de adeantada civilisação de huma graciosa raça de **bipedes**, hoje extincta, de que nos fallou ha dias o "Correio Mercantil".

Desculpe-me V. S. este gracejo, e considere-me entre os seus justos apreciadores.

De V. S. Vend. Obr.

C. Baptista de Oliveira.

A GRIPPE
E O SEU TRATAMENTO

A Academia Paulista de Medicina, recentemente fundada nesta capital, nomeou uma commissão de seus consocios para elaborar um estudo clinico sobre a grippe epidemica que ha mais de dois mezes infesta este Estado.

Essa commissão, constituida dos drs. Galeno de Revoredo, Rubião Meira e Eduardo Monteiro, apresentou um brilhante relatorio, que foi approvado unanimemente pela Sociedade, e que reproduzimos a seguir, na integra, por julgal-o digno de maior divulgação:

A GRIPPE

Diagnostico — A grippe, que acaba de nos visitar, espalhando-se pelas cidades do Interior, tem caracteres clinicos que não permittem confusão com outras entidades morbidas. Antes de dar o tratamento que mais convem lhe seja opposto, achamos util apresentar, em linhas geraes, as manifestações symptomaticas com que ella se mostra, e as formas clinicas que reveste. Não é compilação de livro, mas sómente o fruto da observação cuidadosa que hemos praticado no decurso dessa pandemia.

A forma ligeira é a mais frequente, a que obedece rapidamente á therapeutica intelligentemente applicada, e que evolue sem complicações na maioria dos casos, uma vez não encontre organismo tarado ou já affectado por molestia anterior. Temperatura elevada, podendo attingir a 39,5 — raramente indo a 40° — pulso em relação com a temperatura — catarrho nasal, tracheo-bronchico, inappetencia, prostração, lingua branca, ligeiramente azulada, olhos brilhantes, dôres de cabeça e no corpo, sensação de maiestar, urinas escuras — eis os principaes symptomas por que ella se apresenta. Esses phenomenos permanecem durante cinco ou seis dias, com alternativas na columna thermometrica, que ora cae em lysis ora em crise. Casos ha em que a infecção dura mais tempo, sem a intercurrencia mesma de qualquer complicação e outros existem em que só permanece durante dois ou tres dias. O clinico deve ter sempre, qualquer que seja o caso de grippe, a maxima attenção para os seguintes elementos:

1.° — A correlação do pulso e temperatura, porque se houver disparidade, este phenomeno indica ameaça de collapso cardiaco e a necessidade de intervenção com medicação cardio-tonica energica (digitalina).

2.° — A quantidade de urinas emittidas nas 24 horas, porque a oliguria nestes casos é signal precursor, quasi sempre, de uremia, e ennunela o dever do medico applicar medicação diuretica poderosa (injecção de serum da veia renal de cabra) podendo evitar, muitas vezes, esse accidente mortal.

3.° — o grau de "adynamia", que é a marca da infecção grippal e que requer o emprego de adrenalina, do serum physiologico (se não houver contra indicação renal) e de injecções de strychnina.

4.° — O estado dos pulmões, o exame diario fazendo-se impreseindivel para acudir ao apparecimento das complicações desde o seu inicio, o que trará para o medico a possibilidade de evitar mal maior.

Esses são pontos capitaes em materia de grippe, mesmo benigna e que devem estar no espirito dos clinicos, que só assim poderão contar successos.

A essa fórma sem gravidade juntam-se as fórmas complicadas. Merece seja dita, desde logo, uma advertencia, fruto de nossa observação nesses dias tristes que passaram. Em regra a grippe, quando tem de ser benigna, o é desde o inicio e se multas vezes se presenciou o apparecimento dessas outras fórmas, a culpa está sempre em desvio de regimen, em falta de cuidados, em resfriamentos que apparecem, em um pequeno nada, que, apparentemente destituido de importancia, repentinamente avulta de valor e vem turvar o quadro morbido.

Convem salientar tambem que toda grippe que evolue em individuo anteriormente doente não pode deixar de ser considerada seria, de prognostico reservado.

Assim, os diabeticos devem ser olhados com attenção, assim os nephreticos correm o risco de irrupção da uremia, assim os fracos de forças ficam grandemente debilitados, e do mesmo modo os tuberculosos ficam na imminencia de ver reaccender o mal, que então, corre parelha com a grippe, e a symptomatologia da tuberculose domina a scena morbida.

Entre as formas complicadas as mais frequentes são — a congestão pulmonar, a broncho-pneumonia, a pneumonica, a pleuro-congestiva, a gastro-intestinal e a toxemica.

O diagnostico de cada uma dellas é facil.

Na congestão — além dos escarros hemoptoicos, de tosse frequente e seeca, das dores thoraxicas — o exame do apparelho respiratorio elucida desde logo o juizo clinico. Submaciez, que pode faltar, e a existencia de estertores crepitantes, desses pequenos estalidos que nascem debaixo do ouvido, bastam para impôr o diagnostico. Uni ou bilateral, mas geralmente nas bases dos pulmões — a congestão grippal é situação clinica demorada, e o estado geral naturalmente se resente do processo que se passa nos pulmões. Não se deve confundir esta manifestação morbida com a pneumonia. Para que se possa firmar o diagnostico dessa outra, e temivel complicação da grippe, são necessarios o reconhecimento da macicez e a existencia do sopro tubario. Admittir-se que um doente após 6 ou 7 dias, em que se o tem observado com os estertores crepitantes, está com pneumonia, na falta desses dois signaes é derruirem-se as conquistas todas da clinica e da anatomia pathologica. A forma pneumonica caracterisa-se pelo mau estado geral, pontada do lado, temperatura elevada, prostração grande, rubor da face, tosse com esputos avermelhados ou côr de ameixa e pela duração acima de sete dias. Muito frequentemente intervem após a sua evolução o derrame pleural, sero-fibrinoso ou como, de regra, mais commum, purulento.

A forma broncho-pneumonica tem na sua symptomatologia o mesmo que marca a broncho-pneumonia, qualquer que seja a sua causa — pequenos fóeos, com submacicez e o "bruit de tempête", em que o ouvido descobre a confusão de ruidos, dos mais differentes. Estado geral nas mesmas condições que quando ha pneumonia lobar.

Se ha pleuro-congestão — á macicez se juntam, para o diagnostico, o sopro pleuretico e a crepitação fina.

A forma gastro-intestinal revela-se pelos vomitos, muitas vezes incoercivéis, alimentares no inicio, aquosos ou biliosos posteriormente, dores no estomago e no ventre, diarrhéa, muitas vezes choleriforme, tenesmos. Esse estado cede geralmente, á medicação que abaixo damos. A's vezes intervem nesta modalidade a syndrome typhica, e então a observação é como de um caso de febre typhoide, em que todos seus symptomas se mostram — situação morbida das mais graves que apparecem e que requerem intervenção energica da medicina.

A fórma toxemica é, a nosso vêr, a mais seria — pulso em desaccôrdo com a temperatura, que raramente vae acima de 38° — estado de profunda adynamia — dyspnéa em contraste com os phenomenos pulmonares, urinas parcas, e desde logo contendo grande quantidade de albumina, cylindruria — inappetencia a mais completa, sub-delirio, com agitação, ligeira congestão nas bases dos pulmões, figado augmentado de volume, cyanose — eis os symptomas primordiaes desse estado que, com frequencia, liquida o doente, em collapso cardiaco. Essa forma victima quasi sempre e o medico tem o dever de, desde logo, accudir os rins e o coração — o eixo para o qual tem de convergir sua attenção.

Com esses elementos cremos ter tocado nos principaes pontos capazes de permittirem o diagnostico exacto da grippe e suas principaes manifestações clinicas.

Prognostico — O prognostico da grippe — é natural — varia consoante a forma clinica que se mostra em scena.

Na "forma commum", ou ligeira, o prognostico é, por natureza benigno — salvo em se tratando de um cardiaco, um brightico, um diabetico, um alcoolista, um tuberculoso, um emphysematico, emfim um organismo tarado — mas esteja sempre o clinico attento para as complicações que não raro surgem de maneira inopinada e quando menos se espera. Na presente epidemia, medicos conscienciosos e competentes têm dado alta a doentes, após um exame meticuloso, que nada apura de anormal, quando são surprehendidos, algumas horas mais tarde, por um aviso de que o paciente se encontra com 40.° de febre. Volta o clinico, e, auscultando o apparelho respiratorio, onde nada achava, depara uma congestão pulmonar violenta. E' este um successo inesperado de que ninguem se livra, embora ao assistente não caiba nenhuma parcella de responsabilidade pelas felonias da molestia.

Aconselhamos, portanto, que ao se dar alta a um doente portador da forma banal, se avise a familia da possibilidade deste accidente.

Quando ha "profunda adynamia", o prognostico deve ser reservado, porquanto, sendo, como se presume, determinada por uma supra-renalite, a morte subita não é desfecho raro. No entanto, o tratamento por meio do extracto supra-renal, da adrenalina, da strychnina e do oleo camphorado, quando applicados em tempo opportuno, costuma restituir ao doente o seu tonus desfallecido.

Na "forma congestiva", em via de regra, o prognostico depende do lapso de tempo que medeia o seu inicio e a intervenção therapeu-

tica. Tenha esta interferencia nas primeiras 24 horas da evolução da congestão pulmonar, e é de habito observar-se o restabelecimento do individuo. Intervindo mais tarde, diminuem progressivamente as probabilidades de cura.

Estes conceitos, expendidos ácerca da congestão pulmonar, applicam-se por igual ás demais formas thoracicas da grippe: — a pneumonica e a bronco-pneumonica. São alluvião os casos de cura de pneumonia e broncho-pneumonia na grippe, em que foi applicado o tratamento aqui aconselhado, logo nos primordios da localisação pulmonar. Torna-se mesmo curioso observar, nos primeiros dias da pneumonia assim tratada, o bem-estar geral e o desapparecimento da febre, contrastando com a continuação do sopro tubario, da massicez e do exaggero do fremito thoracico-vocal, phenomenos propedeuticos que costumam desvanecer-se sómente pelos fins do septenario.

Na "forma que se poderia chamar renal", isto é, naquella em que o individuo, portador dos signaes banaes da grippe, apresenta uma albuminuria, ligeira ou intensa, isolada ou associada a edemas, importa conhecer que no seu quadro clinico podem intervir phenomenos uremicos, como a cephalea, os vomitos, a diarrhea e a dyspnea, phenomenos estes que são proprios tanto á influenza como á insufficiencia renal. Em todo o grippado albuminurico, que se mostra com esta symptomatologia, é de boa regra filial-a, não á influenza, mas sim á nephrite. Nesta occorrencia, portanto, o prognostico está vinculado á exactidão do diagnostico. A therapeutica bem orientada consegue, na immensa maioria dos casos, restituir a saude a estes doentes. O prognostico será guiado pela avaliação do volume da urina no nychtmero e a quantidade dos productos excretados. Desejando-se levar o apuro ao prognostico, comparem-se as quantidades de urea no sôro sanguineo e na urina. Quanto á formula do futuro do individuo, é mister saber que a nephrite grippal pode ser, em certos casos, a pedra angular em que se estabelecerá o mal de Bright.

Na "forma intestinal choleriforme", o perigo reside na deshydratação. Guie-se, portanto, o prognostico pelo numero das evacuações, pela intensidade da sêde e da secura da bocca, pela amplitude do pulso e pela presença de acetona na urina. Combata-se a deshydratação e institua-se o complemento da therapeutica, e a mortalidade será muito reduzida.

A "fórma toxemica" e a "fórma typhica" são as mais graves que existem, porquanto, — ao contrario das formas thoracicas contra as quaes existem armas poderosas no arsenal da therapeutica — aqui os meios de combate são debeis e fallazes.

Por fim, qualquer que seja a forma clinica, esteja o medico sempre attento para o lado do coração, porque na presente epidemia não são raros os collapsos, e intervenha com tonicos-cardiacos quando notar uma falta de parallelismo entre o pulso e a temperatura.

Tratamento — Eis o que, segundo a opinião dos melhores autores e a nossa modesta experiencia pessoal, nos parece, em synthese, mais indicado no tratamento da grippe do adulto.

A primeira providencia é o doente recolher-se, sem perda de tempo, á cama. Logo ao sentir os primeiros symptomas da invasão da molestia, mesmo que lhe pareça assaz benigna a forma de que foi acommettido, impõe-se, antes de tudo, essa medida.

A evolução da molestia far-se-á de maneira mais favoravel; complicações terriveis, muitas vezes mortaes, serão evitadas.

No que toca á therapeutica, o primeiro cuidado será a administração de um purgativo. Sempre que não houver contra indicação for-

mal, o de calomelanos deverá ser preferido: 0,30 a 0,50 centigrammas, ou associados ao extrato de rhuibarbo, em partes iguaes, ou de mistura com lactose, seguidos, neste caso, uma hora depois, de oleo de ricino (2 colheres de sôpa) ou de agua laxativa viennense.

Esta ultima pratica, sempre que fôr possivel, deverá merecer preferencia, porque se terá, assim, a segurança de uma bôa purgação.

No caso de não se querer recorrer ao uso de calomelanos, outros purgativos prestarão, tambem, bons serviços: sulfato de sodio ou de magnesia (30,0), limonada purgativa, agua de Rubinat, etc.

Após o effeito do purgativo, o doente deverá usar uma poção sudorifica.

A seguinte dará bons resultados:

Tintura de aconito 15 gotas.
Acetato de ammoneo 8,°.
Infusão de jaborandy, 120,°.
Xarope de cognac a^{a},.
Xarope de tilia 30,°.
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

O uso de "chás quentes" concorrerá para se conseguir uma bôa transpiração. A esse respeito, é excellente o chá de canella, que, além de diaphoretico, tem propriedades estimulantes de primeira ordem.

Com o fim de tonificar o estado geral e o coração, será util, depois de obtida a grande transpiração inicial, recorrer ao uso do alcool, particularmente indicado sob a forma de Cognac, Rhum, Vinho do Porto, Champagne, de "grogs" quentes e administrar outrosim aos doentes a seguinte poção:

Acetato de ammoneo 8,°.
Tintura de canella a^{a},.
Da. de quina 5,°.
Xarope de cascas de laranjas amargas 40,°.
Xarope de quina, 140.°
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

A proposito do emprego de antithermicos, pensamos que se deverá usar, a tal respeito, da maior prudencia. A grippe é uma molestia profundamente depressiva, com accentuada tendencia para o collapso.

E' preciso, pois, a todo transe, poupar o coração: "não augmentar a afflicção ao afflicto".

No inicio do mal, poder-se-á usar os anti-thermicos, mas em pequenas doses.

A aspirina, que tem a vantagem de combater as manifestações dolorosas que se observam no começo da grippe, é um dos mais indicados.

Para corrigir a acção depressiva da aspirina, será util associal-a á cafeina, que previne a tendencia lipothymica e excita a funcção renal (aspirina °,50; cafeina °,05. Para uma capsula).

O salicylato de sodio poderá tambem ser utilisado, associado ao bicarbonato de sodio, que corrige a sua acção irritante sobre a mucosa gastrica.

Salicylato de sodio a^{a}'. .
Sal de Vichy 4,°.
Agua adoçada 150,°.
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

No caso de intolerancia pela aspirina ou pelo salicylato, poder-se-á recorrer ao uso da cryogenina.

O ideal, porém, será lançar mão, o menos possivel, dos anti-thermicos que, além de fatigarem o coração, combatem "apenas o effeito e não a causa". Recorra-se, de preferencia, ao uso de medicações outras que, agindo sobre o elemento infeccioso ou exaltando as defesas do organismo, determinam indirectamente a baixa da temperatura (fricções de pomada de collargol a 15 %, 3 grammas por dia); fermentos metallicos (Electrargol Clin, Ouro Colloidal Dausse, em injecções intramusculares).

Sendo a grippe uma molestia em que o principal papel do medico é o de saber prevenir, com intelligencia, as complicações que a acompanham, e considerando, por outro lado, a accentuada frequencia com que se mostram as formas pulmonares na actual epidemia, parece-nos de grande utilidade a applicação precoce e systhematica de cataplasmas sinapisadas duas vezes por dia (peito e costas).

Para combater a tosse secca e impertinente, tão incommoda ao doente, produzida por pharingo-tracheites ou tracheo-bronchites, prescrever uma das seguintes poções sedativas e expectorantes:

Tintura de aconito 10 gotas.
Benzoato de sodio 2,°.
Hydrolato de flores de laranjeira 100,°.
Xarope diacodio, 30,°.
Xarope de tolú (ou de Dessessartz) 30,°.
1 colher de sopa de 2 em horas.
Terpina 1,° ou
Agua de louro-cereja 3,°.
Cognac a".
Xarope de codeina 30,°.
Hydrolato de tilia 100,°.
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Os gargarejos serão uteis: 1 colher de sopa de agua oxygenada ou 15 gotas de Phenosalyl para um copo de agua morna. Uteis tambem serão as compressas quentes em volta do pescoço — renovadas frequentemente.

Durante a marcha da molestia, é necessario assegurar o bom funccionamento do intestino por meio de lavagens de agua fervida pura ou, em certos casos, addicionada de uma colher de sopa de solução de collargol a 1 °|° ou de lavagens com infusão de camomilla. Na grande maioria dos casos, as lavagens bastarão; póde, porém, apparecer a indicação para a administração de um laxativo: pequenas doses de sulfato de sodio, senne, ou uma colher de sopa de sal de frutas.

A alimentação precoce é nociva. Melhor será, nas primeiras 24 ou 48 horas, segundo os casos, abster-se o doente de qualquer alimento.

Agua fervida, chás quentes (canella, camomilla, tilia, hortelan, herva-doce, folhas de laranjeira, etc.), limonadas — eis um regimen essencialmente eliminador e anti-toxico. Mais tarde, e durante todo o periodo febril: leite puro, com chá ou café, caldo magro.

Esse tratamento, que acabámos de esboçar contra a grippe commum, attendendo a varias indicações, evitará, na grande maioria dos casos, as temiveis complicações causadoras de tantas e tantas mortes.

Algumas palavras, agóra, sobre as outras formas de grippe:

— "Forma pulmonar" — As variedades mais observadas na actual epidemia são a congestão, a pleuro-congestão e a pneumonia. Têm apparecido, tambem, com relativa frequencia, casos de pleuriz secco

ou com derrame (sero-fibrinoso ou purulento). E' bom que o medico tenha presente ao espirito essa particularidade, para poder oppor, em tempo, a medicação adequada.

Na congestão leve — ventosas seccas pela manhan e á noite; nos intervallos, cataplasmas sinapisadas. Injecções de oleo camphorado. Poção de Todd com acetato de ammoneo.

No caso de pulso deprimido, frequente ou arythmico, associar 2 grammas de tintura de digitalis á poção de Todd com acetato de ammoneo.

Na congestão intensa, urge não perder tempo, porque ella póde ser a expressão da primeira phase da pneumonia; a phase do "engouement".

Tratamento energico: ventosas sarjadas, oleo camphorado a 10 % em alta dose (até 20 c. c. nas 24 horas). Poção de Todd com tintura de digitalis ou, nos casos de accentuada asthenia cardiaca, lançar mão, desde logo de uma therapeutica mais activa: a digitalina Nativelle (15 gotas por dia). Essa medicação, em caso de necessidade, poderá ser repetida mais dois dias.

Se existir tolerancia gastrica, administrar a digitalina por via hypodermica (ampolas de ¼ de milligr., uma por dia, o que corresponde a 12 gotas e meia da solução; durante tres dias no maximo).

Injecções de Ionase anti-infecciosa — uma cada 24 horas. — Com o uso dessa medicação temos obtido, na actual epidemia, em todas as formas graves de grippe, excellentes resultados.

Nas congestões hemoptoicas, além da revulsão pulmonar energica e do uso do oleo camphorado, administrar a ergotina por via hypodermica, ou em poção, só ou associada ao chloreto de calcio. Eis uma formula classica e muito util:

Ergotina Bonjean 2,°.
Acido gallico 0,50.
Agua 120,°.
Xarope de terebenthina 30,°.
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Ao uso da ergotina convém associar o da digitalina Nativelle em dose cardio-tonica, (5 gotas por dia; até 10 dias).

Nos casos graves de hemorrhagias, pode-se recorrer, com vantagem, ao uso do Serum hemostatico de Butantan.

O tratamento da pleuro-congestão e da pneumonia é o mesmo que o da congestão de fórma intensa, sendo que, na pneumonia, pela sua gravidade — ocioso é insistir — a therapeutica deverá ser a mais prompta e energica possivel: revulsão activa do pulmão, ventosas sarjadas e seccas, digitalis ou, melhor, digitalina, oleo camphorado, alcool em alta dose, acetato de ammoneo. Ionase anti-infecciosa, metaes colloidaes e o Serum anti-pneumococcico preparado no Instituto de Butantan (com relação ao uso desse serum, será util, quatro horas antes de se injectar a dose therapeutica, praticar uma injecção subcutanea de 1 c. c. do mesmo serum, para evitar os possiveis accidentes anaphylacticos).

Como medicação eliminadora e anti-toxica, de manifesta utilidade é tambem, na forma pneumonica, o emprego de grandes doses de serum artificial por via sub-cutanea ou mesmo endovenosa (até um litro por dia). Antes de se recorrer ao emprego do serum artificial, necessario é verificar o estado da cellula renal. Se houver albuminuria accentuada ou cylindruria (cylindros granulados), preferir o

serum glucosado, que poderá ser administrado por via sub-cutanea, endovenosa ou rectal (com apparelho gota á gota).

"Forma toxemica" — Grandes doses de serum artificial ou glucosado (injecções sub-cutaneas ou endovenosas) — Adrenalina (20 a 30 gotas por via gastrica. Póde ser tambem associada ao serum, que, então, será administrado por via hypodermica ou rectal, por meio do apparelho gota á gota. (O serum glucosado, neste ultimo caso, será a 10 por mil).

Tonicos cardiacos: injecções de ether puro ou camphorado, oleo camphorado, cafeina, strychnina, só ou associada á sparteina.

"Forma nervosa" — As variedades nervosas com hyperexcitabilidade geral: valeriana, bromuretos, banhos mornos, revulsão da nuca. Nas formas depressivas: injecções de strychnina, cafeina, oleo e ether camphorado. Poção com acetato de ammoneo, quina e alcool.

Nos casos de meningismo: capacete de gelo, sanguesugas nas regiões mastodéas, clyster purgativo (sulfato de sodio e senne).

"Forma cardiaca" — Asthenia cardiaca — Estado lipothymico — Tendencia para collapso — Pulso molle, deprimido, fugidio — Injecções de strychnina (até 3 milligs. por dia) — Sparteina, cafeina (duas injecções de 0,25 por dia) — oleo e ether camphorado — Digitalina, se os meios acima lembrados não produzirem resultado.

O sulfato de strychnina que, empregado por via hypodermica, dá, nessa forma, resultados excellentes, é tambem um medicamento de valor inestimavel em todos os periodos da grippe, pois combate vantajosamente um symptoma quasi constante nessa molestia — a asthenia. Em certos casos, porém, a asthenia está ligada a uma insufficiencia das glandulas supra-renaes (pallidez, pulso filiforme, tendencia para syncopes). O agente therapeutico a empregar em taes casos, e com grande successo, é a adrenalina.

"Forma gastro-intestinal" — Dieta hydrica absoluta em todos os casos — Para combater os vomitos, repouso gastrico completo, poção de Rivière, agua chloroformada, etc. Nos casos de diarrhéa, que, ás vezes, revestem o typo choleriforme, dar, alternadamente, limonada lactica, (aos calices de 2 em 2 horas) e a seguinte poção:

Tannalbina 2,°.
Sub-nitrato de bismutho a ª,.
Elixir Paregorico 6,°.
Poção gommosa 150,°.
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

As injecções hypodermicas de serum artificial (até um litro por dia), pódem ser indicadas nessa forma, no caso dos vomitos ou a diarrhéa assumirem certa intensidade.

Se a diarrhéa fôr dysenteriforme, o uso da ipéca, precedido da administração de uma pequena dose de calomelanos, será de grande utilidade:

Infusão de ipéca	120,°
Sulfato de sodio	2,°
Elixir Paregorico	5,°
Xarope simples	30,°

1 colher de sopa de 2 em 2 horas

Em certos casos, tornar-se-á necessario recorrer ao uso de lavagens intestinaes, de preferencia quentes, e feitas com sonda, muito

lentamente, sob pressão branda (camomilla, linhaça, malva, amidon, collargol, etc.

Em relação ao regimen alimentar, após haver o paciente seguido a dieta hydrica durante certo tempo, deverá recorrer ao uso do caldo de legumes (formula de Méry) ou ao caldo de cereaes (Comby) ou á agua de arroz ou de cevada ou ao cosimento de aveia Quaker (passado em peneira fina).

Quanto ao uso de leite — só mais tarde, cautelosamente, com chá preto ou com agua de arroz.

Quer na diarrhéa choleriforme, quer na dysenteriforme, o uso da adrenalina (20 a 30 gottas da solução ao milliesimo, nas 24 horas, por via gastrica) poderá dar excellentes resultados.

"Forma typhica" — Ha casos em que a grippe exhibe o mesmo cortejo symptomatologico da dothienentheria, a tal ponto que se é obrigado, certas vezes, a recorrer aos methodos de laboratorio para se estabelecer o diagnostico differencial entre as duas molestias.

Essas formas pseudo-typhicas da grippe precisam, no entretanto, de ser reconhecidas o mais cedo possivel para que, sem perda de tempo, se lhes possa applicar o tratamento apropriado, que é o da febre typhoide.

"Grippe e diabetes" — E' preciso não esquecer os perigos que ameaçam os diabeticos atacados de grippe. Para evitar a acidose, responsavel pelo "coma diabetico", administrar, sem perda de tempo, desde o inicio do ataque de grippe, grandes doses de bicarbonato de sodio, podendo-se ir até 100 grammas por dia, segundo a tolerancia do docente.

"Grippe e uremia" — Na grippe, que é, como se sabe, cheia de surpresas, a uremia póde manifestar-se de um momento para outro.

Molestia frequentemente acompanhada de oliguria — não raro mesmo de anuria — comprehende-se facilmente a possibilidade da explosão de phenomenos uremicos, principalmente se o doente, antes do ataque de grippe, já era portador de insufficiencia renal.

Em taes casos, é de rigor evitar medicações que possam aggravar o estado dos rins e urge intervenha o clinico, com presteza e energia indo, por assim dizer, ao encontro dos primeiros symptomas uremicos que se manifestarem.

Therapeutica activa: Serum Caprino, ventosas sarjadas sobre a região lombar, grandes lavagens intestinaes frias, agua lactosada, serum glucosado a 10 por mil (instillações rectaes), sangria, nos casos mais graves.

Dieta hydrica, a principio (tisanas diureticas); mais tarde: lactea.

"Convalescença — Muito cuidado, devido ao perigo das recahidas sobre cuja gravidade inutil é insistir. Voltar lentamente, com todas as precauções, á actividade e ao regimen alimentar anteriormente usado. Emprego de tonicos — porque a grippe mais benigna póde deixar uma grande depressão: kola, coca, quina, lecithina, acido nucleinico, strychnina, phosphato de sodio, glycero-phosphatos, etc. Abstenção do uso de preparados arsenicaes nos casos em que tenha havido congestão hemoptoica.

GALENO DE REVOREDO
RUBIÃO MEIRA
EDUARDO MONTEIRO.

LINGUA VERNACULA

CONSULTAS E RESPOSTAS

A Revista do Brasil inicia neste numero a collaboração do Sr. Antonio Mauro, emerito cultor do vernaculo até aqui só conhecido por meia duzia de espiritos de cleição, apaixonados como elle por estudos linguisticos. Manterá uma secção permanente, e responderá ás consultas que lho forem dirigidas com a segurança e proficiencia já tão sobejamente demonstrada em trabalhos anteriores. As consultas deverão ser dirigidas á Caixa 2 B.

I

Pergunta de **Esculapio**:

"Como devo dizer: **a larynge** ou **o larynge?** A ultima forma é usual no Brasil e foi empregada por duas celebridades medicas: Dr. Torres Homem e Dr. Francisco de Castro."

Resposta minha:

E' verdade que os dois medicos citados por **Esculápio**, ambos muito illustres, sempre escreveram **o larynge**.

Folheando diversas obras de medicina, como, por exemplo, as **Lições de Clinica Medica** do Dr. Torres Homem, o **Tractado de Clinica Propedeutica** do Dr. Francisco de Castro, etc., tive occasião de verificar, ha tempos, aliás, a affirmativa de **Esculapio**.

Saiba, porém, **Esculapio** que outros medicos brasileiros, e muito notaveis, como os Drs. A. Austregesilo, Miguel Couto e Afranio Peixoto, todos professores da Faculdade de Medicina do Rio e membros da Academia Brasileira de Letras, sempre escrevem **a larynge**.

Logo...

Accresce — facto digno de nota — que o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, medico abalisado e um dos nossos mais autorizados grammaticos, nunca deu ao vocabulo **larynge** o genero masculino.

Provas:

"O tubo sonoro é representado pelas cavidades da pharinge acima **da larynge**."

"Os labios, os dentes, a lingua, as fossas do nariz, o paladar e sua cortina movel, a elevação ou o abaixamento **da larynge**..."

(**Serões Grammaticaes**, 2.ª ed., pag. 11 e 12.)

Bem sei que o Dr. Ramiz Galvão, estribado no uso do Brasil-fraco argumento — entende que o termo em questão é masculino.

O mesmo diccionarista, porém, dá o genero feminino ao vocabulo **pharynge**, quando é certo que muitos medicos brasileiros sempre escreveram **o pharynge**; os Drs. Torres Homem e Francisco de Castro, por exemplo.

Para o Dr. Ramiz Galvão, portanto, o uso do Brasil não justifica **o pharynge**, mas — contraste notavel — justifica **o larynge**.

O uso de Portugal é, está claro, o unico argumento de valor nesta questão.

O unico, digo eu, já porque o uso do Brasil não justifica tal ou tal erro de grammatica, já porque, se medicos houve que escreveram **o larynge**, medicos ha que só escrevem **a larynge**.

O unico ainda, accrescento, porque, segundo C. de Figueiredo, num dos melhores diccionarios gregos o vocabulo tem ambos os generos.

Em Portugal — é facto incontestavel — o termo foi sempre feminino.

E assim o registraram os principaes diccionaristas.

Conclusão: **o larynge**, em que pese á opinião do Dr. Ramiz Galvão, erudito linguista, é exclusivo **preciosismo** brasileiro.

A larynge, para mim, é a unica forma que se justifica, a unica forma portugueza.

ANTONIO MAURO.

BIBLIOGRAPHIA

PINGOS D'AGUA — Eurico Facó — Ed. J. Facó — Rio — 1918.

O sr. Eurico Facó, fugindo ao vezo commum a todos os poetas estreantes, não se deixou obcecar pela forma classica do — soneto — ao elaborar os seus versos. E' a sua primeira qualidade.

"Pingos d'Agua" é uma brochurinha que contém varias e variadas composições, todas curtas, quasi sempre de uma estrophe apenas, por onde mostra o autor que prefere comprimir as suas idéas a diluil-as em poemas de longo fio. E' o seu segundo merito.

O terceiro será o contar-se, entre outras producções de diverso valor, insertas no seu livrinho, algumas de esplendido effeito, como a quadrinha:

NADA

Se te pergunto ao ver-te extasiada:
— Em que pensas? — Em nada! — tu me dizes.
Ah! quem me dera encher estas felizes
Horas que vives a pensar em nada!

OSORIO DUQUE ESTRADA — Leituras militares. — Ed. F. Alves & C.ia — Rio de Janeiro, 1918.

No intuito de coordenar um livrinho de leitura para as escolas de recrutas, soldados e marinheiros nacionaes, o sr. Osorio Duque Estrada procurou colligir notas biographicas, historietas, anecdotas, descripções e narrações de batalhas e outros factos da historia universal e da do Brasil, transcrevendo ou traduzindo literalmente umas, adaptando e resumindo outras ou, em grande parte, redigindo-as totalmente afim de as pôr ao alcance das intelligencias a que é o

livro destinado. Com esse trabalho conseguiu o autor uma obrinha de verdadeiro merito e de cujo manuseio fica por certo farta messe de bons ensinamentos e exemplos para os leitores. Em linguagem escoimada de complicações de estylo, concisa e clara, estas Leituras Militares plenamente justificam o successo obtido e que é attestado pelos varios milhares de exemplares a que montam as edições que livro alcançou.

WASHINGTON LUIS — Capitania de S. Paulo — Ed. Casa Garraux — S. Paulo. — 1918.

O trabalho com que o dr. Washington Luis se apresenta como historiador de uma das phases do nosso periodo colonial traz como sub-titulo — **Governo de Rodrigo Cezar de Menezes.** Foi esse o trecho da historia paulista, isto é, da historia dos bandeirantes, que o autor escolheu para objecto de suas pesquisas pacientes e fructuosas. Bem andou em preferir assim esse periodo da agitada vida da colonia portugueza do seculo XVIII, pois encontrou nelle grande cabedal de factos interessantissimos, caracteristicos da existencia meio selvagem, meio feudal, que animava as terras brasilicas ao tempo das bandeiras. A sua curiosidade diligente, esquadrinhando o periodo em que se estendeu o governo de Rodrigo Cezar de Menezes, topou ali grande copia de phenomenos sociaes e economicos que, tratados no seu estylo e com a erudição e o talento do autor, deram origem ao precioso volume com que se enriquece a literatura historica do nosso paiz.

Evocando as scenas e feitos de violencia, arbitrio, injustiças e perseguições que marcaram o septenio governativo de Rodrigo Cezar, o dr. Washington soube dar relevo e vida ao episodio dos irmãos Lemes, o qual se destaca dentre outros successos da epoca pela feição tragica de que se revestiu. A vida desses caudilhos paulistas, que se celebrisaram ao mesmo tempo pelos feitos heroicos nos descobrimentos de Cuyabá e pelos crimes ignominiosos que praticaram por toda a Capitania, fornece ao autor muitas paginas brilhantes, cheias de calor e de emoção, que attestam bastante o senso artistico que possue. E' de destacar-se tambem, além de outros trechos, aquelle em que o historiador descreve á indignação apavorada com que os povos de S. Paulo assistiam aos actos de prepotencia e ao furor de tyrannias do governador:

"Pelas ruas de S. Paulo, ao rufar de tambores, berravam os mastins de palacio as penas inauditas do famoso bando. Em Itú, Sorocaba, Parnahyba, repetia-se a mesma scena de pavor.

Rodrigo Cesar jogava a capitania inteira de S. Paulo contra os

Lemes, sob pena de traição á corôa, confisco de bens e mais penas que em similhantes casos são impostas.

Era o regimen do terror.

Rodrigo Cesar se arrogava todos os poderes magestaticos: ordens de prisão, decretos de morte, confiscos de bens, concessão de liberdade, perdão de crimes, distribuição de premios pecuniarios.

Falava em prisão, mas ordenava a morte: quem prendesse os Lemes premio algum receberia; mas, quem os matasse ficaria perdoado dos crimes que tivesse, ganharia premios, ficaria livre, se escravo fosse.

Era a determinação e a solicitação do assassinato por todos os meios; o galardão, a ameaça, a ordem expressa a todos da capitania e áquelles mesmo que, nella, estivessem de passagem.

Na capitania de S. Paulo soprava um vento de desconfiança e de pavor.

A morte dos Lemes pairava nos ares com a tenacidade das idéas fixas; não se falava de outra cousa, não se discutia outro assumpto.

Os escravos, os negros arrancados das adustas costas da Africa, olhavam e procuravam essa morte como a sua carta de alforria, a liberdade que os restituiria aos paúes da Angola e Guiné, para elles o logar abençoado de seu nascimento.

Os criminosos de todas as origens buscavam-na como a agua lustral, que os limparia dos outros crimes e lhes traria a impunidade.

Alguns, despidos de escrupulos, com a alma de sentimentos de humanidade e a ambição a ferver-lhe em todos os póros, esfalfavam-se para conseguir os 400$000, premio das cabeças dos Lemes.

E tudo isso era nada; o principal era que o governador, com um simples bando e alguns rufos de caixa, podia quebrar a sujeição secular dos escravos, mandando que matassem seus senhores, para adquirir a liberdade; podia açular todos os criminosos da capitania contra um chefe de familia, promettendo-lhes o perdão de crimes, se fizessem mais um crime; podia excitar ao homicidio aquelles que ainda não eram criminosos, pondo cabeças a premio, pago com os bens confiscados das proprias victimas.

Era isso que se sentia, que se respirava, e ninguem esperava remedio; porque todas essas violencias eram dirigidas contra os Lemes, opulentos e poderosos, e que tinham recebido manifestações inequivocas de estima do governador."

Edição da casa Garraux, o volume apresenta elegante aspecto e cuidadosa feitura typographica.

ANTONIO SERGIO — O ensino como factor do Resurgimento Nacional — Conferencia — Ed. "Renascença Portugueza" — Porto — 1918.

O presente fasciculo, primeiro da série, contém a primeira das "Conferencias sobre a reforma da educação nacional, promovidas pela Sociedade de Estudos Pedagogicos e realisadas pela Liga de Acção Nacional". Proferida em Janeiro de 1918, na Sociedade de Geographia de Lisboa, o autor nella estuda os defeitos dos methodos de ensino e a maneira de os corrigir, bem como as linhas geraes de uma nova organisação pedagogica.

RODOLFO RIVAROLA — **La Raza como Ideal** — Conferencia — Ed. José Tragant — Buenos Ayres — 1918.

Trabalho lido em Rosario do Santa Fé, no "Dia de la Raza", a 12 de Outubro do corrente anno. O conferente estuda diversos problemas de sociologia e anthropologia, desenvolvendo entre outros, os seguintes themas: "¿Que es una raza?" "¿Que son las razas?"? "Existen en verdad diversificaciones humanas que autorizen la multiplicación indefinida de las razas?" Entre as conclusões a que chega o autor deste trabalho destacam-se as em que affirma que: "La raza es expressión de sentimientos y non signo material quo diferencie grupos de individuos" ou "un ideal de poesia expressando en un idioma común".

EZEQUIEL DE CAMPOS — **A Evolução Agraria** — Conferencia — Ed. "Renascença Portugueza" — Porto — 1918.

Nesta conferencia, realisada na Liga Agraria do Norte, em Portugal, em maio deste anno, desenvolve-se em linguagem singela e agradavel, de par com muita competencia, do autor, a these seguinte: "a ovolução agraria levará Portugal á fallencia; só uma revolução agraria pode vitalisar a grei e manter a sua independencia."

FERNANDO GRIS — **Brumas e Clarões** — Versos — Ed. I. Nery Fonseca — Recife — 1918.

Com quatro annos de guerra, era inevitavel que a veia poetica nacional, tão derramada, de ordinario, por assumptos de menor relevancia, se atirasse ao thema novo, que tão propicio se mostra á declamação mais ou menos hugoana de que quasi todos os nossos bardos trazem forte dose incubada, desde 1860.

Começam a surgir agora os condoreiros do novo seculo, em quem estúam e repercutem heroicamente os feitos obrados lá nas frentes da Europa conflagrada. Um desses é o sr. Fernando Gris, cuja obra vae já neste segundo volume, que contém 160 paginas de poesia, quasi toda inspirada no momento bellicoso internacional.

Do modo por que entende a arte poetica, diz o proprio autor, no prefacio:

"O poeta de agora é o mesmo do MINHA MUSA, como tambem é o mesmo o seu alheiamento á preoccupação torturante dos requintes da forma.

Si essa circumstancia constitue, effectivamente, como o querem alguns, uma prova de inferioridade artistica, eu confesso que a possuo, com a aggravante de jámais ter pretendido modifica-la.

Acertada ou erradamente, pouco importa, sempre entendi que a Poesia, para ser, antes de tudo, a verdadeira e inconfundivel expressão do sentimento — sem o que perderá, quanto a mim, o principal traço de belleza que a caracteriza — não pode ou não deve ficar dentro do carcere intransponivel de exagerado formalismo, quando exteriorisamos o nosso estado moral ou as emoções produzidas pelos varios aspectos da vida.

Para mim, isso significaria a sua escravisação. E desde que a Poesia, no meu modo de sentir, só poderá realisar os seus grandes fins, sendo gloriosamente livre — sem despresar, entretanto, os principios fundamentaes da Arte — eu nunca procurei submetter systematicamente os meus modestos versos ao dogmastismo victorioso ou combatido de qualquer escola.

Praticarei, assim, um grave ou imperdoavel erro?".

Não saberiamos responder á pergunta do poeta. Apenas nos é licito concluir que foi a excessiva applicação das suas theorias estheticas que levou o autor a juntar ao seu livro composições como esta:

SAUDAÇÃO A VERDUN

Salve, Verdun! Sentinella
da integridade franceza!
Venceste, emfim, a procella
da teutonica proesa!
Não poude o canhão germano
romper esse dique humano
da tropa libertadora.
Onde Joffre estende o braço,
ninguem adianta um passo
sobre a França vencedora!

CARLOS SELVAGEM — Entre Giestas — Drama — Ed. "Renascença Portugueza" — 1918.

Nos tres longos actos de que se compõe o seu drama, o sr. Selvagem põe em scena, ante paizagens campesinas portuguezas, grande copia de aldeões, tios velhos, comadres, cachopas e labregos entre os quaes se desenrola uma historia de amores infelizes. Antonio, rapaz que tem de seu, ama Clara, cachopa que o não tem. Ella tambem o quer. Mas o autor faz com que elles se não entendam até o fim do ultimo acto, dando ensejo a que Antonio se resolva a casar com Joaquina, deixando Clara á margem. E' quando esta, em ciumes, deita fogo á herdade do pae de Antonio, com o fito de arrefecer os enthusiasmos do pae da preferida, que almejava apenas genro rico. Por fim encontram-se os amantes despercebidos e, após uma scena movimentada de repellões e soluços, com explicações em que o amor mutuo é tirado a limpo, pobres e reconciliados vão para a casa de um velho aldeão amigo, onde são felizes. Linguagem, o vernaculo provinciano da Beira, movimentação um tanto morosa, lances violentos, são attributos que enchem o drama, de par com alguma observação bem apanhada ao ramerrão da vida de aldeia. Posta no palco, a peça do sr. Carlos Selvagem tem probabilidades de produzir algum effeito.

AFFONSO SCHIMITD — Lusitania — Episodio patriotico em versos — Pocai & Cia. — S. Paulo — 1916.

Commemorando a entrada de Portugal na guerra, o brilhante autor de "Janellas abertas" escreveu uma centena de lindos versos cantantes e de muito sentimento, compondo uma ligeira peça dramatica que com muito successo foi representada em diversos palcos.

Das conhecidas qualidades de poeta de Affonso Schimitd repontam innumeros exemplos na grande maioria dos versos deste pequeno trabalho, pelos quaes passa vigoroso sopro patriotico, o que justifica o muito agrado com que foi recebido da platéa.

São de "Lusitania" estes versos:

"CORAÇÃO

Esta guitarra!
Se o clarim nos aponta a ferrea praça,
A guitarra suggere o amor da raça;
Diz o clarim: "Sê forte! Vencedor!"
E a guitarra: "Defende o teu amor!"
Tem seis floretes d'ouro! Cada corda
Que vibra e canta, um sentimento acorda,

Se ha cordas para o amor de nossa villa,
Pequenina, bucollca, tranquilla;
Se ha cordas encantadas para o amor
Quc nos campos é slmples como a flor,
Sabei, senhora, que tem cordas d'aço.
A cada nota, faz erguer um braço!
Em cada braço põe aguda lança
E em cada ferro a cstrella da Esperança".

MEU SERTÃO — Catullo da P. Cearense — Livraria Costilho — Rio 1918.

A publlcação das poeslas de Catulo Cearense põe de pé uma lnteressante questão: E' possivcl acceltar como lingua, na qual se vazem versos, o modo de falar caboclo? Cremos que não, porque tal modo de falar não é siquer um dlaleto e sim mera corrupção do dialeto brasileiro. A lingua portugueza, transplantada para o Brasll, soffreu a evolução logica determinada pelo meio ambiente e pelos elementos raciaes que fermentam na salada brasileira. O dialeto está ahl, patente, lrrefragavel, com modlflcações syntactlcas, com um enorme vocabulario novo, com modismos e ldiotlsmos que, só elles conseguem expressar as coisas e sentlmentos novos peculiares á nossa terra. Mas esse dlaleto é uma cousa e é outra cousa a corruptela desse dialeto pela bocca molle do caboclo. As varias raças que nos formam corrompem cada uma a seu modo a lingua geral. Corrompe-a o caboclo. Corrompe-a o negro. Corrompe-a o colono italiano, o allemão, o turco.

Estes versos da lingua geral, por exemplo:

E a flor dos cabellos della
como quem beija uma santa,
não négo, patrão!... Beljel!

O caboclo corrompe-os, na versão de Catullo, da seguinte maneira:

E a frô dos cabellos della,
cumo quem bêja uma santa,
não négo, patrão... Bejel!

Da mesma forma que o negro corrompe asslm:

I a fulô dus cabelo dcia
cumo quem bêja ũa xanta
nêgo num néga, Slnhô!... nego bljô!

E o itallano assim:

I as frô dus cabello della
cumo qui baccla una santa,
no négo, patrô!... Bljel!

E o allemão assim:

> E a vior dos gapello tella
> como guem peja um zanda
> non nega, batron!... Pigei!

Estão aqui quatro corruptelas todas oriundas da mesma fonte, ignorancia da lingua mãe. A acceitarmos uma dellas, como instrumento de expressão literaria, não ha motivo para não acceitar as demais, o que é evidentemente grotesco. Exemplifiquemos ainda, traduzindo, não digo em portuguez, mas em brasileiro, um estrophe de Catullo:

A terra era munto boa	A terra era muito bôa
pra fazê um roçadão:	p'ra fazer um roçadão:
tão boa, que era precizo	tão boa, que era preciso
vivê cun a inxada na mão.	viver de enxada na mão.
Si um home mamparriasse,	Se um homem mamparreasse,
a imbaúba, a gitirana,	a embaúba, a gitirana,
o mata-pasto, a cahiva,	o mata-pasto, a cahiva,
o taxizêro damnado...	o taxizeiro damnado...
o taquary... n'um instantinho	o taquary n'um momento
tudo cubria o roçado	cobriam todo o roçado.

O que ha do belleza nestes versos, — a emanação da terra, as imagens, a alma enfim do verso, a poesia, — resalta muito mais flagrante na versão brasileira do que na caipira.

Pensando assim, lamentamos que o grande, o maior poeta deste paiz, o poeta-poeta, o poeta cujas composições, feitas em musica, vivem de norte a sul cantados por todas as boccas, despertando em todos os peitos as mais suaves emoções, não tenha escripto o seu livro em nossa lingua, a lingua brasileira, filha da portugueza. Escolheu para isso em vez do nosso dialeto, a corruptela cabocla, como poderia ter escolhido a corruptela do negro, do italiano, do turco. Fez assim um livro que não se dirige a nós brasileiros que lemos e sentimos, mas apenas ao residuo racial que vegeta nos sertões e que não o lerá nunca porque é analphabeto.

Se Catullo traduzir seus versos em nossa lingua, não receamos affirmal-o, fará uma obra que marcará epocha, creará escola, determinará correntes. Está nas suas mãos ser apenas um poeta caipira ou ser o maior poeta popular do Brasil.

RESENHA DO MEZ

ADALGISO PEREIRA E SIMÕES PINTO

Ainda estamos sob a impressão angustiosa dessa rajada de peste

medieval que, com o gentil nome de grippe, sacode o paiz inteiro e arrasta para o vortilhão da morte milhares de vidas preciosas. Raro o dia em que no obituario copioso não resaltam á vista nomes de amigos queridos. A' *Revista do Brasil* cumpre destacar dentre tantos, dois, Adalgiso Pereira e Simões Pinto. Adalgiso era uma creatura dessas a quem cabe como luva a abusada classificação de intellectual. Era todo cerebro, e morreu disso. A vida do corpo não lhe guardava proporção com a vida mental, não lhe dava o apoio preciso, não lhe era um equilibrado alicerce. Seu espirito cultivado intensamente aprimorara-se até aos supremos requintes da cultura. Nunca, porem, lhe foi permittido colher os fructos desse apetrechamento excepcional. Nos momentos decisivos sobrevinha a *panne* do musculo, a falha do motor — e d'ahi o desanimo, a descrença em si proprio, duvida negra sobre a potencialidade d'um instrumento que passára a vida a perfeiçoar. Especialmente em estudos de psychologia e pedagogia, era um gosto ver a agudeza penetrante com que esmiuçava os mais complexos problemas da entrosagem psychica. Como era um gosto vel-o deslindar uma questão de linguistica. Emerito sabedor do vernaculo, não era um carrança incomprehensivo; sabia ductilisar as regras de modo a altear-se á concepção da lingua como organismo vivo, em perpetuo evoluir, embora conservando sempre, como alma immortal, o conjuncto de caracteristicas a que chamam genio. Não poude Adalgiso legar ao paiz o seu espirito crystalisado na obra do que era capaz. Revezes successivos, consequentes ao máu funcciona-

mento da machina corporal, quebraram-lhe a mola vital dos espiritos superiores, essa ancia de sobrevivencia pelo divro onde se reunam, como em escrinio, todas as luzes, todos os perfumes, todas as formas superiores da personalidade que não devem perecer com o corpo, e que exteriorisadas pela palavra escripta passam a incorporar-se nos thesoiros mentaes da humanidade. Morreu de todo. Vive, aiuda, apenas na memoria dos que lhe foram intimos, e num convivio amiudado o comprehenderam integralmente. Poucos o comprehenderam. Para a mór parte dos seus proprios amigos, Adalgiso Pereira apresentava-se incompleto, occultando faces da sua suprema evolução psychica que receava mal comprehendidas.

Simões Pinto era o amigo. Passou a vida a cultivar com carinhos raros o jardim da amizade. Ao contrario

de Adalgiso tinha a serviço da alma um corpo de gigante que mettia inveja a todo mundo. Nelle palpitava um coração generoso, aberto de todos os lados, só habitado de sentimentos bons.

Vivia n'um perenne esfusiar de bom humor e alegria, a engenhar trocadilhos, a architectar pilherias, irradiando em torno de si a muita saude moral e corporal que o caracterisava. Um bello dia corre a noticia de que cahira grippado. Todos sorriram da grippe: podia lá ella com uma organisação taurina daquellas? Sobrevem a pneumonia, e afinal, após dias horrorosos de angustias, Simões Pinto cerra para sempre os olhos, deixando as centenas de amigos que formára durante uma vida consagrada á amizade, inteiramente tontos, aparvalhados ante o inopinado e brutal desfecho, *Velut umbra.* E' sombra hoje esse que inda hontem era um precioso exemplar de vida plethorica...

JOSE' MARIA LISBOA

Falleceu a 20 de novembro, em S. Paulo, José Maria Lisboa. Era uma figura tradicional do jornalismo paulistano, ao qual emprestava, ha cerca do meio seculo, a sua actividade e intelligencia. Foi o primeiro administrador da *Provincia de S. Paulo* em 1875, de onde se retirou dez annos depois para fundar, com Americo de Campos, o *Diario Popular*.

Portuguez de nascimento, José Maria Lisboa veiu para S. Paulo em 1856, contando apenas 18 annos de edade. Era um bello caracter, um trabalhador infatigavel e um coração propenso a todas as bondades. Esses predicados attrahiram á pessoa do velho Lisbôa um circulo dilatado de amigos e admiradores. E tal foi o conceito a que se impôz, que, proclamada a Republica foi o seu nome lembrado para figurar na Constituinte Paulista, de que fez parte como o mais votado. Foi fun-

dador do Albergue Nocturno, da Beneficencia Portugueza, do Instituto Historico e de outras instituições importantes de S. Paulo.

REVISTAS E JORNAES

A LENDA DO "ACASO" NO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Falleceu em Lisboa, victima da *influenza* hepanhola, que se vai tornando uma pandemia universal, o Sr. Faustino da Fonseca,

Trata-se de um grande historiador. Poucos merecem as nossas homenagens como o modesto escriptor que acaba de fallecer em Lisboa. O Sr. Faustino da Fonseca, reivindicando para Portugal as glorias da prioridade na descoberta da America, prestou á historia do Brasil um serviço inestimavel, dissipando de uma vez para sempre a lenda do acaso do descobrimento de Cabral.

A historia do Brasil foi sempre feita por methodo pouco patriotico. E' mais pessimista do que optimistas. Conta os feitos da nossa gente — portugueza e brasileira — mais como actos feios do que como lindos gestos. Isso é, naturalmente, um mal. As consciencias dos povos formam-se través do estudo da historia. E' pela acção da evolução integral de seu povo que se educam os verdadeiros patriotas. Com uma historia pessimista, geram-se scepticos. E' precizo que o estudo da historia desperte o orgulho de ser brasileiro.

Ora, a lenda do *acaso* no descobrimento do Brasil sempre repugnou ao meu espirito com um elemento capaz de deprimir o caracter nacional. Assim a historia do Brasil começva não com a demonstração da energia dos nossos maiores, mas com o incidente feliz de um maritimo temente ás calmarias da costa.

O ponto de partida de uma historia optimista, enthusiasta, fecunda, era assim falso e depressivo. O nosso grande Imperador teve a intuição desse erro, que fazia e ainda faz dos nossos compedios de historia manuaes de despreuccupação bohemia e de indifferença pelo esforço. Pouco tempo depois da fundação do Instituto Historico, o Sr. D. Pedro II apresentou aos membros da companhia uma these sobre se o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral fôra devido a méro acaso ou que tivera indicios para isso. Na época, a lenda do *acaso* predominava. De modo que a these do Imperador foi o primeiro protesto contra o erro.

Joaquim Noberto provou então que não houvera casualidade, como demonstrava o proprio texto da carta de Pero Vaz Camiuha. Todos os historiadores até Rocha Pitta fallaram do grande feito como consequencia de esforços de uma porção de navegantes... Raynol foi o primeiro a empregar a palavra *acaso*. Sabe-se que Gonçalves Dias contestou a these de Joaquim Noberto e sustentou que o descobrimento fôra obra do acaso.

O Sr. Faustino da Fonseca veio resolver definitivamente a questão. O notavel historiador baseou a sua argumentação nas doações concedidas pelos reis portuguezes aos primitivos descobridores, nos tratados de limites, em correspondencias especiaes, roteiros, mappas, delegações, carta de testemunhos dos acontecimentos e outros documentos estudados e copiados nos archivos hespanhóes e açoarianos e na torre do Tombo.

Quando Colombo chegou ás Antilhas, em 1492, já os portuguezes haviam aportado ás terras do novo continente. Em 1436 André Bianco registra nas suas cartas as descobertas do Brasil ou mar de Baga e mar Sargaços. Em 1449, um navio portuguez sahe do Porto e chega á Groelandia, onde os marinheiros desembarcam. Em 1448 André Bianco inclue na carta uma terra que só póde ser o Brasil á distancia de 1.500 milhas comprehendida entre as ilhas do Cabo Verde e cabo S. Roque. Em 1452, Diogo de Teive e seu filho João encontram a ilha das Flores e che-

gam á latitude da terra do Lavrador. Em 1472, Joã Vaz Côrte Real descobre a terra de Joã Vaz ou Terra Nova ou Terra dos Bacalháos, na America do Norte. Em 1473, 1484, Affonso Sanches depara as Antilhas. Em 1487 João Dalmo e João Affonso Estreito, acompanhados de Martim Estreito, realizam uma viagem á America e o ultimo prova no seu mappa a existencia da peninsula da Florida, das Antilhas e do Golfo do Mexico. Em 1492, João Fernandes Lavrador e Pedro Barcellos descobrem a terra do Lavrador.

André Bianco registra que em 1435 um Luso pisou a terra dos Papagaios, cuja lattitude e distancai são as do Brasil. O seu nome se perdeu.

Colombo nasceu em Genova, em 1450. Dous annos antes Bianco registrava no seu mappa a existencia de uma terra a 1.500 milhas das ilhas de Cabo Verde, terra que não podia deixar de ser o Brasil. Quando Colombo procurou Dom João II, este lhe mostrou conhecer as terras de além-mar e nos mappas indicou a situação da Terra Nova e da Terra dos Papagaios (Brasil).

Em 1484, André Bianco traçou em Lisboa um mappa. Tinha ido de Portugal. Nesse mappa o Brasil apparece. Apparece, porque ao sul das Antilhas, dos Hermanos, do archipelago de Cabo Verde, ilhas que têm hoje a denominação de Brava e de Fogo, havia uma terra e a legenda dizia que ficava exactamente a 1.520 milhas da ilha do Cabo Verde, como o cabo de S. Roque.

Por isso, póde-se dizer que quando Pedro Alvares Cabral aportou a Porto Seguro o Brasil já estava descoberto 65 annos antes. Outros documentos posteriores á posse de Cabral fallam do descobrimento do Brasil anterior a 1500.

A frota de Cabral veio com ordem de antes de seguir para a India dobrar do Cabo Verde para o sul, bordejar o sudeste até avançar a costa da Terra dos Papagaios. Este rumo é ainda hoje seguido.

O acaso e as calmarias a que attribuem os autores didacticos o descobrimento do Brasil são puras invenções. As cartas do Mestre João, o cosmographo da frota, e de Vaz Caminha — o escrivão, não se referem a esses incidentes. Fallam apenas como tivessem cumprido as ordens de tal fórma que não valesse a pena recordal-as.

Pedro Vaz Caminha diz mesmo que os inglezes não tinham religião e se os degradados que houvessem de ficar aprendessem bem a sua falla, *segundo a santa tenção de vossa alteza*, tornar-se-hiam christãos facilmente.

O Sr. Faustino da Fonseca, estudando as instrucções de Colombo, mostra que Colombo seguio as instrucções de João II. "Elle proprio diz que foi essa terra firme, esse continente, que D. João II disputou em Tortesillos "e por isso diz que teve differença com os reis de Castella e, enfim, diz que se concluio que o reino de Portugal tivesse 370 leguas das ilhas dos Açores e Cabo Verde, de oeste ao fim do norte, de polo a polo."

E o historiador portuguez conclue: "O Brasil não era sómente conhecido do rei e dos que em Castella tinham revelado a sua existencia. Em Cabo Verde todos sabiam disso e confirmam o proposito em que ia Colombo."

Tortesillos prova o que os Portuguezes sabiam. (Victor Vianna — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

O PROBLEMA DO FERRO

Lê-se num diario dinamarquez, conforme transcripção em revista franceza:

"Baseando-se numa serie de informações provenientes dos principaes centros europeus da producção do ferro, peritos dinamarquezes concluiram que, durante muitos annos depois da guerra, os productos side-

rurgicos ficarão inferiores em quantidade ás necessidades. Calculam que, nos cinco primeiros annos depois de terminada a guerra, a capacidade da producção das usinas siderurgicas européas será de cerca de 50.800.000 toneladas em logar das 65.000.000 exigidas pelo consumo. A procura excederá, pois, á offerta em 14.800.000 toneladas. Consequentemente, os paizes não productores de ferro ficarão muito mal collocados para seu abastecimento. A conclusão tirada favorece ao projecto que circula na Dinamarca do estabelecimento naquelle paiz de altos fornos.''

Transcrevemos essas linhas para despertar a attenção dos altos poderes da Republica para o problema do nosso ferro. Estamos nas melhores condições, porque possuimos em grande quantidade o minerio, para supprir o "deficit'' a que allude a nota do jornal dinamarquez. Devemos, pois, apressar-nos em tirar todo o proveito da nossa riqueza em ferro, que continua inerte, abandonada, a despeito de varias tentativas em contrario. Temos muitas vezes insistido no esforço que bem merece dos dirigentes do Brasil, para urgente solução, o problema das nossas riquezas mineraes, a começar pelo ferro. Ainda em janeiro deste anno escreviamos neste sentido, lembrando a conveniencia de exploral-as desde já, em bem da nossa expansão economia suggeriamos, por não ser possivel a installação no momento de grandes usinas que aproveitem as nossas opulentas forças hydraulicas, o estabelecimento de altos fornos alimentados pelo carvão vegetal, a exemplo da Suecia, onde figuram usinas modestas, servidas por esse combustivel, ao lado de grandes estabelecimentos de força electrica e vapor. Na Russia verifica-se o mesmo. Do Brasil, rico em mattas, póde-se esperar egual resultado ou talvez ainda melhores vantagens, A nossa madeira não só produz melhor carvão, como a restauração do nosso matto é mais rapida. Na Suecia e na Russia esperam-se cincoenta e mais annos para o novo córte, ao passo que em quinze annos as nossas arvores podem rebrotar. E são muito ricas em mattas virgens as nossas regiões abundantes em ferro. Demais, não exigem esses altos fornos grandes capitaes. Bastam modestos, uma vez que os estimula e os ampare o Estado, sem o que os nossos capitaes, extramamente temerosos, não saem de applicações rotineiras e já experimentadas.

Acresce que, além de ferro temos as materias primas complementares, da respectiva industria, como, por exemplo, o manganez que serve á producção do aço de primeira qualidade ou de melhor resistencia. E' lastimavel que, dispondo de tanta riqueza, a tenhamos deixado tanto tempo inexplorada e inutil. Por isso applaudimos as medidas decretadas, ainda este anno, pelo governo do sr. Wenceslão Braz para protecção ás iniciativas com esse destino. As sommas que tiver o Estado que adeantar ou garantir o juro a usinas siderurgicas voltam ao Thesouro com grandes beneficios. Não são, cumpre pre assignal-o, exclusivamente razões economicas que justificam a intervenção do Estado no caso, mas ainda o superior interesse da defesa nacional, que não é possivel sem o concurso de certas industrias no paiz, que o tornem independente do auxilio estrangeiro, sobrelevando a todos, neste particular, as industrias metalurjicas mormente a siderurgica: (Gil Vidal — *Correio da Manhan*, Rio de Janeiro).

A INGLATERRA E A LIBERDADE DOS MARES

Quem sabe até que ponto o dominio do mar é o factor capital da salvaguarda e preservação do imperio britannico, bem póde comprehender como a insistencia dos Estados Unidos nesse capitulo, com a sua utopica Liga das Nações, preposta á policia correccional do planeta, nos

movimentos maritimos, aereos e terrestres, representa uma ameaça á cidadella do poder da Inglaterra. A Grã-Bretanha é um imperio de tal amplitude economica e colonizadora, que lhe é indispensavel que o mar seja mais seu do que de qualquer outra nação. O mar é-lhe tão necessario o tão vital como o ar mesmo que ella respira.

O oceano é a sua trachéa, são os seus pulmões. A força com que ella quer empolgal-o, é um phenomeno tão logico e tão natural, dentro dos criterios imperialistas que disciplinam esta como todas as guerras, que é curioso como haja quem possa associar a sobrevivencia do Imperio com o seu poder universal, sem a consequente hegemonia maritima. Sem querer procurar fazer romantismo, que a hora ainda é da espada, póde-se comtudo dizer que o mar é o grande animador da alma britannica, que illumina, tempera, robustece e encanta com a magia da sua seducção adormecedora, a claridade lucida das suas espumas, a sua ingenuidade louçã, sua poesia, e esse fluido magnetico que ha nas cartilagens das ondas e que leva o inglez da doçura das auroras boreaes á asphyxia do sol equatorial, As qualidades britannicas, de arrojo, de iniciativa, de tenacidade, de arremesso para o infinito, são virtudes que só o espirito aventureiro do mar selvagem saberá communicar á tempera humana. O imperio oceanico é até a condição fundamental do seu orgulho patriotico.

Mas é contra o esplendor desta força, que o decalogo wilsoniano procura arremeter dissolvendo, em nome de sua miragem fraternizadora, o prestigio que as *élites* do pananglicanismo modelaram na ousadia das suas velas antigas e na quilha das suas possantes machinas de ferro, em todos os oceanos. Uma paz elaborada nas condições formuladas pelo presidente Wilson é tão pouco interessante para o futuro britannico quanto para as oligarchias do pangermanismo militar e industrial, se fosse possivel revivel-os, depois da crise que as está submergindo.

A Grã-Bretanha não precisa recorrer aos expedientes subtis da sua já acreditada astucia diplomatica, para provar que afim de ganhar a liberdade dos mares sem restricções, como pleiteia o presidente da federação americana, não valia a pena a Inglaterra ter derrotado a Allemanha. Nem pela alegria de ver resurgir um poder tão forte quanto o teutonico falando como arbitro da paz do mundo, paga a pena os rudes sacrificios que ella fez. A Inglaterra é muito habil para ter feito militarmente a primeira guerra continental da sua historia, só para trocar, na linha dos seus pesadellos, o sabre tedesco pelo revólver arrivista do *cow-boy* ou o cahos de um mundo donde venham a desapparecer os imperativos da auctoridade e da força material entre as nações. A guerra actual é a primeira, durante a plurisecular existencia politica britannica, em que todo o paiz se bate. Até 1910, o general Hamilton, num volume que traz o prefacio de Haldane, ainda sustentava que só um exercito mercenario poderia atravessar o canal, para ir fazer a guerra fóra de casa, e realizar uma energica politica externa. A guerra era comprehendida na Inglaterra como um negocio a ser liquidado pela marinha e o exercito, pagos exactamente para isso, pelas outras classes, que não eram profissionaes em assumptos bellicos. Desse modo, diz o general Hamilton, a massa da nação não guarda uma impressão tragica da guerra. E, do mesmo modo que as *élites* intervencionistas da America precisam dois annos e meio para transformar a mentalidade absenteista, nas questões de politica européa, das massas americanas, numa apaixonada mentalidade bellicosa, Lloyd George, viu a neve alpestre corôar-lhe a basta cabelleira, para chegar a convencer a Inglaterra de que a nação ou pagava e brigava, isto é, ou fazia as duas coisas a um tempo, ou, se queria pa-

gar apenas para ver brigar, teria que morrer. A Inglaterra resolveu então atracar-se á Allemanha. E ganhou a partida, porque brigou a valer.

A America agora quer arrancar a victoria do seu sangue, restringindo-lhe a liberdade oceanica. E porque não se acha nas suas condições, é um paiz continuo, que para se dirigir e abastecer não carece de esquadras, o seu liberalismo só prejudica o inglez. A magnanimidade do Estado só vae até onde acabam os seus interesses. O inglez não tem necessidade de posar de liberal sacrificando os seus interesses vitaes.

A politica britannica sempre se oppoz ao florescimento de qualquer poder susceptivel de lhe fazer sombra ou de constituir-se em ameaça para a elasticidade do seu imperio. Homer Lea em *The Day of the Saxon* frisa este postulado anglicano com uma evidencia carinhosa e perfeita. Desde que a Europa inaugurou a éra das navegações, e a Inglaterra de Isabel entrou a competir com a Hespanha, que monopolizava o trafico maritimo e os thesouros do novo mundo, a politica da Grã-Bretanha é a do equilibrio continental. Este equilibrio consiste numa egualdade de forças, que só a Inglaterra decide a superioridade do grupo que lhe convem. Isso equivale á hegemonia ingleza no mundo. A formula do equilibrio europeu significa portanto, para a Grã-Bretanha, a da egualdade de forças, de sorte que toda a vez que o equilibrio começa a romper-se, a luta é inevitavel. Cromwel, seguindo o rythmo fatal dessa politica, renova a guerra contra a hegemonia hespanhola, depois contra a flamenga. Mais tarde a supremacia franceza, com Luiz XIV e Colbert, é o factor do desequilibrio. Guilherme de Orange atira a Europa contra a França, e bate-a. Napoleão revive a ascendencia gauleza. Ella esmaga-a de novo em 1815, apoiada na Europa liberal. A Russia cresce demasiado e pretende eliminal-a da Asia. A Inglaterra estrangula este ultimo competidor, em 1854, que ella encontra dentro da Europa, a lhe estorvar o movimento ascencional do seu poder mundial. Disraeli marca a edade de ouro do imperialismo. A convicção puritana de que o inglez é o povo eleito de Deus feito para dirigir a humanidade e convertel-a á sua lei, reforça-se mais do que nunca, unificando o paiz inteiro, graças ás sementes fecundas de civilização que elle espalha em todo o globo.

A Inglaterra, graças á sua posição insular, á peculiaridade do seu genio, ao espirito de egoismo e do severidade puritanos, tem uma posição especial no mundo. Ella é mais uma potencia asiatica e africana do que européa. Como Roma, dirige as suas provincias com as oligarchias consulares da sua nobreza financeira e commercial. A sua posição de isolamento, sem continuidade territorial, torna-lhe indispensavel uma decisiva supremacia oceanica, não só para assegurar industrial e commercialmente a sua importação e exportação, como a sua ascendencia politica sobre o imperio. Ninguem possue a legião de competidores, que silenciosa ou aggressivamente, a ameaçam. E' o turco no Egypto. O japonez e o russo na India. O allemão na Africa. O americano no Canadá. O mundo a cobiça, e o que a preserva do mundo é o seu poder naval. Se o mar raso ha quatro annos é alliado, é porque elle era inglez. Do contrario seria germanico como as camadas submarinas. (A. Chateaubriand — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

A PROTECÇÃO DA INFANCIA NOS ESTADOS UNIDOS

"Eu sou a creança. Sou a mais joven instituição do mundo e a mais antiga. A terra é a minha herança quando chego á vida, e quando me vou della, deixo-a á geração seguinte das creanças. Minha missão é deixar a terra em melhor estado do que aquelle em que a encontrei.

Com o milhão de irmãozinhos e irmanzinhas, eu poderei realisal-a, se o mundo não puzer a isso obstaculos. Por emquanto, tenho necessidade do leite puro, ar fresco e brinquedos. Depois, ser-me-ão precisas boas escolas para aprender as lições da vida. Eu quero viver, rir, amar, trabalhar, e brincar. Quero ouvir bellos contos, ler bons livros, vêr bellas imagens. Quero construir casas e abrir caminhos, estradas de ferro e cidades. Quero andar pelos bosques, mergulhar nos rios, brincar na neve. Eu sou hontem, hoje e amanhan.

Aplanae o meu caminho, e vos ajudarei mais tarde, por minha vez.

Eu sou a vossa esperança — eu sou a criança.''

Esta ingenua declaração que é anonyma, fez em 1916 a volta da imprensa norte-americana. Acompanhava a toda a parte uma campanha vigorosa em favor da infancia, organisada em toda a União.

Já desde 1900 se tratava da protecção da infancia nos Estados Unidos. Organisou-se logo uma verdadeira cruzada, que occupou principalmente as mulheres. A protecção da creança começou a ser, como o anti-alcoolismo, o programma essencial das mulheres americanas que, nas municipalidades ou nos Estados, alcançavam direitos eleitoraes.

Foi sómente em 1912, porém, que todos os esforços nesse sentido se centralisaram. E a 12 de agosto desse anno se abriu em Washington o "Children's Bureau'', sob a direcção de Miss Julia C. Lathrop.

E' consideravel a obra já realisada por essa instituição.

O "Bureau'' é, em primeiro logar, um escriptorio de informação. Habilmente manejado, de escriptorio de informação , se tornou um admiravel instrumento de propaganda. A informação se faz notadamente por inqueritos em localidades escolhidas. Tratou-se, por exemplo, da mentalidade dos recem-nascidos. Em dois milhões e meio de creanças, que nascem todos os annos nos Estados Unidos, 300.000 morrem quasi immediatamente. Porque? — Verificou-se que esta questão se ligava estreitamente ás dos salarios, das habitações, das occupações das progenitoras e ás origens dos pais. Isso e o mais que se apurou, serviu de base para uma campanha tendente á protecção do recem-nascido.

Pelos inqueritos, pelas estatisticas, pela diffusão abundante de manuaes praticos, a protecção da infancia se vai fazendo largamente em toda a União. Instituiram-se, recentemente, as "Semanas das Creanças'', que constituem um excellente meio de propagar uteis ensinamentos sobre os necessitados da maternidade e da primeira infancia, e mostrar, por uma demonstração positiva, qual é a responsabilidade das collectividades. Hoje, das 50 cidades da União que contam mais de ..... 100.000 habitantes, já 47 organisaram "Semanas das Creanças'' o que mostra a extensão que vai tomando o movimento. (Henri Goy — *Revue France*, Paris, 25 set. 1918).

O AUTOR MAIS LIDO NO MUNDO

Quem, fóra dos Estados Unidos, conhece Harold Bell Wright? Pois, esse autor, que é o mais conhecido na America do Norte, pode-se gabar de ser o mais lido em todo o mundo. Ha 15 annos, entretanto, ninguem, mesmo nos Estados Unidos, o conhecia, não porque se conservasse na mediocridade mas pela razão muito simples, de nunca haver até então escripto uma só linha. E nada fazia prevêr que se tornaria um escriptor. Tinha já então mais de 30 annos, e era pintor. Os seus companheiros daquelle tempo recordam-se delle, como bom decorador, artista intelligente, e nada mais. Depois, mudou de genero, passando da decoração á paisagem. Mas parece que não gostou muito tambem da paisagem, porque logo abandonou a palheta e tornou-se pregador. Nem esta, porém, devia ser a ultima profissão de Harold Bell

Wright: era ainda ministro do Senhor quando descobriu em si a vocação para as letras.

A esse tempo das predicas, com effeito, remontam os seus dois primeiros romances: "O impressor de Udell" e o "Pastor das Collinas". Do primeiro, foram vendidos ..... 500.000 exemplares! Poder-se-ia dizer que era esse um successo verdadeiramente prodigioso, se essa cifra não devesse ser logo ultrapassada, a ponto de se tornar a mais baixa, dentre as outras referentes a edições do mesmo autor. Do "Pastor das Collinas" publicado em 1907, se venderam cerca de dois milhões de exemplares. O "Encanto de Barbara Worth" que foi publicado em 1911, teve uma tiragem de cerca de 1.500.000 exemplares. "A vocação de Dom Matheus" (1909), um milhão. "Os olhos do mundo" (1914), 750.000 O seu ultimo romance "Quando um homem é um homem" está, actualmente, em .... 750.000 exemplares. Destes, mais de 600.000 tinham sido pedidos com antecedencia, de sorte que foram precisos vinte e um vagões para expedil-os!

Em summa: com 46 annos, e tendo sómente sete romances, escriptos em 14 annos, Harold Bell Wright tem tido uma venda de mais de sete milhões de exemplares!

Qual será a causa do prodigioso successo desse escriptor? — Provavelmente, a sua grande simplicidade com a qual elle sabe dizer profundas e suggestivas verdades, tocadas de um tom biblico que o escriptor adquiriu quando pastor, e que o faz ainda mais eloquente (Ferdinando D'Amora— *I libri del giorno*, Milão).

AS ORIGENS FLAMENGAS DE BEETHOVEN

E' sabido que Beethoven nasceu em Bonn, nas margens do Rheno, em dezembro de 1770. O seu nascimento, como o de muitos homens illustres, foi rodeado por muito tempo de lendas e obscuridades. A mais absurda destas lendas, postas em circulação ainda quando elle vivia, o dizia filho natural do rei da Prussia, Frederico II, o qual, comtudo, não pôz os pés em Bonn, durante o anno de 1770. Entretanto, essa invencionice cujo autor nunca se soube quem fosse, foi acolhida por Choron e Fayolle, no seu "Diccionario de Musica" e por outros musicographos.

Como um dos amigos de Beethoven, o dr. Wegeber companheiro de sua juventude, se admirasse de que elle deixasse propagar-se sem protestar, semelhante falsidade, Beethoven lhe respondeu: "Contas-me que em certos logares sou tido como filho natural do rei da Prussia. Ha muito tempo já me falaram disso. Eu me impuz a obrigação de nunca escrever nada sobre mim, como a de nunca responder aos que tenham escripto sobre mim. Assim, é a ti que eu confio a missão de fazer conhecer ao mundo a honestidade de meus pais, e particularmente de minha mãe." (7 de outubro 1826).

Noutra occasião, Beethoven contentava-se de responder á mesma insinuação pelo verso da Odysséa, no qual Telemaco proclama que a gente nunca pode saber com certeza quem é seu pai.

Quando os biographos se interessavam, por volta de 1840, pelas origens daquelle a quem a cidade de Bonn ia por iniciativa de Liszt, elevar uma estatua, a Belgica e a Hollanda disputavam a gloria de ter sido o berço da familia van Beethoven. Ficou então evidentemento provado que as origens do maior musico allemão do principio do seculo XIX eram puramente flamengas. De pai a filhos os van Beethoven eram flamengos, até mesmo Ludvig van Beethoven I, o avô do grande compositor, que, um bello dia, abandonou o paiz natal afim de emigrar para as margens do Rheno. (J. G. Prod'homme — *Mercure de France*, 1 — 10 — 18).

OS MEDICOS ENTRE OS ROMANOS

Nas civilisações mais antigas, sobretudo nas do Egypto e da Grecia, os medicos eram tidos em grande conta e recebiam honras quasi divinas. Na civilisação romana, entretanto, da qual herdamos tão poucas virtudes e tantos defeitos, e principalmente tantos preconceitos, os medicos estiveram, durante muitos seculos em condições de tal inferioridade, relativamente ás outras classes de cidadãos, que era realmente de admirar vêr alguem preferir a arte de curar a qualquer outra profissão como a de "dispensatores", do "collarii", ou de "Structores", em que a reponsabilidade era muito menor, mais commoda a vida e mais largos os ganhos.

Entre os romanos, os medicos eram, em grande maioria escravos, e quando muito libertos (Antonio Musa, por exemplo, medico de Augusto, era um liberto), e em pequena parte estrangeiros, particularmente gregos, como um certo Arghagotto, que do Peloponeso chegara a Roma onde abriu uma "taberna", que era uma especie de ambulatorio cirurgico. Esse exemplo, segundo refere Plinio, foi seguido por outros compatriotas daquelle, mas sem grande successo, porque os romanos não só não depositavam nelles confiança, como até desconfiavam delles, suppondo-os envenenadores. Tanto que, o proprio Catão sustentava que aquelles "malditos charlatães" haviam jurado destruir todos os barbaros, e portanto, os proprios romanos, que, como se sabe, eram pelos gregos considerados como barbaros.

Quando estrangeiros, eram olhados com suspeitas; quando indigenas, tratados, ou melhor, maltratados como se fossem escravos, — tal era a situação dos medicos no tempo da republica romana.

Plauto e Terencio, mas principalmente o primeiro, os quaes nos deixaram uma imagem fiel dos costumes do povo romano durante a republica, põem muitas vezes em scena os medicos, nas suas comedias. Entre as comedias de Plauto, é de destacar, a este respeito, os "Menaechmi", em cujo quinto acto ha tres scenas inteiras dedicadas a uma divertida consulta medica, que confirma o que se disse acima, isto é, que alguns medicos, especialmente estrangeiros, exerciam a sua arte em "tabernae". Não está bem averiguado se tambem os medicos indigenas se permittiam o luxo das "tabernae". Mas é provavel que estes constituissem o previlegio dos libertos, ficando excluidos os escravos, os quaes, fazendo parte da "familia", eram naturalmente os medicos da casa, alojavam-se nas "cellae familiae", como os chamou Catão, e, quando não cumpriam o seu dever, isto é, quando mandavam um enfermo para o reino de Plutão, corriam o risco de soffrer as penas communs a todos os escravos, o que eram o "flagrum", o "pitrinum ad molendum", os "metalla", o "crucifragium" (corte das pernas), o finalmente a "crux", o mais terrivel dos supplicios, que foi depois glorificado pelo Rabbi de Nazareth.

Embora não deixassem de existir pessoas que presassem os medicos, como por exemplo Cicero, que chamou á arte de medica de "ars honesta", não era, como se vê, muito invejavel a sorte dos sacerdotes de Esculapio. Só houve modificação sob Julio Cesar, que, em homenagem á fama que ganhara Asclepiades de Prusa, concedeu não só a elle, mas a todos os seus collegas, o direito de cidadania. Sob Octaviano Augusto foi ainda melhor a situação dos medicos, pois o imperador, para recompensar Antonio Musa por tel-o curado de uma grave moletia, isentou todo o "corpus medicorum" de pagar os impostos.

Desde Augusto, atravez das etapas felizes do imperio, os medicos subiram na consideração do publico, e so aperfeiçoaram cada vez mais na sua arte, valendo-se da experiencia o do ensino dos mestres, parti-

cularmente dos vindos da Grecia, os quaes prégavam a palavra do grande mestre Coo. Houve naquelle tempo os primeiros especialistas ("medici ocularii", "amarii", dentistas, oculistas — e até (nihil sub sole novi) — algumas medicas ("medicae") que todavia, se dedicavam sómente ás doenças das mulheres. Foi naquella epoca tambem que os medicos entraram a fazer parte do exercito, com funcções bem precisas e com gráos correspondentes aos militares.

Mas, ruindo o imperio sob a avalanche dos barbaros, e com elle a civilisação romana, a medicina caiu em pleno empirismo, que dominou durante seis seculos, de sorte que os medicos tornaram ás tristes condições primitivas, e mesmo a condições peiores, pois se já não eram escravos, eram, salvo raras excepções, vulgarissimos charlatães: ou temidos e odiados como feiticeiros, ou ridicularisados pela sua suprema ignorancia. (Edmondo Trombetta — *Giornale di Medicina Militare*, — Roma).

A MORTA IMMORTAL

Tanto se tem já escripto em favor do latim como elemento propedeutico que até me vexa fallar de tal assumpto, onde certo nunca o faria, si agora não se tratasse de o abolir para a matricula no curso da nossa Escola Polytechnica, casa esta de ensino á qual quero muito bem, pois ahi me formai, quando ella se chamava Escola Central.

O projecto iniciado no Senado Federal vai naturalmente ser approvado no outra Camara. *Naturalmente* digo, porque lhe não fallecem valiosos protectores. Pois que o seja! mas não sem um protesto, inutil agora, como todos os dos desvalidos de poder e influencia, mas que de futuro servirá, talvez, para a conveniente reparação de tamanho erro.

Examinemos, primeiro, de que serve o estudo de qualquer das materias exigidas como preparatorias.

Tão sómente — e assim pensam alguns — para, á semelhança de um degrau em uma escada, fornecer base logica aos estudos superiores?

Ninguem ajuizadamente o tentará sustentar.

Si isto verdade fôra, eu não vejo em que, por exemplo, possa o mesmo estudo do latim aproveitar ao curso de medicina. Já lá se foi o tempo em que os medicos receitavam em latim, e delle frequentemente usavam, com aquella abundancia de pedantismo de que tão jocosamente zombetearam Moliére e o nosso Antonio José. Compendios, tratados e monographias concernentes á nobre arte de curar, não mais ha quem os procure e leia no idioma de Celso. Assim licito me parece concluir que, si ao estudante de medicina apenas prestasse qual meio de apprender o que sobre ella se tem escripto e convenha saber, perfeitamente dispensavel lhe seria o idioma latino.

O que principalmente se quer obter, obrigando o *preparatoriano* a estudar o latim, é antes disciplinar-lhe o espirito, adextrando-o no mecanismo desse admiravel idioma, que já um dia foi o de todo mundo civilisado; e, outrosim, ao moço estudioso deparar noções que o habilitem a bem manejar o vernaculo, que nada mais é do que um latim deturpado, e com *pouca corrupção*, segundo já lá dizia o grande epico portuguez.

Eis o duplo aspecto sob o qual racionalmente se deve encarar o assumpto; e attendendo a qualquer delles jámais se cogitaria na suppressão agora excogitada, e a caminho de criminosa realização.

Bem sei que ella se apadrinha com poderosos e autorizados docentes; mas a estes peço venia para contrapor quem, conforme se me afigura, tambem deve ter voto na questão.

"Deixar fallar — escreveu esse tal — deixar fallar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a especie; o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação publica, não póde sem vergonha ignorar as bol-

las letras e os classicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais chimica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia politica do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Bentham, si elle não for o que os inglezes chamam *a good scholar*, triste figura ha de fazer fallando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito — tristissima escrevendo, seja qual for a materia, porque não ha assumpto em que as graças do estylo, e a correcção da phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indispensaveis".

Por isto concluia o escriptor destas verdades não haver instrucção completa sem o conhecimento da formosa lingua do Lacio, *alma matre* da que fallamos e das que com ella se apparentam no grupo das novilatinas.

Quem dest'arte opinou foi Almeida Garrett, o glorioso restaurador da literatura portugueza nos moldes do romantismo; e, *excusez du peu*, não o julgo de somenos estatura para se oppor aos actuaes eliminadores do latim.

Um simile aqui se me offerece no intuito de robustecer o que acima deixo ponderado quanto ao prestimo do tirocinio do latim como exercicio intellectual. A gymnastica é, não o ignoramos, utilissimamente leccionada em todos os cursos collegiaes; e, pergunto eu, — que é que della se tira de proveitoso para a vida pratica do adulto? Qual de nós jámais teve necessidade de repetir nas parallelas os esforços musculares a que nos pateos dos collegios são abrigados os alumnos? Quem dos leitores algum dia se lembrou de amiudar em salões, repartições publicas, theatros, cinemas, ou no meio da rua, os exercicios da gymnastica sueca? Mas incontestavel é que mediante esses trabalhos foi que a nossa musculatura ganhou o vigor e elasticidade que depois lhe foram preciosos. Pois da mesma sorte succede com as aulas de latim, onde na formação da faculdade expressiva adquirimos aptidões psychicas não menos importantes do que essas outras que no tocante ao raciocinio nos fornece o estudo da mathematica, e, no que entende com a observação; nos deparam as sciencias physicas e naturaes.

Acaso vêdes alguem que nunca se tenha applicado á inspecção de um mineral, de uma planta, de um animal, nem attentado em qualquer phenomeno physico ou chimico? Pois será esse um intellecto defeituoso, porque não aprendeu a observar. Se elle completamente desconhece as relações em que se estriba a mathematica, nada com exactidão logrará de monstrar: será um philosopho sem as alças da geometria, como censurava Platão. Assim tambem o ignorante das leis da linguagem, só proficuamente estudadas no idioma donde com o nosso promanaram todos os do mundo occidental, absolutamento carecerá faculdades eloquentivas que outr-ora entre nós abrilhantaram o parlamento, e tanto com a palavra do jurisconsulto Nabuco quanto com a do medico Torres Homem e a dos mathematicos Ottoni o Rio Branco.

Não despicienda tambem considero esta ponderação — de ser ainda o latim, não obstante o menosprezo dos seus detractores, a lingua scientifica por excellencia, isto é, a dos scientistas que della se utilizam nas suas grandes obras. O estudante da Polytechnica que, dispensado do saber latim, lograsse a sua formatura em sciencias naturaes, não poderia entender a *Flora* do Martius ou, para entender o que nella se acha, teria de pedir auxilio a qualquer estudantinho de latim... Seria curioso, por não dizer deprimente da dignidade doutoral!

Quando, ha tempos, aturadamente se discutia a necessidade de uma lingua universal, e opinaram uns pelo *volapuk* (que já lá se foi nas ondas do esquecimento) e outros pelo *esperanto* (que ainda conta devotos, mas que absolutamente não o empregam em casa, nem o ensi-

nam aos filhos, tal a convicção que têm da enorme facilidade de o fallarem) então ousei opinar pela restauração do latim, lingua tão *fallavel* que já se fallou em todo o mundo, e tão admiravelmente idonea que nella se escreveram as mais estupendas producções do espirito humano.

— Mas é difficilima, objectou-me então alguem, que provavelmente a tinha estudado com algum professor rabujento e amalucado...

— Sim, tão difficil, respondi, que em Roma correntemente já nella se exprimiram as criancinhas de cinco annos...

Por ultimo, e desejando tocar em um ponto de actualidade, não largarei a penna sem lembrar que todos agora querem exhibir-se latinos. Acham meio de o ser mesmo legitimos caboclos e puros ethiopes. Pois bem! Quando contra a lição da ethnologia tantos se julgam historicamente affiliados á raça latina, e que no Senado de uma nação propugnante do latinismo se propõe a eliminação do latim, isto é, do liame glottico que uns aos outros prende os povos dessa familia!

Ao grego e ao latim chamaes linguas mortas, observou Lamartine, mas reparae que são immortaes... E disse bem.

Immortal na historia, a lingua latina, porque triumphou, altiva e immorredoura, dos insultos da Grande Invasão, e, qual monumento ultrajado, mas não completamente destruido, e ainda portentoso nos seus fragmentos, ella perdura no italiano de um Dante, no castelhano de um Cervantes, no francez de um Bossuet, no portuguez de um Camões!... Immortal tambem, actualmente, porque, longe de apodrecer no olvido das bibliothecas, é a primeira que brota em labios humanos, ao romper da alvorada, por toda a redondeza, nos altares onde o padre catholico logo aos céos exalça palavras do Santo Sacrificio!

Nobre, augusta, sanctificada lingua, tu não merecias a affronta que te irrogou o Senado Brasileiro, dando-te como inutil instrumento na bagagem dos futuros doutores da Polytechnica! — (Carlos de Laet, *Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro).

E' OBSEQUIO LÉR

Dado o grande numero de reclamações por extravio no correio que todos os mezes recebemos dos nossos assignantes, e no intuito de colligir documentos para uma séria reclamação perante as autoridades competentes, pedimos encarecidamente a V. S. o obsequio de responder aos quesitos abaixo:

1.º — *Tem recebido com regularidade a Revista do Brasil?*

(*Resposta*) .....

2.º — *Quantos numeros deixou de receber durante o anno?*

(*Resposta*) .....

(*Assignatura*) .....

Tendo grande alcance a resposta de V. S., como base que vae ser duma acção séria contra um abuso que prejudica principalmente a V. S., na qualidade de assignante, esperamos que não nos negará o precioso concurso duma simples resposta.

unesp

AS CARICATURAS DO MEZ

Gente nova e gente velha.

(J. Carlos — *Careta*, Rio).

DO SONHO A' REALIDADE

— Olha, meu filho, por este caminho não serás approvado, nem por um decreto...

(Kalisto — *D. Quixote*, Rio).

DEU TUDO EM DROGA

A Hollanda — Aqui, qualquer um de vocês tem de **usar da morte.**

(J. Carlos — *Careta*, Rio).

A BICHA

HERCULES AURELINO — ... e isto é só porque passei de effectivo a interino: não fosse isso e ainda arranjava mais cabeças para cortar...

(J. Candido — *D. Quixote*, Rio).

E dizer-se que o destino desta joven republica está no sovaco de um septuagenario ! ! . . .

(Kalisto — *D. Quixote*, Rio).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Cirurgia — Operações — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA. NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", S. Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—**Emilio Rocco** — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura. — Revistas. — Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel. — "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

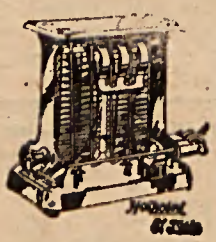
Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

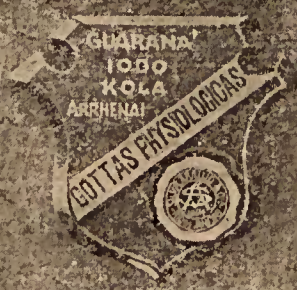
CURA:

TOSSE, ASTHMA, COQUELUCHE ETC.

SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

GOTTAS PHYSIOLOGICAS DE SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES:
NEURASTHENIA·SYPHILIS·ANEMIA
CONSUMPÇÃO·PRETUBERCULOSE,
ETC., ETC.



Formula: CADA X GOTTAS CONTÊM	Ext. fluido de Guaraná	0,25
	" " " " Kola fresca exteril. .	0,25
	Solução de Peptona Iodada . . .	0,05
	Arrenal	0,005

DÓSES	ADULTOS: X a XX gottas, 2 vezes no dia.
	CRIANÇAS: Metade da dóse dos adultos.

NÃO CONTÉM ALCOOL NEM ASSUCAR.

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 — End. Tel. "Anglicus"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Neweastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE". Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

Loteria de São Paulo

PARA O FIM DO ANNO

200:000$000

Bilhete inteiro, 18$000 — Meio, 9$000
Fracções, 900 réis.

Os bilhetes estão á venda em toda a parte

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil *acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.*

Urupês 3.a edição — *Contos por* ***Monteiro Lobato.***—Livro de duzentas e sessenta paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wasth Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, «O meu conto de Maupassant», «Pollice verso», Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês e Velha praga.

Sacy-Perêre — *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada Sacy: 4$000 réis; pelo correio, 4$500

Edição popular dos URUPÊS, em papel de jornal: 2$000; pelo correio, 2$300

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL
Rua da Bôa Vista, 52—S. PAULO

CONVALESCENTES DA GRIPPE

Illmo. Sr.
Pharmaceutico
C. Fontoura.

Para bem de todos communico-lhe que só tenho tido sobejos motivos de satisfacção com o emprego, já bastante extenso, de varios seus preparados, mórmente o seu "BIOTONICO" e os seus comprimidos da GLANDULA THYROIDE. A' vista deste successo venho lembrar-lhe o alvitre de alargar o campo de suas operações pharmaceuticas, dando-nos daqui por diante preparados da therapia pluri-glandular ...

S. Paulo, 6 - Agosto - 1918.

Dr.
Pereira Barreto,
Medico.

"O Biotonico Fontoura merece os meus applausos e applicação. A associação feliz do phosphoro, arsenico e ferro, nesrasthenia e RESULTADOS DA GRIPPE — encontra sua verdadeira approvação pela feliz combinação das substancias que o compõem. Nos casos de bioptose, taes como dyspepsias atonicas, anemia, neuta época de tanta decadencia organica, será usada sempre com proveito para os organismos debilitados.

BRAGANÇA.
Dr. J. H. Pereira Guimarães — Medico."

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

Redacção	D. Pedro Segundo	387
Martim Francisco	Patria Morta? (De Pombal a Pires Ferreira — Excerpto)	392
José Maria Bello	Iniciação Literaria	398
Ricardo Gonçalves	Do "CYRANO DE BERGERAC" (Edmond Rostand)	405
Léo Vaz	A Rifa	409
F. Badaró	O clero brasileiro	414
Monteiro Lobato	O Imposto Unico (Conto do Natal)	419
Martim Francisco	Viajando (V)	430
Helio Lobo	A America e a Guerra	447
Porfirio Soares Netto	Impressões de viagem	452
J. A. Nogueira	Paiz de ouro e esmeralda	460
Lamartine Mendes	Versos — Leziria	467
Mucio Leão	Um livro nobre	471
Alberto Torres	Ultimas palavras de uma nobre consciencia	478
Redacção	Bibliographia	483
	Resenha do mez	486

(*Continúa na pagina seguinte*)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 36 - ANNO III VOL. IX DEZEMBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Significação historica do maximalismo (*José Ingenieros*) — A reacção da cultura (*Brenno Ferraz*) — Cyrano de Bergerac (*Celso Vieira*) — O arsenico e a hygiene da mesa (*Dr. L. P. Barretto*) — O café brasileiro nos Estados Unidos (*Medeiros e Albuquerque*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — ILLUSTRAÇÕES: retratos de D. Pedro Segundo, D. Luiz de Orleans e Bragança e D. Pia de Bourbon.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **Dr. José Maria Bello.**
Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira,** Bello Horizonte.
Pernambuco: **Mario Sette,** Recife.
Bahia: **Dr. J. de Aguiar Costa Pinto,** S. Salvador.
Ceará: **Antonio Salles,** Fortaleza.
R. Grande: do Sul: **Dr. João Pinto da Silva.**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario

RESENHA DO MEZ — Significação historica do maximalismo (*José Ingenieros*) — A reacção da cultura (*Brenno Ferraz*) — Cyrano de Bergerac (*Celso Vieira*) — O arsenico e a hygiene da mesa (*Dr. L. P. Barretto*) — O café brasileiro nos Estados Unidos (*Medeiros e Albuquerque*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — ILLUSTRAÇÕES: retratos de D. Pedro Segundo, D. Luiz de Orleans e Bragança e D. Pia de Bourbon.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **Dr. José Maria Bello.**
Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira,** Bello Horizonte.
Pernambuco: **Mario Sette,** Recife.
Bahia: **Dr. J. de Aguiar Costa Pinto,** S. Salvador.
Ceará: **Antonio Salles,** Fortaleza.
R. Grande: do Sul: **Dr. João Pinto da Silva.**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario

Aviso aos Assignantes

Approximando-se o fim do anno, época em que termina a maioria das assignaturas, lembramos aos nossos assignantes que é opportuno fazel-as reformar quanto antes, afim de evitar interrupção na remessa. Para facilitar a reforma, vem abaixo um boletim para ser devidamente enchido. Aproveitamos o ensejo para chamar a attenção dos nossos assignantes para o annuncio da pagina 5 — AOS LEITORES.

BOLETIM A ENCHER

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil" — Caixa 2-B — S. PAULO.

Segue em vale postal a quantia de....., para a reforma da minha assignatura.

Nome.....

Residencia .....

unesp

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS
TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES
BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES
LAMPADAS
1/2 WATT
CHAVES A OLEO
VENTILADORES
PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR
ISOLADORES
TELEPHONES
LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 SÃO PAULO

Livros de segunda mão em perfeito estado

O PANORAMA — 15 vols. enc.	100$000
DIDEROT — Obras completas, edição Garnier de 1875	120$000
Van BIERVLIET — Elements de pedagogie experimentale — 2 vols. grandes	20$000
T. SANFORD — Cours de psychologie experimentale	10$000
MONTESSORI — Antropologia pedagogica	7$000
A. COLLIN — Le developpement de l'enfant	5$000
G. ROUMA — Pedagogie sociologique	5$000
PIZZOLI — Quaderni didatici	6$000
„ — Pedagogia scientifica	5$000
P. ROMANO — Psycologia pedagogica	4$000
BINET — Les modernes idées sur les enfants	4$000
P. ROUSSELOT — Pedogogie	4$000
BINET — La psycologie du raisonnement	3$000
G. GROMAIRE — Democratie et education	3$000
F. QUEYRAT — La logique chez l'enfant	3$000
VAISSIERE — Elements de psychologie experimentale	3$000
NUSSBAUM — Le probleme de l'école secondaire	3$000
C. HEMON — Elements de psychologie pedagogique	3$000
JOÃO CESCA — Teoria da Educação	3$000
L. BAUDRIT — L'évolution des forces psychiques	4$000
V. H. FRIEDEL — Problemes pedagogiques	4$000
H. CHANTEVOINE — L'éducation joyeuse	4$000
V. H. FRIEDEL — La pedagogie dans les pays étrangers	4$000
J. LOCKE — Pensées sur l'éducation des enfants	3$000
J. DEWEY — L'école et l'enfant	3$000
V. MERCANTE — Metodologia	5$000
F. GARCIN — L'éducation par la methode froebelienne	4$000
KOSTYLEF — La crise de la psychologie exp.	3$000
HUNGE — E'volution de l'éducation	3$000
E. KEY — Il secolo dei fanciulli	4$000
A. BAIN — La science de l'éducation	4$000
G. BRAUNSCHVIG — Notre enfant	4$000
H. POINCARE' — La science et l'hypothése	4$000
P. GAULTIER — La vraie éducation	3$000
R. ETCHART — Psychologie énergetique	3$000
A. CULLERRE — Les enfants nerveux	4$000
PAUL BONCOUR — Les anomalies mentales chez les écoliers	3$000
H. JOLY — L'homme et l'animal	3$000
A.REY — L'énergetique et le mecanisme	3$000
P. HARTENBERG — Traitement des neurasteniques	4$000
RICHET — Psychologie generale	3$000
P. DIDON — L'éducation present	4$000
A. AULARD — Les grands orateurs de la revolution française	6$000
NYSSENS — Comment lire et étudier	3$000
LEVY WOGUE — Pages scientifique et morales	4$000
A. MOSSO —L'educazione fisica della donna	3$000
E. PICARD — La science moderne	4$000
P. SOURIAU — Les conditions du bonheur	4$000
M. BREAL — L'instruction publique en France	3$000
LITTRE' — Medicine et medicins	3$000

Pedidos por obsequio á Revista do Brasil — Pelo correio mais 500 reis por volume

AOS LEITORES

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhoria crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuimos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independencia, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse logar. Indica-o a entrada crescente do assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque época.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portanto, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, o que hoje voltamos ao assumpto.

--- ATTENÇÃO ---

Cada assignante que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3$000 levados a credito; angariando duas terá 6$000; tres, 9$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na acquisição das obras editadas pela revista

--- BOLETIM A ENCHER ---

Illmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL

Junto seguem.....$..... . importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome) .....
(Residencia)	(Residencia) .....
(Nome)	(Nome) .....
(Residencia)	(Residencia) .....

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de

.....$.....

..... de ..... de 19.....

.....

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & Cia

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

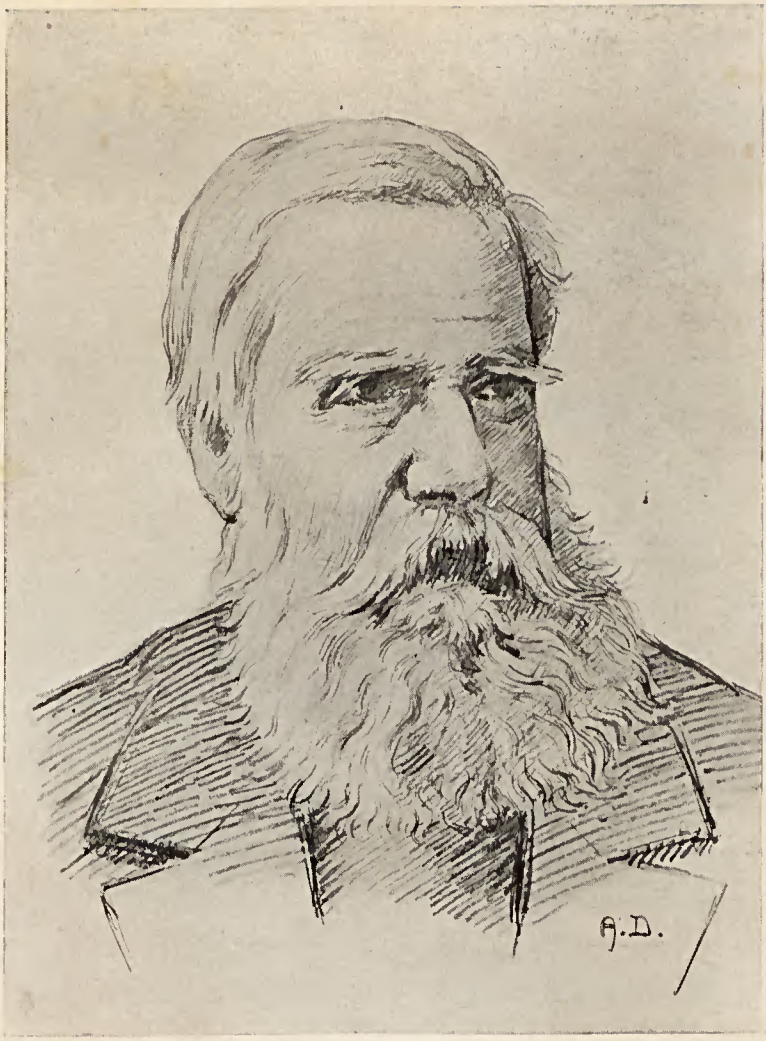
EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



D. PEDRO II (desenho de A. Dutra)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

D. PEDRO SEGUNDO

Despercebidos de todo passaram-se este mez dois anniversarios. A 2 de Dezembro nasceu, a 5 de Dezembro falleceu D. Pedro II. Quem foi este homem que não deixou lembranças neste paiz? Apenas um imperador... Um imperador que reinou apenas durante 58 annos... Tyranno? Despotico? Equiparavel a qualquer facinora coroado? Não. Apenas a Marco-Aurelio...

A velha dynastia bragantina alcançou com elle esse apogeu de valor mental e moral que já brilhou em Roma, na familia Antonina, com o advento de Marco-Aurelio. Só lá, nesse periodo feliz da vida romana, é que se nos depara o sosia moral de Pedro Segundo.

A sua funcção no formar da nacionalidade brasileira não está bem estudada. Era um ponto fixo, era uma coisa seria, um corpo como os ha na natureza, dotado de força catalitica.

Agia pela presença.

O facto de existir na cuspide da sociedade um symbolo vivo e activo da Honestidade, do Equilibrio, da Moderação, da Honra e do Dever, bastava para inocular no paiz em formação o virus das melhores virtudes civicas.

O juiz era honesto, se não por injuncções da propria consciencia, pela presença da Honestidade no throno. O politico visava o bem publico, se não por determinismo de virtudes pessoaes, pela influencia catalitica da virtude imperial. As minorias respiravam, a opposição possibilisava-se: o chefe permanente das opposições estava no throno. A justiça era um facto: havia no throno um juiz supremo e incorruptivel. O peculatario, o defraudador, o politico negocista, o juiz venal, o soldado covarde, o funccionario relapso, o mau cidadão emfim, — e mau por for-

ça de pendores congeniaes, passava, muitas vezes, a vida inteira sem incidir num só deslise. A natureza o propellia ao crime, ao abuso, á extorsão, á violencia, á iniquidade — mas soffreava as redeas aos maus instinctos a simples presença da Equidade e da Justiça no throno.

Ignoravamos isso na monarchia.

Foi preciso que viesse a republica, e que alijasse do throno a Força Catalitica para patentear-se bem claro o curioso phenomeno.

A mesma gente, — o mesmo juiz, o mesmo politico, o mesmo soldado, o mesmo funccionario até 15 de Novembro honesto, bem intencionado, bravo e cumpridor dos deveres, percebendo na ausencia do imperial freio ordem de soltura, desaçamaram a alcatéia dos máos instinctos mantidos em quarentena. Dahi, o contraste dia a dia mais frizante entre a vida nacional sob Pedro II e a vida nacional sob qualquer das bôas intenções quadriennaes que se revezam na curral republicana.

Pedro Segundo era a luz do baile.

Muita harmonia, respeito ás damas, polidez de maneiras, joias d'arte sobre os consólos, dando o conjuncto uma impressão generica de apuradissima cultura social.

Extingue-se a luz. As senhoras sentem-se logo apalpadas, trocam-se tabefes, ouvem-se palavriados de tarimba, desapparecem as joias...

Como, se era a mesma gente!

Sim, era a mesma gente. Mas gente em formação, com virtudes civicas e moraes em inicio de cristallisação.

Mais um seculo de luz accesa, mais um seculo de catalise imperial, e o processo cristallisatorio se operaria completo. O animal, domesticado de vez, dispensaria açamo. Consolidar-se-iam os costumes; enfibrar-se-ia o caracter. E do mau material humano com que nos formamos, sahiria, pela creação duma segunda natureza, um povo capaz de hombrar com os mais apurados em cultura.

Para esta obra moderadora, organisadora, cristallisadora, ninguem mais capaz do que Pedro Segundo; nenhuma forma de governo melhor do que sua monarchia.

Mas sobrevem, inopinada, a republica.

Idealistas inintelligentes, emparceirados com a trahição e a inconsciencia da força bruta, substabelecem-se uma procuração falsa e destróem a obra de Pedro Segundo "em nome da Nação".

A nação não reage, inhibida pela sorpresa, e tambem porque lhe acenam logo com um programma de maravilhas, especie de paraizo na terra.

E' sempre assim. Não variam com a longitude nem com a latitude os processos psychologicos de assalto ao poder.

Aqui, assaltado o poder e conquistadas as posições, houve um geral arrancar de mascaras: — Enfin, seuls!

O "Alagôas" levava a bórdo a luz importuna, a luz que empatava. E começou a revista de anno que ha trinta annos diverte o paiz.

Que diverte, mas que envenena.

Que envenena e arruina.

O que havia de crystallisação social dissolve-se, volta ao estado de geléa.

Succedem-se na scena os actores, gingam-se as mesmas attitudes, murmuram-se as mesmas mensagens, reeditam-se eternas promessas.

O povo, cançado e descrente, farto de uma palhaceira destituida da minima originalidade, cochila nas archibancadas. Nem applaude, nem assobia, — dorme, e sonha, entre outras coisas, com o inopinado surto em scena de um delegado de policia loiro e dez praças de uniforme desconhecido que ponham fim á pantomina...

Não intervem para realisar por mãos proprias o "basta", porque se sente tão gelatinoso como os actores. Nada o galvanisa, não o espanta nenhum jangotismo de tony. Abudhistado, assiste até ao indecoroso matar-se em massa.

As scenas do anno 1000 desenroladas na capital da republica, durante a ultima epidemia, são "os noves fóra nada" da obra do 15 de Novembro. A machina governamental, carissima, não funcciona nos momentos de crise. Não é feita para funccionar, senão para sugar com furia acarina o corpo doente do animal empolgado.

De Norte a Sul o povo lamuria á sua desgraça e chora envergonhado o que perdeu.

Tinha um rei. Tem satrapas.

Tinha dinheiro. Tem dividas.

Tinha justiça. Tem cambalachos de toga.

Tinha Parlamento. Tem ante-salas de famulos.

Tinha o respeito do estrangeiro. Tem irrisão e despreso.

Tinha moralidade. Tem o impudor deslavado.

Tinha soberania. Tem consules estrangeiros assessorando ministros.

Tinha estadistas. Tem pêgas.

Tinha vontade. Tem mêdo.

Tinha leis. Tem estado de sitio.

Tinha liberdade de imprensa. Tem censura.

Tinha brio. Tem fome.

Tinha Pedro Segundo. Tem... Não tem!

Era. Não é.

Numa época terrivel para a vida universal, em que cada paiz procura chefiar-se por intermedio dos homens de suprema energia, Wilson, Lloyd George, Clemenceau, Ebert, o Brasil apalpa o pescoço e não sente cabeça. Chegou á maravilha teratologica duma acephalia inédita...

Annos atraz foi apresentado á Camara dos Deputados um projecto de lei mandando trasladar os restos de Pedro Segundo para a terra natal. A consciencia desse ramo do Legislativo, num assomo de revivescencia, votou, em apotheose, a lei. Mauricio de Lacerda definira, nesse dia, a politica republicana, como feita de alcouces e corrilhos. A Camara desmentiu-o por cinco votos. Mas o Senado confirmou-lhe o asserto, por quasi unanimidade. Não convinha á turba de *sarcorhamphus* pacificamente acommodada em torno da presa a devorar — a Patria — a trasladação dos restos mortaes. Quem sabe, conservariam essas cinzas algo da mysteriosa força que caracterisou em vida Pedro Segundo? E viriam ellas — agindo pela presença — perturbar a paz do festim? "Nada, não perturbemos nossa digestão" — pensou o Senado. E o projecto cahiu.

... ...

O Brasil é uma nação a fazer. Ou refazer, já que destruiram os alicerces da primeira tentativa séria. Cortado o fio da evolução natural, baralhados os materiaes, dispensados os operarios honestos e habeis, hypothecadas as suas rendas, a politica de hoje vive de uma industria nova: aluguel da consciencia. Cada empreza estrangeira aluga uma série. De uma, a mais poderosa de todas, é sabido que chegou á perfeição de fichar commercialmente o preço de homens publicos.

E' a deliquescencia final, o esverdear...

Este estado de coisas é, entretanto, galvanisavel. Bastaria repôr na machina a peça mestra que tudo coordena, — essa força catalitica sem a qual nenhum povo como o nosso, instavel, em formação, producto dos mais dispares elementos ethnicos, conseguiu jamais alcançar as etápas successivas da nacionalidade.

Um homem, uma continuidade de acção, um pulso — o bisneto de Marco Aurelio ou Rosas.

A força mansa que norteia o evoluir ou a força violenta que arraza, desespera, e crêa pela dôr o instincto de defesa.

Tudo é preferivel ao reino manhoso dos guzanos de bocca dupla — uma que mente ao povo, outra que o róe até aos ossos.

Esperemos em Anhangá, o deus brasileiro. Peçamos-lhe, neste mez dos anniversarios imperiaes, que resuscite e reponha no seu lugar o espirito bom que neutralisava a influencia dos espiritos máus.

E' a nossa derradeira esperança, Anhangá...

PATRIA MORTA?

DE POMBAL A PIRES FERREIRA
(EXCERPTO)

. . . . . .

Começa o segundo reinado. Fitemol-o respeitosos. O edificio, levantado em cincoenta annos e derribado em cincoenta minutos, lá está, erecto, inteiriço, nos humbraes da historia, alongando sobre a Patria moribunda sua sombra benefica e amena, acordando a nossa saudade e prestando, mesmo aos dementes que o derruiram, o obsequio de defendel-os contra os appetites robustos da voracidade extrangeira.

Sim; não nos illudamos: a reminiscencia do Imperio, a repercussão da sua respeitabilidade, e, acima disso, mas consequencia disso, o receio de que, enxotando os phariseus do militarismo, o brio nacional ordene ao paiz amortecido: — Ergue-te e caminha! — são para a nossa integridade territorial e para a nossa independencia politica defesas mais valentes do que uma marinhagem briosa, mas sem navios, e um exercito bem pago, mas sem disciplina.

Em tamanho, a allucinação acovardada de que o Brasil foi victima em 15 de Novembro de 1889 só vê um parallelo no pasmo com que as mentalidades sensatas e os centros civilisados do planeta receberam a noticia de que dezoito milhões de almas haviam, estolidamente, obedecido á intimação de seiscentos soldados traiçoeiros com a mesma resignação com que, ao pôr do sol, o gado das fazendas, obediente ao assovio do feitor, procura cabisbaixo a porteira do curral!

Pelos fructos conhecereis a arvore — preceitua a licção

biblica. Pois bem: como o segundo reinado recebeu o Brasil? como o entregou? Recebeu um pygmeu adoentado, entregou-o um gigante vigoroso. Recebeu-o com cinco milhões de habitantes de habitantes: entregou-o quasi quatro vezes mais povoado. Recebeu-o com a moeda depreciada e com a crise do cobre a atrapalhar a administração; entregou-o com o papel valendo mais do que o oiro. Recebeu-o revolucionado; entregou-o em completa paz. Recebeu-o dos braços do povo; foi obrigado a entregal-o á esteira das tarimbas. Recebeu-o das mãos de estadistas eminentes; foi obrigado a entregal-o a falsarios da liberdade. Recebeu-o entre acclamações á luz do dia; teve de entregal-o, á noite, á força que o insultava, que o embarcava escondidamente, sorrateiramente, com a mesma argucia com que o visitante nocturno, espreitando, reparando, occulta o objecto subtraido á propriedade alheia.

— Como cresce um povo! dizia-se no decurso do segundo Imperio. Diziam-no Agassiz e Couty; pensava-o Victor Hugo.

— Como apodrece o Brasil! é o que se sabe, é o que se sente, é o que se pensa, é o que se affirma irretorquivelmente depois de doze annos de escravidão, de martyrio, de plebiscito contra o caracter nacional, contra o direito, contra a lavoura que soffre, contra o commercio que geme, contra a moral que estrebucha, contra a Patria que morre!

Vêde: ninguem está contente. Ide a qualquer das grandes cidades do paiz; encostae-vos a uma das esquinas de rua frequentada e notae: ninguem ri. Tambem de nossos lares desertou a alegria; e ainda nos menos desditosos residem as apprehensões. A gargalhada expansiva dos nossos antepassados desappareceu ao contacto dessa hypocondria que a solidão produz e que a loucura visita.

Como que o padecimento se totalisa! Oh! a Republica não é, no Brasil, uma fórma de governo; é uma molestia. Não argumenteis com ella: eliminae-a. Eliminae-a ou eliminae-vos. O dilemma que ella nos impõe é: — mata-me ou morre! — como o monstro antigo impunha ao viandante tremulo: — decifra-me ou devoro-te!

Quadro afflictivo! Prestito funerario encommendado por

herdeiros illegitimos que já esbanjaram da fortuna do enfermo o que lhes esteve ao alcance da mão; presa tombada aos golpes das manoplas dos que em terra imitam a convicção daquelle pirata cujos cantares terminavam com o verso: — tudo quanto avisto é meu! — eis o que é, eis a que está reduzido o Brasil, a cujos amigos dedicados, a cujo sentimento monarchico só é permittida a profunda convicção de que a Patria será maior do que o seu esquife!

Senhores: o segundo Imperio foi a harmonia do prestigio na politica externa com a bondade na politica interna. Amnistiou os revolucionarios de 1842, 1844 e 1848; recusou comparecer ao *Te-Deum* que a colera partidaria cantava no Rio Grande do Sul; deu do bolso particular do Imperante pensão á viuva de Nunes Machado, livrando-a das agruras da fome; tentou e alcançou durante alguns annos — excepção interessantissima ás normas dos prelios politicos — a conciliação dos partidos; conseguiu, a despeito do pendor absenteista do brasileiro, melhorar o regimen eleitoral, dando cadeiras nos parlamentos aos portadores de todas as ideias. O paço de S. Christovam, pobre de moveis luxuosos, rico de honestidade, exemplo inexcedivel desse sentimento de familia que é a associação de todos os dias, sem fausto, mas com bibliothecas e instrumentos scientificos, era a suprema instancia a que recorriam o direito desattendido e o padecedor torturado.

Com que empenho, com que minuciosidade, com que carinho, com que dedicação o imperante, alli e dalli, tudo examinava, tudo esquadrinhava. O presidente de provincia, recem-nomeado, ouvia com o accrescimo de recommendações especiaes sobre os serviços publicos, o relatorio de tudo o que fizera o funccionario ao qual tinha de succeder; e, ao deixar a administração, soffria em S. Christovam prolongada sabbatina. O imperante trabalhava muito, trabalhava sempre. Dormia tarde; acordava cedo. Nunca a indolencia lhe interrompeu a actividade. Consagrou dez lustros da existencia ao estudo e á solução dos problemas de sua terra.

Ganhava bastante, é verdade: ganhava oitocentos contos por anno, mas os empregava de maneira tão original, que

partiu para o exilio pobre, deixando o paiz rico, ao passo que os seus successores vivem ricos deixando o paiz pobre.

Desprendido da subserviencia ao dinheiro, jamais suspeitado de uma cogitação improbidosa, seu exemplo fructificava duplamente: animando os bons a persistirem no bem, decidindo os maus a respeitarem a virtude. Não raro, a posição politica saliente era a synonimia da indigencia; o cargo de ministro de estado equivalia a um posto de sacrificio.

Para occorrer ás despesas do funeral do visconde do Rio Branco a familia entregou a livraria do estadista ao martello do leiloeiro. Buarque de Macedo morreu com 2$400 rs. na carteira. Lidei com ex-ministro que, para retirar-se da côrte, acceitou de alguns amigos o pagamento da passagem a bordo de um paquete. Só quando em funcções, tinha o conselheiro de Estado passe gratuito nas estradas de ferro. O pudor dos deputados governistas não consentia durante o imperio a acceitação de trens especiaes. As proprias ajudas de custo, estabelecidas por lei, eram objecto de caprichoso exame na repartição do Thesouro.

Como isso era nobre! como era limpo! como era brasileiro! E como vae tão longe! A pobreza não correspondia a um estigma. O poder, os louros, as eminencias da vida publica abriam-se ao merito, desde que o merito fosse honesto. Democracia coroada, como a chrysmou Bartholomeu Mitre, nella os estadistas, fortalecidos na opinião e na consciencia do dever, replicavam ao imperante, contrariavam-no de frente, sempre que o julgavam mal enveredado, e sem que essa sobranceria patriotica os incompatibilisasse com as sympathias do throno. Em pleno conselho de estado, o velho marquez de Olinda proferia a conhecida phrase: — "Os descendentes daquelles que sabiam desobedecer o rei para melhor servir o rei são capazes de desobedecer a vossa magestade para melhor servir o povo." — "Não assigno esse desacerto; prefiro a demissão immediata" — pronunciava Zacarias de Vasconcellos, sem que o imperante duvidasse dos seus sentimentos monarchicos.

Que de mais natural, senhores, que de mais coherente,

que de uma governação assim dirigida, assim observadora da probidade, assim frequentadora da honra, adviessem actos grandiosos? Que de mais explicavel que a viação-ferrea atravessasse as montanhas que separam os nossos planaltos dos portos que bordam o nosso alongado littoral? Que o decreto da emancipação dos escravos fosse escripto não com o sangue das victimas mas com as lagrimas da alegria? Que as discussões de 1856, 1861, 1867 e 1870 titulassem de gloria os nossos annaes parlamentares? Que a tolerancia tivesse tão repetido ascendente em nossos costumes, tanto se avantajasse em nossas divergencias internas, que passasse quasi despercebida, como procedimento banal, como acto vulgarissimo, a magnanimidade com que o paulista José Manoel da Fonseca, conservador teimoso, depois de haver fornecido ás forças governistas dinheiro, mantimentos, armas, para a derrota dos revolucionarios de 1842, quando os visse batidos e destroçados, lhes offerecesse, nas suas fazendas, o asylo contra os provaveis exageros da victoria?

E na politica externa? Os empecilhos desfaziam-se á evidencia da nossa força moral; os choques armados epilogavam-se nos nossos triumphos; os nossos triumphos tinham como fecho a bizarria da generosidade. Era a poderosa Inglaterra, superada pela arbitragem na questão Christie, só obtendo o reatamento de relações com o Imperio annos mais tarde, quando o primeiro magistrado da nação, fardado de voluntario da Patria, concedia a vida e a liberdade a seis mil prisioneiros nas linhas de Uruguayana. Era o protesto, elevado e firme, humanitario e brioso, contra o bombardeamento de Valparaiso. Eram Tonelero, Paysandu', Riachuelo, onde ao lado de cada soldado que morria havia um bravo que chorava. Era o Paraguay vencido, completamente vencido, com os seus limites respeitados, sem ter que entregar ao Brasil um palmo de territorio! Eram Arinos, Lafayette, Andrade Figueira, Aguiar de Andrada, representando nosso paiz nos congressos internacionaes, ouvidos com voto deliberativo no desenlace dos grandes problemas

da civilisação e no desembaraço dos complicados interesses dos povos os mais adeantados e poderosos da terra!

Não; os banquetes do poder nas festas do Imperio não eram interrompidos pela importunação dos fornecedores. Não! as iguarias distribuidas aos convivas desconheciam esse destempero de telegrammas londrinos a produzirem indigestão da paciencia. O banqueiro inglez guardava para as paginas humoristicas de Carlos Dickens a originalidade do criado intervallando de apartes as garfadas saborosas dos patrões. Não! Mil vezes: não! No Brasil monarchista, nem por mera conjectura, nem por estupido agoiro se poderia imaginar que o primeiro funccionario do paiz, em orgia solemne, mas afinal em occasião claramente politica, convencionalmente nacional, abatido, alvarmente sorridente, confuso, escutasse de um negociante, que sem talher designado lhe examinava o cardapio e os guardanapos, essa insolencia sem precedentes: — Brasil, repara bem que estás comendo á minha custa!

No segundo reinado, os protocollos e as indemnisações aos governos extrangeiros não terminavam pela distribuição de saldos — confissão tacita de excesso nos recebimentos — porque... porque elle não conheceu indemnisações e o saldo que então avultava era o saldo da dignidade nacional.

MARTIM FRANCISCO

INICIAÇÃO LITERARIA

(Para um joven escriptor)

Raras pessôas poderão falar sem ridicula petulancia da sua formação literaria. Quem já conseguiu encher a medida da curiosidade intellectual? O primeiro e mais positivo dos lucros que adquirimos com as leituras sérias, feitas num desejo de cultura, não só do espirito, que muito vale mas que não é tudo, e sim tambem do caracter e dos sentimentos affectivos, deve ser a certeza, inquieta ou serena, da nossa propria ignorancia.

Pelo pouco que conseguimos saber, ensina o velho rifão, julgamos do muito que nos falta. E' tão vasto o mundo do pensamento e tão curta a vida, que ficamos sempre em meio da jornada.... Entretanto, todos nós gostamos ás vezes de falar sobre nós mesmos, numa especie de soliloquio, em que vamos evocando docemente as leituras passadas, os dias idos, as cousas que se foram, e que nem sempre deixaram saudades. Vaidades... Quem vive do publico e para o publico, pela palavra ou pela penna, soffre incuravelmente de semelhante mal. E' uma triste contigencia da profissão, como as caimbras dos tabelliães, e que, de todo, não conseguimos evitar. Os moralistas arripiam-se e protestam. Os psycologos, que são creaturas muito mais interessantes e senhores de uma tolerancia que falta áquelles, explicam e perdôam...

A producção intellectual é, segundo elles, uma extensão ou projecção da personalidade, representando, em sua essencia, um desejo de conquista e predominio. Ninguem escreve pelo prazer vão e egoistico de escrever; deseja sempre convencer,

fazer-se admirar, impor-se, abrir o seu caminho. Se tomamos da penna para nos derramar vaidosamente através das paginas de um livro ou, mesmo, das columnas de um jornal, estamos a murmurar para o leitor: "vêde a minha superioridade, sei de cousas que ignoraes ou ignoraveis sempre, e consigo articulal-as com elegancia e graça, que vos não foram permittidas. Crêde e admirae..." Como o leitor, bem ou mal, está tambem convencido da sua superioridade, sorri e passa além. No fim, se estabelece o equilibrio, e nos convencemos de que este mundo é o mais perfeito de todos. Não nos irritemos, pois, com a vaidade alheia, e não nos esqueçamos de que nos homens de letras, ella constitue uma fatalidade psychologica, **gens irritabile vatum**...

Quando temos um pouco de espirito, evitamos o mais possivel falar de nós, e nos cobrimos pudicamente com o véo da modestia. Perigosa sub-especie... Para que importunar a quem nos lê com as nossas proprias historias? Os nossos leitores ficarão no direito de nos responder: "só a vossa intelligencia nos interessa; trabalhae, escrevei, cançae os vossos olhos e o vosso cerebro sobre os livros e o papel, e contae-nos cousas agradaveis. Depois, que Deus vos proteja ou que o diabo vos leve..." Mais tarde, duas ou três gerações passadas, se conseguimos tornar-nos **alguem**, a nossa **humanidade**, a nossa vida intima, os nossos desejos, as nossas ambições, os nossos amores, os nossos vicios e as nossas virtudes, começam de interessar tanto quanto os nossos livros. A indiscreção alheia, mais perfida do que simpathica, não nos poupará. Que valem as historias de amor das heroinas de George Sand, comparadas com a do seu proprio coração? Não devemos precipitar as cousas, invadindo a seára que pertence aos nossos netos. O mal está em que em noventa e nove casos sobre cem, o nosso nome morrerá no estreito circulo de espaço e de tempo em que nos agitamos. Mas como a nossa vaidade nos segreda que não seremos um dos taes noventa e nove, consolamo-nos da indifferença de hoje na esperança da estatua de amanhan...

Todo este longo prologo parece bem uma especie de perdão prévio que vos imploro pelo muito que tenho de falar sobre mim mesmo. Ficaes a pensar que, pretenciosamente, vou di-

zer-vos da minha formação literaria. Pobre de mim... Quizera apenas discorrer um pouco, em resposta a um joven e querido amigo, neste canto tranquillo e amavel de Revista. Nesses tempos tristes de guerra, peste e fome, é quasi um preceito de hygiene mental, esquecer, alguns momentos, as angustias que nos atenazam o coração, nos fastos amaveis do espirito. O meu amigo quer saber de mil cousas. As suas perguntas me torturam. No emtanto, faço um esforço para esquecer a modestia que devo a mim mesmo e a minha natural obscuridade, e arvoro-me em professor de literatura. De moral, seria peor... Deve obedecer a cultura do espirito a uma seriação rigida de estudo? Todo talento não traz em si mesmo a faculdade de auto-didactico? Teem alcance as regras de leitura, tantas vezes formuladas pelos philosophos e pedagogos?

Está a parecer-me que sim. E' necessario drenar para o seu leito natural as correntes que brotam da intelligencia. As leituras só pódem ser fecundas, quando feitas com methodo, para uma finalidade prestabelecida. Disciplinemos o nosso espirito. F..., o meu joven amigo, tem pouco mais de vinte annos. Concluiu apressadamente os preparatorios e, hoje, é quasi bacharel em direito, como toda a gente. Desde criança, que a literatura o preoccupa. E' de algum modo, uma monomania. Intelligente, esperto, de sensibilidade literaria muito aguda. Escreveu em revistas clandestinas de collegas e de suburbios. Agora, sente pruridos de apparecer; sonha com as columnas de um grande jornal e, aventura mais séria, com a publicação de um livro. Os seus momentos de timidez e bom senso o contêm. "Reconheço-me muito ignorante ainda, escreve-me, receio um formidavel fiasco. Desejaria publicar contos, romances, ensaios, **tutti quanti**... Mil cousas tumultuam-me no pensamento; sinto, entretanto, que não conseguirei traduzil-as claramente. Falta-me a expressão; as idéas se me confundem, não se ligando bem entre si. Ha especies de hiatos na minha intelligencia. Leio muito, mas sem methodo, misturando todas as cousas. Não está ahi o mal? Como corrigil-o? Que hei de fazer? De que maneira ordenar as minhas leituras?..."

F..., bacharel e literato, é um caso typico, um indice da mocidade deste paiz de bachareis e literatos. Nas suas angustias intimas, nas suas duvidas, na sua ingenuidade, revejo-me a mim mesmo, como vós vos podereis rever tambem. Se elle seguisse os meus conselhos, lhe diria que desistisse da literatura para sempre. Não ha officio mais ingrato nos paizes nas condições sociaes do Brasil. Não temos publico, quasi ninguem se interessa por essas questões de arte ou de sciencia. O nosso esforço morre sem repercussão, num meio indifferente ou hostil. Ninguem nos conta como valores sociaes. Mas vá alguem aconselhar a um moço brasileiro que abandone as letras... Deixemos F... ao seu triste e inglorio destino; terá tempo de arrepender-se...

Segundo as velhas regras, elle deveria começar a sua cultura literaria pelos classicos. Qualquer velho humanista dir-lhe-ia para ler, antes de tudo, Homero, Sophocles, Virgilio, Horacio, Cicero, Lucrecio... Desconfio, entretanto, de semelhante iniciação. Não basta ler os antigos, como um dever primeiro de officio. E' preciso comprehendel-os, o que só se póde conseguir como o conhecimento parallelo do mundo historico, de que os seus livros foram uma expressão. Não sei se, aos vinte annos, nos seria permittida esta faculdade de sairmos de nós mesmos, do nosso tempo e do nosso meio, para viver a vida da Hellade e de Roma. Sem este poder prévio de abstracção, Homero e Virgilio se tornam enervantes. A propria eloquencia de Cicero acaba por cansar, e, facilmente, nos escapará o que ha de fino, de malicioso em Lucrecio. Mais tarde, quando for mais viva a nossa sensibilidade, mais educado o nosso gosto, mais disciplinada a nossa intelligencia, os velhos autores terão outro sentido. O meu joven amigo deve por emquanto dispensar os gregos e os latinos...

Não sei tambem se lhe aconselharia os classicos francezes. Que lhe diriam Corneille, Racine, La Bruyère ou Fénelon? Lembro-me dos meus tempos de collegial, quando era obrigado a traduzir as fabulas de La Fontaine e, no **Theatro Classico**, trechos de Racine e de Corneille. Que martyrio... Como me parecia pesada a lingua admiravel de **Cid**, e infantis as historias de La Fontaine... Contos de carochinha para a primeira infancia... Estou quasi a concluir contra a minha primeira

affirmação; não é possivel seriar a cultura mental. Cada qual leia o que bem entender, o que mais lhe interessar no momento.

O meu joven amigo começou pelos romancistas francezes e por Eça de Queiroz. Não é o caso de todos nós, que amanhecemos para a vida literaria nesse ultimos quinze annos? Leiamos os contemporaneos, aquelles que nos falam de cousas nossas, reaes e vivas, figuras que encontramos a todo o momento, paixões e sentimentos, que descobrimos em nós mesmos. Eça de Queiroz, a quem, uma vez, arvorado em facil moralista tão facilmente condemnei, constitue, de feito, uma excellente iniciação literaria. Nos seus livros colhemos os primeiros ensinamentos da vida, as primeiras noções do ridiculos, as primeiras vibrações da belleza literaria. A sua lingua, de admiravel plasticidade, nos encanta ao mais ligeiro contacto. As suas personagens, nós as conhecemos, as encontramos todos os dias nas ruas: o conselheiro Accacio, o Gouvarinho, o Palma Cavallão, o Eusebiosinho, o Damaso. São realmente modelares, de movimento e de vida, as suas descripções. Tomae, ao acaso, do **Crime do Padre Amaro,** e lêde logo ás primeiras paginas a descripção dos arredores de Leiria: "Em roda da Ponte a paizagem é larga e tranquilla. Para o lado de onde vem o rio são colinas baixas, de formas arredondadas, coberta da rama verde dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casaes, que dão áquelles logares melancolicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas, que luzem ao sol, com os fumos das lareiras, que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e lavados..." Mais tarde, outras leituras temperarão, naturalmente, a influencia de Eça, tão poderosa nos primeiros tempos. Começamos de achar que nos seus livros ha muita **blague,** que as suas figuras se parecem demasiadamente entre si, e que poderia ser mais correcta a sua lingua, tão admiravel de graça e precisão. Mas foi extraordinario o bem que elle nos fez.

Os romancistas contemporaneos da França causarão igual proveito. De Flaubert, de Balzac, a Bourget e a Anatole France, incluindo mesmo o grosseiro e romantico Zola, eis todo um mundo vivo, palpitante, todas as subtilezas imaginaveis da intelligencia, todas as nuanças e graças do estylo.

Quando chegado a este ponto, podereis descer a suave collina. A vossa intelligencia abriu-se; comprehendereis tudo. E' nesta phase que eu aconselharia os velhos mestres, de Voltaire a Montaigne. Os escriptores gregos e latinos terão outro sentido. Mas como o meu amigo deseja escrever em portuguez, precisa de aprender a sua lingua. Os classicos portuguezes... Não imporia tamanho castigo ao meu maior inimigo... Quem penetrou, um dia, na rica literatura franceza, claro mananeial de idéas, difficilmente, tolerará a vacuidade palavrosa desses velhos fazedores de phrases. Ficae, antes, em Camillo, se vos for possivel supportar a grosseiria da sua linguagem, e se tende geito e gosto para a oratoria, em Herculano e Latino Coelho. Entretanto, encontrareis em Ruy Barbosa e Machado de Assis os dois mestres eternos, que se completam na sua absoluta desemelhança. Em Ruy, o orador, o pamphletario, o grande auditivo, os largos periodos harmoniosos, onde a sonoridade da expressão compensa o que possa haver de falta de idéas geraes, de capacidade de observações e de profundeza do pensamento; em Machado, a fina sensibilidade artistica, a penetração psycologica, a amargura intima, a phrase curta e precisa, tudo que leste em Anatole, nelle talvez, com menos perfidia e, talvez, com mais equilibrio.

Vejo agora, que nada disse sobre os estudos philosophicos. E' possivel conceber-se um escriptor, homem do seu tempo, capaz de comprehender as cousas, sem larga iniciação philosophica? O ideal de quem escreve deve ser o de attingir certa serenidade de julgamento, certa universalidade de comprehensão, que só o habito das leituras abstractas póde dar. A arte não deve bastar na formação de um espirito que quer tomar a vida ao sério. E' a philosophia, sem embargo do mal que della digam, que permitte á intelligencia humana esta plasticidade, esta serenidade, esta disciplina intima, que não sabemos definir e que sentimos, por exemplo, em Taine ou Rénan. Não sei tambem se sem uma tendencia, um gosto natural, pelas altas especulações, a philosophia não se converterá numa simples e inutil sciencia exoterica. Para os moços brasileiros, com a nossa pessima educação de humanidades, a iniciação philosophica torna-se singularmente difficil. A demais, a

minha petulancia não iria até ahi; é uma tarefa que Faguet já cumpriu.

O meu amigo F... levou-me mais longe do que eu quizera. Ao terminar, rio-me de mim mesmo. Não teria perdido inutilmente o meu tempo? O meu joven amigo, depois de tantas leituras, póde bem reduzir-se a um simples erudito, e perpetrar tranquillamente um livro de curiosidades de almanaque. Se tem talento, se tem gosto, estou que lhe será util abandonar os livros, e procurar observar directamente a vida. Só assim, talvez, em meio desta abundante literatura de imitação, falsa e cansada, poderá produzir alguma cousa nova, sincera e vivida, que valha a pena ser dita, e que tenha para o nosso paladar corrompido, um travo esquisito de vinho verde ou de fructo temporão...

José Maria Bello

Principe D. Luiz de Orleans e Bragança

Princeza D. Pia de Bourbon

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

DO "CYRANO DE BERGERAC"

(EDMOND ROSTAND)

ACTO I — SCENA V

CYRANO

Oh! dize que esperança eu posso ter com tal
Super-desmesurado appendice nasal?
Não me illudo. A minh'alma ás vezes se enternece
Na hora azul em que a tarde expira e a noite desce...
Penetro num jardim: que perfumes subtis
Haure este malfadado, este pobre nariz!
E' Abril, o doce mez... passam dois namorados,
Um casal, junto a mim... eu os vejo enlaçados,
E penso que tambem poderia trazer
Suspenso de meu braço um corpo de mulher...
Um vulto feminil, que em meu braço descansa...
Um beijo... uma caricia... o aroma de uma trança...
E esqueço-me de tudo, e não sei o que penso,
E de repente vejo estampar-se, ai de mim!
A sombra colossal do meu nariz immenso
No muro do jardim.

LE BRET (commovido)

Meu pobre amigo!...

CYRANO

Sim! sou bem digno de dó.
Sentindo-me tão feio, ás vezes, e tão só,

Tu não pódes saber como soffro, — que de horas
Amargas e cruéis! que supplicio!

LE BRET

Tu choras?

CYRANO

Não, chorar, isso não! seria tão grotesco
A lagrima a rolar no dorso gigantesco
Do meu pobre nariz!... Jamais consentiria
Essa enorme abjecção, tamanha grosseria!
A lagrima! Não ha nada mais bello, nada,
E eu não quero que em mim provoque a gargalhada.

ACTO II — SCENA VIII

CYRANO

Mas, que fazer, então?
Buscar um protector, arranjar um patrão?
Ser como a hera, que enlaça o carvalho robusto
E lambe-lhe a cortiça, e trepa, então, sem custo?
Usar, para attingir o cimo desejado,
De astucia, em vez de força? Oh! não, muito obrigado.
Entrar para o canil dos poetas rafeiros,
Como elles dedicar versos aos financeiros,
E fazer de bufão, para que um potentado
Haja por bem servir? Oh! não, muito obrigado.
Almoçar, cada dia, um sapo, sem ter nojo,
Rustir o ventre por andar sempre de rojo,
Ter a rótula suja e fazer menos mal
Promptas deslocações da columna dorsal?
Obrigado. Trazer o incensorio suspenso
De um idolo que viva entre nuvens de incenso,
Ganhar celebridade, applausos e coroas,
Num circulo de trinta ou quarenta pessoas?

Navegar, tendo, em vez de remos, madrigaes,
E, a tufarem-me a vela, os suspiros fataes
Das velhas, num derriço? Obrigado, obrigado...
Ganhar fama de autor, por haver publicado
Meus versos, mas pagando o livro aos editores?
Obrigado. Viver de esmolas e favores,
Ser papa nas reuniões que, em baineas sem nome,
Fazem alguns sandeus, ver se alcanço renome
Com um soneto, si tanto, em vez de fazer mil,
Achar muito talento em qualquer imbecil?
Obrigado. Ter medo aos jornaes, ser amigo
De elogios, dizer de mim para commigo:
"Ah! si o meu nome vier no "Mercurio Francez"...
Calcular, ter na face impressa a pallidez
Dos poltrões, preferir fazer uma visita
A bordar, carinhoso, uma estrophe bonita,
Ser da matilha hedionda e vil dos pretendentes,
Redigir petições e mendigar presentes?
— Obrigado, obrigado, obrigado, obrigado...
Mas cantar, mas viver num sonho alcandorado,
Calmo e feliz, o olhar seguro, a voz vibrante,
De quando em vez e por capricho, petulante
Pôr de travéz o feltro — e por um quasi nada,
Dar um beijo na Musa ou dar uma estocada.
Nem um verso escrever que a mim me não pertença,
E, apezar disso tudo, uma modestia immensa,
Pagar-me com uma flor, ou um fructo appetecido,
Comtanto que no meu pomar seja colhido.
E, em summa: desdenhando a hera vil que se esconde,
Não conseguindo ser o róble, cuja fronde
Móra perto do azul e distante do pó,
Subir pouco, mas só, completamente só.

ACTO III — SCENA X

CYRANO

Um beijo! Mas que vem a ser um beijo ao certo?
E' um juramento feito um pouco mais de perto,
E' uma confissão de amor, que bem depressa
Queremos confirmada. O beijo é uma promessa,
E' um segredo que toma a bocca pelo ouvido,
Momento divinal, que faz como um zumbido
Caricioso d'abelha. O beijo, meu amor,
E' uma communhão, tendo gosto de flor,
Maneira deliciosa e maneira inebriante
De haurir-se todo o aroma a um coração amante,
E de gosar-se n'alma, á flor d'uns labios quentes.

(1904)

RICARDO GONÇALVES

PANORAMA DO RECIFE III
(Aquarella do principio do seculo XIX.)

VISTA DE OLINDA
(Desenho de Debret, 1818.)

A RIFA

Em meio da palestra, acabara eu de repetir o chavão: — o casamento é uma loteria... quando o moço professor, magro, de bigodes ruivos escorridos, interrompeu:

— Perdão, é uma rifa.

— Uma rifa?

— Sim, uma rifa. E' uma figura mais justa. A rifa é um perigo mais tremendo do que essa innocente e benemerita loteria.

— Benemerita?...

— Pois não. Quando algum amavel cambista me convence da vantagem de cambiar cem tostões objectivos por cem contos subjectivos, resta-me, compensando o desfalque, a faculdade de por a trabalhar a imaginação na escolha de um entre os cem mil projectos que acodem á perspectiva da loira fortuna. Fico a sonhar com todas as felicidades e glorias, por muito tempo... Isto é, por todo o tempo que leva o cambista até vir dizer-me, risonho e amavel como sempre:

— "Não foi da outra vez, mas... andou perto. Veja a lista: por dois numeros apenas; dois numeros! O senhor tem sorte. Olhe: cá está um numero que lhe convem... Este é infallivel."

Desfaz-se o primeiro sonho, porém, com outros cem tostões, uma insignificancia!, adquire-se de novo a grata chimera, com todos os seus encantos. A loteria dá assim aos desherdados, uma amostra de felicidade, que sempre os vae consolando, emquanto não chega o *stock* definitivo.

Mas a rifa é outra historia. Não dá lado de sonhar com cousa alguma. E' a realidade dura em qualquer das duas hypotheses que offerece: ou o *premio* cabe a outro concurrente, o que re-

presenta um inutil dispendío para os mais, ou, o que ó peor, a sorte é favoravel...

— Ora!...

— Não; não é paradoxo: é rifa. A rifa é assim mesmo, insubmissa á propria logica. Um exemplo para proval-o... Não que eu julgue exemplo synonimo de prova. Absolutamente. Sigo apenas o methodo dos argumentadores subtis nos casos transcendentes.

Eis o exemplo:

Era no bairro onde fui mestre-escola, logo após á minha investidura de professor normalista. Ora, segundo uma das muitas leis universaes que o homem desconhece, cabe ao mestre-escola de bairro distribuir pela população do mesmo todo o seu magrissimo ordenado, em virtude de ser elle pago numa certa especie monetaria a que o povo chama, com razões muito suas, "dinheiro facil."

Esse tributo é cobrado por mil processos diversos, desde o engommado a 2$000 a camisa, até a subscripção para mandar reformar a padroeira. Entre esses extremos vem o perigo, quero dizer, a rifa.

"Rifa-se" tudo. Hoje é uma egua apparelhada de prata, amanhã um roskof, depois uma suina com a respectiva prole, um grammophone, uma faca, alguns palmos de terra, com toda a samambaia, uma novilha pintada, uma canôa, e outros mil "objectos" que são assim vendidos pelo decuplo do valor, numa "acção entre amigos"...

Como ia dizendo, eu era mestre no bairro e cumpria religiosamente a minha missão de esmoler-mór, submettendo-me ovinamente a todas as acções que os meus amigos resolviam agir.

Um bello dia achei-me possuidor de um cartãosinho amarello, onde se promettia

UMA RICA SANFONA DE 9 BAIXOS

pela ninharia de dez mil réis que me foram amigavelmente extorquidos.

Sonhei muitas noites com o harmonioso instrumento, antego-

sando as delicias dos baixos promettidos, com os quaes planeava desfazer uma certa corrente malevola, que na minha terra qualificava-me — o Melophobo... Pretendia tambem...

No domingo seguinte o rifista, abraçando-me excessivamente, communicava-me a victoria do numero com o qual a Fortuna me tornava possuidor de nove baixos sonoros.

Exultei. Reneguei a religião dos sceptiços e pedi enternecido que me deixassem comprimir o doce pulmão da *minha* concertina.

O amigo teve um sorriso cinzento e explicou:

— Ainda não veio do sanfoneiro, onde está a concertar-se; mas o senhor, se tem pressa, pode mandar por ella á cidade...

Sentindo a amargura das alegrias desfeitas, adiei o goso para a semana seguinte e procurei consolo na alegria ruidosa em torno á cerveja que eu "pagara" em regosijo pela minha boa fortuna.

E no outro domingo dirigi-me á cidade com o primeiro trem, em demanda da minha prenda.

Estava perfeitamente concertada a minha concertina, segundo me demonstrou o sanfonista, executando uma escala chromatica de uns sons mais roufenhos que os de um piano de hotel.

Não me impressionou muito favoravelmente aquelle chromatismo; porém, chamando á memoria todas as concertinas minhas conhecidas, conjecturei que o mal não era individual, mas especifico. Consolei-me. A vida é assim uma serie de consolações cujo ultimo termo...

Mas perdão!... Não é aqui ensejo para philosophias innocuas. Reatemos a historia. Consolei-me, lembrando-me da pouca sorte dos outros amigos que não tiveram siquer uma gaita. Sobracei a harmonica e extendi a dextra sincera ao artista, despedindo-me. Mas, meio enfiado, elle embargou-me o passo:

— Desculpe-me, senhor, mas não vê que o concerto ainda não foi pago?... o concerto da concertina... Segundo declaram os bilhetes, deve correr por conta do prestamista feliz...

Protestei a minha ignorancia nesse capitulo, alliada á certeza de que o meu cartão amarello nada rezava a respeito.

— Faça o favor de ver...

Fiz. Saquei do cartão, triumphante, e apresentei-lh'o.

O homem tomou-o, algo admirado, mas logo, sorridente, collocou-m'o debaixo do nariz, apontando para a borda inferior, onde se lia, em miniatura de caracteres, este aviso cheio de honestidade:

(*Esta concertina soffreu um pequeno concerto que será pago pelo seu proprietario no acto da entrega.*)

O proprietario agora era eu... Pedi humildamente perdão da inadvertencia e indaguei da importancia a que montavam os reparos da minha propriedade.

— 25$000.

— Como?...

— 25$000... E não é caro, como lhe poderá parecer; o concerto era difficil, constando de uma completa reforma nos folles, afora cinco baixos novos, que não havia, dezesete botões de perola, quinze molas de aço, bandoleira de cadarço, sapatilhas de rolha de cortiça, cantoneiras de metal e outras coisinhas... Não lhe peço mais, porque o senhor, certamente não me quereria pagar por esta mais do que por uma nova; mas fique certo de que faz negocio.

Estive algum tempo entre a agua e o capim, como aquella alimaria de Buridan, a considerar si o prazer da posse não ficaria diminuido com aquelle gasto supplementar; mas a lembrança das outras despezas anteriores com o bilhete, a cerveja, a viagem, me resolveu a ir até o ultimo sacrificio, em prol dos meus gosos musicaes. Paguei.

— Muito obrigado. Não quer mais nada? Olhe, porque não compra um sacco para a concertina? E' muito indispensavel por amor das baratas e traças que em pouco tempo lhe darão cabo do instrumento. Temos ahi superiores, em lona e em couro, com chave, correia e de graça. As baratas são terriveis: róem os folles. E' melhor de couro, que é de muita duração. Muito barato: 30$000.

Por amor á minha concertina, e tambem porque não sei resistir á diplomacia dos commerciantes, adquiri o sacco, depuz nelle o thesouro e ufanamente me dirigi á estação, sob o aspecto de photographo ambulante, que me dava aquelle fardo a tiracollo.

Ia radiante. E a sastifação intima, não me deixava perceber os bicos electricos, já brilhantes, apezar de uns restos de crepusculo.

Só na estação avaliei a catastrophe: as transacções com o concertista tinham-se prolongado mais do que me convinha e, áquella hora, o comboio que devia reconduzir-me ao bairro devia resfolegar já muitos kilometros para lá delle. Eu havia perdido o trem.

Conheci assim mais um dissabor dos muitos que affligem os proprietarios e fui esperar o dia seguinte a um hotel.

Na segunda feira, cinco quartos de hora antes do comboio, já me achava na estação, por previdencia. Duas horas depois chegava o trem, com um pequeno atrazo e com uma grande satisfação minha. Eu anciava pelo socego do bairro e por uma partitura. Atirei-me para o vagão, ageitei os pacotes e dispuz-me a ver desfilar a conhecida paizagem.

Nisto uma mão apertou a minha, com superioridade, emquanto uma voz conhecida me dizia estas palavras — o Mane-Tecel-Fares do mestre-escola:

— Olá, sr. viajante! Anda passeando, pelos modos... Muito prazer pela inesperada companhia! Ia justamente visitar a sua escola. Devem ir muito adiantados os seus trabalhos, para assim dispensar todo um dia logo no principio da semana...

Voltei-me. Era o inspector! Era o diabo! Era peor: era o termo de censura no livro de visitas e a injustificação da falta! Era o desconto nos vencimentos. Era mais um accrescimo no preço da concertina...

E o moço professor, de bigodes ruivos escorridos, tirava e recollocava distrahidamente a alliança, emquanto repetia:

— E': o casamento é uma rifa...

— Rifa de sanfona, accrescentei eu, convertido.

LÉO VAZ

O CLERO BRASILEIRO

A religião catholica progride no Brasil ?

A essa pergunta feita por um jornalista responderão quasi todos os prelados patricios.

O Cardeal Arcoverde, que primeiro foi ouvido, disse: sim, a religião catholica, que presidiu ao descobrimento do Brasil, que nos embalou no berço e nos abençou, quando nos constituimos em nação autonoma e independente, vive e progride em nosso paiz; e a Igreja catholica, que cultiva e vive do seu espirito, é hoje aqui um corpo perfeitamente vivo, activo e fecundo. A Igreja progride com o Brasil. E se com o progresso material, com a expansão ferro-viaria, vamos augmentando a vida dos Estados, chamando á civilisação zonas immensas até hontem deshabitadas, é natural que a S. Sé divida o serviço espiritual, augmento o numero de prelados e de dioceses, para que tambem a religião progrida. Ao clero não falta bôa vontade para cumprir o seu dever. A Igreja tem prosperado muito neste regimen, gosando de toda a liberdade a que tem direito. A Republica, pois, não a prejudicou.

D. Jeronymo Thomé, notavel primaz da Bahia, acha que a Igreja tem progredido e gosa de posição vantajosa na Republica, devido á liberdade que o novo regimen lhe concedeu. A transformação politica trouxe esse bem para a Igreja. Verdade é que esse bem poderia ter sido muito maior se com a liberdade não se houvesse separado do Estado.

Em todo o caso o espirito religioso é bem desenvolvido, não o estando mais por causa da falta de communicação, que é o grande mal do Brasil.

D. João Becker, prelado de extremo sul affirmou que a condição da Igreja no Brasil melhorou muito com a mudança do regimen, sendo prova disso o estado prospero e florescente do catholicismo entre nós.

D. Sebastião Leme declarou que a situação do catholicismo no Brasil é francamente prospera, como tambem o é a vida da Igreja. O sentimento religioso cada vez mais se desenvolve, reflectindo-se em actos e factos positivos, que dão a justa medida do quanto temos avançado nesse terreno. Pode-se dizer que esse sentimento foi outr'ora mais intenso, mas hoje é mais efficiente, no sentido de que, ao envez de permanecer só no subjectivismo inerte, se traduz, ao contrario, em uma pratica fecunda e criadora.

Essa manifestação é assignalada quer sob o ponto de vista espiritual, quer material: espiritual porque ha maior e mais generalisada observancia dos preceitos cultuaes por parte do povo, que frequenta com edificante assiduidade todas as praticas da religião; material porque elle não recusa, ao contrario, espontaneamente offerece o seu concurso para a exaltação da fé catholica.

O sentimento catholico si tem na mulher brasileira um forte baluarte, entre os homens conta com a grande maioria dos corações, já nas classes incultas, já na mediana ou na de cultura superior.

E nessa lôa vae toda preladia brasileira. A frequencia aos actos cultuaes, a contribuição material para a exaltação da fé e o numero crescente das dioceses parece demonstrar que a Igreja de facto progride no Brasil.

Talvez haja illusão da parte dos bispos ou proposito deliberado de occultar o mal que afflige a Igreja no Brasil de alguns annos para cá.

Os proprios prelados confessam que antigamente o parocho, recebendo a investidura e a congrua do Estado, descuidava-se um pouco dos seus deveres; hoje, retirada essa protecção, elle se esforça mais, trabalha com mais amor, alargando dessa forma o dominio da sua religião. A Republica extinguiu a burocracia clerical. O Imperio nos legou um arcebispo por 12

bispos; hoje temos cerca de 50 bispos 9 arcebispos, não falando na purpura do nosso Cardeal. A vantagem do augmento das dioceses, diz D. Jeronymo Thomé, está na maior diffusão da educação religiosa. Cada diocese que surge é um novo nucleo de expansão catholica, a qual se funda muito no *ensino ministrado nos seminarios* e estabelecimentos congeneres.

O que é verdade é que se nota nas novas dioceses, salvo raras excepções, insano trabalho da parte dos bispos.

A organisação dellas em logares pobres relativamente falando é muito penosa. Os novos bispos em geral luctam com grandes difficuldades financeiras e com a falta de vigarios para as freguezias desamparadas. Quasi todos estão chamando frades estrangeiros para parochiar e até occupar o cargo de vigario geral. E' notoria a incompetencia do clero nacional para organisar qualquer cousa. Os bons e antigos seminarios e collegios diocesanos sempre foram organisados e dirigidos por padres estrangeiros. De que vale uma diocese sem padres ? De que vale, como centro de irradiação, uma diocese sem um bom seminario ? Ha dioceses no Brasil central sem padres e quasi todas sem seminarios. Os velhos seminarios estão em decadencia. Collegios como o Caraça já vivem na historia ... Até o collegio de Itú foi-se. Falemos com franqueza: o grande mal da Igreja no Brasil é a falta de *seminarios seminarios*. Os que ahi existem com esse nome não são nem seminarios nem collegios; partecipam de ambos e estão fazendo grande damno á formação do clero secular. Quando leio papeis velhos e descubro que aqui no norte de Minas, na cidade de minha residencia, havia, em tempo não muito remoto, 16 padres e sete igrejas, (estas ainda estão entregues ao culto), filhos na maior parte do municipio de Minas Novas, e comparo essa epoca de notavel vocação sacerdotal com a miseria da actualidade em que raros são os moços que vão rumo do altar, — convenço-me que o vasto campo que se abriu á juventude com a fundação de numerosos cursos de direito, engenharia, medicina, commercio, agricultura e applicações mechanicas é a causa das difficuldades com que luctam as dioceses para recrutar os levitas do Senhor. Nós, paes catholicos, mandamos nossos filhos estudar preparatorios nos seminarios diocesanos, quasi sempre mais visinhos, sem cogitarmos da carreira que

elles vão seguir. Isso fica sempre ao arbitrio dos proprios estudantes. Pois bem, 90 °|° vão para o seculo ...

Eu bei sei que nossa Igreja é catholica, que seu caracter de universalidade é que forma a sua grandeza e que nós somos membros de uma sociedade internacional. Não podemos ter "Igreja nacional". Nosso chefe está em Roma; não é "um principe estrangeiro", como se dizia na giria maçonica do Imperio. Do ponto de vista puramente religioso não ha inconveniente na entrega das nossas melhores parochias a "frades estrangeiros".

A propagação e sustentação da fé pode ser feita indifferentemente por indigenas ou forasteiros, por gente de casa ou "de fóra". O que, porem, alvoroça o patriotismo é a hypothese de guerra com as nações mães dos "nossos vigarios", como agora acontece. O clero de França é francez; o da Austria é austriaco; o da Italia é italiano, e assim por diante. Neste triste momento historico que atravessamos não podemos affirmar que o clero do Brasil seja brasileiro ... No Brasil central não o é, em grande parte. Já chegamos á perfeição dos bispos estrangeiros, aliás excellentes apostolos da fé.

Debaixo da bandeira nacional se formou o Episcopado brasileiro tocado da vara magica do patriotismo. Deu-se o bello exemplo; mas não basta que o Brasil conte com os bispos na hora do perigo, é necessario que conte, tambem, com os curas de almas, com o clero, com os homens que tem á mão a tribuna sagrada e o confissionario, com os que estão em contacto diuturno com as turbas tão facilmente impressionaveis.

Que é o que deve fazer o Episcopado para dar ao Brasil um "clero brasileiro"? Desde que comecei a estudar as cousas do nosso paiz — escrevi eu ha tempos — comprehendi que era questão de grande momento a sorte do nosso clero. O affrouxamento da disciplina clerical no Brasil tem tido varias causas de todos bem conhecidas: a decadencia do clero portuguez na epoca da nossa emancipação politica; a extincção e ruina dos institutos religiosos que chegaram ao estado de apodrecimento e que deviam dar tempera ao clero secular; o regalismo, o padroado, a influencia enervante e corruptora do antigo regimen; a imperfeição da instrucção e educação ecclesiastica bebidas nos seminarios; a impureza do meio social que respiramos; o isolamento

em que vivem os nossos parochos; a quasi nenhuma vigilancia e acção do Episcopado, empedida pelas grandes distancias.

Não é preciso mais para explicar o deploravel abatimento a que chegou entre nós o "espirito sacerdotal", mal funestissimo, fonte principal dos males que desabam a Religião. Devemos reconhecer que ha no jovem clero melhores disposições; mas muito resta que fazer para erguer até ás sublimes alturas de sua missão o antigo clero e purificar o santuario e o altar do Deus vivo de tantos sacrilegios e profanações que os fazem estremecer. O negocio dos seminarios é o mais momentoso, o mais vital de quantos podem occupar a administracção ecclesiastica.

Da bôa organisação e direcção desses pios asylos depende todo o futuro da Religião. As vocações sacerdotaes não se colhem nos grandes centros de população. E' um phenomeno hoje em dia commum a quasi todos os paises da Christandade.

Recrutam-se as boas vocações nas populações ruraes, nas zonas interiores ainda mais ou menos preservadas do contagio da má civilisação. O elemento "secular" acabará por abafar o elemento "ecclesiastico", perdendo os seminarios menores a sua physionomia propria, para transformarem-se em simples collegios, e ás vezes em maus collegios. O systhema de educação mixta nos seminarios tem dado já os mais tristes resultados e acabará por extinguir o sacerdocio no Brasil, se não se acudir com remedios efficazes a este grande mal.

Custe o que custar, tenhamos seminarios *seminarios*, como diziam os padres tridentinos e o saudoso D. Antonio de Macedo Costa. Ou isso ou as parochias entregues ao clero estrangeiro.

F. BADARO'.

O IMPOSTO UNICO

CONTO DO NATAL

PROLOGO

No principio era o pantano, com vallas d'agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabahú, relvado, com ruas de macadam, pergola grata a namoriscos nocturnos, a estatua dum adolescente nú que corre, — e mais coisas. Autos voam pela avenida central, e cruzam-se pedestres em todas as direcções.

Naquelle dia vi formar-se por alli um bolo de gente, rumo ao qual caminhava um policia apressado. — Phagocitose, pensei. A rua é a arteria, os passantes o sangue. O desordeiro, o bebedo, o gatuno, os microbios nocivos perturbadores do rythmo normal da circulação. O soldado de policia é o globulo branco — o phagocito de Metchenikoff. Está, de ordinario, parado no seu posto, circumvagando olhares attentos. Mal se congestiona o trafego, pela acção anti-social do desordeiro, move-se, caminha, corre, cae a fundo sobre o máu elemento e arrasta-o d'alli para o xadrez.

Foi assim naquelle dia. Dia sujo, azedo. Ceu dubio de decalcomania pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguem pertubára a paz do jardim, e em redor desse discolo juntára-se logo um grupo de globulos vermelhos, especie *curiosa*. E lá vinha o phagocito reestabelecer a harmonia universal.

O caso gyrava em torno d'uma creança, menino maltrapilho que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita por suas proprias mãos.

Muito sarapantado, com lagrimas a brilhar nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem attendidas. Sustinha-o pela golla um fiscal da camara.

— Então, seu cachorrinho, sem licença, hein? — exclamava entre colerico e victorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um, mas legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor. Arreganha como buldogue; mas se lhe sacodem osso, recolhe os colmilhos e vira cordeiro. Naquelle dia, presentindo ausencia de osso, permanecia féra de começo a fim. Haviam de ver! Sacudiu de novo o menino, repetindo:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

A miseravel creança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquella de licença, tão importante, reclamada assim a empuxões brutaes. Foi quando entrou em scena o policial.

Este globulo branco era preto. Tinha beiço de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas accesas, relembrativas das cavernas de Trophonius. Approximou-se. Rompeu o magote humano com um napoleonico — "Espalha!"

Humildes alas se abriram áquelle magico sezamo, e a Autoridade, avançando, interpellou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo illegalmente a profissão? Encontrei-o banzando por aqui, com estes troços, a fisgar com os olhos os pés da gente e a dizer — "engraxa, freguez!" Eu vi a coisa de longe, vim pé ante pé, disfarçando, e, de repente, *Nhoc!* "Mostre a licença", eu disse. "Que licença?", fez elle, com arzinho de innocente. "Ah! voce diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espera que te ensino o que é licença, trapo!" E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leval-o ao deposito, autoar a infracção para proceder como de direito, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxilla Fiscal.

O solenne Mata-Piolho da Manopla Policial concordou:

— E' isso mesmo. Casca-lhes!"

E, chiando por entre dentes uma cusparada de esguicho, deu

sua sacudidella supplementar no menino,. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de soba no Kraal:

— Circula, paisanada! E' "purivido" ajuntamentos de mais de um!

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E Páu de Fumo, em attitude de Bonaparte em face das Pyramides, ficou, de dedo no nariz e bocca entreaberta, a gozar a promptidão com que n'um apice sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria sob a sua inspectoria.

O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem vegetação outra além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo como minhocas.

Aquem da Varzea, S. Paulo crescia. Terra firme e alta, erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo, em todas as direcções: a Boa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas: a do Imperador, Direita, S. Bento.

Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria!

Deram-lhe um dia o viaducto, esse arrojo!... Os paulistanos pagavam, gozosos, tres cobres para se embebedarem, atravessando-o, da vertigem do abysmo. E em casa, cheios d'orgulho, narravam a aventura ás esposas e mães pallidas de espanto. Que arrojo d'homem, esse Jules Martin que ideára aquillo!

Emquanto São Paulo crescia o Braz coaxava. Enluravam-se no brejal negro legiões de sapos e rãs. A' noite, do escuro da terra, um choral subia, de coaxos, *pan-pans* de ferreiros, latidos de mimbuias, glu-glus de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes ziguezagueantes riscavam fosforos ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando, lá n'Oeste, a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a es-

puma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, attonito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o atoleiro; a agua escorreu; os sapos, espavoridos, sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tietê; rã comestivel não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição dos guembês, resurtiu a cogumelagem de centenas de casas typicas, — porta, duas janellas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra cor de ardosia que já o sol resequira e donde o vento erguia nuvens de pó negro, margearam-se com rapidez febril desses prediosinhos terreos, iguaes uns aos outros, como sahidos do mesmo molde, pifios, mas unicos possiveis então, — casotas provisorias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó de sapato a força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraiou-se de todos os lados, comeu todo o barro pixuna da Moóca, bateu estacas no marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, poz de pé igrejas, macadamisou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas, e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e corso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Braz, separada de S. Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — a Pesth desta Buda a beira do Tamanduatehy plantada.

São duas cidades visinhas, distinctas de costumes, de almas já bem diversificadas. Hoje, ir ao Braz, é uma viagem. O Braz não é aqui, como o Ipiranga; é lá, do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz — como quem diz — vou a Reggio. Uma Reggio aggregada como um bocio recente e autonomo a uma *urbs* antiga, filha do paiz; uma Reggio funcção da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nueva* pelos tres restantes.

* * *

O Braz trabalha de dia, e, á noite, dorme. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destas tem predilecção pelo 21 de Abril: vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia

de ser um patricio) vem a S. Paulo. Entope os bonds no travessio da Varzea, e, cá, ensardinha-se nos autos: o pae, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de traz; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino, voluntario, no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do *chauffeur;* filhos engatinhantes debaixo dos bancos, filhos em estado fetal, no ventre bojudo das matronas. O carro, vergado de molas, geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade ruas acima, exhibindo a Paulicéa aos olhos arregalados daquelle exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no triangulo, e o bando toma d'assalto as confeitarias para um regabofe de spumones, si-sis, croquetes. E tão a serio toma a tarefa que, ali pelas 9 horas, não resta mais vestigio de empadas nos armarios thermicos, nem de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devora tudo, ruidosa e alegremente; e sae impando bem aventurança estomacal, com massagens agcitadoras do abdomem. Caroços d'azeitonas, palitos dos camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem com elle, nas munhecas da petizada, como lembrança da festa e consolo ao bersalheresinho que lá ficou de castigo, berrando com guela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! Abarrotam-se os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gaz hilariante da L—Ko mais do que o autorisam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o geito de dobrar a festa em extensão e obtel-a a meio preço, 550 réis — um negocião!

* * *

As mulheres do Braz ricas d'ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam filho e meio por anno, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

E' de vel-as na rua: bojudas de seis mezes, trazem um Pepino de anno e meio á mão e um chorineas á mama. A' tarde o Braz inteiro chia de criançalha, chutando bolas de panno, jogando o pinhão, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o ta-

befe, com palavriados mixtos de portuguez e dialectos d'Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos occupadas em manobras d'agulha de osso, espigaitam para os maridos os successos do dia, que elles ouvem filosoficamente, cachimbando em silencio ou cofiando a bigodeira á Humberto.

De manhã, madrugadinha, esfervilha o Braz de gente estremunhada em caminho das fabricas.

A' tarde refluem em magotes — homens e mulheres, de cesta no braço ou garrafas de café, vazias, penduradas ao dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, singelas no vestir, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos becos, nas sombras — o amor lateja. Cicíam vozes cautelosas das janellas aos passeios; pares, em conversa disfarçada, nos portões, emmudecem se passa alguem ou tosse lá dentro o pae.

Nos cinemas, durante o escuro das fitas, ha contactos longos, febricitantes; e quando rompe a luz dos intervallos não sabem os namorados o que se passou no quadro — mas estão de olhos langues, em quebreira de amor. E' o latejar da messe futura. No anno seguinte todo aquelle erectismo por musica, com cicios de pensamentos de cartão postal, estará morto, — legalisado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança e trabalheiras sem fim de casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e attrahe sobre si os olhares gulosos dos homens, não a reconhecereis dois annos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a respeito do molho de cenouras onde ha uma menor que as outras...

Filho da lama negra, o Braz é, como ella, um sedimento de alluvião humana. E' S. Paulo mas não é a Paulicéa. Ligada a esta pela expansão urbana, separa-os uma barreira — a eterna barreira que separa o velho fidalgo do peão enriquecido....

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE

Viram-se, elle e ella. Namoraram-se. Casaram.

Casados, proliferaram.

Eram dois. Ajoujou-os Eros. Viveram juntos, uns mezes, os tres. Eros é andejo. Abandonou logo a casa. Mas veiu o primeiro filho e continuaram tres. Depois, quatro, e cinco e seis...

Chamava-se Pedrinho, o mais velho.

A VIDA

A mãe, de pé na porta, espera o filho que foi á padaria. Entra o pequeno, vasio de mãos.

— Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa com desespero.

— Meu Deus! Onde iremos parar! Hontem, a lenha; hoje o pão... Roupa pela hora da morte. José ganhando sempre a mesma cousa... Que será de nós, Deus do ceu!

Depois, voltando-se ao filho:

— Vae á outra padaria, disse, quem sabe se lá... Se fôr a mesma cousa, traga um pedaço, então.

Pedrinho se foi. Nove annos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado, e vestido com os trapos descorados das velhas roupas do pae.

Este trabalhava num moinho de trigo, ganhando jornal insufficiente á manutenção da familia. Se não fôra a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir.

Para augmento de renda lembrou-se ella, uma vez, de cultivar hortaliças n'um terreno baldio, annexo á casa. Alugou-o ao capitalista proprietario e iniciaram, ella e os filhos, a plantação. Ia em meio a horta, com grande gaudio de todos, esperançados em tirar da terra mãe a fartura, quando, um bello dia, o fisco lhes pára á porta, espia as couves e arreganha a dentuça: ou pagavam a licença ou destruiam os canteiros incontinenti.

Foram forçados a destruir porque o imposto de licença subia muito acima das suas posses.

Esses homens gordos, encartolados, bem comidos, bem bebidos, bem fumados, que correm pelas ruas dentro de autos luxuosos, e porque o cambalacho politico os fez ministros se julgam estadistas, deviam descer dos tamancos e vir cá embaixo contemplar scenas destas: mãe e filhos esfaimados a arrancarem, com lagrimas nos olhos, as plantinhas que cresciam tão bem... Porque lá um bello dia o povo, desesperado, fál-os abrir os olhos, a guilhotina, a dynamite...

Todas as mais tentativas feitas no intento de melhorar a vida com industrias caseiras, esbarraram no obice tremendo do fisco. A fera condemnava-os á fome. Paciencia.

Escravisados assim, José perdeu, aos poucos, a coragem, o gosto de viver, a alegria, e vegetava aparvalhado, recorrendo ao alcool, para allivio da situação.

Bemdito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que fazes esquecer a vida e abrevias-lhe o curso! Bemdito, porque embruteces, e arrancas do homem o nervo doloroso da consciencia!...

Mariana, apezar de moça, 27 annos apenas, apparentava o dobro. A labuta permanente, os partos successivos, a chiadeira da filharada, a cancira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o somno fórça, fizeram da bonita moça que foi a escanzellada besta de carga que era.

Seus dez annos de casada!... Que eternidade de cancira!...

Rumor á porta. Entrava o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebeu-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe?

O homem, sem murmurar palavra, sentou-se á mesa, apoiando nas mãos a cabeça. Cançado. A mulher proseguiu:

— Está a oitocentos o kilo. Hontem foi a lenha... E lá? Augmentam o jornal?

O marido esboçou um gesto de infinito desalento, e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço e elle sentia-se esmagado entre seus dentes. Inutil, resistir... Destino...

Na cama, á noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. Elle acabava grunhindo rugidos surdos de revolta.

Falava em revolução, saque. Ella consolava, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove annos. Logo está em ponto de nos ajudar. Um pouco mais de paciencia, e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura acção. Entrou a sonhar.

Que fariam delle? Na fabrica, com o pae? Se lhe dessem a escolher iria a engraxador. Tinha um tio no officio, e em casa do tio era menor a miseria. Pingavam nickeis!

Sonho vae, sonho vem, brota na cabeça do menino uma idéa. Idéa que cresceu, tomou vulto extraordinario e fel-o perder o somno: começar já, amanhã! Porque não? Faria elle mesmo a caixa; escovas e graxa com o tio arranjaria. Tudo ás occultas, para surpreza dos paes!... Iria postar-se n'uma praça onde passasse muita gente. Diria como os outros: "engraxa, freguez!" e nickeis sobre nickeis haviam de juntar-se nos seus bolsos... Voltaria para casa recheiado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe, anciosa, começasse a ralhar, elle, glorioso, lhe taparia a bocca, despejando na mesa o monte de dinheiro... O espanto della, a cara admirada do pae, — o gosto da criançada com a perspectiva de ração em dobro!... E a mãe a apontal-o aos visinhos: "Vê que coisa? Ganhou só hontem, primeiro dia, dois mil réis!" E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: "E' este!..."

Pedrinho não dormiu, febril. Madrugou. E passou o dia a dispor as taboas dum caixote velho, na factura duma caixa de engraxate pelo molde classico. Lá a fez. Os pregos bateu com o salto duma velha botina. As taboas serrou pacientemente com um facão dentado. Sahiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — só caberia sobre elle um pésinho de creança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa, pôl-a a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas,

fóra d'uso, já sem pêllos, mas que á sua exaltada imaginação afiguraram-se optimas. Graxa conseguiu alguma raspando o fundo de quantas latas vasias encontrou no quintal.

Prompto! Estava armado cavalleiro. Ia penetrar na vida, vencer.

Aquelle momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade victoriosa; era como n'um sonho — e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer em montes nas suas mãos Dava á familia parte; o resto encafuava. Quando enchesse o canto da area onde guardava suas roupas, montaria um "corredor", pondo a jornal outros collegas. Augmentavam as rendas! Enriqueceria! Compraria bicycleta, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os paes... Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquillo, a relva tão verde, tosadinha!... Havia de ser bom o ponto. Parou perto d'um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, se pôz a murmurar para cada passante, fisgando-lhe os pés: "Engraxa, freguez!"

Os freguezes passavam sem lhe dar attenção. "E' assim mesmo, reflectia, no começo custa. Depois, afreguezam."

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Correu-lhe os olhos nos sapatos. Sujos. Viria engraxar, com certeza. E o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Ergueu-os de novo para o homem, já a cinco passos, e sorriu com infinita ternura nos olhos, n'um antecipado agradecimento onde havia thesouros de gratidão.

— Então, cachorrinho, que é da licença?

EPILOGO? NÃO! PRIMEIRO ACTO

Horas depois o fiscal apresentava-se em casa de Pedrinho, com o pequeno pelo braço. Bateu. O pae estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não apparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boca.

O fiscal exigia pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, rosnou Buldogue, conheço o truque dessa aguinha dos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte ou penhóro esta cacaria. Exercer illegalmente a profissão! Ora dá-se! E olhe cá, minha madama, dê-se por feliz de ser só vinte. Eu é de dó de vozes, uns miseraveis; senão applicava o maximo. Mas se resiste, dobro a dóse!

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram. Uma chispa má de odio represado faiscou nelles. O fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. E' assim que as quero — tesinhas! ah! ah! ah!

Mariana não respondeu. Foi á area, reuniu o dinheiro que havia, dezoito mil réis, ratinhados havia mezes, aos vintens, para o caso d'alguma doença. E entregou-os ao Fisco, n'um sobrehumano esforço de contensão.

— E' o que ha, murmurou, com tremuras na voz.

O homem contou o dinheiro, metteu-o gostosamente no bolso e disse:

— Sou generoso, perdôo o resto. Adeusinho, belleza!

E foi-se.

. . . . . .

Lá no fundo do quintal o pae batia com furor no filho...

MONTEIRO LOBATO

VIAJANDO (1)

Itinerario. — Parando. — Março, 14.

— A saudade foi inventada especialmente para quem sáe de Florença. Dalli ninguem se retira só; parte-se em companhia do desejo de voltar. A manteiga não é ruim, e ultra magnificos são de manhã os pãezinhos; delles e della foi tocante a minha despedida para tomar o trem das dez e quarenta, que me prometia soltar nas margens do Adriatico.

— Em Pistoia, onde a demora se habituou a exceder os vinte minutos regulamentares e o comboio gosta de criar raizes; e quando eu, á janella do vagão, comprava caramellos e chamava á memoria a derrota, nessas paragens, de Catilina por Petreio, não por Cicero que só era forte de lingua e apanhava sempre que se metia a valente, um cazo extranho, inesperado, talvez sem precedentes, provocou admirativos e profundos commentarios: o trem partiu á hora certa! Estupendo! Limitrofe do impossivel. Fui, porém, parte e testemunha ocular. Assevero que o trem partiu á hora certa.

Partiu devagar, constrangido, estreante no dever, mas partiu sem atrazo. Asseguro-o convencidamente.

Relanceio o olhar. Tantas edificações novas! Ao longe, não muito, enxergo uma egreja. Alta, zimborio grandiozo, dizem-na riquissima. Nome? Egreja da "Humildade". Fico inteirado. Em Una, onde estive ha quarenta annos,

(1) Vide os numeros de agosto, setembro, outubro e novembro.

conheci o alferes Guerreiro que tremia deante da espoza, e um Jorge Gigante que mal me dava pelo hombro. O mundo é sempre o mesmo.

— Segue o bonde. Vai subindo, subindo, e em torcicollos se abeira ao pincaro dos montes, donde a carapuça de neve aumentando, destendendo-se, de quando em vez se une aos lençóes que embranquecem os intersticios dos valles. Passam aldeias e aldeias, carneiradas, picos, troncos secos, rochas, nevoaças; tudo ao mesmo tempo, sincronicamente, como que á mão, passa, vai passando. Terra morta, porém! Ha, todavia, muitas e pequenas quédas dagua aproveitadas pela industria. Luta da vontade contra a natureza. Vencerá aqui o homem, extraindo desse cansaço tellurico progresso e subsistencia? Sim, sim: responderão combinadamente o esforço provocado, a quimica aperfeiçoada e a fizica aproveitada.

O chileno, aprendi-o no insuspeito Barros Araña, justamente por lhe ter cabido uma natureza ingrata, provocadora do esforço, conseguiu triunfar, e, si hoje não arrecada todas as consequencias sociologicas da vitoria, queixe-se do alcool que lhe está a entontecer a aristocracia intellectual, e cujos efeitos, dezastrozos, não são inferiores aos que o vicio do jogo impõe ao argentino, seu aventurozo contendor. Mas a lição de Buckle dezafia e bate a doutrina do chileno. Mas eu só sei que nada sei. Misturam-se-me as teorias. Chocam-se-me as observações. Emquanto não surgir, na mentalidade ocidental, competencia preeminente que sintetize as verdades definitivamente aproveitadas para e pela siencia do seculo entrante, é dificil, muito dificil, opinião sem tolice e tolice sem opinião.

. . . . . .

— Viaja-se mal na Italia. Caras as passagens. Maltratadas as bagagens. Lavatorios sedentos. Toleraveis apenas os trens de luxo; nelles a meza é boa, porém muito prevista, muito insistente; uma vez, após perseverantes suplicas, consegui que trocassem o macarrão e a vitella

por vitella e macarrão. Muita poeira; desasseio em quantidade maior do que a permitida.

A' ruindade, porém, dessa viação-ferrea devo um dos melhores dias de minha vida. Devo a vizita a Bolonha, com toda a intensidade dum grande prazer inesperado.

Eis como: em e a respeito de incidentes de viagem costumo, quando em duvida ou ignorancia, marcar olhadamente o companheiro mais gordo, e imita-lo. As mais das vezes o individuo gordo é mais previdente, metodico, razoavel do que o magro; porque? Porque é, e não sei mais porque, mas é. Estacionando o trem em Bolonha, e não se tendo movido o gordo que eu alvejava como consulente para consultor, deixei-me no assento que em Florença tomára com premeditados intentos venezianos. Salvou-me, porém, o rúmo pergunta duma menina a outra, que a abraçára entrando: "Você tambem vai para Milão?"

Estremeci. Saltar do vagão, dirigir-me ao comboio que partia para Veneza, perde-lo vendo-o partir, gratificar empregado que me protegera no aproveitamento dos bilhetes para segundo trem que passaria á noite, tomar um calice de licor que me esquentasse contra o dezanimo, um carro e a rezolução de vizitar Bolonha durante seis horas: foi o que fiz sem pestanejar, como se estivesse pondo em pratica rezoluções deliberadas com antecedencia de anno e dia.

Em Bolonha.

— Não direi que fosse ardente (tão longe vão os meus ardores!) o meu desejo de conhecer a patria da siencia moderna, mas era sincero, e só por motivos temporarios a havia excluido dos meus dezignios itinerantes. Acresce assinalar que caipira, quando vai á Europa, quer logo chegar a Paris; e eu, si não subir á Torre Eiffel, nem sei com que cara me aprezente, em Santos, na sala das audiencias!

Apenas meia duzia de horas em Bolonha. Pouco para quem pára; bastante para quem repara. E ainda, desse prazo limitadissimo, alguns minutos surripiados por entremez policial! Paciencia. Poderia ter sido mais longo, peior portanto, o padecido incidente.

Nem Vidocq, nem Javert.

— Chama-me de parte um meão de boné azul e fardeta esbranquiçada; mede-me o vulto, e cumprimenta-me com esse rizinho autoritario de quem nos faz o favor de não ser maleriado. Compreendo, sem grande trabalho de perspicacia, que a minha agitação entre os dois trens, o deixado e o perdido, as minhas confabulações na bilheteria, e a rapidez com que cocheiro e minha bolsinha de prata não discutiram preços, haviam interessado a argucia dum agente de policia. Desconfiei de que me elle desconfiára espião tripolitano. Opuz rizinho a riziuho, cumprimento a cumprimento.

— Quem é o senhor?

— Francesco Martini, paulistano, budista, em disponibilidade para diretor de collegio de meninas: fui respondendo vagarozamente.

— Sua ocupação na Italia?

— Sogro do correspondente do "Times": disse elevando um pouco a voz, e desdobrando o meu passaporte em portuguez, papel largo, encimado pela quazi italiana palavra **Diplomatico** em letras graudas.

O peninsular defensor da ordem publica, depois de trocar frazes com o empregado que eu gratificára, dezistiu de intervir na marcha do meu destino. Separamo-nos. Nem um de nós sentiu falta do outro.

. . . . . .

Policialismo. Recordações muito amargas.

— Leio sempre com prazer noticia de fuga de prezos. Entristece-me, quazi sempre no dia seguinte, a de que foram elles capturados. Gostos! Maneira de ver e sentir.

Ponho o meu ideal administrativo, não na obediencia aos regulamentos porém na bem exercitada autonomia do individuo. Governo? O menos possivel. Mas isso, objeta-se-me, prejudica os direitos do Estado, a justiça do Estado, a honra do Estado, o Estado em summa.

Sim? Mas quem é o Estado? Onde o viram? E' alto ou baixo? Viuvo, cego, loiro, magro? Sei que elle cobra impostos, domina, predomina, apropria-se, dezapropria, consome, contrata, distrata, mas nunca o vi, nunca o viram. Conheço a Patria, a Nação, o Governo; defino-os, discuto-os, explico-os: mas o Estado, não. Teimam em que elle existe praticando a Justiça. Pois sim!

Diga-se ao ouvido dum qualquer viandante urbano ou suburbano, nacional ou extrangeiro: "A Justiça tem negocios com você", e elle involuntariamente estremecerá. E' que "Justiça", dentro do sofisma "Estado", significa ameaça, sofrimento, pancada. Justiça é sinonimo de matar. O "Estado", pelos seus orgãos, pelas suas agencias, rege tudo: pratica ato de rei, de rajá: reina. "Você está reinando", diz a mãe ao filho peralta, não ao filho que praticou uma boa ação. Por onde mais se revela e mantem o "Estado"? Pela policia. Pelo policialismo.

Existirá um fundo de despeito no meu dezamor ao policialismo? Talvez. Sim, em termos. Nossas relações, as que recordo, nunca foram intimas, tendo sido mesmo algumas vezes carrancudas, mas isso só excepcionalmente. Na média, foram divertidas. Consulte a policia os seus apontamentos, e verifique se combinam com os meus.

— ? — Lousada e Joviano.

— De duas hospedagens que a policia paulista me preparou, recuzei... tres. Avizado, em 1894 no Grande Hotel, de que em cazo algum, ruissem universo e adjacencias, seria eu prezo, mais avizado fui desconfiando do avizo; parti immediatamente para Santos onde me esperava transporte especial (que honra!) para a ilha das Enxadas e alli, sem jubilo da ingratidão pedingonha, me cercou a autoridade fluminense do mais apurado conforto.

Cá pelas bandas estaduaes, porém, a policia só não fez papel triste quando fez papel pardo. Alludo á circumstancia de ser mulato o ensaiador duma outra artimanha, de que escapei.

Na conspiração do ex-beleguim Louzada Antunes, favorecida para ser descoberta por interessados em fornecimentos, prevenido que estava da amabilidade com que me dezejavam incluir no numero dos compromettidos, propalei durante uma semana, em conversações e na imprensa, minha mudança temporaria para o Alto da Serra. "Suicidado" o infeliz, e divulgada a circumstancia de haver, em depoimento que ninguem quiz publicar, confessado elle ter ido varias vezes ao Alto da Serra conferenciar com um "illustre advogado vindo de Santos", padeceu a policia (coitadinha!) o dissabor de verificar que o "illustre advogado" não subira a Serra, inutilizando, assim sedentariamente, toda a conspiração e tornando dispensavel, por improficuo, o "suicidio de Louzada Antunes."

Annos depois, na conjuração Joviano, a comedia foi mais engraçada. Preparado o laço, combinadas longamente as clauzulas da venalidade, marcada a hora, e fornecido o armamento pela propria policia, quando me vieram convidar para cair na cilada, dirigi-me rezolutamente para a cama. Dormi á vontade. Nem Epimenide roncava como eu! Quando acordei estavam em dezacordo os salvadores das instituições. Ninguem se entendia. Gemia a verba secreta. E até agora, já lá vão tantos annos!, permanecemos ignorantes: eu, porque concurso de confuzões, quatrocentas espingardas foram parar em Araçariguama; Araçariguama, de que me está a dever essa, unica e inesperada, vizita de quatrocentas espingardas!

. . . . . .

Como policia preventiva, a nossa foi sempre superior á italiana. A dos salões, creada durante o periodo regencial, ainda agora não é uma inutilidade; e o nosso uzo de apitos, para pedir socorro e reclamar prezença de subalternos, impede mais do que se pensa a pratica de crimes.

No descobrimento, porém, da verdade; na elucidação analitica do delito, como é imprestavel a policia brazileira! Como os seus arquivos escurentam atrocidades, e dificultam a decifração de enigmas historicos!

Quem, por exemplo, poude, indicialmente siquer, explicar o assalto ao palacete da riquissima d. Agueda, horas depois de terminado o baile que a prezença do primeiro imperador honrára com o acompanhamento de grande parte da côrte? Como entender, poucos annos depois, a concessão de liberdade a Pedro-Hespanhol para, decorridos mezes, o desfigurarem com quatorze tiros de frente, impossibilitando-lhe a verificação fizionomica? Quem era esse bandido? Resto da quadrilha da Mantiqueira? Companheiro dos facinoras da Caqueirada?

Outro cazo: que interesse ainda haverá em ocultar os pormenores da fuga de Pedro Ivo da fortaleza da Lage? Porque não revelar: a reunião dos chefes liberaes na Marambaia, a passagem do navio negreiro, a vinda do revoltozo a S. Paulo, o embarque ou o dezembarque, em Santos, em navio commandado por Gangini, e a conferencia, na Penha, com o dr. Gabriel Rodrigues dos Santos?; Porque?

— Mas eu estava em Bolonha... Ainda estou.

Correndo e Percorrendo.

Entuziastica e altiva commoção logo á entrada! Eu já sabia estar na cidade mais antiaustriaca da Italia; na cidade onde a consciencia das responsabilidades historicas havia engendrado a ufania da bravura e a rezolução da valentia. Prevenido embora, foi com a sensibilidade a agitar-me o coração latino que cortejei aquella estatua de patriota, com o soldado invazor morto aos pés, o gesto agressivo, flutuantes os fiapos da bandeira rasgada pelas balas inimigas! Significativo, inflexivel monumento! O olhar e os labios do patriota estão a proferir e intimar, frente ao extrangeiro invazor, nesse monumento comme-

morativo dos bravos de 1848, o **não!**, o eterno adverbio do direito contra a força, da minoria contra o arbitrio.

Desatento, ladeei as inevitaveis estatuas de Garibaldi e Vitor Emmanuel. Attento, olhei, mais solida do que liquida, mais bronze do que humidade, a famoza **Fonte de Netuno,** onde uma das nimphas espirra agua por tres veiculos, sendo dois os seios. Extenso e lindo trabalho do demorado João Bolonha (1564-6), que não era de Bolonha.

Impassivel, a egreja de **S. Petronio,** pezadissima, muito grande, gotica, interminada, recebeu a minha não annunciada vizita. Não me tratou, porém, com a merecida delicadeza. Quando eu pedi por intermedio do guia (era o proprio cocheiro do carro; não me mentira completamente alardeando conhecer Bolonha tanto como todos os bolonhezes) que me mostrasse de seu filho Dominiquino uma tela onde pudesse verificar, conforme me haviam ensinado, a insuficiencia do colorido corrigida pela expontaneidade dramatica dos gestos, a enorme egreja, tão pobre desse rebento artistico como doutro seu patricio que foi Guido Reni, tentou abrandar-me a desilluzão e contentar-me com a mostra do interminavel altar onde Clemente VII, em 1530, praticou a inclemencia de coroar rei e imperador dos romanos o hipocrita e nugatorio trintão Carlos V. Um conhecido, á esquerda, num outro e menor altar, me distraiu da repulsa que a troca reclamava. Quem era elle?

Era S. Antonio de Padua. Por associação de idéas imaginei que, pondo na carinha do santo barba não muito comprida, porém regular e inteiriça, ficaria esse galloluzo, genial precursor da Renascença, quazi egual em fizionomia ao padre Antonio Vieira, apezar de quinhentos e alguns annos separarem os dois mais notaveis Antonios que Portugal tem produzido. Bonita imagem. Examinando-lhe a inscrição verifiquei: o "v" era, como de costume, o nosso "u" atual, tendo sido surripiado na Italia o "L" com que os portuguezes até o começo do seculo pas-

sado escreviam "Lix", atrapalhada e dezamoldada abreviatura de "Ulysipo", de "Ulyx", o "duplex Ulysses" virgiliano.

Teimoso!

— Que não! que não! que o santo italiano não era portuguez, decizoriamente me intimou um ajudante de sacristão, privilegiado, ao que me pareceu, nas redondezas do altar e do santo. Fiz-lhe uma preleção; referi-me ás cruzadas, a Godofredo de Bulhão, ao que se diz do pai do santo, ao meu amigo e adversario Leopoldo de Bulhões que tem cheiro de santidade por atavismo collateral; informei-o de que o santo morrera joven, professor em Padua... "Que sim, que sim", apoiava-me com a cabeça e com a voz um tanto rouca, "mas que o santo era italiano porque o portuguez era o outro." E acrescentava, não apreendi por que angulos do raciocinio: "Si a lingua portugueza é filha da latina, como poderia o padre portuguez ensinar em italiano?"

Acostumei-me, no meio brazileiro onde todos falam ao mesmo tempo, a dividir o exercicio da faculdade de atenção. E, sem perder de vista aquelles oito milagres, ao lado, nos quaes a belleza dos tipos vence o cinzento feio e quazi desvalorizador do mallogrado Jerosimo de Trevizo, nem poupar elogios ao mais que elogiado Samsorino pelo conjunto superior e uniforme do monumento: não larguei dos ouvidos do sacristão por mais que me parecesse dezejar elle, livre de mim, descançar á sombra das proprias orelhas.

Expliquei-lhe, com a melhor das minhas paciencias, que a lingua portugueza não era filha, porém irmã da latina, sendo ambas dialetos celtas; que, romanizada a Iberia a datar da segunda guerra punica, na Luzitania a latinização foi completa, sendo o latim empregado, corretamente portanto, nos julgados dos tribunaes e nas relações administrativas; que, por ter menos sofrido da invazão dos barbaros, havendo apenas visto uma nesga do sarraceno ao sul e outra do burguinhão ao norte, conser-

vou o luzitano muito da construção latina da frazc; que, por ignorar o grego, Camões, ao contrario do que acontecera a Dante e Bocacio na Italia, de tal maneira contribuiu para a evolução regular da nossa lingua que é ella falada, sem dialetos, de Matto-Grosso a Macau, e do Amapá ao Chuy; que temos, no Brazil, um tão perfeito instrumento de pensamento que não só palavras arabes e punicas — "almirante, armazem, etc.", nossa evolução aceitou, mas tambem para as necessidades da idéa e desdobramento da fórma recebemos e naturalizámos apreciavel quantidade de vocabulos indigenas, etiopes e até quichuas — "cutucar, catinga, embira, chacara, etc."; que, incidente humano, teve o santo de agir no circulo dos acontecimentos que encontrou no mundo; que das proprias telas de Jeronimo de Treviso facil era inferir a nacionalidade luzitana do santo, perorei suando.

"Que sim, que sim, mas que S. Antonio de Padua era italiano", repetiu o malvado recebendo a gorgeta. E não ter eu, na ocazião, uma moeda de vintem para tentar o milagre de convence-lo!

Já vi.

— Mas eu já vi coiza assim tão intoleravel! Mas eu já gastei e perdi preleção assim tão longa.

Foi ha muitos annos. Vindo para prezidir S. Paulo, e cançado de meio anno de relativo quiete, demitiu o barão de Guajará duas autoridades policiaes de Ubatuba. Procurei-o. Encontrei-o cachimbando. Documentei a injustiça e a inconveniencia partidaria das demissões. "Que sim, que sim", interrompia-me o barão, tolerando que aos seus quazi monosillabos sobrepuzesse eu duas estafantes horas de verbozidade politica. Ao retirar-me, porém, e quando apertavamos despedidamente as mãos, o malvado me perguntou com a mais fria das tranquillidades: — "Mas, afinal, v. excia. quer que as autoridades sejam demitidas?"

Antes dum mez o demitido foi elle. Minha importancia em Ubatuba cresceu desmezuradamente.

S. Antonio e a Politica de Ubatuba.

— Em 1891, evitando duvidas nas convições democraticas de Ubatuba, e atendendo requizição do respetivo chefe municipal, um major zangadinho, enviei-lhe oito tiras de papel com discurso a ser proferido em, então, proximo 15 de Novembro, festa memorativa da proclamação da Republica. Pelo segundo correio recebi do major carta-agradecimento; terminava assim: "O discurso estava tão bom que deu para dois; recitei metade no teatro e o resto no largo da Matriz."

... S. Antonio foi tão bom que deu tambem para dois: metade em Portugal e o resto em Padua.

Na Universidade: Palacio Poggi.

— Nunca estive em logar mais venerando, em templo mais sagrado. Nunca penetrei santuario mais respeitavel

De tanta velhice já está a tresler a **Universidade** de Bolonha; quando lhe perguntam a edade, ora responde ser filha de Theodozio em 425 P. C., ora ter nascido não sabe de quem em 1158. Nem mesmo o predio onde hoje mora diz ella quem o construiu: si Tibaldi, si Bartolomeu Triachini. Caduquice manifesta.

Estive na sala onde funcionou, no ocidente, a primeira aula de anatomia. Dahi a mentalidade sientifica, reagindo contra os preconceitos, ensinou e exportou a pratica utilissima das dissecções e vivissecções. Não é sala: é um campo de batalha. Alli a civilização adquiriu um dos seus titulos mais legitimos, uma de suas glorias invenciveis, inapagaveis. Quantos milhões de existencias se originaram e prolongaram á custa das cogitações discutidas e triunfantes naquella sala!

Dos vinte e dois compartimentos, não muito espaçozos aliás, da Biblioteca, fiz pauza no decimo primeiro: o da latinidade literaria. Ao acazo tomei um livro; abri-o ao acazo: edição de 1544, a primeira, suponho, das "Cartas de Cicero a Atico. Ignorava-a; que, porém, as houvera

descoberto Petrarca um seculo antes, não era noção alheia ás inutilidades que me enchem a memoria. Seis annos mais moça do que essa edição, tenho uma de Polibio, prezente que devo á amizade do dr. Dionisio de Cerqueira; dessa edição não encontrei noticia em livro algum!

Atico! Homem féliz. Não quiz ser governo, e por isso viveu bem com todos os governos. E' sempre a mesma coiza: não bulam no osso, e o cachorro não morde. Geitozo Atico! Egoista, tolerante, credor brando de potentados, competentemente literario, notorio, conseguiu viver muito numa epoca em que, para os notorios, a moda era morrer cedo. Esquadrinhei-lhe a interessante vida em obras de Gaston de Boissier, um aristocrata intellectual, amigo do Brazil e amicissimo de Pedro 2.º.

Pedi manuscritos. Mostraram-m'os de **Minghetti**. Alem duma estatua que lhe conserva e ostenta o bellissimo perfil, o orador, o financista, o diplomata, o, sobretudo, acerrimo partidario da descentralização administrativa tem, na sua adorada terra bolonheza, nelles, monumento mais duradoiro. Vi-os collecionados, encadernadissimos, esses manuscritos literarios e politicos do notavel, limpo e lucido estadista. Felizes os seus descendentes! foi a irreprimivel e espontanea exclamação que me saiu da sinceridade e dos labios.

Sim: felizes os seus descendentes! Podem pensar e publicar: "Elle, esse nosso antepassado, não rebaixou pozições politicas, não commerciou interesses publicos, não furtou dinheiro do Thesouro, não falsificou documentos, não enriqueceu no poder filhos e genros, não alardeou incontinencias, não inventou indemnizações, não rezidiu em bancas de jogo, não se apossou de terras do Estado, não fugiu com a caixa do partido, não se vendeu aos extrangeiros, não falsificou testamentos, não alugou o direito..." Felizes, felizes, os descendentes de Minghetti!

. . . . . .

— Porque, no Brazil, não promovem os Institutos Historicos a arrecadação e a divulgação de arquivos deixados

por politicos e estadistas? O de Zacarias de Vasconcellos, metodico que foi o illustre baiano, deve ser proveitozissimo. Os de Bernardo de Vasconcellos e Pedro de Araujo Lima não exigiriam ingentes esforços para sua ordenação utilizavel. Do do velho Jozé Bonifacio, vasculhado por extranhos e diminuido de peças politicas, têm ainda valor incontestavel e sientifico os restos que me vieram parar ás mãos.

Porque inutilizar no olvido esses depozitos do passado nacional? Fique sem resposta esta lembrança da patria auzente.

. . . . . .

— Na sala das consultas, vasta, bem varrida, bem mobiliada, duas meninas, bonitas como em regra são as bolonhezas apezar do seu tradicional nariz grosso, consultam obras de historia grega. Original esse par de meninas! Exquizita, essa quazi derradeira impressão que recebo de duas moças numa cidade tão velha.

Saio. Perto, bem perto, vejo a cazinha assobradada que, em 1825, Rossini, joven, edificou com dinheiro já fornecido pela arte e com intenções de rezidencia, pouco efetivadas. Partem, lá de dentro, acordes dum violino. Antes isso. Estará a alma do maestro em vizita á tranzitoria moradia?

Irmãos na Gloria.

Em frente á **Universidade** a estatua de **Galvani**. Nobre. Consciente. Severa. Adeante, não muito longe, com justissima inscrição, edilmente dezapropriada, a caza onde nasceu Marconi.

Bem. Muito bem! O inventor da pilha eletrica, e o descobridor da telegrafia sem fios, estão alli em companhia materna: nasceu-lhes o genio alli: alli na Universidade de Bolonha.

. . . . . .

Promto! Estação. Partida. Meditação. Silencio.

Importunos.

— Marconi e Galvani. Como adivinhar o amanhã do homem neste planetinha? Como medir, previzoramente, os rezultados do eterno concurso da vontade com o acazo, da teoria com a pratica, do sucesso com a dezilluzão?

Onde estará o progresso quando em meio estiver o seculo XX?

A eletricidade, materia prima, ao alcance de todas as aspirações da mecanica; rapidas, commodissimas, as communicações aereas e submarinas; aproveitamento terapeutico do ar com estações sanitarias modeladas pela determinação das atitudes; divulgação diaria, immediata, de todas as descobertas; utilização completa de todas as quédas dagua; possibilidade de communicações inter-planetarias; ao serviço da industria, escravizadas a força eruptiva dos vulcões e a oscillação das marés; a harmonia da quimica com o estomago, da roupa com a circulação do sangue, da habitação com a higiene; a patria encaminhada para a humanidade, a humanidade para a solidariedade universal; compatibilizados o direito e o individuo, o dever e a verdade; decizivamente substituida a luta da vida pela collaboração para a vida; o imposto de capitação, unico, simplificando os compromissos do individuo com a sociedade; Spencer vencedor, Spencer vitoriozo... E porque não sonhar tambem a vida eterna pelo equilibrio da receita com a despeza organica? Mas si a população aumenta desmedidamente, como ocorrer aos inconvenientes do excesso de vida? Que fazer? Voltaremos á antropofagia? Legalizar-se-á a castração? No porvir reassumirá Origenes as proporções de modelo?

Fantazias! Quimeras! Dilue-as um divorciavel cazal peruano, oferecendo-me um cigarrinho e perguntando-me si o fumo me incommoda. Respondo negativamente em duplicata, e penso retomar as reflexões que me estavam a dansar na cabeça. Impossivel. Ella e elle procuram fosforos; achando-os depois de varias pesquizas, perguntam-me com insuspeitada intimidade:

— Porque motivo, quando se procura um objeto só se o encontra no ultimo logar?

— Porque depois que a gente o encontra não o procura mais: proferi sentenciozamente.

E' francez o diretor da comida. Atravessa o corredor e, com a impafia do subalterno que exerce qualquer parcella de autoridade, abre a porta do compartimento e, por sinal, ordena que os passageiros vão jantar. Não havia peru' no cardapio, mas o cazal peruano não me abandonou. Que praga! Urucubaca.

Sobremeza. Consulta-me a peruinha qual das tres qualidades de queijo deveria preferir. Esclareci-a dever aceitar as tres; a decadencia da metafizica eliminava a discussão de cauzas primarias, e qualquer debate concernente aos queijos acarretaria outro relativo ás vaccas, que eram, na opinião geral, a cauza primaria de todos os queijos: acrescentei, e o marido revelou com o corpo todo mostras de assentimento.

Demora o café! Indago do criado si o fogo está frio. Responde-me que não. Para o trem. Onde?

Ferrara.

— Ferrara é afamada como cidade dezerta. Respeitei-lhe a nomeada e a indole: nem pensei em vizita-la. Apenas, mentalmente, lhe perguntei como alcançára que Ludovico Ariosto, o autor do mais movimentado de todos os poemas celebres, nella permanecesse uma porção de annos? Como era de prever, a interrogação ficou sem resposta.

Depois de morto, porém, continuou Ariosto a viver em Ferrara; tem caza á custa de edilidade á rua Ariosto (tem rua tambem) n. 67; tem uma praça, e ainda tem estatua. Antes de 1533, 6 de Junho, data de sua desgravitação, só arranjou elle em Ferrara credores, estorvos, empachos, e outros substantivos da numeroza familia das calamidades. Os proprios privilegios de autor, expressamente assegurados pelo papa Leão X, de pouco lhe valeram: teve

de vender por cem francos cento e cincoenta exemplares do Orlando Furiozo! Era de enfurecer...

Depois de morto... E' preferivel uma choupana em vida a uma cidade inteira na missa do setimo dia. E' do Ecclesiastes: mais vale um cão vivo do que um leão morto.

. . . . . .

— Mas Ariosto é um plagiario: retrucavam-me quando, ha seis e sete lustros, me era elle, com a sua agitação alegre, com a superioridade permanente da sua ironia, remedio facil e eficaz aos dissabores que me torturavam nessa, a minha mais trabalhoza e combativa tranzição da existencia. Sei, não esqueço o que lhe devo. Animou-me quando eu desfallecia.

Plagiario? Não, no vigor do termo: imitador, quando muito. Sem duvida o seu Orlando tem bastante de Achilles e um pouco de Antar; as duas fontes onde Reinaldo bebe o amor ou o desprezo não disfarçam reminiscencias de Hercules na lenda de Prodicus; mas Sacripante dezafia, nas aplicações, a figura do Tersitus homeriano, e Marfiza não encontra, em todas as literaturas, mais merecido adoramento feminino. E onde trecho a superar em tristeza áquelle do sacrificio de Izabel? Que ha de superior em aflição ás lamentações de Olimpia?

Si analogias de situação e parecença de quadros instituem e comprovam plagio, está definitivamente abolida a originalidade em literatura, qualquer que seja a sua essencia, qualquer que seja a sua fórma. Ninguem produz sem sentir; ninguem sente sem pensar; ninguem pensa sem ter lido alguma coiza do que outros já pensaram e sentiram.

A "Besta do Apocalipse" modifica, altera, poetiza o "Leviatan" de Job. Imitação, melhorada segundo a unanimidade da critica, mas incontestavel imitação da "Historia Verdadeira" de Luciano é o "Gulliver" do truculento secretario de William Temple. E ha quem negue, em absoluto, originalidade a Swift e a S. João Evangelista?

. . . . . .

— Apareceu afinal o café. Reappareceu-me o bom humor. Razoavel este, aromatico aquelle.

Ao deixar a meza convidei as outras tres pessoas a plagiarem o meu acautelado procedimento quebrando o palito, penna de pato, que cada uma dellas havia tirado dum pirezinho especial, e ia deixando sobre a toalha. Expliquei-lhes:

— Na Italia ninguem sabe as voltas que um palito dá!

E argumentando por analogia asseverei-lhes que, na Italia, a maior porção de agua limpa chama-se Pó!

Ninguem achou graça. A culpa não foi minha.

(*Continúa*)

MARTIM FRANCISCO

UMA VENDA NO RECIFE EM 1821
(*Apud*: RUGENDAS. — Mal. Reise in Bras.)

UMA REUNIÃO DA JUNTA DE GOYANNA
(*Apud*: RUGENDAS — Mal. Reise in Bras.)

A AMERICA E A GUERRA (1)

O HOMEM

O homem vós o conheceis. E' grande, musculoso, talhado por um deus em colera. Tudo nelle respira saude e vontade, — saude que tem nervos de aço e vontade omnipotente que não verga. Seus gestos são incisivos golpes de martello que não batem em falso, porque foi elle quem disse que quem não quizer no mundo ser martello, será fatalmente bigorna. Sua physionomia tem o contorno, a carranca dos "dogs", os grandes cães com quem vive e são seus sós agimos. Nada de instinctivo, tudo é pensado, medido, executado. Intimamente é um affavel, quasi um compassivo,—não se saberá nunca o que esta mulher fez de mim, dirá um dia concretisando numa confissão de renuncia o sulco do casamento na sua personalidade mandona; mas para os de fóra, para o povo, o parlamento, o governo, a nação, não tem entranhas. Duro é o sobrecenho, voluntarioso o queixo, dominadora a fronte larga. Ha movimentos nelle que são fulminantes, actos que revelam a manha calculada dos felinos. Durante sua vida agitada de lutador, que é a vida mesma de uma nação a crescer á custa do sangue e da dôr das outras, chorou sinceramente duas vezes, duas vezes apenas, quando ia já em declinio, para lastimar o mal que fez e a piedade que nunca teve. E' Bismarck.

Seu melhor retrato nol-o mostra como era, a personalisação da autoridade sem contraste. Lenbach não poderia re-

(1) Conferencia realisada na Universidade de Montevidéo, a 15 de Julho de 1918.

presental-o melhor do que o fez, de pé, sobre a cabeça potente o capacete prussiano, as mãos cruzadas no dorço, a postura sobranceira a todas as vicissitudes, como que dictando cousas sem appello. Um deus ciclopico, universal e temido, não teria mais acabada imagem.

Quando queria, sabia querer, nada poupando ao seu objectivo, — saude, convicções, honra, tudo. Quando odiava, era atroz, e não o esconleu nunca: passei a noite a odiar, disse certa manhã ao seu secretario Tiedmann, quando alguem pareceu estorvar-lhe certo trecho de caminho. Não tinha amigos, tirava dos homens o que cada um podia dar, e o ultilitarismo dos seus processos chegou a extremos que revoltavam as mais dubias consciencias. Se seus calculos politicos exigiam, falseava, mentia, deturpava, attribuindo intencionalmente a culpa a innocentes ou absolvendo conscientemente a reus confessos. Quando invoca a Biblia é para obrar coisas satanicas. Quando appella para a justiça é da oppressão que lança mão. Quando prega prega a paz, prepara a guerra. "Sceptico e cynico, soberbo e impudente, ora violento e impectuoso, ora burguez e pacifico, fingindo simplicidade e certo ar ingenuo, parecendo tomar o Rechstag por seu confidente e entregando-lhe seus segredos com Eckermann a Goethe, sem dizer entretanto o que convinha dizer, divertindo-se por vezes com fantasias em que inventava os factos necessarios á sua causa, compondo formulas habeis para excusar as proprias audacias e cobrir as proprias faltas, negando a infalibilidade do papa e zangando-se quando não se acreditava na sua, attribuindo facilmente a outrem seus erros e incartadas, dando a dissimulação os meritos de uma arte legitima e á franqueza o aspecto de uma audaciosa mystificação, accomodando a historia aos seus caprichos e achando sempre, no momento adequado, precedentes de todo genero que faziam lei, Bismarck dominou a Europa facilmente; porque nem nos gabinetes nem nos congressos encontrou os rivaes superiores que se chamam Metternich e Talleyrand". (Welschinger).

Homem de estado genial, foi cruel, e disso sempre se orgulhou. "Ide do Garonna ao Vistula, do Belt a oTibre, aos nos-

sos rios allemães, ao Oder, ao Rheno, e haveis de ver que sou o homem mais odiado destes tempos, e que professo com relação a esse odio o mais profundo desprezo". Sua dominação terá sido tão continuada e intratavel, que chegará a dizer, já no ostracismo, do sentimento de allivio que foi, com sua retirada, o dos seus mais intimos commensaes. Seu garbo de dominador não deparava contraste, elle que levantou uma nação do nada para fazel-a respeitada e grande. Quereis saber de sua habilidade politica, attentae na maxima favorita que guardou do grande Frederico: "A politica pede paciencia, e a obra prima do estadista é fazer cada cousa a tempo e geito". Desejais sondar o abysmo de vontade de ferro, lembrai-vos da promessa de sangue que foi o seu grito de alerta pela Allemanha unificada: "Não é a força de discursos parlamentares nem de voto das maiorias que se resolverão as grandes questões actuaes: é a ferro e sangue". Quereis saber dos seus soberbos anhelos de patriota, lêde esta declaração parlamentar, clarim de guerra tocando a sentido: "Conservemos a fonte aonde vamos buscar o direito de sermos fortes e de esmagarmos com mão de ferro tudo quanto constituir obstaculos ao restabelecimento da nação allemã no seu esplendor e potencia...

"Ego et rex... Ferro et igue..." Só elle é poderoso, invencivel, omnipotente. Não ha, de lembrança de homem, quem tenha como elle tão grande confiança no valor proprio e tão escassa no alheio. Sua crença na simplicidade humana é desbordante, e della abusa para a manipulação de uma politica de tratados e contratratados, artificial e maligna, para cujo exito a moral a justiça não tem de ser e não são ouvidas. Tudo é bom desde que conduza ao objectivo de uma grande Allemanha. "Meu respeito do que se chama opinião publica não foi nunca consideravel", confessou um dia; ao outro escreveu: "são os tratados europeus que cream o direito europeu. Si se quizesse applicar a esses tratados o criterio da justiça e da moral, seria preciso abolir mais ou menos todos..."

Durante quarenta annos dispõe discricionariamente da Eu-

ropa e tem orgulho de o proclamar, porque, a seu ver, ha nelle diplomatas, mas nenhum homem de estado, e as duas cousas conjunctamente elle somente é. Seu sarcasmo explode nas conferencias, nos conselhos imperiaes, nas commissões parlamentares, em pleno Rechstag, chicoteando a quem lhe apraz, mofando, rindo, esmagando maiorias, opposições, relutancias de toda especie. Que massa é a desse homem a cujos pés se dobram todas as resistencias? Que compleição de gigante é a delle? Um dia, formado o seu famoso ministerio de conflicto, desafiou ao paiz para que constituisse outro. Retrucou a Camara tornando-o responsavel na sua pessoa e bens por despezas inconstitucionaes. Bismarck ficou de pé e o cyclone, como tantos outros que buscaram apeal-o do poder, passou. Foi então que Henning, entre o olho e o punho attribuiu ao chanceller o papel do primeiro. "Eu vos agradeço, concluiu Bismarck porque é a parte mais nobre e é elle que dirige o punho..." De outra feita accusaram-no de ter na politica interior sua companheira illicita, tão a miudo della se servia na trama diabolica de suas cogitações: e pediu Bismarck logo que a chamassem de preferencia sua mulher legitima, tantos eram os dissabores que diariamente lhe iam custando... Sua carreira é um exemplo raro de *self-contrôle* ao serviço de uma só e pertinaz ambição, e cada vez aprende mais a manejar melhor os homens, a dispor delles como bonecos de guignol. Paris, Petersburgo são os primeiros postos de trenação, e neophyto ainda, já é cabo consummado na arte de governar, de dirigir, de commandar. A Wilhelmstrasse vae vel-o trabalhar como um moiro de sol a sol, jamais rendido, sempre operativo, alerta, intratavel. E' la que elle vae dizer, com a experiencia propria, que um embaixador é um enviado externo para mentir em beneficio da propria patria.

Quem estuda essa personalidade singular, não pode deixar de reconhecer que não foi feita do mesmo barro que os outros. Tudo é nelle collossal. Ha espectaculo mais impressionante do que o da audacia desse moço mandrião, que galga todas as posições pelo seu só esforço, firma-se na mais alta dellas, decide da linha de sua acção, e a realiza num scenario

quasi de deuses, mau grado a opposição furiosa do interior, que não o comperhende, a má vontade do exterior, que o adversa, o choro das victimas, o sangue dos vencidos, a eterna maldição dos mutilados? Trinta annos antes da unificação, na Suecia, em casa de uma amigo, confessou: "Eu serei o salvador de meu paiz. Formarei com suas partes dispersas um corpo unico, e a Allemanha será um grande e poderoso imperio..." Disse e cumprio. Estava na sua lembrança aquella visão do Congresso de Vienna de que o paiz ia levantar-se, carecia de um braço, e quem o quizesse impedir seria inexoravelmente esmagado.

(*Continúa*).

HELIO LOBO.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

DE IGUABA AO CABO-FRIO, DO CABO Á ARMAÇÃO DOS BUZIOS

A grande difficuldade a veneer na literatura das paysagens consiste tão sómente em transferir, para a alma do leitor, a legitima emoção do quadro real, pois confesso, por minha parte, que não ha grota encimada por cachoeira, nem moldura de praia que, descripta, não me faça lembrar em todos os detalhes da paysagem do mesmo genero que já por acaso foi o regalo continuado dos meus olhos.

Todos nós brasileiros andamos fartos de ver lagôas sem encantos, abertas entre o oceano e a emboeadura de corregos de aguas suspeitas, por isso o quadro literario da de Araruama difficilmente emocionará áquelles que nunca hajam visto ou sonhado com lagos de aguas azues.

Ao envez das demais do Estado do Rio, ou quiçá do Brasil onde a agua salgada só se mistura com a doce, ou por um accidente de alta das marés, ou pelo esforço das populações praieiras na faina de drenar para o oceano o excesso das enxurradas; a lagôa de Araruama onde apenas desembocam dois riachos, recebe as aguas do mar por um canal de cerca de cem metros de largo, aberto perennemente entre duas rochas e estende-se terra a dentro, numa distancia de mais ou menos quatro leguas.

Na povoação de Iguaba.

São passados mais de quinze annos, depois que vim ter ás suas margens pela primeira vez, e agora a locomotiva da estrada de ferro de Maricá leva-me á ponta dos trilhos, na povoação de Iguaba banhada docemente pelas suas aguas.

Não ha nada como começar mal para acabar bem, digo a um companheiro de viagem.

E' verdade. A estrada de ferro é tão falta de conforto e de ordem e a lagoa é tão bella que a estação inicial das Neves, em Nietheroy, faz lembrar a historia da encruzilhada do Céo.

Nisto havemos percorrido cerca de quinhentos metros que separam a estação de Iguaba duma tosca ponte de embarque

onde se acha atracada uma lancha a gazolina. Um garoto que nos conduz as malas conta-nos que esta já apitou dando o primeiro signal de partida. Embarcamos. Ouve-se mais um apito forte e demorado e a voz energica do mestre: — larga.

Travessia da Lagoa.

Em meio duma ancia immensa em me afundar pela lagôa a fóra, pergunto logo ao mestre si ella acaba lá distante numa praia muito longa que fica em frente á prôa. Pura illusão, lá acaba o sacco da Iguaba depois virão outros, até Cabo-Frio.

Como um ponto de retenção de enormes proporções, ora em frente, ora á esquerda, ora á direita, destacam-se muito ao longe os perfis da montanha da ilha do pharol com o pharol velho no ponto mais alto semelhante á figura de uma chaminé colossal.

O sacco da Aldeia de S. Pedro é o mais bello e soberbo de todos: com uma profundidade de seis a oito braças em alguns pontos, é de ver-se quando bate rijo o nordeste, encresparem as aguas, nem sempre ahi inteiramente placidas, como quasi sempre nos outros saccos, e transformarem-se, com serio perigo para a navegação, num verdadeiro oceano revolto.

Pouco a pouco vamos deixando para traz e á esquerda, o unico perfil de serras das praias e começamos a divisar a sombra pardacenta e veneravel da Igreja de S. Pedro da Aldeia. Ahi as aguas são mais verdes do que azues, a lancha começa a balançar fortemente emquanto algumas vagas se lhe quebram na prôa entre rizadas de uns e contrariedades de outros.

Emquanto a lancha corta distancias para chegar a Cabo-Frio dentro de duas horas e meia, como me promettera o mestre, vou contemplando as praias de todos os lados. A impressão constante do principio ao fim da viagem é a do contraste: em quasi todo o Brasil a paysagem é bella mas esmagadora, aqui é apenas commovente.

A' esquerda fica a restinga da Massambaba, entre a lagoa e o Oceano.

Avistam-se os moinhos.

Dada a distancia que a separa do roteiro commum da navegação para Cabo-Frio, distinguem-se tão somente os moinhos hydraulicos das salinas agitando no ar as rosas dos ventos.

Do lado opposto não se divisam moinhos. Aqui é o traço branco da areia da praia debruando uma planicie verde, relvada e immensa que se vae perder na linha embaciada do horisonte, mais adiante a praia se eleva quasi verticalmente, coberta de uma vegetação rasteira e cerrada e por fim vem um

correr continuado de rochas lisas onde crescem cardos e pi teiras.

Apesar de ser mez de Janeiro, a temperatura começa a cahir tão bruscamente que até convem fugir da prôa, o ponto preferido para observações.

Começam então os calculos dos passageiros. Sahimos das Neves ás oito e quarenta e chegamos a Iguaba ás quatro e meia: apenas duas horas e meia de atrazo.

Nisto a Massambaba vae mudando inteiramente de aspecto, até que vêm surgindo as pontas, a dos Macacos, a do Costa e outras menores que formam os saccos mais proximos a Cabo-Frio.

Ainda ahi as praias á esquerda continuam ganhando a palma da bizarria. Ora é uma grande pedra cujo dorso emerge á flôr dagua alongado como o de uma baleia, mais adiante um outeiro verdejante, ilhado na alta das marés e finalmente os arraiaes de pescadores mais proximos á cidade.

Temos transposto a ponta dos Macacos e estamos no sacco do Boqueirão. Bem ao centro ergue-se fóra dagua uma porção de casinhas. E' a mais bizarra das surprezas da viagem. São pousos com coberturas e revestimentos de pitas onde os pescadores passam as noites de Junho observando as rêdes estendidas á espera das tainhas.

Começa o crepusculo. Lembro-me então de uma leitura de infancia, o prefacio das "Espumas Fluctuantes": o sol se afundava n horisonte como um brigue em chammas.

Já se divisa, na curva extrema da enseada, dourada pelo crepusculo a vivenda da Salina Grande, um predio de dois andares deixando ver, entre as settas das casuarinas e as copas altas das amendoeiras, trechos vermelhos do telhado e o desenho vago de uma veneziana; mais adiante os armazens da Salina do Viveiro, os montes de sal alvejando muito ao longe entre as xadrezes dos evaporadores e crystallisadores e os moinhos virados para nós como grandes girasóes brancos.

Transpomos um canal aberto para encurtar o trajecto numa peninsulasinha, entramos no Sacco da Figueira, depois em outro canal em condições identicas, até que transposto um estreito muito fundo sob uma solida ponte de ferro, desembarcamos no cáes da cidade.

Chegada a Cabo Frio.

Emfim Cabo-Frio, a velha e tradicional feitoria dos Franco-Tamoyos!

A primeira impressão é de uma tristeza profunda. Casas de dois andares são relativamente raras, o commum é a de andar terreo, de pé direito baixo e paredes grossas como de fortalezas.

A illuminação é escassa: um ou outro lampeão a kerozene deixando, entre as fachas de luz, um grande espaço de treva quasi absoluta. Quem vem do Rio extranha logo o ambiente e vae tropeçando a tôa.

Chego á casa de meu irmão, medico na cidade e preparo-me logo para fazer a *toilette*, mas a agua calcarea dos poços talha o sabão. Acho graça na surpreza e peço um copo d'agua. Bebo dois goles e ponho o resto fóra: detestavel. Vêm-me então um copo dagua de chuva filtrada. Para o carioca viciado com agua boa demais esta mesma não é grande coisa, em todo o caso bebe-se.

Feita a *toilete* vou ao hotel jnatar. Palavra puxa palavra e dou logo as minhas impressões sobre a terra. Temperatura á noite agradabilissima, viagem de lancha optima, mas faltam luz e agua.

As aguas de Cabo Frio.

Fico então sabendo que ha mais duas especies: a do Rio vinda em tanques de reboeadores de alto mar e a da fonte de Itapiru.. Peço um copo dagua do Rio: menos ruim do que a do poço, prefiro a da chuva. Explica-se o caso. Esta agua vem de longa viagem e no percurso, sendo talvez mal guardada, tolda-se e estraga-se. Mais tarde venho a provar a agua cor de vinho do Porto de Itajúru: continuo a preferir a da chuva.

São sete horas e meia e o hotel está vasio porque a hora regulamentar das refeições já passou, em todo o caso sou servido dum bom jantar á moda da roça, regado com Caxambu'.

Aspecto social.

O hotel, como mais tarde verifiquei, tem uma qualquer cousa dos aspectos cinematographicos do Far-West. Tíre-se do film a estalajadeira ignóbil, os tiros de revólver, as bebidas alcoolicas, vista-se um paletot em cada hospede e a impressão será identica.

Um ou outro hospede vindo do Rio para veranear toma as refeições em mesa separada porque na geral sentam-se, em sua maioria, os contractantes de salinas, quasi sempre portuguezes de Figueira da Foz.

Sahi do hotel naquella noite de chegada com uma grande vontade de descançar, de dormir, pois o ar da lagoa é um tonico poderoso e não ha quem, vindo do Rio, não sinta immediatamente a reacção do somno, indice de que os novos ares começam a fazer bem.

Cá fóra o nordeste bate forte uivando pelos telhados. Recolho á casa e por volta das dez horas durmo um somno pesa-

do, profundo, sem sonhos, até ás oito horas da manhã do dia seguinte.

Lembro-me então da Chronica da Companhia de Jesus no Estados do Brasil, de Frei Simão de Vasconcellos, e saio logo em demanda da fonte de Itajúru.

Atravesso a parte velha da cidade. E' um xadrez de ruas estreitas, calçadas apenas nos passeios, antiquados em alguns pontos e arruinados noutros. Cortam-n'as perpendicularmente alguns becos curiosissimos, não só pelo calçamento feito com grandes lages de pedras justapostas de lado a lado, como pelo sabor de passado e tradição. Ahi fica o bairro velho, lembrando, em todos os seus aspectos, uma cidade construida, ha tres seculos. Limitam-n'o a lagoa, os camaros de areia do mar, o largo de N. S. da Assumpção onde se ergue a matriz e o modesto bairro de Itajúru onde se acha a fonte do mesmo nome, ao sopé do morro da Guia.

Palavras de Simão de Vasconcellos.

Por aqui, vou então reflectindo, andou, ha quasi tres seculos, Frei Simão de Vasconcellos. Aqui encontrou o chronista e missionario signaes da passagem do Pay Sumé", dos selvagens, que a si se afigurava ser o authentico Apostolo de quem dissera o maior dos poetas, descrevendo-lhe o martyrio: — choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo; chorou-te toda a terra que pizaste...

Vou então rememorando o logar do missionario: Passando eu pela cidade de N. S. da Assumpção de Cabo-Frio, distante da do Rio de Janeiro dezoito leguas em altura de vinte e tres gráos e hum seismo pera o sul: o Capitão que alli governava me foi mostrar uma paragem chamada Itajúru (nome dos Indios) entre a cidade, e huma fonte extraordinaria, de agoas vermelhas, medicinaes, especialmente contra o mal da pedra. Nesta paragem me mostrou hum penedo grande amolgado de varias bordoadas (devem de ser de sete, ou oito pera cima) tão impressas na pedra, como si o mesmo bordão dera com força em branda cêra; porque todas as móças eram iguaes.

E a tradição dos Indios he, que são do bordão de S. Thomé, em occasião em que os Indios resistião á doutrina que alli lhes pregava: e lhes quiz mostrar com este exemplo, que quando os penedos se deixam penetrar da palavra de Deus, seus duros corações resistião, mais obstinados que as duras penhas". (1).

---

(1) Chronica da Companhia de Jesus. Frei Simão de Vasconcellos — Livro II parag. 26.

Vista a fonte tão louvada pelo missionario, subo o morro da Guia por uns atalhos em zigue-zagues, colleando pela grama cerrada onde pastam cabras, e eis-me no adro da capellinha de Nossa Senhora.

Procuro e acho facilmente os signaes referidos, numa pedra que fica junto á fachada lateral direita, em mais duas na mesma direcção, embora mais afastadas, e por fim noutra pouco distante da fachada esquerda.

Estava com o dia ganho, tinha verificado com os meus proprios olhos os mesmos signaes vistos, ha quasi tres seculos, por Frei Simão.

Pena é que aqui tambem não estivesse a lagea da praia de Itapoá com as pégadas do mesmo heróe, da qual diziam os indios, quando se lhes perguntava o que aquillo era: "Pay Sumé pipuer a angaba aé: é quo está alli a pegada de S. Thomé" (2)

Tão proximo que me achava da capellinha não deixei de penetral-a. E' solida mas pequenissima, uma verdadeira alcova. No altar mór aliás o unico, um grupo da Sacra Familia e mais nada.

Cabo-Frio lá do alto dá a impressão de uma cidade de certa importancia e bella mesmo. Distinctamente só se vê o traçado de uma avenida á beira da lagoa pelo meio da qual passava outr'ora uma carreira de ficus bemjamina que a Camara, por um excesso doentio de zelo pelos alicerces das casas, mandou barbaramente derrubar.

Aspectos da cidade.

Afóra esta avenida, quasi que se não vêm traçados de ruas, de maneira que a impressão do conjuncto é agradavel e imponente mesmo.

A restinga, tendo de um lado a placidez de espelho da lagoa e de outro as aguas encapelladas do oceano, forma approximadamente um triangulo tendo um dos vertices na Massambaba, outro nas collinas do Cabo e outro na cidade.

Ao sopé do morro proximo á fonte de Itajúru está o convento da Ordem Terceira, abandonado ha longos annos. Em derredor existem ainda os vestigios das muralhas que o cercaram em outros tempos. Para dentro dos velhos muros, ha um cercado de pedra em ruinas com dois poços, ao centro e ao lado, meio carcomidos, bacias de barro cozido adaptadas sobre um supporte de pedra e cal.

---

(2) Opus cit Livro II parag. 19. — Das noticias das cousas do Brasil.

Era o lugar em que os frades tomavam banho, informa-me o guia, hoje porém, pertence ás lavadeiras pela posse mansa e pacifica.

Em frente ao convento, como uma alçada sentinella da fé, eleva-se, sobre um pedestal de pedra e cal, um cruzeiro de granito inteiramente ennegrecido pelo tempo. Na extremidade da haste existio out'ora um remate, trabalhado no granito, com uma inscripção qualquer, hoje porém, só existem os signaes evidentes da mutilação.

A Igreja do Convento.

Ainda de companhia com o guia que leva as chaves transponho a porta central da Igreja do Convento. Do lado de fóra, ao correr da fachada ainda se lê distinctamente a inscripção — Em 2 de Agosto de 1668 — Não fossem as obras de talha dos altares e a Igreja seria vulgar. Na parede á direita abre-se uma larga e alta passagem para a capellla de S. Francisco de Assis, de propriedade da irmandade; fecha-a uma grade de cabreuva torneada do mesmo tamanho, girando sobre dobradiças e separando os dois templos.

Na parede opposta, uma porta de madeira dá communicação para o antigo claustro. Deste só se conservam as pilastras de pedra e cal que sustentavam outrora o acabouço das cellas.

Percorremos galerias abertas, vestigios de antigas sepulturas e oratorios e sahimos por onde haviamos entrado.

Do lado de fóra, ao correr da parede lateral direita da Igreja da Irmandade, a sacristia e o cemiterio da mesma completam o conjuncto das construcções religiosas. Naquella existiram até meiados do anno passado, ciborios e calices de ouro de lei e paramentos para officios religiosos, ricamente bordados a ouro com aguas marinhas encrustados. Toda esta riqueza, avaliada, ha cerca de cincoenta annos, em vinte contos, foi offerecida, por um rico fazendeiro do lugar que vagamente me informaram ter pertencido á familia Pereira de Souza. Infelizmente um tal thesouro de arte e riqueza foi roubado sem que se saiba até hoje como, nem por quem.

As aguas do Itajúru.

Logo que volto á casa digo pilheriando ao meu irmão e ao Dr. João Vasconcellos que acabavam o serviço do consultorio: Sabem VV. que ha aqui um excellente remedio contra o mal da pedra? Depressa, acodem ambos. Sabem que Cabo-Frio é a terra dos calculos? Repito o lugar de Frei Simão. Uma risada de ambos, a um tempo, desconcerta-me. Pois fiquem sabendo que

não ha cabo-friense velho que não seja um velho bebedor de agua do Itajúru.

Não sei si será de facto um caso averiguada, que os calculos sejam communs nos bebedores inveterados da agua de Itapiru', notei porém, que agua dos poços talha o sabão, o que se não da com aquella.

O seu colorido deve-se attribuir aos corantes das raizes das vegetações da restinga e isto é tanto mais plausivel quanto já vi agora de cor identica num corrego na restinga de Saquarema.

Corria em Cabo-Frio que a agua de Itajúru já havia sido examinada no Rio e, até mesmo numa cidade da Allemanha, não havendo sido encontrada nenhuma substancia nociva, o essencial porém será um exame detalhado dos seus componentes e das suas possiveis propriedades therapeuticas.

Esta aliás não é a unica agua digna de exame pois fui informado de que na Salina do Viveiro, existe uma fonte sulfurosa em vesperas de ser examinada chimicamente.

(*Continúa*)

PORFIRIO SOARES NETTO.

PAIZ DE OURO E ESMERALDA

ROMANCE

I

"Hoje hei de saber se Maria Luiza me quer..." pensava Angelo Orsini, subindo a escadinha em caracol que conduzia aos seus commodos particulares. Em chegando, porém, ao alto sentiu-se desfallecer á só idéa de uma possivel desillusão. "Ella não me olhava com indifferença, dizia de si para consigo. Desde o dia em que o doutor Strauss me apresentou á familia Vieira, notei logo que Maria Luiza tinha para commigo attenções muito diversas dos modos quasi frios de suas duas irmans... Mas póde ser puro engano da minha parte... Depois quem sou eu aos olhos dessa familia senão um extrangeiro! Embora não o digam, sinto que para elles ser extrangeiro é alguma cousa como ser um monstro!" E todo entregue a este soliloquio Angelo havia-se approximado de uma das janellas de seu quarto. Recostou-se ao poial e deixou irem-se os olhos desde o pomar que rodeava a casa até o horizonte afastadissimo, onde se ostentava como aquarella maravilhosa um dos pôres-de-sol das planicies de S. Paulo. As poucas casas que se divisavam por entre as arvores pareciam deshabitadas, tão grande era o silencio em torno, aquella hora. Apenas ouvia-se a espaços, vindo de muito longe, um grito esganiçado de vendedor ambulante.

Angelo deixou vogar a imaginação ao sabor das recordações, cortadas a cada momento pela imagem dulcissima da amada. Viu-se menino, teria uns doze annos, quando em companhia da familia partira da Italia para o Brazil. Lembrava-se tão viva-

certos pormenores da longa viagem, que lhe vieram , aos olhos só de evocar pedaços desse passado. O pae era um grande industrial a quem repetidos desastres economi- nham levado á falleneia. Dotado, porém, de rara energia, nvez de desanimar, soubera salvar do naufragio de sua for- ia a quantia neeessaria para emigrar eom a familia — mulher dois filhos, e vir tentar melhor sorte num paiz novo, aberto a odos os esforços, ambições e emprehendimentos. Desembareára em Santos eom algumas centenas de liras e largas esperanças no futuro. Chegando a S. Paulo, o seu primeiro euidado fôra eollo- car de modo seguro o pequenino eapital que lhe restava, asso- eiando-se a uma vidraria no Braz. Angelo eontava então eerea de doze annos e Leonardo, o mais velho, orçava pelos quinze. Ao eabo de poueo tempo a fabriea havia augmentado á maravi- lha, de maneira que os meninos puderam ser eolloeados em col- legios. Fizeram assim os seus preparatorios, e o pae euidava de pôl-os a estudar direito, quando inesperadamente veio a falleeer. Leonardo e Angelo, que já tinham ambos mais de vinte annos, assumiram a direcção dos negoeios e eom tamanha felicidade, que logo se tornaram proprietarios de grande numero de easas e fiearam eom rendas mais que suffieientes para viverem fol- gadamente. No meio, porém, de toda essa prosperidade, fazia poneos mezes, haviam perdido a velha mãe. Começára então para elles uma vida de solidão que muito lhes pesava. Após as oeen- pações diarias não mais sentiam, ao tornarem a easa, o soeego e tranquillidade de alma que tinham no lar. Aehavam-se sós e es- tranhos em sua patria adoptiva. Leonardo ainda se distrahia um poneo, pois ligara-se a diversos patrieios eheios de idéas, novas e revolueionarias e fazia parte de uma eorporação de propagan- da soeialista, máo grado as deseonfianças que lhe pudessem advir de sua qualidade de burguez e eapitalista. Angelo mais que nunca sentia-se isolado. Seu temperamento exeessivamente impressionavel e nervoso lhe fazia soffrer eom inerivel intensi- dade eousas que a outros deixariam de todo o ponto indifferen- tes. Desde os tempos de eollegio que as pequeninas eontendas onde vinham á baila, entre alumnos, diehotes e offensas relati- vas á sua qualidade de estrangeiro lhe causavam irritações e

abatimentos exaggerados. Acostumara-se a pouco e pouco a considerar-se como que exilado no meio em que vivia, e essa sensação de isolamento crescera até tomar as proporções de verdadeira mania de perseguição. D'ahi a timidez com que se approximava de uma ou outra familia brasileira. Parecia-lhe que cada palavra disfarçava um como secreto menos preço pela sua pessoa e até agrados e evidentes signaes de consideração lhe soavam a complacencias mais ou menos humilhantes. Por isso retrahira-se de cada vez mais, acabando por limitar as suas relações a um estreito circulo de amigos, quasi todos seus compatriotas.

Depois da morte da mãe, elle e o irmão foram viver para uma casa que possuiam quasi no campo, nas extremidades do bairro do Belemzinho, caminho da Penha. Era um pittoresco *chalet* no centro de espaçoso parque, sitio delicioso que reunia ás vantagens de ainda fazer parte da cidade e estar perto da linha de bondes, a de offerecer a tranquilidade e o socego de uma propriedade rural. Das janellas dos commodos de cima, onde morava Angelo com o irmão, era livre aos olhos espraiarem-se atravez da mais alta ramada proxima, pelo campo afóra, como por sobre a superficie de um oceano encantado, até o esfumar-se saudoso dos horizontes afastados. Alli era o abrir azas á fantasia; alli o sonhar venturas inauditas e entontecedores; alli o entregar-se, após o prosaico labor de dirigir negocios, aos seus gostos de meditação e desvanecio.

Os aposentos de baixo eram occupados por um casal de allemães — o doutor Strauss e *frau* Mathilde. Foram estes que o levaram, mezes antes, ao palacete do coronel Vieira, forte capitalista que residia em Santa Cecilia, á rua das Palmeiras, viuvo com tres filhas solteiras das quaes a mais velha por nome Maria Luiza contava cerca de vinte e quatro annos.

E Angelo debruçado ao poial da janella, olhos vagamente postos para a banda do Tietê, revia tremulo de emoção a figura esbelta e harmoniosa da encantadora paulista. Maria Luiza era um sorriso vivo. Seu rosto claro e rosado parecia um rosto de creança. Mas ao mesmo tempo mostrava todas as graças estonteantes da mulher feita. Cabellos fartos, ondeados, de um cas-

tanho escuro e — coisa curiosa — sobrancelhas negras, de um negro intenso de nankim. O labio superior era levemente sombreado de uma como ameaça de buço, á maneira de formoso pecego maduro. Os olhos profundos e scintillantes... Angelo não poderia dizer de que côr ao certo eram esses olhos maravilhosos. Brilhavam nelles todas as cores e todas as luzes, segundo as mil expressões que pareciam tomar.

O sol se punha. A voz esganiçada do vendedor ambulante como que imitava um gemido estrangulado e rouco, de tão longiqua e indistincta. As ameixeiras em torno da casa tinham aspectos immensamente desolados.

Angelo respirou profundamente como quem lhe falta ar respiravel e, deixando a janella, foi sentar-se no divan. Consultou o relogio com impaciencia, pensando de si para comsigo que o doutor Strauss não era tão pontual como sempre lhe parecera, pois já passava de cinco e meia da tarde e ainda não tornára da cidade. Esperava-o para irem juntos, como de costume, ao palacete do coronel Vieira e aquella demora sobremaneira o enervava. Teve a idéa de descer a fim de perguntar se o doutor não viria jantar em casa,quando ouviu soar violentamente a campainha. Levantou-se e chegou a uma das janellas da frente. Divisou dous velhos junto ao portão sem poder conhecer quem eram.

Nisto a voz de *frau* Mathilde, de baixo da escada:

— Senhor Angelo, ahi estão dois senhores que o procuram...

Angelo teve um movimento de impaciencia. Aquella visita vinha despropositada. Como, porém, o doutor Strauss não havia entrado e certamente só poderia sahir lá pelas sete horas, uma vez que ainda ia jantar, deliberou-se a mandar entrar os homens.

— Tenha a bondade de os fazer subir, D. Mathilde.

E esperou no topo da escada.

II

Era o seu patricio alferes Lourenzo Pataracchi em companhia de um individuo alto, corpulento e apoplectico, que galgava os degraus com grande estrondo e bufando de cansaço.

Pataracchi, baixo, roliço e calvo, era o vendeiro da esquina proxima. Possuia duas ou tres olarias por aquellas bandas e fazia muito gosto em alferes da guarda nacional.

— A que devo o prazer de sua visita, sr. alferes? inquiriu Angelo delicadamente.

Antes, porém, que o homenzinho pudesse responder, já o desconhecido se apresentava em voz retumbante:

— Luciano Aymoré da Penha, director da "Vida Nova", revista de propaganda nacionalista... Trabalho desinteressadamente por um ideal... Vivo de um sonho em torno do qual desejo congregar fraternalmente todos os bons elementos de minha patria... O Brasil é uma nacionalidade em formação... Sou um humilde artifice dessa obra monumental do futuro... Enthuziasma-me, embriaga-me a visão do que seremos amanhan... Organizei, ha pouco, uma sociedade de nacionalização... "Nacionalização" é o terno justo... Procuramos por todos os modos fortalecer a unidade nacional, congraçar todos os habitantes deste solo bemdito...

O homem, sem se sentar, fallava esbaforidamente, fazendo largos gestos, declamando e enchendo a sala como de um impetuosissimo vendaval.

Pataracchi olhava-o gravemente, murmurando sem interrupção deante daquella tempestade de patriotismo e de enthusiasmo:

— E' justo... E' justo...

E Angelo contemplava-os mudo, espantado, sem comprehender bem o a que atiravam tão intempestivas declarações. Nada mais curioso do que a devoção gulosa com que o rotundo vendeiro bebia cada palavra do estranho companheiro. Este, depois de mil circumloquios cheios de fogo, explicou a final que, havendo organisado um concerto, a realisar-se d'ahi a oito dias no salão Hig-Life, reunião para qual estavam convidadas as principaes familias de S. Paulo, queria que num dos intervallos um orador fizesse um discurso allusivo aos ideaes da "Sociedade Nacionalizadora"... Tratava-se de uma festa patriotica, com execução de *series brésiliennes* de Alexandre Levy... E a coisa se tornaria, a seu ver altamente significativa se se encarregasse de fal-

lar um dos principaes representantes da colonia italiana. Fez a proposito um ardente panegyrico dos "legitimos herdeiros da cultura latina" e acabou por pedir a Angelo quizesse incumbir-se da honrosa missão.

— O meu amigo sr. Pataracchi, alferes da guarda nacional brasileira, prompto a derramar o seu generoso sangue pela estremecida patria adoptiva se necessario fôr, — homem para quem é um titulo de gloria concorrer para a grande obra de avigoramento da nossa consciencia nacional, tanto assim que teve o desprendimento de desviar parte de seus capitaes de lucrativas emprezas para os empregar na fundação e mantenção de uma revista qual a "Vida Nova"... coração aberto ás mais santas inspirações... foi este grande patriota que tive a honra de descobrir no modesto commerciante vizinho de V. Exa. quem me lembrou o seu illustre nome e se promptificou a conduzir-me á sua presença...

Ia o apostolo num crescendo de animação, tonteando sob uma torrente de palavras, assoberbado pela abundancia de idéas e palavras, sempre de pé, num verdadeiro furor de gestos e movimentos de todo o corpo. Era a illustração viva de expressão "fallar por todos os poros". De um moreno avermelhado, olhos chispantes, labios grossos, cabellos em desordem como varridos de um sôpro quente, Luciano dava a imagem de um vendaval feito homem.

— E' justo... E' justo... repetia imperturbavelmente o calmo vendeiro.

Angelo tentou desculpar-se polidamente, declinando a honrosa missão que lhe queriam confiar. Impossivel. O patriota recomeçou os seus discursos e rasgados encomios "á honrada, á illustre, á activa, á nobre, á querida colonia italiana."

A sala já estava escura, de modo que os tres homens se meneavam como sombras no ambiente abafadiço.

Nisto o portão foi aberto com violencia e d'ahi a nada ouviram-se passos pesados no andar de baixo. Era o doutor Strauss que entrava. Então Angelo, desesperado, levantou-se dizendo que tinha urgente necessidade de sahir, que o desculpassem...

— Ha de permittir-me, retorquiu o director da "Vida Nova"

que volte amanhã para saber a sua resposta definitiva, embora esteja quasi certo de que V. Exa. não recusará o seu brilhante concurso a uma obra desta natureza... Lembre-se que se trata de glorificarmos a nossa patria, a nossa bemdita patria, que, com o crescer das correntes immigratorias, virá a ser, em futuro não muito remoto, uma das potencias mais poderosas do mundo... Perdoe-me!.. Mas sou um enthusiasta da grandeza deste paiz... Sinto-me orgulhoso de ser brasileiro... Parece-me que já estou vendo esse porvir maravilhoso...

— E' justo... E' justo... repetia sempre o grave Pataracchi.

E os dois desceram, tropeçando, a escadinha em caracol, deixando após si a impressão de que uma tempestade nunca vista havia atravessado a vida tranquilla do *chalet*.

Só então notou Angelo que estava na mais completa escuridão. Apertou o botão electrico e intensa claridade derramou-se instaneamente pelo confortavel aposento.

De fóra vinha o tinido longiquo das campanas dos bondes e a algazarra alacre da creançada do bairro, que a essa hora retonçava pela grama, em frente da sébe do parque.

(*Continua*)

J. A. NOGUEIRA.

VERSOS

LEZIRIA

A PALMEIRA

Olha a palmeira, a sós, cujo bonito
E esbelto fuste é já tão alto e cresce,
No desejo, talvez, doudo, inaudito,
De noivar com o sol que resplandece.

Morde-lhe o pé a multidão refece
Das arvores anãs entre o granito.
E eil-a, moça e graciosa; até parece
Um traço unindo a terra ao infinito.

Cresce e á nada se arrima para a altura
Galgar, e bebe luz, numa tonteira,
E abre a espatha abençoando a flôr e o espinho.

Na sua aspiração grandiosa e pura,
Homem, imita o exemplo da palmeira:
Subir, bastante; mas subir sósinho.

A QUEIMADA

Ainda ha bem pouco era uma luz escassa
A chamma que cresceu com a ventania.
Ora é o incendio ladravaz que passa
Arrastando o mantéo da ruinaria.

E' a queimada que estronda a artilharia
Bronca das moutas de bambu's, e ameaça
O exercito em infrene gritaria,
Dos gaviões que manobram na fumaça.

Quando tudo quedar, fará o vento
De máo agouro, que piedoso acode,
O funeral da matta ao firmamento.

E voluteando restará, sem rumo,
Em espiraes que o furacão sacode,
A mortalha das cinzas e do fumo.

MATTA VIRGEM

A matta é o templo augusto das columnas
De caule, esbeltas, altas, rijas, raras.
Corôam-n'as as frondes verde-claras:
Capiteis onde cantam as graunas.

Marginadas de cedro, de taquaras,
De cipós e de juncos, as lagunas
São pias em que bebem feias, brunas
Turmas de caçadores nhambiquaras

E os grotões onde labios purpurinos
De flôres beijam o verdor das heras,
Da nave são os orgãos cujos hymnos,

Preludios e lamentos ás espheras
Vão nos urros, nos chios e nos trinos
Das aves, dos insectos e das féras.

A ENCHENTE

Sob o aguaceiro que vomita pragas
De trovões e de raios, em momentos
Galga a enchente os barrancos pardacentos,
Enchendo os campos de canções aziagas.

Troncos senis vindos de ignotas plagas,
Da agua a pesar nos flancos somnolentos,
Lembram barcos batidos pelos ventos,
Despedaçado o leme pelas vagas.

No undoso espelho mira-se a venusta
Garça real que alça o collo e que se assusta
Ao mais leve rumor, franzina e bôa.

E enorme cobra, o rio, eil-o, adormido,
O olhar cerrado aos passaros, e o ouvido
A' orchestração dos sapos na lagôa.

NOITE TROPICAL

A noite cáe do céo que se perfuma
Das essencias que o vento n'aza encerra.
No alto, ao abrir dos manacás na terra,
Brotam rosas de fogo, uma por uma.

A cachoeira soluça sob a espuma
Que alva e sem rumo pelos flancos lhe erra.
Como uma cathedral informe, a serra
Seu perfil arrogante alteia e apruma

Bailam nos ares luminosos rastros.
E é tal a confusão de insectos e astros
Broslando de ouro o alcandorado véo,

Que olhando o azul e as luzes que o povoam,
Não sei bem se as estrellas é que vôam,
Se os vagalumes é que estão no céo.

A MORTE DO CARREIRO

Morreu. Essas mangueiras tão amigas,
A cuja sombra, a est'hora elle vibrava
O aço teso da viola, nas cantigas
Derramam prantos de resina brava.

Nas malhadas longinquas, muito antigas,
Os grandes bois que ao carro elle atrelava,
Ruminam das taperas sob as vigas,
Com saudade da voz que os instigava.

O carreiro morreu. Morreu com elle
O pio triste da nhambu, no matto.
Choram-n'o velhos de tisnada pelle,

E o arroio frio, e o vento que arrefece,
Emquanto azul, furtiva como um gato,
Rondando a luz que foge a noite desce.

LAMARTINE MENDES

UMA JANGADA
(*Apud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

UM SENHOR DE ENGENHO EM VIAGEM
(*Apud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

UM LIVRO NOBRE

Seria este, certamente, o adjectivo a accrescentar ao livro do sr. Alfredo Pujol, se acaso fosse necessario designal-o pela sua primordia qualidade. E', com effeito, um livro antes de tudo nobre. Através de todas as suas trezentas e cincoenta paginas o auctor conseguiu manter, com admiravel simplicidade, o mesmo proposito de elevação, o mesmo traçado de tranquillidade. Trabalho de exegese, trabalho de saudade, trabalho de amor, — em todos os assumptos agitados, o sr. Alfredo Pujol elevou-se sempre, despertando suggestões de sympathia poderosa e flammas de magnanimo interesse.

Facil de linguagem, facil e claro, com uma limpidez correntia e murmurante, tal um fio de prata a se espreguiçar, sonoramente, sobre um leito de seixos sonoros; desataviado de effeitos vãos de rhetorica, procurando a expressão na sobriedade, de uma singeleza lucida, ha nelle sempre a melodia dos periodos atticos, revelando aquella mesma despreoccupação encantadora do retratista de Helena, — a mais pura e mais distincta crystalização da arte, que ainda floresceu entre nós.

Estou que o ideal do estylo para o sr. Alfredo Pujol é Anatole France, a gloria da phrase perfeita, caindo do céo como uma chuva de diamantes, ou Ernesto Renan, o rythmo feito prosa, a prosa humanizando-se em milagres de harmonia, Mimnermo a cantar com a sabedoria feiticeira de Platão.

Não ha no sr. Alfredo Pujol exaggeros, transportes, descabidos enthusiasmos. Fica dentro do seu plano, sem nada procurar fóra delle. Seguro de uma cultura consideravel, dono de varios idiomas, nota-se bem que a escripta é para elle um divertimento ameno e salvador. Estuda, assim, com toda a elegancia de um dilettante e com o claro sorriso de um moralista sem complicações e que reconhece a fragilidade dos preceitos da moral.

De facto, a leitura das conferencias deste auctor deixa-nos a impressão de terem sido escriptas entre coisas amaveis e nobres. Afigura-se-nos haver sobre a sua mesa braçadas de rosas. Aos cantos

da sala devem resplandecer velhos bronzes resurgidos, marmores gregos mutilados, falanças e medalhas antigas. E, mais perto, numa estante de ebano, um chagrin de Homero, onde rebrama a grita dos heroes da Illiada, ou o avisado Ulysses mystifica, com uma facundia facil, os deuses sorpresos, ou surripia, com risonha agilidade, um favor á deusas magnificas...

Eu venho agora mesmo de visitar este bello volume onde se estuda a personalidade incomprehendida de Machado de Assis. Li-o com um duplo interesse, um empenho duplo: o primeiro provinha de já se haver estabelecido entre mim e o auctor esta sympathia virtual, inconsciente e forte, que é o signal de uma inclinação commum; o segundo decorria de dizer o sr. Alfredo Pujol sobre Machado de Assis, o talento mais claro e mais grego que a minha admiração já venerou por todo este Brasil.

Será preciso affirmar que voltei desta peregrinagem com a commoção de um deslumbramento novo, entremeado de magua? Doce e triste, em verdade, o livro do sr. Alfredo Pujol! Triste com toda a tristeza, e doce com toda a doçura que povoaram a alma do meigo creador do Humanitismo. E fiquei a louvar e a bemdizer o esforço do sr. Alfredo Pujol, esforço de critico e de crente, porque nas suas paginas perpassa todo o enlevo de um discipulo e toda a severidade de um commentador.

Aliás, esta é uma ventura de Machado de Assis: excepção feita de Sylvio Romero, que o aborreceu toda a vida com sinceridade e dedicação, o auctor das **Memorias Posthumas de Braz Cubas** tem sido tratado por almas amigas, cheias da chamma consoladora da admiração, cujas palavras são caricias, cujas idéas são bençams. Não foi diverso o caso de José Verissimo ou de Euclydes da Cunha, como não o é tambem o do sr. Mario de Alencar, ou o do sr. Magalhães de Azeredo.

Comtudo, ainda não se publicaram sobre o modelador de Virgilia paginas tão exactas, cheias de tão correcta medida, de tão puro recolhimento, como essas do sr. Alfredo Pujol.

Ainda assim, não me satisfizeram plenamente. Machado de Assis, escriptor consideravel, não pode ser conhecido num livro de tres centos de paginas, ainda pelo mais sincero e melhor dos esforços de um investigador. Elle requer bibliothecas. Complexa e multipla como foi a sua alma, alma de romancista e poeta, de chronista e critico, pelas expressões verificadas, e de humorista e psychologo, de philosopho e ironista, pelas tendencias resumidas, aliando, em relação á esthetica, cujo feitiço o dominava, o respeito fanatico de um idolatra á minuciosa sciencia de um mandarim, — é necessario reconhecer, não obstante o enorme esforço

do sr. Alfredo Pujol, que ainda resta por fazer, sobre o cinzelador da **Desejada das Gentes**, bem mais do que já tem feito.

Faina trabalhosa e vasta será esta, a de estudar a genese e o amadurecimento das tendencias intimas de Machado de Assis, pelo concurso das influencias exteriores, perfeitamente inevitaveis. Já não me refiro á mediocridade do casal em cujo seio Joaquim Maria surgiu para a vida, nos braços de um operario de côr e de uma creatura esquecida e pobre, mas cheia de uma suave meiguice, que elle havia de adorar depois com uma adoração indefinida. Confesso que isso não era caso para grandes desconsolos. Esta origem humilima deu, porém, ao menino iniciado na vida, sob auspicios tão pouco animadores, uma irremediavel dose de acabrunhamento. Mais tarde, com a edade, veiu o raciocinio, em tal caso precoce. Joaquim Maria poude comprehender então aquella sociedade. Para logo tres observações fundamentaes devem ter-se fixado no seu espirito: a inferioridade do meio, a primeira, decorrendo de duas outras — a falta de intelligencia dos homens e a ausencia de gosto pelas obras de arte.

Deu-se, era natural, um retrahimento completo do individuo. Essas tres observações penetraram-n'o O seu acanhamento natural, placa sensibilissima de receptividade, acolheu, com vibrações inconscientes, as sensações dolorosas que foram recebidas: Machado tornou-se então timido, de uma timidez exaggerada; invadiu-o uma incuravel placidez, que em outro poderia so reduzir a indolencia intellectual e physica, como parece ter sido o caso daquelle phantastico Arthur de Oliveira ou daquelle terno Paula Ney — placidez que se affirmava numa perfeita incapacidade a todo enthusiasmo ou violencia; e, por fim, apoderou-se delle o mais absoluto desconsolo.

As leituras prosegulam. Veiu a acção do Ecclesiastes Schopenhauer sorprehendeu-o, numa volta de estrada, vestido de preto e sinistro, como um viuvo recente. Tambem chegaram os philosophos inglezes, os allemães, Harttman, talvez, com certeza Spinoza, que lhe mereceu um optimo soneto. Essas leituras, onde a verdade ás vezes respiandece com um brilho entontecedor e perfido, deslumbravam-n'o, como ambrosias amargas. Formava-se a crosta das ultimas inclinações. Os humoristas inglezes chegaram, e elle abriu a alma á invasão deleitosa de Dickens, de Sterne, de Swift.

Por esse tempo os prodromos da molestia annunciavam-se. O pessimismo, que fôra o refugio de Flaubert, foi tambem o seu refugio. Brotaram então dentro delle, como flores outoniças de prfume doloroso, o scepticismo, a ironia, a misanthropia...

Essa evolução de um genio, vindo dos sentimentos naturaes de retrahimento para os morbidos requintes do pessimismo, é bem

marcada nas obras do velho pensador. O romanceiseta de **A Mão e a Luva**, sabio já no escalpellar das almas, porem cuidando ainda das apparencias exteriores, era, na sua simpleza, um lyrico harmonioso, amando os contactos como um sybarita sereno; o escrutador de **Dom Casmurro** e do **Memorial de Ayres** é um pensador sombrio, — sombrio e angustiado — cuja revolta não chegaria nunca a produzir um Dante, porque uma reserva salvadora de doçura o protegia. O proprio Machado de Assis soube melhor significar essa evolução amargurada. E' o desencanto a se reconhecer, o mal a enfeitar-se de flores para a celebração da paschoa das illusões desperdiçadas:

O poeta chegára ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,
Viu uma cousa extranha,
Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao sutil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se fosse
Um pensamento vão,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta,
Para descer a encosta
O outro extendeu-lhe a mão.

Ora, é exactamente o plano desta evolução que o sr. Alfredo Pujol annota e commenta com a discrecção e a sobriedade devidas por um critico que não pretende ser fatuo. Deixem falar! O ser sobrio e discreto é ainda uma fascinadora sabedoria. E que sensação de desdem inqualificavel nos deixa na alma um dogmatismo ferrenho, a se annunciar em infalliveis postulados, como é o daquella vaidosa esto-psychologia de Hannequin!

O sr. Alfredo Pujol, porem, fez um livro encantador. Não vae ahi nenhum exaggero de elogio. Digo-o com a mais verdadeira das sinceridades. Algumas paginas desse livro são trechos suaves de poemas. Reminiscencias, evocações, saudades, elle as lan-

ça no papel entre vagos soluços, — soluços mortos antes de desabrocharem, sob a emoção florida dos sorrisos...

Em certa pagina do livro, proxima já do fim, depois da narração da morte daquella a quem Renan chamaria Santa Carolina o vulto de Machado de Assis nos apparece com toda a grandeza de um apostolo que so tornou maior pela purificação dos soffrimentos. Grande e sereno, faces vincadas pela carreira dos prantos, espaduas caidas ao peso das dores excepcionaes, o pobre Joaquim Maria poderia então balbuciar a phrase de Mme. de Staël: **de toutes mes facultés, la plus puissante c'est la faculté de souffrir.** Porque elle assume a dolorida magestade de um Prometheu. Não como o Prometheu grego, da tragedia; bem maior, porque este guardava o orgulho triste de se não revoltar. E nunca se revoltou.

Essa incapacidade á revolta traduz-se perfeitmente nas paginas de sabedoria que elle nos legou. Quincas Borba é um philosopho amavel e doido, tendo assim as duas qualidades mais seductoras a que um homem pode attingir. Miserrimo, adivinhando mundos de excellencia nas bolsas escassamente burguezas, Quincas Borba crelava, com o mais resignado scepticismo, idéas que são dogmas evidentes. Ao vencedor, as batatas! Pobre Quincas Borba, pobre e sabio Borba, a a tua philosophia ainda é a verdadeira. O mundo não comprehende as almas elevadas como a tua, Borba admiravel! E tu és na terra um puro anachronismo. Para alimentar o corpo fragil onde se encerra a tua alma formidavel, penarás dissabores angusticosos e ver-te-ás obrigado a roubar os relogios alheios ... A palavra é ainda a do Evangelho, doce amigo!

Foi a certeza desta perversidade assidua das coisas, que determinou a ternura tornada tradicional no creador de Capitú. Porque não se apaga da minha convicção quo Machado de Assis intentara redimir com o esforço heroico de sua ternura a desoladora tristeza da mundo. Não o conseguiu. Nem era para individuo humano conseguil-o. Restou, porem, áquella alma o consolo do ter sido, ainda que inconscientemente, superior.

Machado de Assis possuia, de facto, uma suave alma de archanjo. Elle tinha aquella timidez irremediavel, signal de verdadeira bondade, bondade quo nelle nasceu com a vida, manifestação imponderavel da alma como o aroma é a imponderavel manifestação da flor, sem exigir para a sua existencia uma base real ou ao menos coherente. Dir-se-á, mesmo, não ter elle nunca respeitado os incensos do radiante jardim da alegria. E o longo olhar de resignação e complacencia com que observava o mundo trazia muito das lagrimas reconditas, occultas no fundo da alma pelo pudor dos soffrimentos.

Seria acaso a reserva egoista de um misanthropo, aquelle ar abstracto de quem, sabendo sobejamente da eterna comedia da vida, só olha para si proprio, como desattento ao Universo? Parece-me ser apenas uma exteriorização inevitavel de descrença, porque Machado descria extranhamente de tudo. A sua tristeza era bem o resultado desta descrença, e elle scismava sempre, com magua, na esterilidade irremissivel dos esforços humanos.

Logo ao ter noticia das conferencias que por esse tempo ainda o sr. Alfredo Pujol lia na capital de S. Paulo, confesso que senti uma grata alegria. Machado de Assis precisa de uma segura e forte consagração. Erradio, insulado num escol diminuto, aristocrata de temperamento e de esthetica, o mais perfeito espirito da civilisação literaria americana, enlanguesce como uma flor delicada numa alcova morna. Torna-se necessario que seja mais lido e mais comprehendido. E' verdade, como observou algures o sr. Olavo Bilac, ser Machado de Assis um typo elevadissimo, adeantado ao seu povo e á sua épocha. Mas a épocha marchou; caminhou o povo. Será possivel estar reservada ao philosopho de Braz Cubas uma sorte mais ou menos identica á do subtil pensador de **Chartreuse de Parme** ?

Evidentemente, Machado de Assis é muito pouco comprehendido na sua terra, mesmo no escol dos letrados. Ou então é comprehendido e o negam. Da nossa literatura critica, uma das figuras mais salientes foi Sylvio Romero. Não lhe faltou cultura nem talento. Teve alguma boa vontade mesmo, e bastante espirito de commentador. Mas sobrou-lhe na vida um sentimento unico, a reprimir-lhe todas as tendencias generosas: Tobias Barretto. Porque Tobias Barretto era o fetiche recalcitrante e complicado de Sylvio Romero. O sr. Oliveira Lima notava ha dias, com excellente graça, a proposito de uma observação pernambucana, a necessidade de um fetiche que sentem as populações mescladas. Sylvio Romero não era bem um mesclado, pelo menos que eu saiba. Mas ha uma palavra delle — "todo o brazileiro é mestiço, senão já na côr, pelo menos nas idéas" — que, applicada á observação do sr. Oliveira Lima, me auctoriza perfeitamente a tirar aquella conclusão.

O juizo da justiça vem baixando, porem, pouco a pouco, sobre esses homens que tanto viveram, e se amaram muito, ou muito se odiaram, como uma bençam de orvalho bemfazejo. Já todos sabemos que Sylvio Romero era um gigante enternecedor e meigo, ululando com facilidade num desespero encapellado de Titão vencido; que Tobias Barretto era um homem de grande intelligencia, grande cultura e desorganizado. Agora, para evidenciar ainda mais esta justiça, chega-nos o livro do sr. Alfredo Pujol, que vem.

cumpre dizel-o, ennobrecido por uma exacta medida de annotador e um raro espirito de imparcialidade, — virtudes indispensaveis a um verdadeiro historiador das letras.

Felizmente, no meio da actual transformação das tendencias, quando a Terra, invadida pelas idéas rubras dos scythas, resvala na subversão do mundo radiante e formoso, ainda uma voz se faz ouvir para contar de uma grande e admiravel alma, que viveu soffrendo muito e pensando muito, na mais dolorosa e sagrada agonia. E são esforços como esse do sr. Alfredo Pujol que alevantam o nivel moral dos povos, alimentando-os, tambem, daquella parcella de idealidade e desinteresse, sem a qual os homens não seriam mais do que Shylocks deploraveis, a se explorarem mutuamente, numa volupia grande e tenacissima.

Ainda bem para nós, que entre as preoccupações dominantes do momento, os velhos deuses não nos esqueceram!

MUCIO LEÃO.

ULTIMAS PALAVRAS DE UMA NOBRE CONSCIENCIA

Do precioso livro do sr. A. Saboia Lima — Alberto Torres e sua obra — transcrevemos o notavel documento que o grande pensador enviou a uma folha carioca e "cuja publicação foi suspensa devido ao seu prematuro passamento." E' um retrato moral, e é quasi uma voz d'alem-tumulo dizendo sem paixão as mais tremendas verdades a uma nação que timbra na surdez.

E' de elemeutar justiça que, venceudo o pudor que me tem impedido de falar de mim e de meus actos contra o esquecimento e a injustiça da politica e da imprensa, eu reclame a prioridade que me cabe na iniciativa dessas medidas, parte aliás, de um vasto e complexo programma politico, administrativo, social, economico, e financeiro — que interessava todos os ramos da vida e da actividade publica, desde a educação até a organisação administrativa, no Estado do Rio de Janeiro, no periodo promovido de 1898 a 1900, sob a minha presidencia. Esse programma foi elaborado e desenvolvido pessoalmente por mim.

Modificação tributaria

O imposto de exportação sobre o café, unico realmente oneroso dos então vigentes no Estado, reduzido immediatamente de 11 para 10 %, e o territorial, cobrado em taxas minimas e segundo os processos mais toleranteis e mais liberaes, deviam ir, em meu systema, obedecendo a um systema de compensação descendente quanto ao primeiro e ascendente quanto ao segundo, de forma a deslocar a base fiscal do Estado de uma pesada contribuição *ad valorem* sobre a producção para a tributação mais racional e economica da propriedade territorial. Essa reforma economica e fiscal, assim como todo o programma daquella administração, *foram destruidos pelos governos que me succederam.*

Previsões desprezadas

Assumindo o governo do Estado na occasião em que a baixa do preço do café, devido á superproducção das plantações paulistas — baixa por mim prevista e advertida num pequeno artigo da *A Noticia*, em 1894, *como tantas outras crises e tantos outros problemas nacionaes, abandonados, não observados, ou em começo de manifestação*, tambem por mim

apontados no Congresso e na Imprensa, por entre os sorrisos irouicos dos grandes homens que, em nosso paiz, se julgam sempre dotados da sabedoria das cousas pela posse da força e dos meios de impor o seu pensamento, — juntando-se á diminuição da producção desse genero no Estado fluminense, acarretou para as suas finanças uma tremenda crise, em que todas as arrecadações desceram muito abaixo dos compromissos do Thesouro, por despezas orçamentarias, creditos extraordinarios, abertos nas administrações anteriores, e supplementares resultantes da má avaliação das verbas — consegui eu, entretanto, ultimar o meu periodo de governo (apezar de luctar contra uma Assembléa em maioria adversa) e á custa de grande reducção na despeza, graças a toda especie, não de *córtes, mas de economias*, como, por exemplo, *não prehenchendo cargos vagos*, realizar desde o segundo anno de administração — muito provavelmente pela primeira vez neste paiz — pela extincção de todos os creditos extraordinarios e supplementares, um orçamento integral, sob a fiscalisação do Tribunal de Contas (que, no Estado do Rio, constituido, como foi, por homens de austero caracter e de alta competencia, exerceu sempre realmente, em toda a extensão da palavra e com o mais estricto rigor, a funcção fiscalisadora), reorganizar, *pondo em effectiva execução e com reducção da despeza*, serviços de alto vulto, como a instrucção publica, reduzir o imposto de transmissão de propriedade de 6 % para 1 %, regular e preparar uma multidão de medidas e instituições de estimulo e apoio á producção, cuja iniciativa tem sido tambem attribuida a outros politicos e administradores, deixando os cofres do Estado em situação de se lhes poder corrigir, legislativamente, a penuria, pela reducção de despezas estereis e parasitas e com a creação de pequenos tributos perfeitamente supportaveis por classe e interesse ainda não tributados ou ligeiramente tributados, — graças á muito reduzidas operações de credito interno, *havendo durante todo o meu periodo presidencial, repellido intransigentemente o offerecimento de uma operação de credito externo.*

Persistencia no erro

Essa futura obra legislativa de reconstrucção financeira do Estado nunca foi effectuada. Se é certo que o facto material e imperativo da diminuição da renda impôz aos poderes publicos, nos periodos que se seguiram, grandes córtes na despeza, entre os quaes se destaca um ou outro digno de applauso, como a reducção do numero de deputados estaduaes, por exemplo, é tambem verdade que, se fizeram, para realizar planos de méra ostentação, proprios a attrahir popularidade para seus auctores, e para abusos de luxo, despezas consideraveis que taes córtes alcançaram largamente, verdadeiras obras vivas da politica e da administração, como a fiscalização orçamentaria, que foi extincta, como a instrucção publica, enormemente sacrificada — ao ponto de se ter

verificado que, durante muitos annos, depois do meu governo, não se fez acquisição, no Estado do Rio, de livros escolares, — tornando o magisterio e o ensino ao regimen da desmoralização e da politicagem, pela extincção das garantias da carreira e de fiscalização. O programma economico foi, longo tempo, posto á margem, ao passo que não pequeno numéro de sinecuras e de gastos de favor recomeçaram a apparecer no orçamento e nos livros do Thesouro, transformadas as leis annuaes, pelos artificios e sophismas da sua confecção, em actos de autorisação de toda especie de abusos.

Retirada da actividade politica

Deixando o poder em 31 de Dezembro de 1900, depois de um periodo tormentoso de governo, em que luctei com as mais criticas difficuldades financeiras, que as condições economicas da producção do café me oppuzeram, como todos os embaraços oppostos por interesses particulares á execução do meu programma com todos os obices e todos os artificios de politicagem de uma opposição violenta e virulenta, mas havendo podido, entretanto, graças a uma energia inquebrantavel, realizar obras e beneficios cuja efficacia e cujo valor se medem pelos que já foram referidos, e de que se póde ainda citar o acto da extincção das guias de café, base de uma especulação que roubara á lavoura fluminense e á da parte de Minas e do Espirito Santo que exportam por esta praça, lucros calculados por competentes em cerca de oito mil contos annuaes, pude encerrar essa phase da minha longa carreira de dedicação a meu paiz e á Republica, iniciada aos dezeseis annos com a propaganda da Republica e da abolição da escravidão, certo de, por estimulo proprio e sob inspiração exclusiva do meu devotamento á Patria e á causa publica, haver gerido os destinos da minha terra com o maximo de *previdencia*, de exacção e de ordem que se podem esperar de governantes dignos da responsabilidade do poder, solicitos, não tão somente em solver as crises da occasião e em curar os males do passado, senão em prevenir as causas de novos males.

Decepções

Na politica, se todas as luctas que se me defrontaram no esforço por manter o prestigio e honra da autoridade publica a salvo da desmoralização, se todos os desgostos pessoaes que soffri pela decepção do rompimento com amigos politicos logo em começo do meu governo — rompimento que nunca desejei — se toda a energia empregada por continuar a fazer do Estado fluminense um verdadeiro cooperador da força, da prosperidade, do prestigio interno e externo da Nação, e das suas instituições, se toda a minha lealdade, aos deveres superiores e aos principios moraes e praticos do regimen, ligados á essencia e á razão

muito fizeram por me trazer amarguras e decepções, consola-me, entretanto, o conforto de consciencia de poder recordar toda a linha de minha conducta, vendo nella reflectir-se continua a inspiração do mesmo impulso que me levou a protestar solennemente, por occasião do alludido rompimento, que, *encerrado o meu periodo presidencial, estaria tambem encerrado a minha carreira politica*, realizando assim, a obra sã de moralidade publica.

A nobilitante renuncia

Os factos posteriores, o depoimento objectivo das cousas durante os meus dezesete ultimos annos do regimen, toda a recente historia institucional da Republica, em summa, gravitando inteira, em torno das manobras da astucia e da força pela conquista e pela conservação do poder, e pela obtenção de empregos, de vantagens e de proveitos pessoaes, ou pelo menos, em casos, aliás, muito raros, pela satisfação de paixões, de caprichos e de vaidades, darão ás almas justas e aos corações altruistas que ainda existem neste paiz a idéa e a medida do valor desta obra politica, partindo de um moço cheio de ambições legitimadas por uma longa carreira politica, e que assim renunciava, em sacrificio a deveres de moral publica, o direito de continuar a servir o seu paiz na orbita da actividade em que sempre trabalhara.

A suprema conclusão

Toda esta carreira se manifestou *na modestia que me impunha a minha subordinação, como politico ainda moço, á direcção e á orientação de outros* — e que só agora rompi nesta phase avançada da minha vida publica para assumir individualmente e á custa de sacrificios de toda a especie, na saude e nos interesses, meus e de minha familia, a responsabilidade de dizer á minha Patria, *sem nenhum acto de força exterior*, impossivel na debilidade das minhas forças, *e sem o menor artificio ou laivo de suggestão*, incompativel com a expontaneidade ingenita de meus moveis (sem opprimir e sem falar á emotividade, á paixão, ao sentimentalismo e impulsividade de meus patricios, enunciando pelo contrario, a linguagem simples, nua, calma e serena do sentimento, da observação e do raciocinio), que toda a vida, a sorte e os destinos da nossa nacionalidade estão irremediavelmente compromettidos por vicios e defeitos de regimens e instituições alheios á sua natureza, e em estado completo de dissolução neste momento, perante os riscos e ameaças que cercam o paiz. — toda essa carreira, vinha dizendo, foi assignalada na imprensa e nas posições que exerci na União e no Estado, por actos e palavras de advertencia de toda a especie de descalabros, e de ruinas em que se encontra o Brasil, desde a ignorancia de seu povo e da fraqueza da sua saude, até a destruição das bases da economia nacional, da delapidação das suas rendas a sua completa indefensabilidade material.

A visão falsa dos nossos problemas

A faina açodada por acudir com remendos e concertos de fachada a que se estão entregando os que, a todo o transe, querem impôr ao paiz a supremacia de suas pessôas — coauctores, todos, na perpetuação e no desenvolvimento dos crimes politicos que nos trouxeram a esta anarchia, a esta ruina, a esta miseria, á debilidade mental de uma vida superior de opinião irreflectida e sem consciencia dos factos, dominada toda por formulas e phrases de um eruditismo de *idiots savants* e por sentimentos de exhibição e de parada, ao analphabetismo, nas classes inferiores, — faina já corrompida em todos os seus actos pela infecção dos vicios que caracterizam as instituições vigentes e as machinas em que ellas se caracterizarem, é um verdadeiro sarcasmo á profundeza e extensão da molestia do paiz e o mais injusto e infame ludibrio ás suas justas aspirações... Havendo cumprido, *em tempo* o meu dever, não sacrifiquei em minha carreira politica, os interesses da minha terra, á ambição pessoal de conquistar socios, na exploração da causa publica, ou advogados para a sustentação de meus actos. *Ninguem conhece hoje a verdade sobre a historia politica e administrativa do Brasil, sem critica e sem julgamento*, na imprensa e nos orgãos do poder publico, onde imperam exclusivamente o sophisma, a mentira e a declamação, — não existindo mais em nosso meio nem confrades, em campanha por idéas, nem publicistas em missão moral de justiça, *que estudem e discutam a vida publica*, senão unicamente consocios na exploração do Thesouro e da riqueza nacional e advogados interessados na lucta pelo ganho e pela conservação de posições e de favores, a fazer o estardalhaço e a confusão da publicidade...

Isolamento — castigo dos que falam verdade

Sou um homem isolado na vida publica. Eis o que explica a necessidade em que me vejo de reivindicar, pessoalmente, justiça para meus actos, nesta rapida resenha, onde mal encontra espaço o debuchio de uma carreira que atravessou — modestamente, mas sem um minuto de distracção e sem a mais ligeira transacção com os interesses occasionaes e com as crises eventuaes que alimentam toda a actividade publica entre nós — os ultimos annos da Monarchia e a vida inteira da Republica...

Se não me trahir a saúde e não me faltarem de todo os meios de publicidade, cada vez mais escassos nesta terra de faustosas liberdades theoricas para toda a palavra livre e desinteressada, o meu depoimento de testemunha e de parte activa na historia deste periodo virá completo a publico nas paginas de um livro que entra no meu programma de trabalhos e que terá por titulo *Uma vida publica*."

ALBERTO TORRES

BIBLIOGRAPHIA

FREI VICENTE DO SALVADOR — Historia do Brasil — Ed. Waisflog Irmãos — S. Paulo — 1918.

Prestou o sr. Capistrano de Abreu mais um bom serviço ás letras nacionaes, revendo e fazendo publicar-se em edição definitiva a Historia do Brasil de Fr. Vicente do Salvador. Desde que Warnhagen alludira á obra do frade bahiano, por elle folheada na Torre do Tombo, em Lisboa, eram constantes em quasi todos os historiadores patricios citações e referencias ao livro do primeiro brasileiro que escreveu sobre cousas brasileiras. Mas os estudiosos da historia do Brasil ou os simples curiosos da sua bibliographia não tinham até agora opportunidade de manusear tambem o curioso livro daquelle capuchinho que, já em 1620 estudava o observava factos o aspectos da nossa terra, julgando-os dignos do estudo aturado o do afanoso trabalho que lhe deu o escrever a sua Historia do Brasil. Era um codice difficil de deparar e esquecido nos archivos de onde agora o foi exhumar a paciente solicitude do sr. C. de Abreu.

Revendo a obra cuidadosamente, tornando-a mais uniforme o clara na sua orthographia, pontuação e subdivisão dos livros em capitulos, tornou-a o illustre historiographo contemporaneo um volume de excellente consulta e valiosa documentação para a historia do Brasil e que ha de figurar em todas as estantes eruditas, ao lado das que de maior valor têm apparecido até hoje, versando a mesma casta do assumptos.

Sobre o valor e feitio da Historia de Frei Vicente, cabe transcrever aqui um trecho da notavel prefacção de que o sr. Capistrano de Abreu fez preceder a obra revista: "O primeiro livro descreve a terra qual a defrontaram os descobridores, o segundo abarca por ordem geographica o periodo dos donatarios; o terceiro termina com a perda da independencia do Portugal; o quarto começa com os soccorros prestados pelos hespanhoes logo depois de Philippe Segundo ter reunido as duas corôas, e termina no governo de D. Diogo de Menezes, em que se preparou a grande avançada para o Norte;

com este avanço realizado sob Gaspar de Souza começa o quinto, que por não estar completo ficou quasi todo limitado á guerra hollandeza, que sobrevelu."

Ainda da autoria do sr. C. de Abreu são as noticias explicativas que precedem cada um desses Livros e que, pela erudição e proficiencia com que foram elaborados concorrem grandemente para melhor entendimento do contexto.

O volume, que contem mais de 600 paginas e é ornado de optimas gravuras e mappas, foi caprichosamente impresso e acabado, offerecendo muito agradavel aspecto.

SILVA DIAS — Halos Singulares — (Ensaios de Critica) Ed. Martins de Araujo — Rio — 1918.

Neste seu opusculo o sr. Silva Dias estuda as personalidades e as obras de varios autores, mormente os hispanos-americanos, revelando profunda leitura, aturado gosto e pronunciado pendor para a critica literaria. Pena é que o seu estylo, ao invez da clareza que o genero principalmente requer, se resinta de obscuridades frequentes, como a que se mostra no trecho que segue:

"Será que o grande se não sinta verdadeiramente grande ? Consequencia: os que vivem nas planicie das letras, das sciencias e das artes, os mediocres, falsamente, cresceram . . . E' bem um phenomeno admiravel que se funde e se elucida num simples estudo de perspectiva nos dominios da topographia espiritual, si porventura ella assim existir possa . . ."

A. MONTEIRO DE SOUZA — A União e o Ensino Primario — Typ. da Imprensa publica — Manaus — 1918.

O dr. Monteiro de Souza reune neste fasciculo, em continuação a outro já publicado sob o titulo de **Educação Nacional,** uma serie de discursos que pronunciou no Congresso, defendendo e justificando o seu projecto de creação da Repartição Geral do Ensino Publico e Educação Nacional. Grande competencia e conhecimento se revelam nestes trabalhos, em todos os assumptos referentes á disseminação do ensino primario no Brasil, a respeito do qual o autor preconisa a interferencia directa dos poderes publicos federaes.

LEOPOLDO DE FREITAS — O Escriptor Affonso Arinos — Esboço bibliographico e Literario — S. Paulo — 1918.

A personalidade de Affonso Arinos, o autor de impereciveis paginas inspiradas nas tradições e aspectos sertanejos do Brasil, suggeriu ao sr. Leopoldo de Freitas um elegante trabalho, em que o

autor pantenteia a sua sympathia e a exacta comprehenção da indole revelada pelo autor de "Pelo Sertão".

ADELARDO SOARES CAIUBY — Projectos do Stadium Paulista e da Leprosaria Modelo — Typ. Riedel & Cia. — S. Paulo. 1918.

Nos dois folhetos em quo o engenheiro dr. Adelardo Soares Caiuby reproduziu os projectos que executou para duas importantes construcções a serem realisadas em S. Paulo, resaltam as elevadas qualidades technicas e competencia profissional do autor. Das plantas, levantamentos, descripções e orçamentos constantes destes dois trabalhos se deprehendem o muito gosto e a intelligencia com que o architecto concebe e executa as suas creações, as quaes virão concorrer grandemente para a obra do reerguimento do gosto architectual brasileiro. Os dois primorosos folhetos, o segundo dos quaes vem prefaciado pelo illustro dr. Arthur Neiva e acompanhado do parecer da Commissão, encarregada de estudar a Prophylaxia da lepra no Brasil, composta dos profs. Juliano Moreira e Fernando Terra, foram impeccavelmente executados, constituindo primorosos especimens graphicos que muito recommendam o estabelecimento dos srs. Riedel & Cia.

J

RESENHA DO MEZ

SIGNIFICAÇÃO HISTORICA DO MAXIMALISMO

O eminente sociologo argentino, Dr. José Ingenieros, pronunciou, sobre este thema, notavel conferencia, que muita luz derrama sobre a corrente de idéas, nascida na Russia e a derramar-se victoriosamente sobre o mundo europeu.

Abre o estudo mostrando a palingenesia social que ha meio seculo se denunciava na Europa por mil maneiras. Para contrastal-a, impedindo o surto dos novos direitos, o situacionismo ergue como baluarte o Militarismo, e como antidoto a Superstição — heranças da era feudal. Mas sobrevem a pugna. E' o suicidio do feudalismo. A victoria militar deixou de ser a finalidade da guerra. A questão era outra. "Os azes da guerra, Allemanha e Inglaterra, apoiados vergonhosamente pela Austria dos Habsburgos e pela Russia dos Romanoff. Se a França não entrasse em lucta, nenhuma consciencia democratica vacillaria um minuto em desejar o exterminio dos quatro imperios combatentes, Allemanha, Inglaterra, Austria e Russia".

Mas ouçamol-o, a começar da parte em que aborda a revolução russa.

A REVOLUÇÃO RUSSA

Força é reconhecer que o primeiro governo da Russia livre se caracterisou por certa inercia revolucionaria. Pretendia continuar a receber o apoio de governos alliados que não tinham o seu mesmo conceito doutrinario da finalidade do conflicto; o presidente Wilson, seja dito em seu louvor, foi o unico que se fez solidario com elle, affirmando que, além de seus fins militares, a guerra devia ter nado o proprio czar, e contribuicas.

Na Russia tudo era inseguro. O grupo militarista, que havia enganado o proprio czar, e contribuindo para accender a mecha da guerra, conservava sua liberdade de acção e manejava milhões; seu influxo era sufficiente para intentar a restauração do regimen cahido, e procurava descaradamente a cumplicidade dos governos alliados para afogar em seu berço a democracia nascente.

Kerensky começou a compromettter a revolução com suas vacillações; esqueceu que em certos momentos criticos todo aquelle que contemporisa serve a causa do seus inimigos e não a propria; receou empregar os meios energicos que as circumstancias impunham, assumindo com inteireza as responsabilidades da grande hora historica. Está derrubado o despotismo emquanto vivem os despotas, e seus partidarios conspiram para os restaurar?

Não condemnamos por isso a Kerensky; foi util para a revolução no primeiro momento, mas teria sido funesta a sua permanencia no governo. Não esquecemos que vacillações analogas tinha mostrado com a sua dynastia a Revolução Franceza; e então, como agora, foi necessario que ella se desligasse de seus elementos indecisos, para que o antigo regimen fosse mortalmente ferido na pessoa de seus symbolicos representantes.

O arranque decisivo occorreu, na Russia em principios de 1918. A facção radical dos partidos revolucionarios comprehendeu que era perigoso seguir caminhos obliquos;

desalojou do governo o partido que já estorvava, sacrificou a vã illusão de combater contra os exercitos teutonicos e se cingiu a reorganisar democraticamente as diversas populações avassaiadas pelo czarismo.

Wilson e Kerensky tinham dado á democracia um programma "minimalista" mais parecido com uma concessão que com um reclamo; Lenin e Trotzky acreditaram que a opportunidade impunha formular suas aspirações maximas, o que fez dar-se ao movimento o nome de "maximalismo".

A, attitude que diante delle assumiram os governos belligerantes, foi logica. Os alliados se inclinaram a encaral-o como uma pura e simples defecção militar; os germanos, militarmente beneficiados pelo successo, viram-no com discutivel agrado, suspeitando que o espirito revolucionario poderia contagiar-se a suas proprias populações.

Desde esse momento, dia a dia, as agencias telegraphicas começaram a injuriar a revolução que tinha destruido o despotismo dos czares e procurava difficultosamente um novo estado de equilibrio, não muito facil de encontrar em poucos dias, após tão brusca sacudida. O cabo se inchava a cada hora com noticias terrorificas que os governos interessados diffundiam pelo mundo, apresentando os maximalistas como um bando de malvados e insensatos.

Falou-se do terror. Que terror? O dos czares que haviam assassinado nos carceres e na Siberia milhões de cidadãos que amavam a liberdade, ou o dos maximalistas que fuzilaram umas quantas centenas de cortezãos que conspiravam para devolvel-os á escravidão?

Tivemos em nossas mãos periodicos russos de opposição ao movimento maximalista, pois são esses os unicos que deixa circular a censura alliada; só nelles nos surprehende a liberdade com que o criticam, realmente inexplicavel se reinasse o terror mentiroso dos cabos. Ha uma verdade que é preciso affirmar, porque calal-a equivaleria a mentir: comparando a revolução russa com suas congeneres, ella se caracterisa até agora pela doçura de seu procedimento, quasi angelical diante do da gloriosa Revolução Franceza, cujos beneficios desfructamos sem recordar o muito sangue que custou.

Não pretendemos suggerir que a crise maximalista se effectuou com perucas polvilhadas, como uma tertulia de cortezãos; seria indubitavelmente exaggerado; seria todavia surprehendente que suas unicas victimas, segundo os diarios russos que levantam a grita ao ceu, tenham sido uma familia de autocratas, dez ou vinte bispos, quatro duzias de chefes militares e varios centos de burocratas, espias e cossacos, em cifras apenas apreciaveis em um imperio de tantos milhões de habitantes. São mais victimas sem duvida, do que as dessa incruenta revolução estudantina que acaba de triumphar em Cordoba; porem convenhamos que não é o mesmo desalojar uma duzia de sabios solennes e demolir uma sinistra tyrannia secular...

WILSONISMO E MAXIMALISMO

As poucas noticias que tivemos do movimento maximalista nos induziram a por de quarentena as tolices alarmistas dos cabogrammas. E na primeira opportunidade que tivemos de falar em publico — a 8 de Maio de 1918 — não vacillamos em dizer que a revolução maximalista era uma das diversas formas que tomaria o programma democratico com que Wilson havia ennobrecido a causa dos alliados.

Referindo-nos á lucta secular entre **idenes velhos e idenes novos**, chegamos a falar da guerra que assignalava "um momento critico da lucta entre um mundo moral que nasce e um mundo moral que chega ao seu "occaso".

"Considero um dever de lealdade — dissemos então — repetir que minhas sympathias na grande contenda não podem ser pelo Kaiser que toda hora fala em nome do direito divino e invoca para seus exercitos a protecção de Deus, como na Idade Media; minhas sympathias acompanham a esse presidente yankee que interveiu na guerra em nome da democracia e do direito, não para extender ao mundo o dominio de seu povo, mas para semear a todos os povos do mundo os ideaes que têm cimentado a felicidade delle proprio. Minhas sympathias não podem ser pelo governo da Austria, symbolo consagrado do obscurantissimo e do espirito feudal; não podem ser pelo governo da Turquia, que por seculos e seculos tem sido a mancha negra da civilisação européa. Nem podem ser, emfim, por esse monarcha fictício que do Vaticano tece incessantemente sua teia de aranha subtil ao serviço dos imperadores de direito divino, sem ter encontrado, todavia, a palavra de excommunhão definitiva contra todos aquelles que semeiam no mun-

do a consternação e o exterminio.

"Minhas sympathias são pela França, pela Belgica, pela Italia, pelos Estados Unidos, porque essas nacionalidades estão mais proximas dos ideaes novos e mais divorciadas dos ideaes velhos. Minhas sympathias, emfim, estão com a revolução russa, com a de Kerensky, com a de Lenine, com a de Trotzky; com elles, apesar de seus erros; com elles, ainda que suas consequencias tenham sido por um momento favoraveis á causa dos ideaes velhos; e creio que a palavra mais nobre o mais ical, pronunciada desde o principio da presente guerra, é a palavra de solidariedade com que o presidente Wilson saudou o triumpho dos revolucionarios russos, vendo em seus actos uma expressão inequivoca dos ideaes que foram a handeira da humanidade no seculo XIX e que esperam uma realisação crescente no em que vivemos".

Cremos, e dissemos, que esse não era o ponto de vista dos que encaravam a guerra como um simples problema politico ou militar; dissemos que elles não pensavam em vencer o passado e favorecer o futuro; dissemos que a outra guerra, a de principios, a de ideaes, seria independente do resultado a que se chegara nos campos de batalha; dissemos que em todas as nações, nas vencidas antes, mas depois nas vencedoras, assistiriamos ao florescimento de novos ideaes democraticos; dissemos que ou os governos concediam aos povos todas as liberdades e franquias que estes haviam pago com seu sangue, ou os povos se decidiriam a varrer os ultimos restos do imperialismo e do privilegio; criamos, emfim, e tambem o dissemos que ao terminar a guerra feudal dos governos, começará a guerra civilisadora dos povos!

Pronunciamos essas palavras nos momentos em que parecia mais formidavel a capacidade offensiva dos exercitos allemães: porém, ganhassem ou perdessem, o que viria depois seria o mesmo em toda parte "primeiro nas nações vencidas, depois tambem nas vencedoras".

Era logico pensar assim e os factos parecem justificar essa opinião. Constava-nos que uma das grandes tarefas dos revolucionarios russos tinha sido provocar movimentos analogos em toda a Europa; ainda que os imperios centraes o occultassem, tinha-se noticia de agitações graves na Allemanha, Austria, Polonia e Hungria; ainda que o calasse o caho aillado, sabia-se que factos semelhantes tinham occorrido na França, na Inglaterra e na Italia. E não se ignorava, emfim, que o movimento florescia em paizes neutros, como a Hollanda, a Succia e a Dinamarca, e que na Suissa se tinha dado nas ruas de Zurich uma verdadeira batalha de artilharia, com centenas de mortos e feridos, entre o soviet maximalista e as tropas federaes...

Não se tratava pois, de meras hypotheses, mas de informações exactas em seu conjuncto, ainda que não pudessem precisar-se em seus pormenores.

Entretanto, de 5 a 10 de Julho de 1918, se reunia em Moscou o V congresso pan-russo dos soviets e dava aos povos emancipados um Estatuto Constitucional; toda a pessoa culta que o tenha lido reconhece que elle, com toda a sua acidez de fructo primeiriço, abre um capitulo na philosophia do direito politico; imprime caracteres novos ao systema republicano federal e põe directamente em mãos do povo a soberania do estado; nacionaliza os feudos territoriaes e as grandes fontes da producção; suprime a divisão da sociedade em classes e converte em productoras as ociosas; e além disso, para synthetisar, consagra quasi todas as reformas que desde ha meio seculo constituiam a aspiração dos partidos radicaes e socialistas.

Este regimen dura desde ha um anno e a imprensa russa opposicionista não faz criticas mais graves que as usuaes contra qualquer dos governos precedentes. Quanto á Constituição, devemos encaral-a como um primeiro tactear inseguro rumo ao porvir, experiencia que não é licito julgar em conjunto sem levar em conta as condições particulares do meio social a que está destinada.

A REVOLUÇÃO ALLEMÃ

Estava neste ponto o processo revolucionario russo quando se produziu a derrubada da autocracia allemã, convencendo a seu povo que as relações entre o Kaiser e Deus eram uma de tantas forças com que os maliciosos enganam os toios. A victoria dos alliados provocou na Allemanha e na Austria a esperada revolução; ha tres semanas que a bandeira vermalha flammeja nos castellos imperiaes e que o poder passou para as mãos dos revolucionarios.

Que echo têm tido esses acontecimentos nos demais paizes europeus? Guiando-nos por uma informação parcial, a unica que até hoje temos, é visivel que no primeiro momento da crise os governos exaggeraram o caracter ma-

ximalista dos successos, olhando-os como uma consagração de sua victoria militar. Mas bem cedo as inf[illegible]mações se tornaram tranquillizadoras e querem dar a impressão de que a mudança de regimen se operou sem os caracteres explicitos de uma verdadeira revolução social.

E' verosimil que o povo allemão, mais disciplinado que o russo, tenha sido capaz de executar até agora a sua revolução com certa ordem; mas não devemos excluir que os governantes vencidos podem consentil-a como uma força necessaria para illudir o cumprimento de algumas condições reclamadas pelos vencedores. Inclina-nos a desconfiar dos revolucionarios allemães a inesperada sympathia que manifestam pelo maximalismo alguns impudicos germanophilos que até ha um mez adoravam o Kaiser e hoje sorriem de felicidade sob o barrete phrygio ...

Não nos equivoquemos. A crise revolucionaria allemã está em seu primeiro periodo, como a russa nos tempos de Kerensky; é crivel que cedo serão desalojados do poder os suspeitos e virão homens que por seus principios provados constituam uma garantia de lealdade para proprios e extranhos. Quando tal occorra, não é difficil que a agitação maximalista, definida já na Suissa, na Hollanda, na Suecia e na Dinamarca, se pronuncie abertamente na França, na Italia, na Belgica, na Polonia e na Inglaterra, se é que não tenha começado nos povos e o cal e o cabo manejado pelos governos.

Creio, firmemente, que a paz definitiva não será firmada pelos actuaes governantes; dentro de poucas semanas ou de poucos mezes, quasi todos os governos europeus terão passado a outras mãos, livres para preparar uma paz cimentada em aspirações distinctas das que mareavam os dirigentes da guerra. Aquella paz de Stockolmo que foi obstada pela vaidade dos governos, seria, provavelmente, imposta ao mundo pela cordura dos povos.

AS ASPIRAÇÕES MAXIMALISTAS

Sem muitos dons propheticos se pode prever que agora virá o que desde antes da guerra se considerava como sua consequencia: uma transformação profunda das instituições em todos os paizes europeus e nos que vivem em relações com elles. Isso, somente isso, merece o nome de Revolução Social — com maiusculas — e não as passageiras desordens e violencias que a acompanharão.

O resultado final será um bem para a humanidade, como o da precedente Revolução Franceza; porém muitos de seus episodios serão, sem duvida, desagradaveis no momento de occorrerem. As revoluções nisto se parecem com certas medicinas, ao oleo de castor, por exemplo; no acto de tomal-o produz desgosto e nauseas, mas depois faz bens muito grandes sobre o organismo, depurando-o de seus residuos inuteis e nocivos.

O momento historico actual é dos que se produzem uma vez em cada seculo, determinando uma attitude geral favoravel a toda iniciativa renovadora; **o maximalismo é a aspiração de realisar o maximo de reformas possiveis dentro de cada sociedade tendo em conta suas condições particulares.** Não pode concretisar-se em uma formula unica, sendo antes uma attitude que um programma. Não é legitimo pensar que as nações civilisadas quererão ensaiar as innovações discutidas desde ha meio seculo? Muitas dellas não se têm já experimentado nestes annos de guerra sem que ninguem pense em voltar atraz? Que melhor opportunidade para effectuar tão generosa experiencia? Longe de nos inspirar o menor receio, o maximalismo deve considerar-se como um desenvolvimento integral do minimalismo democratico enunciado por Wilson.

Conhecemos a objecção dos espiritos timidos; ha varios mezes que a ouvimos. Dizem que o maximalismo se propõe simplesmente a matar e saquear a todos os que possuem alguma cousa, em beneficio dos que não têm nada, como certos conservadores hespanhoes que, entretanto, chamam á republica **a repartidora** e a seus partidarios **canalha**, sem suspeitar que receberão seus beneficios muito antes do que crêem ...

Não cahiremos no paradoxo de affirmar que a revolução social a que assistimos tem por objecto favorecer os ricos contra os pobres ... Cremos ao contrario que as aspirações maximalistas serão mui distinctas em cada paiz, tanto em seus methodos como em seus fins. Parece-nos natural, por exemplo, que se nacionalisem os immensos latifundios da Russia, mas acreditamos que esse problema não se patenteará na Suissa ou na Belgica, onde a propriedade agraria está já muito subdividida nas mãos dos mesmos que trabalham. Explicamo-nos a liberdade das igrejas dentro dos estados quando pela sua organisação ellas não constituam um perigo social, mas cremos provavel em outros casos a nacionalisação de todas as

igrejas e seu **contrôle** uniforme pelo Estado. Achamos possivel que em povos muito civilisados os municipios sejam a cellula fundamental de federações livres, mas em villarejos atrazados e rotineiros a mudança de regimen só poderá ser estabelecida sob legitimo influxo dos mais adiantados e progressistas.

Esses exemplos muito faceis de comprehender, permittem-nos fixar este conceito geral: as aspirações maximalistas serão necessariamente distinctas em cada paiz, em cada região, em cada municipio, adaptando-se a seu ambiente physico, a suas fontes de producção, a seu nivel de cultura, e ainda á particular psychologia de seus habitantes.

Não haverá um maximalismo uniforme e universal, mas tantos programmas maximalistas quantos são os nucleos sociologicos que recebem o beneficio influxo da presente revolução social.

EXPANSÃO NA AMERICA

Que interesse têm estas reflexões para os habitantes da America? Se aqui não houve guerra — dir-se-á — não ha razão para desejar ou temer que nos alcance a revolução social que é sua consequencia.

Quem tal diz ignora a historia, carece de consciencia historica, esquece que todos os movimentos politicos e sociaes europeus têm repercutido na America, em proporção exacta desse grau de europeisação que sóe chamar-se civilisação. E' indubitavel que os indios residentes entre os Andes e as nascentes do Amazonas, não sentirão os resultados da guerra; provavelmente ignoram que existiu uma guerra européa, na improvavel supposição de que conheçam a existencia da Europa.

Mas em todos os paizes que nasceram de colonisação européa, desde o Alaska até o estreito magalhanico, o que na Europa acontece terá um echo tanto maior quanto maior for seu nivel de civilisação. Nosso destino, inilludivel, como dizia Sarmiento, é "nivelar-nos com a Europa", e a experiencia do ultimo seculo demonstra que lá não tem apparecido um invento mechanico, uma lei politica, uma doutrina philosophica, sem que tenha tido applicação ou resonancia neste continente. Emquanto na Europa se desenvolve a actual revolução social já iniciada, aqui participaremos de suas inquietações primeiro e de seus beneficios depois. Inquietações emquanto se subvertem as instituições existentes para provar outras novas; beneficios quando por simples selecção natural se enraizem os uteis e desapparecam os nocivos. A experiencia social não pede conselho aos conservadores espantadiços, nem presta ouvidos aos optimistas illudidos; em cada lugar e tempo se realisa todo o necessario e fracassa todo o impossivel. Não seria absurdo cortar as azas, antecipadamente, aos idealistas que pedem o mais? Se só conseguirão o menos, não seria em bem de todos os que anhelam um augmento de justiça na humanidade?

Os resultados beneficos desta grande crise historica dependerão, em cada povo, da intensidade com que se definam em sua consciencia collectiva as aspirações maximalistas. E essa consciencia só pode formar-se em uma parte da sociedade, nos jovens, nos innovadores, nos opprimidos, pois são elles a minoria pensante e actualmente de toda a sociedade, os unicos capazes de comprehender o amar o porvir. Exaggerarão os seus ideaes ou suas aspirações? Seguramente; não é indispensavel que as exaggerem para compensar o peso morto que representam os velhos, os rotineiros e os satisfeitos?

COMO VIRA'?

Alguns curiosos desejarão, sem duvida, saber de que maneira se desenvolverá esta revolução social em que todos somos actores e testemunhas. A resposta, naturalmente hypothetica, obriga a precisar o termo basico da pergunta. Uma revolução social é um largo processo historico, composto de preparativos, resistencias, crises, reacções, depois das quaes se chega a um estado de equilibrio distincto do precedente.

A revolução a que assistimos começou ha muitos annos; a guerra a fez entrar no periodo critico; seguir-se-ão muitos impulsos e restaurações: de tudo isso, dentro de um ou vinte annos, segundo os paizes, resultará um novo regimen democratico que oscillará entre os ideaes minimalistas enunciados por Wilson e os ideaes maximalistas formulados pelos revolucionarios russos.

Se os homens fossem illustrados e razoaveis, seria muito bonito que se puzessem de accordo para navegar juntos em favor da corrente, com boa vontade e coração optimistas, decididos a ir tão longe quanto se pudesse, em bem de todos. Essa hypothese, com ser

tão agradavel, parece-nos a mais absurda.

Não o é tanto pensar que alguns governos intelligentes, entre os muitos que se revezarão com frequencia em cada paiz, poderão dar salutares golpes de timon e metter prôa rumo do porto feliz das aspirações legitimas, pensando mais em construir o futuro que em defender o passado.

Onde tal não aconteça, a transformação se fará irregularmente, por commoções, como producto de choques, com violencias inevitaveis e repressões cruels; os excessos dos revolucionarios e dos restauradores determinarão uma resultante final, que realisará, approximadamente, o maximo possivel das aspirações que tenha cada povo ao começar a phase critica de seu ciclo revolucionario.

Que fazer, pois, ante as aspirações maximalistas? Depende. Os que tenham anhelos de mais justiça, para si ou para seus filhos, podem saúdal-os com sympathia; os que não crêem que podem beneficial-os, devem recebel-as sem medo. Isso é essencial: serem optimister e não temer o inevitavel. Quando chega, na medida que deva chegar, so causará damnos graves aos que pretenderem torcer o curso da historia e aos espantadiços; a rotina fará victimas, porque é causa de medo, e o medo tem engendrado os maiores males de que tem memoria a humanidade.

O desenvolvimento desta revolução não incommodará a quem a espere como a cousa mais natural, antecipando-se-lhe preparando-a, como atilados navegantes que ajustam as velas ao rithmo do vento, recordando as palavras de Maximo Gorky:

"Só são homens os que se atrevem a encarar de frente o Sol .."

Novembro de 1918.

A REACÇÃO DA CULTURA

"A cruzada anti-poetica é um facto". — Constatou-o Amadeu Amaral. E é, tristemente, a caracteristica do rastejar em que vivemos, na sociedade, na politica, na arte... Porque — não se contesta — rastejamos. Só o movimento nacionalista, allás não já ensaio, mas definida e incoercivel corrente de ideas e aspirações, assignala o inicio de uma reacção de cultura, que afinal vencerá. Afóra elle, attentemos em nós mesmos. O aventureiro, na sociedade; na politica, o chefão; o revisteiro, no theatro; no parlamento... o necrologista; no jornalismo, o reporter — eis os nossos typos, a cuja bitola excepções raras escapam.

Não se produz, falsifica-se. Não se negocéia, explora-se. Não se legisla, decreta-se. Não se fala nem se discute, vota-se. Não se commenta, informa-se.

E' que a mania yankee, individualisando ao extremo a aldeia, o campanario, sobre os destroços da Nação, oppoz á palavra o facto, á idéia a inconsciencia, á causa o effeito e nos achatou de vez. **Res, non verba...** é a phrase do dia. A nação instituto de surdos-mudos — o ideal que ha cincoenta annos nos prégam.

Rulu, assim, tudo o que levemente cheirasse a intellectualismo. Chrismada de verborréa, calou-se a palavra, vehiculo unico do pensamento. O Brasil não teve uma idéia. Teve factos. O maior livro da epocha nasceu de um facto — e que facto! — a campanha de Canudos... Impera a realidade... Tresandamos á materialidade...

* * *

Essa, a psychologia de uma epocha que ainda é a nossa. Somos assim na sociedade e na politica. Nunca Taine houve tanta razão: — somol-o tambem na arte. Naquellas, os **praticos**, os **não preparados**; nesta, os **antipoeticos**...

Desapparece da scena a aristocracia do talento. Porque permanecerá nella a nobreza da poesia, a aristocracia do verso?... Fóra!

Entretanto, as razões allegadas pelos que, conscientemente, activam a obra dos tempos?

Duas, talvez: — a inferioridade do genero; o numero illimitado dos poetas...

Inferior, porque primitivo, é o verso. O homem nasceu o cantou,

entoou o estribilho, rimou. A rima é o estygma... Todavia, o homem nasceu e philosophou. Considerou o que via, imaginou o que não via e a seu modo explicou o mundo e methodizou a vida. No emtanto, não estigmas, porém, galardões, são o raciocinio e o methodo...

Ora, cotegem-se philosophia priméva, religião do medo e poesia primitiva, "tantan" africano... Tão inferior e antiga uma como outra, por pensarmos e philosopharmos hoje, nem por isso deixemos de poetar.

Ademais, quando se é de S. Paulo, não se comprehende a segunda razão apontada.

Desde os tempos coloniaes somos raça, sub-raça, familia, ou o quer que seja, positivamente definida entre as gentes brasileiras. **Res, non verba** — foi a divisa do bandeirante, que tanto fez o nada escreveu nem cantou. Quaes os nossos innumeros poetas? Claudio Manoel, de ascendencia paulistana, é mineiro. Alvares de Azevedo, si nasceu em S. Paulo, provem de fluminenses. Restam-nos dois: — José Bonifacio, Paulo Eiró... Ao todo, quatro vates duvidosos constituem o nosso cabedal poetico: — este, que desconhecemos; aquelle, que esquecemos e perdemos; um, que o acaso nos deu; outro, que o mesmo acaso nos subtrahiu.

Decididamente, é pouco. E a verdade é que, si nossa cultura é real, poucas provas tem dado de si, fóra da esphera material. Nossos poetas são raros. Rarissimos, os escriptores. Outróra, dois chronistas — Frei Gaspar e Pedro Taques. Depois... Alexandre de Gusmão, aportuguezado, os Andradas, talvez.

Em nós, de feito, predomina esse genio da acção ora apregoado como novo. Si ao Brasil elle se recommenda, a S. Paulo impõe-se a reacção culta. Havemos de estudar, pensar e falar, si quizermos valer-nos. Ora, o amor á poesia é um começo de illustração, um anceio para a cultura, uma revolta contra a chateza do ambiente. Quem lê ou quem escreve versos sabe lêr e, pelo menos, quer pensar e quer falar. A humanidade começou pela poesia: — comece por ella o individuo.

Si ha uma cruzada a emprehender-se, emprehendamos antes a outra: — "Verba, verba, non res..." para que, com verdade, se diga — "Non ducor, duco ! ...

(**BRENNO FERRAZ**. Da "Cigarra". S. Paulo)

CYRANO DE BERGERAC

Até 28 de dezembro de 1897— a estrepitosa noite da Porte Saint-Martin, universalizada em ovações infindaveis — Cyrano de Bergerac apenas conhecera, mumificado literariamente, a notoriedade sepulchral dos versos de Boileau.

Do esquecimento funebre, porém, nessa longinqua noite de 28 de dezembro de 1897, resurgiu o intrepido Cyrano de Bergerac, para não mais tornar ao sepulchro. A poeira sobredourada pelo borbotear da comedia heroica de Rostand, erguia-se, animava-se, diffundindo outra vitalidade, outra luz, outro encanto, no theatro e na historia.

Porque a reconstituição historica do semblante e do caracter de Cyrano é um milagre até hoje pouco celebrado pelos adoradores de Rostand, mas decerto irrivalizavel na moderna poesia theatral, se os dramas psychologicamente verdadeiros e scenographicamente poderosos de Schiller, como **Guilherme Tell, Maria Stuart** e **Wallenstein**, forem exceptuados. Desde o seu promontorio nasal até ao seu odio contra o volumoso e fastidioso actor Monfleury, todos os pormenores da mascara e todos os episodios da acção reproduzem a verdade biographica, de modo tal que, entre a biographia e a comedia, uma similitude harmoniosa prepondera, coordenando os gestos e

victorioso, na cavalgata de sombras para a Morte; e a perseverança inquebrantavel do lidador até ao fim, assediado pelos inimigos estupidos que, se o vulneram, não o derrubam: **je me bats, je me bats, je me bats...**

D. Quixote desimbrava assim o materialismo dos vassallos de Sancho Pança, na ilha de Barataria onde regamos as nossas couves. Mas a divina seducção foi a que envolveu e enfeitiçou o artista-evocador de **Cyrano,** alli por diante acorrentado á flamma dessa literatura entre bellicosa e sentimental, profundamente gauleza: tres annos depois, o mesmo pennacho estremece com a lenda napoleonica, no theatro Sarah Bernhardt, sobre as miragens que perturbam **L'aiglon,** a sua melancolia e a sua impotencia, desde a leitura de Lamartine á planicie de Wagram, onde os mortos se queixam e as Victorias galopam; treze annos depois, refulge a crista de **Chantecler** no mesmo valor emplumachado, e o canto matinal do gallo de França, despertando o sol, tem a arrogancia e a estridencia das mesmas fanfarronadas immortaes:

Je recule,
Ebloui de me voir moi-même tout [vermeil,
E d'avoir, moi, le coq, fait lever [le soleil!

Assim a França recuou, mas para o Marne, vibrante de luz e coragem. Edmond Rostand não morreu sem ter visto essa manhã illusoria do sonho gaulez convertida em realidade flammante. Purpureado mais uma vez de sangue e de gloria, **Chantecler** faz levantar-se outro sol, aquecendo o espaço que elle sonorisa com a energia do seu canto, avermelhando a terra que elle revolve com o orgulho dos seus esporões; mais uma vez, a França retoma o pennacho de Cyrano — emblema do cavalheirismo, da temeridade, do sacrificio — e vence na historia como nenhum povo lograra ainda vencer. Das terras de Gasconha, por maravilhosa coincidencia, é que lhe renasce o antigo genio marcial, para investir, subjugar as avalanches barbaras. E a segunda edição do Marne actualiza invictamente o feito da Porta de Nesle — um homem contra cem. — **(Celso Vieira — O Paiz, Rio, 6-12-18).**

O ARSENICO E A HYGIENE DA MESA

Não podemos absolutamente viver sem o auxilio do arsenico. Faz elle parte integrante capital dos nucleos das cellulas organicas; é elle que protege os nossos tecidos; é elle que promove activamente a formação dos globulos vermelhos e dos globulos brancos do nosso sangue; é elle que faz do nosso sangue um meio bactericida, altamente improprio para permittir a proliferação dos microbios pathogenicos. Mesmo fóra dos dominios do genio epidemico precisamos manter o nosso sangue em condições de resistir efficazmente ás invasões microbianas. No estado normal o arsenico é a potente couraça, que põe o nosso organismo ao abrigo de todos os ataques de surpresa.

O illustre professor Widal, de Pariz, observou e demonstrou, no caso de uma moça chlorotica, que o numero dos globulos vermelhos elevava-se, em algumas horas, de 1.178.000 a 2.821.000 depois da injecção hypodermica de cacodylato de soda. E o professor Besredka observou o mesmo augmento para os globulos brancos.

O eminente professor de chimica organica de Pariz, o dr. Armand Gautier, retirou do corpo thyroide normal nucleinas arsenicaes. Já, alguns annos antes, outros chimicos notaveis haviam demonstrado a grande riqueza do figado normal em arsenico.

E, a proposito, e para bem frisar a materia será convenien-

as rimas, os sentimentos e as metaphoras, a natureza e a arte. Se a idealização genesica de William Shakespeare, instruido por algumas paginas do amavel e edificante Plutarcho, deu á literatura um Julio Cesar **como devia ser**, na vida interior e exterior, o meticuloso trabalho de Rostand esculpiu um Cyrano **como era**, identico a si mesmo, reapparecendo no palco da Porta Saint Martin para se reeditar humanamente, desferir golpes e versos irresistiveis, sob o longo pennacho. Dirlamos que até a scintillante contribuição imaginativa, dando um prestigio de amor secreto a esse D. Quixote de Perigord, lhe resalta da propria turbulencia e da propria mocidade electrizada em faulhas e tropos lyricos. Mas nadá é tão admiravel, por isso mesmo, quanto a espontaneidade, a viveza, o frescor, o perfume de seiva, o impeto de nascente, o lampejo de aurora, que a poesia irmanada ao real conserva e propaga. Só o genio francez, emmoldurando na sua medida impeccavel toda a sua magia, renova semelhantes prodigios.

O mundo intellectual, por essas alturas de 1897, andava positivamente enfarado, no romance e no theatro, daquelle naturalismo suspeito que, desnaturandose, quasi em rabelaislanismo tanto abusava do mediocre, do vicioso, do torpe. No scenario da Porta Saint-Martin fulgurou, então, com o **Cyrano de Bergerac**, uma estrella bem conhecida e bem festejada, a velha estrella romantica de 1830, que annunciara Hugo e as suas pompas. Meio seculo de nuvens e chacotas, pesando sobre o romantismo, não lhe havia desnorteado o curso ethereo. E adorámos o idolo renascido em todas as linguas occidentaes.

Nem o proprio Victor Hugo triumphara com essa magestade e esse apparato, soprando alexandrinos tempestuosos na sua caverna eolia. Esquadrinhando um parallelo, a critica franceza remontava ao **Figaro**, de Beaumarchais, e o jovial **Figaro** empallidecia, ao defrontar **Cyrano**. Por certo, nas Gallias e fóra dellas, produzira esplendidamente o genio humano, antes da comedia heroica de Rostand, obras literarias tão perfeitas e graciosas, pelo menos, quanto as balladas do cadete de Gasconha, mas nunca se estabelecera, em torno de obra literaria, igual corrente magnetica, generalisando o enthusiasmo e a admiração. Os traductores enxameavam, mesmo na lingua portugueza, em que nos nfanamos da traducção de Carlos Porto Carreiro, e era commovedor o esforço de todos elles para trasladar o signal graphico e roseo, com que o beijo de Christiano e Roxane se imprime no verso famoso:

Un point rose qu'on met sur l'i
[du verbe aimer

O idéal que talhavamos sobre os figurinos de Paris, ha vinte annos, era pessoalmente Bergerac, sem o nariz atravancador. Era o typo moral da sua independencia, da sua altivez, da sua dedicação — um gesto que atira a bolsa ao mercantilismo e desdenha as horas de fome; a replica ponteaguda, corruscante, subtil, confundindo os imbecis da linhagem de Valvert; o amor-sacrificio, o amor-castidade, o amor-lyrio do valle, a florir entre plumas de mosquetelros e durindanas de trancarruas; na guerra ou na paz, de sol a sol, o braço forte, a espada prompta, o golpe certo; um desafio sonoro a toda uma platéa resmoneadora de preconceitos, simulações, miserias d'alma, que applaudem o tartufismo e consagram a nullidade; o encolher de hombros nunca vergados ao sobrecenho dos poderosos, o desfranzir de labios sardonicos á propria carranca de Jupiter, o ondear do pennacho sem macula.

te lembrar um episodio historico, que põe em plena luz a grande importancia e o alcance social das modernas acquisições da chimica organica.

Não vão ainda muito longe os tempos em que a nossa sciencia chimica não conhecia como fazendo parte integrante dos nossos tecidos senão quatorze elementos e nesse numero não figurava o arsenico. Por outro lado, nesses tristes tempos, era muito frequente o emprego do arsenico como o agente mais seguro para a perpetração de envenenamentos homicidas. Até hoje perdura na imaginação das populações do sul da Europa o quadro de terror, que causava o veneno dos Borgias, bem como a famosa "acqua Toffana": era simplesmente o acido arsenioso, que constituia a base desses toxicos.

Era natural a intensa preoccupação dos chimicos procurando processos de analyse rapidos e seguros, de modo a não deixar passar impunes os crimes de envenenamento pelo arsenico. Com razão foi saudada como uma descoberta sensacional a do apparelho de Marsh, que permitte revelar nas visceras do assassinado quantidades infinitesimaes de arsenico. Foi precisamente nesse momento que se deu o celebre processo de madame Laffarge, processo para sempre memoravel em que uma virtuosa senhora era accusada de ter assassinado o seu marido empregando para isso o arsenico. Era então professor de medicina legal, em Pariz, e medico legista official, o grande Orfila. Graças á sua eloquencia, graças sobretudo á admiravel perfeição do novo apparelho, foi-lhe facil demonstrar, em pleno tribunal o á vista dos jurados consternados, com um pedaço do figado, a presença palpavel do arsenico criminoso. Debalde a infeliz accusada, em desespero, banhada em lagrimas, protestava a sua innocencia. Nada valeu contra a immisericordiosa accusação da sciencia incipiente. Madame Laffarge foi condemnada á morte e executada em Pariz!... Poucos annos depois, a sciencia chimica adulta descobria que no estado plenamente normal, em todos os figados, existe o arsenico nas proporções que o apparelho de Marsh revelara... e que, portanto, um monstruoso assassinato juridico havia sido commettido!... A culpa não foi dos juizes, foi principalmente de Orfila, que personificava uma sciencia incompleta. E' sempre assim. E' sempre a nossa ignorancia que está por detrás de todos os actos precipitados da nossa conducta!

Que a barbara condemnação sirva ao menos de aviso aos meus leitores para não esquecerem que no estado normal temos e precisamos ter no nosso organismo, mais especialmente no nosso figado e na nossa glandula thyroide, a proporção de arsenico indispensavel para o bom funccionamento de todos os nossos orgams.

Já indiquei que o arsenico normalmente existente no nosso organismo é o que introduzimos todos os dias nas nossas refeições com o sal grosso, não refinado, de cozinha. E' como impureza do sal que o recebemos, do mesmo modo que em identico caracter recebemos o iodo e o magnesio. As nossas donas de casa não devem, portanto, consentir que em suas cozinhas figure outro sal a não ser o sal grosso, ligeiramente esverdeado, "não refinado"; é apenas toleravel na mesa a presença do sal refinado como supplemento mais elegante. Tudo é relativo. A "impureza" é de rigor na hygiene da mesa. Os quo fizerem uso ininterrupto do sal puro tanto na cozinha como na mesa arriscam-se a ter um sangue impuro. O can-

cro, o implacavel cancro especialmente é a ameaça permanente da velhice. E' o arsenico que faz o esplendor da mocidade; é elle que rejuvenesce os velhos alongando-lhes indefluidamente os dias. Couraçar a velhice contra os perigos do cancro deve ser a preoccupação constante do hygienista. A chimica organica nos informa que a velhice se caracterisa pela invasão avassalladora dos saes calcareos. E' a cal que suffoca as mais nobres funcções vitaes. Para neutralisar ou contrabalançar a fatal invasão só podemos pôr em jogo a actividade do nosso apparelho glandular, das glandulas de secreção interna especialmente como a thyroide. Ora, essas glandulas não podem funccionar activamente se não tiverem á sua disposição a quantidade sufficiente de arsenico. As differentes funcções do organismo taes como a digestão, a circulação, a respiração o a nutrição attingem o seu mais alto grau de perfeição quando estimuladas pela espóra do arsenico. Reflorescem na velhice a hematose e a assimilação, quando cuidadosamente entretida por doses infinitesimaes, mas constantes, de arsenico sob qualquer forma.

E' sabido que de tempos immemoriaes toda a população do Tyrol faz uso constante do arsenico. Pretendem os habitantes que sem o arsenico não poderiam aguentar as repetidas subidas e descidas diarias das altas montanhas do paiz e o que é facto é que toda essa vigorosa gente parece não conhecer o que seja a fadiga muscular. Incontestavelmente o uso prolongado do arsenico traz um accrescimo de força e de resistencia ao cansaço.

Sabemos mais que os negociantes de animaes, para melhor impingir aos incautos os cavallos velhos arrebentados, submettem-nos durante algum tempo a um tratamento arsenical intensivo.

Graças ao energico poder reconstituinte do arsenico os animaes não tardam em apresentar todas as apparencias da juventude, relinchar alegre, calor, vivacidade, abundante saliva espumante ao morder o boccal do freio. O ingenuo comprador, que nada suspeita da artimanha, não continua naturalmente o tratamento arsenical: e dentro em breve o fogoso ginete está totalmente transformado em um cambaleante e desbriado punga. Só resta á misera victima da capadoçagem o consolo de exclamar com o poeta:

Ces superbes coursiers qu'on (voyait autrefois
Pleins d'un noble ardeur obéir á (sa voix,
L'oeil morne maintenat et la tête baissée
Semblaient se conformer á sa (triste pensée

Da pratica consummada do ardil o leitor não deixará de tirar uma util conclusão: é que o uso do arsenico não deve limitar-se a algumas semanas ou mesmo alguns mezes, mas sim, prolongar-se por todo o decurso da vida. Para este fim, ahi está em primeiro logar o importante papel das nossas cozinheiras, que podem a capricho dar-nos vida longa ou vida curta, conforme lhes aprouver empregar em seus temperos o sal refinado ou o sal grosso não refinado. Está nas mãos da cozinheira o principal segredo de uma velhice sadia. (Dr. L. P. Barretto — **O Estado do S. Paulo**, S. Paulo).

O CAFE' BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS

A proposito do principal artigo do commercio de S. Paulo, nos Estados Unidos, póde-se acentuar como é formidavel a propaganda dos seus succedaneos—

o "Postum" e o "Jaffee". Só o primeiro despende por anno em publicidade um milhão de dollars. E é uma publicidade bem feita, porquo chega quasi a ser impossivel andar meia hora em New-York, em qualquer direcção, sem acbar um cartaz do "Postum" ou um cartaz do Jaffee".

— Que gosto têm essas bebidas?

— E' uma questão que não vale a pena discutir, porque precisamente diz o rifão: "o que é do gosto regala a vida". Os bebedores de café têm a convicção de que ello é uma bebida deliciosa e quem o prova nunca mais o dispensa.

Por mim, com a profunda competencia que mo dá o facto de não entender nada do assumpto e nem ao menos beber café, eu acho o commercio deste absolutamente destituido de intelligencia.

O café é exportado para o estrangeiro em grão. No estrangeiro é que o separam, o torram e o móem ou britam (aqui se aprecia muito o café, não moido mas quebrado em pedacinhos muito pequenos).

Primeira pergunta: porque não se faz tudo isso no proprio Brasil? Si o café podesse servir no estrangeiro para qualquer outra cousa além de ser bebido, compreende-se que fosse exportado tal qual. Mas si elle devo forçosamente soffrer taes e quaes operações, que dariam mais serviço aos nossos patricios, porque não effectuar logo essas operações? Esse modo de agir teria entre outras a vantagem de economisar espaço nos navios, que o têm de transportar para o estrangeiro.

Mas ainda isso não seria o ideal. Por que não lhe extrair a essencia para exportal-a, ou liquida, ou incorporada em assucar, em comprimidos?

Eu sei que se tem tentado tudo isso, sem grande successo. E alguns apreciadores do café dizem, com os olhos com extazis, que é impossivel extrair a essencia dessa bebida divina. Tolice! Pois si se extraem as essencias das flôres mais delicadas! A verdade é que não se tem pensado nisso sériamente. A rotina tem feito a maior opposição a essas ideias.

O resultado é que o café tem inconvenientes enormes. A sua exportação exige um espaço vastissimo e inutil. Figurem um sujeito que exportasse grossos troncos de madeira — de madeira muito ruim, absolutamente imprestavel, de quo só se aproveitasse a cortiça. Esse homem se desolava, porque não havia bastantes navios para carregar-lhe os enormes troncos, — troncos de que no estrangeiro se tirava apenas a casca, pondo o resto fora. Um fazendeiro de café o interpellou:

— Por que v. não separa aqui mesmo a casca da arvore e exporta-a sem os troncos?

O interlocutor lhe respondeu:

— Aprendi o seu systema. Tambem v. vive a exportar para fora o café em grão, quando o podia torrar e moer aqui mesmo ou, melhor ainda, reduzil-o a um extracto, a uma essencia. E isso demandaria apenas para ser exportação a centesima parte do espaço. Talvez menos.

De mais, na sua luta com o chá e com os seus varios succedaneos, o café tem o gravo inconveniento das manipulações que exige. O chá se prepara elegantemente, despejando um pouco de agua fervendo sobre algumas folhas. E' uma operação de sala de vizitas, que, de facto, nellas se faz correntemente. O café se prepara com uma operação do cozinha: um pó preto sobre o qual se põe a agua a ferver e que é preciso deixar coar. A's vezes, o coamento não se faz depressa.

De todo modo, fica no fundo uma bôrra feia, negra.

Os que estão habituados não veem nada de extranho nisso. Mas os que podem achar bebidas mais simples preferem-n'as. E' por isso que todos os succedaneos do café — o "Postum", o "Jaffee" e outras — são bebidas que não precisam manipulações complicadas.

— Mas não podem ter o efeito do café!

— No fim de contas, póde-se dizer que tem... Porque o efeito do café que em geral se toma no estrangeiro é o de uma agua suja mais ou menos quente.

Todos sabem, de facto, que, em geral, por toda parte, o café é muito mal feito. Por causa mesmo da complicação do modo de preparal-o, pouquissimos o preparam bem. O resultado é uma escorrencia preta, que, si algum effeito faz, é puramente sugestivo. Qualquer outra agua suja — o "Postum", o "Jaffee" e identicos — dá mais ou menos o mesmo resultado.

— Mas ha estudos de sabios, provando os magnificos effeitos do café!

— E' verdade. Mas, quando os sabios vão fazer essas experiencias, preparam café "de verdade". E não é isso o que bebe a maior parte daquelles que supõem beber café.

— V. diz isso porque não bebe essa deliciosa cousa!

— Eu não a bebo, pelo mesmo motivo porque excluo de minhas refeições os excitantes do systema nervozo; o chá, o alcool, todos os demais. Desde, porém, que se trata de uma grande producção de meu paiz, gostaria que ella tivesse o maximo de successo. Não posso, entrotanto, achar intelligento que alguem, que pode extrair a essencia de um produto, valorisando-o, tornando-o mais facil de manipular, fazendo-o ocupar a centezima parte do espaço que hoje exige a sua exportação, só o exporte brutamente para que no estrangeiro se façam as operações que no Brazil mesmo se poderiam fazer.

E' bem claro que toda tentativa para mudar tão arraizada rotina achará a opposição — primeiro, dos que repugnam a tudo o que é novo; — segundo dos interessados no systema actual, desde os exportadores, os proprietarios de navios até as grandes casas estrangeiras, que compram o nosso café.

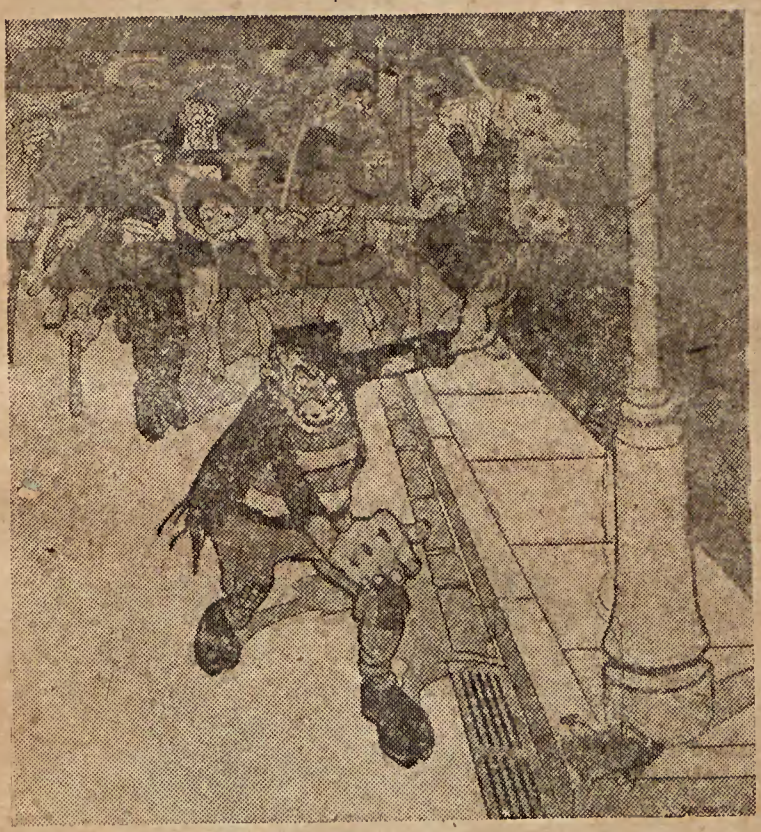
Ha dias, eu visitei a maior dellas: a casa Arbucle. E' prodigiosa. Não se póde querer maior ordem, asseio, perfeição. O café é escolhido, torrado, moido ou britado, encaixotado em pequenas caixinhas de papelão — tudo isso quazi se diria: com uma elegancia admiravel. Nesses armazens de dezenas de andares, que se estendem em Brooklyn por mais de um quilometro, tudo é de uma tal limpeza que uma senhora vestida com as roupas mais finas e mais claras poderia passear por elles sem receio de as sujar.

Mas eu me limitava, dentro de mim mesmo, a perguntar:

— Por que não se faz tudo isso no meu paiz? Pois não seria mais simples, mais intelligente?

E, ao sair, eu ia encontrando a cada passo os annuncios do "Postum" e do "Jaffee". Si o "Postum" gasta um milhão de dollars por anno, em annuncios, é de certo porque ganha pelo menos o dobro. O dobro ou muito mais... (Medeiros e Albuquerque — O **Estado de S. Paulo. S. Paulo.**

AS CARICATURAS DO MEZ



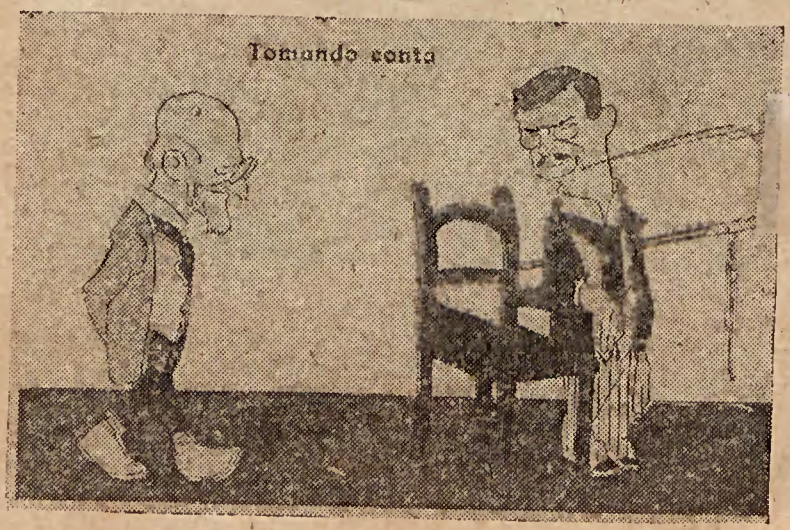
O OBJECTO MYSTERIOSO

O corajoso — Não se mexam!... Nem um passo; guardem distancia. E' uma lata de sardinhas ... e ainda tem sardinhas.

(J. Carlos — Careta — Rio).

John Bull — Eu sou assim. The right man in the right place.

(J. Carlos — **Careta** — Rio).



Delfim — Ah ! Conselheiro. Isso é mesmo um sacrificio. Que supplicio de Tantalo !

(J. Carlos — **Careta** — Rio).

O armisticio em familia.

(Romano — **D. Quixote** — Rio).

O gordo — Então, rapaz, estás magro; é por causa da hespanhola ?
O magro — Imagine que aquella diaba deixou-me a semana passada por causa de um turco . . .

(Ferrignac — **Panoplia** — S. Paulo).

INDICE GERAL DO VOLUME IX

N. 33 — 25 de Setembro de 1918

Pequenos cuidados hygienicos, Belisario Penna. . 3
O algodão e o futuro do Brasil, Mario Pinto Serva. 19
Luizinha, (comedia), Vicente de Carvalho . . . 34
Viajando, Martim Francisco 47, 149, 272, 430
Annotações ao livro "Aerides", Othoniel Motta . . 68
Poesias, Lamartine Mendes. 85
Pedro Pichorra, Monteiro Lobato 91
D. Maria de Jesus, Maria Graham. 96
Notas de Sciencia, Roquette Pinto. 99
Bibliographia 103, 217, 362, 483
Resenha do mez 113, 226, 370, 486

N. 34 — 25 de Outubro de 1918

Immigração e Indesejaveis, Brenno Muniz de Souza . 133
Ricardo Gonçalves, Heitor de Moraes. 167
Poesias de Ricardo Gonçalves. 179
O Plagio, Monteiro Lobato 194
A Sombra, Pompeu Pequeno. 201
Carlyle e a Guerra, Julio de Mesquita Filho. . . . 204

N. 35 — 25 de Novembro de 1918

A Paz, Redacção 245
Outros males, Afranio Peixoto 249
Poesias, Goffredo Telles e Ronald de Carvalho. . . . 295
O que é a Eugenia, Renato Kehl 300
Salão de 1918, Rodrigo Octavio Filho 305
Feitiço contra o feiticeiro, Alberto Faria 311
A Trança, Mario Sette 348
Cartas ineditas, do archivo de José de Alencar. . . . 348
A grippe e o seu tratamento, G. de Revoredo, R. Meira e Ed. Monteiro. 351
Lingua vernacula, Antonio Mauro 360

N. 36 — 25 de Dezembro de 1918

D. Pedro Segundo, Redacção. 387
Patria Morta?, Martim Francisco 392
Iniciação literaria, José Maria Bello. 398
Do "Cyrano de Bergerac", Ricardo Gonçalves. . . . 405
A Rifa, Léo Vaz. 409
O Clero Brasileiro, F. Badaró 414
O Imposto Unico (Couto), Monteiro Lobato 419
A America e a Guerra, Helio Lobo 447
Impressões de viagem, Porfirio Soares Netto . . . 452
Paiz de ouro e de esmeralda, José Antonio Nogueira . 460
Versos —Leziria—, Lamartine Mendes. 467
Um livro nobre, Mucio Leão 471
Ultimas palavras de uma nobre consciencia, Alberto Torres 478

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Cirurgia — Operações — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", S. Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—**Emilio Rocco** — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura. — Revistas. — Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel. — "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

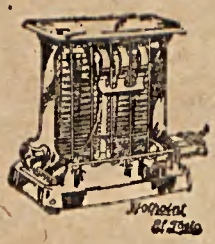
Medico Interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados do São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

CONVALESCENTES DA GRIPPE

Illmo. Sr.
Pharmaceutico
C. Fontoura.

Para bem de todos communico-lhe que só tenho tido sobejos motivos de satisfacção com o emprego, já bastante extenso, de varios seus preparados, mórmente o seu "BIOTONICO" e os seus comprimidos da GLANDULA THYROIDE. A' vista deste successo venho lembrar-lhe o alvitre de alargar o campo de suas operações pharmaceuticas, dando-nos daqui por diante preparados da therapia pluri-glandular...

S. Paulo, 6 - Agosto - 1918.

Dr.
Pereira Barreto,
Medico.

"O Biotonico Fontoura merece os meus applausos e applicação. A associação feliz do phosphoro, arsenico e ferro, nesrasthenia e RESULTADOS DA GRIPPE — encontra sua vordadeira approvação pela feliz combinação das substancias que o compõem. Nos casos de bioptose, taes como dyspepsias atonicas, anemia, neuta época de tanta decadencia organica, será usada sempre com proveito para os organismos debilitados.

BRAGANÇA.

Dr. J. H. Pereira Guimarães — Medico."

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Guaraná

IODO-KOLA
(GRANULADO)

SUPERIOR AOS IODURETOS E COALHADA

MOLESTIAS DO CORAÇÃO
MOLESTIAS DO ESTOMAGO
MOLESTIAS DO INTESTINO
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

TOSSE, ASTHMA, COQUELUCHE ETC.

SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 — End. Tel. "Anglicus"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Neweastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Proservativo de madoiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro om barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE". Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

Edições da "Revista do Brasil"

Sacy-Pêrêrê — Interessante estudo de folk-lore, em bello volume de 300 paginas, papel Buffon, e illustrado com numerosas gravuras de pagina inteira.

PREÇO — 4$000 Pelo correio — 4$500

Urupês — contos por Monteiro Lobato, terceira edição (4.° a 7.° milheiro). PREÇO — 2$000
Pelo correio — 2$300

A SAHIR:

Vida e Morte de Gonzaga de Sá — romance de Lima Barreto o laureado autor do "Triste fim de Policarpo Quaresma" e das "Memorias do escrivão Isaias Caminha".

Rindo — Os melhores trabalhos satiricos e humoristicos de Martim Francisco.

PEDIDOS A

"REVISTA DO BRASIL"
CAIXA 2 B — S. PAULO

Loteria de São Paulo

PARA 24 DE JANEIRO

50:000$000

Bilhete inteiro, 4$500 — Fracções, 900 réis

Os bilhetes estão á venda em toda a parte

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

unesp

Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

10 MAI 1989			
23 MAI 1989			
18 SET 1989			
03 NOV 1989			
22 NOV 1989			
13 OUT 1990			

20295

ANO 1918
VOL. 9
N.º 33-36
CLASSIF. OR050

DEVOLUÇÃO	
10/5/89	
23.5.89	
28.09.89	
3/11/89	
22-11-89	
05 MAI 1990	
13.10.90	
09.09.91	
30/9	

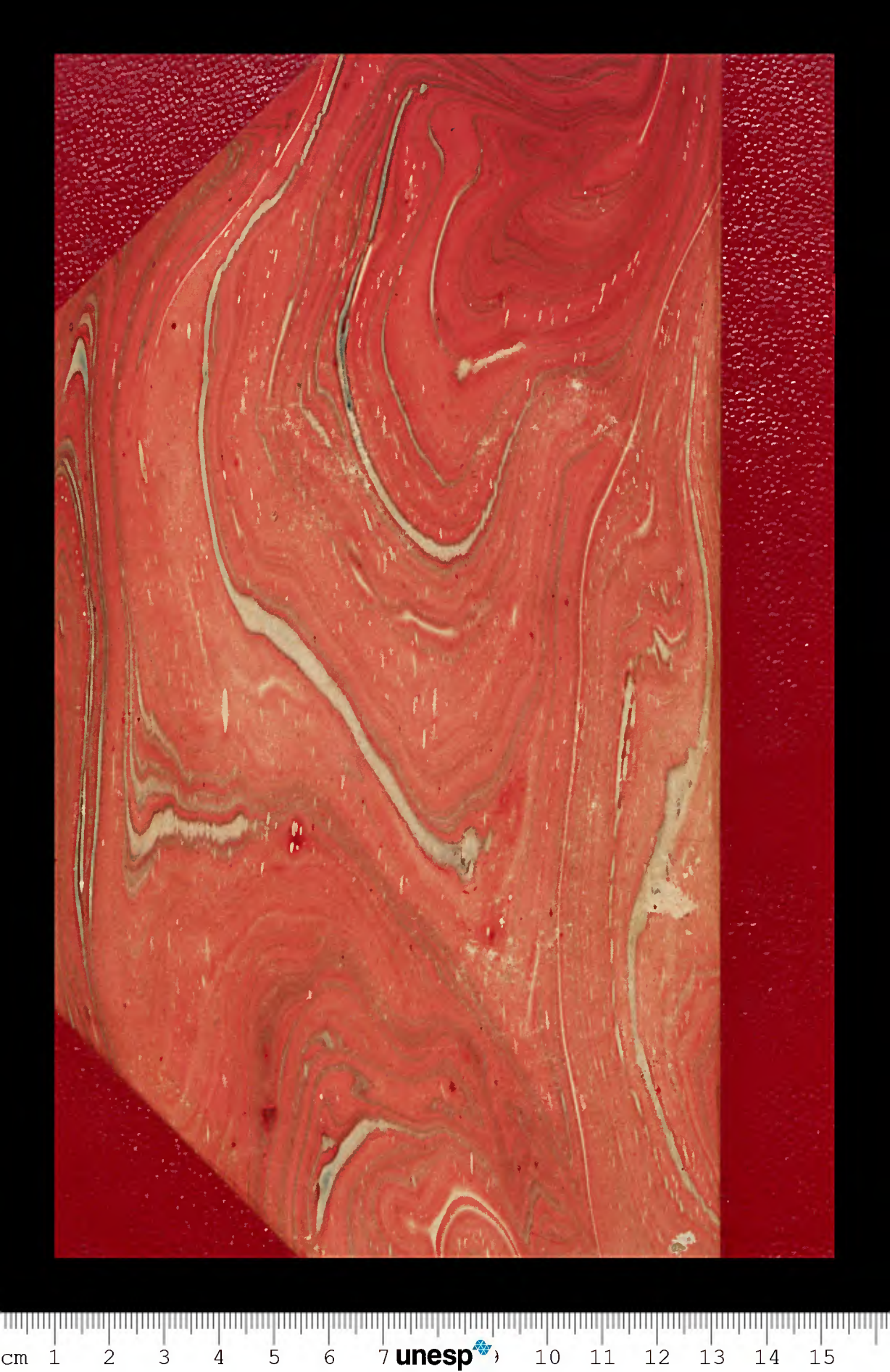
TOMBO: 20295

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62


cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15